



2015

Revista Resgates

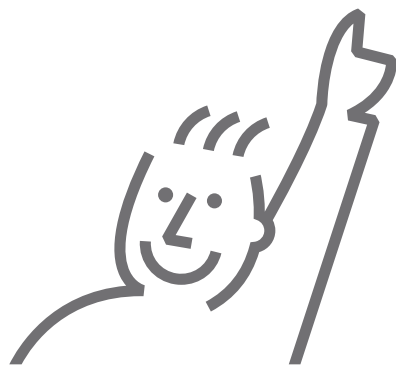
muros e fronteiras: possibilidades e limitações



Revista Resgates

muros e fronteiras: possibilidades e limitações
2015

Apresentação	5
“Anorexia Virtual” A internet como forma de disseminação de transtornos alimentares	7
Amanda Andari – 3ª série B	
Os experimentos médicos na Alemanha nazista	19
Beatriz Flores – 3ª série B	
Feminismo: quebrando barreiras	33
Beatriz Marzur Barboza – 3ª série C	
Acesso à justiça: direito básico dos cidadãos	45
Bruna Mendes Brossa – 3ª série C	
Maioridade penal: a redução seria a solução para os problemas de violência na adolescência?	51
Bruna Silvestre Prado – 3ª série B	
Trabalho escravo no Brasil do século XXI	59
Camila Gambaroni – 3ª série A	
Doação de órgãos no Brasil	71
Carolina Huertas – 3ª série A	
Publicidade na internet – o impacto da rede no mundo do marketing	79
Fernanda Markiewicz Fernandes – 3ª série A	
Questões da eutanásia: direito humano de vida e de morte	91
Fernanda Pini Sapata Gonçalves Arruda – 3ª série B	
O mercado das Commodities	99
Gabriel Kenzo – 3ª série A	
As barreiras da aviação	107
Guilherme Alves Zancopé – 3ª série C	
A desconstrução da individualidade humana na sociedade de controle: a essência e a existência	117
Isabella Alves Campos – 3ª série A	
Sede de equilíbrio: barreiras de acesso à água tratada	137
Júlia Freixedelo Silveiro – 3ª série A	
Esquizofrenia: a sociedade perante o esquizofrênico	149
Julia Gaudencio – 3ª série C	
A importância das pesquisas no controle das doenças: um estudo sobre o medicamento contra o HIV	159
Marcella Alves – 3ª série A	
A eficiência da energia renovável no Brasil	171
Rafael Las Casas Giarola – 3ª série A	
A esquizofrenia: o mistério do inconsciente	179
Sofia Saiani Vegro – 3ª série C	
O real perdendo espaço para o virtual na sociedade do século XXI	191
Victoria Muniz Perez – 3ª série C	



C O L É G I O
STOCKLER

Turma de 2015

Revista Resgates / Colégio Stockler.
nº 5 (dezembro de 2015). São Paulo - SP.
Ensaio acadêmico.

Conselho editorial:

Arlete Aparecida Bannwart Vieira
Eduardo Montechi Valladares
Isa da Silva Sorrentino

Design: Júlia Blumenschein

Revisão: Arlete Bannwart Vieira

Apresentação

O presente é tão grande, não nos afastemos. Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas. Mãos dadas (Poema da obra Sentimento do mundo), de Carlos Drummond de Andrade

Vivemos tempos de grande volatilidade, de mudanças incessantes e vertiginosas, em que acontecimentos são produzidos e consumidos em ritmo aceleradíssimo. Por isso, já que é impossível guardar tudo, é de vital importância garantir a preservação da memória daquilo que realmente faz sentido, daquilo que é de fato relevante. Com certeza a publicação de artigos escritos por jovens estudantes não é um fato vulgar. Ainda mais quando são textos em que se percebe claramente o esforço e o esmero com que foram produzidos. Inegavelmente, isso é algo que merece ser celebrado.

As celebrações têm sempre uma função pedagógica, pois é por meio delas que uma história, uma dada versão sobre o passado, é ensinada àqueles que não a conheceram diretamente. Comemorar, portanto, significa refletir, disseminar valores e tradições e legitimar o tempo presente. Esta é assumidamente uma revista dedicada ao ato de celebrar.

Um dos maiores propósitos da **Revista Resgates** é o de contribuir para que as diferentes gerações de alunos que passaram pelo **Colégio Stockler** sejam sempre lembradas e, conseqüentemente, jamais esquecidas. É mais uma garantia de que todos sempre estarão presentes na memória da escola.

Aristóteles, no século IV a. C., já afirmava que “a memória pertence àquela parte da alma à qual a imaginação também pertence”. Em função disso, não se pode confiar apenas na memória para assegurar a fidelidade de um relato. Ela sozinha é incapaz de garantir a autenticidade. Devido a sua relação afetiva com o passado, a memória é sempre frágil e enganadora. Ela seleciona, oculta, interpreta e reconstrói as versões do passado de acordo com as suas simpatias que são momentâneas e variam com o passar do tempo. Nós - professores, coordenadores e diretores - acreditamos que ao final desse ciclo de aprendizagem as lembranças que perdurarão serão as mais ternas. Claro que houve dissabores, não há vida sem eles, mas, no cômputo geral, julgamos que o que se destaca são os aspectos positivos e duradouros na formação de cada estudante.

O processo de seleção e de exclusão é fundamental para assegurar que nem tudo é efêmero, que os acontecimentos não têm, e jamais terão, os mesmos pesos e medidas. É necessário estabelecer uma hierarquia, distinguindo os de pouco valor daqueles que de fato merecem ser preservados. Para que isso ocorra, é essencial que tenhamos estratégias mais reflexivas, algo que garanta uma maior racionalidade, o que a oralidade, na sua ligeireza, às vezes não é capaz de nos dar. É importante o tempo maior que é típico daquele da escrita.

A linguagem, em seus múltiplos gêneros e possibilidades, é um processo fundamental na socialização da memória. Ela permite falar de forma mais organizada e estável de experiências e de lembranças que foram, com o passar do tempo, ficando embaçadas, fluidas, fragmentadas e confusas. Ela é a possibilidade de narrar, uma forma de se evitar a destruição da memória. Por isso, a insistência que o projeto pedagógico do tem com o desenvolvimento da escrita. Ela é fundamental no processo de transmissão de nossas crenças e de nossos valores.

Talvez a prática não faça um escritor medíocre se tornar bom. Talvez o talento seja inato, ou adquirido em algum momento. Mas com certeza a frequência com que fazemos uso da leitura e da escrita, em seus mais diversos gêneros discursivos, melhora e torna mais competentes as nossas capacidades comunicativas, fazendo com que nos expressemos de maneira mais adequada e convincente.

Mesmo com uma grande variedade de temas abordados nos artigos que compõem a atual edição, há uma característica comum em todos eles: o conteúdo interdisciplinar. A ênfase que o **Colégio Stockler** dá aos projetos interdisciplinares objetiva sempre romper a prática das disciplinas estanques e incomunicáveis. Ao combater o ensino fragmentado, procuramos assegurar que a apropriação do conhecimento seja mais efetiva e eficiente. Logo, a monografia, como muitas outras atividades, é um trabalho que busca assegurar esse entrelaçamento entre as mais diferentes disciplinas.

Outro elemento central no projeto pedagógico da escola é o desenvolvimento de uma cultura da paz. Para isso, enfatizamos a necessidade de promover diálogos que tenham como princípio a admiração e não a necessidade de convencimento do outro, a qualquer custo. Para que essa prática possa germinar e frutificar, é necessário criar a tradição de um diálogo polifônico, na qual impere os critérios da isonomia (igualdade de direitos e de critérios) e da isogoria (liberdade e igualdade no uso da palavra). Enfim, um ensino que permita que cada estudante seja capaz de elaborar seus próprios argumentos, que saiba como desenvolver a sua própria narrativa, sem que isso signifique o desprezo ou a destruição do outro. Pelo contrário, que a fricção dos diferentes discursos amplie os espaços de liberdade, de possibilidades de consenso e, principalmente, de convivência pacífica.

A adolescência, que segundo a legislação brasileira, se encerra aos 18 anos, é essencialmente uma fase de muitas travessias. É caracterizada por ser um momento de transição entre a criança que é heterônoma (dirigida a partir de fora, que vive uma situação de dependência e de submis-

são) para o adulto que é ou deveria ser autônomo (capaz de gerir livremente a sua vida).

A conclusão do Ensino Médio assinala um momento em que a adolescência está prestes a ser deixada e que a vida adulta já se anuncia. Portanto, esta é a ocasião propícia para saudarmos e celebrarmos com esses jovens que estão no limiar de uma nova etapa a possibilidade de eles compartilharem conosco o mundo adulto, com todas as suas dificuldades e suas responsabilidades.

Este texto é, acima de tudo, um pedido para que vocês, jovens formandos, nos deem a honra de caminharmos juntos, para que possamos ir de mãos dadas.

Almir Bunduki

Arlete Aparecida Bannwart Vieira

Eduardo Montechi Valladares

Isa Sorrentino

“ANOREXIA VIRTUAL” A INTERNET COMO FORMA DE DISSEMINAÇÃO DE TRANSTORNOS ALIMENTARES

AMANDA ANDARI
3ª série B

Resumo

O presente estudo tem como objetivo analisar o fenômeno da “Anorexia Virtual” e discutir a importância do movimento “pró-anoréxico” como uma ferramenta na perpetuação de distúrbios psicopatológicos. A partir de pesquisas já publicadas e da observação dos *websites* em questão, tentar-se-á compre-

ender o que há de tão atrativo nessas comunidades e quem são os frequentadores e gerenciadores de tais plataformas virtuais. Trata-se, portanto, de um projeto de âmbito sociológico e psicológico que pretende explorar o universo do “pró-Ana” e dos transtornos alimentares.

Palavras-chave: transtornos alimentares, movimento “pró-anoréxico”, “Anorexia Virtual”, ditadura da beleza, plataformas virtuais.

Abstract

The following study is an analytical approach to the phenomena of “Virtual Anorexia”, also, a discussion on the importance of the “pro-anorexic” movement as a tool for the perpetuation of psychopathological disorders. Digging into published researches and even into the websites that host the disorder-incenti-

vizing communities, the matter of: what is so attractive in these communities and who are its users and who are its users and moderators, will try to be understood to an extent. It is but a project, with sociologic and psychological matters, that looks forward to explore the “pro-Ana” universe, and its eating disorders.

Keywords: eating disorders, “pro-anorexic” movements, “Virtual Anorexia”, beauty patterns, virtual platforms

Introdução

Desde a década de 1960, o espaço midiático passou a difundir valores ligados à imagem e à aparência. A influência da cultura fez com que a maioria dos indivíduos atribuísse a felicidade à figura de um corpo ideal. Estabeleceu-se, assim, uma ditadura em que se valoriza apenas a beleza, a magreza e, sobretudo, a perfeição. Nesse contexto, a busca incessante por esses modelos fez com que transtornos psiquiátricos se transformassem em verdadeiras epidemias dos tempos modernos.

A obsessão com a estética foi responsável pelo surgimento, cada vez maior, dos chamados distúrbios alimentares. Em paralelo, o culto ao corpo e a busca pela magreza excessiva encontrou, no espaço virtual, uma maneira de se propagar.

Nessas circunstâncias, criou-se uma nova tendência, e a *web* passou a ser utilizada como ferramenta para a disseminação de patologias, como a bulimia e a anorexia. “A Anorexia Virtual” será o tema abordado ao longo deste projeto, focando-se na influência exercida pelas comunidades “pró-ana” e “pró-mia”.

Segundo Marjori Wallace, vivemos em uma sociedade regida pela beleza. Os modelos estéticos têm, nesse sentido, a capacidade de formar indivíduos inseguros que, ao possuírem livre acesso a esses grupos virtuais, poderiam, possivelmente, desenvolver quaisquer tipos de transtornos alimentares. Criar um estudo dirigido acerca desse assunto é, portanto, uma maneira de compreender, de forma mais complexa, o culto ao corpo e a capacidade da rede virtual de popularizar tais enfermidades.

A pesquisa tem por base autores como Marcela Ama-

ral, Christopher Giles, *Lisa A. Abrotsky* e Marina Ramalho Miranda. Por meio de aspectos sociológicos e psicológicos, o projeto analisará, principalmente, o conteúdo dos sites “Ana” e “Mia”, apelidos carinhosos dados às patologias, buscando entender o que há de tão atrativo nessas comunidades virtuais. Será traçado, em primeiro lugar, um perfil sobre a ditadura da beleza e sobre os transtornos alimentares em sua totalidade. A partir de estudos já publicados e da própria observação dos websites tentar-se-á compreender o papel dos internautas e dos próprios gerenciadores dos grupos cibernéticos, o que possibilitará um entendimento mais amplo sobre os reais objetivos desses indivíduos e sobre a sua capacidade de disseminar tais informações.

A sociedade perfeccionista foi capaz de criar uma série de novas epidemias ligadas ao culto à imagem. Nesse contexto, o desenvolvimento tecnológico passou a ser usado como arma na propagação de tais patologias. Indivíduos criaram um mundo particular, paralelo à realidade, procurando fortalecer seus ideais. A análise desses grupos é, nessas circunstâncias, a chave para um entendimento mais complexo sobre esses transtornos que envolvem a questão do dimorfismo corporal. Se formos capazes de descobrir o que leva milhões de garotas a frequentarem esses espaços cibernéticos, podemos também combater, efetivamente, essas doenças. Entender os sites “pró-ana” e “pró-mia” é também ter a capacidade de entender os modelos estéticos que nos são impostos todos os dias e perceber o quão frágil o ser humano pode ser diante da infeliz ditadura da beleza.

1. A ditadura da beleza

Nas últimas décadas, a mídia foi capaz de erguer uma série de muros e fronteiras sociais ao estipular modelos estéticos. O culto à beleza, nesse sentido, tornou-se a característica mais marcante do universo contemporâneo. O corpo passou a ser tratado como objeto de consumo, submetendo o ser humano a uma busca frenética pela perfeição.

O conceito de belo nunca esteve atrelado a um único momento histórico. Trata-se de uma expressão cultural, que, portanto, recebe inúmeros significados ao longo do tempo. De acordo com Rodrigues (1983), como qualquer outra realidade do mundo, o corpo humano é socialmente construído, ou seja, como já teorizava Heiborn (1997), não estamos nos referindo a uma entidade natural e sim a uma dimensão produzida pelos efeitos da cultura.

Assim, “os inúmeros tipos de transformação corporal atuam como formas de distinção do sujeito na coletividade,

utilizando o corpo como objeto de interação e adaptação ao meio social” (MAUSS, 1950).¹

Isso fica claro ao analisarmos a representação da figura feminina ao longo da história.

Segundo Siebert (1995) e Rosário (2004) a beleza na Grécia antiga era um elemento de glorificação totalmente atrelado à questão atlética. A criação dos Jogos Olímpicos, a preparação para a guerra e a adoração aos deuses mitológicos destacavam a saúde e a capacidade física de um indivíduo.

No período Renascentista, séculos XV e XVI, a arte ganhou destaque na esfera social e a mulher passou a ser retratada com maior frequência por meio da pintura. Seu corpo, nesse contexto, deveria ser símbolo de prosperidade e de fertilidade. Dessa forma, até o fim do século XIX, valorizavam-se as curvas e a forma voluptuosa.

No século seguinte, várias regiões do Ocidente passa-

1. STREY, Marlene Neves. **Corpos em metamorfose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na atualidade.** Programa de Pós Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd79/corpos.htm>. Último acesso: 4 de abril de 2015

ram por intensos e acelerados processos de modernização. De acordo com Rosário (2004), foi nesse período que a disseminação de imagens estéticas deixou de se restringir ao âmbito das artes plásticas. Os meios de comunicação de massa possibilitaram a reprodução em série de imagens e de valores estéticos e fizeram com que a beleza se tornasse global e ainda mais padronizada.

O cinema americano é a prova de que a mídia é protagonista nesse processo. Segundo Del Priori (2000), é no século XX, que novas imagens femininas começam a se multiplicar. A inserção de atrizes como Marilyn Monroe nos telas redefiniram os conceitos de sensualidade, malícia e juventude. Os moldes hollywoodianos criaram, assim, uma pressão social sobre qualquer indivíduo que não adaptasse a tais estereótipos.

Percebe-se que, nessa linha histórica, os padrões de beleza vão se tornando cada vez mais magros. Entretanto, as características que são tidas como símbolo de feminilidade são preservadas. Exaltam-se a cintura fina, o quadril largo e os seios projetados. O culto à magreza, portanto, não estava enraizado nos modelos sociais até 1950.

Na década de 1960, por outro, nota-se um intenso processo de transformação dos elementos estéticos. O mundo da moda passará a ditar o que é belo e aceitável. Como explicita Maria Mota (2006), a apresentação da modelo Twiggy na passarela e nas capas de revista, nesse contexto, marcou o início da obsessão pela forma corporal.

O que era apresentado no meio midiático dirigia e legitimava qualquer valor ligado à aparência. Logo, a constante presença de figuras esqueléticas nos meios de comunicação modificou completamente os moldes da época. As curvas foram abandonadas e a mulher passou a buscar uma silhueta retilínea. A sociedade passou a valorizar o corpo com quadris estreitos e o busto pequeno.

De acordo com Marcia Tiburi, esse novo padrão de beleza se aproxima ao do corpo masculino, sem gordura, sem as formas arredondadas, cuja eliminação de excessos pode ser pensada como uma eliminação da feminilidade, ou seja, a mulher passa a ser objeto da indústria e não apenas de desejo do homem.

É, portanto, nesse período que o império da moda e dos cosméticos encontrou, na fragilidade psicológica humana, sua fonte de lucro. A enorme quantidade de anúncios e artigos publicitários vinculou a beleza ao sucesso pessoal do consumidor. Isso significa que o aspecto físico passou a ser priorizado, visto que a felicidade, o êxito profissional e a vida amorosa dependem, teoricamente, desse mesmo elemento.

De forma simplificada, pode-se afirmar que a base de

todas as esferas sociais está ligada a meros ideais estéticos. Logo, a indústria transforma tudo, inclusive o ser humano, em uma mercadoria.

Segundo Mota (2006), é nesse momento que as pessoas se tornam consumidoras de si mesmas. Numa busca incansável, o indivíduo tenta se adequar aos padrões impostos pelo sistema. O corpo, em seu aspecto natural, não é mais aceitável; é necessário corrigi-lo e transformá-lo.

A silhueta subnutrida difundida nos veículos de publicidade se restringe a uma pequena minoria da população. As ferramentas digitais, como o *photoshop*, ainda criam figuras totalmente idealizadas que não podem ser atingidas no mundo material. Para Fredric Jamensom (1996), as narrativas estéticas e culturais incorporam a subjetividade do mundo e das mercadorias e criam um outro real que se sobrepõe ao empírico cotidiano. O que se deseja é inalcançável, visto que as figuras apresentadas não existem numa referência real, mas são construídas pela criatividade, pela tecnologia e pelos processos mercadológicos.²

É o que Wolf (1994) denomina como “Mito da Beleza”. Os valores da indústria, apesar de consagrados no plano imaginário, são adotados como dogmas e aceitos como uma religião.

Nesse contexto, o consumidor ocidental começa a experimentar o sentimento de frustração e de marginalização, na medida em que não é capaz de se adaptar a tais modelos.

A inserção de Kate Moss no mercado da moda, em 1990, “agravou a psicose coletiva causada pela ditadura estética”³. A modelo macérrima, vista como musa da anorexia, instituiu um novo molde ainda mais exagerado. A perseguição pelo padrão amorfo, caracterizado pela morbidez e pela androginia, levou milhares de garotas a desenvolverem distúrbios alimentares.

Conclui-se que o aspecto físico foi sempre um elemento importante nas diferentes sociedades humanas. A modificação corporal, portanto, expressa os costumes de diferentes culturas. Entretanto, com a criação da mídia e a disseminação de meios de comunicação, criou-se uma ditadura da beleza, para a qual a aparência é tudo.

Os padrões inculcados pela indústria passaram a ser irrealistas e inatingíveis. Todavia, movido pelo desejo de aceitação, o indivíduo procurará se parecer com aquilo que lhe é apresentado em revistas e artigos publicitários. Assim, a mulher (principalmente) será tratada como mero objeto e deverá fazer de tudo para atingir determinadas expectativas.

Na busca de uma silhueta excessivamente magra, ela adotará costumes doentios, favorecendo a manifestação de distúrbios como a anorexia e a bulimia.

2. MOTA, Maria Dolores de Brito. **De Vênus a Kate Moss: reflexões sobre corpo, beleza e relações de gênero**. Universidade Federal do Ceará, 2006. (P. 8)

3. MOTA, Maria Dolores de Brito. **De Vênus a Kate Moss: reflexões sobre corpo, beleza e relações de gênero**. Universidade Federal do Ceará, 2006. (P. 10)

2. Transtornos Alimentares

A expansão do meio midiático promovida, sobretudo, no século XX, foi responsável pela criação de padrões estéticos inalcançáveis. A beleza adquiriu significados únicos e limitados, fazendo com que indivíduos julgassem uns aos outros apenas pela fisionomia. A busca pela aceitação e pela perfeição mostrou seu lado mais perverso e colocou em pauta uma série de transtornos psiquiátricos, como a anorexia e a bulimia.

A insatisfação com a própria aparência levou muitos jovens, sobretudo garotas, a tomarem medidas extremas em busca do emagrecimento.

Segundo a autora Julia Buckroyd (1996), os distúrbios alimentares só começaram a ser descritos como doenças psicológicas com o avanço da medicina, no final do século XIX. Entretanto, foi no século seguinte que tais patologias passaram a ser realmente conhecidas.

Nas últimas décadas, com o advento da tecnologia, esse se tornou um problema de saúde pública mundial. De acordo com Tamara Erbert (2006), cerca de 2% da população é vítima desses transtornos.

2.1 Anorexia

Tudo começa na puberdade, fase na qual o indivíduo inicia um processo mais intenso de autoconhecimento. O constante bombardeamento de figuras estéticas difundidas pela mídia torna-o inseguro e frustrado com sua própria silhueta. O jovem, nesse contexto, recorre a regimes e a exercícios para se adaptar aos modelos tidos como ideais.

O emagrecimento gera felicidade e a sensação de dever cumprido. Assim, as dietas se transformam em costumes doentios e, como idealiza Erbert(2006,p.17), em uma “restrição alimentar auto-imposta”.

A anorexia, nesse sentido, se caracteriza por um medo irracional e exagerado de engordar. Os pacientes se recusam a comer o suficiente para manterem o peso em padrões considerados como saudáveis, ou seja, os constantes jejuns, a baixa ingestão de calorias e a atividade física intensa causam um emagrecimento excessivo e descontrolado.

O indivíduo passa a enxergar seu corpo de outra forma e se mostra insatisfeito com sua imagem. Portanto, desenvolve também o transtorno dismórfico corporal. Descrito como uma preocupação persistente com uma suposta deformidade ou desfiguramento, o TDC⁴ evidencia a insegurança e a incapacidade do paciente de perceber que está sob os efeitos da patologia.

A *American Psychiatric Association* utiliza-se de quatro critérios fundamentais para diagnosticar e definir a anorexia. São eles:

1. Recusa em manter o peso do corpo no mínimo normal para a idade e a altura; por exemplo, perda que leva a manter o peso do corpo 15% mais baixo do que

o esperado; ou insucesso em ter o aumento de peso esperado durante o período de crescimento, levando a um peso de corpo 15% abaixo do esperado.

2. Medo intenso de ganhar peso ou engordar, mesmo quando abaixo do peso normal.
3. Perturbação da imagem do corpo; por exemplo, a pessoa se queixa de se “sentir gorda” mesmo quando está emaciada, ou acredita que uma área de seu corpo está “gorda demais” mesmo quando se encontra obviamente abaixo do peso.
4. Nas mulheres, ausência de pelo menos três ciclos menstruais consecutivos. (DSM-III-R, American Psychiatric Association, 1987)

Em outras palavras, o distúrbio pode ser descrito como uma fobia e repulsão ao aumento de peso. Dessa forma, o paciente inicia uma dieta restrita e passa a cultivar a magreza exagerada.

Nesse contexto, a enfermidade se transforma num vício. Isso faz com que o doente adote comportamentos compulsivos, dos quais não consegue se livrar.

O medo de engordar e a preocupação com defeitos físicos imaginários fazem com que ele estabeleça padrões nutricionais secretos: o indivíduo passa a viver em função de seu transtorno “restringindo seu campo de interesses e sendo levado ao gradativo isolamento social”.⁵

A negação do anoréxico em relação à doença ainda dificulta qualquer tipo de tratamento. Nesse caso, a evolução da patologia pode levar à morte devido a complicações médicas.

Assim, a anorexia se tornou, nas últimas décadas, o distúrbio psiquiátrico com a maior taxa de mortalidade em escala universal. De acordo com Farias (1999), cerca de 40% dos pacientes recuperaram-se, 30% melhoram, 20% permanecem cronicamente afetados e 10% morrem em consequência do problema.

Entretanto, mais da metade desse grupo permanece com problemas relacionados à comida pelo resto da vida.

Portanto, a doença causada, sobretudo pela pressão e pela tirania dos padrões estéticos, aprisiona o indivíduo e torna-o escravo de sua própria mente.

2.2 Bulimia

A bulimia, assim como a anorexia, é caracterizada pelo culto ao corpo. A magreza e a perfeição são idealizadas e vistas como metas em ambas as patologias.

Na anorexia observa-se ingestão mínima de calorias e a adoção de uma dieta extremamente restrita. Na bulimia, por outro lado, o paciente não deixa de comer; pelo contrário, consome alimentos e depois os regurgita.

A palavra “bulimia” possui uma história muito antiga. O termo deriva das expressões “bous” (boi) e “limos”

4. Sigla utilizada para o transtorno de dimorfismo corporal

5. ERBERT, Tamara Carla. **Anorexia e Bulimia nervosas, blogs e casos reais**. São Paulo: Marco Zero, 2006 (P.18)

(fome), designando, assim, um apetite tão grande que seria possível a um homem comer um boi. Trata-se, portanto, de um distúrbio no qual o doente ingere uma quantidade de comida fora dos padrões comuns.⁶

Atingindo cerca de 1,1% a 4,2% da população feminina, a doença é caracterizada pela compulsão seguida de culpa.⁷

A tentativa de reduzir o consumo de comida a quase zero, tal como uma anoréxica faria, causa, no paciente, uma série de estímulos. Após determinado período, isso fará com que ele perca o controle e se empanturre em um pequeno intervalo de tempo.

Todavia, ao lembrar-se dos moldes estéticos que procura alcançar, o indivíduo se sente culpado. Com objetivo de se livrar das calorias ingeridas, ele fará uso de laxantes e de diuréticos, além de induzir o próprio vômito.

Os bulímicos, nesse sentindo, se mostram extremamente perfeccionistas. Apresentam uma enorme cobrança não só com a sua imagem, mas com todos os aspectos de sua vida. Querem ser “indivíduos completos”, para alcan-

çar o sucesso profissional, escolar e inclusive em atividades esportivas.

Erbert (2006) afirma que ao contrário dos portadores de anorexia, esse grupo raramente se encontra muito abaixo da faixa de peso ideal. Logo, é uma enfermidade menos perceptível, permitindo que o paciente esconda sua condição. Consequentemente, os episódios de purgação se transformam em ciclos viciosos.

Apesar de ser raramente fatal, o transtorno alimentar desencadeia inúmeras complicações clínicas. Segundo Alvarenga (2008), o vômito induzido acaba por causar o desgaste dos dentes e das mucosas gástricas devido ao ácido clorídrico presente no estômago. O bulímico ainda pode apresentar edema generalizado, queda de cabelo, equimoses na face e no pescoço, descamação da pele, alterações menstruais, gengivite, fraqueza muscular, alterações metabólicas e arritmia. Dentre as consequências mais graves estão a desidratação e a lesão de rins e do fígado.

3. Comunidades “pró-ana” e “pró-mia”

Em função da globalização, a internet passou por uma enorme expansão. As informações passaram a ser transmitidas e recebidas de uma maneira muito mais rápida. Nesse contexto, barreiras físicas deixaram de impedir ou atrapalhar o fluxo de dados. Pessoas do mundo inteiro passaram a se conectar e a se comunicar, mesmo estando separadas por questões geográficas.

Criou-se nesse período uma democracia virtual. A existência de ferramentas que dispensam conhecimentos técnicos permitiu que o poder de transmissão deixasse de se restringir a determinado grupo. Adotou-se um modelo por meio do qual qualquer indivíduo pode disseminar suas opiniões e seu conhecimento. Como explicita Vanessa Reis, “cada cidadão com acesso aos meios é ao mesmo tempo produtor e receptor de um fluxo constante de informações”⁸

Assim, pessoas com interesses e ideais semelhantes encontraram, na internet, um espaço para discutirem e compartilharem seus pensamentos.

Surge então uma nova tendência. Defensoras e portadoras de transtornos alimentares se unem e criam grupos cibernéticos. Protegidas pelo anonimato, anoréxicas e bulímicas dão início a um movimento denominado como “Anorexia Virtual”.

Em 2000, sobretudo nos Estados Unidos e na Inglaterra, esses grupos passaram a criar plataformas virtuais chamadas de “pró-ana” e “pró-mia”. Nelas, cultua-se a magreza e a existência de tais distúrbios.

Rapidamente, as comunidades se espalharam pelo mundo, sobretudo em países ocidentais. A falta de regula-

mentação na *web*, nesse sentido, permitiu que os sites se tornassem comuns e de fácil acesso.

Qualquer garota, em qualquer faixa etária, pode ter contato imediato com a tendência. Logo, ela está suscetível à influência de administradoras do “pró-ana” e das informações que circulam nesse espaço virtual.

Em outras palavras, jovens (em sua maioria) passaram a se comunicar e a criar grupos cibernéticos para promoverem patologias ligadas à obsessão corporal. Por meio de depoimentos, dicas e imagens, esses indivíduos conseguiram fazer com que pessoas saudáveis se tornassem adeptas do movimento pró-ana.

Essa capacidade de convencimento e de disseminação está completamente atrelada ao modo como os sites funcionam.

Nesses espaços, veiculam-se estratégias de emagrecimento e de purgação. Destacam-se as dietas rigorosas e métodos que auxiliam a perda de peso. Por meio deles as frequentadoras são ensinadas a praticar exercícios em excesso, a adotarem regimes extremos e a regurgitarem a comida de maneira “correta”. Isso fica evidente ao observarmos as publicações de algumas das plataformas:

Dieta Pró Ana e Mia (100 kcal) - 1ª semana

Meta: Perder entre 4 e 5 kg

1º dia - Uma maçã (50 kcal) - Divida em 4 pedaços e coma durante o dia + 1 copo de água GELADO com 3 colheres de limão + 50 kcal livre

2º dia - 4 biscoitos clube social (48 kcal) + 52 kcal livre

6. ERBERT, Tamara Carla. **Anorexia e Bulimia nervosas, blogs e casos reais**. São Paulo: Marco Zero, 2006 (P.27)

7. ERBERT, Tamara Carla. **Anorexia e Bulimia nervosas, blogs e casos reais**. São Paulo: Marco Zero, 2006 (P.28)

8. REIS, Vanessa Alkmin. **Ana e Mia na “nova”rede: comunidades reúnem anoréxicas e bulímicas na Web 2.0**. Universidade Federal de Juiz de Fora.(P.2)

- 3º dia - Um biscoito de 100 kcal (aqueles pacotinhos)
- 4º dia - 2 fatias de peito de peru (40 kcal) + salada de alface (com pimenta)
- 5º dia - Água GELADA com 3 colheres de limão e meio mamão (50 kcal)
- 6º dia - 1 laranja (64 kcal)
- 7º dia - Nf + pesagem⁹

Dieta do Abacaxi (de 1 a 2 kg POR DIA)

Promete 5 kg em 3 dias.

A dieta consiste em tomar apenas suco de abacaxi por 3 dias.

Sem açúcar ou adoçante.

Pra fazer a dieta do abacaxi, você toma 1 copo de suco mais ou menos fraco a cada 3 horas e, se quiser, pode bater com gelo e hortelã pra acelerar o metabolismo. Você toma +/- 6 copos de 200 ml.¹⁰

100 workout

- 100 polichinelos
- 90 abdominais
- 80 agachamentos
- 70 levantamentos laterais de pernas
- 60 polichinelos
- 50 abdominais
- 40 agachamentos
- 30 levantamentos laterais de pernas
- 20 polichinelos
- 10 minutos de corrida¹¹

Dicas para miar¹²

Dicas para vomitar depois de uma compulsão, ou seja quando precisar.

- Antes dos trinta minutos, depois de saber que não vai comer mais ou quando estiver comendo, **beba MUITA água**. Assim quando miar a comida sairá facilmente.
- Tem gente em casa? Ligue o chuveiro, coloque música alta para tocar. Assim ninguém vai ouvir o som de você vomitando. Ou então, dê uma escapada de casa e vomite. Você pode vomitar em qualquer lugar. Você pode tudo, menos ficar com o montão de besteiras que comeu e que vão te fazer **engordar**.
- Ajoelhe-se no chão, com a cabeça em cima da privada. Ou você também pode ficar de pé e dobrar o corpo de forma que a cabeça fique perto da entrada do vaso. Com os dois dedos, comece a apalpar a área em torno de suas amídalas, principalmente embaixo, no final da língua. Aperte, esfregue, enfie os seus dedos mais

fundos na garganta... faça o que precisar para provocar o vômito. Você também pode usar sua escova de dente, objetos compridos. Mas para mim, os dedos são a melhor opção. Você sente 100% o que está tocando, e assim não tem perigo de você se machucar.

- Você não vai conseguir na primeira tentativa, talvez nem na segunda ou nem na terceira. Mas aí vem o segredo! Normalmente, depois de termos o vômito, o que de fato é uma sensação ruim, descansamos e esperamos um pouquinho para tentar de novo. Esse é o erro. Em vez de dar uma descanada para se repor depois de uma ânsia, apenas respire uma vez rápido e tente de novo, sem dar tempo da sua garganta voltar ao normal e daquela sensação sumir. Pode não conseguir de primeira, mas eu garanto que desse jeito, até mesmo quem não consegue vai conseguir enfim vomitar.¹³

Destacam-se ainda as chamadas *thinspirations* ou “inspirações magras”. A divulgação de textos e imagens de celebridades, nesse contexto, é usada para convencer os doentes de que eles devem se manter focados em seus objetivos. Isso significa que o corpo e a silhueta de figuras públicas ajudam os “pró-ana” a ignorarem a fome e as suas necessidades energéticas.

De acordo com Reis, esses indivíduos afirmam que “a sociedade lhes impõe que sejam magras”. Assim, eles almejam o corpo de musas como Angelina Jolie, Victoria Beckham e de Daniel Radcliffe, no caso dos homens.

Além disso, divulga-se o que os gerenciadores e os frequentadores chamam de “Mandamentos da Ana”. Trata-se de uma série de itens que funcionam como lei para anoréxicos e bulímicos. Os doentes devem respeitá-los e segui-los para que possam “alcançar a perfeição”.

(...) 2. guardar pelo menos 5 reais da mesada/salário para os laxantes/diuréticos/inibidores, (...) 4. nunca mais gastar seu dinheiro com comida, (...) 6. rejeitar o máximo de refeições, (...) 9. mentir quando necessário” (Comunidade 3); “Mandamentos da ana: 1 - Olhe no espelho e diga a vc mesmo que está gorda. 2 - (...) Você nunca estará magra o suficiente. 3 - Olhe imagens de mulheres belas e magras diariamente. 4 - Não pense ou coma comida. Comida lhe faz engordar” (Comunidade 9).¹⁴

Pode-se afirmar, portanto, que indivíduos afetados por essas enfermidades adquiriram, por meio da rede virtual, o poder de transmitir seus ideais. Nesse processo, criaram e desenvolveram uma série de ferramentas, fazendo com que outras pessoas se integrassem ao seu mundo privado e secreto.

9. Disponível em: <http://mylitlerose.blogspot.pt>. Último acesso: 11 de abril de 2015

10. Disponível em: <http://diariodeumaanorexicgirl.blogspot.com.br> Último acesso: 11 de abril de 2015

11. Disponível em: <http://anamiamoura.blogspot.com.br> Último acesso: 11 de abril de 2015

12. Expressão utilizada nos sites em questão para designar a ação de regurgitar

13. Disponível em: <http://ana-et-mia.blogspot.com.br>. Último acesso: 11 de abril de 2015

14. FAVA, M.V; PERES, R.S. **Do vazio mental ao vazio corporal: um olhar psicanalítico sobre as comunidades virtuais pró-anorexia**. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, Brasil e Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, Brasil. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n50/08.pdf>. Último acesso: 12 de Setembro 2014 (P.357)

4. Comunidades pro- anoréxicas: um falso amigo

O movimento “pró-ana” cresceu, nos últimos anos, em uma dimensão assustadora. Há hoje milhares de páginas disponíveis na internet em forma de *blogs* e espalhadas em redes sociais como *Facebook* e *Instagram*.

Nesse contexto, a proliferação do movimento coloca outra questão em pauta. Afinal, o que há de tão atrativo na “Anorexia Virtual”? Por que tantos jovens se tornaram adeptos dessa nova tendência, fazendo com que o número de sites aumentasse numa escala tão grande?

Estudos acerca dos transtornos alimentares permitem concluir que o indivíduo afetado tende a adquirir padrões comportamentais secretos. A busca desenfreada pela magreza afasta os doentes de seus familiares e amigos, os quais passam a ser vistos como inimigos e sujeitos incapazes de compreender os distúrbios. Assim, anoréxicos e bulímicos se afastam de atividades sociais, tornando-se pessoas solitárias.

Alimenta-se, portanto, a ideia de que a aceitação e o apoio inexistem no mundo físico. Consequentemente, esses jovens recorrem ao universo virtual e encontram, no anonimato, a possibilidade de serem amparados sem julgamentos. Dessa forma, os sites oferecem aos doentes o conforto e a amizade que lhes falta na vida real.

Constatou-se que a rede de comunidades ‘pró-ana’ oferecem a segurança desejada pelos indivíduos afetados pelas doenças. “Ou seja, é criado, no espaço virtual, o ideal de aceitação e apoio que não são encontrados nas relações interpessoais do cotidiano.”¹⁵

Isso explica uma das principais características desse movimento: a personificação das patologias. Assim, os transtornos se tornam seres animados que ajudam os afetados a atingirem seus objetivos quando ninguém mais o faz. A anorexia e a bulimia se transformam, respectivamente, em Ana e Mia. Esse fenômeno pode ser entendido como um desdobramento da tendência à afirmação de um saber particular sobre a própria condição psicopatológica¹⁶.

Observa-se, em todas as páginas cibernéticas analisadas, a existência da chamada “Carta da Ana”. Trata-se de uma espécie de documento, no qual a anorexia nervosa se apresenta como parceira do indivíduo e o faz acreditar que ele depende unicamente dela.

Querida Leitora,
Permita-me me apresentar. Meu nome, ou como sou chamada, pelos também chamados ‘doutores’ é Anorexia. Anorexia Nervosa é o meu nome completo, mas podes chamar-me de Ana. Felizmente podemos tornarmos grandes parceiras. No decorrer do tempo, eu vou

investir muito tempo em ti, e eu espero o mesmo de ti. No passado ouviste os teus professores e os teus pais falarem sobre ti. Diziam que eras tão madura, inteligente, e que tens tanto potencial. E eu pergunto, aonde foi isso tudo parar? Absolutamente em nenhum lugar! Tu não és perfeita, tu não tentas o suficiente! Tu perdes muito tempo pensando e falando com amigos! Logo, esses atos não serão mais permitidos.

Os teus amigos não te entendem. Eles não são verdadeiros. No passado, quando inseguramente lhes perguntaste: - Estou gorda? - E eles disseram-te: - Não, claro que não! - Sabias que eles estavam a mentir! Apenas eu digo a verdade! E sem falar nos teus pais! Sabe que eles te amam e se importam contigo, mas uma parte é porque eles são pais, e são obrigados a isso. Eu vou-te contar um segredo agora: Bem no fundo, eles estão desapontados contigo. A filha deles, que tinha tanto potencial, se transformou em uma gorda, lenta, e sem merecimento de nada!

Mas eu vou mudar isso. (...)

(...) Ah, isto é muito duro? Não queres que isso aconteça contigo? Eu sou injusta? Eu faço coisas que apenas te vão ajudar! (...) Pois agora eu sou a tua única amiga, eu sou a única que precisas de agradar!

Mas não podemos contar a ninguém. Se decidires o contrário, e contar como eu faço-te viver, todo o inferno vai voltar! Ninguém pode descobrir, ninguém pode quebrar esta concha que eu tenho construído contigo! Eu criei-te, magra, perfeita, minha criança lutadora! Tu és minha, e só minha! Sem mim, tu não és nada! Então, não me contraries. Quando outras pessoas comentarem, ignore-os! Esquece-os, esquece-os a todos os que querem fazer-me ir embora. Eu sou o teu melhor apoio, e pretendo continuar assim.

Com sinceridade,

Ana¹⁷

Nota-se ainda o imenso paradoxo existente no movimento “pró-anoréxico”. Ana e Mia se portam como amigas do doente, mas ao mesmo tempo devem ser obedecidas como se fossem autoridades. O uso da internet, nesse caso, aprisiona o afetado por meio da culpa e da insegurança.

(...) Eu espero muito de você. Não tens permissão para comer muito. Eu vou começar devagar: Diminuindo a gordura, lendo tabelas de nutrição, cortando doces e fritos, etc. (...) Talvez percas alguns quilos, tires um pouco de gordura desse seu estomago gordo! Mas não irá demorar muito até eu te dizer que não é o suficiente.

15. BROTSKY, S. R., & Giles, D. (2007). **Inside the pro-ana community: A covert online participant observation**. *Eating Disorders*, 15(2), 93-109.

16. FAVA, M.V; PERES, R.S. **Do vazio mental ao vazio corporal: um olhar psicanalítico sobre as comunidades virtuais pró-anorexia**. *Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, Brasil e Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, Brasil*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n50/08.pdf>. Último acesso: 12 de Setembro 2014 (P.357)

17. Disponível em: <http://mylitlerose.blogspot.pt>.

Eu vou-te fazer diminuir calorias consumidas e vou aumentar a carga de seus exercícios. Eu vou-te forçar até o limite! Eu preciso fazer isso, pois tu não me podes derrotar! Eu estarei começando a colocar-me dentro de ti. Depressa, eu já lá vou estar. Eu vou lá estar quando acordares de manhã, e correres para a balança (...) Sou eu quem está a fazer esses planos, pois agora os meus pensamentos e os teus estarão juntos como um só.

Eu sigo-te durante o dia. Na escola, quando a tua mente sente vontade de comer, eu dou-te alguma coisa para pensares!(...) Eu vou encher a tua cabeça com pensamentos sobre comida, peso e calorias. Pois agora, eu realmente estou dentro de ti. Eu sou sua cabeça, seu coração e sua alma. A dor da fome, que você finge não sentir, sou eu dentro de ti!

Logo, eu não vou estar a dizer-te o que fazer com a comida, mas o que fazer o tempo todo! Sorria, apresentate bem. Diminuiu esse estomago gordo! Meu Deus, tu és uma vaca gorda!!! (...)

(...) Eu forço-te a ver uma revista de modelos. Aquele corpo perfeito, magro, dentes brancos, essas modelos perfeitas te encaram pela página da revista! E eu faço-te perceber que nunca serás uma delas. Tu serás sempre gorda, e nunca vais ser tão bonita como elas! Quando te olhares no espelho, eu vou distorcer a tua imagem, mostrar-te uma lutadora mas na verdade existe apenas uma criança com fome. Mas tu não podes saber a verdade, pois se souberes, podes começar a comer de novo e a nossa relação pode vir a cair, e destruir-me!

(...) Quando acabar, vais desesperada voltar para mim de novo, e pedindo-me conselhos porque não queres ficar gorda! Quebras-te uma regra, comes-te, e agora queres-me de volta. Eu vou-te forçar a á casa de banho, ajoelhada vais olhar para a sanita! Os teus dedos vão para dentro da tua garganta, e com uma boa quantidade de dor, a comida vai toda sair. Vais repetir isto várias vezes, até que cuspas sangue e água, e tenhas a certeza que toda aquela comida se foi! E quando te levatares, vai sentir tonturas. Não desmaies! Fica em pé agora mesmo! Sua vaca gorda! Tu mereces sentir dor! Talvez a escolha de fazer-te ficar cheia de culpa vai ser diferente. Talvez eu escolha fazer-te encher de laxantes, e vais ficar sentada na sanita até altas horas da manhã sentindo o teu estomago se revirar(...)

Eu vou fazer que seja possível parar de pensar em emoções que te causam stress. Pensamentos de raiva, tristeza, desespero e solidão podem ser anulados, pois eu vou tirá-los, e encher a tua cabeça com contas metabólicas de calorias. Vou tirar-te a vontade de sair com pessoas da tua idade, e tentar agradá-los a todos.¹⁸

A partir do momento em que o indivíduo entra em contato com os sites, ele passa a experimentar um estado de total submissão. Deve seguir tudo que lhe é imposto, do contrário é visto como fraco e indisciplinado.

Dessa forma, os constantes comentários de outros frequentadores e dos próprios gerenciadores limitam as possibilidades de que o doente se livre do transtorno. O sentimento de fracasso e de incapacidade o transforma em um mero subordinado.

(...)Minhas regras são:

- 1-Se não és magra não és atraente;
- 2-Ser magra é mais importante do que ser saudável.
- 3-Precisas de comprar roupas, cortar o cabelo, tomar laxantes, qualquer coisa que te faça parecer mais magra.
- 4-Não deves comer sem te sentires culpada.
- 5-Não deves comer comida gordurosa sem depois te punires.
- 6-Deves contar as tuas calorias.
- 7-O que os media dizem é o mais importante.
- 8-Perder peso é bom/ganhar peso é mau.
- 9-Nunca podes ser demasiado magra.
- 10-Ser magra e não comer são as coisas que lhe vão trazer poder e sucesso.¹⁹

Princesas são fortes. Princesas aguentam qualquer desafio. Princesas não comem. Princesas não se cortam. Princesas não choram. Princesas são magras. Princesas não tem compulsão. Princesas sorriem mesmo morrendo por dentro. Princesas são lindas. Princesas não desistem. Porque princesas são perfeitas. (Apenas uma garota em busca da perfeição, a bruxa: querendo ser princesa .. a largata: ser borboleta. Apenas eu, cheia de sonhos e de vontades)²⁰

não consigo voltar.. não consigo parar de comer...não consigo me olhar no espelho.. estou horrível.. e as vezes tenho “preguiça” de miar.. estou sem forças... estou muito triste.. me sentindo um lixo... por favor me ajudem.. preciso.. de apoio..²¹

Adorei essas dicas, eu sou anna e mia já faz um tempinho tava quase desistindo, mais com essas dicas nao vou desisitir nunca! mto obrigado²²

(...) é gente falhei com vcs, comigo, e com a Ana e a Mia... Quando se trata de perder peso, os que podem fazer fazem, os que não conseguem inventam desculpas.²³

Além serem aprisionados pela relação de inferioridade estabelecida com outros usuários, anoréxicos e bulímicos

18. “Carta da Ana”. Disponível em: <http://mylitlerose.blogspot.pt>. Último acesso: 5 de abril de 2015

19. Disponível em: <http://mylitlerose.blogspot.pt>. Último acesso: 6 de abril de 2015

20. Disponível em: <http://goingunderforgiveme.blogspot.com.br>. Último acesso: 6 de abril de 2015

21. Disponível em: <http://diariodeumaanorexicgirl.blogspot.com.br>. Último acesso: 6 de abril de 2015

22. Disponível em: <http://diariodeumaanorexicgirl.blogspot.com.br>. Último acesso em: 6 de abril de 2015

23. Disponível em: <http://anamiamoura.blogspot.com.br>. Último acesso em 6 de abril de 2015

também se mantêm vinculados às comunidades por aceitarem completamente o que é divulgado nesse espaço. Em outras palavras, as informações veiculadas nos *sites* são transformadas em verdades absolutas sem que haja qualquer tipo de questionamento.

“Os efeitos da tecnologia não ocorrem aos níveis das opiniões e dos conceitos: eles se manifestam nas relações entre os sentidos e nas estruturas da percepção, num passo firme e sem qualquer resistência” (MCLUHAN, 1964: 34)

Assim, esses indivíduos passam a acreditar que os transtornos alimentares não são doenças e sim um “estilo de vida”. Isso significa que se estabelece o ideal de que essas pessoas escolheram desenvolver as patologias e que estão corretas ao agirem de tal forma.

Esse fenômeno fica claro ao considerarmos os depoimentos de alguns dos usuários. Na análise, percebe-se que há o desejo de liberdade; entretanto, o que se sobrepõe é a crença de que os padrões comportamentais doentes se fazem necessários na busca pela perfeição.

Sou pro anna. Adoro não comer nada, pois sei q no final o resultado é maravilhoso, ser pro anna não é doença, é uma opção um estilo de vida ²⁴

Fome passa; gordura não. Se vc comer vai estragar o esforço q fez ontem. Comer é vício. Comer é para fracos. Vc controla a sua mente. Olha essas gorduras, tudo o q vc come aumenta elas. (...) As Anas estão com vc; e elas não estão comendo... E estão ficando mais magras q vc.

Beba um copo de água. Comer não é normal... (...). Não é pq todo mundo come vc tem q comer Tb. Não pense q está fazendo algo de errado, vc não está. ²⁵

Sou uma Ana e tenho muito orgulho disso (...). Minha lei é ser magra ²⁶

Sou Ana nunca vou deixar de ser pq isso e um estilo d vida n uma “doença” como os otros que nao entendem julgam. Sou Ana porque... (...) Porque estou cansada deste circulo vicioso de comida. (...) Porque comida é igual a Crack. (...) Porque eu vou provar que posso conseguir. (...) Porque eu sempre quis isso. (...) Porque eu posso fazer isso ²⁷

Por meio da análise desses fatores, é possível concluir que a popularização de páginas “pró-anoréxicas” é consequência do acolhimento, mas também da tirania oferecida pelos *sites*.

De forma simplificada, pode-se afirmar que, em um momento de tristeza e fragilidade psicológica, o sujeito procurará acolhimento em qualquer lugar. Ao deparar com a comunidade de pessoas acometidas pelas patologias em questão, o doente encontrará apoio e compreensão.

Num segundo momento, entretanto, isso se transformará em dependência. As informações oferecidas no espaço virtual vinculadas num ambiente competitivo e sob pressão prendem o usuário ao movimento.

Sem encontrar uma saída, ele dará continuidade aos seus hábitos o que perpetuará seu transtorno alimentar.

5. Apologia à doença: um crime na rede virtual?

A popularização da comunidade “pró-anoréxica” gera enorme preocupação e inconformismo. O material veiculado nos *sites* promove comportamentos nocivos à saúde do indivíduo e dissemina os transtornos alimentares. Além disso, o fácil acesso às páginas virtuais permite que qualquer pessoa tenha contato com as informações ali existentes.

Segundo Marjorie Wallace²⁸, isso abre espaço para que qualquer jovem, ao se deparar com tal conteúdo, adote hábitos ligados ao culto ao corpo e acabe desenvolvendo a anorexia ou a bulimia. Assim, a opinião pública tende a definir o movimento da “Anorexia Virtual” como uma forma de apologia a tais distúrbios.

Considerando essas características, é difícil imaginar que ainda haja um número tão grande desses *sites*. Afinal, por que a existência de grupos “pró-ana” não é simplesmente proibida?

Trata-se de uma questão complexa. Muito já foi feito para que essas plataformas fossem extintas. Todavia, considerando a falta de regulamentação na *web* e a questão da liberdade de expressão, o processo de criação de leis que visam ao desaparecimento do movimento é extremamente complicado.

Assim, como explicitado no documentário “The truth about online Anorexia” (2009)²⁹, os *sites* “pró-anoréxicos”

24. FAVA, M.V.; PERES, R.S. **Do vazio mental ao vazio corporal: um olhar psicanalítico sobre as comunidades virtuais pró-anorexia**. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, Brasil e Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, Brasil. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n50/08.pdf>. Último acesso: 12 de Setembro 2014 (P.256)

25. FAVA, M.V.; PERES, R.S. **Do vazio mental ao vazio corporal: um olhar psicanalítico sobre as comunidades virtuais pró-anorexia**. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, Brasil e Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, Brasil. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n50/08.pdf>. Último acesso: 12 de Setembro 2014 (P.357)

26. FAVA, M.V.; PERES, R.S. **Do vazio mental ao vazio corporal: um olhar psicanalítico sobre as comunidades virtuais pró-anorexia**. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, Brasil e Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, Brasil. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n50/08.pdf>. Último acesso: 12 de Setembro 2014 (P.357)

27. FAVA, M.V.; PERES, R.S. **Do vazio mental ao vazio corporal: um olhar psicanalítico sobre as comunidades virtuais pró-anorexia**. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, Brasil e Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, Brasil. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n50/08.pdf>. Último acesso: 12 de Setembro 2014 (P.357)

28. Estudiosa consultada ao longo do documentário “The truth about online Anorexia” (2009)

não podem ser considerados como ilegais. Ferramentas de busca como o Google tentam acabar com as páginas, mas elas se modificam e encontram subterfúgios para permanecerem *online*.

Em um artigo de 2012, a revista “The Economist” afirmou que a plataforma de *blogs Tumblr* passou a bloquear essas páginas, assim como o *Facebook*, que desde 2008 combate o fenômeno “pró-anoréxico”. Entretanto, os gerenciadores dos *websites* migram para outros serviços ou simplesmente se tornam mais ocultos ao removerem referências e palavras-chave.

A França, por sua vez, decidiu tomar medidas radicais para diminuir o estímulo aos distúrbios alimentares. No dia 3 de abril de 2015, a Assembleia Nacional anunciou que

naquela semana seria votada uma nova lei de saúde que tornaria crime a incitação a tais patologias. Nesse contexto, a comunidade de anoréxicos e bulímicos pode se tornar ilegítima no território francês.

Contudo, devido à fraca fiscalização da internet, é improvável que a nova lei seja consolidada. Assim como nos outros casos, os usuários encontrarão falhas no sistema e darão continuidade às páginas.

Em outras palavras, pode-se afirmar que pouco se pode fazer no âmbito dessas comunidades para diminuir o estímulo ao vício corporal. A complexidade do assunto dificulta a criação de uma legislação acerca do fenômeno e as páginas acabam reaparecendo na mesma velocidade em que são excluídas.

Conclusão

A cultura contemporânea estabelece modelos únicos e limitados de adequação e de perfeição. Desde a década de 1960, a mídia enaltece o consumo e a padronização da beleza criando uma conjuntura favorável à adoção de padrões comportamentais nocivos à saúde. Nesse contexto, distúrbios alimentares, tais como a anorexia e a bulimia, tornaram-se cada vez mais comuns.

Com o objetivo de atender às atuais exigências sociais, uma significativa parcela da população iniciou uma busca desenfreada pela magreza. Visto que convivemos em um ambiente caracterizado pela globalização, a aparência passou a ser cultuada também no espaço virtual.

Dessa forma, popularizou-se o fenômeno da “Anorexia Virtual”. *Sites* “pró-anoréxicos” se tornaram famosos ao veicularem estratégias de perda de peso e de acobertamento de sintomas ligados aos transtornos em questão.

O presente estudo, ao analisar esse movimento, abordou um tema não só de grande complexidade, como também de extrema importância. Conclui-se que a observação dessas páginas cibernéticas se faz necessária, visto que possibilita uma maior compreensão acerca dessas psicopatologias.

Como já explicitado por Hamilton e Bowers (2006), anoréxicas e bulímicas constituem um grupo de difícil acesso.

Assim, ao estudarmos o conteúdo existente em plataformas “pró-ana” e “pró-mia” podemos ter contato com declarações que os doentes raramente fariam se não estivessem no universo virtual. Portanto, passamos a entender o que realmente se passa na cabeça desses indivíduos.

Chegou-se ao consenso de que o estímulo a hábitos doentios deveria ser erradicado, sendo proibida a criação e a divulgação de *websites* “pró-anoréxicos”. Nessas circunstâncias, a “Anorexia Virtual”, a exemplo do que ocorreu na França, deve ser incluída na legislação como apolo-gia a doenças psiquiátricas.

Entretanto, notou-se que a maioria absoluta dos usuários se tornou adepta ao fenômeno movida pelo desejo de inclusão. As páginas cibernéticas, nesse sentido, oferecem o apoio e a compreensão inexistentes nas relações interpessoais dos afetados.

Assim, a repressão do movimento “pró-anoréxico” deve vir acompanhada do incentivo à utilização de plataformas de reabilitação como o *site* “Proud2BMe”. Fundado em 2009 por uma anoréxica em recuperação, ele auxilia jovens portadores dos distúrbios. Dessa forma, mantém-se a estrutura comunitária oferecida pelo “pró-ana” sem que haja a questão do culto e da busca pela magreza excessiva.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, M. **“O Fenômeno do Culto ao Corpo Moderno e a Magreza como Símbolo de Beleza: estudo sobre o movimento “Pró-Ana” no Brasil”**. In: *VI Congresso Português de Sociologia, Universidade Nova de Lisboa*.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION PRACTICE GUIDELINES.- **Practice Guideline for the Treatment of Patients with Eating Disorders**. Am J Psychiatry 157(1) suppl., 2000.
- ANDRADE, Angela; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. **Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino**. In: *Revista de Nutrição, Campinas*, 16(1): 117-125, jan/mar, 2003.
- BROTSKY, S. R., & Giles, D. (2007). **Inside the pro-ana community: A covert online participant observation**. *Eating Disorders*, 15(2), 93-109.
- CARVALHO, Gina Emanuela. **Blogs Pró-anorexia**. Disponível em: <http://intermidias.blogspot.com/2007/03/blogs-pr-a-norexia.html>. Último acesso: 10 de janeiro de 2015
- CURY, Augusto. **A ditadura da beleza e a revolução das mulheres**. Sextante: São Paulo, 2005.
- DAVID, Juliana de Souza Ramos. **Anorexia em Comunidades Virtuais: práticas e visões culturais do corpo**. *Dissertação (mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2009*. Disponível em: http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/2516/1/ENSP_Disserta%C3%A7%C3%A3o_David_Juliana_Souza_Ramos.pdf. **Último acesso: 11 de setembro 2014**
- DEL PRIORI, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: SENAC, 2000.
- ERBERT, Tamara Carla. **Anorexia e Bulimia nervosas, blogs e casos reais**. São Paulo: Marco Zero, 2005.
- FAVA, M.V; PERES, R.S. **Do vazio mental ao vazio corporal: um olhar psicanalítico sobre as comunidades virtuais pró-anorexia**. *Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, Brasil e Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, Brasil*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n50/08.pdf>. Último acesso: 12 de Setembro 2014
- GONZAGA, A.P. e Weinberg, C. **Transtornos Alimentares: uma questão cultural?** *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, VIII,1, v-vi, 2005, 30-39.
- HAMILTON, R. J., & Bowers, B. J. **Internet recruitment and e-mail interviews in qualitative studies**. *Qualitative Health Research*, 16(6), 821-835, 2006.
- HEILBORN, Maria L. **Corpo, sexualidade e gênero**. In *Feminino, Masculino: igualdade e diferença na justiça*. (Org.): Denise Dourado Dora, 1997.
- JORGE, S. **Ditadura da beleza: uma visão subjetiva**. 2006. Disponível em: http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_opiniao.php?codigo=AOP0068. Último acesso em: 7 de janeiro de 2015
- LIMA, Vera. **A construção do corpo nas formas da moda**. In: *A moda do corpo e o corpo da moda*. Kathia Castilho e Diana Galvão. Esfera. São Paulo: 2002.
- MACLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação**. Cultrix: São Paulo, 1967.
- MAUSS, Marcel. **As técnicas corporais**. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EPU/Edusp, 1974.
- MIRANDA, M.R. **O mundo objetual anoréxico e a violência bulímica em meninas adolescentes**. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 38, 2, 2004, 309-334.
- MOTA, Maria Dolores de Brito. **De Vênus a Kate Moss: reflexões sobre corpo, beleza e relações de gênero**. *Universidade Federal do Ceará, 2006*
- REIS, Vanessa Alkmin. **Ana e Mia na “nova” rede: comunidades reúnem anoréxicas e bulímicas na Web 2.0**. *Universidade Federal de Juiz de Fora*.
- ROCHA, Paula Jung. Blogs: **Sentimentos em rede partilhados na pós-modernidade**. *Revista Famecos*, 22: 73-81, 2003.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- ROSÁRIO, Nísia M. **Mundo contemporâneo: corpo em metamorfose**, 2004.
- SILVEIRA, Potiguara Mendes da Silveira; REIS, Vanessa Alkmin. **Vínculos no ciberespaço: websites pró-anorexia e bulimia**. *Revista Famecos: publicação do Programa de Pós Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewArticle/5847>. Último acesso: 12 de Setembro 2014
- STREY, Marlene Neves. **Corpos em metamorfose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na atualidade**. *Programa de Pós Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd79/corpos.htm>. Último acesso: 4 de abril de 2015
- WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Rocco, 1994

OS EXPERIMENTOS MÉDICOS NA ALEMANHA NAZISTA

BEATRIZ FLORES
3ª série B

Resumo

Este trabalho relata os experimentos médicos nazistas. Seu objetivo é expor o que os antecedeu, quem os realizou e como eles afetam a realidade. Dessa forma, haverá uma descrição sucinta de como se encontrava a Alemanha antes da guerra, como foi dis-

seminada a ideia de superioridade ariana e o acontecimento do Holocausto. Os médicos responsáveis serão individualmente mencionados, bem como seus atos. Por fim, haverá um debate sobre a ética em se utilizar dos documentos resultantes dessas ações.

Palavras-chave: experimentos médicos, Nazismo, Holocausto, antissemitismo.

Abstract

This report is about the Nazi medical experiments. Its objective is to expose what preceded them, who did them and how they affect reality. Thereby, there will be a brief description of what Germany was before the war, how the idea of Arian superiority

was disseminated and Holocaust itself. Doctors who were responsible for the experiments will be individually mentioned, as well as their actions. Finally, a discussion on the ethics of using Nazi medical data will take place.

Keywords: medical experiments, Nazism, Holocaust, anti-Semitism.

Introdução

“[...] O passado é prólogo [...]” (William Shakespeare – A tempestade)

Acredita-se que poucos fatos na humanidade provocaram mudanças tão numerosas e drásticas como a Segunda Guerra Mundial. Divergências ideológicas, ascensão de potências mundiais, mudanças em esferas sociais, tecnológicas e científicas: o acontecimento revolucionou a concepção de mundo que se tinha anterior a 1945.

O Nazismo não somente dividiu geograficamente as pessoas confinando-as nos campos de concentração, como também delimitou fronteiras impossíveis de serem ultrapassadas. A ideologia estabeleceu um padrão religioso, político, nacional e biológico que determinava o valor ou não do indivíduo. A política agressiva de Hitler levou ao confronto mundial que teve como um saldo total de 40 a 72 milhões de óbitos, além dos inúmeros casos de imigração legal ou ilegal do continente europeu.

Na Alemanha nazista, a crença da supremacia da “raça ariana” concedeu aos cientistas alemães a prerrogativa de testar remédios e fazer pesquisas nas consideradas comunidades “inferiores”: judaica, negra, homossexual, protestante, cigana, com deficiências mentais e/ou físicas, entre outras. Indubitavelmente, o procedimento para os testes não foi ético, ou minimamente, humano.

Esta monografia tratará dos experimentos médicos na terrível época da Segunda Guerra Mundial e como a medicina atual é impactada por eles. Devem-se compreender

tópicos como os principais médicos da época, os métodos e a influência que as pesquisas têm no contexto atual.

Diz-se que o estudo do passado é a principal maneira de compreensão do presente. Assim como se estudam as teorias da evolução e os feitos dos indivíduos ao longo dos séculos, o estudo das experiências nazistas podem servir de auxílio para compreensão no que culminou na Medicina atual.

Haverá uma pesquisa ampla acerca do assunto, baseada no pano de fundo histórico e nas explicações biológicas. O texto aqui apresentado é sustentado por fontes virtuais confiáveis como o site , por livros como de Robert Jay Lifton e de Vivian Spitz e por artigos de revista como o da Revista Super Interessante: , por Rodrigo Rezende.

O trabalho será estruturado de uma maneira explicativa e linear. A primeira parte será uma contextualização histórica, seguida de uma apresentação formal do tema a ser debatido. A segunda parte será um aprofundamento do assunto e seus principais aspectos: os principais médicos alemães da época além de quais e como os experimentos foram realizados.

A terceira e última parte é conclusiva e construirá uma ponte entre o passado e o presente: quais foram os resquícios deixados pelos experimentos? Qual é o seu uso na medicina atual?

É preciso conhecer como esses procedimentos foram realizados, sua validade científica e os diferentes pontos de vista dos médicos atuais. Será que os fins, nesse caso, justificaram os meios?

1. Contextualização

1.1 A Segunda Guerra Mundial

O sentimento na Alemanha, no final da Primeira Guerra Mundial, era de derrota. Para além do significado singular de “perder uma guerra”, o país, após o Tratado de Versalhes, também perdera - como punição - tudo. No sentido econômico, foi exigida a reparação de estimados vinte bilhões de dólares. Militarmente, a nação foi limitada profundamente: o Exército Alemão seria restringido a 100.000 homens, somente com a função de manter a segurança interna.

A indústria bélica foi proibida, bem como o uso de aviões, de submarinos, de navios e de tanques. Politicamente, perderam incontáveis quilômetros de terras: a Alsácia-Lorena para a França; a Eupen-Malmedy para a Bélgica; Memel para a Lituânia; o distrito de Hultschin para a Checoslováquia; a Poznania, a Silésua setentrional e a Prússia oriental para a Polônia. O Tratado também assegurou que a Alemanha assumisse sua responsabilidade única pelo advento da Grande Guerra.

Ainda que tido como ‘impossível’ pelas autoridades alemãs, o documento foi assinado em 28 de junho de 1919. A humilhação e a perda de sua expressividade econômica,

militar e política, traz à tona um sentimento de vingança. Iniciava-se um grande questionamento ao governo democrático que perdia sua credibilidade e abria-se caminho para o crescimento do Partido Nazista em 1933.

No mesmo ano, Adolf Hitler, tido como um símbolo de ressurgência nacional, torna-se chanceler da Alemanha. Com oratória persuasiva, prega a um povo debilitado o ideal de força, a desobediência ao Tratado de Versalhes e a supremacia da “raça ariana”. Sob interpretação de Jean-Jacques Chevalier, pode-se dizer que Hitler enxergava o Estado centralizado e zelador da estabilidade socio-econômica: “

O Estado, segundo Mein Kampf, não é evidentemente o Estado liberal, “vazio” de conteúdo moral, desprovido de todo imperativo, de todo absoluto, entregue aos apetites de múltiplos partidos que, por sua vez, encobrem interesses particulares. É um Estado que possui um missão, um Estado “ético”, que depende do Absoluto. É um Estado anti-liberal, anti-parlamentar, anti-partidos; um Estado fundado sobre o princípio e a mística

do Chefe, do Condutor (Führer) e cujo motor é um Partido único, intermediário entre as massas e o Chefe. É um Estado radicalmente anti-marxista (embora se afirmando anti-burguês), anti-igualitário, hierárquico e corporativo, obstinado, enfim, em nacionalizar, em tornar não grosseiramente “nacionais”, mas agressivamente “nacionalistas”, as massas que o marxismo judeu queria desnacionalizar, internacionalizar.¹

O Terceiro *Reich*² é marcado pela rápida substituição de um governo parlamentarista para um estritamente nazista. Cultura, educação e a maioria das instituições religiosas passam a basear-se na ideologia nazista. Hitler torna-se um símbolo: chefe de Estado (presidente do Reich), do governo (chanceler do Reich) e (chefe do Partido Nazista).

Além da crença da superioridade alemã, o líder alemão pregava ideias fortemente antisemitas. De maneira sistemática, os nazistas tentam exterminar a população judaica: desde a segregação pelo uso obrigatório da Estrela de Davi nas roupas até pelo genocídio em campos de concentração.

Em 1936, cria-se o eixo Roma-Berlim, quando Mussolini (líder italiano) e Hitler comprometem-se a estreitar suas relações econômicas e lutar contra o comunismo. O nazi fascismo expande-se e Mussolini adota leis de perseguição aos judeus.

O contexto para a invasão polonesa era favorável: o pacto nazi-soviético de não agressão a Stalin garantiu liberdade de ação na Europa Ocidental, uma vez que a União Soviética focava-se na recuperação dos países Bálticos. A França e a Grã-Bretanha permaneciam na neutralidade, pois ainda se recuperavam do trauma da Primeira Guerra e procuravam evitar uma segunda.

Ainda que na Conferência de Munique, a França e a Grã-Bretanha houvessem estabelecido um acordo com a Polônia que garantia intervenção caso ocorresse uma invasão inimiga, as tentativas de parar Hitler foram inúteis. No dia primeiro de setembro de 1939, começa a Segunda Guerra Mundial.

Os membros do grupo eixo, Alemanha e Itália, se consolidam: o segundo declara guerra à Grã-Bretanha e à França em junho de 1940 e o primeiro segue invadindo a Europa, em abril. O grande objetivo do país nazista era a conquista da União Soviética, e, para tal, fomentava o domínio da Europa ocidental. No mesmo ano, derrotou Dinamarca, Noruega, Luxemburgo, Bélgica, Holanda e França.

No decorrer dos anos seguintes, as alianças se fortalecem. No Eixo, juntam-se à Alemanha e Itália: Japão, Bulgária, Hungria e Romênia. Em contraste, aos Aliados juntam-se Estados Unidos e União Soviética. Na tentativa falha de invadir o território de Stalin, em 1943, o moral alemão é diminuído drasticamente e a ocupação do leste europeu é interrompida.

Concomitantemente, as forças Aliadas no ocidente europeu lutam fortemente contra o exército nazista. Em 1944, no chamado Dia D, tropas norte-americanas invadem o norte da França e dão início ao avanço rápido rumo à fronteira alemã.

O declínio alemão acentua-se. A derrota em Stalingrado os faz recuar lentamente. Os Aliados iniciam o ataque final em março de 1945 e ocupam a Renânia³. O exército soviético ocupa apressadamente territórios conquistados pela Alemanha no início do conflito, bem como membros do Eixo. Será em maio do mesmo ano que as forças soviéticas ocupam Berlim e Adolf Hitler se suicida. A rendição alemã é assinada no dia 7 de maio.



Foto 1: Jornal antisemita Der Stürmer. Fonte: <http://www.jewish-virtuallibrary.org/jsourc/Holocaust/sturmertoc.html>

1.2 A perseguição aos judeus

O início do Holocausto é atribuído ao ano de 1933 em que Hitler sobe ao poder como Chanceler da Alemanha. A partir dessa data, publicações semanais no jornal *Der Stürmer* devotam-se essencialmente à propaganda antisemita e à promoção do ódio aos nazistas. O lema do jornal era “The jews are our misfortune”⁴.

Adiciona-se à Constituição alemã o primeiro decreto da “Lei da proteção do sangue e da honra alemães”. Este suspendia a atuação dos judeus no serviço público, na educação, nas universidades, na medicina e no jornalismo. Em 1935, privam-se os judeus de cidadania e de casamento com não judeus.

O início da guerra em 1939 foi marcado pela segregação transparente. Era obrigatório o uso da Estrela de Davi na roupa e a transferência para os “guetos” - locais de isolamento da sociedade judaica. Posteriormente, essas áreas seriam facilitadoras do envio dos judeus aos campos

1. (CHEVALLIER, 1995, p. 400)

2. A ascensão de Hitler em 1933 marcou o início do Terceiro Reich alemão. Sendo o Primeiro o do Sacro-Império Romano-Germânico e o Segundo o do Império Alemão de Guilherme II. (HISTÓRIA conexões parte III: Da expansão imperialista aos dias atuais. A Segunda Guerra Mundial: Rumo à guerra total. p. 577).

3. Região alemã a oeste do Rio Reno.

4. Tradução livre: Os judeus são nosso infortúnio.

de extermínio. Pela escassez de recursos, muitos deles morreram mesmo antes de serem chamados.

A chamada “Solução Final”, em 1941, transformou as leis de segregação em assassinato arbitrário e irreverente, eliminando, aproximadamente, seis milhões de judeus.

Primeiramente, soldados da *Schutzstaffel*⁵, “SS”, alinhavam-nos e os fuzilavam com armas automáticas. Entretanto, os líderes nazistas buscavam um método mais eficiente e sistemático de extermínio. Em 1942, constroem seis campos “especiais” na Polônia, entre eles, Auschwitz.

Trens de carga os transferiam dos guetos para os campos, não havendo preocupação se eram mulheres, homens ou crianças. Chegando ao destino final, médicos os avaliavam e os separavam entre os que estavam em boas ou em más condições. Aqueles eram reservados para o trabalho escravo, sem comida ou abrigo adequados. Estes eram levados imediatamente às câmaras de gás.



Foto 2: Cartaz de propaganda nazista. Fonte: http://40.media.tumblr.com/tumblr_lvldpdcvPI1qknb9mo1_500.jpg

1.3 “Lebensunwertes Leben”⁶ –

A questão da eugenia.

“Eugenia”, que significa “bem nascido”, é um termo criado pelo cientista britânico Francis Galton, sobrinho de Charles Darwin, no final do século XIX. Baseava-se no estudo da melhora da população humana nas futuras gerações, pela seleção de determinadas raças e genes.

Historicamente, o movimento da eugenia se iniciou nos Estados Unidos, no início do século XX. Em contraste aos britânicos, os cientistas americanos focaram-se nos estudos direcionados à coibição da transmissão dos “genes indesejáveis”. Para isso, a “ERO - The Eugenics Records Office”⁷, rastreou históricos familiares e concluiu que o isolamento de famílias mais pobres, de imigrantes e de pouca visibilidade social era consequência genética e não por escassez de recursos.

A partir dessa declaração, o governo americano inicia medidas para solucionar o número crescente de “indesejáveis” nos EUA. Segundo a Universidade de Biologia de San Diego, entre 1900 e 1930, vinte nove Estados já proibiam o casamento interracial; 33 Estados adotaram a lei de esterilização coercitiva e mais de 40.000 pessoas já haviam sido esterilizadas. Entre elas, destacavam-se os deficientes mentais, os surdos, os alcoólatras, os “promíscuos” e as mulheres afro-americanas.

Adolf Hitler tinha imenso conhecimento das pesquisas realizadas no país norte-americano e profunda admiração por elas. Em *Mein Kampf*⁸, elogia o racismo eugenista americano: “[os Estados Unidos], no qual o esforço está sendo feito para usar a razão, ao menos parcialmente. Recusando imigrantes com base no princípio de serem elementos de má saúde, simplesmente recusando certas raças por causa de sua origem, o país está professando, em passos lentos, um ponto de vista peculiar ao Estado do povo”⁹.

A filosofia nazista partilhava o conceito Darwinista, argumentando que a superioridade evolucionária dos arianos dava a eles a missão de subjugar todas as outras pessoas. Nas palavras de Adolf Hitler:

(...)In the long run nature eliminates the noxious elements. One may be repelled by this law of nature which demands that all living things should mutually devour one another. The fly is snapped up by a dragon-fly, which itself is swallowed by a bird, which itself falls victim to a larger bird ... to know the laws of nature... enables us to obey them.^{10,11}

Seria inquestionável, portanto, a aplicação das “leis da natureza” pelo governo, uma vez que essas promoviam uma melhora na raça humana, a eliminação das raças inferiores e menos aptas. O programa eugênico contou com a avaliação individual das pessoas, posto que judeus, eslovacos e ciganos partilhavam de características muitas vezes

5. Organização paramilitar ligada ao Partido Nazista e a Adolf Hitler. (CHANNEL, History. The SS. World war ii. Disponível em: <<http://www.history.com/topics/world-war-ii>>. Acesso em: 30/3/15).

6. “Vidas indignas de serem vividas”, em alemão.

7. Laboratório de biologia americano voltado à pesquisa da eugenia.

8. Manifesto autobiográfico escrito por Adolf Hitler.

9. Hitler, *Mein Kampf*, v.III, p.p. 439-440, apud Edwin Black, op. cit. p. 445.

10. Hitler, A., *Hitler's Secret Conversations 1941-1944, With an introductory essay on The Mind of Adolf Hitler by H.R. Trevor-Roper*, Farrar, Straus and Young, New York, p. 116, 1953.

11. “Afim, a natureza elimina elementos nocivos. Um indivíduo pode ser repellido pela lei da natureza, que demanda que todos os seres vivos devem mutuamente devorar um ao outro. A mosca é capturada pela libélula, que será devorada pelo pássaro, que será vítima de um pássaro maior... saber as leis da natureza... nos permite obedecê-las” (Tradução feita pela autora).

semelhantes às dos alemães.

Segundo o teórico racial Hans Günther, os considerados geneticamente superiores deveriam ter cabelo loiro e liso, estatura alta, olhos azuis, rosto fino, pele rosada e queixo proeminente. Muitas vezes, cientistas nazistas mediam a caixa craniana.

Após a entrada do Partido Nazista no poder, em 1933, as leis de eugenia - ou de higienização racial, como preferiam utilizar - entraram em vigor. Não somente se utilizou da esterilização coercitiva que durou por oito anos, como também o processo de “purificação” por meio de um programa de Eutanásia.



Foto 3: Crianças antes de execução pelo Einsatzgruppen (grupo responsável pelos assassinatos em massa). Fonte: <http://isurvived.org/Memorial-CHILDREN.html>

2. Os experimentos médicos nazistas

2.1 Introdução

“Aplicarei os regimes para o bem do doente segundo o meu poder e entendimento, nunca para causar dano ou mal a alguém. A ninguém darei por prazer, nem remédio mortal, nem um conselho que induza a perda. Conservarei imaculada minha vida e minha arte (...)”¹³.

O médico Frederick Abrams¹⁴ (2005) uma vez disse que quando se mistura ciência e fanatismo, resultados catastróficos podem ser antecipados. Na Segunda Guerra Mundial não foi diferente. Médicos alemães se adaptaram à ideologia nazista e, usando-a como prerrogativa, reduziram seres humanos a objetos de experimentação.

Hitler, veterano da Primeira Guerra, tinha conhecimento do poder da ciência e planejava tornar a Alemanha um dos ícones do desenvolvimento. O conceito de higiene racial foi estimulado aos médicos pelo *Führer*¹⁵, bem como a missão de eliminar os “germes” judeus da sociedade. Consideradas subumanas, as minorias permaneceram desprotegidas das leis de uma sociedade civilizada.

A experimentação tornou-se um dos alicerces da tortura voltada aos enclausurados dos campos de concentração (em sua maioria judeus, seguidos por ciganos e homossexuais). Enquanto algumas experiências reduziam-se a

Este, rapidamente, caminhava em direção ao genocídio judeu. Em meados de 1939 e 1940, já ocorria a eliminação de crianças “debilitadas” (deformadas e com retardo mental). Há uma estimativa de que 5000 crianças foram executadas dessa forma até o final da guerra. A eliminação de adultos “debilitados” foi o passo seguinte do programa. Estes eram retirados dos hospitais psiquiátricos e levados aos “centros médicos” - quartos equipados com monóxido de carbono (CO) com chuveiros para “acalmar” os pacientes.

Aos alemães, a causa da eliminação dos judeus era clara. Com auxílio de intensa propaganda, a ideia biológica de que eram geneticamente inferiores, bem como a ideia política de que planejavam dominar o mundo, obstruindo a dominância ariana, era plenamente aceita na década de 40.

Em 1941, inicia-se a “Solução Final”. É a partir desse momento que o assassinato de qualquer inferior torna-se plenamente aceitável e guiado pelo “bem do Estado”. Criam-se os campos de extermínio com chuveiros carregados de “Zyklon B”¹² e três milhões de judeus são assassinados.

mero incentivo ideológico - purificação racial, supremacia ariana - outras voltavam-se à procura de melhores condições aos soldados alemães no campo de batalha.

Contrariando o juramento de Hipócrates, o momento é marcado pela completa falta de respeito e de humanidade dos médicos. O ideário cegou aqueles que deveriam preocupar-se principalmente com a integridade dos seres humanos, o que gerou atrocidades e atos que jamais serão esquecidos.

2.2 - Os principais médicos

I. Josef Mengele

Formado pela Faculdade de Munique, o Dr. Josef Mengele é o nome mais conhecido quando se trata dos experimentos médicos na Segunda Guerra Mundial. Mesmo que agindo sob comando do médico Edward Wirths, em 1943, foi promovido a chefe dos fisiologistas no campo de concentração de Birkenau (Auschwitz II), na Polônia.

A razão pela qual foi destacado entre outros médicos ainda é muito debatida. Alguns especialistas atribuem sua relevância à constante permanência nas rampas em que se selecionavam prisioneiros ou para o trabalho ou para as câmaras de gás, mesmo fora das suas horas obrigatórias de

12. Gás composto por ácido cianídrico, cloro e nitrogênio.

13. Juramento de Hipócrates. Disponível em: <<http://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Historia&esc=3>>. Acesso em: 01/04/2015.

14. Médico norte-americano especializado em Ginecologia.

15. “Líder” em alemão. Título atribuído à Adolf Hitler.

serviço. Outros argumentam que tenha sido pela sua obsessão por gêmeos e crianças com deficiências espinhais.

Uma de suas passagens notórias foi quando uma mãe, não querendo separar-se de sua filha de treze anos, arrANHOU o rosto de um oficial da SS. Mengele matou-as com a sua própria arma e mandou todos que vieram no mesmo transporte para as câmaras de gás.

O “anjo da morte”, como foi intitulado, dedicou-se principalmente aos experimentos relacionados aos gêmeos e às crianças. Entre algumas de suas atrocidades, destacam-se: as tentativas de alterar a coloração da íris por meio de injeção de tinta nos olhos, a união de veias e a amputação de membros. Sua fascinação por gêmeos resultou em 2.870 mortes¹⁶.

Mengele foi um dos médicos que conseguiu escapar do julgamento de Nuremberg. Com sucesso, escondeu-se na Bavária e, posteriormente, imigrou para o Brasil, onde se estima que morreu em 1979.



Foto 4: Josef Mengele. Fonte: <http://www.ushmm.org/lcmedia/photo/lc/image/71/71555.jpg>

II. Carl Clauberg

Carl Clauberg foi professor de ginecologia na Faculdade de Koenigsberg. Filiou-se ao partido nazista em 1933 e tornou-se um apoiador fanático da ideologia. Como disse o psiquiatra Robert Jay Lifton (1986) em seu livro *The Nazi Doctors*, Clauberg é a comprovação da inseparabilidade de ideário e de ciência positiva.

Ao contrário de muitos médicos, Carl Clauberg solicitou às autoridades alemãs sua ida aos campos de concentração a fim de que pudesse realizar seus experimentos e aprimorar suas técnicas de esterilização. A exemplo, em uma carta enviada ao Heinrich Himmler¹⁷:

The non-surgical method of sterilizing women that I have invented is now almost perfected . . . As for the questions that you have directed to me, sir, I can today answer them in the way that I had anticipated: if the research that I am carrying out continues to yield the sort of results that it has produced so far (and there is no reason to suppose that this shall not be the case), then I shall be able to report in the foreseeable future that one experienced physician, with an appropriately equipped office and the aid of ten auxiliary personnel, will be able to carry out in the course of a single day the sterilization of hundreds, or even 1,000 women.¹⁸

É estimado que o médico Clauberg foi responsável pela esterilização de 700 mulheres. Foi condenado a vinte cinco anos de prisão em um julgamento da União Soviética e morreu em 1957.

III. Herta Oberheuser

Herta Oberheuser foi a única mulher no julgamento médico em Nuremberg. Médica no campo de concentração de Ravensbrück atuou nos anos de 1940 a 1943. Conhecida por seu sadismo, foi responsável pela experimentação com gás sulfanilamida, bem como regeneração de ossos, músculos e nervos e transplante de ossos em 86 mulheres.

Sob supervisão do Dr. Karl Gebhardt, Oberheuser manteve seu foco principalmente em crianças saudáveis. Injetava óleo e hexobarbital¹⁹ e observava-as morrerem em três a cinco minutos após o procedimento. Além disso, simulava machucados de guerra nas crianças, infligindo-as com madeira, unhas afiadas, vidro e sujeira.

Após o julgamento de Nuremberg, Herta recebeu uma sentença de vinte anos em 1952. Entretanto, seis anos depois, foi libertada por bom comportamento. Continuou praticando medicina até o momento em que foi reconhecida por um dos sobreviventes. Assim que sua licença foi revogada, a médica deu um depoimento a respeito de seu serviço:

Being a woman didn't stop me being a good National Socialist. I think female National Socialists were every bit as valuable as men in keeping what we believed in alive.^{20, 21}

IV. Karl Brandt

Karl Brandt, nascido na Alsácia-Lorena, era um cirurgião extremamente qualificado na década de 30. Com sua

16. LIFTON, R.J. *The Nazi doctors*.

17. Comandante militar da *Schutzstaffel* e um dos principais líderes do partido nazista. (ENTERPRISE, America-Israeli Cooperative. Jewish Virtual Library. Disponível em: <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Holocaust/medtoc.html>>. Acesso em: 06/04/2015)

18. “O método não-cirúrgico de esterilização das mulheres que eu inventei está quase perfeito ... Quanto às questões que você direcionou a mim, senhor, eu posso hoje respondê-las de uma forma que havia antecipado: se a pesquisa que eu estou realizando continuar a render os tipos de resultados que está produzindo até agora (e não há razão para que não seja o caso), então eu devo ser apto a reportar que no futuro previsível quando um médico for experiente, tiver um equipamento apropriado e a ajuda de dez auxiliares, será capaz de executar em um único dia a esterilização de centenas, ou até mesmo, mil mulheres” (Tradução feita pela autora).

19. Um tipo de anestésico. (The British Journal of Ophtalmology, p. 462).

20. OBERHAUSER, H. 1958.

21. Ser uma mulher não me parou para ser uma boa Nacional Socialista. Acredito que o Socialismo Nacional feminino foi tão valioso quanto o masculino para manter o que acreditávamos vivo. (Tradução feita pela autora).

entrada ao partido Nazista em 1932, Brandt tornou-se o médico oficial de Adolf Hitler, o *führer*.

Conforme as ideias nazistas iam difundindo-se, o projeto de purificação racial na Alemanha tomava forma. O Programa de Eutanásia de 1939, administrado por Brandt, deu início à eliminação sistemática dos “inválidos”. Tanto os idosos e deficientes mentais, quanto crianças e adultos, eram executados por meio de injeções letais ou gás.

O médico especializava-se em métodos de esterilização eficientes e realizava aborto em mulheres consideradas “geneticamente desfavorecidas”. Em 1942, foi apontado como Comissário da saúde e higiene, sendo simultaneamente, a maior autoridade do Reich, com o poder de instruir o Governo, o Partido e as Forças Armadas na questão da saúde.

Apesar de ter-se mantido fiel ao Nazismo e à sua pátria até o último dia de vida, Karl Brandt moveu sua família para o território dos Aliados em 1945. Quando descoberto, foi preso pela Gestapo. Mesmo solto meses depois, no Tribunal de Nuremberg, foi considerado culpado e executado posteriormente na Bavária, em 1948.

2.3 Os experimentos

Podemos dividir os experimentos em três categorias: pesquisa médico-militar, “pseudocientíficos” e raciais. Entre os que se destacam na história do Holocausto, estão:

Na categoria médico-militar:

2.3.1 Experimentos de congelamento²²:

Realizados majoritariamente no campo de concentração de Dachau, sua finalidade era investigar as melhores técnicas de tratamento de pessoas que haviam sido extremamente resfriadas. Além disso, poderiam presumir por quanto tempo pilotos alemães sobreviveriam imersos no Mar do Norte.

Eram conduzidos de duas maneiras: a primeira, forçava os indivíduos a permanecerem submersos em um tanque de gelo por mais de três horas. A segunda, mantinham-nos ao ar livre, em temperaturas muito abaixo de zero grau. Os experimentos foram realizados em aproximadamente 300 pessoas, resultando em 80 a 90 mortes.

2.3.2 Experimentos de elevadas altitudes²³:

Os experimentos foram realizados, assim como os de congelamento, no campo de concentração de Dachau. Similar ao mencionado, pretendia auxiliar as Forças Armadas; porém, investigando os limites da existência humana em condições de altitudes extremas.

Em 1942, o Dr. Rascher utilizou-se de câmaras de descompressão para realizá-los. Quando não morriam instan-

taneamente, o Dr. dissecava o cérebro das vítimas ainda vivas, para comprovar que a indisposição era resultado de bolhas de ar nos vasos sanguíneos no espaço subaracnóideo do cérebro.

Das 200 cobaias, 80 morreram na hora e o restante foi executado.



Foto 5: Prisioneiro inconsciente pela exposição à elevada altitude em Dachau. Fonte: http://assets.muitointeressante.com.br/uploads/pictures/191/content_nazi_pressao.jpg

2.3.3 Experimentos com água marinha²⁴:

Em 1944, em Dachau, testes para averiguar a hipótese da água marinha tornar-se potável, utilizaram 60 ciganas que eram privadas de qualquer tipo de comida, de seis a doze dias. Providas somente de água salgada, o resultado foi profunda desidratação e falha nos órgãos.

2.3.4 Experimentos com Sulfonamida²⁵:

Os experimentos com Sulfonamida, um tipo de antibiótico (pertencente às amidas de ácido sulfônico), intentavam simular a infecção que produzia gás nos tecidos dos alemães que lutavam contra a Rússia em 1943.

Eram deliberadamente provocadas feridas nos objetos de experimento com o uso do estreptococos e tétano. A circulação de sangue era interrompida, e os ferimentos eram agravados com pedaços de vidro ou da madeira.

A Sulfonomida era aplicada nas contusões como uma forma de comprovar sua eficácia. Muitos morreram e outros sofreram lesões graves.

2.3.5 Experimentos com Malária²⁶:

Os experimentos voltados ao tratamento e à imunização da malária foram realizados nos anos de 1942 a 1945. Prisioneiros saudáveis eram infectados com injeções de extrato das glândulas mucosas dos mosquitos (*Anopheles*), a fim de que contraíssem a doença e os médicos pudessem encontrar os melhores remédios.

Com esses procedimentos, muitas pessoas vieram a óbito e o restante permaneceu deficiente pelo resto da vida.

22. U.S. Holocaust Memorial Museum. *Trials of War Criminals before the Nuremberg Military Tribunals under Control Council Law No. 10*. Nuremberg, Outubro 1946 - Abril 1949.

23. COHEN, Baruch. The Ethics Of Using Medical Data From Nazi Experiments. <<http://www.jlaw.com/Articles/NaziMedEx.html>>.

24. COHEN, Baruch. The Ethics Of Using Medical Data From Nazi Experiments. <<http://www.jlaw.com/Articles/NaziMedEx.html>>.

25. ENTERPRISE, America-Israeli Cooperative. Jewish Virtual Library. <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/isource/Holocaust/medtoc.html>>.

26. COHEN, Baruch. The Ethics Of Using Medical Data From Nazi Experiments. <<http://www.jlaw.com/Articles/NaziMedEx.html>>.

2.3.6 Experimentos com Hepatite:

De 1943 a 1945, em benefício das Forças Armadas Alemãs, foram realizados experimentos no campo de concentração de *Sachsenhausen*²⁷ para o tratamento da hepatite infecciosa.

Prisioneiros foram inoculados com o vírus transmissor de hepatite para que as autoridades nazistas testassem agentes imunizantes. Seu resultado: mais de mil mortos e pessoas que lidaram com dores inimagináveis.

Na categoria “pseudociência”:

2.3.7 Experimentos com venenos²⁸:

Os experimentos com venenos realizados no campo de Buchenwald, em presos russos, tinham principalmente a finalidade de testar quão rápido os presos morreriam. Injeções com Fenol e Cianeto intravenosos mataram a maioria das vítimas. As que não faleceram, foram executadas para terem seus órgãos examinados *post-mortem*.

2.3.8 Experimentos com amputação²⁹:

Médicos nazistas foram ordenados a desenvolver um coagulante sanguíneo, capaz de estancar hemorragias dos soldados da SS. Para isso, o Dr. Rascher amputava os membros dos prisioneiros de Dachau ainda vivos, a fim de formular a taxa de pingos de sangue que saem de membros saudáveis. Quando havia escassez de sangue para realizar os testes do coagulante, as vítimas eram baleadas no baço.

Na categoria “racial”:

2.3.9 Experimentos de esterilização³⁰:

O médico Carl Clauberg foi o principal responsável por esse tipo de experimento. Especializado em infertilidade, foi instruído a reverter esse tipo de tratamento para a esterilização, bloqueando as trompas uterinas. Seu objetivo era encontrar um método eficaz de esterilização em massa.

Milhares de presos tiveram seus órgãos genitais mutilados. Às mulheres, injeções de substâncias cáusticas no útero foram aplicadas, produzindo inflamação no ovário e sangramento. Quanto aos homens, em sua maioria, jovens, seus testículos foram submetidos à intensa radiação, castrando-os.

O experimentos resultaram na esterilização de incontáveis pessoas, o que provocou agonia psicológica e física.

2.3.10 Experimentos com gêmeos³¹:

Josef Mengele, que já havia estudado o assunto na Faculdade de Frankfurt, foi o responsável pelos experimentos

com os gêmeos, em Auschwitz. Sua obsessão pela ideologia nazista o instigou a compreender a genética e como, a partir dela, poderia substituir a população mundial pelos arianos.

A utilização de gêmeos (preferencialmente idênticos) parecia-lhe o método mais eficaz, uma vez que teria o estudo comparado da genética humana. Tragicamente, dizia-se que os gêmeos tinham “sorte” em Auschwitz por poderem manter seus cabelos, serem mantidos em outros blocos, receberem alimentação e tratamento apropriados sob os “cuidados” de Mengele.

A análise em vida dos gêmeos era extremamente detalhista: media-se a espessura de seu nariz e boca, por exemplo. Eram submetidos a uma longa lista de experimentos, como amputação de membros, testes a respeito de Tifo e de Tuberculose, coloração da íris, testes acerca dos antibióticos, transplantes, união de veias, entre outros.

Quando não morriam, Mengele injetava uma dose letal em seus “pacientes” (diz-se que no coração) e dissecava-os. Com isso, podia fazer um estudo completo sobre a anatomia e as semelhanças interiores entre os gêmeos. Muitas vezes, o interesse de Mengele era a morte direta dos gêmeos e a possibilidade de dissecá-los, como relatado no depoimento de Miklós Nyiszli³²:

Dr. Mengele ordered me to undress the girl and put her on the dissecting table. Then he injected the evipan into her right arm intravenously. After the child had fallen asleep he felt for the left ventricle of the heart and injected 10 cc. of chloroform. After one little twitch the child was dead, whereupon Dr. Mengele had it taken into the morgue. In this manner, all fourteen twins were killed during the night.³³



Foto 6: Gêmeos com Mengele. Fonte: <http://www.crescentcity-jewishnews.com/blog/wp-content/uploads/2012/09/un143.jpg>

27. Campo de concentração em Oranienburg, Alemanha.

28. ENTERPRISE, America-Israeli Cooperative. Jewish Virtual Library: <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Holocaust/medtoc.html>>.

29. COHEN, Baruch. The Ethics Of Using Medical Data From Nazi Experiments. <<http://www.jlaw.com/Articles/NaziMedEx.html>>.

30. COHEN, Baruch. The Ethics Of Using Medical Data From Nazi Experiments. <<http://www.jlaw.com/Articles/NaziMedEx.html>>.

31. LIFTON, R.J., op.cit., p. 342.

32. Médico judeu, ajudante de Mengele em Auschwitz.

33. O Dr. Mengele me mandou despir a menina e colocá-la na mesa de dissecação. Depois, injetou evipan em seu braço direito, intravenosamente. Depois que a criança dormiu, ele sentiu o ventrículo esquerdo do coração e injetou 10cc de clorofórmio. Depois de uma pequena contração, a criança estava morta. Da mesma maneira, catorze gêmeos foram mortos durante aquela noite.

2.3. Cartas ao Himmler³⁴

A coletânea a seguir contempla cartas de alguns dos responsáveis pelos experimentos para Heinrich Himmler, comandante militar do exército nazista (*Schutzstaffel*). Esses documentos foram obtidos na "Library of Congress"³⁵, instituição federal norte-americana.

2.3.1 Carta de Dr. Pokorny ao Reichsführer -SS Himmler, Outubro de 1941.³⁶

"Provocado pelo pensamento de que o inimigo não deve somente ser conquistado mas exterminado, sinto-me obrigado a enviar o seguinte ao senhor: Dr. Madous está publicando os resultados de sua pesquisa de medicamentos de esterilização. Ao ler esse artigo, fui surpreendido pela enorme importância desse medicamento na presente luta do nosso povo. Se fosse possível produzir assim que desse, como um resultado dessa pesquisa, um medicamento que, após um pequeno tempo comparativo, causasse esterilização silenciosa nos indivíduos, teríamos a nossa disposição uma nova e eficaz arma.

O pensamento de que três milhões de Bolcheviques agora em prisão alemã poderiam ser esterilizados, para portanto estarem disponíveis ao trabalho mas impossibilitados de se reproduzir, abre portas a perspectivas de maior alcance."

2.3.2 Carta do professor Clauberg ao Himmler, June 7, 1943, sobre sua pesquisa de esterilização feminina.³⁷

"Caro Líder do Reich,

Hoje estou cumprindo minha obrigação de reportá-lo sobre a situação presente da minha pesquisa.

O método que utilizei para obter a esterilização no organismo feminino sem operação está tão bom quanto já aperfeiçoado. Ele pode ser feito por uma única injeção na

entrada do útero, procedimento realizado corriqueiramente por ginecologistas. Se eu digo que o método está "tão bom quanto aperfeiçoado", significa:

1. os reparos a serem feitos são pequenas melhoras do método.
2. hoje mesmo ele foi posto em prática no decorrer do nosso programa de esterilização eugênica regular, e pode, sim, substituir a intervenção cirúrgica.

Quanto às questões que você direcionou a mim, senhor, eu posso hoje respondê-las de uma forma que havia antecipado: se a pesquisa que eu estou realizando continuar a render os tipos de resultados que está produzindo até agora (e não há razão para que não seja o caso), então eu devo ser apto a reportar que no futuro previsível quando um médico for experiente, tiver um equipamento apropriado e a ajuda de dez auxiliares, será capaz de executar em um único dia a esterilização de centenas, ou até mesmo, mil mulheres".

2.3.3 Carta de Graum ao Reichsfuehrer-SS Himmler, Junho de 1943³⁸.

"Caro Reichsfuehrer,

O general-comissário do Fuhrer, SS Brigadefuehrer, Professor Dr. Brandt, me pediu para assisti-lo colocando prisioneiros à sua serventia na causa da hepatite infecciosa, a qual está promovendo consideravelmente.

O trabalho foi realizado até agora por um médico-capitão, Dr. Dohmen, no âmbito da inspeção e da pesquisa médica, com a participação do Instituto Robert Koch. Ele tem até agora nos guiado ao resultado de que a Hepatite não é transmitida por uma bactéria, mas por um vírus.

A fim de aumentar nosso conhecimento, o qual até agora foi baseado em experimentos com vacinação de homens para animais; o caminho contrário neste momento faz-se necessário, ou seja, a vacinação dos germes do vírus nos humanos. Deve se esperar casos de morte."

3. O impacto no mundo atual

3.1 O Tribunal de Nuremberg

O final da Segunda Guerra Mundial se deu em 8 de maio de 1945. Com uma derrota definitiva e o término do Terceiro Reich, Hitler suicidou-se. A partir desse momento, os Estados Unidos, a França, a Grã Bretanha e a União Soviética assumem a responsabilidade de recompor o que a guerra havia destruído. Por uma iniciativa americana, os líderes nazistas foram levados ao tribunal. Na Alemanha, o Tribunal de crime de guerras de Nuremberg perdurou de novembro de 1945 a abril de 1949.

Apesar de haver uma estimativa de 350 médicos nazistas que cometeram crimes, em outubro de 1946, somente 20 médicos e três assistentes médicos alemães foram levados à justiça em Nuremberg. Alguns foram sentenciados à pena de morte no julgamento militar de Dachau, outros, fugiram (incluindo o infame Josef Mengele).

Os réus poderiam ser indiciados por quatro crimes: conspiração; crime de guerra; crimes contra a humanidade (entre eles, assassinatos, brutalidades, crueldades, torturas, atrocidades e atos desumanos) e por organização

34. Comandante militar da *Schutzstaffel* e um dos principais líderes do partido nazista. (ENTERPRISE, America-Israeli Cooperative. Jewish Virtual Library. Disponível em: <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Holocaust/medtoc.html>>. Acesso em: 12/06/2015)

35. "Biblioteca do congresso": Biblioteca de pesquisa americana considerada a maior do mundo.

36. *Nazi Conspiracy and Aggression* - Washington, U.S Govt. Print. Off., 1946, Supp. A, p. 1279. Tradução livre feita pela autora.

37. *Trials of War Criminals Before the Nuremberg Military Tribunals* - Washington, U.S Govt. Print. Off., 1949-1953, Vol 1, p. 730. Tradução livre feita pela autora.

38. *Nazi Conspiracy and Aggression* - Washington, U.S Govt. Print. Off., 1946, Supp. A, p. 1273. Tradução livre feita pela autora.

criminal (SS). Eram divididos em três grupos: oito eram membros do serviço médico das Forças Armadas alemã, sete eram membros do serviço médico da SS e oito eram médicos renomados na Alemanha.

Todos declararam-se inocentes. Entre alguns dos depoimentos relevantes, está o de Karl Brandt³⁹: “It is immaterial for the experiment whether it is done with or against the will of the person concerned... The meaning is the motive - devotion to the community... ethics of every form are decided by an order or obedience”⁴⁰. Dezesesseis réus foram condenados: sete deles à pena de morte, cinco à prisão perpétua, dois a vinte anos na prisão, um a quinze anos na prisão e um a dez anos. Os outros seis médicos foram absolvidos.



Foto 7: Os médicos no Julgamento de Nuremberg. Fonte: <http://4.bp.blogspot.com/-5nYf1a8UJKA/UsuPg960ZEI/AAAAAAAAADPE/IX3Cluy78nA/s1600/caso-medico-nuremberg-acusados.jpg>

3.2 O primeiro decreto de ética médica

O julgamento dos experimentos médicos nazistas, além de condenar os culpados, resultou em um código internacional de ética médica, o “Código de Nuremberg”. Após a tragédia ocorrida durante o Holocausto, observou-se que a ciência poderia ser usada como instrumento de maleficência.

Para que se impedisse isso, deveriam ser criados critérios globais de ética nos campos de experimentação e de pesquisa com humanos. A elaboração destes preceitos éticos no mundo da ciência marcou o início da Bioética. Alguns dos princípios que satisfazem conceitos morais, éticos e legais, são⁴¹:

1. o consentimento voluntário do ser humano é absolutamente essencial;
2. a pesquisa deve ser baseada em experiências prévias com animais;
3. os riscos devem ser justificados com base nos benefícios que se espera obter;
4. o sofrimento físico e mental deve ser evitado;
5. pesquisas nas quais morte ou dano irreversível e incapacitante são esperados não devem ser realizadas;
6. o experimento deve ser conduzido apenas por pessoas cientificamente qualificadas.

39. SPITZ, V. p. 258.

40. “É irrelevante para o experimento se é feito com ou sem o consentimento da pessoa em questão... O significado é o motivo - devoção à comunidade... toda forma de ética é decidida por uma ordem ou obediência” (Tradução feita pela autora).

41. **Tribunal Internacional de Nuremberg - 1947**. Trials of war criminal before the Nuremberg Military Tribunals. Control Council Law 1949;10(2):181-182. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/nuremcod.htm>>. Acesso em: 9/4/2015.

42. COHEN, Baruch. The Ethics Of Using Medical Data From Nazi Experiments. <<http://www.jlaw.com/Articles/NaziMedEx.html>>.

3.4 A utilização da pesquisa realizada pelos nazistas: a questão da ética.

Atualmente, existe um grande debate a respeito do uso ou não dos dados da medicina nazista. Inquestionavelmente, os experimentos realizados estão entre os mais desumanos na história da espécie humana, contudo, alguns médicos e especialistas afirmam que, ainda que obtidos por meios trépidos, o uso dos seus documentos poderiam ser decisivos no avanço da medicina atual.

Por outro lado, outros afirmam vigorosamente a impossibilidade de resgatar tais dados, justificando-se pela memória das vítimas, pela falta de exatidão dos experimentos e pela categórica ideologia nazista. Faz-se necessário avaliar alguns dos argumentos contra, bem como os a favor. Pode o mal gerar o bem?

3.4.1 Pró-uso

Os argumentos a favor do uso dos dados científicos nazistas estão, sobretudo, vinculados à ideia de progresso médico e conseqüente preservação da vida. Ainda que os que o apoiam, condenem os métodos e respeitem as vítimas dos experimentos, acreditam que o possível benefício à sociedade os sobrepe.

Atualmente, existem dois principais dilemas médicos que envolvem o acesso aos documentos⁴². O primeiro, é o do médico Robert Pozos, diretor do laboratório de hipotermia da Universidade de Minnesota. Sua pesquisa volta-se ao método mais eficiente de reaquecer vítimas congeladas. No campo de concentração de Dachau, o Dr. Rascher foi o principal dirigente dos experimentos com hipotermia. Além de suas anotações meticulosas sobre temperatura corporal, batimento cardíaco e resposta muscular, Rascher desenvolveu a técnica de “reaquecimento ativo rápido”.

Apesar de já ter realizado uma multiplicidade de tentativas (cobertores quentes, fluidos quentes nas cavidades corporais, imersão em banheiras quentes, corpo com corpo, entre outras), muitos pacientes foram perdidos. Pozos acredita que os dados Nazistas preencheriam o espaço que falta em sua pesquisa.

O segundo dilema médico trata do uso dos dados nazistas que envolvem o gás fosgênio. A pesquisa sobre o gás é feita pela EPA - Environmental Protection Agency (Agência de proteção ambiental) e busca os efeitos dele nos pulmões humanos, principalmente em residentes de áreas rurais.

O uso nazista do gás foi empregado nos experimentos que pretendiam reproduzir situações de batalha na Guerra, uma vez que havia suspeita de um ataque francês utilizando-o. O efeito nas pessoas submetidas como teste foi de fraqueza e edema pulmonar, bem como quatro mortes.

Apesar da importância na pesquisa da EPA, o uso dos documentos foi banido. Acredita-se que muitas vidas de

moradores rurais poderiam ter sido salvas, bem como as dos soldados americanos que sofreram ataques químicos por Sadam Hussein, no Golfo Pérsico.

Além da posição a favor dos médicos atuais, alguns sobreviventes do Holocausto apoiam a causa, como pode ser observado no depoimento de uma das vítimas:

As a child of survivors of the Holocaust, I have strong empathy for those opposed to the data's use. Nevertheless, as a physician who deals with children and has seen them comatose, brain damaged, and dead from hypothermia, my sense is that to save one child through the use of this information is worthwhile^{43, 44}

Em uma análise do advogado Barauch Cohen a respeito da ética de se usar os dados, foi feita uma analogia com transplante de coração. Suponhamos que temos os pacientes A e B. Ambos encontram-se no limiar da morte e um médico decide retirar o coração de A, que ainda está vivo, para salvar B. O coração deve ser dispensado? Ainda que salvasse a vida de B? A despeito de não haver uma certeza do poder de salvar vidas dos dados nazistas, como existem pesquisas que indicam que um transplante de coração aumenta em 80% as chances de viver, a situação hipotética mostra-nos uma situação em que a vida pode emergir da morte.

Em contraste às questões da ciência médica e da ética, também existe uma questão moral que é levantada: o Holocausto é veemente negado por muitas pessoas. Tal postura fere não somente a história, como as vítimas do acontecimento. Uma publicação dos relatórios provariam uma parte das atrocidades que foram realizadas. Como disse uma professora judia de medicina: "They tried to burn the bodies and to suppress the data. We must not finish the job for them"^{45, 46}

3.4.2 Contra o uso

Para uma análise a respeito do debate contra o uso dos dados médicos nazistas ser realizada, três aspectos devem ser levados em consideração: a incerteza de sua validade científica, uma vez que foi misturada com a ideologia dos médicos; uma possível abertura de precedentes para o incentivo de experimentação desumana e o respeito às vítimas.

A crença da necessidade de proteger a saúde ariana foi atrativa aos médicos alemães no período do Holocausto. Sua suposta base biológica abriu precedentes para que esses profissionais da saúde considerassem a higiene racial

muito mais do que sua própria ideologia, mas seu dever como cidadão.

Em um artigo⁴⁷ sobre o Dr. Josef Mengele, o professor da Faculdade de Cambridge, Richard Evans (2008) argumenta:

For German doctors, a camp inmate was either a racial inferior subhuman, a vicious criminal, a traitor to the German cause (...) they had no right to life or wellbeing (...) it was logical that they should be sacrificed in the interests of the survival and triumph of the German race.⁴⁸

É explícita, portanto, aos que negam o uso das pesquisas nazistas, a fragilidade científica, bem como a falta de integridade dos experimentos que tem como motivação a busca da superioridade racial ariana. Ao expressar-se quanto à "pseudociência" nazista, o General da Brigada Telford Taylor, advogado-chefe de Nuremberg, diz⁴⁹: "a ghostly failure as well as a hideous crime... Those experiments revealed nothing which civilized medicine can use"⁵⁰.

Para além do valor científico, debate-se sobre o impacto que pode ser gerado na sociedade atual. Um incentivo à experimentação antiética é levado em consideração, visto que esse tipo de conduta não ocorreu somente no Holocausto, mas anos depois também.

Dois exemplos podem ser citados: em 1950, pesquisadores da universidade de NYU (Universidade de Nova York) infectaram crianças da Instituição Willowbrook (voltada a crianças com deficiências mentais sérias) com o vírus da hepatite, a fim de desenvolver uma vacina contra a doença⁵¹.

Em 1963, médicos do Hospital de Doenças Crônicas Judias dos Estados Unidos injetaram células cancerígenas vivas em pacientes extremamente doentes e debilitados, a fim de medir a habilidade do organismo em rejeitar células estrangeiras. Os afetados não foram informados do procedimento⁵². Por conseguinte, é temido que o uso dos dados nazistas contribuam para o pensamento de que é aceitável acabar com algumas vidas pelo bem de outras.

O respeito ao sofrimento e à memória das vítimas do Holocausto são cruciais para a compreensão do porquê das pessoas negarem o uso dos dados. Com exceção das vítimas que defendem seu uso, muitas são contra, a exemplo de Eva Mozes⁵³:

Today some doctors want to use the only things left by these victims. They are like vultures waiting for the corpses to cool so they could devour every consumable

43. Médico anônimo.

44. "Tendo sido criança entre os sobreviventes do Holocausto, eu tenho imensa empatia aos que se opõem ao uso dos dados. Entretanto, como um médico que lida com crianças e já presenciou coma, dano cerebral e morte por hipotermia, acredito que salvar uma criança pelo uso dessas informações vale a pena" (Tradução feita pela autora).

45. Caplan, 1992, pg. 170.

46. "Tentaram queimar os corpos e suprimir os relatórios. Nós não devemos finalizar o trabalho por eles." (Tradução feita pela autora).

47. EVANS, Richard. *How Hitler perverted the course of science*. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/science/science-news/3540339/How-Hitler-perverted-the-course-of-science.html>> Acesso: 10/04/2015.

48. "Para os médicos alemães, um prisioneiro do campo era ou um subumano de raça inferior, ou um criminoso perverso, ou um traidor à causa alemã (...) eles não tinham direito à vida ou bem-estar (...) era lógico que eles deveriam ser sacrificados pelos interesses da sobrevivência do triunfo da raça alemã."

49. *Trials of War Criminals Before the Nuremberg Military Tribunals Under Control Council, United States Government Printing Office, 1949-1953*.

50. "Uma falha fantasmagórica, bem como um crime hediondo... Aqueles experimentos não revelaram nada que a medicina civilizada pode utilizar."

51. GRODIN, M; GLANTZ, L. 1994, pg. 18.

52. KATZ, J. 1972, pg. 4.

part. To use the Nazi data is obscene and sick. One can always rationalize that it would save human lives; the question should be asked, at what cost?⁵⁴

Ao contrário do que os que apoiam dizem - que utilizar

os dados significaria criar um propósito do sofrimento de seis milhões de pessoas, salvando vidas hoje - os que são contra acreditam que honrar pessoas que sofreram, jamais será feito utilizando-se dos meios de seu sofrimento.

CONCLUSÃO

“Eu juro, por Apolo médico, por Esculápio, Hígia e Panacea, e tomo por testemunhas todos os deuses e todas as deusas, cumprir, segundo meu poder e minha razão, a promessa que se segue:

Estimar, tanto quanto a meus pais, aquele que me ensinou esta arte; fazer vida comum e, se necessário for, com ele partilhar meus bens; ter seus filhos por meus próprios irmãos; ensinar-lhes esta arte, se eles tiverem necessidade de aprendê-la, sem remuneração e nem compromisso escrito; fazer participar dos preceitos, das lições e de todo o resto do ensino, meus filhos, os de meu mestre e os discípulos inscritos segundo os regulamentos da profissão, porém, só a estes.

Aplicarei os regimes para o bem do doente segundo o meu poder e entendimento, nunca para causar dano ou mal a alguém.

A ninguém darei por prazer, nem remédio mortal nem um conselho que induza a perda. Do mesmo modo não darei a nenhuma mulher uma substância abortiva.

Conservarei imaculada minha vida e minha arte.

Não praticarei a talha, mesmo sobre um calcuroso confirmado; deixarei essa operação aos práticos que disso cuidam.

Em toda casa, aí entrarei para o bem dos doentes, mantendo-me longe de todo o dano voluntário e de toda a sedução, sobretudo dos prazeres do amor, com as mulheres ou com os homens livres ou escravizados.

Aquilo que no exercício ou fora do exercício da profissão e no convívio da sociedade, eu tiver visto ou ouvido, que não seja preciso divulgar, eu conservarei inteiramente secreto.

Se eu cumprir este juramento com fidelidade, que me seja dado gozar felizmente da vida e da minha profissão, honrado para sempre entre os homens; se eu dele me afastar ou infringir, o contrário aconteça.”⁵⁵

tar ou infringir, o contrário aconteça.”⁵⁵

Somos nós quem escolhemos se a ciência deve servir para o bem ou para o mal, pelo modo com que escolhemos utilizá-la. O juramento de Hipócrates pode ser considerado um dos passos mais importantes da formação na Medicina, estando além do poder de diagnosticar e curar um paciente. Esse pequeno texto instrui o médico no que deve ser, fazer e ensinar, e este jura sob todas as circunstâncias. Os realizadores dos experimentos médicos negligenciaram o juramento em todos os seus aspectos.

A força das ideias nazistas foi capaz de reduzir os seres humanos a elementos de experimentação. Os médicos incorporaram o papel de perpetuadores da supremacia ariana, realizando o possível para que suas conclusões, a partir dos experimentos, comprovassem a hegemonia alemã. Utilizar dados que foram resultados dessa cegueira ideológica é extremamente questionável.

Progresso científico não é um compromisso incondicional. A informação contida nos dados dificilmente está na frente da ciência contemporânea. Utilizá-los, apesar da tortura e da coerção, significa dispor do mesmo encorajamento dos médicos nazistas: o avanço científico a qualquer custo. Posto isso, dizer que a morte dessas milhares de pessoas tem um significado, pois pode beneficiar a sociedade, é um imenso paradoxo.

A história estará para sempre marcada pelo Holocausto. Devido à mistura de ideologia, displicência médica e mera crueldade, concluo que os fins dos experimentos jamais justificarão seus meios, devendo permanecer no passado junto com suas vítimas. No presente, somente suas memórias e honra se perpetuem.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Letícia. **HISTÓRIA conexões parte III: Da expansão imperialista aos dias atuais**. Moderna. 2010, Brasil.
- ARAUJO, Virginia. **O ato médico no crime de tortura**. 2012. Dissertação (Mestrado em Direito) Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BARRAQUI, Douglas. A “ciência” de Hitler: por um bem maior. 8 de Janeiro de 2011. Disponível em: <<http://doughnahistoria.blogspot.com.br/2011/01/ciencia-de-hitler-por-um-bem-maior.html>>. Acesso em 28/10/2014.

53. Holocaust, 2001, pg. 2.

54. Atualmente, alguns médicos querem utilizar-se da única coisa que foi deixada por essas vítimas. Eles são como urubus esperando os cadáveres esfriarem para que possam devorar cada parte comestível. Usar os dados nazistas é obscuro e doente. Uma pessoa pode sempre pensar que os dados poderiam salvar vidas, a questão que deve ser posta é: a que custo? (Tradução feita pela autora).

55. Juramento de Hipócrates. Disponível em: <<http://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Historia&esc=3>>. Acesso em: 09/06/2015.

- BERGER, Robert L. Nazi Science: The Dachau Hypothermia Experiments. **New England Journal of Medicine**. Vol. 322 No. 20, 5/17/90, p. 1435-1440.
- BERGMAN, Jerry. Darwinism And The Nazi Race Holocaust. Answers in Genesis, 1999. Disponível em: <<http://trueorigin.org/holocaust.php>>. Acesso em: 5/4/2015.
- COHEN, Baruch. The Ethics Of Using Medical Data From Nazi Experiments. Disponível em: <<http://www.jlaw.com/Articles/NaziMedEx.html>>. Acesso em 22/01/2015.
- DYAL, Elizabeth. **Nazi Medical Experimentation: Should the Data Obtained be Used?** Southern Illinois University Carbondale, 2001.
- ENTERPRISE, America-Israeli Cooperative. Jewish Virtual Library. Disponível em: <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Holocaust/medtoc.html>>. Acesso em: 22/01/2015.
- GILBERT, Martin. **The Holocaust: The Jewish Tragedy**. Londres, Collins, 1986.
- GOLDIM, José. **Eutanásia - Alemanha Nazista 1939-1941**. UFRGS Bioética. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/eutnazi.htm>>. Acesso em: 27/01/2015.
- GORSKI, David. Was nazi Science a good Science? 4 de Dezembro de 2008. Disponível em: <<http://scienceblogs.com/insolence/2008/12/04/was-nazi-science-good-science/>>. Acesso em: 21/01/2015.
- GRODIN, Michael A. e GLANTZ, Leonard H. Children as Research Subjects: Science, Ethics and Law. Nova York, Oxford University Press, 1994.
- J. LIFTON, Robert. **The nazi doctors: Medical killing and the psychology of genocide**. Basic Books. Nova Iorque, Estados Unidos, 1986.
- KATZ, Jay. **Experimentation with Human Beings**. Yale University, Nova York, 1972.
- KNOW GENETICS. San Diego, 2013. Disponível em: <<http://knowgenetics.org/about-us/>>. Acesso em: 8/04/2015.
- MARQUES, João. Quais foram as experiências feitas pelos médicos nazistas durante a II Guerra Mundial?. 2013. Disponível em: <<http://www.muitointeressante.com.br/pq/quaisforam-as-experiencias-feitas-pelos-medicos-nazistas-durante-a-ii-guerra-mundial>>. Acesso em: 28/10/14.
- Nazi Medicine: The Anti-Hippocratic Legacy**. Cedarville university, 2000. Disponível em: <<http://www.cedarville.edu/Search.aspx?q=nazi>>. Acesso em: 9/04/2015.
- PEDROSA, Paulo. Eugenia: o pesadelo genético do século XX. Parte III: a ciência nazista. MONTFORT Associação Cultural. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/old/index.php?secao=veritas&subsecao=ciencia&artigo=eugenia_ciencia_nazista&lang=bra>. Acesso em: 28/10/2014.
- PELTON, Douglas. Revisão de **Racial Hygiene: Medicine Under the Nazis**. Robert Proctor Cambridge, Harvard University Press, 1988.
- REZENDE, Rodrigo. Doutores da agonia. Revista **Super Interessante**, Alemanha. Revista Veja, especial História do Mundo. **A paz em termos**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/historia/primeira-grande-guerra-mundial/1919-junho-nova-europa/assinatura-tratado-versalhes-cerimonia-criticas.shtml>>. Acesso em: 11/4/2015.
- RUBENFELD, Sheldon. **Medicine after the holocaust**. Palgrave Macmillan. Estados Unidos. Fevereiro, 2010.
- SCHAEFER, Naomi. The Legacy of Nazi Medicine. Revista **The New Atlantis**. Número 5, 2004, p. 54-60. Washington, Estados Unidos.
- SIEGEL, Barry. "Can Evil Beget Good? Nazi Data: A Dilemma for Science." **Los Angeles Times**, 10/30/88, p. 1.
- SHAMASH: The Jewish Network. 1990-2014. Disponível em: <<http://www.shamash.org>>. Acesso em: 10/06/2015.
- STEINBERG, Jonathan. **The Ethical Use of Unethical Human Research**. New York University.
- SPITZ, Vivien. **Doctors from hell: The Horrific Account of Nazi Experiments on Humans**. Sentient Publications. Boulder, Colorado, Estados Unidos, 2005.
- THE LIBRARY OF CONGRESS. Trials of War Criminals Before the Nuremberg Military Tribunals Under Control Council Law No. 10. 16 de Julho de 2010. Disponível em: <http://www.loc.gov/rr/frd/Military_Law/NTs_war-criminals.html>. Acesso em: 11/06/2015.
- THE PRESIDENT AND FELLOWS OF THE HARVARD COLLEGE. **Nuremberg Trials Project: A digital document collection**. Introduction to NMT Case 1 U.S.A. v. Karl Brandt et al. Disponível em:
- U.S. Holocaust Memorial Museum. **Trials of War Criminals before the Nuremberg Military Tribunals under Control Council Law No. 10**. Nuremberg, Outubro 1946 - Abril 1949.
- WEINDLING, Paul. **Nazi Medicine and the Nuremberg Trials: from medical war crimes to informed consent**, Palgrave Mcmillan, Nova York, 2004.

FEMINISMO: QUEBRANDO BARREIRAS

BEATRIZ MARZUR BARBOZA
3ª série C

Obrigada aos meus pais, Adriana e Edmilson, por me apoiarem e me propiciarem tudo o que podem; à professora Ana Paula Severiano, que se tornou um verdadeiro modelo para mim e me encorajou imensamente, além de ser uma impecável tutora; a Eduardo Valladares, pelo enorme apoio e sabedoria; a todos os professores e à equipe do Colégio Stockler pela paciência, carinho e dedicação; a toda a minha família, queridos primos e primas, tios e avós, além de meus amigos, sem os quais não teria inspiração ou motivo para nada. Agradeço muito à Sarah Myers que está sempre comigo, apesar da distância, e me proporciona tantas discussões importantes; Fernanda Barcelos (por ficar sempre do meu lado e entender minha paixão por justiça social) e Júlia Gaudencio; minha tia Leila C. Barboza B. de Melo pelo exemplo de persistência e pela contribuição ao projeto.

Dedico este trabalho à minha bisavó, Anna Lopes Bravo (*in memoriam*), que foi uma mulher incrível e continua em minha vida por meio de seus exemplos e de sua história. Também a todos os heróis e heroínas, famosos ou anônimos, que, como ela, contribuíram e contribuem para trazer mudanças positivas ao mundo.

Resumo

O objetivo deste trabalho é explorar o sentido do feminismo e a necessidade dele na sociedade, que ainda é patriarcal na maioria dos seus aspectos. As várias formas pelas quais o machismo se manifesta (por exemplo, as cantadas de mau gosto nas ruas, a cultura do estupro, a má representação da mulher na mídia e em cargos impor-

tações) e as consequências dessas atitudes são analisadas, bem como as soluções propostas pelo feminismo. Em geral, levando em conta como o feminismo é visto de maneira distorcida por muitos, o trabalho procura mostrar o verdadeiro significado do movimento: a igualdade social, econômica e política dos sexos.

Palavras-chave: feminismo, igualdade, justiça social, sexismo

Abstract

The goal of this report is to explore the meaning and the necessity of feminism in our society, which is still mainly patriarchal. The many ways in which sexism presents itself (for instance, catcalls, rape culture, bad female representation in the media and in important positions) and its con-

sequences are analysed, as well as the solutions proposed by feminism. In general, since feminism is seen in a distorted way by many people, this report seeks to show the real meaning of this movement: the social, economic and political equality of the sexes.

Keywords: feminism, equality, social justice, sexism

Introdução

“O que é o feminismo?”. Essa é uma pergunta tão simples mas ao mesmo tempo tão poderosa e essencial, que deveria ser feita por alguém antes de crucificar uma pessoa por se declarar feminista. A resposta, como qualquer um que conviver e se aprofundar no universo feminista logo perceberá, é: movimento essencial que defende a igualdade política, social e econômica entre homens e mulheres. Mesmo assim, a doutrina é distorcida por grande parte das pessoas. A atriz Ellen Page expõe esse conflito de forma clara, em uma entrevista ao site *The Guardian*, em julho de 2013: “Poderia ser mais claro que ainda vivemos em uma sociedade patriarcal quando ‘feminismo’ é um palavrão?” Em uma sociedade onde o problema de gênero é tão grande, mas tão negligenciado, é essencial que haja maior educação e conscientização em relação ao assunto.

A ideia equivocada de que feministas “odeiam os homens” é o principal problema do modo como a sociedade as representa, já que a doutrina se baseia na igualdade entre os sexos, prezando pelos direitos humanos. Como apontado pela atriz Emma Watson, atriz e embaixadora das Nações Unidas, em seu discurso para a campanha “HeForShe”¹, o problema de desigualdade de gênero afeta a todos, e homens e meninos também devem ser convidados e trazidos para o movimento feminista. Hoje, uma mulher ou menina ainda é criticada e chamada de mandona por querer fazer algo que um homem faz ou estar em uma posição de direção, por exemplo. E muitos meninos continuam sendo ridicularizados por serem sensíveis ou expressarem sentimentos - elementos considerados femininos e, portanto, diminuídos e distorcidos.

Em suma, o feminismo preza a liberdade. A liberdade para sermos sensíveis e para sermos fortes sem sermos alvo de humilhações e de limitações devido ao sexo. A liberdade para uma mulher se vestir como quiser e poder andar pelas ruas sem medo de ser violentada ou estuprada. Segundo uma pesquisa feita na Inglaterra e em Wales em 2009 pelo *Home Office Violence Against Women Opinion Polling*, 36% das pessoas acreditam que uma mulher deve ser considerada responsável, toda ou parcialmente, por ser assediada ou estuprada se estiver bêbada - e de acordo com um levantamento feito em 2010 pela organização *Opinion Matters*, 33% dos homens não consideram fazer sexo com alguém que disse “não” ao estupro.

Há uma intensa normalização do comportamento machista na sociedade - isso fica claro na prática do *catcalling*, ou seja, as cantadas inapropriadas e rudes dirigidas a para mulheres nas ruas. Essa e outras formas de assédio sexual (incluindo a violência física, a intimidação, a perseguição, e a humilhação) são muito comuns, mas são frequentemente normalizadas, ou seja, tratadas como se fossem aceitáveis, pela sociedade. Uma jovem americana que preferiu não se identificar, entrevistada

pela autora desta pesquisa, em 2014, por meio da *internet*, conta sua experiência (tradução da autora):

“Eu tenho 19 anos, mas muitas vezes as pessoas acham que sou mais nova, geralmente 16. Eu já fui seguida por quatro homens mais velhos no passado (que eu saiba). Meu problema mais recente foi há algumas semanas atrás.

Eu estava andando por uma rua agitada um pouco longe da minha casa porque eu queria fazer uma caminhada e relaxar. Agora me sinto muito insegura sobre mim mesma e pessoas olhando para mim, então eu nunca visto nada que não cubra minhas pernas e sempre uso um suéter. Enquanto eu estava andando, alguém buzinou para mim. Eu achei que era só alguém que eu conhecia (não consegui ver quem era, só o caminhão) então eu só acenei e continuei andando. Então eu vi o mesmo caminhão me seguindo lentamente. Fiquei nervosa e continuei andando, olhando para o chão. Ele me chamou do caminhão e se apresentou. Eu olhei rapidamente para ele e disse ‘mmm... oi...?’ do modo mais desinteressado que eu pude. Ele continuou tentando conversar comigo. Disse que eu parecia solitária, para o que eu respondi ‘Não, estou bem’. Ele me olhou por um momento e disse ‘Bem, sabe, eu vi uma jovem tão bonita andando sozinha pela rua parecendo meio solitária, e achei que tentaria pegar alguém’. Eu lhe joguei um olhar enojado e falei ‘Não, eu estou bem’.

Lembre-se, eu pareço muito jovem e esse homem tinha provavelmente uns 30 anos. A expressão dele mudou quando eu disse aquilo e ele se calou. Esse tempo todo ele esteve andando do meu lado. Ele me encarou por um momento e disse ‘Bem, parece que você não está interessada’ em um tom bem diferente. ‘Acho que vou embora então...’ O jeito que ele disse me deixou com medo. Ele foi de um tom ‘acolhedor’ a um mais sombrio. Ele continuou me seguindo, então se virou e foi embora. Fiquei com muito medo, achando que ele iria me seguir até minha casa pelo jeito que estava falando. Liguei para o meu namorado me buscar. Assustada demais para ir dar caminhadas agora.”

O efeito do machismo em nossa vida é direto, como se percebe pelo depoimento dessa jovem, que precisa se preocupar ao andar sozinha pela rua; algo a mais não ocorreu nesse caso, mas poderia ter ocorrido, por isso ela agora tem medo de simplesmente vestir-se como quer ou andar sozinha.

O problema de gênero também se apresenta na limitação da presença feminina em diversos cargos ou atividades. Segundo *The Democratic Audit of the United Kingdom* (3.2.3 Women in Political Life), apenas 16% dos altos cargos ministeriais são ocupados por mulheres. A falta, ou inadequação, de representação feminina vai da mídia até a política. Esse problema também foi tratado por Emma Watson em seu discurso (tradução da autora):

1. “HeForShe” é uma organização que defende o movimento pela igualdade de gênero e busca mostrar que homens também podem ser feministas e que “uma metade da humanidade deve se juntar para dar força à outra metade da humanidade”.

I think it is right that I should be able to make decisions about my own body. I think it is right that women be involved on my behalf in the policies and decision-making of my country. I think it is right that socially I am afforded the same respect as men. But sadly I can say that there is no one country in the world where all women can expect to receive these rights.²

Uma das mais violentas manifestações do machismo na atualidade é a chamada “cultura do estupro”, ou seja, a normalização do assédio sexual na sociedade. Essa se dá principalmente pelo ato de culpar a vítima - a pergunta “o que ela estava vestindo?” ainda é feita após um episódio, por exemplo - e de justificar ou perdoar o comportamento violento do homem. Qualquer um pode ser vítima de assédio sexual, independentemente de gênero, mas é inegável que as mulheres são a maioria dos alvos. Segundo a RAINN (Rape, Abuse and Incest National Network), em 2003 nos Estados Unidos, de dez vítimas de estupro, nove foram mulheres. Além disso, um estudo de 2007, conduzido por Christopher P. Krebs para o Instituto Nacional de Justiça

dos Estados Unidos, revelou que uma em cada cinco mulheres em campus de universidade sofreram assédio sexual em algum momento. Em muitos casos, essa mulher ainda terá culpa imposta a si pela violência que sofreu, quando, na verdade, a culpa nunca é da vítima - não importa o que ela vista ou faça.

As estatísticas são assustadoras e representam fielmente a realidade de milhares de mulheres e meninas no mundo todo. Até mesmo no colégio, meninas são proibidas de vestirem *shorts* ou deixarem a alça do sutiã aparecer sob a justificativa de serem “distrações” para os alunos. Pelo simples ato de vestir um *shorts* em um dia quente, meninas são submetidas a essa condição degradante quando na verdade não são responsáveis pelas ações de outros. Enquanto isso, meninos continuam vestindo camisetas com frases ou ilustrações machistas, como a famosa “Cool story, babe. Now go make me a sandwich.” (que se traduz, basicamente, para: “História legal, querida. Agora vá me fazer um sanduíche”). Por que em vez de ensinarmos nossos alunos a agirem de forma respeitável, mudamos a aparência de nossas alunas?

1. O Machismo na Sociedade Atual

Apesar de muitos (em sua maioria, os indivíduos privilegiados) negarem a existência do machismo, esse é um problema sério que afeta uma grande parte da população. Às vezes aparece mascarado, mas se manifesta das mais diversas formas, desde a representação das mulheres na mídia, à cultura do estupro, até as “cantadas” usadas nas ruas. Como apontam os dados da Hollaback, uma organização que tem como objetivo acabar com o assédio sexual nas ruas e criar conscientização sobre esse assunto (inclusive por meio das redes sociais), 80 a 90% das mulheres sofreram esse tipo de assédio.

Feministas são muitas vezes crucificadas por criticarem essas manifestações do machismo, parte de um comportamento estabelecido pela sociedade patriarcal. Há uma grande diferença entre um elogio, apropriado e dado com respeito e uma das inúmeras grosserias que milhares de mulheres ouvem ao simplesmente andarem pela rua. Essas são o resultado de machismo acumulado, o fato de que é tratado como algo normal e a necessidade que muitos homens sentem em reafirmar sua masculinidade e seu “poder”. Esse problema é exposto em um vídeo (dirigido e produzido por Rob Bliss Creative) da iniciativa Hollaback que se espalhou pela internet rapidamente. Nele uma mulher simplesmente anda pelas ruas de Nova York e é assediada constantemente.

O fato de que uma mulher precisa se preocupar em andar sozinha na rua durante a noite (em certos lugares, até

mesmo de dia) é preocupante. As cantadas, muitas vezes, tornam-se violência física se a vítima apontar o problema e se revoltar, já que os agressores querem demonstrar seu poder de intimidação. Isso se relaciona com o problema geral do estupro e da violência sexual, já mencionado. Segundo a RAINN (Rape, Abuse and Incest National Network), em 2003 nos Estados Unidos, de dez vítimas de estupro, nove foram mulheres. Além disso, um estudo de 2007, conduzido por Christopher P. Krebs, Ph.D. para o Instituto Nacional de Justiça dos Estados Unidos, revelou que uma em cada cinco mulheres em campus de universidade sofreu assédio sexual em algum momento.

É repulsivo o ato de culpar a vítima após um episódio de violência sexual e, ainda assim, é muito comum. Perguntas como “mas o que ela estava vestindo?” ainda são feitas após uma mulher sofrer uma agressão desse tipo. Essa é uma das situações que melhor exemplifica o machismo, em uma de suas formas mais absurdas e revoltantes. Não importa o que a vítima estava vestindo ou se ela estava bêbada, por exemplo. Como afirmou o presidente Barack Obama na State of the Union de 2014, “rape is rape” (“estupro é estupro”) - e devemos parar de criar desculpas para esses crimes e não devemos agir como se fossem normais.

O machismo se apresenta em inúmeras formas, incluindo a injusta norma de roupas para meninas em escolas (já mencionada), piadas infames, a caracterização da mulher em filmes ou na mídia em geral, a diferença de salário en-

2. “Eu acho que é certo que, como mulher, eu receba o mesmo pagamento dos meus colegas homens. Eu acho que é certo que eu possa fazer decisões sobre meu próprio corpo. Eu acho que é certo que mulheres estejam envolvidas na política e nas decisões do meu país, me representando. Eu acho que é certo que socialmente eu receba o mesmo respeito que os homens. Mas infelizmente eu posso dizer que não há um país no mundo onde todas as mulheres podem esperar receber esses direitos.” (tradução da autora)

tre homens e mulheres em um mesmo cargo, simplesmente impregnado no modo de pensar de muitas pessoas. O site do jornal britânico *The Independent* publicou uma notícia, em 07/04/2015, sobre dois modelos de roupas para bebês em uma loja na *New York University*: o modelo para meninos era estampado com a frase *I'm super!* ("Eu sou super!"), enquanto o modelo para meninas apresentava a frase *I hate my thighs*. ("Eu odeio minhas coxas."). Uma criança que ainda nem sabe falar já é submetida ao molde que lhe é imposto pela sociedade, que dita que, por ser do sexo feminino, ela não é super, ou seja, não é poderosa, nem heróica, nem forte (diferente dos meninos) e deve preocupar-se com sua aparência (e, muito provavelmente, não ficar satisfeita com ela). Já é levada a crer que sua aparência não é "perfeita" o suficiente - uma pressão que crescerá cada vez mais conforme essa criança cresça.

Os padrões de como devem agir, como devem pensar e como ser, são impostos, de uma forma ou de outra, às meninas desde muito novas. O importante é que cada vez mais esses padrões sejam desafiados, e o verdadeiro significado de feminismo seja entendido - talvez o machismo não acabe completamente, mas é nosso dever fazer de tudo para que diminua ao máximo. Como diz o pesquisador, blogueiro e autor americano Eliezer Yudkowsky, "*you are personally responsible for becoming more ethical than the society you grew up in.*"³

Outras manifestações do machismo que afetam diretamente a vida das mulheres são a falta de representação feminina na política e a diferença de salário entre um homem e uma mulher em um mesmo cargo. Durante seu discurso

na State of the Union de 2014, o presidente Barack Obama discutiu esse o problema :

*Today, women make up about half our workforce. But they still make 77 cents for every dollar a man earns. That is wrong, and in 2014, it's an embarrassment. A woman deserves equal pay for equal work. She deserves to have a baby without sacrificing her job. A mother deserves a day off to care for a sick child or sick parent without running into hardship – and you know what, a father does, too. It's time to do away with workplace policies that belong in a "Mad Men" episode. Let's work together – Congress, the White House, and businesses from Wall Street to Main Street – to give every woman the opportunity she deserves. Because I believe when women succeed, America succeeds.*⁴

A falta de mulheres em cargos políticos também é um problema muito sério - temos vários políticos homens tomando decisões sobre leis que afetam principal e diretamente as mulheres. É interessante relacionar isso com uma fala do presidente Barack Obama que tem se mostrado um aliado nas causas das mulheres e da comunidade LGBT; no mesmo discurso — em uma conferência na Casa Branca — em que repudiou o estupro, Obama criticou os comentários feitos pelo republicano Tedd Akin sobre esse tópico e sobre aborto. O presidente dos Estados Unidos afirmou: "*So I think what these comments do underscore is why we shouldn't have a bunch of politicians, a majority of whom are men, making health care decisions on behalf of women.*"⁵

2. A Representação da Mulher

A representação da mulher na sociedade também continua distorcida. A figura feminina é constantemente mostrada como mais fraca, menos competente e objetificada. Segundo a UN Women (*United Nations Entity for Gender Equality and the Empowerment of Women*, criada pela Assembleia Geral das Nações Unidas), em locais onde mulheres fazem parte da polícia, a denúncia de violência sexual aumenta (é importante lembrar que as vítimas muitas vezes se sentem intimidadas ou até mesmo culpadas - com mulheres as representando na polícia, podem sentir-se mais confortáveis); mesmo assim, também segundo a UN Women, apenas 1 em 10 policiais no mundo é mulher.

A representação da mulher na mídia também é problemática. Quando não ausente, na maioria das vezes é distorcida,

objetificada e impõe um padrão de uma imagem construída e considerada perfeita. Desde muito cedo, meninas estão sob pressão para serem magras e colocarem a aparência em primeiro lugar e isso se reflete nos números: de acordo com o Instituto Nacional da Mídia e da Família (National Institute on Media and the Family), 53% de meninas americanas de 13 anos são infelizes com seus corpos. Aos 17 anos, esse número aumenta para 78%. Além disso, segundo um estudo da organização Kaiser Foundation, realizado por Nancy Signorielli (professora da Universidade de Delaware) , 56% dos comerciais que tinham como alvo meninas adolescentes focavam na beleza e na aparência; pode ser dito o mesmo sobre apenas 3% de comerciais para homens.

Essa expectativa inalcançável imposta às mulheres e

3. "Você é pessoalmente responsável em se tornar mais ético do que a sociedade na qual você cresceu." (tradução da autora)

4. "Hoje, as mulheres compõem metade de nossa força de trabalho. Mas elas ainda ganham 77 centavos para cada dólar que um homem ganha. Isso é errado, e em 2014, é uma vergonha. Uma mulher merece pagamento igual por trabalho igual. Ela merece ter um bebê sem sacrificar seu trabalho. Uma mãe merece um dia de folga para cuidar de seu bebê ou pai doente sem entrar em dificuldades - e quer saber, um pai merece, também. É hora de acabar com políticas de local de trabalho que pertencem a um episódio de 'Mad Men'. Vamos trabalhar juntos - o Congresso, a Casa Branca, e negócios de Wall Street até Main Street - para dar a toda mulher a oportunidade que ela merece. Porque eu acredito que quando as mulheres sucedem, a América sucede." (tradução da autora)

5. "Esses comentários deixam claro por que nós não devíamos ter um monte de políticos, a maioria homens, tomando decisões pelas mulheres." (tradução da autora)

meninas podem ter sérios efeitos em sua vida. Segundo a ANAD (*National Association of Anorexia Nervosa and Associated Disorders*), uma organização dedicada à prevenção de distúrbios alimentares, 69% das meninas da 5ª à 12ª série (padrão de séries americano) entrevistadas afirmam que fotos em revistas influenciam sua ideia de um corpo perfeito. Além disso, 81% das meninas de 10 anos têm medo de serem gordas. De acordo com o site Encyclopedia of Mental Disorders, o *Body Dysphornic Disorder* (BDD) é um distúrbio mental causado pela preocupação excessiva, e muitas vezes prejudicial, com supostos defeitos de aparência. Além de causas neurobiológicas, a influência da mídia é uma importante causa psico-social: a constante representação de apenas pessoas com corpos considerados “perfeitos” podem levar uma criança ou uma jovem a pensar que se não estão naquele padrão, não são suficientes.

A hipersexualização e a objetificação são amplamente utilizadas na representação feminina na mídia, principalmente em videogames e revistas em quadrinhos. Além de serem muito mais raras do que super-heróis homens, as super-heroínas normalmente são desenhadas em posições fisicamente impossíveis e distorcidas, em uniformes que não seriam nada práticos - por isso, um grupo de fãs de quadrinhos criou uma iniciativa para criticar e expor o problema: The Hawkeye Initiative, que substitui as mulheres em poses hipersexualizadas pelo super-herói Hawkeye (Gavião Arqueiro), da Marvel e, eventualmente, outros personagens masculinos famosos, mostrando e combatendo a ridícula e desrespeitosa representação da maioria de super-heroínas femininas.

A falta de representação de personagens mulheres em filmes ou séries, por exemplo, é um problema que deve ser muito mais discutido. A maioria dos filmes não representa a realidade - são extremamente dominados por homens, que recebem papéis complexos e centrais, enquanto as personagens femininas aparecem como mais fracas, estereotipadas, planas ou objetificadas. Meninos crescem com inúmeros personagens modelos, diversificados e fortes. Mas a realidade é que mulheres são tão importantes e capazes quanto esses personagens masculinos, e a mídia não reflete isso. A atriz Hayley Atwell discutiu o problema em uma entrevista ao site Digital Spy:

*Where are the women? Where are the women who are leading and not just the hot sex symbol in the tight outfits, or the aggressive ones with their sexy action sequences? Where are the ones that are battling with their own identity like Iron Man is? Or trying to make a difference in the forefront?*⁶

Felizmente, devido a algumas celebridades feministas

que ajudam a espalhar a mensagem do movimento, algumas séries, livros e filmes estão finalmente começando a introduzir uma melhor representação de personagens femininas. A série de televisão “Agent Carter”, da Marvel, por exemplo, tem como protagonista a personagem Peggy Carter. Passa-se depois da suposta “morte” de Steve Rogers (Capitão América), o interesse amoroso de Carter nos filmes do super-herói. A série apresenta o machismo que Peggy (e mulheres em geral) enfrentava na época (os anos 1940) e, principalmente, como ela reage a isso: Peggy Carter desafia o sexismo de seus colegas de trabalho e mostra ser muito mais do que eles pensam. A personagem é a mais habilidosa em lutas e combates, além de muito inteligente. Mas o mais importante é que Peggy é bem escrita e complexa. É uma mulher extremamente forte, tanto física como mentalmente, com opinião e coragem - ao mesmo tempo, continua sendo feminina, sensível e em certas situações, vulnerável. A mensagem de que mulheres não precisam deixar de serem femininas e sensíveis para serem fortes e poderosas; muitas vezes, podem ganhar força de sua feminilidade. A atriz Hayley Atwell, que dá vida à Peggy Carter, discutiu a questão da necessidade de representação feminina em uma entrevista com a revista SCI FI:

It's a great role model for young girls. I've had a lot of feedback from mothers who are very excited that Marvel is willing to put a female in a central role, to be able to depict many facets of who we are but also how we're as capable as men.

*Peggy gets to explore [sexism and equal rights in the workplace] and also prove men wrong time and time and time again, that she is not only capable, but she's doing it her way and she's an intelligent, sexy, smart woman.*⁷

Durante a convenção MEFCC (Middle East Film and Comic Con) de 2015, Atwell comentou também, ao falar sobre a relação entre Peggy e outra personagem da série, Angie, sobre a importância da união e amizade entre mulheres, em vez da “competitividade” muito imposta pela mídia:

It's very rare that you see a friendship like she has with Angie [Carter's friend in the TV show], for example. It's not a competitive one, it's not two women talking about men all the time. It's an equal relationship where they look out for each other.

(...) Continuing into season two I hope we can look into that more, the importance of women looking after other women. It's not just a battle against the other sex, but more about women realising that we need to support each other rather than compete with each other. I think

6. “Onde estão as mulheres? Onde estão as mulheres que são líderes e não apenas um símbolo sexual em roupas apertadas, ou as agressivas com cenas de ação sexy? Onde estão as mulheres que estão batalhando com própria identidade, como o Homem de Ferro está? Ou tentando fazer uma diferença na posição de liderança?” (tradução da autora).

7. “É um ótimo modelo para jovens meninas. Tenho recebido muitas reações de mães que estão muito animadas porque a Marvel está disposta a colocar uma mulher no papel principal, a poder mostrar muitas facetas de quem nós somos mas também como somos tão capazes quanto os homens.” “Peggy explora [machismo e direitos iguais no ambiente de trabalho] e provar que homens estão errados de novo e de novo e de novo, que ela não é apenas capaz, mas está fazendo as coisas do jeito dela e ela é uma mulher inteligente, sexy e esperta.” (tradução da autora)

*that's absolutely crucial.*⁸

Outra série de televisão a apresentar uma personagem principal muito bem escrita é *Avatar: The Legend of Korra*, da *Nickelodeon* (criada por Michael Dante DiMartino e Bryan Konietzko): a protagonista, Korra, é uma adolescente rebelde, corajosa, franca, com senso de humor e ótimas habilidades para lutar. No meio de tantas características, Korra também passa por uma profunda depressão e Síndrome de Stress Pós-Traumático - ela muda e se torna uma personagem com cada vez mais profundidade durante a série. Além de fazer um ótimo trabalho com representação feminina, *The Legend of Korra* também conquistou um importante lugar na representação LGBT na mídia, já que Korra e outra personagem feminina, Asami, formam um casal no fim da história.

A série "*The 100*" (criada por Jason Rothenberg), da rede de televisão *The CW*, tem contribuído para a divulgação de personagens femininas profundas e interessantes. O programa é basicamente dependente de suas personagens femininas, que são a maioria das figuras de liderança. Em um mundo pós-apocalíptico, Clarke Griffin (protagonizada pela atriz Eliza Taylor), a personagem principal é a líder de seu grupo e uma verdadeira lutadora. Além de estar na liderança, também é a médica do grupo quando necessário e não deixa de ter momentos de vulnerabilidade. Durante a série, toma decisões difíceis, comete erros e acertos e conquista a adoração do público justamente por ser tão real. Mas em *The 100* há ainda mais personagens femininas essenciais para a história, cada uma com suas diferenças e personalidades, como Raven, Octavia, Lexa e Indra. Na série, a igualdade entre homens e mulheres é completamente natural, então não é nem mesmo discutida: os personagens não estranham por grande parte das figuras de poder serem mulheres, assim como não se importam com orientação sexual - um aspecto que também é representado com Clarke, que é bissexual, e Lexa.

Natasha Romanoff, super-heroína "Viúva Negra" da Marvel, protagonizada pela atriz Scarlett Johanson, é outro exemplo de uma figura feminista importante na mídia. A maioria dos super-heróis são homens - por isso esse conceito de "super-herói" ser atribuído aos meninos desde a infância, e não às meninas. Ainda não há um filme dedicado à Viúva Negra, a única mulher no time dos "Vingadores", apesar dos pedidos dos fãs - e das várias continuações que filmes com heróis homens recebem. Mesmo assim, Romanoff é extremamente inteligente, ágil, tem as melhores

habilidades de artes marciais do grupo de heróis e utiliza sua esperteza de modo brilhante: ela usa o machismo dos vilões a seu favor. Eles a veem como fraca ou inferior, e ela se aproveita disso para manipulá-los e, então, dar um golpe e vencer a luta em pouco tempo. Além disso, Romanoff tem um passado complicado e traumatizante, cujas consequências continuam a atormentá-la - não é uma personagem plana, feita simplesmente para servir de símbolo sexual.

Em 2015, fãs feministas da Marvel iniciaram a campanha "We Want Widow", questionando o tratamento que a super-heroína recebe. Apesar de ser um Vingadora como os outros super-heróis, a Viúva Negra é constantemente excluída dos brinquedos e itens de *merchandise* e é tratada muitas vezes apenas como interesse amoroso de outro personagem. Outra reclamação dos fãs é que, enquanto os super-heróis têm não apenas seus próprios filmes mas também várias sequências, Romanoff ainda não recebeu a atenção merecida. A fundadora da campanha, Kristin Rielly, divulgou o movimento em seu site "RiellyGeek":

It's no secret than many fans and feminists alike feel Avengers: Age of Ultron completely dropped the ball with Black Widow. We were all excited to see where this bad-ass assassin would go in her character development in the latest film, and were all pissed when screen time that COULD have been spent on further character development for Natasha, was wasted on a sudden romance subplot.

(...) Aside from the obvious missed opportunities in Ultron, Marvel and Disney seem to be actively excluding Black Widow from all facets of marketing. Almost all the Avengers got their own stand-alone movie, merchandise, and actions figures.

*(...) Black Widow is an important female superheroine in the Marvel universe and she deserves to be more than just a love interest at this point. She is a trained assassin with an incredible background story, turning from Russian espionage to joining the Avengers and saving the world. She should have her own movie and merchandise and Marvel should be proud at the opportunity to develop a character that girls can look up to.*⁹

A importância de figuras femininas como essas é muito grande e, felizmente, outras estão surgindo, apesar da presença do sexismo na mídia até hoje. Personagens como Carter, Clarke Griffin, Korra, Natasha Romanoff, Hermione Granger (da série de livros *Harry Potter*), Merida (do filme *Brave*, da Disney), Mulan (*Disney*), Emma Swan (da

8. "É muito raro ver uma amizade como a que ela tem com Angie [amiga de Carter na série], por exemplo. Não é competitiva, não são duas mulheres falando sobre homens o tempo todo. É uma relação de igualdade na qual elas cuidam uma da outra. (...) Continuando na segunda temporada eu espero que possamos explorar mais isso, a importância de mulheres cuidando de outras mulheres. Não é só uma batalha contra o outro sexo, e sim mulheres percebendo que precisamos apoiar umas as outras em vez de competir umas com as outras. Acho que isso é absolutamente crucial." (tradução da autora)

9. "Não é segredo que muitos fãs e feministas sentiram que *Avengers: age of Ultron* desapontou muito em relação à Viúva Negra. Nós estávamos todos entusiasmados para ver como seria o desenvolvimento dessa forte assassina no novo filme, e ficamos todos bravos quando o tempo que poderia ter sido usado para o desenvolvimento para Natasha foi desperdiçado em um subenredo repentino. (...) Além das óbvias oportunidades perdidas em *Ultron*, *Marvel* e *Disney* parecem estar ativamente excluindo a Viúva Negra de todas as facetas de marketing. Quase todos os Vingadores ganharam seus próprios filmes, *merchandise* e bonecos. Viúva Negra é uma importante super-heroína do universo da Marvel e merece ser mais do que um interesse amoroso. Ela é uma assassina treinada com uma história de passado incrível, indo de espionagem russa para ser parte dos Vingadores e salvar o mundo. Ela devia ter seu próprio filme e *merchandise* e a Marvel devia se orgulhar da oportunidade de desenvolver uma personagem que pode servir de modelo para meninas." (tradução da autora)

série *Once Upon a Time*), Elizabeth Swann (da série de filmes “Piratas do Caribe”, da Disney), Michonne (da série de televisão *The Walking Dead*), Katniss Everdeen (dos livros “Jogos Vorazes”) e outras têm um papel insubstituível em mostrar que mulheres são tão interessantes, fortes, inteligentes, capazes, complexas e multi-facetadas quanto homens. Mostram as pequenas meninas que elas são tão importantes e interessantes quanto os meninos, e sua feminilidade não a limita de modo algum. Ainda assim, há uma grande falta de representação das mulheres, principalmente se comparada à de homens.

Por isso, foi criado por Allison Bechdel, em 1985, o *Bechdel Test*, um teste que avalia a presença de mulheres em filmes (ou séries de TV). A quantidade de filmes que não

passa nesse teste tão simples é perturbadora. O *Bechdel Test* se baseia em três perguntas para avaliar a representação feminina em um filme: há duas ou mais mulheres que têm nomes? elas conversam umas com as outras? elas conversam sobre algo que não seja um homem? É claro que o teste não necessariamente dita a qualidade de um filme e, dependendo do contexto, o resultado pode não ser tão preciso. Mas em geral, o *Bechdel Test* é uma ferramenta muito importante que ajuda a medir a representação das mulheres na mídia – que ainda é muito negligenciada.

A atriz Kristen Stewart resume a questão de forma simples, após recusar um papel em um filme de super-herói: *I shouldn't be the superhero's girlfriend, I should be the superhero.*¹⁰

3. História do Feminismo

Durante muito tempo, as práticas machistas eram ainda mais fortes e tradicionais: além de não poder votar por muitos anos, era comum para uma mulher escutar: “Sua prioridade deve ser cuidar de seu marido e dos filhos!”. Mas mulheres fizeram história, mudando as coisas e reivindicando seus direitos. Algumas criticam o feminismo e dizem não precisar deste porque sentem que já têm as mesmas oportunidades que os homens; além do fato de que esse pensamento não leva em conta outras mulheres que não têm essas oportunidades, há uma grande ironia: anti-feministas apenas podem dizer que vivem confortavelmente hoje em dia por causa de conquistas vindas de movimentos feministas do passado, como explica Casey Cavanagh no texto de 2014 *Why We Still Need Feminism*, do site *Huffington Post*:

*It is great so many women today feel like they have equal opportunities as men. If it wasn't for past feminist movements, who knows where we would be today. But we still need feminism, and will continue to need it, until every other woman in the world feels this way as well.*¹¹

Devemos muito do que temos hoje a mulheres - e outros aliados do movimento feminista - que lutaram e exigiram justiça e respeito. Muitas são famosas, como Betty Friedan, Emmeline Pankhurst, Virginia Woolf, Gloria Steinem e Chimamanda Ngozi Adichie, (apesar de ser atual, já entrou para a história do movimento), mas muitas são anônimas, mulheres que não têm seu nome reconhecido, mas ainda assim devem ser celebradas.

Estudiosos e feministas dividem a história do movimento em três “ondas”: a primeira, do século XIX e começo do século XX, nos Estados Unidos e Reino Unido, come-

çou pela luta contra o casamento pelo qual o marido podia ser “dono” de sua esposa e filhos; a mulher era vista como sua posse. Mais tarde se expandiu principalmente para o direito de voto às mulheres, com as ativistas chamadas *Suffragettes*. Feministas como Voltairine de Cleyre and Margaret Sanger, nessa época, também lutavam pelos direitos sexuais, reprodutivos e econômicos das mulheres. Emmeline Pankhurst, nascida em Manchester, foi uma das líderes de movimentos a favor dos votos para as mulheres. Como muitas *suffragettes*, foi presa diversas vezes e entrou em guerra de fome como protesto. Em 1919, uma emenda foi aceita e o direito ao voto foi concedido a mulheres em todos os Estados; em 1928, no Reino Unido, uma lei passou a garantir direito de voto a mulheres com mais de 21 anos.

A segunda “onda”, que começou nos anos 1960, caracterizou-se pela luta das mulheres por direitos legais e sociais, com o objetivo de acabar com a discriminação. Essa etapa do movimento ainda existe e coexiste com a terceira “onda”. Betty Friedan escreveu “A Mística Feminina” (*The Feminine Mystique*), publicada em 1963, obra em que ela criticava a ideia de que uma mulher só seria completa sendo mãe e dona de casa. Friedan afirma que as mulheres são vítimas de um falso sistema de crença que dita que devem achar sua identidade e sentido da vida apenas por meio de seus maridos e filhos.

Em 1990, iniciou-se a terceira “onda” do feminismo, que se estende até os dias de hoje. Foi uma “resposta” às falhas da segunda “onda” e começou a questionar certas noções como sexualidade, gênero e heteronormatividade (ou seja, a noção que muitos possuem de que a heterossexualidade é a única opção “normal” e, portanto, automaticamente assumem que uma pessoa é hétero, por exemplo). Além disso, muitas feministas da terceira

10. “Eu não devia ser a namorada do super-herói. Eu devia ser a super-heroína.” (tradução da autora).

11. “É tão bom que tantas mulheres hoje em dia sintam que têm as mesmas oportunidades que os homens. Se não fosse por movimentos feministas do passado, quem sabe onde estaríamos hoje. Mas nós ainda precisamos do feminismo, e vamos continuar precisando até que toda outra mulher do mundo se sintam assim também.” (tradução da autora)

“onda” trouxeram de volta objetos como salto alto, batom vermelho e decote com orgulho, tornando-os itens de beleza feminina para elas como indivíduos e não como objetos da sociedade patriarcal.

Virginia Woolf sabiamente disse, “*For most of history, Anonymous was a woman.*”¹² O potencial e as conquistas das mulheres foram apagados ou ignorados por muito tempo, e seus direitos também foram negados. Mulheres tiveram que se calar e se conformar, porque era considerado um absurdo (e podia ser até perigoso) questionar a superioridade do homem ou realizar uma atividade que um homem realizava. Muitas permaneceram anônimas, reprimidas, mas ainda assim fizeram história - tanto as que obtiveram fama quanto as mulheres cujos nomes não estão registrados em livros. A história do feminismo ainda está sendo realizada, todos os dias, por todos que se preocupam com a causa. Depois das conquistas de tantas lutadoras do passado, devemos dar continuidade a essa trajetória. Daqui a muitos anos, talvez os livros de história falem sobre nós e sobre nossa luta pela igualdade.

ridade do homem ou realizar uma atividade que um homem realizava. Muitas permaneceram anônimas, reprimidas, mas ainda assim fizeram história - tanto as que obtiveram fama quanto as mulheres cujos nomes não estão registrados em livros. A história do feminismo ainda está sendo realizada, todos os dias, por todos que se preocupam com a causa. Depois das conquistas de tantas lutadoras do passado, devemos dar continuidade a essa trajetória. Daqui a muitos anos, talvez os livros de história falem sobre nós e sobre nossa luta pela igualdade.

4. A Causa Feminista no Brasil

A desigualdade de gênero é um problema forte no Brasil, apesar do cargo de presidente ser ocupado por uma mulher. Um relatório da ONU, lançado no dia 24 de julho de 2014, aponta que apenas 9,6% dos cargos do Congresso Nacional são ocupados por mulheres, sendo a média mundial 21%. Medidas importantes foram tomadas - agora, os partidos políticos devem garantir que 30% das candidaturas em cada eleição sejam femininas¹³, por exemplo. Porém, muito frequentemente essa cota não é devidamente preenchida. Em 2014, o país piorou no Global Gender Report, um estudo de desigualdade de gênero realizado pelo Fórum Econômico Mundial em 142 países e passou a ocupar o 71º lugar no ranking. No ano anterior, ocupava a 62ª posição na lista. Em primeiro lugar está a Islândia, seguida por Finlândia, Noruega e Suécia. Por último, estão Paquistão, Chade e Iêmen.

A situação do machismo no Brasil é tão séria que em 2014, o político Jair Bolsonaro, conhecido por suas afirmações homofóbicas e machistas, em uma plenária, insultou a deputada federal Maria do Rosário do mesmo modo que o fez em 2003, dizendo: “Não te estupro porque você não merece.” É assustador pensar que pessoas com uma mentalidade tão preconceituosa, violenta e desumana ocupem certas posições no poder. E o mais sombriamente irônico era o assunto da plenária: Direitos Humanos.

Presente até mesmo em políticos, o machismo se apresenta fortemente na sociedade brasileira de forma bastante violenta, o que fica claro por uma pesquisa do Instituto

de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Esta mostrou que 58,5% dos entrevistados concordaram total ou parcialmente com a frase “Se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros”. Além disso, segundo o levantamento, 42,7% acreditam que “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”. As estatísticas assustam, mas são necessárias para que percebamos quão grande é a necessidade de lutar contra esse aspecto social no Brasil. A mentalidade sexista que leva as pessoas a culparem as vítimas de estupro, um crime tão traumático e violento, se espelha não apenas nos números mas na vida de inúmeras pessoas - ainda que permaneçam anônimas.

Com uma cultura machista tão grande, é importante o fato de que o movimento feminista vem crescendo no país, pois é necessário lutar contra esse sexismo. Um movimento feminista importante no Brasil é a Marcha das Vaidias, iniciado no Canadá como *Slut Walk*. Nas marchas de 2014, ocorridas em Copacabana e na Avenida Paulista, por exemplo, mulheres (e aliados homens) protestaram contra a violência sexual e a discriminação de gênero e a favor dos direitos da mulher e da autonomia dos corpos. Com o lema “Quem cala não consente”, para criar consciência sobre a questão do estupro e do consento, os manifestantes utilizaram cartazes e até seus próprios corpos para protestar - muitas estão de sutiã ou nuas da cintura para cima, com os corpos pintados. Vários homens que participaram das marchas usaram vestidos, sutiãs e maquiagem.

5. As Vozes do Feminismo Hoje

Apesar de ainda não ser compreendido por muitos, o feminismo tem-se infiltrado em uma nova geração, mais preocupada e ativa em relação a problemas sociais. Felizmente, a presença do machismo na sociedade e na mídia está sendo contestada pelo movimento feminista na medida em que as pessoas se sentem mais confortáveis para

afirmar que acreditam na doutrina. Figuras como a atriz Emma Watson, já mencionada, que se tornou um exemplo muito importante no tópico de desigualdade de gênero, são essenciais. A cantora Beyoncé, por exemplo, fez do feminismo o tema de um de seus *shows* e até introduziu o tópico em algumas de suas músicas e vídeos. É importante que

12. “Pela maior parte da história, ‘Anônimo’ foi uma mulher.” (tradução da autora)

13. Lei 9.504/97.

figuras públicas se expressem em relação ao assunto, porque dessa maneira a consciência chega mais rápido e com mais eficiência ao público.

A atriz e comedianta Amy Poehler é uma grande figura feminista hoje em dia. Poehler é a co-criadora e apresentadora do programa online *Smart Girls At The Party*, que tem como objetivo encorajar e inspirar jovens meninas que “querem mudar o mundo”. Em cada episódio, a atriz entrevista uma garota com “um talento, interesse ou ponto de vista único”. Em uma entrevista ao site Huffington Post, ela explica:

We looked for girls that had passions, girls who felt passionate about stuff, no matter what that was.

(...) Girls have to fight against a lot of the same stuff we did growing up...peer pressure, exploitation, etc. But what worries me the most is this trend that caring about something isn't cool. That it's better to comment on something than to commit to it. That it's so much cooler to be unmotivated and indifferent. Our culture can get so snarky and ironic sometimes and we kind of wanted Smart Girls to celebrate the opposite of that.¹⁴

Smart Girls cresceu e se tornou ainda maior desde a entrevista de 2009. Hoje, é um site, uma organização que oferece informação e apoio a jovens que procuram um lugar seguro para serem ouvidos. Segundo o website, o lema da organização é “*Change the world by being yourself*” (“Mude o mundo sendo você mesmo”).

Outro feminista que chama atenção e debate o assunto com bom humor é o comedianta Aziz Ansari, que também trabalhou com Amy Poehler na série de comédia *Parks and Recreation*. Em uma entrevista no programa *Late Show with David Letterman*, ele se declara feminista e pede que as pessoas da plateia que também se consideram feministas o aplaudam. Então, Ansari critica o estigma criado e imposto pela sociedade sobre a expressão “feminismo” e o fato de as pessoas se recusarem a se declarar feministas:

If you look up feminism in the dictionary, it just means that men and women have equal rights. And I feel like everyone here believes men and women have equal rights.

But I think the reason people don't clap is that word is so weirdly used in our culture. Now, people think feminist means 'some woman is gonna start yelling at them'.

(...) So, I feel like if you do believe that, if you believe that men and women have equal rights, if someone asks if you're feminist, you have to say yes because that is how words work,” he says, joking, “You can't be like, 'Oh yeah I'm a doctor that primarily does diseases of the skin.' Oh, so you're a dermatologist? 'Oh no, that's way too aggressive of a word! No no not at all not at all.¹⁵

O fato de que o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, se envolveu positivamente no movimento feminista (e no LGBT) é um grande passo. E uma voz feminista atual muito importante é Emma Sulkowicz. A jovem de 23 anos foi estuprada por um aluno de sua universidade, a *Columbia University*. Emma descobriu que o mesmo criminoso havia assediado duas outras estudantes e o denunciou - mas o aluno não foi considerado culpado e não sofreu nenhuma punição, continuando no campus da universidade. Emma Sulkowicz afirmou, em um texto da revista *Time* de 2014 em que contava sua história:

Every day, I am afraid to leave my room. Even seeing people who look remotely like my rapist scares me. Last semester I was working in the dark room in the photography department. Though my rapist wasn't in my class, he asked permission from his teacher to come and work in the dark room during my class time. I started crying and hyperventilating. As long as he's on campus with me, he can continue to harass me.

(...) I've lost friends because some people just don't understand what it means to be raped. One friend asked me if I thought that my rapist would be expelled from school. I said, “I really hope so.” And he said, “Poor guy” because I think many men see rape as kinky sex that went wrong. They say girls are confusing and it's hard to tell when you're supposed to stop. When I was raped, I was screaming “no” and struggling against him. It was obviously not consensual, but he was turned on by my distress.¹⁶

10. “Eu não devia ser a namorada do super-herói. Eu devia ser a super-heróina.” (tradução da autora).

11. “É tão bom que tantas mulheres hoje em dia sintam que têm as mesmas oportunidades que os homens. Se não fosse por movimentos feministas do passado, quem sabe onde estaríamos hoje. Mas nós ainda precisamos do feminismo, e vamos continuar precisando até que toda outra mulher do mundo se sinta assim também.” (tradução da autora)

14. “Nós procuramos meninas que tinham paixões, garotas que se sentiam apaixonadas por algo, não importa o que isso fosse. (...) Garotas têm que lutar contra muitas das mesmas coisas que nós tínhamos ao crescer... pressão da sociedade, exploração, etc. Mas o que mais me preocupa é essa ideia de que se preocupar com algo não é legal. É melhor comentar sobre algo do que se comprometer com isso. De que é muito mais legal não ser motivada e ser indiferente. Nossa cultura pode ficar tão irritável e irônica às vezes e nós queríamos que *Smart Girls* celebrasse o oposto disso.” (tradução da autora)

15. “Se você procurar ‘feminismo’ no dicionário, o termo só significa que homens e mulheres têm direitos iguais. E eu acho que todos aqui acreditam que homens e mulheres têm direitos iguais. Mas eu acho que a razão pela qual as pessoas não aplaudem é que essa palavra é usada tão estranhamente em nossa cultura. Agora, as pessoas pensam que ‘feminismo’ significa que ‘uma mulher vai começar a gritar com elas’. (...) Então, eu acredito que, se você acredita que homens e mulheres têm direitos iguais, se alguém te perguntar se você é feminista, você tem que dizer sim porque é assim que palavras funcionam. Você não pode falar, por exemplo, ‘Ah, sim, eu sou um médico que trata especialmente de doenças da pele.’ ‘Ah, então você é um dermatologista?’ ‘Ah não, essa palavra é agressiva demais! Não, não, não, não mesmo, não mesmo.’” (tradução da autora)

16. “Todo dia, tenho medo de sair do meu quarto. Até mesmo ver pessoas que se parecem um pouco com meu estuprador me assusta. No semestre passado eu estava trabalhando no quarto escuro no departamento de fotografia. Apesar do meu estuprador não estar na minha sala, ele pediu permissão ao professor para trabalhar no quarto escuro durante meu horário de aula. Eu comecei a chorar e hiperventilar. Enquanto ele estiver no campus, ele pode continuar a me assediar. (...) Eu perdi amigos porque algumas pessoas não entendem o que significa ser estuprada. Um amigo meu me perguntou se eu achava que meu estuprador seria expulso da universidade, e eu disse ‘eu realmente espero que sim’. E ele disse, ‘coitado’ porque eu acho que muitos homens veem estupro como sexo excêntrico que deu errado. Eles dizem que garotas são confusas e é difícil saber quando devem parar. Quando eu fui estuprada, eu estava gritando ‘não’ e lutando contra ele. Obviamente não era consensual, mas ele ficou excitado com o meu desespero.” (tradução da autora).

O relato de Emma Sulkowicz é muito preocupante e mostra a triste e perturbadora realidade da cultura do estupro: vitimizar os culpados, não os punir e normalizar um crime tão cruel e hediondo. Sulkowicz então começou uma forma de protesto: ela decidiu carregar sua cama, na qual o pesadelo se passou, para todo lugar do campus que fosse

até que seu estuprador não frequentasse mais sua universidade. A cama representa o peso do trauma que vítimas como Emma carregam todos os dias após uma experiência tão horrível - carregar uma cama é uma enorme esforço, mas conviver com o peso de memórias tão perturbadoras é muito mais difícil.

Conclusão

As mulheres lutaram e conquistaram muito durante os anos e, graças a elas - e a outros indivíduos que acreditavam na igualdade e no movimento feminista - temos liberdades insubstituíveis hoje. Ainda assim, é inegável que o machismo, infelizmente, ainda tenha um papel muito grande na sociedade. Muitos se recusam a se educar sobre a importância do feminismo, e outros não têm recursos. Mesmo assim, há um longo caminho a percorrer para chegarmos à igualdade. É em nome daquelas mulheres, as que lutaram pelo que temos hoje, que continuamos essa batalha com objetivo tão pacífico e simples: respeito e integridade aos direitos humanos.

É importante perceber que o pensamento e as ações machistas formam um enorme fenômeno que afeta a sociedade seriamente, tirando oportunidades, valor e autoconhecimento de mulheres e meninas ao redor do mundo inteiro. Ao prezar pela garantia dos direitos que foram negados, por muito tempo, às mulheres, é essencial o reconhecimento da injustiça histórica que foi e, muitas vezes, ainda é uma realidade. Esse aspecto é brilhantemente discutido pela escritora Chimamanda Ngozi Adichie em sua palestra TED *We Should All Be Feminists*, de 2013:

Why the word feminist? Why not just say you are a believer in human rights, or something like that?" Because

that would be dishonest. Feminism is, of course, part of human rights in general - but to choose to use the vague expression human rights is to deny the specific and particular problem of gender. It would be a way of pretending that it was not women who have, for centuries, been excluded. It would be a way of denying that the problem of gender targets women. That the problem was not about being human, but specifically about being a female human. For centuries, the world divided human beings into two groups and then proceeded to exclude and oppress one group. It is only fair that the solution to the problem acknowledge that.¹⁷

A falsa conotação atribuída ao feminismo pela sociedade não permite que alguns vejam o que ele realmente representa. Por isso é preciso quebrar esse estigma e mostrar ao mundo que "feminismo" não é um palavrão; muito pelo contrário. Isso só pode ser feito com educação, ativismo e mentes abertas.

Muitos ainda duvidam da necessidade dessa doutrina por não entenderem seu real significado e ficarem presos ao estigma criado pela sociedade. Por isso a pergunta "por que precisamos do feminismo?" ainda é muito comum, e tem uma resposta muito simples: porque essa pergunta ainda é feita.

Bibliografia e Referências Bibliográfica

- AGÊNCIA BRASIL (IG Notícias) - **Brasil piora no ranking mundial de desigualdade de gênero**. 28 de Outubro, 2014. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-10-28/brasil-piora-no-ranking-mundial-de-desigualdade-de-genero.html>>. Acesso em 05/02/15.
- AGÊNCIA BRASIL (UOL Notícias). **Marcha das Vadias reúne mulheres e homens na zona sul do Rio de Janeiro**. 9 de agosto, 2014. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/08/09/marcha-das-vias-reune-mulheres-e-homens-na-zona-sul-do-rio-de-janeiro.htm>>. Acesso em: 10/04/15.
- ANAD – National Association of Anorexia Nervosa and Associated Disorders. **Eating Disorders Statistics**, 2015. Disponível em: <http://www.anad.org/get-information/about-eating-disorders/eating-disorders-statistics/>. Acesso em: 06/02/15.
- BBC History. **Emmeline Pankhurst (1858-1928)**. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/history/historic_figures/pankhurst_emmeline.shtml. Acesso em: 11/04/15.
- DICIONÁRIO Online de Português. **Significado de Feminismo**. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/feminismo/>>. Acesso em 05/02/15.

17. "Algumas pessoas perguntam, 'por que a palavra 'feminismo'? Por que não dizer simplesmente que acredita em direitos humanos ou algo assim?' Porque isso seria desonesto. Feminismo é parte de direitos humanos em geral - mas escolher essa expressão genérica é ignorar o fato de que existe, sim, um problema específico de gênero. Seria como fingir que as mulheres não foram excluídas por séculos. Seria um jeito de fingir que o problema de gênero não tem como alvo as mulheres. O problema não está em ser humano, mas especificamente em ser um humano do gênero feminino. Por séculos, o mundo dividiu seres humanos em dois grupos e então excluiu e oprimiu um grupo. É justo que a solução para o problema reconheça isso." (tradução da autora)

- EBC – AGENCIA BRASIL por Ana Cristina Campos. **Cultura machista está impregnada na sociedade brasileira, diz sociólogo**. 28 de Março, 2014. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-03/pesquisa-do-ipea-comprova-que-cultura-machista-esta-impregnada-na-sociedade>>. Acesso em 05/02/15.
- ENCYCLOPEDIA OF MENTAL DISORDERS. **Body dysmorphic disorder**. Disponível em: <http://www.minddisorders.com/A-Br/Body-dysmorphic-disorder.html>. Acesso em: 06/02/15.
- FEMINIST FREQUENCY – vídeo - **The Bechdel Test for Women in Movies**. 07 de Dezembro, 2009. Disponível em: <http://www.feministfrequency.com/2009/12/the-bechdel-test-for-women-in-movies/>. Acesso em: 11/04/15.
- FRITH, Vanessa. **'Agent Carter' ABC: New Role Model For Girls, Hayley Atwell Talks Importance Of Peggy's Leading Role**. 25 de dezembro, 2014. Disponível em: <<http://www.enstarz.com/articles/54979/20141225/agent-carter-abc-new-role-model-for-girls-hayley-atwell-talks-importance-of-peggys-leading-role-video.htm>>. Acesso em: 11/04/15.
- GENDER - **History and theory of feminism**. Disponível em: http://www.gender.cawater-info.net/knowledge_base/rubricator/feminism_e.htm. Acesso em: 11/04/15.
- GEORGIA, Institute of Technology. **Source: Hollaback!: The Role of Collective Storytelling Online in a Social Movement Organization**, 2015. Disponível em: <<http://www.ihollaback.org/resources/>>. Acesso em 05/02/15.
- GINGERHAZE. **The Hawkeye Initiative**. 15 de Outubro, 2014. Disponível em: <<http://thehawkeyeinitiative.com/>>. Acesso em 05/02/15.
- GUPTA, Prachi. **Aziz Ansari: "I'm a feminist"** 7 de outubro, 2014. Disponível em: <http://www.salon.com/2014/10/07/aziz_ansari_im_a_feminist/>. Acesso em: 11/04/15.
- IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Errata da pesquisa "Tolerância social à violência contra as mulheres"**. 04 de Abril, 2014. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21971>. Acesso em 05/02/15.
- JUSBRASIL – Internet Jurídica Brasileira. **Relatório da ONU aponta desigualdade entre homens e mulheres no Brasil**. 31 de Julho, 2014. Disponível em: <http://cd.jusbrasil.com.br/noticias/130178402/relatorio-da-onu-aponta-desigualdade-entre-homens-e-mulheres-no-brasil?ref=topic_feed>. Acesso em 05/02/15.
- KESSLER, Glenn. **One in five women in college sexually assaulted: the source of this statistic**. 1º de Maio, 2014. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/blogs/fact-checker/wp/2014/05/01/one-in-five-women-in-college-sexually-assaulted-the-source-of-this-statistic/>>. Acesso em 05/02/15.
- MINISTERIE van VOLKSGEZONDHEID – Matéria extraída do tópico Nieuws. **Violence Against Women Opinion Polling**, 2009. Disponível em: <http://www.huiselijkgeweld.nl/doc/english/violence-against-women-poll_2009.pdf>. Acesso em: 05/02/15.
- NEWBOULD, Chris. **Future is bright for Agent Carter star Hayley Atwell at MEFCC**. 11 de abril, 2015. Disponível em: <<http://www.thenational.ae/arts-lifestyle/film/future-is-bright-for-agent-carter-star-hayley-atwell-at-mefcc>>. Acesso em: 11/04/15.
- NGOZI ADICHIE, Chimamanda. **We should all be feminists**. eBook ISBN: 978-1-101-87293-2. New York. Vintage Books, 2014.
- NISSIM, Mayer. **Exclusive: Hayley Atwell: 'I'd definitely do Agent Carter TV show'**. 02 de outubro, 2013. Disponível em: <<http://www.digitalspy.co.uk/ustv/s263/marvels-agent-carter/news/a520233/hayley-atwell-id-definitely-do-agent-carter-tv-show.html#~p9AhVAbeOXRS2n>>. Acesso em: 11/04/15.
- RAMPTON, Martha. **The Three Waves of Feminism**. 23 de outubro, 2014. Disponível em: <<http://www.pacificu.edu/about-us/news-events/three-waves-feminism>>. Acesso em: 11/04/15.
- RICKMAN, Dina. **This picture went viral on Facebook. What happened next shows the strength of people power**. Abril de 2015. Disponível em: <<http://i100.independent.co.uk/article/this-picture-went-viral-on-facebook-what-happened-next-shows-the-strength-of-people-power-11D20zDfKW?cmpid=facebook-post>>. Acesso em: 10/04/15.
- RIELLY, Kristin. **Widow**. Publicação sem referência de data. Disponível em: <<http://riellygeek.com/WIDOW/>>. Acesso em: 12/06/15.
- SCHNALL, Marianne. **SNL Star Amy Poehler on her new online show "Smart Girls"** 2 de janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/marianne-schnall/snl-star-amy-poehler-on-h_b_147689.html>. Acesso em: 11/04/15.
- STRASSER, Annie-Rose. **Obama Goes Full Feminist: "Time To Do Away With Workplace Policies That Belong In A 'Mad Men' Episode"** 18 de janeiro, 2014. Disponível em: <<http://thinkprogress.org/economy/2014/01/28/3219231/obama-feminist-mad-men/>>. Acesso em: 11/04/15.
- TED Talk – vídeo do evento: **"We Should All Be Feminists"**, Chimamanda Ngozi Adichie, 2013.
- TEEN HEALTH AND THE MEDIA - College of Education, University of Washington. **Media's Effect on Body Image**. Artigo sem referência de data de publicação. Disponível em: <<http://depts.washington.edu/thmedia/view.cgi?section=bodyimage&page=fastfacts>>. Acesso em: 05/02/15.
- THE EUROPEAN GRADUATE SCHOOL, Graduate and Postgraduate Studies. **Virginia Woolf Quotes**. Publicação sem referência de data. Disponível em: <<http://www.egs.edu/library/virginia-woolf/quotes/>>. Acesso em: 12/06/15.
- THE GUARDIAN NEWS. Ellen Page: **'Why are people so reluctant to say they're feminists?'**. 03 de Julho, 2013. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/film/2013/jul/03/ellen-page-interview-the-east>>. Acesso em: 05/02/15.
- THE REPRESENTATION PROJECT, Blog. **Statistics from miss representation**, 2015. Disponível em: <<http://therepresentationproject.org/resources/statistics/>>. Acesso em 05/02/15.
- UN WOMEN Organization. **Un women at a glance**. Artigo sem referência de data de publicação. Disponível em: <http://www.unwomen.org/-/media/headquarters/attachments/sections/about%20us/un%20women%20brief_generic%20pdf.pdf>. Acesso em 05/02/15.
- WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza. Como as Imagens de Beleza São Usadas Contra as Mulheres**. Rio de Janeiro. Rocco, 1997.

ACESSO À JUSTIÇA: DIREITO BÁSICO DOS CIDADÃOS

BRUNA MENDES BROSSA
3ª série C

Gostaria de agradecer muito a minha mãe, Helena Celeste Braga Mendes e a meu pai, Carlos José Brossa, que tanto investiram em minha formação e não mediram esforços para me proporcionarem as melhores oportunidades na vida. Ao meu irmão, Gustavo Mendes Brossa, deixo um grande obrigado por ser um parceiro e por me incentivar tanto nos estudos, sempre dizendo que alcançarei meus objetivos e me encorajando de todas as formas. A minha avó, Helena Braga Mendes, que nunca mediu esforços para me agradar e me ver feliz, sempre contando suas aventuras nas salas de aula e me motivando ainda mais. À professora Ana Paula Severiano, que me deu um enorme auxílio em todo o projeto, não medindo esforços para ajudar, sempre solícita, ótima professora e amiga. Gostaria de deixar registrada minha admiração pelo colégio, que nos incentivou com esse projeto e me fez ter uma noção maior do mundo acadêmico e do que enfrentarei. Agradeço também a meus colegas de sala e a todos os envolvidos neste projeto.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar o acesso à justiça no Brasil e os direitos básicos dos cidadãos, analisando as formas de poderes no país e quem são os responsáveis legais pela efetivação desses direitos. Para o desenvolvimento do trabalho, foi utilizada a Constituição Federal como base, já que esse dispositivo legal determina não só as leis e as garantias dos cidadãos, bem como seus direitos e deveres.

O trabalho conclui que um dos principais problemas que resulta na não obtenção do acesso à justiça pelos indivíduos ocorre devido às classes sociais e à detenção de riqueza de que o indivíduo dispõe. Para que o problema seja atenuado, o país deve priorizar a realização de uma nova política judiciária, em que ocorra a democratização da administração e do acesso à justiça de forma plena, justa e igualitária.

Palavras-chave: acesso à justiça, direitos, poderes legais, direitos dos cidadãos pobres e leis.

Abstract

This work aims to analyze the access to justice in Brazil and the basic citizens' rights. In this essay the forms of powers in Brazil and who the legal responsible for the effectiveness of the rights are, will be analyzed. In order to do this, the Federal Constitution was used, once this legal document establishes the laws and the rights of the citizens, as well as their duties and rights. We came to the

conclusion that one of the main problems that results in not achieving and having access to justice is based on the social class system and the amount of money they have. To attenuate the problem, the country has to prioritize the realization of a new judiciary policy, that will generate a democratization of the administration and the access to justice in a fair and correct way.

Keywords: access to justice, rights, legal rights, rights of the poor citizens and laws.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar o acesso à justiça no Brasil e os direitos dos cidadãos, pois para uma sociedade funcionar de forma justa, a garantia do acesso à justiça a todos é fundamental.

Em um país com elevado número de habitantes e uma grande quantidade de leis, a justiça ficou cada vez mais lenta, em decorrência da quantidade de processos. Devido à lentidão veio também o problema principal: a diferença de como o exercício da cidadania e o acesso à justiça ocorrem dependendo da classe social a que o indivíduo pertence, uma vez que indivíduos mais abastados possuem mais subsídios e meios de fazer a lei funcionar de forma mais rápida e efetiva, sem necessitar de um serviço inteiramente prestado pelo Estado.

Para o desenvolvimento do trabalho será utilizada a

Constituição Federal como base, já que esse dispositivo legal determina as leis e as garantias dos cidadãos, bem como seus direitos e deveres.

O objetivo principal será, então, analisar por que ainda ocorrem tantas dificuldades mesmo com a previsão legal desse direito. Traçando uma relação direta com o tema *Muros e fronteiras: limitações e possibilidades*, no caso os muros e fronteiras são as dificuldades em se ter o acesso à justiça. No decorrer da monografia, visa-se encontrar uma solução que amenize o problema e, talvez, apresentar soluções viáveis para o assunto em questão, melhorando não só país, mas a vida, principalmente dos menos favorecidos economicamente, muitas vezes marginalizados e esquecidos, tanto pela sociedade quanto pelo Estado.

1. A democracia e seus ideais

1.1- Definição e implicações

A palavra Democracia tem sua origem na Grécia antiga, em que *Demo* significa povo e *Kracia*, governo. Tendo origem em Atenas, na Grécia, e conhecido como o “berço da democracia”, essa primeira forma de governar era representada apenas por homens alfabetizados, maiores de 21 anos e detentores de uma determinada riqueza.

Porém, com o passar do tempo e mudanças de sociedades, as práticas atuais e modernas de democracia têm como principais nomes os norte-americanos, principalmente o presidente George Washington (1789). Com a declaração de independência, em 4 de julho de 1776 e promulgação da constituição em 17 de setembro de 1779, os Estados Unidos deram forma à democracia moderna e são responsáveis pelos avanços e mudanças sociais que ocorreram a partir dali.

Existem, no entanto, grandes diferenças entre os ideais de democracia e como eles são realmente exercidos na sociedade. Como Norberto Bobbio em seu livro *O futuro da Democracia* diz: “a definição de democracia consiste na oposição a todas as formas de governo autocráticos, que é caracterizado

por diversas regras que regulamentam quem é autorizado a tomar decisões que afetaram a sociedade como um todo. A maior forma de democracia é o voto, em que o cidadão tem direito e dever de escolher quem será o encarregado de tomar as decisões que afetarão sua vida como um todo. É importante os cidadãos saberem que não há democracia sem normas.”

Para Norberto Bobbio, os principais obstáculos da democracia são: a tecnocracia, o crescimento do aparato burocrático e o baixo rendimento do sistema democrático. A tecnocracia é representada pela necessidade e a sociedade atual de necessitar de técnicos nos assuntos com que lida, porém o princípio da democracia consiste em que todos os cidadãos tenham os mesmos direitos, mas a tecnocracia anula a participação indistinta. O crescimento do aparato burocrático refere-se à necessidade atual do Estado de representar todos os grupos sociais e garantir o bem-estar de todos. Já o baixo rendimento do sistema democrático é resultado da necessidade de rapidez de resoluções versus a realidade, em que a velocidade de decisões é muito lenta e burocrática.

2. Jurisdição brasileira atual

2.1. Contexto histórico da jurisdição atual e o direito garantido ao acesso à justiça

Com o surgimento dos Estados Nacionais e a intensificação do convívio social, veio a necessidade da criação de normas de convivência; porém, com o avanço do Estado tais regras sociais tornaram-se institucionalizadas, o que deu origem à legislação estatal que era, basicamente, formada por normas de controle. Isso visava à resolução dos conflitos e à solução da insatisfação dos indivíduos, função do governo e do Estado. Para resolver tais conflitos, foi criada a jurisdição, cuja função é exercida pelo poder judiciário, representando a manifestação do próprio Estado sobre tais questões.

A finalidade do bem comum vai muito além da aplicação do direito e visa à efetivação dele. O acesso à justiça ultrapassa o poder do judiciário. Ele é a criação, a interpretação e a aplicação das leis e, principalmente, a garantia do acesso à justiça por todos os cidadãos de forma justa e plena.

Esse é um requisito fundamental, o mais básico dos direitos humanos, pois ele garante e, não apenas atesta, os direitos dos cidadãos. Mesmo sendo de difícil definição, o termo “acesso à justiça”, segundo Cappelletti, “serve para determinar duas finalidades básicas do sistema jurídico – o sistema pelo qual as pessoas podem reivindicar seus direitos e/ou resolver seus litígios sob os auspícios do Estado” (CAPPELLETTI; GARTH, 1988, p. 08). Esse termo é o que norteia o Estado atual e deve-se buscar a superação das diferenças que ainda impedem o acesso à justiça. A jurisdição deve realizar todos os seus objetivos e, além de tudo, buscar superar os problemas de maneira rápida e eficaz, visando única e exclusivamente ao bem-estar do Estado e da população.

2.2. As formas de poder ocorrentes no Brasil

Montesquieu criou e fundamentou a teoria da separação dos três poderes, em que previa a autonomia deles. Com essa divisão, o filósofo visava à divisão de competência entre

os poderes e que a força regulamentasse a força, ou seja, poder controlando poder, assim dando um caráter de mais seriedade e imparcialidade às formas de poder. A clássica divisão de três poderes se dá pelo executivo, pelo legislativo e pelo judiciário. Em tese, as ações dos poderes devem ser autônomas, mas complementares, gerando assim mais seriedade e credibilidade nas decisões e resoluções do Estado.

O poder executivo é formado pelo Presidente, pelo gabinete de Ministros e pelos secretários. Juntos, eles governam o povo e administram os interesses públicos sempre levando em consideração o que é atestado e garantido pela Constituição. O Presidente é eleito por meio de eleições diretas realizadas pelos cidadãos, que ocorrem de quatro em quatro anos; já os ministros e secretários são escolhidos diretamente pelo Presidente, que representa a autoridade máxima do país.

O poder legislativo elabora as normas de direitos atuando em várias áreas e diversificadas esferas políticas e constitucionais do país. O legislativo aprova, rejeita e fiscaliza as propostas criadas pelo poder executivo. Ele é constituído por parlamentos, congressos, câmaras e assembleias. No Brasil, como um todo, o poder legislativo é representado pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal. Já nos municípios, o legislativo é representado pela Câmara de Vereadores e no Estado, pela Assembleia Estadual.

O poder judiciário tem a função de realizar os julgamentos, por meio de regras constitucionais e leis provenientes do poder legislativo. Ele é obrigado a julgar de forma justa e imparcial qualquer conflito que surja no país. No Brasil, os órgãos do poder em questão são: o Supremo Tribunal de Justiça (STJ), o Supremo Tribunal Federal (STF), o Tribunal Regional Federal (TRF), os Tribunais do Trabalho, os Tribunais Eleitorais, os Tribunais Militares e os Tribunais de Estado.

2.3. A importância e a necessidade do

3. Função dos membros da justiça brasileira e a sua importância no exercício da lei pelos cidadãos

3.1. Função dos advogados

Antes de a sociedade ser fundamentada por leis escritas, a convivência já exigia o estabelecimento de normas que visassem à convivência entre os indivíduos. Quando o Estado surgiu, foi retirado do homem o poder de decidir apenas como um indivíduo. O poder passou a ser jurídico e estatal e a manutenção dos interesses passou a requerer o devido processo legal. O cidadão ganhou o poder de exigir que o Estado garantisse direitos básicos de todo o ser humano. No cenário descrito, o advogado é fundamental, pois ele é o responsável por intermediar as relações entre os indivíduos e o Estado e assegurar a realização desses direitos universais. O advogado, com o passar do tempo, foi responsável por impulsionar grandes mudanças sociais nas relações pré-existentes.

O advogado também é fundamental na proteção dos direitos e das garantias básicas dos indivíduos, pois contribui para que haja o cumprimento dos princípios que fundamentam a República.

Essa função evolui junto com as transformações sociais. Não é algo fixo ou terminado. Exige-se cada vez mais desses

acesso à justiça aos cidadãos brasileiros

O acesso à justiça é um direito social fundamental. É a principal forma de garantir os direitos dos cidadãos. Como Cappelletti e Garth explicam

“A expressão ‘acesso à justiça’ é reconhecidamente de difícil definição, mas serve para determinar duas finalidades básicas do sistema jurídico – o sistema pelo qual as pessoas podem reivindicar seus direitos e/ou resolver seus litígios sob os auspícios do Estado. Primeiro, o sistema deve ser igualmente acessível a todos; segundo, ele deve produzir resultados que sejam individualmente e justos” (CAPPELLETTI E GARTH, 1988, p.08).

Na conjuntura atual da sociedade brasileira, é indispensável a garantia do acesso à justiça, pois essa é a única forma de garantir os direitos dos cidadãos, não em apenas uma esfera da lei, mas em todas. Levando em conta aspectos históricos e sociais, é possível notar que apenas uma parcela mais abastada da sociedade tem acesso efetivo à justiça. Problemas como altos custos, desconhecimento das leis e dos direitos, grande demora do tempo de solução de processos, levam a um quadro em que apenas os mais ricos têm acesso a ela.

A situação histórica do país contribuiu para a criação do quadro mostrado acima. A grande diferença de condição dos cidadãos, tanto econômica quanto intelectual, contribuiu para a criação de um quadro em que o acesso à justiça é extremamente injusto e falho. Para se ter uma sociedade justa e imparcial, é necessário dar as mesmas oportunidades para que os cidadãos de bem possam recorrer a seus direitos e ter acesso digno à justiça. A única forma de garantir que as leis sejam cumpridas e a nação seja justa é garantindo acesso justo e igual a todos. Somente dessa forma ela prosperará no âmbito jurídico.

profissionais maior responsabilidade quanto mais complexas forem as relações. Ele oferece, dentro do possível, interpretações e resoluções para uma vida adequada à democracia. Demonstra também que as normas estão em constante mudança e é o papel dele ajustá-las às necessidades da sociedade.

3.2. Função da Defensoria Pública

Com a Carta Magna de 1988, a defensoria pública foi criada, após se estabelecer que todos têm o direito de utilizar o sistema judiciário do Brasil. A defensoria pública tem a função de prestar serviço aos cidadãos e garantir o acesso à justiça. Como Paulo Galliez diz “Aqui se consolida o desempenho maior da Defensoria Pública, cabendo-lhe, de imediato, uma dupla tarefa, qual seja, a de proporcionar a justa distribuição da justiça e a de prestar solidariedade às pessoas que buscam apoio na instituição” (GALLIEZ, 1999, pág. 5). Galliez ainda diz “[...] no sentido de manter o equilíbrio, pelo menos em relação ao aspecto jurídico, entre ‘os donos do poder’ e os oprimidos, é que a Defensoria Pública se impõe como instituto essencial do Estado de Direito, a fim de enfrentar o desenvolvimento desigual entre as classes sociais.” (GALLIEZ, 1999, pág. 7).

Nota-se que a Defensoria Pública realiza um trabalho na área de prestação de serviços públicos, no caso de assistência aos que necessitam, possibilitando um acesso pleno à justiça. É uma instituição assistencialista a pessoas carentes. São garantidos a elas direitos previstos na Constituição Federal, como o de defesa.

A Carta Magna, em seu art. 134, estabelece que a Defensoria Pública é um órgão fundamental à administração da justiça, além de ser uma instituição fundamental ao Estado.

Considerando que o poder Público deve garantir um acesso pleno e igual à justiça, garantiu-se o direito do acusado de ser defendido por um advogado, que é caracterizado como “advogado popular”. Para ser defendido por um defensor público, o indivíduo deve ser carente, ou seja, impossibilitado de arcar com os valores envolvidos em um processo. Galliez afirma que

“Além dos mais, a função institucional do Defensor Público é, perante o Estado e a sociedade, relevantíssima, porque seu compromisso, repete-se está voltado tão somente para a classe economicamente oprimida, representada pela maioria da população brasileira, de onde se originam, com frequência, graves conflitos sociais.” (GALLIEZ, 1999, pág. 11)

Percebe-se que a função da Defensoria Pública é social. Ao assegurar o mesmo grau de igualdade entre as partes,

coloca os dois indivíduos envolvidos no processo/ julgamento no mesmo nível. Promove então um trabalho social.

3.3. Função do juiz

O Juiz é uma pessoa física selecionada pelo Estado. Tem como função solucionar conflitos entre os indivíduos. Ele será responsável por analisar as alegações de ambas as partes envolvidas, estudar e conferir as provas e os argumentos, e depois tomar uma decisão de forma justa e imparcial, levando em conta as normas que regem o Estado.

Os juízes, com o passar do tempo, ganharam alguns poderes: alguns administrativos e outros judiciais. Por um lado, os administrativos são incumbidos de regular o andamento de processos, por outro, os judiciais são responsáveis por conduzir os processos segundo as leis e força as partes a cumprirem o que for resolvido. Ele sempre deverá prezar pela igualdade no tratamento das partes, por exemplo, uma solução rápida e eficaz do que foi demandado, além de ter que garantir o pronto cumprimento dos pedidos e evitar atrasos.

Devido ao grande número de funções que o Juiz exerce, são criadas equipes de apoio a eles as quais são chamadas de órgãos judiciários e auxiliares do Juiz. Estes representam todos aqueles que contribuem com o magistrado, para que ele possa concentrar-se na emissão de ordens que conduzirão os processos até a sua decisão final.

Os problemas do acesso à justiça: soluções e consequências

4.1. Análise do problema de falta de recurso financeiro no acesso à justiça

O acesso à justiça não significa apenas acesso ao Poder Judiciário gratuito, mas sim a uma garantia de defesa de todos os direitos, sem levar em conta a classe socioeconômica do indivíduo. Como Kazuo Watanabe exemplifica

“Os meios para possibilitar o acesso à justiça são: o direito à informação, o direito à adequação entre a ordem jurídica e a realidade socioeconômica; direito ao acesso a uma justiça adequadamente organizada e formada, inserida na realidade social e comprometida com seus objetivos; o direito à pré-ordenação dos instrumentos processuais capazes de promover a objetiva tutela dos direitos e o direito à retirada dos obstáculos que se antepõem ao efetivo à justiça” (WATANABE, Kazuo. Op. Cit. p.128-135).

Atualmente as maiores barreiras para um efetivo acesso à justiça são: altos custos processuais e falta de conhecimento básico jurídico.

No livro *Acesso à justiça*, de Cappelletti e Garth são analisados modelos para a criação de novos meios democratizadores do acesso à justiça, levando em conta três grandes vertentes. As principais são: *Assistência judiciária aos pobres e o acesso à representação em juízo a uma concepção mais ampla de acesso à justiça*.

Em *Assistência judiciária aos pobres* preza-se que a orientação e a tutela de um advogado é essencial para traduzir as leis e os complexos procedimentos envolvidos em ações. Entre eles estão métodos para proporcionar assis-

tência jurídica aos indivíduos que necessitam. São eles: a defensoria pública, assistência jurídica de qualidade e gratuita e nomeação de um advogado.

Já *O acesso à representação em juízo a uma concepção mais ampla de acesso à justiça* contribuiu para conscientizar as pessoas sobre seus direitos, para que elas desenvolvessem instituições efetivas no controle das barreiras que impossibilitam o acesso à justiça. Nessa onda se criaram mecanismos que representassem os interesses difusos dos pobres.

Mesmo com as diversas medidas tomadas, o acesso à justiça para pessoas de baixa renda ainda se mostra extremamente ineficaz e lento. Sem poder contar com as garantias das leis, muitos cidadãos deixam de recorrer à justiça e exercer sua cidadania. Os altos custos com honorários e a falta de instrução ainda representam um dos maiores problemas em obter um acesso justo e eficaz à justiça.

4.2. Outros problemas do acesso à justiça

Além dos aspectos relacionados à classe socioeconômica, problemas como tempo gasto em ações, falta de percepção de que em certos casos é possível entrar com ações reivindicatórias para exigir direitos não tradicionais, alto nível de formalidade, ambientes muitas vezes intimidadores e procedimentos extremamente complicados, representam barreiras invisíveis que contribuem para a falta de um acesso efetivo à justiça.

4.3. Ineficácia do texto constitucional que garante acesso à justiça

O texto constitucional garante um acesso pleno à justiça e todos os cidadãos, sem levar em conta sua classe social

ou condições financeiras, porém, na prática, nota-se que isso não acontece. Ocorre uma administração da justiça como um subsistema do sistema político global, de maneira que as decisões são influenciadas por questões externas e geradas a partir de métodos de conversão. Fatos como: o juiz ter sido colocado como centro do campo analítico, a desmistificação do caráter imparcial do juiz como se suas decisões independentessem do interesse das partes, tornaram as interpretações do texto muito difíceis e diferentes em cada caso.

Na constituição brasileira, texto em que esse trabalho se baseia, notam-se várias diferenças e leis que se contradizem, devido a interpretações distintas. Como o juiz é responsável pela interpretação e a resolução final, cria-se um quadro em que diferentes interpretações ocorrem acerca do mesmo assunto. É difícil tentar eliminar totalmente esse problema, visto que interpretações dependem de cada indivíduo, e é bem difícil padronizá-las, considerando que a decisão depende única e exclusivamente do parecer e da visão do indivíduo que está julgando.

Conclusão

Como foi discutido e analisado no decorrer deste trabalho, um dos principais problemas resultantes da não obtenção do acesso à justiça pelo indivíduos ocorre devido às diferentes classes sociais e ao poder de riqueza que o indivíduo possui. Pessoas de baixa renda não têm condições para contratar advogados e ficam à mercê do poder público, que é lento e ineficiente.

Para que o problema seja atenuado, o país deve priorizar a realização de uma nova política judiciária, em que ocorra a democratização da administração e do acesso à justiça de forma plena, justa e igualitária. Esses aspectos são fundamentais para que ocorram transformações sociais e políticas significativas, com maior participação dos cidadãos na resolução de conflitos e maior reconhecimento dos direitos individuais. Extinguir a possibilidade de classes com maiores recursos resolverem seus conflitos fora do judiciário e que seus interesses econômicos e po-

líticos parem de ficar apoiados em aparelhos políticos e administrativos do Estado.

Contudo essas mudanças isoladas não representarão nenhuma solução efetiva se não forem acompanhadas de outros tipos de reformas que visem única e exclusivamente ao povo, com a reforma da fundamentação, de recrutamento e treinamento do magistrado, fornecimento de meios legais imparciais e velozes para o acesso à justiça e uma reforma política plena e justa.

Com as mudanças sugeridas e a análise feita neste trabalho, espera-se que seja possível atenuar ou apresentar alguma mudança significativa para o problema, assim trazendo resultados positivos tanto para a população mais pobres quanto para o Estado como um todo. Dessa forma, o Brasil poderá ascender socialmente e garantir o direito básico da Constituição: o acesso à justiça pleno e de qualidade a todos os cidadãos.

Bibliografia e Referências bibliográficas

- BARROSO, Luís Roberto. Controle de constitucionalidade no direito brasileiro: exposição sistemática da doutrina e análise crítica da jurisprudência. São Paulo : Saraiva, 2004, 320 p.
- BONAVIDES, Paulo. Teoria constitucional da democracia participativa. 2 ed. São Paulo: Malheiros Editores, 2003, 392 p.
- BOBBIO, Norberto. O futuro da democracia. Vol 63. United States: University of Minnesota Press 1987.
- CAPPELLETTI, Mauro e GARTH, Bryant. Acesso à Justiça. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris, 1998.
- CAPUTO, Francisco. **O advogado e sua função social**. Disponível em < <http://www.oab.org.br/noticia/22046/artigo-o-advogado-e-sua-funcao-social>>. Acesso em 13 de junho de 2015.
- CARRERA ALVIM, J. E. **Justiça: acesso e descesso**. In: Jus Navegandi. Disponível em <<http://www.jusnavegandi.artigo.com.br>>. Acesso em 13 de junho de 2015.
- CICHOKI NETO, José. **Limitações ao acesso à justiça**. Curitiba: Editora Juruá, 2000.
- Constituição Brasileira** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988
- Constituição Brasileira** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Organização de Alexandre de Moraes. 16.ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- GALVÃO, Célia Quirino; **Constituições brasileiras e cidadania**. São Paulo: Ática, 1987.
- GALLIEZ, Paulo. **Princípios constitucionais da defensoria pública**. São Paulo: Livria e editora lumen juris, 2010.
- LOPES, Maurício Antônio Ribeiro. **Garantia de acesso à justiça: assistência judiciária e seu perfil constitucional**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2000.
- MEDEIROS, Luiz Cezar. **Formalismo processual e suas conseqüências na realização do direito**: a prevalência na forma do processo civil em detrimento do direito garantidor do bem da vida. In: TJ.SC. Disponível em <http://www.tj.sc.gov.br/cejur/artigos/direitocivilprocessual/formalismo_proc>. Acesso em 13 de junho de 2015.
- MELO TORRES, Ana Flávia fala de **acesso a justiça**, Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=4592. Acessos em 13 de junho de 2015.
- SARMENTO, Daniel. Eficácia temporal do controle de constitucionalidade das leis (o princípio da proporcionalidade e a ponderação de interesses). in: *Revista de Direito Administrativo*. Nº 212. Rio de Janeiro: Renovar. 324 p.
- SIMÃO CURI, Juliana Araujo fala da **problemática do acesso a justiça no Brasil**. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10407. Acessos em 13 de junho de 2015.
- SOUZA, Silvana Cristina Bonifácio. **Assistência jurídica integral e gratuita**. São Paulo: Método, 2003.

MAIORIDADE PENAL: A REDUÇÃO SERIA A SOLUÇÃO PARA OS PROBLEMAS DE VIOLÊNCIA NA ADOLESCÊNCIA?

BRUNA SILVESTRE PRADO
3ª série B

Gostaria de agradecer aos meus pais, Paula Maria Silvestre Prado e Denis Fernandes Prado, por nunca medirem esforços para garantirem minha educação e por sempre acreditarem em mim. Agradeço ao meu avô, Walter Aroca Silvestre, por me apresentar ao Direito e me apoiar nos estudos sobre a profissão. Deixo o meu muito obrigado aos professores Fernando Da Espiritu Santo Filho, Ana Paula Severiano e Arlete Bannwart, pelo tempo, pela paciência, pela dedicação e pelo incentivo. Agradeço ainda ao Colégio Stockler por incentivar um projeto como este, que muito contribuirá para a formação acadêmica e para o preparo dos estudantes para a vida nas universidades.

Obrigada,

Resumo

Este estudo objetivou avaliar se a redução da maioria penal de dezoito para dezesseis anos seria uma medida efetiva para o combate à criminalidade juvenil no país. Os aspectos analisados visam a compreender as origens de leis semelhantes à da inimizabilidade do menor delinqüente, desde o Código de Hamurábi até a Constituição Federal do Brasil de 1988. Para realizar este estudo utilizou-se da pesquisa de argumentos favoráveis e contrários à alteração

da lei. Os dados foram coletados e analisados por meio de levantamento bibliográfico, de artigos e de notícias, a fim de compreender o tema em foco. A pesquisa identificou que o desejo da população pela redução da maioria penal no Brasil não é um tema atual e que sempre gerou polêmica. No que diz respeito à discussão atual, o trabalho tem como base o sistema de leis romano-germânicas e países que, assim como o Brasil, também o adota.

Palavras-chave: redução da maioria penal; PEC (Projeto de Emenda Constitucional); Jovem; Crime; Constituição Federal; Inimizabilidade

Abstract

This study aimed at evaluating if the reduction of legal age from eighteen to sixteen years old would be an effective measure to fight child criminality in the country. The aspects analyzed aim at understanding the origins of similar laws to unimputability of criminal minors, since the Hamurabi Code until the 1988 Brazilian Federal Constitution. To carry out this study, researches about pro and against arguments on the law change were made, in order to under-

stand the present topic. Data were collected and analyzed through literature, articles and news in order to understand the subject focused. The research identified that the population's desire of legal age reduction in Brazil is not a nowadays subject and it has always been a polemical topic. In relation to nowadays debate, the study has as its base the roman-germanic law system in countries that, such as Brazil, also use it.

Keywords: Reduction of legal age; CA (Constitutional Amendment); Young; Crime; Federal Constitution; Unimputability.

Introdução

O presente estudo tem por objetivo discutir se a redução da maioridade penal no Brasil seria uma solução viável, coerente e correta para o controle da criminalidade cometida por jovens no país – principalmente em áreas cujos níveis de violência são muito elevados, como nas regiões Norte e Nordeste, de acordo com uma pesquisa contínua realizada pelo Núcleo de Estudos da Violência Universidade de São Paulo¹. O objetivo da dissertação é esclarecer a fronteira entre a realidade do jovem brasileiro e o que é esperado de sua parte pelas leis relacionadas à idade penal, a punições legais e a direitos civis. A dissertação adotará o ponto de vista sociológico do problema, questionando e buscando compreender os reflexos da alteração ou não da Lei da Imputabilidade Penal.

De acordo com uma pesquisa do Datafolha² concluída em abril de 2013, realizada desde 2003, na cidade de São Paulo, 83% dos entrevistados, em 2003, desejavam a redução da maioridade penal. Já no ano de 2006, a mesma pesquisa foi realizada e o número de apoiadores da alteração da maioridade penal passou a ser 88%. Já em 2013, o mesmo levantamento revelou que 93% dos paulistanos entrevistados concordavam com a redução da maioridade penal. Ainda na análise do ano de 2013, a média de idade desejada pelos entrevistados para um jovem ser punido de acordo com o Código Pena, seria de 15 anos.

Analisando a pesquisa citada, é possível identificar um fato curioso e relativamente comum em nossa sociedade; as leis refletem os valores culturais da sociedade. É explícito um certo padrão em tais casos, um processo de transformações de valores da cultura se verifica da seguinte forma: quando parte da população se encontra em desprazer com algum decreto, o descontentamento torna-se proporcional ao número de pessoas que concordam com ele. Assim, a insatisfação popular passa a ganhar mais adeptos e reconhecimento midiático. Em seguida, a parcela da população que se encontra insatisfeita passa a pressionar as autoridades para que mudanças a respeito do assunto sejam realizadas. Por fim, após esse processo, é esperado que a regra seja alterada. É possível observar o padrão previamente citado no caso do casamento homoafetivo. Hoje, assim como na questão sobre a redução da maioridade penal, percebe-se o início do mesmo processo de mudança a respeito da legalização da maconha.

Segundo os artigos 228 da Constituição Federal de 1988, 27 do Código Penal de 1940 e 104 do Estatuto da Criança e do Adolescente, aquele que for menor de dezoito anos é inimputável, ou seja, não é responsabilizado de acordo com o Código Penal vigente por seus atos. Porém, desde 1969,

quando um novo código penal foi proposto e incluía a alteração da ordem em questão, há discordância sobre a utilização e aplicação da Lei da Maioridade Penal, principalmente pelo crescente número de delitos cometidos por jovens infratores³. No entanto, a lei permanece até hoje e assim, é possível observar um descontentamento de uma notável parcela da população com a idade penal estabelecida², tornando o assunto atual, polêmico e incitador de discussões.

Em 1931, na cidade de São Paulo, ocorreu o célebre “Crime da Rua Salete”⁴. Um jovem de 15 anos voltou para sua casa portando um chapéu que não lhe pertencia e sua mãe desconfiou de que o filho o tivesse furtado. Assim, adquiriu um revólver e assassinou o jovem. Ao ser detida, alegou que preferia ter “um filho morto a um filho ladrão”. A mulher foi inocentada de seu crime e deixou o tribunal aclamada pela população que aguardava seu julgamento. É válido notar que essa era apenas uma reprodução da opinião pública que divergia da lei vigente da época.

No entanto, existe uma grande parcela da população que discorda de que seja necessária e eficaz a redução da maioridade penal. É de domínio público o conhecimento sobre o efeito de presídios sobre os criminosos; as prisões brasileiras são, não à toa, chamadas de “faculdades do crime”⁵. Assim, é de perfeita coerência o argumento que afirma que o cárcere de menores de dezoito anos agravaria a sua situação, inserindo-o ainda mais no mundo no crime.

O Brasil é signatário da Convenção sobre os Direitos da Criança e do Adolescente, da ONU, e da Declaração Internacional dos Direitos da Criança. Isso significa que a República Federativa do Brasil, enquanto nação, acordou internacionalmente que a maioridade penal em seu território é de dezoito anos. Logo, alterando a lei, o país estaria violando acordos internacionais, intermediados pela Organização das Nações Unidas.

Outro fator que contribui para a não alteração da lei é o fato de que crimes cometidos por jovens menores de dezoito anos é igual a 10%, enquanto a média mundial estipulada pela ONU é de 11,6%. Portanto, analisando por esse ângulo, o Brasil está dentro da “normalidade mundial”⁶.

No primeiro capítulo será abordada a criação da lei em questão e decretos semelhantes ao redor do mundo, como o Código de Hamurábi, o Direito Romano e a Magna Carta. As Constituições de países que adotam o sistema legal romano-germânico como a Alemanha, a França e a Itália também serão analisadas a fim de identificar semelhanças e diferenças em relação à questão penal de menores de idade.

1. Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo. Adolescentes em Conflito com a Lei. São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.nevusp.org/downloads/bancodados/adolescenteconflito/capacidade_adolescentesemprivacaoliberdade.htm. Acesso em: 23 janeiro 2015.

2. Folha de São Paulo. 93% dos paulistanos querem a redução da maioridade penal. Caderno Cotidiano. São Paulo, 17 abril 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/04/1263937-93-dos-paulistanos-querem-reducao-da-maioridade-penal.shtml>. Acesso em: 27 outubro 2014.

3. URIBE, Gustavo. Cresce a participação de crianças e adolescentes em crimes. O Globo. São Paulo, 28 de abril de 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/cresce-participacao-de-criancas-adolescentes-em-crimes-8234349>. Acesso em: 06 fevereiro 2015.

4. COVELLO JR., Antônio Augusto. A Mulher que Matou o Filho. Oabsp.org.br. São Paulo. Disponível em: <http://www.oabsp.org.br/sobre-oabsp/grandes-causas/a-mulher-que-matou-o-filho>. Acesso em: 06 fevereiro 2015.

5. GOMES, Luiz Flávio. Redução da Maioridade Penal. Lfg.com.br. 12 de fevereiro de 2007. Disponível em: http://www3.lfg.com.br/public_html/article.php?story=20070212062941460&mode=print. Acesso em: 10 dezembro 2014.

O segundo capítulo visa esclarecer o contexto, o surgimento e as mudanças na lei durante sua existência no Brasil. Esta seção buscará analisar como a lei vem sendo utilizada, suas alterações durante a história brasileira e os principais episódios relacionados com a ordem em questão.

No capítulo seguinte, o uso atual da lei no território brasileiro será discutido. A principal questão a ser tratada nes-

ta parte é, principalmente, sobre os debates acerca da regra da maioria penal. O quarto capítulo, por sua vez, buscará apresentar argumentos a favor e contra a alteração da lei, os quais levarão à resposta da questão inicial do trabalho.

A conclusão, por fim, buscará responder ao questionamento do tema do trabalho, a partir do levantamento de fatos e argumentos utilizados durante o projeto

1. As principais constituições da História

1.1 O Código de Hamurábi

O primeiro código de leis de que se tem notícia na história da humanidade é o chamado Código de Hamurábi. Tal documento foi escrito na antiga Babilônia e tem como base a “lei de talião”.

O Código abrange questões centrais da vida babilônica, baseado em situações concretas do cotidiano da época, tais como um cidadão deveria proceder se fosse lesado por outro. Acredita-se que esse foi o primeiro documento a assegurar os direitos humanos das pessoas de seu tempo.

Acerca da maioria penal, o Código não é específico sobre as punições aos jovens infratores da época, contudo, seguem alguns trechos que dissertam a respeito da criminalidade no período.

Sobre o furto de propriedades públicas: “Se alguém roubar a propriedade de um templo ou corte, ele deve ser condenado à morte, e também aquele que receber o produto do roubo do ladrão deve ser igualmente condenado à morte”. Verifica-se aqui uma tentativa do governo da Babilônia de desestimular não só o furto mas também a aquisição de objetos roubados.

Sobre a invasão da propriedade privada: “Se alguém arrombar uma casa, ele deverá ser condenado à morte na frente do local do arrombamento e ser enterrado”. Mais uma vez, o Código utiliza-se da pena de morte como punição para um crime contra a propriedade.

Assim, é possível observar que a punição para o que consideramos hoje “pequenos crimes” era extremamente

diferente do tipo de punição que há hoje, especialmente em se tratando do menor infrator.

1.2 O Direito Romano

O Direito instituído pelo Império Romano é fundamental para o Direito atual, uma vez que aquele moldou as bases da jurisprudência que se verifica em grande parte do mundo.

Assim como o Código de Hamurábi, o Direito Latino não torna diferente o menor infrator do maior infrator como faz a maioria das sociedades atualmente.

Na sociedade latina não foi estabelecida uma maioria penal como há em nossa cultura. No entanto, era estabelecido que a idade mínima para que um indivíduo constituísse uma família era de doze anos para mulheres e de quatorze para homens.

1.3 A Magna Carta

Criada no território, hoje conhecido por Inglaterra, a Magna Carta foi escrita por membros da Igreja, altos funcionários públicos e pelo Rei John cujo objetivo era garantir a liberdade dos cidadãos e o direito à propriedade hereditária. Na época em que foi redigida – 1215- a maioria penal no Reino Unido era de vinte e um anos.

Dessa forma, sendo considerado um dos primeiros documentos a garantir os direitos humanos e a maioria penal, a Carta Magna influencia, desde a sua criação, constituições e códigos penais no mundo Ocidental.

2. O sistema romano-germânico de leis

2.1 Definição e principais características

O sistema romano-germânico é um sistema jurídico que tem por base o direito romano. Algumas das principais características desse tipo de organização judicial são a doutrina – que não é baseada em uma reflexão teórica, mas em uma observação da realidade concreta – a obrigação – por meio do direito posto -, a diferenciação entre direito público e privado e a liberdade de interpretação dos artigos constitucionais.

A maioria dos países europeus, latino- americanos e asiáticos se utilizam desse tipo de modelo judiciário.

2.2 Alemanha

O país europeu, assim como o Brasil, divide os três principais poderes de uma nação em três: judiciário, executivo e legislativo. O sistema legal civil tem por base o Direito Romano. Crimes civis e criminais são julgados pelo Tribunal de Justiça Federal e seu estilo é inquisitorial.

Na Alemanha, o sistema penal visa à recuperação do criminoso, além da proteção da população. No âmbito da maioria penal, “pessoas que não alcançaram a idade de quatorze anos no período do crime devem ser consideradas isentas de culpa” (Código Criminal Alemão, seção 19). Observa-se que a inimputabilidade na Alemanha é de quatorze anos. No entan-

to, o menor que se encontra na faixa etária entre 14 e 18 anos é julgado pelas regras do Sistema de Justiça Juvenil.

Um fator que destaca a Alemanha na questão da maioridade penal é a possibilidade de um indivíduo que tenha entre 18 e 21 anos ser julgado pela Justiça Juvenil, se considerado mentalmente imaturo.

2.3 Espanha

A Espanha é uma monarquia parlamentar. Os poderes legais estão divididos entre o Executivo (formado pelo Conselho de Ministros), o Judiciário (composto por Juizados e Tribunais) e Legislativo (integrado pelo Congresso dos Deputados e Senado).

O país, assim como a Alemanha e o Brasil, adota o Sistema de Jovens Adultos, que julga menores de dezoito anos de acordo com regras específicas que visam à recuperação do

infrator. Da mesma forma que o país germânico, o Sistema em questão contém a Lei Orgânica, a qual julga jovens entre 18 e 21 anos, se estes forem considerados mentalmente imaturos.

2.4 França

Assim como a maioria dos países europeus, a França utiliza o Sistema romano-germânico de leis. Por ter sido palco da Revolução Francesa, a constituição da França se utiliza principalmente do Código de Napoleão e da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

O país é uma República Constitucional Unitária Semi-presidencialista, ou seja, o comando do Estado é dividido entre o Presidente e o Primeiro Ministro.

Em relação à maioridade penal, a França estabelece que os jovens infratores que se encontram entre os 13 e 18 anos são inimputáveis perante o Código Penal vigente.

3. O surgimento e contexto de criação da Lei da Maioridade Penal no Brasil

3.1 Contexto

O Brasil, por ter sido colonizado por Portugal, seguia seu Código Penal. Este, por sua vez, foi escrito no reinado de Felipe II, rei da União Ibérica.

Em 1824, o Brasil teve sua primeira Constituição escrita. Na época, o país acabara de tornar-se independente sob o governo de Dom Pedro I. O primeiro reinado enfrentou uma grande crise econômica, principalmente por causa do fracasso da Campanha da Cisplatina⁷, do envolvimento do rei na sucessão de Portugal e do constante envolvimento de brasileiros e portugueses em conflitos violentos.

3.2 Surgimento e alterações até hoje

O Código Criminal do Império foi a primeira legislação penal brasileira. No ano de sua criação, 1830, foi estabelecida a inimputabilidade de 14 anos, com algumas exceções. Quando o menor era julgado e condenado, a sua permanência nas chamadas “casas de correção” não podia ultrapassar a idade de 16 anos.

Um ano após a Proclamação da República, foi criado o Código Penal Republicano, o qual apresentou severas mudanças em relação à maioridade penal quando comparado com o Código Criminal do Império. A idade de inimputabilidade absoluta tornou-se de 9 anos. Os delinquentes que se encontravam na faixa etária de 9 a 14 anos eram julgados por sua consciência e motivação relacionadas ao ato criminoso.

O menor brasileiro seguiu nessas condições legais até o ano de 1921. A partir do início da década de 1920, a Lei 4.242 autorizava o governo a criar uma espécie de serviço de recuperação do menor infrator.

Em 1926, vigorou no Brasil o chamado Código de Menores. Este manteve a maioridade penal estabelecida em 14 anos.

No entanto, garantia que o jovem, em situação de abandono, poderia ser encaminhado a uma casa de educação ou ficar sob a tutela de um guardião legal até completar 21 anos de idade.

O atual Código Penal brasileiro foi elaborado no ano de 1940. O estabelecimento da inimputabilidade em 18 anos adota como critério o sistema biológico humano para a responsabilização criminal. No artigo 27 do Código, é possível encontrar os seguintes dizeres: “os menores de 18 anos são penalmente inimputáveis, ficando sujeitos às normas estabelecidas na legislação especial”. Em 1942, foi criado o Serviço de Assistência ao Menor (SAM). Tal serviço funcionava como um sistema penitenciário direcionado a menores infratores, sem intenção de recuperação e reintegração deles na sociedade.

No ano de 1945, quando Getúlio Vargas foi deposto, o SAM passou a ser considerado um órgão repressor e ficou conhecido como “universidade do crime”.

Já no Golpe Militar de 1964, dois documentos acerca da inimputabilidade penal destacam-se: a lei que originou a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Lei 4.513 de 1/12/64) e o Código de Menores de 1979. Muito do existente no novo código é observado também em seu antecessor, o código de 27.

Ainda no período da Ditadura, um novo Código Penal chegou a ser proposto. O Código de 1969, em seu artigo 17, declarava que: “O limite da imputabilidade foi mantido, como regra geral, nos dezoito anos. Excepcionalmente, pode ser declarado imputável o menor de dezesseis a dezoito anos que revela suficiente desenvolvimento psíquico para entender o caráter ilícito do fato de governar a própria conduta”. Por adiamentos consecutivos, o Código Penal nunca vigorou em território brasileiro, bem como o artigo relativo à maioridade penal.

7. A Campanha da Cisplatina (ou Guerra da Cisplatina) foi um conflito ocorrido durante 1825 e 1828, entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata, que viriam a tornar-se a Argentina e o Uruguai. O Rio da Prata era altamente cobiçado pelo fato de ser uma área estratégica: o controle do flúmen garantia ligação com o Rio Paraná e o Rio Paraguai e garantia o domínio da prata da região.

4. Discussão da redução da Lei da Maioridade Penal

4.1 Argumentos contra a redução

A Constituição Federal vigente conta com um dispositivo constitucional chamado de “cláusula pétrea”. As cláusulas assim denominadas não podem sofrer propostas de emenda para serem alteradas. Entre elas encontram-se as seguintes: a forma federativa de Estado, o voto direto, secreto, universal e periódico, a separação dos Poderes e os direitos e garantias individuais.

Há uma forte corrente doutrinária que entende que a proposta de alteração da inimputabilidade penal é ilegal pelo fato de violar uma das cláusulas pétreas a respeito dos direitos e garantias individuais⁸.

O governo brasileiro, no ano de 1990, instituiu o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Este garante os direitos dos menores de idade, bem como punições cabíveis para jovens infratores.

As punições hoje estabelecidas pelo ECA são: advertência, obrigatoriedade de reparo ao dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, inserção em regime semiaberto e internação. Todas as medidas estipuladas pelo Estatuto têm fins educacionais e de preservação do jovem.

A capacidade total de presos no Brasil é de 346.756. No entanto, hoje, existem 534.879 encarcerados no território nacional⁹. É evidente a falta de organização, de preparo e de respeito para com a situação do infrator brasileiro. Tais fatores somados resultam em ambientes que degradam seus habitantes. Os presídios no Brasil são, não à toa, conhecidos como “universidades do crime”, pelo fato de prepararem os encarcerados para o mundo do crime, quando de lá saem.

Permitir que menores infratores sejam expostos à tal realidade é inseri-los cada vez mais na criminalidade. É dever do Estado garantir o bem-estar de sua população carcerária e isso inclui o jovem criminoso. As medidas de punição devem ser, acima de tudo, preventivas e educativas.

A Declaração Internacional dos Direitos da Criança e a Convenção sobre os Direitos da Criança e do Adolescente são compromissos assumidos pelo Brasil com a ONU e, praticamente, com todos os membros signatários da Organização. Ambos os acordos estabelecem a maioridade penal aos 18 anos de idade. Reduzindo a inimputabilidade para 16 anos ou qualquer outra idade, o país estaria violando acordos internacionais.

O Brasil é um país onde a mídia exerce grande poder sobre a população. Os grandes jornais do território apelam fortemente para a questão da criminalidade juvenil, muitas vezes colocando o menor infrator como único culpado pela criminalidade brasileira. No entanto, o país se encontra dentro da média mundial de criminalidade e, curiosamente, os jovens são as maiores vítimas da criminalidade aqui.

Sendo assim, a alteração da maioridade penal é, não só inconstitucional, mas desinteressante para o país enquanto nação emergente e não passa de um apelo midiático que apresenta uma falsa solução para o problema da delinquência, sem alcançar os reais fatos geradores da criminalidade juvenil.

4.2 Argumentos a favor da redução

A Constituição Federal adota o sistema biológico para determinar a idade de inimputabilidade penal. Esse parâmetro determina que o agente não teve seu desenvolvimento mental completo até determinada idade e, por isso, não pode ser penalmente responsabilizado por seus atos

Nos dias atuais, seria mais coerente e adequado o uso do sistema biopsicológico de determinação da maioridade penal. Isso se dá pelo fato de avaliar, juntamente com o crime do infrator, sua condição mental de discernimento. Assim, o sistema levaria em conta não só o desenvolvimento mental do agente, mas também o nível desse desenvolvimento.

No Brasil, o voto é obrigatório dos 18 aos 70 anos de idade, mas que os maiores de 16 e 70 anos podem votar. A dispensa do voto baseia-se na responsabilidade e no grau de maturidade do agente. Se, por lei, um menor de 18 anos é capaz de tal responsabilidade e maturidade a ponto de poder decidir seus representantes governamentais, por que não o seria também para assumir por seus atos infratores? Existe na Constituição Federal do Brasil uma incoerência: a maioridade penal é diferente da maioridade eleitoral.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, com suas medidas sócioeducativas, não impede a reincidência criminal dos menores de idade porque não os intimida. Se um menor infrator tem a capacidade de cometer um delito equivalente ao de um adulto, sua punição também deve ser equivalente.

4.3 Discussão no Brasil entre os anos de 2014 e 2015

Em fevereiro de 2014 foi apresentada no Senado a Proposta de Emenda Constitucional (PEC¹⁰) que reduzia a maioridade penal, em crimes hediondos, para dezesseis anos de idade. Os delitos em questão seriam: terrorismo, tortura, tráfico de drogas, latrocínio, homicídio, sequestro e estupro. No entanto, essa proposta não obteve êxito e foi rejeitada na Casa Legislativa.

Nas eleições presidenciais do mesmo ano, ambos os candidatos favoritos à Presidência da República (Dilma Rousseff e Aécio Neves) incluíam em suas propostas eleitorais a questão da redução ou não da maioridade penal¹¹. O candidato do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Aécio Neves, posicionou-se como favorável à redução da maioridade penal em alguns casos específicos,

8. ANDRADE, Luís Fernando de. A impossibilidade da redução da maioridade penal no Brasil. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, XVI, n. 109, fev 2013. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=12825>. Acesso em jun 2015.

9. Presídios brasileiros, existe uma solução? Jusbrasil.com.br. Disponível em: <http://direitojustica.jusbrasil.com.br/artigos/111680889/presidios-brasileiros-existe-uma-solucao>

10. Comissão do Senado rejeita reduzir maioridade penal em crime hediondo. G1.com.br. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/02/comissao-do-senado-rejeita-reduzir-maioridade-penal-em-crime-hediondo.html>

“como reincidência em lesão corporal grave, roubo qualificado e crimes hediondos”. Já a candidata do Partido dos Trabalhadores (PT), Dilma Rousseff, não expressou diretamente sua opinião sobre o assunto na época. No entanto, o ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência afirmou que o governo da candidata à reeleição é contra a redução.

Neste ano de 2015, o debate sobre a constitucionalidade da alteração da lei continua frequente no Senado brasileiro. Em março, foi votada pela Comissão de Constituição de Jus-

tiça (CCJ) a admissibilidade de uma nova PEC relacionada ao tema e, diferentemente do que ocorreu há um ano, a proposta foi aprovada na Câmara dos Deputados. Apesar de condizer com a opinião de uma considerável parcela da população, a PEC vem gerando muita polêmica e episódios violentos envolvendo opositores. No dia 10 de junho de 2015, o plenário foi ocupado por estudantes contrários à PEC e, por ordem dos deputados presentes, os jovens foram retirados da Casa por seguranças que se utilizaram de uso excessivo de força¹².

Conclusão

Na atual conjuntura do Brasil, a redução da maioria penal não seria a melhor saída para a criminalidade infantil. De fato, há a necessidade de revisão das punições do Estatuto da Criança e do Adolescente, uma vez que elas foram formuladas há 24 anos. Sendo assim, encarcerar jovens e adolescentes seria uma medida que iria contra um dos maiores deveres do estado brasileiro que é de protegê-lo, de garantir o seu bem-estar e de propiciar uma formação cidadã adequada.

A melhor saída para o problema trazido pela maioria penal está na educação do jovem. É necessária a criação de políticas que mantenham o menor na escola por mais tempo, tornando seu tempo produtivo. O menor de idade é o futuro de uma nação. A sociedade precisa compreender que um país não pode encarcerar a sua população jovem. O que realmente pode ser feito é educá-los e prepará-los para o mundo.

Referências bibliográficas

- BRASIL. **Decreto-lei n.º 4.657, de 4 de setembro de 1942**. Lei de introdução às normas do direito brasileiro (redação dada pela Lei n.º 12.376, de 2010). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del4657compilado.htm>. Acesso em: 20 fev. 2015.
- BRITO, Jaime Domingues; OLIVEIRA, Flávio Luís de. **A convergência do sistema da *civil law* ao da *common law* e a concretização dos direitos**. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/INTERTEMAS/article/viewFile/2616/2405>> Acesso em: 17 out. 2014.
- BUSATO, Paulo César. **A política jurídica como expressão da aproximação entre o *common law* e o *civil law***. Disponível em: <<http://www2.mp.ma.gov.br/ampem/artigos/artigo%20Paulo%20Busato.pdf>> Acesso em: 17 out. 2014.
- CARVALHO, Felipe Quintella Machado de. Os precedentes judiciais como fonte do direito: a lição do direito anglo-saxão. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XII, n. 63, abr 2009. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5903>. Acesso em 17 out. 2014.
- CASTRO, Beatriz Medina Maia Novaes de. **Efeitos temporais da jurisprudência sumulada dos tribunais superiores**. 2010. 87 ff. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Faculdade de Direito, Rio de Janeiro.
- CASTRO JÚNIOR, Osvaldo Agripino de. **Os sistemas judiciais norte-americano e brasileiro e o impacto no desenvolvimento social: uma abordagem neo-institucionalista**. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/download/15511/14067>> Acesso em: 10 abr. 2015.
- DAVID, René. **Os grandes sistemas do direito contemporâneo**. Trad. Hermínio A. Carvalho. 2. ed. Lisboa: Meridiano, 1972.
- GASPARINI, Diógenes. **Direito administrativo**. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2003.
- GRILLO, Guilherme Levien. **O império das súmulas e orientações jurisprudenciais na interpretação judicial trabalhista: horizontes metodológicos de crítica e superação hermenêutica**. Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/1519/1205>> Acesso em: 10 abr. 2015.
- LIMA, Tiago Asfor Rocha. **Precedentes judiciais civis no Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2013.
- LIMA JÚNIOR, Cláudio Ricardo Silva. **Comentários a uma teoria da construção retórica do direito**. Disponível em: <<http://claudioricardojunior.blogspot.com.br/2010/04/comentarios-uma-teoria-da-construcao.html>>. Acesso em 20 mai. 2015.
- LOPES, José Reinaldo de Lima. **O direito na história: lições introdutórias**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MARINONI, Luiz Guilherme. Aproximação crítica entre as jurisdições de *Civil Law* e de *Common Law* e a necessidade de respeito aos precedentes no Brasil. **Revista da Faculdade de Direito da UFPR**, Curitiba, n.º 49, p.11-58, 2009.
- MARTINS, José Eduardo Figueiredo de Andrade. **Corpus Juris Civilis: Justiniano e o Direito brasileiro**. Jus Navigandi, Teresina, ano 17, n. 3417, 8 nov. 2012. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/22969>>. Acesso em: 4 junho 2015.
- MASSAU, Guilherme Camargo. **A escola dos glosadores: o início da ciência do direito**. Disponível em: <<http://www.sociologiajuridica.net.br/lista-de-publicacoes-de-artigos-e-textos/66-historia-e-teoria-do-direito-102-a-escola-dos-glosadores-o-inicio-da-ciencia-do-direito>> Acesso em: 20 maio de 2015.
- MEDEIROS, Pedro Paulo Guerra de. **Considerações acerca da doutrina do *stare decisis* do sistema norte-americano e sua importação no sistema brasileiro**. Disponível em: <<http://atualidadesdodireito.com.br/pedropaulomedeiros/2011/12/05/consideracoes-acerca-da-doutrina-do-stare-decisis-do-sistema-norte-americano-e-sua-importacao-no-sistema-brasileiro/>> Acesso em: 11 abril 2014.
- MEDEIROS, Pedro Paulo Guerra de. **O *stare decisis* brasileiro**. Disponível em: <http://uj.novaprolink.com.br/doutrina/322/o_stare_decisis_brasileiro> Acesso em: 11 abr. 2015.
- MEDINA, José Miguel Garcia. **Precedentes judiciais e segurança jurídica**. Disponível em: <<http://professormedina.com/2013/02/26/precedentes-judiciais-e-seguranca-juridica/>> Acesso em: 11 abr. 2015.
- MELLO, Leonel Itaussu A.; COSTA, César Amad. **História antiga e medieval: da comunidade primitiva ao Estado moderno**. São Paulo: Scipione, 1995.
- MENDEZ KERSTEN, Vinicius. O Código de Hamurabi através de uma visão humanitária. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, X, n. 42, jun 2007. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=4113>. Acessado em: 14 de maio 2015.
- TAVARES, Heloisa Gaspar Martins. **Idade Penal (maioridade) na legislação brasileira desde a colonização até o código de 1969**. Jus Navigandi, Teresina, ano 9, n. 508, 27 nov. 2004. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=5958>>. Acesso em: 25 de março de 2015.
12. Estudantes invadem comissão que analisa redução da maioria penal. G1.com.br. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/06/estudantes-invadem-comissao-que-analisa-reducao-da-maioridade-penal.html>
11. Dilma e Aécio “brigam” por redução da maioria penal. Gazetadopovo.com.br. Disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eleicoes/2014/dilma-e-aecio-brigam-por-reducao-da-maioridade-penal-eexj5qh718ee42jx7dw3gc8r2>

VICENTE, Dário Moura. **O lugar dos sistemas jurídicos lusófonos entre as famílias jurídicas**. Disponível em: <<http://www.fd.ul.pt/LinkClick.aspx?fileticket=Hok25hMXaWk%3D&tabid=341>> Acesso em: 4 abr. 2015.

Sites:

- 18 Razões Contra a Redução da Maioridade Penal**. Disponível em: 18razoes.wordpress.com. <<https://18razoes.wordpress.com/quem-somos/>> Acesso em: 12 de março de 2015.
- Alemanha**. Disponível em: [Wikipedia.org http://pt.wikipedia.org/wiki/Alemanha#Lei_Representa%C3%A7%C3%B5es_da_Rep%C3%B9blica_Federal_da_Alemanha_no_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alemanha#Lei_Representa%C3%A7%C3%B5es_da_Rep%C3%B9blica_Federal_da_Alemanha_no_Brasil). Disponível em: [brasil.diplo.de <http://www.brasil.diplo.de/Vertretung/brasilien/pt/07__Aussenpolitik/Politische__Dokumente.html>](http://www.brasil.diplo.de/Vertretung/brasilien/pt/07__Aussenpolitik/Politische__Dokumente.html) Acesso em: 9 de março de 2015.
- A evolução do voto no Brasil**. Disponível em: [tse.jus.br <http://www.tse.jus.br/institucional/a-justica-eleitoral>](http://www.tse.jus.br/institucional/a-justica-eleitoral) Acesso em: 5 de abril de 2015.
- Brasil vai na contramão mundial ao debater redução da idade penal**. Disponível em: [cartacapital.com.br http://www.cartacapital.com.br/sociedade/brasil-vai-na-contramao-mundial-ao-debater-reducao-da-idade-penal-3744.html](http://www.cartacapital.com.br/sociedade/brasil-vai-na-contramao-mundial-ao-debater-reducao-da-idade-penal-3744.html) Acesso em: 11 de maio de 2015.
- Cláusulas pétreas**. Disponível em: [direitonet.com.br <http://www.direitonet.com.br/dicionario/exibir/779/Clausulas-petreas>](http://www.direitonet.com.br/dicionario/exibir/779/Clausulas-petreas) Acesso em: 5 de maio de 2015.
- Código de Hamurábi – cerca de 1780 A.C**. Disponível em: [direitoshumanos.usp.br http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/codigo-de-hamurabi.html](http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/codigo-de-hamurabi.html) Acesso em: 12 de março de 2015.
- Comissão do Senado rejeita reduzir maioridade penal em crime hediondo**. Disponível em: [g1.com <http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/02/comissao-do-senado-rejeita-reduzir-maioridade-penal-em-crime-hediondo.html>](http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/02/comissao-do-senado-rejeita-reduzir-maioridade-penal-em-crime-hediondo.html) Acesso em: 5 de abril de 2015.
- Congresso em foco**. Disponível em: [uol.com.br <http://congressoemfoco.uol.com.br/tag/majoridade-penal/page/2/>](http://congressoemfoco.uol.com.br/tag/majoridade-penal/page/2/) Acesso em: 12 de março de 2015.
- Constituição da França**. Disponível em: [conseil-constitutionnel.fr <http://www.conseil-constitutionnel.fr/conseil-constitutionnel/root/bank_mm/portugais/constitution_portugais.pdf>](http://www.conseil-constitutionnel.fr/conseil-constitutionnel/root/bank_mm/portugais/constitution_portugais.pdf) Acesso em: 12 de março de 2015.
- Convenção internacional sobre os direitos da criança**. Disponível em: [wikipedia.org <http://pt.wikipedia.org/wiki/Conven%C3%A7%C3%A3o_internacional_sobre_os_direitos_da_crian%C3%A7a>](http://pt.wikipedia.org/wiki/Conven%C3%A7%C3%A3o_internacional_sobre_os_direitos_da_crian%C3%A7a) Acesso em: 12 de março de 2015.
- Convenção sobre os direitos da criança**. Disponível em: [pge.sp.gov.br <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/direitos/tratado11.htm>](http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/direitos/tratado11.htm) Acesso em: 5 de abril de 2015.
- Dilma e Aécio “brigam” por redução da maioridade penal**. Disponível em: [gazetadopovo.com.br <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eleicoes/2014/dilma-e-aecio-brigam-por-reducao-da-maioridade-penal-eexj5qh718ee42jx7dw3gc8r2>](http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eleicoes/2014/dilma-e-aecio-brigam-por-reducao-da-maioridade-penal-eexj5qh718ee42jx7dw3gc8r2) Acesso em: 12 de março de 2015.
- Direito Alemão**. Disponível em: [direitoalemao.com <http://direitoalemao.com/leis/>](http://direitoalemao.com/leis/) Acesso em: 11 de maio de 2015.
- Estudantes invadem comissão que analisa redução da maioridade penal**. [G1.com.br](http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/06/estudantes-invadem-comissao-que-analisa-reducao-da-maioridade-penal.html) Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/06/estudantes-invadem-comissao-que-analisa-reducao-da-maioridade-penal.html>> Acesso em: 3 de março de 2015.
- Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: [Wikipedia.org <http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_da_Crian%C3%A7a_e_do_Adolescente>](http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_da_Crian%C3%A7a_e_do_Adolescente) Acesso em: 12 de março de 2015.
- Evolução histórica do Direito Penal**. Disponível em: [jus.com.br <http://jus.com.br/artigos/932/evolucao-historica-do-direito-penal/2>](http://jus.com.br/artigos/932/evolucao-historica-do-direito-penal/2) Acesso em: 9 de março de 2015.
- Fundamentos de história do direito**. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt--BR&lr=&id=iczIS-zHYSEC&oi=fnd&pg=P13A&dq=direito+romano+maioridade+penal&ots=xKj1ILWoKQ&sig=wq4wCH2AJE1bh9LPxaaJbDDi2I#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: 2 de março de 2015.
- Fundamentos do sistema jurídico romano-germânico**. Disponível em: [jus.com.br <http://jus.com.br/artigos/30041/fundamentos-do-sistema-juridico-romano-germanico>](http://jus.com.br/artigos/30041/fundamentos-do-sistema-juridico-romano-germanico) Acesso em: 6 de março de 2015.
- German Criminal Code**. Disponível em: [gesetze-im-internet.de <http://www.gesetze-im-internet.de/englisch_stgb/englisch_stgb.html>](http://www.gesetze-im-internet.de/englisch_stgb/englisch_stgb.html) Acesso em: 5 de maio de 2015.
- História do Direito Penal Brasileiro**. Disponível em: [novaprolink.com.br <http://uj.novaprolink.com.br/doutrina/884/historia_do_direito_penal_brasileiro>](http://uj.novaprolink.com.br/doutrina/884/historia_do_direito_penal_brasileiro) Acesso em: 10 de março de 2015.
- Idade Penal: Tabela comparativa** – Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente. Disponível em: [crianca.mppr.mp.br <http://www.crianca.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=323>](http://www.crianca.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=323) Acesso em: 5 de maio de 2015.
- Idade penal (maioridade) na legislação brasileira desde a colonização até o Código de 1969**. Disponível em: [jus.com.br <http://jus.com.br/artigos/5958/idade-penal-maioridade-na-legislacao-brasileira-desde-a-colonizacao-ate-o-codigo-de-1969#ixzz3WkjoaNFs>](http://jus.com.br/artigos/5958/idade-penal-maioridade-na-legislacao-brasileira-desde-a-colonizacao-ate-o-codigo-de-1969#ixzz3WkjoaNFs) Acesso em: 3 de abril de 2015.
- Ley Orgánica 5/2000, de 12 de enero, reguladora de la responsabilidad penal de los menores**. Disponível em: [noticias.juridicas.com <http://noticias.juridicas.com/base_datos/Penal/105-2000.html>](http://noticias.juridicas.com/base_datos/Penal/105-2000.html) Acesso em: 10 de março de 2015.
- Magna Carta**. Disponível em: [api.adm.br <http://www.api.adm.br/direito/magnacarta_ok_port.htm>](http://www.api.adm.br/direito/magnacarta_ok_port.htm) Acesso em: 9 de abril de 2015.
- Maioridade penal**. Disponível em: [wikipedia.org <http://pt.wikipedia.org/wiki/Maioridade_penal#Responsabilidade_criminal:_compara.C3.A7.C3.A3o_entre_os_pa.C3.ADses>](http://pt.wikipedia.org/wiki/Maioridade_penal#Responsabilidade_criminal:_compara.C3.A7.C3.A3o_entre_os_pa.C3.ADses) Acesso em: 5 de maio de 2015.
- Maioridade Penal**. Disponível em: [cartaforense.com.br <http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas/majoridade-penal/11078>](http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas/majoridade-penal/11078) Acesso em: 12 de março de 2015.
- Maioridade penal gera polêmica na Espanha**. Disponível em: [dn.pt <http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1322951&page=-1>](http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1322951&page=-1) Acesso em: 5 de maio de 2015.
- O voto no Brasil**. Disponível em: [abril.com.br <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/voto-brasil-434883.shtml>](http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/voto-brasil-434883.shtml) Acesso em: 5 de abril de 2015.
- PEC 171/1993**. Disponível em: [camara.gov.br <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=14493>](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=14493) Acesso em: 3 de março de 2015.
- Política da França**. Disponível em: [Wikipedia.org <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADtica_da_Fran%C3%A7a>](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADtica_da_Fran%C3%A7a) Acesso em: 12 de março de 2015.
- Por que o Congresso tem fixação na redução da maioridade penal**. Disponível em: [cartacapital.com.br http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/por-que-congresso-pira-na-reducao-da-maioridade-penal-2558.html](http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/por-que-congresso-pira-na-reducao-da-maioridade-penal-2558.html) Acesso em: 12 de março de 2015.
- Presídios brasileiros, existe uma solução?** Disponível em: [jusbrasil.com.br <http://direitojustica.jusbrasil.com.br/artigos/111680889/presidios-brasileiros-existe-uma-solucao>](http://direitojustica.jusbrasil.com.br/artigos/111680889/presidios-brasileiros-existe-uma-solucao) Acesso em: 5 de maio de 2015.
- Projeto do Código Penal de 1969**. Disponível em: [senado.leg.br <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/224150/000349860.pdf?sequence=1>](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/224150/000349860.pdf?sequence=1) Acesso em: 12 de março de 2015.
- Proposta que prevê a redução da maioridade penal avança na Câmara**. Disponível em: [uol.com.br http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/03/31/proposta-que-preve-a-reducao-da-maioridade-penal-avanca-na-camara.htm](http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/03/31/proposta-que-preve-a-reducao-da-maioridade-penal-avanca-na-camara.htm) Acesso em: 5 de maio de 2015.
- Redução da maioridade penal é aprovada na CCJ da Câmara**. Disponível em: [correiobraziliense.com.br <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2015/03/31/internas_polbraeco,477728/reducao-da-maioridade-penal-e-aprovada-na-camara-dos-deputados.shtml>](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2015/03/31/internas_polbraeco,477728/reducao-da-maioridade-penal-e-aprovada-na-camara-dos-deputados.shtml) Acesso em: 6 de março de 2015.
- Sistema carcerário brasileiro- A ineficiência, as mazelas e o descaso presente nos presídios superlotados e esquecidos pelo poder público**. Disponível em: [revistavisaojuridica.uol.com.br <http://revistavisaojuridica.uol.com.br/advogados-leis-jurisprudencia/59/sistema-carcerario-brasileiro-a-ineficiencia-as-mazelas-e-o-213019-1.asp>](http://revistavisaojuridica.uol.com.br/advogados-leis-jurisprudencia/59/sistema-carcerario-brasileiro-a-ineficiencia-as-mazelas-e-o-213019-1.asp) Acesso em 4 de maio de 2015.
- Todos os países que reduziram a maioridade penal não diminuíram a violência**. Disponível em: [jusbrasil.com.br <http://nelciscgomes.jusbrasil.com.br/noticias/116624331/todos-os-paises-que-reduziram-a-maioridade-penal-nao-diminuiram-a-violencia>](http://nelciscgomes.jusbrasil.com.br/noticias/116624331/todos-os-paises-que-reduziram-a-maioridade-penal-nao-diminuiram-a-violencia) Acesso em: 5 de março de 2015.
- Uma Breve História dos Direitos da Criança e do Adolescente no Brasil**. Disponível em: [promenino.org.br <http://www.promenino.org.br/noticias/arquivo/uma-breve-historia-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-no-brasil>](http://www.promenino.org.br/noticias/arquivo/uma-breve-historia-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-no-brasil) Acesso em: 12 de março de 2015.
- Uma breve história dos direitos humanos**. Disponível em: [humanrights.com http://www.humanrights.com/pt/what-are-human-rights/brief-history/magna-carta.html](http://www.humanrights.com/pt/what-are-human-rights/brief-history/magna-carta.html) Acesso em: 11 abr. 2015.

TRABALHO ESCRAVO NO BRASIL DO SÉCULO XXI

CAMILA GAMBARONI
3ª série A

Obrigada aos meus pais por me incentivarem a buscar o conhecimento e por investirem na minha educação.

Agradeço também à Anna Junqueira que me ajudou na construção do texto, explicando conceitos antes não tão claros; à Júlia Freixedelo, por me ouvir, me ajudar e pelas inúmeras conversas, debates, sugestões e críticas que me ajudaram na elaboração da tese; ao professor Paulo, pela influência na escolha do tema e, por fim, à professora Ana Paula, pelo intenso trabalho no desenvolvimento de minha escrita e de minha expressão.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que não se conformam com o desrespeito aos direitos humanos e que lutam todos os dias por um mundo onde todos os homens sejam, de fato, iguais.

Resumo

O principal objetivo deste trabalho é analisar as principais formas de escravidão contemporânea na sociedade brasileira. De um lado busca discutir não só as definições dessa prática tanto por organismos nacionais quanto internacionais como também, de outro, procura mostrar suas características. O foco é dirigido para o trabalho escravo na in-

dústria têxtil e nas principais empresas envolvidas nessa prática. A monografia procura provar o quanto necessária é a conquista de direitos para milhares de trabalhadores escravizados no Brasil inteiro, sem dignidade, sem liberdade e sem direito a ter direitos

Palavras-chave: trabalho escravo, escravidão, trabalho degradante, direito trabalhista, direitos humanos, trabalhador, trabalho urbano.

Abstract

The goal of this study is to analyze the main forms of contemporary slavery in the Brazilian society. It aims at discussing not only the definitions of the practice by national and international organizations, as well as trying to show its characteristics. The main focus is directed to slave labor

in the textile industry and the leading companies involved in this practice. The paper wants to prove how necessary it is to guarantee the rights of thousands of enslaved workers throughout Brazil, who with no work dignity, nor rights.

Keywords: slave labour, slavery, degrading labour, labour rights, human rights, employees, urban labour.

Introdução

Pensaram, com certa razão, que não há castigo mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança.” (“O Mito de Sísifo”, Albert Camus).

Quando se fala em trabalho escravo no Brasil, a imagem que vem à cabeça é a de um Brasil colonial, com trabalhadores provenientes da África, que lotavam os porões dos tumbeiros e eram vendidos para trabalharem de forma desumana em engenhos de açúcar. No século XXI, o trabalho escravo, infelizmente, ainda existe, mas a situação é um pouco diferente. A escravidão não tem mais a ver diretamente com a cor da pele, mas sim com classe social (em sua maioria). A escravidão contemporânea talvez seja até mais grave que a colonial, já que atualmente o trabalhador é facilmente descartado quando não é mais útil, enquanto antigamente os escravos eram sinal de riqueza, e, por isso, mais valorizados economicamente.

A Lei Áurea foi assinada pela Princesa Isabel em 13 de maio de 1888, representando o fim do direito de propriedade de uma pessoa sobre a outra e, supostamente, exterminando a escravidão no Brasil. Entretanto, as atuais pesquisas feitas pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) evidenciam que ainda existem milhões de trabalhadores vivendo em situação análoga à de escravo, cujo nome é escravidão contemporânea.

Logo, este trabalho tem como tema “O trabalho escravo contemporâneo”. Foca-se na realidade brasileira presente

no século XXI e procura-se mostrar a situação vergonhosa a que milhões de trabalhadores são submetidos diariamente. Esses indivíduos realizam tarefas pesadas em circunstâncias desumanas, degradantes, sem receber nada ou muito pouco por seu trabalho, além de serem mantidos em condições de privação de liberdade.

Existem muitas pessoas, em todo o Brasil, que não podem voltar para casa depois de um dia de trabalho, pois estão presas em fazendas longe de sua terra natal ou até mesmo em oficinas de costura no centro de uma região metropolitana. Ficam meses trabalhando sem remuneração, privadas de qualquer saneamento básico, alimentando-se mal e sem acesso aos seus documentos. Ir embora? Só depois de terminar todo o serviço, o que pode levar meses, ou até anos. E se reclamar ou tentar fugir, podem ser espancadas e até mortas.

O trabalho escravo atualmente se mostra relevante não somente por ser uma violação aos direitos humanos, mas por tirar a dignidade e a liberdade do trabalhador. Além disso, ele está presente na vida de muitas pessoas, indireta ou diretamente. Ao comprar uma roupa caríssima em um *shopping*, o cliente pode estar indiretamente aceitando o trabalho escravo, sem saber disso. Por isso a informação, a divulgação de que trabalho escravo existe é importante. Disponibilizar conhecimentos referentes à escravidão nos dias de hoje permitirá maior transparência para a população em geral, assim como seu maior envolvimento no assunto.

1. O trabalho escravo contemporâneo no Brasil

Oficialmente, há mais de um século a escravatura foi abolida deste país. E o Brasil guarda na sua triste herança histórica o fato de ter sido o país da América Latina, ou melhor, das três Américas, com o mais longo período de escravidão. Mais de 300 anos. [...]

Na escravatura, dizia-se que negro merecia apenas três ‘pês’: o pão, o pano e o pau. A pauleira, diríamos hoje. E a escravatura só terminou, pelo menos oficialmente, quando se transformou num fato político, quando as pessoas começaram a ver que pegava mal ter escravos. Evidente que outras razões concorreram para isso. Era mais cômodo, para o sistema capitalista que se introduzia no país, a passagem do trabalho manual escravo para as manufaturas e, para as indústrias, que houvesse trabalho assalariado e não mais o trabalho escravo. (Fala de Frei Beto no Fórum Social Mundial de 2003 em Porto Alegre)¹

O trabalho escravo formal no país foi abolido pela Lei Áurea em 13 de maio de 1888. Entretanto, as condições em que alguns indivíduos trabalham hoje são muito parecidas com aquelas do trabalho escravo do Brasil colonial. Por

essa razão, é utilizada a expressão “trabalho análogo ao de escravo” para designar as condições a que os trabalhadores são submetidos atualmente.

A definição de trabalho forçado está na Convenção n.º 29 (1930) da OIT. Segundo o artigo 2, trabalho forçado ou obrigatório é definido como: “todo trabalho ou serviço exigido de uma pessoa sob a ameaça de sanção e para o qual não se tenha oferecido espontaneamente”.

O artigo 149 do Código Penal Brasileiro vigente constata que

Reduzir alguém à condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou à jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto:

Pena - reclusão, de dois a oito anos, e multa, além da pena correspondente à violência.

§1º Nas mesmas penas incorre quem:

1. Disponível em FÓRUM SOCIAL MUNDIAL 2003, Porto Alegre, RS. Anais da oficina trabalho escravo: uma chaga aberta. Brasília: OIT, 2003, p 17.

I - cerceia o uso de qualquer meio de transporte por parte do trabalhador, com o fim de retê-lo no local de trabalho;

II - mantém vigilância ostensiva no local de trabalho ou se apodera de documentos ou objetos pessoais do trabalhador, com o fim de retê-lo no local de trabalho.

§2º A pena é aumentada de metade, se o crime é cometido:

I - contra criança ou adolescente;

II - por motivo de preconceito de raça, de cor, de etnia, de religião ou de origem.²

Observa-se que, nesse contexto, a legislação brasileira é bem mais ampla. Na conceituação de trabalho escravo proposta pela OIT, não se consideram as condições degradantes a que são submetidos os trabalhadores. Já a legislação brasileira considera trabalho escravo não só a privação de liberdade, mas igualmente, a submissão do indivíduo a trabalhos forçados ou à jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de uma suposta dívida contraída com o empregador.

1.1 Restrição da liberdade e dignidade humana

Por desprezar os valores da dignidade humana e por restringir a liberdade do trabalhador, o trabalho análogo ao de escravo é considerado uma das mais graves violações aos direitos humanos.

Tabela 1:
restrição da liberdade e/ou perda da dignidade

Restrição da liberdade	Perda da dignidade
Servidão por dívida	Alojamentos precários
Isolamento Geográfico	Falta de assistência médica
Retenção de Documentos	Péssima alimentação
Maus tratos e Violência	Falta de saneamento básico e higiene
Ameaças físicas e psicológicas	Maus-tratos e violência
Encarceramento	Ameaças físicas e psicológicas
Trabalho Forçado	Jornada exaustiva
Retenção de Salário	

Fonte: Escravo, nem pensar!, 2013, p. 28.

A servidão por dívida é uma estratégia utilizada pelos empregadores que caracteriza a privação de liberdade. Quando os homens chegam ao local de trabalho, o “chefe” diz que o trabalhador tem que pagar por seu alojamento (que é extremamente precário), por sua comida e por seus instrumentos de trabalho. Esses gastos vão sendo anotados em um caderno. No fim do mês, o salário do indivíduo é muito inferior a tudo que ele está devendo ao empregador. Dessa forma, o trabalhador não tem acesso ao salário que teria direito. Uma vez contraída a dívida, o trabalhador perde o controle sobre suas condições de trabalho ou sobre a remuneração que deveria receber, caindo em uma armadilha, em condições de escravidão. Na maioria das vezes, o

dono do estabelecimento faz isso para que ele tenha mais lucro, pois há muito trabalho e pouco pagamento de salário e de despesas. Esse tipo de cobrança é ilegal, já que a legislação trabalhista define que é proibida a cobrança pelos alojamentos ou por instrumentos de trabalho.

O isolamento geográfico acontece quando o trabalhador é levado para áreas muito distantes de sua terra de origem, geralmente em regiões de difícil acesso. Nesses casos, o indivíduo não tem como recorrer a alguém, não consegue fugir, portanto acaba ficando preso ali, não tendo como voltar para casa.

A retenção de documentos se dá quando o empregador apreende os documentos dos trabalhadores, como carteira de identidade ou de trabalho a fim de dificultar a fuga. Esse cenário agrava a situação de prisão. Alguns homens se recusam a ir embora de um lugar enquanto seus documentos estão retidos. A carteira de trabalho assinada é uma espécie de prova de contrato de trabalho e sem ela os trabalhadores não têm como reivindicar seus direitos. Segundo José de Souza Martins, repórter da *Folha de S. Paulo*, o fato de reter a carteira de trabalho “é uma espécie de execução simbólica dos princípios de igualdade civil e de contrato. A partir desse momento, o trabalhador está morto enquanto cidadão: e nasceu um escravo”³.

Impedidos de deixar o local, os trabalhadores são obrigados a realizar tarefas superiores às suas forças físicas, além de jornadas que chegam a 16 horas diárias.

Na maioria dos casos, os alojamentos são de péssima qualidade. Quando o trabalho é rural, os indivíduos dormem geralmente em um barraco de lona, muitas vezes sem cama, em um chão de terra. O saneamento básico é inexistente e muitas vezes o “banheiro” do trabalhador é o mato. Já no trabalho escravo urbano, na maioria das vezes, o indivíduo mora em uma casa no centro da cidade, que é o mesmo lugar onde o trabalho acontece. Portanto, dificilmente o trabalhador sai de lá. Além disso, normalmente a casa possui uma estrutura elétrica de risco e não tem extintores utilizáveis, por exemplo. Outra característica dos trabalhadores escravos contemporâneos urbanos é que eles costumam dormir no mesmo ambiente do trabalho, ou seja, não há um quarto; eles dormem no chão da cozinha, nos corredores ou até mesmo entre as “máquinas” (normalmente de costura).

Além disso, o trabalhador, muitas vezes, não sabe que é um escravo contemporâneo e acredita que, se ele tem uma dívida (que para ele é realista e legal), ele deve pagá-la. O depoimento do trabalhador Valdeni da Silva Medeiros concedido à jornalista Carolina Motoki, em 2011 evidencia essa inocência:

[...] Fui muito, muito escravizado na época. Mas eu não sabia. Pra mim viver naquele tipo era a maneira que tinha que viver mesmo, não tinha noção do trabalho escravo. Pra mim era normal viver aquilo. [...]

2. O artigo 149 do Código Penal brasileiro está disponível em <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10621211/artigo-149-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>>. Acesso em 13 jun 2015

3. Disponível em SUTTON, Alison. Slavery in Brazil: Link in the Chain of Modernisation. Londres, Anti-Slavery International, 1994, p. 34.

Eu sempre devia, eu nunca tinha saldo. Devido eu ter sido criado naquele regimento dos pais – ó, meu filho, a gente tem que ser homem, tem que pagar o que deve, não pode sujar o nome –, achava que a pinga pra mim poderia ser uma derrota, mas nem tanto como meu nome sujo. Minha preocupação era pagar as contas e partir de uma fazenda pra outra. Na época, pra mim era o normal. [...]. (ESCRAVO, NEM PENSAR!, 2013, p.23)

Apesar de não ter importância para a lei, o consentimento do trabalhador também é um fator importante. Isso porque o indivíduo concordar ou não com as condições de trabalho a que está sendo submetido não impede de a situação ser caracterizada como trabalho escravo contemporâneo. Essa concepção é reforçada pelos Direitos Humanos Internacionais que afirma que o ser humano tem direitos inerentes à condição humana e que ninguém deve se submeter à precarização, pois isso fere a dignidade humana.

1.2 Aliciamento

O crime de aliciamento acontece na maioria dos casos de trabalho escravo contemporâneo no Brasil. O artigo 207 do Código Penal brasileiro vigente diz que:

Aliciar trabalhadores, com o fim de levá-los de uma para outra localidade do território nacional:

Pena - detenção de um a três anos, e multa.

§1º Incorre na mesma pena quem recrutar trabalhadores fora da localidade de execução do trabalho, dentro do território nacional, mediante fraude ou cobrança de qualquer quantia do trabalhador, ou, ainda, não assegurar condições do seu retorno ao local de origem.

§ 2º A pena é aumentada de um sexto a um terço se a vítima é menor de dezoito anos, idosa, gestante, indígena ou portadora de deficiência física ou mental.⁴

Os chamados “gatos” são pessoas contratadas pelo empregador que aliciam os trabalhadores para que os fazendeiros não sejam responsabilizados pelo crime – em raros casos os aliciadores são os próprios empregadores. Os “gatos” buscam pessoas em locais distantes do local de trabalho, garantindo salário, alojamento e comida.

Um elemento presente nos crimes de aliciamento é o “abono” (adiantamento). É uma quantidade de dinheiro que o “gato” fornece ao trabalhador antes de os dois deixarem o local. O indivíduo deixa a quantia com a família para que se mantenha até que ele envie mais. Se aceitar o abono, o trabalhador já sai da cidade endividado.

Muitos vão espontaneamente. A falta de recursos, de oportunidades; a necessidade de renda para o sustento próprio e da família, são os principais impulsionadores. Buscam fugir da rotina em que vivem, almejam mudar de vida; querem ser respeitados, como um trabalhador, pela família e pela comunidade.⁵

Ao chegar ao destino, o trabalhador descobre que será submetido a jornadas exaustivas, a condições degradantes e que o “gato” desconta tudo do salário, inclusive alimentação e material de trabalho.

O aliciamento também ocorre muito por causa da terceirização dos serviços das grandes empresas. As multinacionais geralmente não têm como gerenciar a contratação de todos os funcionários e por essa razão acabam terceirizando esse serviço. As empresas que alocam esse tipo de mão de obra escolhem o trabalho escravo por ser mais barato, desencadeando um ciclo. Entretanto, o fato de uma empresa contratada realizar o aliciamento não tira a culpa da empresa que a contratou, ou seja, se uma multinacional contrata uma empresa para selecionar empregados e essa empresa inicia o trabalho escravo (há casos urbanos em que uma marca contrata várias empresas para fazerem as roupas determinadas), a responsabilidade recairá não somente sobre o dono da empresa, mas também sobre a multinacional, pois caberia a ela fiscalizar as empresas contratadas.

Nos últimos anos, vem acontecendo uma crescente preocupação com o tráfico humano e sua relação com o trabalho forçado. Por essa razão, foi elaborado o Protocolo de Palermo que entrou em vigor em 2003, para a Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional. Tem como principais objetivos: prevenir e combater o tráfico de pessoas, prestando atenção especial às mulheres e às crianças; proteger e ajudar as vítimas desse tráfico, respeitando plenamente os seus direitos humanos; e promover a cooperação entre os Estados de forma a atingir esses objetivos. Esse documento especifica que:

[...] O tráfico de pessoas deverá significar o recrutamento, transporte, transferência, abrigo ou recepção de pessoas, por meio de ameaça ou de uso da força ou de outras formas de coerção, de rapto, de fraude, de logro, ou de abuso de poder, ou de uma posição de vulnerabilidade, ou pela realização ou recepção de pagamentos ou benefícios, com vista à obtenção do consentimento de uma pessoa que controle outra, com o objetivo de exploração. A exploração deverá incluir, no mínimo, a exploração da prostituição de outros, ou outras formas de exploração sexual, trabalho ou serviços forçados, escravatura ou práticas análogas à escravatura, servidão ou remoção de órgãos. [...]. (PROTOCOLO DE PALERMO)⁶

4. O artigo 207 do Código Penal Brasileiro está disponível em <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10612402/artigo-207-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>>. Acesso em: 13 jun 2015

5. Disponível em FINLEY, Moses I. Escravidão antiga e moderna. Rio de Janeiro, Graal, 1991, p. 32.

6. O Protocolo de Palermo, assinado pelo Brasil, é a base para o combate ao tráfico de pessoas. Disponível em: <<http://sinus.org.br/2014/wp-content/uploads/2013/11/OIT-Protocolo-de-Palermo.pdf>>.

1.3 Quem é o trabalhador escravizado?

A maioria dos trabalhadores resgatados são migrantes sem terra que trabalham no campo. Alguns possuem pequenas áreas de terra ou cultivam lavouras de subsistência em sistema de arrendamento ou parceria. Possuem pouca ou nenhuma qualificação profissional e baixa escolaridade. Há também um grupo de trabalhadores temporários que é constituído por migrantes que vivem em outras regiões e descrevem um movimento pendular entre o local de origem e o de destino. Esses são preferidos por “gatos” e fazendeiros, que os consideram “mais trabalhadores” e menos exigentes.

Segundo o Índice Global de Escravidão, realizado pela ONG *Walk Free Foundation*⁷ em 2014, o grupo de pessoas mais vulneráveis ao trabalho escravo no Brasil atualmente é o de estrangeiros em busca de empregos – especialmente os haitianos e os bolivianos, que emigram devido às condições econômicas, sociais e naturais em seus países. São principalmente explorados por meio da escravidão por dívida.

Os bolivianos são recrutados nas cidades de Santa Cruz de La Sierra, La Paz e Cochabamba, que funcionam como centros receptores das famílias que vêm das regiões mais pobres da Bolívia. Nesses lugares, o recrutamento é realizado por várias mídias nas cidades de maior porte e de contatos informais nas vilas andinas. No início da viagem, o empregador apreende os documentos dos trabalhadores. O trajeto é feito principalmente pelo Paraguai, onde os emigrantes aguardam o momento para atravessar a fronteira pela Ponte da Amizade⁸. Durante a espera, muitas vezes não há comida ou água. A viagem para São Paulo é feita de ônibus. Outro trajeto é através da região de Corumbá ou da região amazônica, tendo como ponto de referência as condições de vida do local de origem, esse emigrante, no Brasil, se encontra em uma situação de menos pobreza do que antes.

De acordo com o Ministério de Trabalho e Emprego, mais de 47 mil trabalhadores foram resgatados desde 1995, dos quais 95% são homens.

Quanto à escolaridade, 39% dos trabalhadores são analfabetos e 34% só chegaram até a quarta série do ensino fundamental.

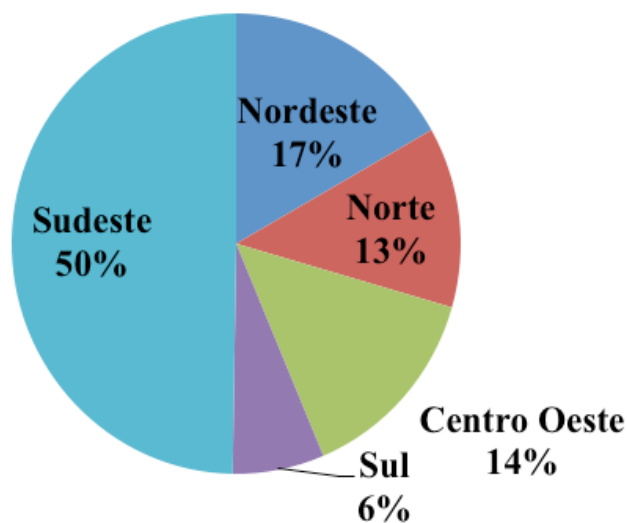
Os cinco estados mais citados como local de nascimento são: Maranhão (28,31%), Pará (7,87%), Bahia (7,68%), Mato Grosso do Sul (7,47%) e Piauí (6,67%), segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego.

TABELA 2: TRABALHADORES LIBERTADOS ENTRE 2003 E 2014

POR ATIVIDADE	TRABALHADORES LIBERTADOS	
	NÚMERO	PORCENTAGEM
Pecuária	11.668	27%
Reflorestamento	1.094	3%
Extratativismo	516	1%
Cana	10.709	25%
Outras Lavouras	7.599	18%
Carvão	3.215	8%
Mineração	302	1%
Construção	2.101	5%
Confecção	398	1%
Desmatamento	2.168	5%
Outros	1.312	3%

Fonte: Comissão Pastoral da Terra⁹ (2014)

Em 2013, segundo a Comissão Pastoral da Terra, 16,8% das pessoas libertadas da escravidão estavam no Nordeste; 12,7%, no Norte; 14,2%, no Centro Oeste; 6,6%, no Sul; e 49,8% no Sudeste. Por Estado, 545 trabalhadores foram libertados em São Paulo (Sudeste), 84 em Tocantins (Norte), 435 em Minas Gerais (Sudeste), 103 no Ceará (Nordeste), e 141 no Pará (Norte).



Fonte: Comissão Pastoral da Terra (2013)

7. A ONG Walk Free Foundation é uma organização internacional que luta contra a escravidão moderna no mundo inteiro.

8. A Ponte Internacional da Amizade liga a cidade de Foz do Iguaçu, no Brasil, e Ciudad del Este, no Paraguai, passando sobre o rio Paraná.

9. A Comissão Pastoral da Terra é um órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que lança relatórios periódicos referentes ao combate à escravidão contemporânea.

2. Erradicação do trabalho escravo no Brasil

Foi em 1995, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, reconhecida a existência de trabalho escravo contemporâneo no Brasil. Em junho daquele ano, foi criado o Grupo Executivo de Repressão ao Trabalho Forçado (GER-TRAF) e o Grupo Móvel de Fiscalização, coordenado pelo Ministério do Trabalho e Emprego. Desde então, criaram-se várias políticas públicas a fim de erradicar esse mal da sociedade. Exemplos dessas políticas são: o 1º e 2º Plano Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo, em conjunto com a Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo (CONATRAE), a “Lista Suja” e a PEC do Trabalho Escravo. Além desses, a Organização Não -Governamental Repórter Brasil tem uma importante participação na luta do combate à escravidão contemporânea.

Tais medidas levaram a Organização Internacional do Trabalho (OIT) a destacar os avanços alcançados pelo Brasil e a citar o país como referência mundial no combate ao trabalho escravo contemporâneo em seu relatório “Uma aliança global contra o trabalho forçado”, divulgado em maio de 2005 em Genebra e em Brasília.

2.1 Os Planos Nacionais para a Erradicação do Trabalho Escravo

Em março de 2003, durante o governo Lula, foi instituído o 1º Plano Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo. O documento reúne 76 metas elaboradas por uma comissão do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH). A introdução do documento diz que:

Consciente de que a eliminação do trabalho escravo constitui condição básica para o Estado Democrático de Direito, o novo Governo elege como uma das principais prioridades a erradicação de todas as formas contemporâneas de escravidão. E o enfrentamento desse desafio exige vontade política, articulação, planejamento de ações e definição de metas objetivas. (p. 8)

Um estudo feito pelo jornalista Leonardo Sakamoto e publicado, em 2006, pela OIT prevê que 68,4% das metas foram cumpridas, total ou parcialmente, em aproximadamente dois anos de existência do Plano Nacional. A eficácia das medidas deu visibilidade ao problema, atraiu o interesse dos meios de comunicação e de importantes setores sociais e obteve o reconhecimento de instituições internacionais e de outros países.

Contudo, o 1º Plano não abordava todos os desafios que existem quanto à prevenção do trabalho escravo contemporâneo, por isso o 2º Plano Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo foi formulado em 2008, representando uma ampla atualização do primeiro, incluindo metas mais detalhadas. As áreas que foram mais abordadas no 2º Plano foram a diminuição da impunidade e a reforma agrária,

segundo o Ministro da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, Paulo Vannuchi, na apresentação do 2º Plano (página 9):

[...] Num balanço geral, constata-se que o Brasil caminhou de forma mais palpável no que se refere à fiscalização e capacitação de atores para o combate ao trabalho escravo, bem como na conscientização dos trabalhadores sobre os seus direitos. Mas avançou menos no que diz respeito às medidas para a diminuição da impunidade e para garantir emprego e reforma agrária nas regiões fornecedoras de mão de obra escrava. Consequentemente, o novo plano concentra esforços nessas duas áreas [...].

2.2 Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo

Em agosto do mesmo ano de publicação do 1º Plano Nacional, foi instituída a Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo, a Conatrae. A criação desse conselho era uma das metas do 1º Plano.

A Conatrae tem como objetivo fiscalizar e coordenar as ações para cumprir as metas do Plano Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo, bem como as demais políticas que existem a fim de eliminar essa prática. Além disso, também pretende promover estudos e debates acerca do tema.

A Comissão é integrada por ministros de diversas entidades, entre elas, o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), e por até nove representantes de entidades não governamentais que exerçam atividades relevantes relacionadas à causa. A composição da Conatrae revela o compromisso do governo brasileiro de trabalhar em parceria com entidades de sociedade civil na erradicação do trabalho em questão.

2.3 Lista Suja

A Lista Suja foi criada em 2003 e é um cadastro que agrupa nomes de empregadores (pessoas físicas e jurídicas) flagrados na exploração de trabalhadores em condição análoga à escravidão.

Os nomes das empresas flagradas explorando trabalho escravo só são inseridos na lista após uma fiscalização e um processo administrativo realizado pelo MTE que comprove a ilegalidade. A retirada ocorre após um monitoramento de dois anos que comprove o fim das irregularidades.

Essa lista foi elaborada com o intuito de combater o trabalho escravo, sendo hoje utilizada por bancos, por empresas e por importadoras a fim de controlar o compromisso de grandes empresas e fornecedores com sua cadeia produtiva. Segundo o jornalista Leonardo Sakamoto, em entrevista à BBC Brasil,¹⁰

A lista suja combate o trabalho escravo, mas, mais do que isso, é um instrumento de gerenciamento de risco

10. A entrevista foi concedida em abril de 2015 e está disponível no link: < http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/04/150402_trabalho_escravo_entenda_cc>.

para a atividade econômica brasileira, porque ninguém quer se associar a empresas que usam trabalho análogo à escravidão. [...] Não é uma questão de 'bondade' do mercado. A empresa que foi flagrada com trabalho escravo pode estar sofrendo um processo grande e pode nem ter dinheiro no futuro para quitar empréstimos que venha a tomar, se for condenada a pagar milhões. Era necessário que o mercado brasileiro tivesse um instrumento para garantir esse controle [...].

Se uma empresa produtora de carvão tiver seu nome na Lista Suja, por exemplo, as grandes empresas automobilísticas e de eletrodomésticos, que poderiam vir a contratar o serviço daquela, não o farão, e buscarão uma empresa que garanta que o produto não está sendo produzido com mão de obra escrava.

Em 2014, uma associação de construtoras fez um pedido ao STF a fim de conseguir tirar a lista suja do ar. O argumento utilizado foi que a divulgação dos nomes expõe os empregadores a uma situação vergonhosa. A retirada foi determinada por decisão provisória do ministro Ricardo Lewandowski, no dia 27 de dezembro de 2014.

No dia 31 de março de 2015, o MTE e a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República lançaram uma nova portaria que prevê a recriação da lista. Usaram como justificativa a Lei de Acesso à Informação, que diz que o poder público é obrigado a prestar informações de seus atos à população e à imprensa.

2.4 PEC do Trabalho Escravo

A Proposta de Emenda Constitucional número 438 prevê a expropriação e confisco da terra daqueles que empregam trabalho escravo contemporâneo em suas propriedades. A aprovação dessa proposta também é uma meta do Plano Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo, mas infelizmente ainda não foi cumprida em sua totalidade.

A PEC foi aprovada em dois turnos no Senado (lugar de origem da proposta) e em primeiro turno na Câmara, onde aguarda, desde 2004, a aprovação pelo plenário em segundo turno. A Proposta, além de ter a capacidade de fazer o

Brasil vencer a impunidade dos escravagistas, contraria o modo como é feita a organização fundiária no país há mais de meio século. Por esse motivo, a bancada ruralista conseguiu adicionar mudanças no texto da PEC para retardar a sua transformação em lei.

A aprovação dela é essencial na luta na erradicação do trabalho escravo no Brasil, por isso é tão importante que ela seja aprovada o quanto antes.

2.5 ONG Repórter Brasil

A ONG Repórter Brasil – Organização de Comunicação e Projetos Sociais foi fundada em 2001 por jornalistas, cientistas sociais e educadores e é uma das mais importantes produtoras de informação sobre trabalho escravo contemporâneo no Brasil.

Dentre suas atividades, a ONG vem desenvolvendo o jornalismo social. É considerada o principal centro de informações contra o combate ao trabalho escravo no Brasil. *Repórter Brasil* ampliou sua área de atuação ao longo dos anos e hoje, com cobertura variada sobre violações de direitos humanos e questões socioambientais, tem influenciado na formulação de políticas públicas e servido como referência para outros veículos de imprensa.

Na área da educação, a organização criou o projeto “Escravo, nem pensar!”. É o primeiro programa educacional de prevenção contra o trabalho escravo a atuar em âmbito nacional. Com o desenvolvimento de metodologia educacional própria, desde 2004 o ENP! atua em comunidades em áreas de alta vulnerabilidade social, suscetíveis a violações de direitos humanos como trabalho escravo e tráfico de pessoas. Sua linha de ação inclui formação para educadores e lideranças comunitárias; elaboração de publicações didático-pedagógicas e apoio técnico-financeiro a iniciativas comunitárias locais. Tais atividades já alcançaram mais de 140 municípios em oito Estados brasileiros, beneficiando mais de 200 mil pessoas. O programa também foi incluído nominalmente na segunda edição do Plano Nacional para Erradicação do Trabalho Escravo e consta como meta ou ação de planos estaduais como os do Mato Grosso, Pará, Tocantins e Maranhão.¹¹

3. Quando a moda escraviza: o trabalho escravo na indústria têxtil

Segundo a ONG *Repórter Brasil*, uma das áreas com mais denúncias de trabalho escravo é o setor têxtil – incluindo grandes marcas do mundo da moda. A ONG criou um aplicativo para *smartphones* que reúne informações sobre todas as marcas que já foram pegadas utilizando mão-de-obra análoga à de escravidão. Nesse grupo, estão: Americanas, Bo.Bô, Colcci, Gregory, John John, Le Lis Blanc, Marisa, M.Officer, Pernambucanas, Renner e Zara.

As condições encontradas pelas equipes de fiscalização nas fornecedoras e oficinas terceirizadas foram seme-

lhantes em todos os casos, desde a presença de imigrantes ilegais até a imposição de jornadas exaustivas. Quanto as respostas às acusações de envolvimento, contudo, as empresas adotaram posturas diferentes. Foram escolhidas as marcas que mais causaram repercussão na imprensa: Zara, Grupo Restoque, M.Officer e Renner.

3.1 Zara

A Zara foi notícia internacional quando, em agosto de 2011, fiscais do governo apontaram situações análogas à

11. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/quem-somos/>>. Acesso em 13 jun 2015.

escravidão em três oficinas que abasteciam a marca localizadas no Centro, na Zona Norte de São Paulo e na cidade de Americana, interior de São Paulo.

Inicialmente, 52 trabalhadores foram encontrados em condições degradantes em Americana, São Paulo; parte desse grupo costurava calças para a Zara. Depois disso, fiscais do governo encontraram 15 pessoas – incluindo uma adolescente de 14 anos – costurando roupas para a Zara na capital paulista. Esse grupo estava submetido a condições degradantes, jornadas exaustivas de até 16h de trabalho por dia e cerceamento de liberdade (seja pela cobrança de dívidas, seja pela proibição de deixar o local de trabalho sem autorização prévia).



Figuras 1 e 2: Condições de trabalho degradantes. Fotos: FF, BP e SRTE/SP. Disponível em: <reporterbrasil.org.br>.

Do lado de fora, as oficinas eram parecidas com residências. Entretanto, todas elas tinham em comum poucas janelas, quase sempre fechadas. As cortinas eram feitas de tecidos escuros e impediam a visão do que acontecia do lado de dentro das oficinas clandestinas. Os ambientes eram apertados, sem ventilação, sujos e a fiação elétrica estava completamente exposta. Logo, os trabalhadores conviviam com o perigo iminente de incêndio, que poderia tomar grandes proporções devido à grande quantidade de tecidos espalhados pelo chão e à falta de extintores válidos.



Figura 3: Fachada de uma das oficinas clandestinas. Foto: Fernanda Forato. Disponível em: <reporterbrasil.org.br>.

Inicialmente, o Ministério Público do Trabalho pediu uma indenização por dano moral no valor de 20 milhões de reais. Pelo acordo fechado em dezembro de 2011, a empresa pagaria somente 17% desse valor em “investimentos sociais”. Além disso, a previsão de punição para subcontratações (que estava na primeira versão do termo de ajustamento de conduta), também acabou sendo suprimida do texto final.

Depois disso, foi definido que a empresa em questão seria imediatamente multada em R\$50.000 reais se alguma de suas oficinas fosse flagrada em situação de escravidão contemporânea. A empresa também vem envolvendo-se em ações de auxílio a imigrantes, para a regularização desses trabalhadores no país e fornecendo ajuda financeira para suprir suas necessidades básicas.

3.2 Grupo Restoque

O grupo Restoque é um grupo varejista focado no mercado de moda de alto padrão. São marcas desse grupo a Le Lis Blanc e a Bo.Bô. Em junho de 2013, fiscais do governo encontraram 28 bolivianos trabalhando em condições de escravidão contemporânea em três confecções que costuravam roupas para essas duas grifes. Nas lojas, as peças valem até 150 vezes mais do que o valor que o trabalhador recebe por peça.

Além de submetidos a condições degradantes e jornada exaustiva, muitos dos resgatados estavam presos a dívidas, o que também configura escravidão contemporânea.

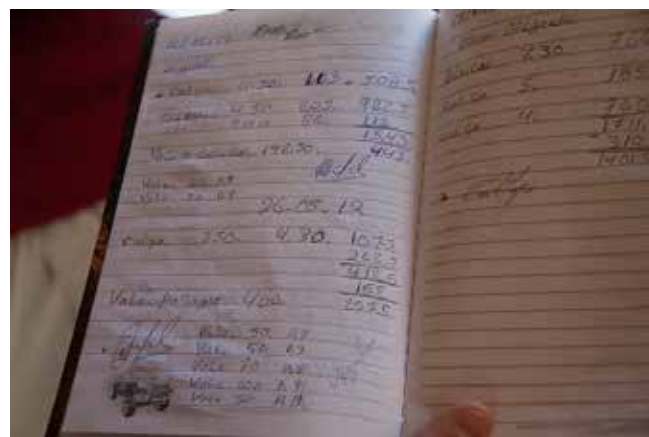


Figura 4: Caderno onde eram anotadas as “dívidas” dos trabalhadores. Foto: Anali Dupré. Disponível em: <reporterbrasil.org.br>.

A companhia teve de pagar R\$ 600 mil em verbas rescisórias para os trabalhadores prejudicados. Esse valor foi definido por meio de um Termo de Ajuste de Conduta (TAC)¹², firmado junto com o Ministério Público do Trabalho (MPT). Segundo o MPT, o dinheiro seria utilizado para ajudar entidades assistenciais, programas de capacitação e prestação de serviços jurídicos a trabalhadores. O acordo também prevê multa, caso a fiscalização das condições de trabalho em sua cadeia produtiva não seja feita corretamente.

12. Os Termos de Ajustamento de Conduta (TACs) são documentos assinados por partes que se comprometem, perante os procuradores da República, a cumprirem determinadas condicionantes, de forma a resolver o problema que estão causando ou a compensar danos e prejuízos já causados.

3.3 M. Officer

A M. Officer é uma das marcas mais tradicionais de vestuário feminino no Brasil. Criada pelo estilista Carlos Miele, possui lojas em diversos *shoppings* do país.

Uma ação realizada pelo Ministério Público do Trabalho e pelo Ministério do Trabalho e Emprego, em novembro de 2013, resgatou um homem e uma mulher produzindo peças da marca em uma oficina no Bom Retiro, bairro da região central de São Paulo. Casados, os dois trabalhadores eram bolivianos e viviam com seus dois filhos no local em que costuravam. O lugar não era adequado em questões de higiene, não havia local para alimentação, ou seja, a família comia em cima da cama. Os quatro tinham de dividir a cama de casal. No espaço de trabalho, não havia extintores de incêndio e foram encontradas instalações elétricas irregulares, além de materiais inflamáveis.

O valor de todas as despesas da casa como luz, água, produtos de limpeza e de higiene, tudo era descontado do salário recebido. Eles costuravam exclusivamente para a M. Officer há sete meses e foram contratados por uma empresa terceirizada chamada Spazio. Os dois ganhavam R\$ 7,00 por peça produzida.



Figura 5: Etiqueta de peça de roupa confeccionada em situação análoga à escravidão. Foto: MPT-PRT2. Disponível em: <reporterbrasil.org.br>

Os fiscais do governo concluíram que a M5 Têxtil é a empregadora direta dos trabalhadores flagrados e que, mesmo se não fosse, tem responsabilidade pela cadeia produtiva, conforme a legislação vigente. Por essa razão, o MPT e o MTE propuseram a assinatura de um Termo de Ajuste de Conduta (TAC), o pagamento das verbas rescisórias e registro na carteira de trabalho para solucionar o

problema. A M5 Têxtil, no entanto, recusou-se, alegando que não tinha responsabilidade pelos trabalhadores.

3.4 Renner

A Renner, rede varejista de roupas presente em todo o país, foi responsabilizada por autoridades trabalhistas pela exploração de 37 costureiros bolivianos em uma oficina de costura terceirizada localizada na periferia de São Paulo (SP). Os trabalhadores foram descobertos em novembro de 2014 por fiscais do governo.



Figura 6: Trabalhador bate cartão em oficina inspecionada: tentativa de enganar a fiscalização. Foto: Igor Ojeda. Disponível em: <reporterbrasil.org.br>

Entre os resgatados havia 21 homens, 15 mulheres e uma adolescente. Após análise de documentação e coleta de depoimentos das vítimas, os auditores fiscais constataram que a confecção fornecia alojamento e alimentação aos trabalhadores em troca de rendimentos em seus trabalhos, prática que não é permitida pela legislação brasileira. A gerente da oficina chegou a mentir para a fiscalização ao afirmar que os funcionários custeavam diretamente a comida e a moradia.

Os trabalhadores e trabalhadoras, alguns com seus filhos, tinham que se apertar em minúsculos dormitórios formados por divisórias de madeira, com completa falta de higiene e de privacidade, com risco de incêndio e de explosão de botijões de gás e alimentos armazenados em locais impróprios e cheios de insetos.

Conclusão

Ao final do trabalho, conclui-se que a escravidão contemporânea no Brasil está muito mais ligada a uma série de fatores sociais, como a falta de informação sobre os direitos dos trabalhadores e as suas condições de subsistência e de sua família em sua região de origem, do que à cor, à raça ou à etnia do indivíduo. Os empregadores que se utilizam da mão-de-obra análoga à escrava têm um único objetivo: o aumento contínuo de seus lucros.

Para que a erradicação completa do trabalho escravo no Brasil se concretize, ainda há muitas ações a serem executadas. Em primeiro lugar, é preciso pensar nos desafios

referentes à prevenção: a melhoria das condições de vida nas áreas rurais, a geração de empregos, a redistribuição das terras e a melhoria da qualidade da educação no campo. Além disso, também é preciso pensar na necessidade de mais orientação aos trabalhadores e suas famílias para que possam se informar melhor sobre o local de trabalho, as condições do serviço, a jornada de trabalho e o salário.

No âmbito jurídico, também há muitos desafios pela frente. A aprovação da PEC que propõe a expropriação das terras onde haja trabalho escravo comprovado é o primeiro passo para erradicar tal prática no Brasil. A imprecisão

também está na lei que trata da redução de alguém “à condição análoga à de escravo”, mas não explicita o que seria a escravidão moderna. Além disso, a utilização do contrato por tempo determinado pode e deve ser estimulada. Por último, mas não menos importante, a lei da terceirização não deve ser aprovada, pois é só mais uma estratégia para tirar direitos dos trabalhadores, ao mesmo tempo em que garante lucros aos contratantes.

Portanto, as mudanças legais não bastam por si só. É preciso haver mudanças na forma de agir e de pensar. Não basta

se sentir mal ao assistir ao noticiário e logo depois se sentar à mesa de jantar como se nada tivesse acontecido. É preciso informar-se, indignar-se, revoltar-se, debater e tentar fazer a diferença. É um exercício democrático que não é exercido apenas a cada quatro anos, mas no nosso dia-a-dia e que pode ditar o destino de milhões de trabalhadores brasileiros que são desrespeitados todos os dias na atual conjuntura. Logo, quando cada brasileiro perceber que todos os seres humanos são iguais e que ninguém tem o direito de escravizar um igual, será possível dar um basta a essa prática hedionda.

Bibliografia e Referências Bibliográficas

- A INVENÇÃO da infância. Direção: Liliana Sulzbach. Produção: Liliana Sulzbach, Mônica Schmiedt. Roteiro: Liliana Sulzbach. Música: Nico Nicolaiewsky. Rio Grande do Sul: 2000. 26 min, colorido. Produzido por M. Schmiedt Produções.
- ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. O trabalho como instrumento de escravidão. **Revista Humanidades**, Brasília, UnB, v. 5, n. 17, p. 58-67, 1988.
- ALMEIDA, Manoel Nerys. **Tráfico de Pessoas: uma grave violação dos direitos humanos. Escravidão moderna do século XXI: mercantilização da vida humana**. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/manoelnerys/cf-2014-cnbb-traffic-de-pessoa-humano>>. Acesso em: 13 dez 2014.
- ANDREES, Beate. **Trabalho forçado e tráfico de pessoas: uma manual para os inspetores do trabalho**. Disponível em: <http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/trabalho_forcado_trafico_pessoas.pdf>. Acesso em: 13 dez 2014.
- ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- AYRES, Marcela. **Como Zara e 5 grifes reagiram à acusação de trabalho escravo**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/o-que-a-zara-e-5-grifes-fazem-mesmo-com-o-trabalho-escravo>>. Acesso em: 28 nov 2014.
- BELISARIO, Sérgio Rezende de. **A Redução de trabalhadores rurais à condição análoga à de escravos: um problema de direito penal trabalhista**. São Paulo: LTr, 2005.
- BERTÃO, Naiara Infante. **Zara admite que havia trabalho escravo em sua cadeia produtiva**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/economia/zara-admite-que-havia-trabalho-escravo-em-sua-cadeia-produtiva>>. Acesso em 13 dez 2014.
- BRASIL, Repórter. **Perguntas e respostas sobre trabalho escravo**. Disponível em: <<http://www.trabalhoescravo.org.br/conteudo/tres-mentiras-sobre-o-trabalho-escravo>>. Acesso em: 27 out 2014.
- BRETON, Binka Le. **Vidas roubadas: a escravidão moderna na Amazônia brasileira**. Tradução de Maysa Monte Assis. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- CÂMERA, Bernardo. **Leonardo Sakamoto e a PEC do trabalho escravo**. Revista Greenpeace. Disponível em: <<http://revista-greenpeace.org/entrevista/leonardo-sakamoto-fala-sobre-a-pec-do-trabalho-escravo/>>. Acesso em: 07 abr 2015.
- CARTA CAMPINAS. **Fora de moda: ONG lista marcas famosas beneficiadas com trabalho escravo**. Disponível em: <<http://cartacampinas.com.br/2014/03/fora-de-moda-ong-lista-marcas-famosas-beneficiadas-com-trabalho-escravo/>>. Acesso em: 13 dez 2014.
- CASTRO, Antonio Barros de et al. **Trabalho escravo, economia e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- CARVALHO, Julia. **Como a Nike está lutando contra o uso de mão de obra escrava**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/como-a-nike-esta-lutando-contr-o-uso-de-mao-de-obra-escrava>>. Acesso em: 16 dez 2014.
- CERQUEIRA, Gelba Cavalcante de et al. **Trabalho Escravo Contemporâneo no Brasil: contribuições críticas para sua análise e denúncia**. Rio De Janeiro: Editora UFRJ, 2008. 352 p.
- CRIVELLI, Ericson. **A OIT e o futuro das normas internacionais do trabalho na era da globalização**. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- COMISSÃO NACIONAL PARA A ERRADICAÇÃO DO TRABALHO ESCRAVO – CONATRAE. **2º Plano Nacional para a erradicação do trabalho escravo**. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A39E4F614013A-D5A314335F16/novoplanonacional.pdf>>. Acesso em: 13 dez 2014.
- COMISSÃO Pastoral da Terra. Brasil. Disponível em: <<http://www.cptnacional.org.br/>>. Acesso em: 06 abr 2015.
- CRUZ E MELO, Silvana Cristina. **Escravidão contemporânea e dignidade da pessoa humana**. Trabalho de conclusão de curso (Mestrado em Direito) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Paraná, 2010. Disponível em: <http://uenp.edu.br/index.php/dissertacoes-defendidas/doc_view/1920-silvana-cristina-cruz-e-melo>. Acesso em: 27 out 2014.
- DIREITOS HUMANOS NA INTERNET. **Principais rotas do tráfico de seres humanos**. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/novodireitos/traficoseres/principais_rotas_trafico_pessoas.pdf>. Acesso em: 13 dez 2014.
- ES CRAVO, NEM PENSAR!. **O Brasil em movimento: migração**. Disponível em: <<http://www.escravonempensar.org.br/wp>>

- content/uploads/2013/03/caderno_migracao_alta.pdf>. Acesso em: 13 dez 2014.
- ESTERCI, Neide. **Escravos da Desigualdade: estudo sobre o uso repressivo da força de trabalho hoje**. Rio de Janeiro, CEDI, Koinonia, 1994.
- FIGUEIRA, Ricardo Rezende; PRADO, Adonia Antunes; GALVÃO, Edna Maria. **Privação de liberdade ou atentado à dignidade: escravidão contemporânea**. 1a ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.
- FIGUEIRA, Ricardo Rezende. **Pisando fora da própria sombra**. A escravidão por dívida no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- _____. **Por que o trabalho escravo?** Estudos Avançados, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v14n38/v14n38a03.pdf>>. Acesso em: 27 out 2014.
- FINLEY, Moses I. **Escravidão antiga e moderna**. Rio de Janeiro, Graal, 1991.
- FÓRUM SOCIAL MUNDIAL 2003, Porto Alegre, RS. **Anais da oficina trabalho escravo: uma chaga aberta**. Brasília: OIT, 2003. 94 p.
- GRUPO de pesquisa trabalho escravo contemporâneo (GPTEC). Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.gptec.cfch.ufrj.br/>>. Acesso em: 27 out 2014.
- HISTORIANET. **O trabalho escravo na história do Brasil**. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=4>>. Acesso em: 13 dez 2014.
- LE BRETON, Binka. **Vidas roubadas – a escravidão moderna na Amazônia brasileira**. São Paulo, Edições Loyola, 2002.
- MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo, Livraria Editora de Ciências Humanas/USP, 1979.
- NEVES, Maria de Fátima Rodrigues das. **Documentos sobre a escravidão no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- OLIVEIRA, Cristiane Marques. **Trabalho escravo: é hora de abolir**. Disponível em: <<http://www.mundojovem.com.br/entrevistas/edicao-406-entrevista-trabalho-escravo-e-hora-de-abolir>>. Acesso em: 13 dez 2014.
- ONG Repórter Brasil. São Paulo. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/>>. Acesso em: 27 out 2014.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Convenção N.º 29 sobre o trabalho forçado ou obrigatório**. Genebra, 1930. Disponível em: <http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_norm/---normes/documents/normativeinstrument/wcms_c029_pt.htm>. Acesso em: 30 mar 2015.
- _____. **Um futuro sem trabalho infantil**. Relatório global baseado na Declaração da OIT sobre os Direitos e Princípios Fundamentais no Trabalho. Genebra: OIT, 2005.
- PANTALEÃO, Sérgio Ferreira. **Trabalho Escravo: triste realidade**. Disponível em: <http://www.guiatrabalhista.com.br/tematicas/trabalho_escravo.htm>. Acesso em: 27 out 2014.
- PROTOCOLO DE PALERMO.
- QUANDO a moda escraviza. **Portal Muda Mais**. Disponível em: <<http://mudamais.com/ruas-e-redes/quando-moda-escraviza>>. Acesso em: 28 nov 2014.
- REIS, Thiago. **Trabalho escravo existe?** Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/trabalho-escravo-2014/platb/#inicio>>. Acesso em: 16 dez 2014.
- SAKAMOTO, Leonardo. **Trabalho Escravo no Brasil do Século XXI**. Brasília: Organização Internacional do Trabalho, 2007. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/forced_labour/pub/trabalho_escravo_no_brasil_do_%20seculo_%20xxi_315.pdf>. Acesso em: 27 out 2014.
- _____. **Revista problemas brasileiros**. São Paulo: SESC, 2004.
- _____. **Trabalho Escravo: guia para jornalistas: como se torna escravo**. Disponível em <<http://reporterbrasil.org.br>>. Acesso em: 05 jun 2015.
- SENTO-SÉ, Jairo Lins de Albuquerque. **Trabalho escravo no Brasil na atualidade**. São Paulo: LTr, 2000.
- SOUZA, Claudio. **Campanha Coração Azul contra Tráfico de Pessoas completa um ano no Brasil**. Disponível em: <<http://soropositivo.website/2014/05/13/campanha-coracao-azul-contratrafico-de-pessoas-completa-um-ano-no-brasil/>>. Acesso em: 7 jan 2014.
- SUTTON, Alison. **Slavery in Brazil. A link in the chain of modernisation. The case of Amazonia**. Londres: ASI's Human Right Series, 1994, n. 7.
- THÉRY, Hervé; MELLO, Neli Aparecida de; HATO, Julio; GIRARDI, Eduardo Paulon. **Atlas do Trabalho Escravo no Brasil**. São Paulo: Amigos da Terra, 2009. Disponível em: <<http://amazonia.org.br/wp-content/uploads/2012/05/Atlas-do-Trabalho-Escravo.pdf>>. Acesso em: 01 nov 2014.
- TRABALHO escravo atualmente. **Revista Em Discussão**. São Paulo, 15 jul 2011. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/trabalho-escravo/trabalho-escravo-atualmente.aspx>>. Acesso em: 27 out 2014.
- TRABALHO escravo no Brasil: o drama dos carvoeiros, a responsabilidade das siderúrgicas, a campanha para a erradicação. **Revista Observatório Social**, n. 06, p. 5, junho 2004.
- XAVIER, Luis Gustavo. **Para OIT, Brasil é referência mundial no combate ao trabalho escravo**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/RELACOES-EXTERIORES/478351-PARA-OIT-BRASIL-E-REFERENCIA-MUNDIAL-NO-COMBATE-AO-TRABALHO-ESCRAVO.html>>. Acesso em: 16 dez 2014.

DOAÇÃO DE ÓRGÃOS NO BRASIL

CAROLINA HUERTAS
3ª série A

Obrigada ao meu tutor Carlos Zago que me orientou durante todo o período, a minha professora Ana Paula Severiano que me auxiliou na redação da monografia e aos meus pais Katia Huertas e Reinaldo Sant'Anna que acreditaram em mim e me incentivaram sempre. Um agradecimento especial as minhas amigas Júlia Freixedelo e Luisa Pantarotto que me ajudaram em todas as revisões do trabalho, colaborando com discussões e com novas ideias.

Resumo

Este estudo foi realizado com o objetivo de pesquisar as falhas ocorridas na área de Doação de Órgãos, no Sistema de Saúde do Brasil (SUS) e apontar as possíveis mudanças para que aumente o número de transplantes efetivos e, conseqüentemente, diminuam as filas de espera. Relataremos a história da atividade de transplante no Brasil, explicando que, apenas a partir de 1997, depois da regulamentação do processo, foi possível aumentar o número de transplantes. Para executar o processo de doação, explicamos que é essencial o conceito de

morte encefálica, ou seja, a parada total e irreversível das funções cerebrais. Também, estão detalhados os transplantes: de coração, de pulmões, de fígado, de rins, de pâncreas, das córneas, de medula óssea, de ossos e de tecidos. Finalizando o trabalho serão apontadas a falta de qualificação profissional e os investimentos que devem ser feitos com os profissionais da área, principalmente com equipes interdisciplinares especializadas no processo de doação de órgãos, destacando-se a participação de enfermeiros coordenadores.

Palavras-chave: doação de órgãos, transplante, medicina, biotecnologia.

Abstract

This study deals with the problems concerning organ donation in our Social Welfare (SUS) in Brazil. It also focuses on possible changes to increase the number of effective transplants leading, consequently, to a decrease of the waiting lists. We intend to show the history of transplant in our country, explaining that only since 1997, after its regulation, it has been possible to increase this number. In order to make the donation process work, it is necessary to have

in mind the concept of brain death, the total and irreversible loss of brain functions. Also, there are detailed types of transplants: heart, lung, liver, kidney, pancreas, corneas, bone marrow, bones and tissue. In the end of the project we intend to point out the lack of training and which kind of investment should be carried out, mainly in what concerns interdisciplinary teams, calling the attention to the role of coordinator nurses involved in the process.

Keywords: organ donation, transplants, medicine, biotechnology.

Introdução

Os progressos científico, tecnológico e organizacional têm colaborado para o aumento mundial do número de transplantes de órgãos e de tecidos, possibilitando que inúmeras pessoas possam beneficiar-se dessa terapêutica. No entanto, o número insuficiente de doadores, para atender à crescente demanda de pacientes em lista de espera, passou a ser o maior obstáculo para a realização desse procedimento.¹

Este trabalho aborda o tema Doação de Órgãos no Brasil com o objetivo de explicar o funcionamento do processo de transplantes no sistema de saúde em nosso país, relacionando com os benefícios que a evolução tecnológica, na área da medicina, trouxe para realização desse tratamento com êxito. Associam-se também, as dificuldades a serem

enfrentadas pelo paciente receptor do transplante e pelo doador, com intuito de avaliar as vantagens e as possíveis desvantagens do processo.

Para isso, o presente trabalho apresenta a história da origem do processo cirúrgico de transplantes de órgãos; a qualificação dos profissionais da área envolvida, pois é evidente que o investimento em capacitação e o treinamento podem aumentar a eficiência técnica e administrativa do sistema, resultando no crescimento da taxa de transplantes; relato das doenças crônicas que levam à falência de órgãos e, conseqüentemente, a necessidade de um transplante e o número de doadores pela demanda de pacientes que estão na fila de espera. Sendo assim, este estudo informa o passo a passo desse longo processo esclarecendo dúvidas sobre ele.

1. História do sistema de transplante no Brasil

Os transplantes de órgãos foram um dos maiores avanços obtidos pela Medicina no século XX, com índice de sucesso acima de 80% (Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos/Ministério da Saúde/Conselho Federal de Medicina. Entenda a Doação de Órgãos. Decida-se pela Vida. Encarte).²

O primeiro transplante de órgão sólido que ocorreu no Brasil foi no ano de 1964, um transplante renal. No entanto, ocorreu uma estagnada de 30 anos nos procedimentos ligados ao sistema de transplante devido às dificuldades enfrentadas para a realização do procedimento, cujos principais problemas foram a falta de regulamentação do processo de doação (normalmente havia regulamentações loco – regionais), e a informalidade no desenvolvimento da atividade de transplante, especialmente no que diz respeito à inscrição de receptores, à ordem de transplante, à retirada de órgãos e aos critérios de distribuição dos órgãos captados. A partir de 1996 foi possível aumentar não só o número de transplantes como também a viabilização de procedimentos cirúrgicos com outros órgãos, além dos rins.

Embora, tais procedimentos já fossem realizados, ainda não havia uma legislação apropriada que regulamentasse a o procedimento. Apenas existiam regulamentações regionais, que, informalmente, continham a autorização para a execução de tal procedimento e também constavam critérios de destinação e distribuição dos órgãos captados, que eram seguidos pela equipe médica.

Cada vez mais os enfermos e os médicos passaram a procurar a técnica de transplante como forma de tratamento e, então a emergência do serviço gerou uma necessidade de regulamentar tal atividade. Para isso, no dia 4 de fevereiro de 1997, foi publicada uma lei que permitia a remoção de órgão, de tecidos e de partes do corpo humano para fins de transplante. Isso passou a garantir a cada cidadão o direito de ser ou não ser doador de órgãos. Também essa lei estabeleceu a prioridade dos doadores na realização de necropsia (Instituto Médico Legal), em casos de morte violenta, dando à família a decisão da doação e a necessidade de autorização judicial para transplantes intervivos não aparentados.

A partir da lei de regulamentação do sistema de transplante, diversas outras surgiram para auxiliar na definição e na democratização do processo. Por exemplo, a Lei nº 9.434 que estabelecia o conceito de morte encefálica como critério legal para constatação da morte; nessa mesma época decretaram a Lei nº 2.268, por meio da qual ficou regulamentada a criação do Sistema Nacional de Transplante (SNT) e as Centrais de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos (CNCDO), sendo assim se estabelecia a forma de distribuição dos órgãos e tecidos nas listas de espera.

Desde então, todas as leis criadas serviram para estabelecer uma igualdade de critérios a serem considerados para a lista de espera de transplantes e garantiram uma melhora na qualidade do processo.

2. Início do processo Doação de Órgãos

Considerando que o início da jornada ocorre quando os familiares do potencial doador recebe a notícia da morte encefálica, desde então as barreiras são postas, prejudicando o

procedimento cujo objetivo é salvar e/ou melhorar a qualidade de vida de um paciente. A primeira etapa é a entrevista dos profissionais de Serviços de Procura de Órgãos e Tecidos

1. SANTOS MJ, Massarollo MCKB, Moraes EL. Entrevista familiar no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante. Acta Paul Enferm. 2012; 25(5): 788-94 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v25n5/22.pdf>>

2. MARINHO, Alexandre artigo 2229. Um estudo sobre as filas para transplantes no Sistema Único de Saúde brasileiro publicado no Cad. Saúde Publica Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v22n10/22.pdf>>

com a família a execução adequada propicia a obtenção do órgão que futuramente beneficiará um enfermo.

Após o diagnóstico clínico do paciente, em coma, ter dado positivo ao quadro de Morte Encefálica, isto é, após constatação de ausência evidente de reflexos do tronco cerebral do paciente, a equipe médica inicia o procedimento sobre a possível doação de órgão.

Como no Brasil esse procedimento depende da autorização dos familiares, mesmo que o potencial doador em vida esteja de acordo com a doação, é realizada uma entrevista com os profissionais especializados na área de transplantes, com a equipe médica e com os familiares do paciente, em coma, diagnosticado com morte encefálica.

Primeiramente, o médico deve esclarecer a família sobre o conceito de morte encefálica, já que não é visual para a maioria da população. O comum é aquele relacionado ao fim das funções cardíacas e pulmonares ativas. Seguindo esse pensamento, é normal a reação de desconfiança e a negação da família com o laudo da morte encefálica pelo fato de o coração permanecer batendo. Portanto, a equipe médica tem como função explicar o que é a Morte Encefálica (ME), as causas que levam o paciente a entrar nesse quadro clínico.

A determinação de Morte Encefálica varia de país para país. No Brasil, a definição da ME é a parada total e irreversível das funções encefálicas, mas os órgãos funcionam à base de aparelhos, isto foi determinado pelo Conselho Federal de Medicina³. São diversas as causas do coma para declarar que o paciente está com morte encefálica, as mais frequentes são o traumatismo crânio-encefálico (TCE), hemorragia subaracnóideia, lesão difusa do cérebro, hemorragia cerebral, grandes lesões isquêmicas e, em casos menos rotineiros, são as meningoencefalites, encefalites fulminantes e a falência hepática aguda.

Os motivos que originam esses danos ao sistema neurológico geralmente são ocasionados por acidentes automobilísticos, agressões na região da cabeça, parada cardio-respiratória revertida, ruptura de um aneurisma, hepatite viral ou tóxica e Síndrome de Reye⁴.

Explicado o conceito de ME à família pelos médicos que acompanharam o caso do paciente o período todo – esse ato é importante, pois a família adquire confiança na equipe médica, a entrevista com os profissionais do Serviço de Procura de Órgãos e Tecidos é marcada. É necessário ressaltar a importância do conhecimento do entrevistador sobre o caso do paciente falecido, assim os familiares se sentem mais confortados com a situação presente.

Em se tratando de um tema delicado, há certos cuidados a serem tomados pelos profissionais para terem uma garantia maior de uma entrevista bem sucedida, sendo

assim, o local deve ser adequado, o entrevistador deve ter clareza e paciência na sua explicação referente ao processo de doação e estar disposto a esclarecer quaisquer dúvidas. Também é essencial a sensibilidade do entrevistador para notar quando a família está desestruturada para falar sobre tal assunto e aceitar a necessidade dos familiares em relação ao tempo para assimilar a notícia. Portanto, é necessário que os entrevistadores tenham experiência profissional.

A entrevista é uma das etapas de maior complexidade no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante, pois envolve aspectos éticos, legais e emocionais (8), além de ocorrer minutos ou horas após a comunicação da morte encefálica, concretizando, para os familiares a impotência, a morte e a separação do potencial doador (9).⁵

Segundo as pesquisas e os depoimentos com os profissionais da área do Serviço de Procura de Órgãos e Tecidos, a etapa da entrevista é primordial para que o potencial doador torne-se efetivo.

Diante da crescente escassez de doadores e de órgãos em condição satisfatória, é essencial que cada etapa feita pela equipe médica e pelos profissionais de saúde especializados no tema doações de órgãos seja efetiva, esclarecendo aos familiares todo o procedimento, assim podendo inclusive, influenciá-los na decisão.

É essencial lembrar também que o tempo é primordial nessa ocasião. Sabendo-se que os órgãos são mantidos em funcionamento pelas máquinas mecânicas e que a partir do instante que são retirados do doador, os órgãos têm um tempo determinado para serem reutilizados, isto é, o tempo máximo de preservação fora do corpo. O coração e o pulmão variam entre 4 e 6 horas; o fígado, de 12 a 24 horas e os rins até 48 horas.⁶

Sendo positiva a resposta dos familiares em relação à doação, o procedimento segue com a parte burocrática da captação dos órgãos que podem ser reutilizados por novos pacientes e da liberação do corpo pelo Instituto Médico Legal (IML), podendo demorar horas ou dia, dependendo do tempo levado pela família para autorizar a doação e também, dependendo do tempo necessário para se realizarem todos os exames, isto é, analisar a compatibilidade de sangue e antígenos para diminuir o risco de rejeição. A família do doador então recebe uma ajuda de custo da Prefeitura de São Paulo para o funeral, após a doação de órgãos.

Tendo como base depoimentos de famílias que já passaram por tal situação expostos no artigo “Processo De Doação De Órgãos: Percepção De Familiares De Doadores Cadáveres” de Marcelo José dos Santos e Maria Cristina Komatsu Braga Massarollo, publicados na Revista Latino-

3. O Conselho Federal de Medicina (CFM) é um órgão que possui atribuições constitucionais de fiscalização e normatização da prática médica. Na resolução CFM nº 1.346/91 foi determinado o conceito de Morte Encefálica.

4. Síndrome de Reye: uma doença grave, de rápida progressão e muitas vezes fatal, que acomete o cérebro. É uma doença rara que afeta geralmente as crianças pelo uso não indicado de aspirina para combater a febre. Geralmente, os pacientes têm em torno de 6 meses à 15 anos de idade.

5. SANTOS MJ, Massarollo MCKB, Moraes EL. Entrevista familiar no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante. *Acta Paul Enferm.* 2012; 25(5): 788-94 Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ape/v25n5/22.pdf>>

6. Dado disponível em: Site da Associação Brasileira de Transplante de órgãos (Registro Brasileiro de Transplante) < <http://www.abto.org.br/abtov03/Upload/file/RBT/2014/rbt2014-lib.pdf>>

-am Enfermagem, em 2005, possibilita-nos perceber que existem alguns fatores desmotivadores no processo. São eles: a impossibilidade de conhecer os receptores, a demora na liberação do corpo pelo IML, o benefício funerário oferecido pela Prefeitura do município de São Paulo considerado insuficiente e a ausência de esclarecimento sobre a possibilidade de não utilização desses órgãos. Sendo assim, esses aspectos apontados pelos familiares devem ser considerados como críticas construtivas com o objetivo de melhoraria no processo de transplantes a fim de haver um aumento no número de doadores efetivos.

É interessante ressaltar os comentários positivos feitos pelos entrevistados para que motive as instituições como: a assistência dos profissionais da Organização de Procura de Órgãos e demais funcionários do hospital, onde é realizada a captação dos órgãos é considerada satisfatória, a fim de conforta a família que tomou a decisão certa quando recebe a carta de agradecimento da instituição, pela doação dos órgãos, constando a informação de que pessoas se beneficiaram com a doação e também mostrando-lhes seus sentimentos pelo ente querido.

Quando se trata de transplante intervivos, a iniciativa para doação vem do próprio doador, que manifesta sua vontade de participar do processo cirúrgico. Geralmente, o doador que se disponibiliza tem ligação com o receptor, seja por parentesco ou por amizade.

Segundo a pesquisa publicada no artigo “Qualidade de vida do doador após transplante hepático intervivos” com 37 doadores concluiu-se que a qualidade de vida, após a doação, não sofre alterações drásticas. A reclamação mais frequente é a dor do pós-operatório, mas que já era espera-

do pelos doadores por serem conscientes de que o procedimento é delicado, afinal trata-se de uma retirada de um órgão. Inclusive por não sofrerem uma mudança brusca no estilo de vida após a doação, a maioria dos entrevistados não se arrependem de tê-la feito.

Outro fator importante sobre a doação de órgãos intervivos é que apoiando-se nos dados da pesquisa com os doadores, nota-se que a principal motivação para doação foi o fato de salvar a vida do paciente receptor.

A opção de usufruir dessa nova técnica de transplantes intervivos, é essencial para diminuir o número de pacientes na fila de espera. Sendo assim, é uma esperança a mais dada a um paciente que está dependendo de uma doação para sobreviver.

Por tratar-se de caráter voluntário do doador em vida, as etapas são mais simples comparadas às do procedimento com cadáveres. A primeira etapa a ser enfrentada pelo doador intervivo é a realização de uma série de exames para diagnosticar alguma complicação com o procedimento cirúrgico, isto é, possíveis doenças, ou grande chance de incompatibilidade ou rejeição do órgão que será implantado em outro organismo. Se o resultado for positivo para o transplante, o doador segue as orientações dos médicos e inicia-se o processo de transplante.

Nessa fase de decisão, o paciente doador tem que ter todas as suas dúvidas esclarecidas pelo médico, inclusive, ser orientado sobre as possibilidades de complicações durante a cirurgia e no pós-operatório. Ciente de todas as eventualidades que possam ser causadas pelo procedimento cirúrgico, o paciente está habilitado a participar do programa de doação.

3. Transplantes e seus respectivos órgãos

Segundo os dados apresentados pela Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO), os órgãos que podem ser afetados por alguma doença crônica que leva à falência são: coração, pulmão, fígado, rim, pâncreas, córneas, medula óssea, osso e pele.

Sendo assim, após diagnosticar a gravidade da doença que o enfermo enfrenta, a equipe médica analisa o quadro do paciente e se considerar válido o processo de tratamento a partir de um transplante, indica-o para a lista de espera única.

Para pacientes que sofrem de Doença de Chagas, Cardiomiopatia Isquêmica, Cardiopatia Reumática, Miocardites – doenças cardíacas crônicas mais usuais – que se encontram em estado crítico, a última alternativa de tratamento é o transplante de coração.

Visto que o transplante cardíaco é a última esperança para uma melhoria na qualidade de vida de pacientes portadores de cardiopatias terminais, destaca-se como um dos procedimentos cirúrgicos mais complicados da medicina, isto é, pelo pouco tempo de preservação do órgão fora do

organismo. Nesse período ele tem que ser conduzido até o local da cirurgia em que o receptor será implantado. Pelo fato de estar lidando com um órgão que corresponde ao gerenciamento da circulação sanguínea e respiratória é uma cirurgia que tem alto risco de morte.

Para que o tratamento tenha êxito, são exigidos diversos exames que podem apontar alguma contraindicação ao procedimento cirúrgico, sendo assim, considera-se um método preventivo, que pode diminuir um pouco o percentual de risco de ocorrer uma rejeição e então não ser eficaz para o paciente receptor.

Já os pacientes que sofrem de doenças pulmonares crônicas como fibrose e enfisema grave são postos na fila de espera de um pulmão. O interessante é que o transplante pulmonar pode ser feito de 4 modos e depende de cada caso em particular.

Os quatro tipos de transplante são: o transplante unilateral (TUL) está indicado aos pacientes portadores de fibrose pulmonar, pois troca apenas um pulmão (o danificado), o

7. Antígenos: substância que ao entrar no organismo é capaz de ativar uma resposta imune. Neste caso, pode interferir para rejeição do órgão transplantado.

Transplante Bilateral (TBL) feito em pacientes com fibrose cística e bronquiectasia, pois, assim não há risco de hiperinsuflação⁸ do pulmão. O Transplante Cardiopulmonar é indicado aos pacientes que sofrem de doenças crônicas cardíacas e pulmonares concomitantemente, como os portadores da Síndrome de Eisenmenger⁹ e, por fim o Transplante Lobar que é indicado para as crianças, isto é, pela grande dificuldade de obtenção de doadores com tamanho compatível, surgiu uma nova técnica que utiliza os lobos inferiores direito e esquerdo, removidos de diferentes doadores, para substituir um e outro pulmão da criança.

Também é essencial ressaltar que embora não seja muito comum ainda, o transplante pulmonar também é realizado a partir de doadores vivos, abrindo mais uma possibilidade de o enfermo encontrar com mais facilidade o doador compatível.

Seguindo as pesquisas feitas pela ABTO, os pacientes que se encontram na fila de espera de um transplante de fígado, na maioria dos casos, são portadores de cirrose, podendo ela ser causada por hepatite ou por álcool. Logo é essencial o transplante de fígado, já que a cirrose é uma doença fatal e irreversível.

O transplante de fígado, assim como o do pulmão e dos rins, têm duas modalidades: ou o órgão saudável pode ser proveniente de um doador diagnosticado com morte encefálica, ou também, pode ser doada parte do órgão saudável de um indivíduo vivo. Sendo assim, há mais chances de encontrar um doador compatível.

O interessante do transplante renal é que o órgão que não exerce mais a sua função (rim danificado por infecções renais crônicas) permanece dentro do paciente, mesmo tendo sido implantado um órgão saudável, porque a cirurgia de transplante de rim não é muito agressiva.

O diabetes do tipo 1 afeta o funcionamento do pâncreas e do rim, logo há necessidade de um transplante de ambos os órgãos. Para esse procedimento existem duas formas de tratamento: transplante duplo (ambos os órgãos são transplantados, não importa se são de doadores distintos) ou então, como na maioria das vezes, primeiramente ocorre o transplante do rim e logo em seguida o do pâncreas.

Dando continuidade à lista de órgãos danificados e seus transplantes, está o de córnea que ocorre apenas com doadores cadáveres e são muito satisfatórios segundo as pesquisas realizadas pela ABTO¹⁰. Para ter sucesso em seu tratamento, assim como para os outros transplantes, os pacientes receptores devem seguir um pós-operatório com muitos cuidados, visto que os pontos são só retirados a partir de três meses.

O transplante de medula óssea também apresenta 3 modalidades distintas: transplante alogênico (doadores são parentes ou não); transplante singênico (é a modalidade mais rara de transplante, que consiste na doação do irmão gêmeo idêntico) e o transplante autogênico (que utiliza as células coletadas do próprio paciente).

Por fim temos o transplante de ossos e de tecidos. O de ossos geralmente é ocasionado por um tumor ou fratura e os doadores só podem estar mortos. O lado bom é que os ossos têm preservação fora do corpo de até anos; já o transplante de tecido é geralmente utilizado para reconstrução de partes do corpo que sofreram mutilação ou como enxertos.

O importante é saber que há uma diversidade em relação aos tipos de tratamento com base nos transplantes, apenas temos que aprimorar os profissionais da área para que se aumente o índice de transplantes efetivos e se diminua a fila de espera.

4. Qualificação da equipe médica envolvida com Sistema de Transplantes

Apesar dos avanços, a falta de notificação de morte encefálica e as falhas na manutenção dos órgãos para a captação ainda representam fatores impeditivos à efetivação da doação. Nesse sentido, ressalta-se a importância da capacitação de profissionais de saúde envolvidos no processo de doação, na busca de ações para diminuir a perda do potencial doador, visando elevar o número de doações e reduzir o sofrimento de pessoas em fila de espera.¹¹

O transplante, além de ser uma opção de tratamento para aqueles que são portadores de uma doença crônica de caráter irreversível, também é a última alternativa para recorrer-se à busca de uma melhora no estado de saúde. Logo, sua importância para a medicina e para a sociedade é inquestionável.

Considerando que no Brasil há uma fila de espera de mais de 30 000 pacientes para a realização de um transplante e, que o número de doadores é escasso, o Sistema de Saúde do Brasil deve investir na qualificação dos profissionais envolvidos com doação de órgãos, porque a falta de informação e o cuidado com os pacientes seja ele doador ou receptor e com os familiares envolvidos não será mais um fator limitante ou impeditivo do processo.

Além da pequena oferta de doadores, outro motivo que implica muito o crescimento das taxas de doação são as falhas cometidas pelas equipes médica e hospitalar em relação à manutenção dos órgãos captados, apesar de técnicas disponibilizadas para a sua conservação.

A falta de informação e de qualificação dos envolvidos com o processo de doação gera situações falhas na manutenção de órgãos já captados e também implica o

8. Hiperinsuflação: ocasiona o encurtamento das fibras musculares do diafragma.

9. Síndrome Eisenmenger trata-se de um aumento da pressão pulmonar, resultante do aumento da resistência vascular pulmonar.

10. Associação Brasileira de Transplante de Órgãos

11. Disponível em: artigo "Transplantes de Órgãos e Tecidos: Responsabilidades do Enfermeiro"

número de recusas familiares às doações de órgãos, isto é, como não há um preparo e uma busca infinita sobre melhores técnicas vindas de grande parte dos profissionais do processo, conseqüentemente não há possibilidade de um diálogo claro com a família do potencial doador, as dúvidas não são esclarecidas, há uma falta de certeza dos familiares e isso pode gerar um “não” a uma chance de uma nova vida.

Portanto, enquanto os familiares não tiverem conhecimento em relação ao conceito de Morte Encefálica e das etapas do processo por inteiro, pacientes não terão chance de vida nova.

Para uma melhoria na qualificação dos profissionais, é necessário que eles atualizem seus conhecimentos, isto é, busquem cursos especializados, participem de conferências, de leitura de artigos para revistas científicas e troquem informações com outros profissionais da área.

O Brasil está atrasado, comparado a outros países, em relação a disponibilização de cursos especializados para médicos e enfermeiros envolvidos o assunto. No país, há poucas instituições de ensino superior que têm essa disciplina específica em sua grade. Por isso, os profissionais brasileiros procuram aprimorar seus conhecimentos com palestras, com pesquisas divulgadas pela Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos, o que não é suficiente. Já os enfermeiros são responsáveis por prestarem cuidados especializados como: prevenção, detecção, tratamento ou acompanhamento pré e pós-transplante e intra-hospitalar e tais conhecimentos não são adquiridos apenas em palestras e em pesquisas.

Sabemos que o seu papel é essencial para que possa haver um tratamento bem-sucedido. Inclusive, o Conselho Federal de Enfermagem define o enfermeiro como res-

ponsável pelo processo de doação de órgãos, além de ter como função o cuidado físico e psicológico dos pacientes e se responsabiliza também por um planejamento de ações que colaboram na otimização de doação e de captação de órgãos e tecidos para fins de transplantes.

Os elementos-chave para a atuação dos enfermeiros incluem: a educação de pacientes; a implementação de intervenções que mantenham ou melhorem a saúde fisiológica, psicológica e social; o uso de intervenções que facilitem e promovam mudanças de comportamento e adesão ao tratamento em relação às complexas e prolongadas terapias; assim como, dar suporte aos pacientes e familiares no planejamento, implementação e avaliação do cuidado; e promover sistemas de apoio que visem os melhores resultados dos transplantes de órgãos.¹²

É importante ressaltar que o enfermeiro que atua na área de doação tem consciência de que no transplante é necessário um conhecimento de implicações psicológicas, porque a situação do paciente e dos familiares gira em torno de morbidade e da mortalidade.

Notamos também uma diferença alarmante da enfermagem internacional comparada com a nossa. Ela é dividida em dois setores: os enfermeiros clínicos e os coordenadores. Entretanto, internacionalmente, como nos EUA, o enfermeiro coordenador, além de desempenhar a função burocrática hospitalar, exerce funções que aceleram o procedimento como a procura de órgãos, administrando todos os aspectos do procedimento e inclusive tendo a autonomia de alterar a dosagem dos medicamentos.

Sendo assim, é perceptível que há mudanças para serem feitas no Sistema de Saúde do Brasil, especialmente dos profissionais que atuam na área, visando à melhoria e à rapidez no processo. Para aumentar o número de transplantes efetivos.

5. Situação atual do Brasil no Sistema de Transplantes

Embora o Brasil seja o segundo país em número de transplantes (dado apresentado pela Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos), perdendo somente para os Estados Unidos, ainda sofremos com uma lista de espera grande.

No ano de 2014 tivemos um crescimento de 7,6% na taxa de doação que significa 14,2 pmp e, mesmo assim, não atingimos a meta prevista em 2007 (15,0 pmp). A taxa de recusa familiar ainda é elevada (46%) – maior fator limitante para o aumento significativo de doadores efetivos no Brasil.

Percebemos que o transplante renal cresce continuamente desde 2007 e, inclusive, houve um aumento de 3,5% em números de doadores. No entanto, o transplante renal com doador vivo caiu 2,4%, dado relevante para novas pesquisas com o intuito de entender o principal motivo dessa diminuição da taxa.

O transplante hepático cresceu apenas 1,9% em 2014, devido ao aumento da taxa de doadores vivos que foi de 10,3%.

Infelizmente o transplante de pâncreas vem decrescendo desde 2011. Em 2014 caiu 11,3%. A principal causa desse decréscimo justifica-se pelo financiamento inadequado, isto é, a falta de investimentos financeiros, já que é uma cirurgia muito complexa com elevada taxa de complicações cirúrgicas. O transplante pulmonar também diminuiu no ano de 2014, um percentual de 16,2%.

Por outro lado, o transplante cardíaco vem crescendo desde 2006 e, no ano de 2014, aumentou 14,8%. O transplante de medula óssea teve crescimento também de 8,3%. Embora ainda tenha que aumentar mais esse percentual, já é uma vitória qualquer ganho e serve também como incentivo para investir em qualidade para melhorar essas taxas.

12. Disponível em: artigo “Transplantes de Órgãos e Tecidos: Responsabilidades do Enfermeiro”

Conclusão

Ao final do trabalho, é possível visualizar a inquestionável importância do processo de doação de órgãos. No Brasil, desde o início da prática, os transplantes foram dificultados pela falta de estrutura e pelo excesso de burocracias a serem cumpridas. O atraso brasileiro se evidencia no fato de que, apenas 30 anos após o primeiro transplante, iniciaram-se desenvolvimentos de biotecnologia para atender à demanda. Enquanto nos Estados Unidos o transplante de órgãos era atividade realizada em todos os Estados igualmente, no Brasil havia diferenças na regulamentação da prática conforme a região.

Isso já indica a diferença alarmante do Brasil nessa técnica de tamanha relevância no cenário mundial.

Outro ponto negativo que é pertinente ao país, é a falta de comunicação e clareza da equipe médica em relação aos familiares do potencial doador. Isso contribui para que as pessoas continuem com pensamento de que doação é uma prática antiética e que interfere na sua religião ou na sua cultura. Por se tratar de um procedimento cirúrgico que envolve morte e a retirada de uma parte do corpo para ser posto em outro, muitas pessoas ainda têm preconceito. Por isso que a questão da sensibilidade dos médicos e da confiança passada têm extrema importância.

Entretanto, não há como negar que o Brasil conseguiu

se desenvolver nessa área com o passar dos anos. Apesar dos problemas com a burocratização do processo, com a falta de qualificação e com a falta de pesquisa dos profissionais envolvidos e das imensas listas de espera que ainda enfrentamos, há pontos positivos: está colocado como o segundo país a realizar mais transplante (perdendo somente para os Estados Unidos), além do aumento no número de transplantes renais, pancreáticos e de medula óssea.

Pode-se concluir que investimentos são necessários para que haja mudança, especialmente na área de pesquisa e na contínua qualificação dos profissionais. É essencial que o Ministério da Saúde brasileiro reorganize as atividades de cada profissional, desde o início do procedimento, com aqueles que trabalham com as entrevistas para o Serviço de Procura de Órgãos e Tecidos até a equipe médica que é responsável pelo paciente.

Em se tratando de um processo que lida com a última alternativa para a sobrevivência do paciente, não se pode perder tempo e oportunidades por questões pequenas. Deve ocorrer um acompanhamento especial entre psicólogos, pacientes e profissionais da área para que trabalhem o emocional e a sensibilidade das famílias. Assim será possível abrir novas chances para o recomeço de uma vida com a ajuda de quem já viveu.

Referências bibliográficas

- BACAL F, Souza-Neto JD, Fiorelli AI, Mejia J, Marcondes-Braga FG, Mangini S, et al. II Diretriz Brasileira de Transplante Cardíaco. Arq Bras Cardiol. 2009;94(1 supl.1):e16-e73 Disponível em : <http://publicacoes.cardiol.br/consenso/2010/diretriz_transplante_cardiaco.pdf>. Acesso em: 25 de março de 2015.
- BESTETTI Reinaldo. Cardiomiopatia isquêmica terminal associada à extrusão de stent para a luz da aorta. Livre-Docência em Cardiologia (Coordenador de Ensino). Hospital de Base de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, SP, Brasil. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbccv/v26n3/v26n3a04.pdf>> Acesso em: 2 de abril de 2015.
- CASTRO CG. Transplante de medula óssea, câncer infantil, sangue de cordão umbilical. J Pediatr (Rio J) 2001; 77 (5): 345-60 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v77n5/v77n5a04.pdf>> Acesso em: 12 de abril de 2015.
- COELHO JC, Parolin MB, Baretta GAP, Pimentel SK, Freitas ACT, Colman Daniel. Qualidade de vida do doador após transplante hepático intervivos. Arq Gastroenterol vol.42 no.2 São Paulo Apr./June 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-28032005000200004#end> Acesso em: 21 de março de 2015.
- CHAVES Aldo. A Cardiopatia Reumática. Arq Brasileiros de Cardiologia. Disponível em: <<http://www.cardiol.br/tunel/ago/new/007.pdf>> Acesso em: 25 de março de 2015.
- GUETTI NR, Marques IR. Assistência de enfermagem ao potencial doador de órgãos em morte encefálica. Rev Bras Enferm, Brasília 2008 jan-fev; 61(1): 91-7. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n1/14.pdf>> Acesso em: 21 de março de 2015.
- MARINHO, Alexandre artigo 2229. Um estudo sobre as filas para transplantes no Sistema Único de Saúde brasileiro publicado no Cad. Saúde Pública Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v22n10/22.pdf>> Acesso em: 2 de abril de 2015.
- SANTOS MJ, Massarolo MC. Processo de doação de órgãos: percepção de familiares de doadores cadáveres. Rev Latino-am Enfermagem 2005 maio-junho; 13(3):382-7 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n3/v13n3a13.pdf>> Acesso em: 25 de março de 2015
- SANTOS MJ, Massarollo MCKB, Moraes EL. Entrevista familiar no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante. Acta Paul Enferm. 2012; 25(5): 788-94 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v25n5/22.pdf>> Acesso em: 21 de março de 2015
- LIMA AAF, Silva MJP, Pereira LL. Percepção do enfermeiro da Organização de Procura de Órgãos. Mundo Saúde. 2006;30(3):409-16 Disponível em: <<http://www.abto.org.br/abtov03/Upload/file/JBT/2011/2.pdf>> Acesso em: 8 de junho de 2015

Na internet:

- Site da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo: <www.saude.sp.gov.br> Acesso em: 21 de março de 2015
- Site do Ministério da Saúde: <<http://dtr2001.saude.gov.br/transplantes/legislacao.htm#>> Acesso em: 21 de março de 2015
- Site da Associação Brasileira de Transplante de órgãos (Registro Brasileiro de Transplante): <<http://www.abto.org.br/abtov03/Upload/file/RBT/2014/rbt2014-lib.pdf>> Acesso em: 21 de março de 2015
- Site do Instituto da Visão de Ribeirão Preto: <<http://www.institutodavisaorp.com.br/doencas-oculares-e-patologias/transplante-de-cornea>> Acesso em: 21 de março de 2015
- Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia: <<http://www.into.saude.gov.br/conteudo.aspx?id=62>> Acesso em: 21 de março de 2015
- Site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Pib Per capita): <<http://brasilensintese.ibge.gov.br/pt/contas-nacionais/pib-per-capita>> Acesso em: 8 de junho de 2015

PUBLICIDADE NA INTERNET – O IMPACTO DA REDE NO MUNDO DO MARKETING

FERNANDA MARKIEWICZ FERNANDES
3ª série A

Esta monografia é dedicada a meus pais, José Delio Fernandes Filho e Alessandra Markiewicz, que tanto investiram na minha formação não só do intelecto como também do caráter. Obrigada por me guiarem sempre, mas respeitando e dando espaço às minhas escolhas e opiniões. Agradeço ao meu irmão Alexandre Markiewicz Fernandes pelo companheirismo e incentivo em todos os momentos; à ajuda da querida professora Ana Paula Severiano que, sempre solícita e incentivadora, personifica o amor pela profissão que exerce e será eterna em cada aluno por seus ensinamentos; ao colégio Stockler e toda a sua equipe: desde os atenciosos monitores aos dedicados professores e diretores que nos auxiliaram de diversas maneiras, compondo uma instituição organizada e voltada para o aprendizado.

Resumo

Com a expressiva queda nos preços e a viabilização da compra de aparelhos eletrônicos que permitem acesso à Internet, ela tem se tornado algo cada vez mais presente no dia a dia dos brasileiros e de habitantes de centenas de países ao redor do mundo. Com isso, surge para o mercado um novo espaço para interação com o cliente, pleno de possibilidades e de linguagem singular. Diante disso, grandes empresários deparam-se com o desafio de expandir suas marcas nesse novo meio de comunicação, com um tipo completamente diferente de exposição.

Palavras-chave: publicidade, internet, impacto, marketing

Nesta monografia será discutido como o uso da rede tem afetado o trabalho dos profissionais do marketing, responsáveis por adaptar a imagem das empresas a essa nova dimensão de troca de informações. Serão, portanto, evidenciadas as formas como a propaganda consegue inserir-se na *web*, as possibilidades de administração, o controle dos anúncios que essa plataforma oferece e os prós e contras de anunciar na mídia. Dessa forma, também será dada uma noção da atual importância da integração das empresas ao meio virtual.

Abstract

With the considerable lowering of prices paid for electronic devices which allow individuals to be connected to the Web, the Internet has become more and more present in the lives of Brazilians and people of hundreds of countries around the world. Thus, a new space for interaction with clients opens up to the market, full of possibilities and with a unique communicating language. Great businessmen are, then, challenged to expand their companies to this new communication platform, with a completely different type

Keywords: advertising, internet, impact, marketing

of exposure. This essay intends to discuss how the use of Internet has affected marketing professionals, who are responsible for adapting the image of the companies to this new information trading dimension. The many different ways of inserting publicity in the web, the administration and advertisement control possibilities offered by this platform and the pros and cons of announcing products on-line will also be approached. This way, the current importance of the integration of such business enterprises will be shown.

Introdução

Esta monografia, seguindo o tema “Muros e Fronteiras – Limites e Possibilidades”, discutirá a forma como os profissionais da publicidade têm-se adaptado a uma nova e abrangente plataforma de comunicação: a Internet.

Apesar de o anúncio em televisão ser ainda o preferido por muitas empresas, de acordo com o Blog Escola Do Marketing, essa é a plataforma de publicidade que mais cresce atualmente, no Brasil (BLOG ESCOLA DO MARKETING, 2012).

A expressiva queda nos preços e a viabilização da compra de aparelhos eletrônicos que permitem acesso à *web* pela população, tanto em casa quanto na rua, vêm fazendo dela algo cada vez mais presente no nosso dia a dia. Foi

criado um mundo paralelo no qual a distância e o tempo não são fatores limitantes para a troca de informações. Sendo assim, abre-se um novo espaço a ser aproveitado pelos publicitários e marqueteiros para a comercialização de produtos e ideias.

Nesta monografia será discutido como o uso da rede tem afetado o trabalho dos profissionais do marketing, evidenciando as formas com que a propaganda consegue inserir-se na *web*, as possibilidades de administração e o controle dos anúncios que essa plataforma oferece e os prós e contras de se anunciar na *on-line*. Portanto, será dada também uma noção da importância da expansão do marketing de uma empresa para o meio virtual.

1. A evolução da publicidade

1.1 Um breve apanhado sobre a história da publicidade

J. B. Pinho (2000, p. 96) define a publicidade como:

“qualquer forma remunerada de apresentar ou promover produtos, serviços e marcas, feita por um patrocinador claramente identificado e veiculada nos meios de comunicação: rádio, televisão, revista, jornal e outdoor”.

Como explica Eloá Muniz (2004, p. 1), em “Publicidade e Propaganda Origens Históricas”, tabuletas descobertas em Pompeia provam que, mesmo parecendo algo recente, a publicidade já era usada pela sociedade desde a Antiguidade Clássica.

Apesar da existência do formato gráfico de propaganda, referindo-se a lutas de gladiadores e promovendo casas de banho, nessa época, o tipo mais usual de publicidade era o de via oral. Com gritos enfáticos e gestos, pregoeiros ocupavam praças e incentivavam a compra de escravos, gado e outros produtos, ressaltando suas virtudes.

Esse tipo de divulgação de serviços e produtos permaneceu dessa forma até a Idade Média. Como a parte alfabetizada da população limitava-se basicamente ao clero, as primeiras indicações de lugares para compra de mercadorias, direcionadas à população em geral, eram identificadas por desenhos nas propagandas: uma cabra simbolizava uma leiteria e um escudo de armas significava a existência de uma pousada, por exemplo. Inicia-se aí a utilização de símbolos, os quais são hoje chamados de logotipos (MUNIZ, 2004, p. 1).

Como dito anteriormente, na Antiguidade era o clero quem detinha o conhecimento acadêmico e possuía integrantes alfabetizados. Sendo assim, com a invenção da imprensa por Gutenberg, no século XV, foi a Igreja responsável pelo início da propaganda escrita como a conhecemos hoje. A introdução dessa técnica que permitia a rápida reprodução do conteúdo a ser distribuído foi um marco histórico para a publicidade e seria essencial para a difusão dos ideais liberais da Reforma Protestante.

Muniz explica que, antes mesmo dos livros, começaram a ser impressos os panfletos e folhas volantes os quais dariam forma à primeira campanha publicitária. O primeiro cartaz de que se tem conhecimento foi impresso no ano de 1482 e anunciava uma manifestação religiosa que se passaria em Reims, o Grande Perdão de Nossa Senhora.

No século XVII, em Roma, foi criada pela Igreja Católica a *Congregatio de Propaganda Fide* - Congregação para a Propagação da Fé, para difundir os princípios católicos e conter a Reforma Luterana. A propaganda manteve-se então com uma utilidade particularmente religiosa até o século XIX, quando adquiriu também um caráter político. Mesmo assim, ainda era usada no intuito de difundir um determinado ideal ou crença (PINHO, 2000). Essa nova função política permaneceu em uso com o passar dos séculos em situações como a vista na manipuladora propaganda nazista e outras campanhas eleitorais, até os dias atuais.

Como nos primórdios da publicidade mundial, no Brasil, tudo também teve início na oralidade, com pregões - sendo o primeiro do país datado do século XVI. Nesse período, o donatário Martin Afonso de Souza, da Capitania de São Vicente, proibiu, com uma postura municipal, que os comerciantes difamassem os produtos concorrentes aos seus no mercado público.

No Brasil colonial, a produção de impressos foi proibida, e qualquer outro que viesse da metrópole deveria antes passar pelo crivo das censuras civil e eclesiástica. A vinda da Corte portuguesa no século XIX acarretou a instituição da Imprensa Régia, em 13 de maio de 1808. Surgiu então, em 18 de setembro do mesmo ano, o jornal Gazeta do Rio de Janeiro, contendo o primeiro anúncio impresso do Brasil. Esse continha um anúncio oferecendo artigos requintados e requisitados na época: livros (PINHO, 200, p. 94).

Com o tempo, surgem no jornal anúncios sobre a venda de escravos, notificações de escravos foragidos, a solicitação de serviços para trabalhar em casas senhoriais e

leilões de tecidos.

J. B. Pinho (2000, p. 95) refere-se àquele tipo de propaganda da seguinte forma:

“Esses anúncios, por sua simplicidade podem ser mais bem chamados de reclames, refletem a existência, na época, de uma sociedade mercantil. A preocupação estava voltada para informar a disponibilidade e as qualidades dos objetos ou serviços anunciados sem se importar em argumentar e persuadir.”

No século XX, os jornais e recém surgidas revistas deram-se conta da força dos classificados e começaram a valer-se deles como estratégia de venda para seus veículos. Com as revistas, novos anunciantes foram atraídos, como as empresas de produtos farmacêuticos, de beleza e varejistas.

Crescia a imprensa no eixo Rio-São Paulo, acompanhando o desenvolvimento da comunicação escrita e falada. Ao mesmo tempo, com a Revolução de 1930, ocorreram drásticas mudanças no caráter publicitário, tornando-se comuns publicações atacando, em especial, Getúlio Vargas (RAMOS, 2013, p. 40). As mudanças políticas e econômicas do país configuraram as bases de um mercado anunciante e consumidor.

No final da década de 1960, o consumo de alguns bens, que antes eram privilégio de uma elite, passou a tornar-se mais recorrente devido ao surgimento de uma nova classe média urbana, originada da criação de novos bolsões de desenvolvimento agrícola e do aquecimento econômico do Sul e Centro do país. Foi nesse momento que, estimulada, a atividade publicitária veio a se configurar como uma verdadeira indústria. Os empréstimos externos na década de 1970, geraram, enfim, recursos que a classificaram como uma real fonte de lucro. O Brasil começava a ser internacionalmente reconhecido nesse segmento, ganhando diversos prêmios no exterior (PINHO, 2000, p. 101).

1.2 O início da publicidade na internet

Como explica J. B. Pinho (2000, p.101) em seu livro “Publicidade e Vendas Na Internet”, a World Wide Web tornou-se acessível ao público em de 1993, ano em que também foram abolidas as restrições para seu uso comercial.

A primeira publicação focada em vendas foi então posta da por Dale Dougherty em forma de uma espécie de revista *on-line*, a chamada GNN. Em abril desse mesmo ano, a versão beta do Mosaic, o primeiro programa gráfico de navegação, permitiu que os usuários visualizassem os textos e o conteúdo gráfico existente na revista, bem como acessar outros *sites* importantes de publicidade. Dentre esses estavam o Mercury Center, o Hotwired e o Internet Shopping Network, nos quais já anunciavam empresas como a Microsoft e o MCI.

Em 1994, começam a surgir vários *sites* com função de busca na *web*, como o Yahoo!, facilitando a localização de *sites* de organizações comerciais e até auxiliando os internautas a fazerem suas compras em lojas listadas nas Páginas Amarelas.

As empresas que mais se empolgaram com a nova mídia publicitária foram inicialmente as vendedoras *on-line* de computadores e *softwares*, de produtos especiais como vinho, flores e agências de viagens.

Segundo uma análise feita por Sellers (apud PINHO, 2000, p. 101), foi por volta do ano de 1995 que grandes marcas começaram a se dar conta da importância de expandir seu marketing para o meio virtual. Essas começaram a anunciar seus produtos em *banners* e links patrocinados para que usuários fossem direcionados à sua página oficial *on-line*, onde seriam recebidos os compradores qualificados e poderiam detalhar informações específicas sobre os produtos oferecidos.

A partir de então, com o avanço na tecnologia multimídia, começaram a surgir diversas formas de anúncio como *banners* animados e os *sites* passaram a tornar-se mais interativos, estabelecendo uma relação de maior intimidade com o consumidor.

2. Formas mais comuns de propaganda *on-line*

2.1 E-mail marketing

Dentre as formas de marketing *on-line*, o *e-mail marketing* pode ser considerado o mais barato, uma vez que o sistema utilizado para sua divulgação, geralmente, não é pago ou tem baixíssimo custo comparado à compra de mídia em *sites*. Além disso permite o envio da propaganda a um número ilimitado de destinatários. O custo para esse tipo de *marketing* costuma estar apenas na mão-de-obra, ou seja, pagamento da pessoa responsável pela redação, formatação e envio dele. Sendo assim, torna-se uma das preferências das empresas que anunciam na Internet (CANESSO, 2014, p. 9).

A grande polêmica sobre o *e-mail marketing* é como não torná-lo um *spam*¹. Cliff Kurtzman, presidente e CEO da Tenagra Corp. enumerou três categorias de e-mail que

podem ser considerados *spams* (KURTZMAN apud ZEFF; ARONSON, 2000, p. 80):

1. Publicidade não solicitada distribuída por *e-mail* (mesmo enviada em pequena quantidade);
2. E-mail em grande quantidade, não solicitado (comercial ou não);
3. Colocar usuários numa *mailing list* sem o seu consentimento, exigindo que, para não mais receberem mensagens, tenham que cancelar sua assinatura.

De acordo com a lista, são considerados *spams e-mails* enviados sem o consentimento do destinatário ou um envio excessivo de mensagens não esperado pelos assinantes do conteúdo ao mostrarem-se interessados em recebê-lo.

Para que esse meio de divulgação seja usado de uma

1. Mensagem enviada ao correio eletrônico (e-mail) de muitas pessoas sem que elas tenham fornecido seus respectivos endereços; o conteúdo dessas mensagens, geralmente de teor publicitário e/ou fraudulento. (DÍCIO, 2015).

forma mais ética e lucrativa, Zeff e Aronson (2000, p. 80) recomendam que os publicitários e empresas tomem os seguintes cuidados:

1. as pessoas que receberão os *e-mails* devem ter necessariamente solicitado a informação;
2. a linha “Assunto” deve ser atrativa, com títulos interessantes e verdadeiros;
3. as mensagens devem ser curtas e apenas sobre o assunto proposto;
4. anexos não devem ser enviados;
5. uma oferta interessante gera um maior número de respostas;
6. oferecer ao usuário várias alternativas de resposta: telefone, fax, *e-mail*, etc.;
7. a empresa deve ter mecanismos para descobrir qual lista de *e-mail* gera mais e melhores respostas;
8. experimentar diversas ofertas é um caminho para se descobrir qual funciona melhor.

Todavia, na prática, nem tudo é tão correto quando se trata do *e-mail* marketing hoje. De acordo com o Instituto de Defesa do Consumidor (IDC), 7,3 bilhões de *spams*, o UOL possui quase 20 servidores cuja única função é filtrar os 16 milhões de e-mails que recebe diariamente. Quarenta e sete por cento deles são barrados. Os filtros do IG, servidor com 7 milhões de contas de e-mail cadastradas, seguram entre 40% e 50% das mensagens recebidas, o que significa entre 5 milhões e 6 milhões de e-mails por dia (EXAME, 2003).

Mesmo assim, o *e-mail* marketing continua sendo um dos meios mais utilizados pelas empresas pelo seu alcance, retorno em respostas efetivas e preço baixo. Segundo a Jupiter Communications, a estimativa é de que seja 14 vezes mais eficaz que o *banner*.

2.2 Mecanismos de Busca

Segundo Chris Dobson, diretor geral de marketing digital do portal da Microsoft, uma das áreas que mais cresce em investimentos na Internet é o uso de ferramentas de busca para a exposição de anúncios publicitários. Nesse sentido, uma pesquisa do Ibope NetRatings aponta que o Google é um dos dez domínios brasileiros mais visitados e usados com finalidade publicitária.

Internautas quase sempre utilizam um serviço de mecanismo de busca quando desejam pesquisar algo na Internet. As empresas, por sua vez, compram os espaços nas páginas de resultado das procuras, selecionando palavras-chave relacionadas com seu tipo de negócio, as chamadas AdWords. Antonio Jorge Miranda, dono do site Cuponomia de cupons de desconto, relatou que uma vantagem da utilização das Adwords é a forma de pagamento, o qual pode ser feito ao Google pelo número de cliques no anúncio (informação verbal)². Essa opção, denominada CPC (custo por clique), acaba sendo mais econômica, pois faz com que o anunciante pague apenas os direcionamentos para o seu *site* e não as impressões do *banner* no mecanismo de busca. Com isso também consegue ter um retorno mais preciso da efetividade do sucesso e visualização de sua campanha.

2.3 – Banners

Os *banners* na *web* monitoram quantos usuários clicaram no *banner* para visualizar o site.

Esses retângulos, além de conduzir os indivíduos aos sites de compra, também têm a função de tornar a marca algo presente na vida do internauta, só por notá-la na página visitada. Inspirados na mídia tradicional impressa, constituem-se de formas pequenas com bordas claramente definidas, colocados em sites com tráfego elevado. Atualmente, já evoluíram desde formas estáticas até para anúncios interativos, os quais se movimentam com a passagem do cursor sobre eles. Os formatos e tamanhos variaram tanto, que foi necessário serem estabelecidos pelo IAB (International Advertisement Bureau) alguns padrões fixos visando facilitar a comercialização. Os provedores de conteúdo brasileiro também criaram uma associação denominada Brasil internet Associados (BIA) para estipular seus próprios padrões nacionais (PINHO, 2000, p. 179).

2.3.1 Advertorial

Advertorial é o aproveitamento do conteúdo editorial do *site* para promoção de empresas, produtos e serviços, algo muito comum na Internet. Anunciar no conteúdo do site é muito comum na Internet. Geralmente, a página inicial de um portal possui 15% de seu espaço tomado por anúncios com espaços limitados por bordas (frames) e com empresas identificadas como anunciantes. O restante da página, ou seja, 85% dela, é de auto-promoção do conteúdo do próprio portal (CANESSO, 2003, p. 23).

2.3.2 Links patrocinados

Existem também, nesse sentido, *links* patrocinados, os anúncios mais conhecidos pelo público. O Google, por exemplo, oferece a seus clientes uma rede de *display*, vinculando-se a diversos portais e possibilitando que o anunciante tenha seu *banner* inserido em várias páginas de notícias, blogs e outros milhares de sites que disponibilizam espaço para esse tipo de publicidade em seu HTML. Ao invés de contratar o serviço de um site apenas, um “cardápio” inteiro de portais é oferecido ao anunciante, que pode escolher dentre os mais visitados pelo perfil usual compradores de seu produto.

Eles apresentam-se na forma de caixas de texto em destaque no topo superior ou na coluna lateral das páginas. Como explica o site Multlinks, a frase em destaque nesse segue o padrão de 25 caracteres, contando os espaços, e as demais linhas com 35 caracteres. Esse tipo de propaganda é recomendada para vendas de impacto imediato com o usuário (MULTLINKS, 20013).

Relacionando à atuação dos advertoriais e links patrocinados, é perceptível que, a maioria das opções que a plataforma virtual oferece para a divulgação de ideias e produtos permite um retorno constante e imediato da efetividade de promoção dos conteúdos em seus domínios independentemente da ferramenta escolhida pelo anunciante para se promover.

2. Antonio Jorge Miranda em entrevista particular, em abril de 2015.

3. A internet como plataforma hoje

3.1 Vantagens atuais da publicidade *on-line*

Desde a Revolução Industrial, o homem vem buscando produzir mais com menos dinheiro. Isso tem se tornado cada vez mais possível com o uso das tecnologias e hoje, da internet. Analisando características desse novo meio de comunicação, Zeff e Aronson fizeram um levantamento de cinco vantagens principais que a *web* oferece aos que a utilizam para anunciar: dirigibilidade, rastreamento, acessibilidade, flexibilidade e interatividade (ZEFF; ARONSON apud PINHO, 2000. p. 119).

Dirigibilidade – Uma das importantes qualidades da Internet como veículo de propaganda é a possibilidade de segmentação do público atingido pelas campanhas. Com a escolha de um *publisher*³ adequado, o publicitário consegue direcionar a campanha exatamente para o tipo de consumidor que, provavelmente, se interessará pelo conteúdo do seu anúncio, conseguindo assim que sejam atingidas as pessoas certas, no momento certo. As possibilidades são infinitas devido à imensa quantidade de *publishers* diferentes como Abril, O Globo, Buscapé, Boo-Box, Grupo NZN, Globo.com, Terra e, mais ainda, páginas voltadas para tipos específicos de público nesses sites. Dessa forma, não é necessário que o anunciante compre um pacote de milhões de impressões para alcançar, muitas vezes, menos da metade do número de cliques por impressão; só são comprados os cliques que realmente interessam. Isso faz com que o investimento seja muito menor por parte do anunciante, tornando a divulgação do produto muito mais acessível.

Rastreamento - Com uma técnica chamada *Retargeting* e compra. Essa técnica permite à empresa exibir de maneira pessoal suas campanhas ou produtos de forma que os anúncios sejam mostrados apenas às pessoas que já interagiram, de alguma forma, com eles. O internauta que visitar o site dessa determinada empresa, iniciar uma compra mas não finalizá-la, poderá continuar a ser “seguido” por *banners* relacionados ao produto que quase comprou enquanto navega na internet, incentivando-o a retornar ao *site*. É uma publicidade feita “sob medida” para determinados clientes.

De acordo com o site *E-commerce Brasil*, uma pesquisa realizada nos EUA, pela Adobe, desenvolvedora de *softwares*, mostrou que 74% das pessoas afirmaram se incomodar com o fato de se sentirem “seguidas” pelas empresas. Todavia, uma pesquisa elaborada pelo próprio site mostra que a taxa de cliques quando se utiliza *banners* comuns é de 0.07%, enquanto no *Retargeting* é 10 vezes maior, na média de 0.7%; um resultado interessante para quem anuncia (ECOMMERCE, 2015).

Acessibilidade - Todo o conteúdo presente na internet está disponível 24 horas por dia, 7 dias por semana, 365 dias por ano.

Flexibilidade - Nas palavras de J.B. Pinho (2000, p. 101):

“A flexibilidade da publicidade on-line é total, pois uma campanha pode ser lançada, atualizada ou cancelada imediatamente. No período de uma semana, o progresso da campanha pode ser acompanhado e, se necessário, é possível altera-la na semana seguinte, geralmente sem implicar custos elevados e mesmo proibitivos de produção, como no caso da televisão.”

Interatividade - No site da Fiat, por exemplo, é possível experimentar as cores do carro e seus acabamentos em uma atividade interativa, montando-o do agrado do cliente e comprando-o na hora. O consumidor sente-se mais próximo à marca e consegue fazer suas compras no conforto do seu lar, com uma precisão de observação e escolha de detalhes cada vez mais próxima à feita ao vivo, numa loja.

Pinho escreve (2000, p. 101) :

“O objetivo da publicidade é engajar e envolver o prospect com a marca ou com o produto. A web permite alcançar o objetivo com maior efetividade porque o consumo pode interagir com o produto, testa-lo e, se escolhido, compra-lo imediatamente. Um software, por exemplo, pode ter uma versão de demonstração para teste imediato; uma vez finalizado o exame e ele mostrar-se do agrado do consumidor, a compra pode ser feita na mesma hora.”

3.2 Desafios atuais da publicidade *on-line*

A mídia *on-line* pode trazer diversos benefícios aos que se integram a ela para vender e divulgar produtos e serviços. Ao mesmo tempo, quando não usada cuidadosamente, essa ferramenta permite tamanha interatividade do cliente com as campanhas e a rápida viralização de todo tipo de informação, que pode acabar trazendo resultados indesejados ao anunciante.

Como ressalta Marcelo Coutinho, redator do *Uol Notícias*, desde o início das civilizações, o ser humano mostra necessidade de se comunicar e buscar identidade com seus semelhantes. Com a facilitação da criação de *blogs* e *sites* de interação social, essa necessidade recebeu uma atenção especial.

Diferentemente dos meios de comunicação em massa tradicionais, na *web*, o discurso deixa de ser privilégio do anunciante. Consumidores encontram um espaço onde podem ser não só espectadores passivos de uma propaganda, mas dar sua opinião abertamente sobre ela e visualizar a de outros consumidores (UOL, 2006).

Com um simples computador, celular, *tabletwebcam*, como fazem os blogueiros e *vloggers*, os usuários interagem e contribuem diretamente para a divulgação das campanhas e influenciam a opinião dos demais internautas. Tem-se uma situação de extrema exposição e é desafio da empresa tentar colocar isso a seu favor.

3. Site no qual pode ser inserido conteúdo publicitário.

Enquanto uma ideia bem recebida pode ser abraçada e compartilhada na rede pelos próprios leitores, tornando a campanha muito lucrativa, uma mensagem que desagrade um deles pode rapidamente jogar as vendas para baixo.

Martha Gabriel, coordenadora do MBA em Marketing da HSM Educação, mestre e PhD em Artes pela USP, enfatizou em uma entrevista para o site Adnews: “O digital amplifica tudo – marketing bom ou marketing ruim. Portanto, é essencial ter um marketing bom antes de ‘aplicar’ o digital nele.” (ADNEWS, 2014)

No carnaval de 2015, a retirada de circulação da campanha “Esqueci o não em casa”, da Skol, foi um exemplo da influência que consumidores insatisfeitos conseguiram ter sobre a mencionada empresa, devido ao uso das mídias sociais.

Um grande prejuízo foi causado à Ambev - empresa fabricante da Skol - quando, ao verem o anúncio em um ponto de ônibus, as publicitárias Pri Ferrari e Mila Alves interpretaram a mensagem da campanha como uma apologia ao estupro e resolveram disseminar sua indignação nas redes sociais. Segundo informações da *Folha de São Paulo*, as moças postaram fotos exibindo-as ao lado da intervenção que fizeram no outdoor: complementaram o “Esqueci o não em casa” com a mensagem “e trouxe o nunca”, em fita adesiva preta.

A foto espalhou-se rapidamente por meio da rede e foi estimulada uma campanha para a denúncia do cartaz ao Conar. Todavia, antes mesmo que isso ocorresse, o diretor Abev, ligou para Pri Ramos e, ouvindo sugestões da publicitária, providenciou a retirada dos anúncios das ruas e os substituiu por

novos, dessa vez com a frase: “Não deu jogo. Tire o time de campo. - Neste carnaval, respeite.” (FOLHA, 2015)

Esse *case* evidencia como a Internet dá ao público espaço para expor suas opiniões sobre qualquer assunto e, nesse caso, sobre a publicidade em si. Além desse tipo de contato direto delicado com o cliente, essa mídia apresenta ainda mais desafios para os profissionais do marketing, como a dificuldade de captar a atenção do internauta.

Um usuário que navega na Internet com pressa à procura de alguma informação específica precisará de uma imagem realmente sobressalente para captar sua atenção, convencendo-o a conhecer mais sobre outro produto promovido.

Para que essa persuasão ocorra efetivamente, em seu livro “Publicidade e Vendas na Internet”, J. B. Pinho (2000, p. 184) propõe o uso de cores contrastantes às tonalidades utilizadas pelo site nos anúncios, o uso de animações e a da interatividade dos *banners* com o cliente:

“os banners devem permitir que o interessado solicite, se for o caso, uma amostra grátis do produto, registrem seus dados pessoais para a participar de um sorteio ou preencha na hora o pedido de compra, sem obrigá-lo a saltar para outro site.”

O autor enfatiza também que mais de três anúncios não devem compartilhar espaço em uma mesma página, para que não haja dispersão excessiva do consumidor e perda da eficácia de persuasão do mesmo.

4. Megatendências

A Internet está em constante atualização e renovação. Devido a isso, ao explorá-la como veículo para a publicidade, marqueteiros percebem a cada dia meios novos e cada vez mais eficazes para envolver os internautas com o conceito de suas marcas. Esse capítulo evidenciará algumas das maiores tendências atuais para anunciar on-line, baseado nas previsões de Martha Gabriel.

4.1 Storytelling

Um desafio encontrado em todo tipo de publicidade é o de conseguir captar a atenção e conquistar o coração do cliente com a essência da empresa, criando a ideia de que não apenas vende um produto, mas um estilo de vida. Para que essa tarefa de suma importância seja cumprida, diversas técnicas são estudadas pelos profissionais da publicidade.

Segundo os ensinamentos de Martha Gabriel (ADNEWS, 2014):

“Se pensarmos nas grandes constantes da vida humana – valores, pessoas, relacionamentos, prazeres, medos, interesses e dores –, que podem estar associadas à uma marca, os conteúdos que focarem nisso (espírito), tendem a ser eternos. Exemplos disso são propagandas do passado e do presente que permanecem como o fusca

na neve, “Não é nenhuma Brastemp”, Pipoca e Guaraná, Real Beleza da Dove (mais de uma década de propagandas inesquecíveis), diversos de Coca-Cola e outros.”

Nesse contexto, uma megatendência é o chamado *Storytelling*, o qual se baseia na narração de uma pequena história sobre a marca ou produto a ser vendido durante a propaganda. Esse tipo de anúncio não procura expor necessariamente informações concretas sobre o produto, mas cativar o cliente com a história e ideologia da empresa em foco. Martha Gabriel (ADNEWS, 2014) colocou:

“Há algumas décadas, o conteúdo da propaganda precisava informar tudo, enquanto hoje, ele trabalha associado aos conteúdos das demais mídias, permitindo que tome-se muito mais minimalista, complementar. Nesse sentido, o conteúdo da propaganda ganha uma liberdade maior para focar no “espírito” da mensagem e não mais apenas no seu ‘corpo’”.

4.2 Blogueiras

Grandes marcas já perceberam que o consumidor dá credibilidade especial a produtos que vê serem usados por

amigos próximos, familiares ou personalidades influentes na mídia. É baseado nesse conceito de confiança e identificação pessoal que uma nova forma de atingir o cliente vem ganhando dimensão na *web*: as chamadas “It Girls”. Essas jovens mulheres, no ápice de sua beleza e popularidade, utilizam-se de *blogs* e redes sociais como o Instagram e o Facebook para divulgar seu estilo de vida glamuroso, preenchendo os olhos de quem as segue com luxo e, o mais importante, vontade de ter tudo que elas tem.

As meninas costumam ter milhares de seguidores assíduos que acompanham diariamente postagens de fotos de seus *looks*, restaurantes favoritos e produtos de beleza. Com a ajuda das famosas *hashtags* como a *#lookdodia*, usada mais de 1.600.000 no Instagram até o de 2015, segundo dados disponíveis no próprio aplicativo. As imagens são disseminadas pela *web*, pois o próprio Instagram, hoje pertencente ao Facebook, permite que as fotos publicadas nele sejam automaticamente enviadas também ao próprio Face, Twitter e Tumblr.

Os *blogs* de beleza viram então um prato cheio na publicidade, com a qual as grandes blogueiras já conseguem lucrar mais de 100.000 por mês. Entretanto, essa relação pode gerar problemas quando não tratada com cautela; Uma matéria feita por Renata Honorato para a *Veja Digital* (VEJA DIGITAL, 2013) é relatado que no ano de 2012, por exemplo, um grupo de blogueiras foi advertido por não deixar claro quais as postagens de caráter meramente lucrativo, acabando por fazer os seguidores pensarem que o produto era exibido devido à real aprovação de sua qualidade pela *blogger*.

Para que isso não ocorra mais, é comum agora que sejam usadas legendas com as palavras “publipost” (indicando ser um *post* publicitário) ou “jabá” (redução da palavra “jabaculé” que faz referência tanto à gorjeta quanto à quantia em dinheiro usada para aliciar alguém). “Como nesse tipo de trabalho, cria-se um envolvimento entre a marca e a blogueira. Cada parceria é analisada previamente pela autora do *blog*”, disse Carol Quinteiro, sócia da rede F*Hits, consultoria que reúne 24 blogueiras. “É importante que haja alguma identidade entre a marca e o caráter do *blog*.”

O aparecimento de consultorias como a F*Hits é prova de que o negócio tornou-se realmente grande e lucrativo para quem o promove. Grupos como ele mediram a relação da *fashionista* com as marcas e ajudam a incrementar e revisar os *posts*. Com esse trabalho, lucram de 10% a 50% sobre o que é pago às blogueiras pelas empresas promovidas.

Ganha-pão fashion	
Quanto as blogueiras mais famosas do Brasil cobram para promover uma marca (em reais)	
Citação no blog	300 a 1.500
Post no blog	4.000 a 20.000
Publicação de foto #lookdodia no Instagram	5.000
Aparição em vídeo	2.000 a 10.000
Aparição em eventos + vídeo ou post	4.000 a 11.000 (valores despesas de viagem)

Figura 1 - Tabela de faturamento de blogueiras famosas no Brasil. (Fonte: Veja Digital) < <http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/como-blogueiras-fazem-da-moda-um-negocio-lucrativo/>>. Acesso 12 abril 2015.

Inspiração internacional	
Quem são as blogueiras estrangeiras cultuadas pelas brasileiras	
Carrie Harwood, do WishWishWish	(Londres)
Liz Cherkasova, do Late Afternoon	(Los Angeles)
Allx Bancourt, do The cherry blossom girl	(Paris)
Susie Bubble, do Style Bubble	(Londres)
Garance Dore, do Garance Dore	(Paris)
Hannell Mustaparta, do Hannell	(Nova York)
Rumi Neely, do Fashiontoast	(Los Angeles)
Anna Dello Russo, do AdR Factory	(Milão)
Julia Engel, do Gal Meets Glam	(São Francisco)
Ulyana Sergeenko, do Ulyana: Diary	(Moscou)

Figura 2 - Blogueiras estrangeiras mais cultuadas pelas brasileiras. (Fonte: Veja Digital) Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/como-blogueiras-fazem-da-moda-um-negocio-lucrativo/>>. Acesso 12 abril 2015.

Com curtidas e comentários a todo momento nas postagens, o uso das plataformas *online* permitem às grifes um acompanhamento em tempo real da receptividade do público à campanha; por isso, esse meio tem sido cada vez mais explorado. Entre os perfis de empresas mais ligados a essa nova moda estão as lojas virtuais, as de produtos de beleza, sapatos, joalherias, marcas de roupas e até companhias aéreas

No Brasil já podemos destacar nomes como a *fitness girl* Gabriela Pugliesi e a maquiadora e *fashionista* Camila Coelho que, morando nos Estados Unidos, já faz sucesso com vídeos tanto em português quanto em inglês.

Entre os anunciantes mais empolgados com a ideia estão as joalherias, marcas de sapatos, bolsas, produtos de beleza e até companhias aéreas. Em uma entrevista à revista *Veja*, Augusto Mariotti, diretor de conteúdo da LuminoSidade, responsável pelos sites da São Paulo Fashion Week, Fashion Rio e Rio Summer, pontuou: “As marcas de luxo não são entusiastas do *e-commerce*, já que querem oferecer aos clientes uma experiência única em suas lojas a partir do contato direto com o produto”. A maré, contudo, pode mudar segundo ele: “A fim de atingir um público mais jovem, grifes como a britânica Burberry já começaram a olhar a internet e as redes sociais com mais atenção.”

Se números forem considerados, a tendência é que esse mercado só venha a crescer nos próximos anos. Na internet, beleza e moda já ocupam o segundo e terceiro lugares, respectivamente, como os segmentos que mais faturam, de acordo com o relatório WebShoppers, da E-bit, consultoria especializada em *e-commerce*.

4.3 Facebook: a maior rede social do mundo

Enquanto na TV, nos jornais e no rádio, o controle da mídia está na mão de seus proprietários, em mídias sociais, qualquer um tem a liberdade de comentar e postar conteúdo, muitas vezes sem pagar absolutamente nada. Devido a essa informalidade e proximidade com os que ali se manifestam, os internautas tendem a confiar mais uns nos outros do que nas mensagens padrão de marketing das empresas.



Figura 3: O poder do marketing e gestão de redes sociais (Fonte: Multi Links Mídia Digital) Disponível em < <http://www.multilinks.com.br/artigos/autor-por-vinicius-muniz/>> Acesso 11 junho 2015.

Essa liberdade dada pela mídia social para compartilhar informações leva as empresas a não terem controle total sobre seu marketing, sendo ele sempre exposto ao julgamento direto do público. Dessa forma, a conquista do alvo torna-se algo importantíssimo não só para as vendas mas também para a ampliação exponencial da sua campanha pelos internautas.

Inaugurado em 2004, por Mark Zuckerberg e o brasileiro Eduardo Saverin, estudantes de Harvard, o Facebook é a rede mais utilizada no mundo. Com um número de usuários superior a 1,34 bilhões, o site atingiu visibilidade maior do que a população da China, em 2014 (UOL, 2014).

No “Face”, como é chamado pelos internautas, é possível criar uma espécie de perfil para expor produtos, marcas e personalidades, permitindo que administradores e usuários possam interagir com o conteúdo. Nestas páginas, o organizador

pode adicionar fotos, vídeos e conteúdos extras e os usuários podem comentar e dizer se “curtiram” as postagens.

Uma forma interessante de publicidade que vem sendo explorada no Facebook e outras redes sociais é o uso de anúncios segmentados, um sistema avançado que direciona os anúncios baseando-se nas informações de cada perfil. Esse sistema melhora a rentabilidade, pois exhibe na página do usuário produtos que se encaixam em suas informações pessoais, aumentando as chances de cliques e consequentemente, faturamento da empresa anunciante (TUNES, 2010, p. 21). Com esse sistema de dados pessoais tão detalhado de seus usuários, o site consegue encaminhar os anúncios de forma ímpar, sendo então procurado por diversas empresas. Esse entre outros fatores vantajosos, valorizam o Facebook, valendo em 2015 mais de 100 bilhões de dólares (INFOMONEY, 2013).

Uma pesquisa feita pelo site Proxima, especializado em marketing digital, mostra em 22 fatos o sucesso do site, dentre eles estão:

1. A receita publicitária aumentou em 64% a cada ano (até 2013)
2. 1,5 milhão de anunciantes;
3. 64% dos usuários mensais ativos acessam a rede social diariamente;
4. 1,35 bilhão de pessoas acessam mensalmente;
5. 703 milhões utilizam a versão mobile todos os dias (40% a mais que em 2013);
6. WhatsApp (comprado pelo Facebook, assim como o Instagram) tem 600 milhões de usuários ativos mensais, caminhando para 1 bilhão;
7. 3 milhões de links foram criados com o Facebook applink;
8. Os preços dos anúncios aumentaram 247% devido à melhor qualidade;
9. 864 milhões de usuários ativos diários. No segundo trimestre de 2013, o número era de 829 milhões;
10. 1 bilhão de engajamentos, semanalmente, entre figuras públicas e seus fãs.

Segundo um levantamento feito pelo Fabrício Andrade do portal E-dialog, em 2014, estão entre as páginas mais “curtidas” no site:

1. Facebook for Every Phone (462.239.124 likes);
2. Facebook (153.689.793 likes);
3. Shakira (98.239.810 likes);
4. Eminem (90.773.281 likes);
5. Cristiano Ronaldo (89.235.510 likes);
6. Rihanna (88.529.869 likes);
7. CocaCola (84.633.778);
8. YouTube (81.508.111 likes);
9. Vin Diesel (79.865.907 likes);
10. Michael Jackson (76.069.579 likes).

Conclusão

Explorando a opinião dos diversos autores citados e refletindo sobre os prós e contras do uso da mídia *on-line* como meio de divulgação publicitária, concluo que o digital não deve ser pensado como um muro ou fronteira, que deixaria para trás as outras plataformas de comunicação. Temos com a Internet mais uma ponte que dará uma nova dimensão à informação. Dessa forma, juntamente com os outros meios, o mundo virtual se integrará a uma orquestra de veículos usados pelos publicitários para atingir seu público alvo.

Com essa nova tecnologia, novos empregos estão sendo gerados no mundo do marketing, trazendo para a área programadores e conhecedores do universo digital. Sendo assim, os conhecedores dessa mídia serão cada vez mais valorizados no mercado, o que é muito benéfico para a parcela dessa geração muito conectada que planeja ingressar no universo publicitário. É dado à criatividade dos antigos e novos profissionais do ramo, um novo universo de possibilidades a ser explorado.

Além disso, *web* não beneficia apenas publicitários e grandes empresas. O próprio consumidor tem muito mais acessibilidade à um meio de divulgação e venda de produtos e serviços próprios, anunciando a muito mais pessoas por um preço menor do que o comum ou sem custo algum. Dá-se, assim, oportunidade de exposição para pequenos empreendedores no mercado.

A necessidade de domínio de uma nova linguagem e a conscientização das armadilhas desse mundo em que in-

formações correm por todo o globo em um piscar de olhos, é, e será por um tempo, um desafio para marcas. Portanto, para que sejam bem sucedidas nessas tarefas, será necessária a constante atualização sobre as dinâmicas de comunicação e inovações nas formas de veiculação de informações na *web*. Assim, poderão inserir sempre nos *sites* e nos aplicativos de maior destaque, em cada momento, com mensagem, estética e linguagem corretas.

O entendimento do funcionamento da Internet e das novidades devem ser levadas em conta para persuadir os clientes, nessa nova mídia, serão o preço a ser pago pelos publicitários para a integração num meio que aproxima o consumidor e o anunciante de forma ímpar. Logo, com um conhecimento mais aprofundado dos desejos dos compradores, profissionais conseguirão elaborar campanhas cada vez mais eficazes não só para a Internet, mas para todos os outros meios de comunicação. Esses, por sua vez, deverão focar não no meio em si, mas na mensagem a ser passada, podendo integrar seu anúncio às plataformas que o tornem mais cativante, chegando à chave de tudo: o coração do cliente.

Como dito por Peter Drucker (apud GABRIEL, 2014):

“Em tempos de turbulência, o maior perigo não é a turbulência, mas agir com a lógica do passado”. Indubitavelmente vivemos hoje tempos turbulentos devido à disseminação tecnológica na vida, sociedade, mercado. Para termos sucesso nesse cenário, o nosso foco não deve ser na tecnologia, mas no que fazemos (e devemos fazer) com ela.”

bibliografia e referências bibliográficas

- BARBOSA, MARIANA; ‘Esqueci o Não’ da Skol sai de cena, mas cai na mira do Conar. **Folha de São Paulo**. Fevereiro 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/02/1589625-apos-denuncias-conar-entra-com-representacao-contracampanha-do-nao-da-skol.shtml>>. Acesso em junho 2015.
- BLOG ESCOLA DO MARKETING. Publicidade online deve superar TV em 2016. Agosto 2012. Disponível em: <<http://blog.escoladomarketingdigital.com.br/wp-content/uploads/2012/08/infografico-internet-supera-tv-2016.jpg>>. Acesso em: 5 janeiro 2015.
- BURTENSHAW, K; MAHON, N; Barfoot C. Fundamentos Da Publicidade Criativa/ Artmed. Editora S.A. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=BBe9AwAAQBAJ&pg=PA164&lpg=PA164&dq=publicidade+chamar+aten%C3%A7ao+novas+midias&source=bl&ots=Rm7H49WGVx&sig=IAavM5hpF8mlhMk5Y-3l2Zc_ltk&hl=pt-BR&sa=X&ei=0YQbVKXXE8G1ggSm-oEI&ved=0CDIQ6AEwBA#v=onepage&q=publicidade%20chamar%20aten%C3%A7ao%20novas%20midias&f=false>. Acesso em: 8 fevereiro 2015.
- CANESSO, N. S. **Publicidade na Internet. Um estudo dos formatos de anúncios on-line**. São Paulo, 2014 9 p.
- COUTINHO, Marcelo. You, Tube? Uol Notícias Tecnologia. Disponível em: <<http://idgnow.uol.com.br>>. Acesso em 2 junho 2006.
- DAINEZI, Nanci. O vale-tudo na guerra pelo consumidor. **Portal Uol de Comunicação**. Disponível em: <<http://portaldacomunicacao.uol.com.br/graficas-livros/18/artigo203527-1.asp>>. Acesso em: 30 janeiro 2015.
- DATA ACTIVISION. The Data Management Plataforma. Disponível em: <<http://www.bluekai.com/data-management-platform.php>>. Acesso em: 8 fevereiro 2015.
- DICIO, DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGÊS. Significado de *spam*. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/spam/>>. Acesso em: 11 junho 2015.
- DORDOR, X. Mídia / Mídia Alternativa: A escolha de uma estratégia global de comunicação para a empresa; Tradu-

ção de Fernando Santos. São Paulo: Nobel, 2007. 348 p.

- GABRIEL, Martha, Os ensinamentos de Martha Gabriel para o Marketing na era digital, 13 novembro 2014. Andrews. Entrevista concedida a: Leonardo Araújo. Disponível em: < <http://www.adnews.com.br/publicidade/os-ensinamentos-de-matha-gabriel-para-o-marketing-na-era-digital>>. Acesso em: 5 janeiro 2015.
- GIARDELLI, GIL. Você é o que você compartilha: e agora: como aproveitar as oportunidades de vida e trabalho na sociedade em rede. ed. São Palo: Gente, 2012.
- GONÇALVEZ, M C. Publicidade e Propaganda/ pg. 79 - IESDE Brasil S.A. 2009 100 p. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=mcjMntKor5gC&pg=PA79&lpg=PA79&dq=publicidade+chamar+aten%C3%A7ao+novas+midias&source=bl&ots=9X8kqtlMV9&sig=vfcaBbOe7tgin1wXTFDnMTEJ-Dk&hl=pt-BR&sa=X&ei=0YQbVKXXE8G1ggSm-oEI&ved=0CCMQ6AEwAQ#v=onepage&q=publicidade%20chamar%20aten%C3%A7ao%20novas%20midias&f=false>>. Acesso em 8 fevereiro 2015.
- HONORATO, Renata, Como blogueiras fazem da moda um negócio lucrativo. **Veja Digital**. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/como-blogueiras-fazem-da-moda-um-negocio-lucrativo/>>. Acesso em 12 abril 2015.
- IMASTERS. YouTube tem 11,5 milhões de usuários brasileiros. Disponível em: <<http://imasters.com.br/noticia/youtube-tem-115-milhoes-de-usuarios-brasileiros/>>. Acesso em: 30 janeiro 2015
- KURTZMAN apud ZEFF, Robbin e ARONSON, Brad. **Publicidade na Internet. Trad. da 2ª ed.** Rio de Janeiro: Campus, 2000. 80 p.
- LAPOLLI, M; GAUTHIER, F. A. O. **Publicidade na Era Digital: Um desafio para hoje.** Florianópolis: Pandion, 2008. 136 p.
- MARIOTTI, Augusto, Como blogueiras fazem da moda um negócio lucrativo. **Veja Digital**. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/como-blogueiras-fazem-da-moda-um-negocio-lucrativo/>>. Acesso em 12 abril 2015.
- MORENO, Felipe. Facebook, a rede sociais que (novamente) vale US\$ 100 bilhões. **Infomoney**. 12 agosto 2013. Disponível em: < <http://www.infomoney.com.br/mercados/acoes-e-indices/noticia/2895975/facebook-rede-social-que-novamente-vale-100-bilhoes>>. Acesso em: 14 junho 2015.
- MUNIZ, Eloá. **Publicidade e propaganda origens históricas.** Canoas: ULBRA, 2004. 1 p.
- MUNIZ, Vinicius. Recomendação de amigos é o maior influenciador na decisão de compra, 21 outubro 2013. **Multlinks**. Disponível em: < <http://www.multlinks.com.br/artigos/author/por-vinicius-muniz/>>. Acesso em 14 junho, 2015.
- PINHO, José Benedito. **Publicidade e vendas na Internet: técnicas e estratégias.** São Paulo: Summus, 2000. 94, 95, 96, 101 p.
- PITA, Laura. O boom da propaganda nas novas mídias. 14 junho 2010. Disponível em: <<http://www.pcom.com.br/blog/o-boom-da-propaganda-nas-novas-midias/>>. Acesso em: 30 janeiro 2015.
- PROXIMA, Facebook: 22 fatos e estatísticas que as marcas precisam conhecer, 4 novembro 2014. Disponível em: < <http://www.proxima.com.br/home/social/2014/11/04/Facebook-22-fatos-e-estatisticas-que-as-marcas-precisam-conhecer.html>>. Acesso em 12 abril 2015.
- QUINTEIRO, Carol, Como blogueiras fazem da moda um negócio lucrativo. Entrevista concedida a: Renata Honorato. **Veja Digital**. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/como-blogueiras-fazem-da-moda-um-negocio-lucrativo/>>.
- RAMOS, Diana Dos Santos. **Memória e publicidade no Brasil na década de 1930.** Rio de Janeiro, 2013. p. 40.
- ROMÁN, F. G-M.; MARINAS, I. **Mobile Marketing: A Revolução Multimídia;** Tradução e revisão técnica Paco Torras. 1.ed. São Paulo: Thomson Learning, 2007. 94 p.
- RODRIGUES, Marco Aurélio de Souza; CHIMENTI, Paula; NOGUEIRA, Antonio Roberto Ramos. O impacto das novas mídias para os anunciantes brasileiros, Rio de Janeiro, 10 de janeiro 2010. Disponível em: <http://www.copepad.ufrj.br/upload/publicacoes/o_impacto_das_novas_mdias_para_os_anunciantes_brasileiros.pdf>. Acesso em: 30 janeiro 2015.
- SELLERS apud PINHO, José Benedito. **Publicidade e vendas na Internet: técnicas e estratégias.** São Paulo: Summus, 200. 101 p.
- TEIXEIRA JR., Sérgio. Afogado em Spam. **Revista Exame**, 2003.
- TORRERS, Carlos Cleyton. Infográfico traz 18 dados interessantes sobre publicidade online. blogmidia8.com. 6 maio 2014. disponível em: < <http://blogmidia8.com/2014/05/infografico-traz-18-dados-interessantes-sobre-publicidade-online.html>>. Acesso em: 5 janeiro 2015.
- TUNES, Gabriel Alves. **A evolução da publicidade na internet: mídias sociais.** Votuporanga, 2010. p. 21. Disponível em: <<http://marielydelrey.com/trabalhos/tcc/TCC-A-Evolu%C3%A7%C3%A3o-da-Publicidade-na-Internet-M%C3%ADdias-Sociais.pdf>>. Acesso em:12 abril 2015.

Uol Tecnologia, N° de usuários do Facebook deve passar a população chinesa em 2015, diz site, 31 janeiro 2014. Disponível em: < <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/01/31/n-de-usuarios-do-facebook-deve-passar-populacao-chinesa-em-2015-diz-site.htm>>. Acesso em 12 abril 2015.

ZEFF, Robbin e ARONSON, Brad. **Publicidade na Internet. Trad. da 2ª ed.** Rio de Janeiro: Campus, 2000. 80 p.

QUESTÕES DA EUTANÁSIA: DIREITO HUMANO DE VIDA E DE MORTE

FERNANDA PINI SAPATA GONÇALVES ARRUDA
3ª série B

Obrigada aos meus pais, Silvia e Celso, e a minha irmã Renata, por acreditarem em mim e me incentivarem diariamente, além de investirem em minha educação. Agradeço também ao professor Fernando pela revisão do trabalho e orientações, e por fim, a todas as pessoas do cotidiano que me apoiaram durante este processo.

Resumo

A monografia discutirá questões da eutanásia. A prática mostrará também procedimentos e envolvimento de aspectos éticos, morais, religiosos, sociais e políticos. Proibida em muitos países, inclusive no Brasil e permitida em alguns países da Europa, como a Holanda e a Bélgica. Os

dois principais argumentos confrontantes são o da autonomia do paciente e a obrigação do médico em promover o bem e evitar danos, abrindo um debate sobre os aspectos positivos e negativos desse procedimento.

Palavras-chave: Eutanásia, legalização, direito de vida ou morte, religião, legislação, doença.

Abstract

This text discusses the issue of euthanasia. This procedure involves ethical, moral, religious, social and political aspects, being prohibited in many countries, including Brasil and allowed in some countries of Europe, like Holand and Belgium.

The two main conflicting arguments are the autonomy of the patient and the obligation of the doctor to promote goodness and avoid damages, leading to a debate about positive and negative aspects of this act.

Keywords: Euthanasia, legalization, right to life and death, religion, legislation, sickness.

Introdução

Esta monografia discutirá como foi o processo de aprovação da eutanásia em alguns países do mundo como Holanda, Bélgica, Brasil e outros, com o objetivo de discutir as fronteiras da vida e da morte a partir de uma perspectiva histórica, política, religiosa, filosófica, psíquica e jurídica. E, assim, debater sobre a legislação brasileira em relação ao procedimento.

O ser humano é o único ser vivo que tem consciência de seu próprio fim. Infelizmente, nem sempre a morte pode ser decidida por cada um de nós. A escolha desse tema se deve à importância da Constituição de cada país que permite ou não a realização da eutanásia.

Esse é um assunto que atinge diversas áreas. Existem muitas discussões sobre ética, na área de psicologia, além do desligamento dos aparelhos, em medicina, e sobre a escolha do próprio paciente em relação a sua própria vida. Thomas More, em 1516, disse em sua obra "Utopia", que se a doença é incurável e causa dor, os sacerdotes e magistrados deveriam exortar o indivíduo a decidir-se a morrer. Então, fazem-no ver que não tem mais utilidade no mundo, não tendo razão para prolongar a vida.

Segundo Henrique Viana Bandeira Moraes¹, a palavra "eutanásia" foi criada no século XVII, pelo inglês Francis Bacon, ao descrever em sua obra "*Historia vitae et mortis*" como o tratamento mais adequado para doenças incuráveis. O significado da palavra evoluiu com o tempo, podendo ser vista como uma interferência no desenrolar natural da vida, ou uma maneira de diminuir os sofrimentos de uma pessoa doente.

A Holanda foi o primeiro país a legalizar a eutanásia, em 2001. Apesar dos protestos ocorridos na época, a maioria da população apoia a prática. Em segundo, veio a Bélgica,

em maio de 2002, que permitiu a realização do procedimento em maiores de idade com condições restritas por lei. Ela também foi o primeiro país do mundo a autorizar crianças vítimas de uma doença incurável a optar pela eutanásia, em março de 2014.

Todavia, existem países que autorizam ou toleram ajuda para morrer. A Suíça permite o suicídio assistido, a eutanásia indireta e a passiva. A maioria dos países nessa categoria aprova a eutanásia passiva, como a Suécia, a Grã-Bretanha, a Alemanha, a Áustria e a Noruega.

Porém, a maioria dos países proíbem a eutanásia, como a Itália, Grécia, Romênia, Polônia e o próprio Brasil. Aqui, em 1996, foi proposto um projeto de lei no Senado Federal, instituindo a possibilidade da realização da eutanásia no país, mas não prosperou, sendo arquivada pelos parlamentares. Isso ocorreu porque o procedimento não é considerado na Constituição Federal e porque muitos juristas acreditam que quando essa conduta é praticada pode ser aplicada ao autor a acusação de crime doloso, ou seja, com plena consciência da ilegalidade.

No primeiro capítulo haverá uma discussão sobre a criação do conceito "eutanásia", além de apresentar uma perspectiva histórica sobre o tema. Já no segundo, será apresentada a Legislação sobre a eutanásia em alguns países, descrevendo a quem é permitido e como ela é realizada no país, além da utilização de cuidados paliativos. O próximo discutirá as questões éticas relativas à aprovação da eutanásia. Já na conclusão, será mostrada a ascensão dos direitos e liberdades individuais, apresentando dados favoráveis e contrários à legalização e mais detalhes sobre a situação brasileira em relação a essa prática.

1. Eutanásia

"Eutanásia sf. **1.** Morte serena, sem sofrimento. **2.** Med. Prática, ger. Sem amparo legal, pela qual se busca abreviar sem dor ou sofrimento a vida do enfermo incurável e terminal."²

Eutanásia é uma palavra originada do grego (*eu*, boa e *thanatus*, morte), e consiste em diminuir os sofrimentos de um doente sem esperança de cura. Ele não precisa estar em fase terminal de vida, podendo solicitá-la devido a dores constantes, físicas ou psicológicas. Esse é o caso de Ramón Sampedro, um marinho espanhol e tema do filme "Mar Adentro", dirigido por Alejandro Amenábar. Ao ficar tetraplégico por causa de um acidente durante um mergulho, ficou aproximadamente 30 anos em uma cama.

O caso gerou posicionamentos divergentes na Igreja Católica e pelos defensores do direito de autonomia. O religioso centra-se na premissa da santidade da vida e a

possibilidade de deliberação em torno da própria morte é entendida como um ato de expressão de livre escolha individual. Ramón morreu por envenenamento com cianeto de potássio.

O humano é o único ser vivo que tem consciência da efemeridade da sua vida. Isso em alguns casos é positivo, mas em outros pode ser angustiante. A eutanásia está ligada a uma ação que diminui as dores do doente.

Ela pode ser classificada de quatro maneiras: ativa, quando envolve a ação de um médico e administração de injeção letal; passiva, em que há omissão de recursos, como medicamentos, alimentação e hidratação; voluntária, em que o desejo é formulado pelo paciente e involuntária, quando o doente não tem a capacidade de expressar o consentimento. O suicídio assistido consiste no ato do próprio doente gerar sua morte por meio de drogas prescritas pelo médico.

1. Procurador federal especialista em Ciências Criminais e pós-graduando em Direito Processual Civil.

2. Dicionário Aurélio.

A origem da discussão sobre o tema começou na Grécia Antiga. De um lado Platão, Sócrates e Epicuro defendiam a ideia de que o sofrimento resultante de uma doença dolorosa justificava o suicídio. Por outro lado, Aristóteles, Pitágoras e Hipócrates condenavam o suicídio.

No século XVII, Francis Bacon afirmou que o médico deveria aplicar sua ciência não somente para curar, mas também para diminuir as dores numa enfermidade mortal. (PESSINI, 2004 – pág. 59).

Não são todos os países que dispõem uma legislação que aprove a eutanásia. A aprovação pioneira da eutanásia voluntária ativa ocorreu no norte da Austrália, em 1996, mas o Parlamento Federal proibiu o ato. Em abril de 2001, a Holanda foi o primeiro país a legalizar a eutanásia, seguido pela Bélgica em maio de 2002.³ Atualmente, os dois países debatem as possibilidades de ampliação da lei da eutanásia para crianças e pessoas com deficiência mental ou demência.

Várias pessoas passam por essa luta entre vida e morte e muitos casos ficaram conhecidos na história pelo desejo da prática da eutanásia. Um deles é da francesa Chantal Sébire. Com 52 anos, tinha um câncer muito raro e incurável na face, responsável pela perda de sua visão, olfato e degustação que causou uma deformação no rosto permanente e dores intensas e constantes. Por causa disso, ela fez um pedido de autorização de eutanásia com a justificativa de que ela se recusava a aceitar sua irreversível degradação. Houve uma negativa judicial e ela cometeu suicídio com uma dose letal de remédios.

A legislação francesa permite aos médicos a prescrição e a administração de medicamentos para sedação e indução de coma, mas a pessoa deve permanecer nesse estado até a morte. Alguns membros do executivo francês pronunciaram-se favoravelmente à alteração da lei vigente, tendo em vista a existência de casos extremos, como o dela.

2. A eutanásia em alguns países

A Holanda e a Bélgica foram os dois primeiros países a legalizar a eutanásia. A Holanda tinha uma prática institucionalizada que, embora não legal, era tolerante em relação aos médicos que praticassem a eutanásia há pelo menos uma década antes da legalização em 2001.

A eutanásia legalizada, bem como, os cuidados paliativos derivados dela, se baseiam em valores médicos e éticos (autonomia do paciente e a não maleficência). Os argumentos nos quais se centra a maior parte dos pedidos de autorização legal de procedimentos para eutanásia e suicídio assistido são: o individualismo ético, a presumida liberdade individual; o hedonismo, que consiste no privilégio do prazer obtido sob uma forma de realização emocional pessoal; o naturalismo, ou seja, a importância atribuída à ideia de natureza como valor apreensível pela razão humana e a própria racionalização corporal.

O ato da aplicação da eutanásia (ativa e voluntária) realizado por terceiros faz cessar intencionalmente a vida de uma pessoa a pedido dela. O médico que executa uma eutanásia não está praticando um ato ilegal se estiver assegurado de que o paciente é adulto, com plena capacidade e consciência, na época de seu pedido é feito voluntariamente. Além disso, o paciente deve se encontrar numa condição médica irremediável e se queixa de sofrimento físico ou mental insuportável e constante.

O médico também deve informar o paciente sobre seu estado de saúde e sua expectativa de vida, além de discutir com ele seu pedido de eutanásia e as medidas terapêuticas que possam ser tomadas. Ele determinará a natureza persistente do sofrimento físico ou mental do paciente e consultará outro médico com relação à natureza grave e incurável do paciente. Por fim, discutirá o pedido com a

equipe de tratamento, além de pessoas a ele próximas, se for o seu desejo.

Quando se solicita abreviação da vida, os profissionais de saúde envolvidos manifestam a vontade de ouvir o paciente e precisam assegurar-se de que sua decisão se baseia numa escolha isenta, autônoma e livre.

Vários questionamentos são feitos como a motivação na base do pedido da eutanásia, se o paciente tem informações suficientes, se ele está mentalmente competente no momento da solicitação, se ele discutiu isso com outras pessoas e se o pedido é voluntário.

Felizmente, essa medida nem sempre precisa ser tomada. O uso de procedimentos paliativos é outra maneira de amenizar a situação do paciente, ao oferecer tudo que for possível para assistir o paciente que está em fase final de vida e solicita a eutanásia.

O objetivo desse procedimento é assegurar que todos os profissionais de saúde conversem sobre a solicitação do procedimento e as alternativas de cuidados paliativos. A equipe médica discutirá, exaustivamente, com o médico responsável sobre o diagnóstico e prognóstico da doença, sugestões de tratamentos para os sintomas e tratamentos alternativos que podem ser oferecidos ao paciente.

Se for o caso de ingressar com o procedimento paliativo, o doente deverá estar informado sobre sua situação de saúde e as possibilidades de cuidados paliativos. E, se ele desejar, o médico deverá falar com os amigos e familiares sobre a eutanásia.

Na Bélgica, o uso do filtro paliativo contribui para maior clareza em relação ao desenvolvimento de caminhos sobre decisões médicas no final da vida, elaborando diretrizes que orientam os médicos em situações-limite e

3. MENEZES, R. **Demanda por eutanásia e condição de pessoa: reflexões em torno do estatuto das lágrimas.** Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/viewArticle/1870>>.

críticas de cuidados de saúde. A prática desses cuidados é impulsionada pelo próprio desenvolvimento da medicina tecnológica que para de investir terapêuticamente para não agredir a dignidade pessoal. Sua filosofia mostra que pode se estabelecer uma relação mais saudável com a realidade de final de vida, superando medos e tabus.

Os profissionais de saúde utilizaram o filtro paliativo para aprimorar a qualidade dos cuidados oferecidos, mas não é uma resposta para todos os problemas clínicos. Os casos mais difíceis são aqueles em que o paciente solicita a eutanásia e rejeita qualquer medida paliativa. Mesmo assim, existem condições clínicas que permitem a promoção de cuidados paliativos recusados.

A Suíça é um dos raros países que permite o suicídio assistido. Não é autorizada a eutanásia ativa praticada por terceiros, mas é tolerada a eutanásia indireta e a passiva. O livro “A viagem”, de Marco Longhi, relata a decisão de um doente de terminar sua vida na Suíça. Segundo estudos, somente 10% das demandas são analisadas e a metade delas são aceitas. Desse pequeno número, 40% dos “candidatos” que chegam até os colóquios voltam e somente um terço de quem foi aceito chega até a conclusão do procedimento.

Em 2009, o Uruguai autorizou que pacientes terminais optassem pela interrupção de tratamento. Em junho de 2010, a Alemanha declarou o suicídio assistido legal no país. Tanto no Canadá quanto nos Estados Unidos⁴, na maioria dos Estados existe uma legislação que permite aos médicos a suspensão de tratamentos, com autorização do paciente ou de seu representante legal. A Suíça condena a eutanásia, mas não o suicídio assistido.

No Brasil, tanto a eutanásia quanto o suicídio assistido são criminalizados por legislação. Mas, o interesse da medicina pela prática de cuidados paliativos está crescendo. Esse conceito foi definido pela Organização Mundial de Saúde, em 2002, como uma abordagem ou um tratamento que melhora a qualidade de vida de pacientes e familiares diante de doenças que ameaçam a continuidade da vida.

Na Constituição Federal podemos observar:

“ – Art.1º República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Dis-

trito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: (...)

III- a dignidade da pessoa humana.”

“ – Art. 5º

III- ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante.”

O novo Código de Ética Médica (CEM), no Brasil, elaborado em 13 de abril de 2010, prevê uma abordagem ética diferenciada junto aos pacientes em fase terminal de vida. Conseqüentemente, evitar a distanásia – prática pela qual se prolonga a vida por meios artificiais e desproporcionais – e valorizar os cuidados paliativos.

Em 1984, um anteprojeto da Parte Especial do Código Penal previu, pela primeira vez, a isenção de pena de uma conduta de eutanásia por um médico. Ele propõe que ela seja permitida, desde que um conjunto de cinco médicos atestem a inutilidade do sofrimento físico ou mental do paciente e que ele mesmo requisite o procedimento. O projeto foi abandonado devido a causas religiosas.

O parágrafo 1º do artigo 121 da Constituição Brasileira, trata-se do homicídio privilegiado, causa de diminuição de pena, uma vez que permite ao magistrado o abatimento de um sexto a um terço da pena. “Se o agente comete o crime impellido por motivo de relevante valor social ou moral, ou sob o domínio de violenta emoção, logo em seguida a injusta provocação da vítima, o juiz pode reduzir a pena de um sexto a um terço”.⁵

Juridicamente, o Brasil é orientado por princípios fundamentais que expressam os valores acolhidos pela sociedade. A presença desses valores é mais evidente em situações que envolvem bens jurídicos de maior relevância, como a vida.

A eutanásia sempre foi considerada crime na Constituição brasileira, em coerência com os valores fundamentais que estruturam a Legislação do país, a respeito da vida humana. Por isso, mesmo que o paciente dê o consentimento a pratica da eutanásia, a ilicitude do ato não será retirada.

Assim, é compreensível que aprovar a eutanásia seria como violar o direito à vida, presente na Constituição. Por causa disso, a eutanásia é considerada homicídio privilegiado e os profissionais de saúde devem fazer todo o esforço possível para garantir cuidado, proteção e segurança.

3. Questões éticas e morais

O conflito de valores e interesses entre religião e moral é o mais presente na discussão da eutanásia. De um lado, é uma forma de abreviar o sofrimento do paciente e pessoas próximas e por outro, existe o direito de vida como algo ir-

refutável.

A Nasa define a vida como “um sistema químico autossustentável, capaz de evoluir de maneira darwiniana”.⁶ Não podemos falar desse conceito pensando somente na

4. MENEZES, R. **Demanda por eutanásia e condição de pessoa: reflexões em torno do estatuto das lágrimas**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/viewArticle/1870>>.

5. ROCHA, R. **Eutanásia – o direito à boa morte**. Disponível em: http://ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=12102&revista_caderno=3.

6. BATISTA, A. **A eutanásia, o direito à vida e sua tutela penal**. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2009-dez-21/eutanasia-direito-vida-tutela-penal-luz-constituicao>>.

sobrevivência, e sim considerando os aspectos de dignidade pessoal. De acordo com a tradição cristã, o direito de morrer com dignidade é parte do direito de vida, contrastando com seu discurso de proibição da eutanásia.

Existem diversas opiniões sobre a realização do procedimento. Do ponto de vista religioso, cada religião tem uma opinião sobre a eutanásia. Os budistas não têm crença num deus e a religião é mais uma filosofia de vida. Eles acreditam que não há uma separação entre a vida humana e outras formas de vida. Assim, não existe uma oposição à eutanásia ativa e passiva, porque o que importa é o estado de consciência e de paz no momento da morte.

No islamismo, a vida terrena é apenas uma passagem, mas no seu código de conduta é escrito que o médico deve defender a vida humana, devido ao fato de que ela é uma criação divina. Assim, o responsável pelo doente não deve tomar medidas para abreviar a vida dele.

No judaísmo, o médico serve como um meio de Deus para preservar a vida humana, sendo proibida a eutanásia ativa, porém, é permitido deixar o paciente morrer em certas condições.

Por fim, o Cristianismo, que condena a eutanásia, afirma que sua prática viola uma lei divina, ofende a dignidade da pessoa humana, além de ser um crime contra a vida e um atentado contra a humanidade.⁷ A visão da igreja em relação à eutanásia presente em documentos do Vaticano, define a eutanásia como “uma ação ou omissão que, por sua natureza, ou nas intenções, provoca a morte a fim de eliminar a dor. A eutanásia situa-se, portanto, no nível das intenções e no nível dos métodos empregados.”. Afirmam ainda que nenhuma pessoa pode autorizar a morte de um ser humano inocente.⁸

Cada ser individual possui o direito de autodeterminação, ou seja, o direito à escolha pela vida ou pela morte. Essa decisão está acima da sociedade e das leis que visam proteger a vida, pois é uma escolha do próprio paciente.

Além disso, componentes sociais, biológicos, culturais, econômicos e psíquicos devem ser avaliados antes da eutanásia ser realizada, para garantir a verdadeira autonomia do

indivíduo e impedir que haja arrependimento.

“A dor, sofrimento e o esgotamento do projeto de vida, são situações que levam as pessoas a desistirem de viver” (Pinto, Silva – 2004 – pág. 36). Os elevados custos em manter uma pessoa viva e infeliz valem realmente a pena? Com o aumento do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e o envelhecimento da população no Brasil, os gastos hospitalares serão cada vez maiores, o cuidado com pacientes que não podem melhorar pode gerar uma dívida econômica e uma superlotação de hospitais.

O aumento do número de simpatizantes à eutanásia vem crescendo consideravelmente, o que se nota quando da verificação de países que a cada ano classificam a eutanásia como ato lícito, mesmo que dentro de certas condições. Tanto que foi criada uma organização não governamental em Zurique responsável pelo “turismo de suicídio”, denominada DIGNITAS, fundada em 1998 promove suicídios assistidos e muito estrangeiros vão para o país em busca de suporte para esse procedimento.

Para sua realização, o paciente deve se encontrar com um médico e mais uma equipe para expor as provas que autorizariam a sua execução. Após duas consultas, se o pedido for aprovado, testemunhas terão que assinar um documento comprovando o desejo da pessoa. Nos casos em que ela é incapaz de assinar, um vídeo é feito para gravar o pedido. A pessoa é abordada várias vezes para confirmar sua vontade e então uma overdose letal é fornecida e ingerida para acabar com a vida.

Outro caso que ficou conhecido é o do Dr. Morte. Nos anos 90, o médico Jack Kevorkian ajudou 190 pessoas a colocarem fim à própria vida por meio de uma máquina criada por ele chamada Tanatron. Grandes doses de analgésicos e relaxantes musculares eram dadas aos pacientes, evitando qualquer tipo de dor. Ele sempre enfrentou processos na Justiça, mas continuou livre até 1999, quando foi condenado por submeter uma paciente à eutanásia e mostrar tudo em um vídeo exibido em um canal nacional de televisão. Após passar 8 anos na cadeia, Jack morreu com 83 anos, vítima de uma trombose pulmonar.

4. Conclusão – ascensão dos direitos e liberdades individuais

O direito de morrer dignamente é o argumento mais forte em defesa da prática da eutanásia. Segundo Henrique Moraes, já citado anteriormente, a dignidade da pessoa humana é um valor espiritual e moral que se manifesta singularmente.

Há milhares de anos, a sociedade se questiona sobre a natureza da eutanásia, principalmente porque se trata da vida e da morte. A evolução humana deve ser acompanhada pelas novas tecnologias, de modo que dogmas impostos por religiões ou sociedades opressoras possam ser superados. A liberdade de escolha tem que ser o bem mais valioso

de uma sociedade, assim como o direito de decidir a hora do fim da existência de cada um.

Isso fica evidenciado porque, atualmente, alguns países estão enquadrando o conceito de eutanásia em suas legislações e no âmbito da ética médica. O objetivo deles é somente diminuir os sofrimentos do enfermo e de seus familiares, devido a sua situação incurável e o sentimento de agonia dos familiares.

Os antecedentes históricos comprovam que o tema não é fruto do pensamento contemporâneo. Diferentes opiniões

7. ESMERALDO, M. **Eutanásia: Direito e diálogo entre a vida e a morte**. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/6192/PDF%20-%20Matheus%20Figueiredo%20Esmeraldo.pdf?sequence=1>>

8. Documentos do Vaticano: Conferência Episcopal da Alemanha (1978) e documento da Santa Sé sobre a Eutanásia de 5 de maio de (1980)

são formadas com base nos argumentos de que a prática da eutanásia é um direito de morrer dignamente ou é uma afronta ao direito à vida.

O filósofo Hegel dizia: “tenho a vida e o corpo porque são meus, tudo depende da minha vontade. Assim, o homem pode matar-se e mutilar-se a seu entendimento”. Platão, Sócrates e Epicuro defendiam o princípio segundo o qual o sofrimento advindo de uma doença dolorosa justificava o suicídio.

Existem aqueles que acham que a eutanásia é uma fraude do direito à vida humana. É inegável o conflito entre o interesse no progresso da medicina e o de integridade da pessoa humana, pois ambos são, ao mesmo tempo, interesses do indivíduo e do coletivo. A eutanásia é entendida pelos tribunais brasileiros como hipótese de homicídio privilegiado, ou seja, cometido em decorrência de interesse particular.

Do ponto de vista dos religiosos, Deus dá o dom à vida e somente ele pode dar a morte. Assim, é proibido matar um paciente e a eutanásia é considerada um crime contra a

vida humana e contra a lei divina.

A medicina deve ser exercida para o bem da coletividade e não individualmente. O argumento de que a eutanásia é uma forma do paciente morrer com dignidade é então contestado. O Estado é responsável por proteger a vida, independentemente das circunstâncias. Além de que pessoas em fase terminal de vida não podem ser esquecidas nem consideradas sem valor.

Por fim, concluo que a eutanásia, segundo meu ponto de vista, é um ato de compaixão humana. A dor de se ter uma doença incurável é indescritível, não somente para o paciente, mas também para os familiares. Além disso, não há porque prolongar a vida de uma pessoa que não tem o desejo de viver. O importante é termos o direito de escolha, tanto da vida quanto da morte e percebemos que não precisamos viver em função da vida. Isso é um tabu. O médico que executa a eutanásia não comete homicídio, pois ele necessita do consentimento do paciente ou da família para realizar o procedimento. Ele é só o meio para se chegar ao fim, um instrumento que fornece uma morte digna e justa.

Referências bibliográficas

- BATISTA, Américo Donizete. **A eutanásia, o direito à vida e sua tutela penal**. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2009-dez-21/eutanasia-direito-vida-tutela-penal-luz-constituicao>>. Acesso em 12 abril 2015.
- Conheça as legislações sobre a eutanásia na Europa**. Disponível em: <<http://www.portugues.rfi.fr/europa/20141212-conheca-legislacoes-sobre-eutanasia-na-europa>>. Acesso em: 14 junho 2015
- DE SOUZA, Fabíola Tamy; MARQUES, Isaac Rosa. **Eutanásia, ética, cuidados paliativos e enfermagem**. Disponível em: <<http://www.unisa.br/graduacao/biologicas/enfer/revista/arquivos/2005-08.pdf>>. Acesso em 01 novembro 2014.
- DODGE, Raquel Elias Ferreira. **Eutanásia – Aspectos jurídicos**. Disponível em: <http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/299/438>. Acesso em 01 abril 2015.
- DR. MORTE- EUTANÁSIA – DOCUMENTÁRIO KEVORKIAN**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=whrPMW9Af5c>>. Acesso em 10 junho 2015.
- ESMERALDO, Matheus Figueiredo. **Eutanásia: Direito e diálogo entre a vida e a morte**. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/6192/PDF%20-%20Matheus%20Figueiredo%20Esmeraldo.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 09 abril 2015.
- FONTES, Andrea Carregosa. **Eutanásia, um ato sagrado ou profano**. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/artigo,eutanasia-um-ato-sagrado-ou-profano,35411.html>>. Acesso em 14 junho 2015.
- HORTA, Márcio Palis. **Eutanásia - Problemas éticos da morte e do morrer**. Disponível em: <http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/290/429>. Acesso em: 26 outubro 2014
- LEPARGNEUR, Hubert. **Bioética da Eutanásia, Argumentos Éticos em Torno da Eutanásia**. Disponível em: <<http://bioeticaefecrista.med.br/textos/bioetica%20da%20eutanasia.pdf>>. Acesso em: 01 novembro 2014.
- MAR ADENTRO**. Direção e Produção: Alejandro Amenábar. Intérpretes: Javier Bardem, Belén Rueda, Lola Dueñas, Mabel Rivera, Celso Bugallo, Clara Segura, Joan Dalmau, Alberto Jiménez, Tamar Novas. Distribuído por: Fine Line Features.
- MENEZES, Rachel Aisengart. **Demanda por eutanásia e condição de pessoa: reflexões em torno do estatuto das lágrimas**, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/viewArticle/1870>. Acesso em: 26 janeiro 2015.
- MORAES, Henrique Viana Bandeira. **Da eutanásia no direito comparado e na legislação brasileira**. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/23299/da-eutanasia-no-direito-comparado-e-na-legislacao-brasileira>>. Acesso em 26 outubro 2014
- PESSINI, Leo. **Lidando com pedidos de eutanásia: a inserção do filtro paliativo**. Revista Bioética, p. 549 – 560, 18 mar. 2010

- ROCHA, Roger Alves. **Eutanásia – o direito à boa morte**. Disponível em: http://ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=12102&revista_caderno=3. Acesso em 12 abril 2015.
- SIQUEIRA, BATISTA; SCHRAMM, FERMIN ROLAND. **Eutanásia: pelas veredas da morte e da autonomia**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n1/1982.pdf>. Acesso em: 26 outubro 2014.
- Suíça recebe 600 pessoas por ano para eutanásia**. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2013/07/05/suica-recebe-600-pessoas-por-ano-para-eutanasia.htm>. Acesso em: 09 junho 2015.
- TOFFOLETTO, Maria Cecilia, ZANEI, Suely S. Viski, HORA, Edilene Curvelo, NOGUEIRA, Gisele Puerta, MIYADAHIRA, Ana Maria K., KIMURA, Miako, PADILHA, Kátia Grillo Padilha. **A distanásia como geradora de dilemas éticos nas Unidades de Terapia Intensiva: considerações sobre a participação dos enfermeiros**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v18n3/a12v18n3>. Acesso em: 01 abril 2015.

O MERCADO DAS COMMODITIES

GABRIEL KENZO
3ª série A

Resumo

Esta monografia tem como tema o fluxo de “commodities” do MERCOSUL para os países desenvolvidos como a China e Estados Unidos. Relatará a importância do MERCOSUL e de seus produtos para esses países, como, a exportação de ligas de aço, minério de ferro e outras matérias-primas para a produção de bens de consumo duráveis e não duráveis de alta tecnologia como automóveis, eletrodomésticos e eletrônicos. Buscará compreender e também avaliar os motivos

que levaram os países membros a se unirem e a formarem o bloco econômico, o contexto histórico e os principais objetivos para serem atingidos, verificando se a exportação de “commodities” influenciou positivamente ou negativamente a economia dos países membros. Além disso, discutirá se a exportação de “commodities” será algo positivo para o futuro do bloco econômico, já que elas apresentam preços instáveis no mercado mundial.

Palavras-chave: commodities, MERCOSUL, China, Estados Unidos, matérias-primas, preços.

Abstract

This study focuses on the commodity market between MERCOSUL and other countries such as the United States and China. It intends to analyze the importance of the MERCOSUL and its commodities for those countries such as steel alloys, iron ore and other raw materials for the production of high technology durable and non-durable goods such as cars, appliances and electronics.

Secondly, it aims at analyzing what has influenced the creation of the trade bloc, its historical context and the main goals to be achieved. It also intends to compare the pros and cons of an economy based on commodities and verify if this type of economy will be positive to the trade bloc, even if the commodities have an instable price in the global market.

Keywords: commodities, China, United States, raw materials, price.

Introdução

A globalização do pós - Guerra Fria e as turbulentas décadas de 70 e 80 para a economia mundial criaram um cenário novo para o mundo. Com as novas tecnologias e com as políticas americanas de desenvolvimento, o mundo entrava em um processo em que, cada vez mais, o preço para a produção de bens aumentava, gerando uma nova busca por locais onde as indústrias pudessem se instalar e por novos mercados consumidores. Além disso, a vitória do capitalismo sobre o comunismo durante a Guerra Fria influenciou a visão de vários países que decidiram investir na política do neoliberalismo. Logo, o mundo começava uma nova era em que a tecnologia era a base para o desenvolvimento econômico e cada vez mais mercadorias eram importadas e exportadas, aumentando a concorrência entre países.

Durante esse período de desenvolvimento tecnológico, grande parte das nações latino- americanas apresentavam governos instáveis. Durante os anos de 1970 e 1989, Brasil e Argentina enfrentavam ditaduras militares que impuseram barreiras para o desenvolvimento tecnológico dos países. Além disso, havia uma competição entre ambos na busca de industrialização, de desenvolvimento econômico e bélico. Durante vários anos, as relações políticas entre Brasil e Argentina foram afetadas devido a esse embate, principalmente em termos bélicos, pois ambos tentavam desenvolver armas nucleares. Com o fim da ditadura argentina em 1983 e com a brasileira em 1985, novas negociações foram abertas com o objetivo de acabar com as recentes brigas políticas e iniciar um projeto de integração econômica entre ambos os países.

Enquanto grande parte dos países do atual Cone Sul passava por um período de redemocratização, a maioria das nações europeias buscavam maneiras de amenizar os problemas causados pela recente guerra e diminuir as brigas políticas. Em 25 de março de 1957 foi assinado um tratado entre Alemanha Ocidental, França, Bélgica, Itália, Países Baixos e Luxemburgo que visava a um Mercado Comum entre os países membros, ou seja, as barreiras alfandegárias entre os países membros deixariam de existir. Esse tratado ficou conhecido como Tratado de Roma. Entretanto a União Europeia ganhou esse nome em 7 de

fevereiro de 1992, quando foi assinado o Tratado de Maastricht, que viabilizou ao bloco econômico a livre circulação de pessoas e mercadorias e adotou uma moeda única para os países membros, o euro. Com o sucesso do megabloco europeu que continuava crescendo e conseguia competir com a maior economia da época, os Estados Unidos, a ideia de criar um bloco econômico começou a se espalhar pelo mundo. Logo, essa ideia chegou às Américas e várias propostas começaram a surgir para a criação de um bloco econômico envolvendo os países do Novo Mundo. A maior delas foi proposta pelos Estados Unidos em que todos os países do continente americano formariam um megabloco conhecido como ALCA. Porém, poucos países decidiram aderir ao projeto, em consequência, foi arquivado.

Entretanto a ideia de um bloco econômico não deixou de existir nas Américas. Outros blocos econômicos começaram a surgir como o MCCA, em 1961, (Mercado Comum Centro – Americano) formado por Nicarágua, Guatemala, El Salvador, Honduras e Costa Rica. Esses países começaram a ter um desenvolvimento maior, o que despertava o interesse de outros países na criação de um bloco econômico.

Entre os países que buscavam um melhor desenvolvimento econômico e mais importância no mercado internacional estavam Brasil e Argentina. Com incentivo dos Estados Unidos, ambos os países assim como outros sul- americanos decidiram investir nas indústrias de bens de produção. Logo, os dois países começaram a fortalecer suas relações econômicas e com a Ata de Buenos Aires¹ ambos assinaram um tratado de total integração alfandegária, em 1990.

Vendo a possibilidade de expandir o comércio com as outras nações da América do Sul, Brasil e Argentina propuseram um acordo de livre comércio entre tais países. Em 26 de março de 1991, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai assinaram o Tratado de Assunção que estabelecia um Mercado Comum entre os países membros, criando o MERCOSUL. Do bloco fazem parte cinco países considerados membros plenos, são eles: Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Venezuela que aderiu ao bloco em 2012. Entre os países membros há a livre circulação de bens, de serviços e de mercadorias.

1. Importância do MERCOSUL e das Commodities no Mercado Internacional

1.1 Novo modelo de economia mundial e suas commodities

Desde a colonização da América do Sul, os territórios então pertencentes a Portugal e Espanha, sempre foram colônias de exploração. Influenciadas pelos ideais mercantilistas, as colônias detinham uma economia baseada na

exportação de matéria- prima para as metrópoles. Ocorre que nesse período o mundo sofria grandes mudanças devido à Revolução Industrial, principalmente devido à busca de novos mercados consumidores e novas fontes de matéria-prima. Países como Portugal, que mantinham relações comerciais com a Inglaterra, pioneira da Revolução Indus-

1. Acordo comercial assinado em 6 de julho de 1990 entre Brasil e Argentina visando a total integração alfandegária entre os dois países.

trial, foi um desses que teve que intensificar a produção de matéria-prima. Logo suas colônias eram de extrema importância, devido ao seu pequeno território e à falta de recursos minerais, ele era obrigado a retirar suas riquezas das colônias. Entre elas estava o Brasil, maior colônia portuguesa e responsável pelas maiores exportações de minérios e produtos agrícolas para Portugal. Ao observar a história da colonização da América Latina, começamos a compreender a estrutura econômica predominante no continente que durou séculos: a exportação de matéria-prima que atualmente é conhecida como “commodities”.

Com a criação do MERCOSUL esse cenário não mudou. Devido aos atrasos industriais e tecnológicos vivenciados pela maioria dos países sul-americanos, consequência das tensões políticas e sociais ocorridas durante o período da Guerra Fria, os países que atualmente fazem parte do MERCOSUL não conseguiram alcançar o rápido desenvolvimento dos países desenvolvidos. Entretanto com o surgimento de uma nova organização econômica mundial, foi criada uma economia industrial piramidal. No topo dessa pirâmide encontram-se os países altamente desenvolvidos, com indústrias altamente tecnológicas responsáveis pela fabricação de bens materiais de consumo, ou seja, países como Estados Unidos, China, Alemanha, França e Inglaterra que fabricam grande parte dos produtos que encontramos em grandes centros comerciais e que estão presentes em nosso dia-a-dia. Na base dessa pirâmide encontramos os países responsáveis por fornecer a matéria-prima que será transformada em bens de consumo. Esses países têm uma economia voltada para a exportação com um alto nível de importação, principalmente de produtos altamente tecnológicos. Entre eles temos os países do Cone Sul como Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai e Venezuela, todos pertencentes ao MERCOSUL. São países que dispõem de uma indústria com baixo desenvolvimento tecnológico cuja economia é voltada para a extração e para o cultivo de matéria-prima, exportando “commodities” agrícolas e minerais.



Figura 1 - Esquema representativo da economia piramidal

Ao observar a estrutura da pirâmide, notamos que há uma dependência por parte dos dois grupos. Enquanto os países do topo não conseguiriam fabricar suas mercadorias sem as matérias-primas provenientes da base, os países da base da pirâmide não conseguiriam ter uma economia ativa

sem os produtos de alta tecnologia e de bens de consumo provenientes dos países altamente industrializados. Logo, notamos que o MERCOSUL e outros países exportadores de *commodities* possuem uma grande importância na economia mundial, pois são a base para um processo complexo de industrialização que envolve o mundo. Complexo, pois se um dos países do topo tiver sua economia abalada por uma crise, toda a pirâmide sofrerá as consequências, como a crise de 2008. Entretanto se algum dos países da base impedir o comércio das *commodities* ou dificultar sua comercialização, os países do topo sofrerão uma diminuição na produção de bens de consumo afetando a base, como a crise do petróleo de 1997. Logo, o MERCOSUL encontra-se no meio de uma economia mundial delicada e de grande importância no comércio das *commodities*.

1.2 Principais *commodities* e países compradores

Observamos que os países da América Latina tiveram pouca mudança no seu aspecto econômico durante os últimos anos, pois ainda temos uma economia baseada na exportação de matéria-prima. Atualmente o MERCOSUL é um importante polo comercial, pois exporta grande quantidade de *commodities* responsáveis por aquecer as indústrias dos países do topo da pirâmide.

Para entendermos essa importância, devemos focar nos principais setores econômicos nos quais as *commodities* são classificadas. O MERCOSUL é responsável por exportar 13% das *commodities* agrícolas do mundo, segundo a empresa de consultoria americana Bain & Company². O Brasil é o principal país do bloco econômico, tanto por ser o país que mais exporta em relação aos outros integrantes como também por ter a economia mais sólida entre os outros.

O MERCOSUL possui vários acordos comerciais com quase todos os países do mundo, mas seus principais parceiros são: Estados Unidos, União Europeia e, principalmente, a China. Com o aumento do desenvolvimento industrial chinês, houve um aumento da demanda de *commodities* minerais principalmente minério de ferro, petróleo e ligas metálicas. Esse crescimento na economia chinesa trouxe grandes benefícios para o MERCOSUL, impulsionando as exportações e elevando o preço delas. Os principais países que produzem as *commodities* minerais são: Brasil e Argentina e essas matérias-primas são de grande importância para a indústria chinesa, pois são utilizadas para fabricar bens de consumo modernos como *smartphones*, computadores, eletrodomésticos e maquinário altamente tecnológico. Para ampliar o comércio entre MERCOSUL e China, o governo chinês está investindo US\$ 53 bilhões de dólares no Brasil. Grande parte desse dinheiro está voltado para investimentos em infraestrutura de portos e aeroportos, logística de transportes e ampliação da malha ferroviária brasileira e nas indústrias. Além disso, o MERCOSUL exporta uma grande quantidade de petróleo para os chineses, provenientes dos campos petrolíferos da Venezuela e

2. Considerada uma das três grandes empresas de consultoria do mundo sediada em Boston, Massachusetts.

do Brasil e uma grande quantidade de carne de aves, sendo o Brasil o maior exportador dessa *commodity*.

Tabela 1 – Pauta das principais commodities brasileiras exportadas para China em 2014.

Exportações	US\$ Milhões	Toneladas (mil)
Soja	16.615	32.664
Minério de ferro	12.303	179.877
Carne de aves	519	228
Ferro – ligas	504	42
Total:	29.941	212.811

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

Em relação à União Europeia, o bloco econômico baseia suas exportações nas *commodities* agrárias, entre elas a soja, a carne bovina, o milho e o algodão. São muito utilizadas na fabricação de roupas, no caso do algodão, e utilizadas como alimentos em países como Alemanha, França e Inglaterra. O Uruguai e a Argentina são os principais fornecedores de carne bovina para os países europeus e o Brasil exporta grande quantidade de milho e de soja. Já os Estados Unidos são um grande comprador de petróleo e

commodities minerais. Entretanto o comércio com os Estados Unidos está diminuindo devido às crises políticas na Venezuela, principal fornecedor de petróleo no MERCOSUL e devido ao processo de autonomia econômica que o governo americano está tentando conquistar. Esse processo é baseado na diminuição da dependência das *commodities* nas indústrias americanas.

Além dos países já citados, o MERCOSUL exporta grande quantidade de produtos manufaturados para países da América do Sul como Chile, Bolívia, Equador e outros países da América Central como Nicarágua e Panamá. Entre os países da América, o MERCOSUL exporta grande quantidade de petróleo e *commodities* agrícolas como frutas, legumes e carne bovina. O bloco do Cone Sul exporta grande quantidade de petróleo para países asiáticos como Japão e *commodities* agrícolas para a Rússia.

Ao observar os principais países compradores das *commodities* do bloco, vemos novamente a importância do MERCOSUL na economia mundial, pois é responsável por exportar não somente produtos utilizados nas indústrias como também alimentos para a população. Devido a essa grande diversidade de produtos, o MERCOSUL é um dos principais blocos econômicos do mundo e o maior exportador de *commodities*.

2. Economia baseada nas commodities

As *commodities* foram as grandes responsáveis pelo crescimento econômico dos últimos anos em países como o Brasil, principal integrante do MERCOSUL e o principal exportador de *commodities* do bloco econômico. Porém, não é mistério para ninguém que, durante esses anos, tivemos altos e baixos, devido tanto as recentes crises econômicas, como à de 2008, como ao corte de produção industrial chinês. Esses dois fatores, em especial, foram fundamentais para apresentar fatos concretos de que uma economia baseada em *commodities* não é algo sólido.

No mundo globalizado, a economia começou a apresentar fatores que demonstram que ela é complexa e frágil, como apresentado anteriormente, uma economia piramidal. Se a base não funcionar bem, o topo não poderá produzir bens materiais usados pela base, o que gera uma reação em cadeia que afetará vários países do mundo. Quando uma crise afeta a base, há um corte no setor industrial devido às consequências da crise e isso acarretará problemas para os países que possuem uma economia baseada em *commodities*. Como o Brasil, que de acordo com um estudo feito pelo banco Credit Suisse³ e divulgado pelo jornal *O Estado de São Paulo* em 13 de abril de 2011, o país em 2010 apresentava uma economia em que 69,4% eram exportações de *commodities*. Esse número não parou de crescer e chegou em 2014 a 70% da economia brasileira. Entretanto são ma-

térias que apresentam um preço instável no mercado internacional, principalmente as agrícolas e os minerais, pois são produtos cuja demanda varia a cada ano e a produção continua sempre em alta.

Outro fator que agravou a queda do preço das *commodities* nos últimos anos foi a mudança de parâmetro industrial dos países industrializados. Buscando maior autonomia econômica, muitos países industrializados estão tomando medidas para substituir algumas delas nas indústrias devido à instabilidade política, econômica e social dos países exportadores de matéria-prima. Por exemplo, os Estados Unidos estão construindo várias minas de xisto para poder utilizá-lo no lugar do petróleo, proveniente de países do Oriente Médio e da Venezuela que, atualmente, se encontram em conflitos políticos e apresentam ideologias contrárias ao capitalismo norte-americano. A autonomia econômica e a busca por tecnologia limpa como as usinas eólicas e solares trouxeram problemas para os países da base da pirâmide, pois grande parte das *commodities*, especialmente as minerais, apresentam danos ao meio ambiente.

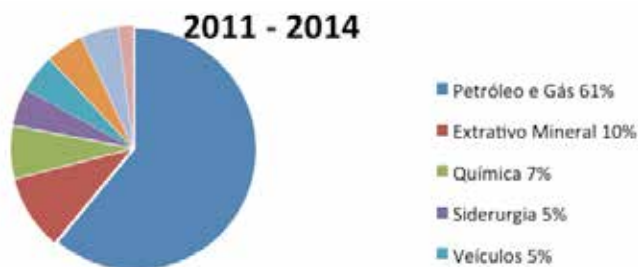
Com o corte na compra das *commodities* e a desaceleração das indústrias chinesas, os países do MERCOSUL, principalmente o Brasil, maior exportador delas do bloco e que possui grandes acordos financeiros com a China, estão sofrendo com a redução de preço das *commodities* e com

3. Eleito pela empresa inglesa de análises de dados Coalition como um dos principais bancos de investimentos do mundo sediado em Zurique, Suíça.

a falta de procura. No Brasil, o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior atribui o déficit de US\$ 6,016 bilhões a esses recentes problemas relacionados ao comércio das *commodities*. De acordo com um estudo publicado pela revista *Valor*, no dia 2 de março de 2015, o preço das principais *commodities* exportadas pelo Brasil diminuiu drasticamente, entre eles temos o minério de ferro que diminuiu seu preço em 48,6% e a soja que caiu em 19,7% do preço em relação ao ano passado. Tudo indica que 2015 será mais um ano de queda nos preços das *commodities*. A agência britânica de notícias *Reuters* publicou que o preço das principais exportadas pelo Brasil e pelo MERCOSUL como a soja e o minério de ferro sofrerão uma queda de mais de 30% comparada à de 2014.

Ao observar o setor industrial dos principais países integrantes do MERCOSUL, principalmente do Brasil e Argentina, vemos um *déficit* tecnológico. Ambos os países focaram suas indústrias em montadoras, metalúrgicas e siderúrgicas que produzem matérias para serem revendidas em outros países após serem transformados em itens com valor agregado maior. Além disso, após a descoberta do Pré-Sal⁴ o Brasil transferiu grande parte dos seus investimentos indústrias para a exploração do petróleo localizado no seu território. Esse *déficit* tecnológico criou um ambiente onde não vemos indústrias de alta tecnologia como as de produtos tecnológicos como celulares, chips de computadores, eletrodomésticos, medicamentos e outras que demandam uma alta tecnologia e centros de pesquisas altamente avançados. Atualmente como tudo está interligado, com a redução nas exportações de *commodities*, os países do MERCOSUL não terão lucro com suas indústrias e menos investimentos serão realizados, principalmente no setor de pesquisa e desenvolvimento tecnológico e industrial.

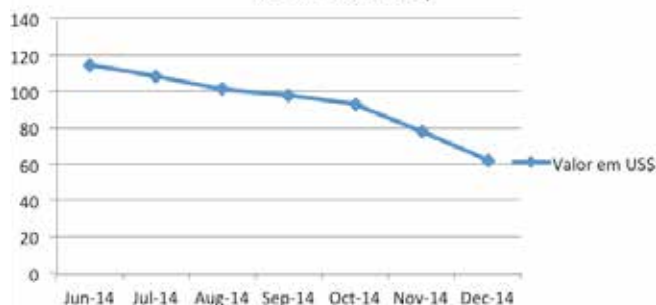
Gráfico 1 – Investimentos na indústria brasileira



Fonte: BNDES/ GT do investimento

Nessa complexa rede do comércio internacional, é preciso ter uma economia sólida que não dependa de outros países para crescer. Retomando a ideia de uma economia piramidal, quando um país depende do outro para elevar sua economia e gerar lucro algo pode dar errado e gerar uma crise que afetará a todos. A atual queda de preço do petróleo demonstra isso claramente. O Brasil, juntamente com a Venezuela, são os principais exportadores de petróleo do MERCOSUL e atualmente não estão comercializando seus produtos a preços lucrativos devido à crise no Oriente Médio e à substituição do petróleo por novas fontes de energia, ou seja, quando um país foca sua economia em materiais que não possuem preços estáveis cuja demanda varia muito de acordo com os anos, é muito difícil de alcançar crescimento econômico.

Gráfico2 – Preço do barril de petróleo. Valor em US\$



Fonte: G1 Economia

Conclusão

O MERCOSUL surge com a necessidade de dois países que acabaram de sair de ditaduras militares e buscam a democracia, o crescimento econômico e o desenvolvimento tecnológico. O mundo acabava de sair de um conflito ideológico e político entre capitalismo e socialismo e buscava também uma nova forma de comercializar seus produtos e de formar blocos para obter um desenvolvimento econômico maior. Brasil e Argentina foram os pioneiros na busca por uma América unida e introduziram a ideia de criar um bloco econômico na América do Sul. Com esse desejo de crescimento econômico, ambos os países decidiram se

unir e criaram o atual MERCOSUL, na busca por um espaço no mercado internacional.

Logo nos seus primeiros anos, o bloco econômico do Cone Sul já tinha uma economia voltada para as exportações e, conforme o tempo foi passando, novas parcerias foram sendo feitas. Com o crescimento das indústrias chinesa e americana, os países membros deram um salto na economia mundial e tornaram-se a base de uma economia piramidal. Com o preço das *commodities* em alta e a demanda crescendo, os países do MERCOSUL estavam exportando cada vez mais para países como China e Estados

4. Reserva petrolífera localizada abaixo das camadas de sal que formam o subsolo do oceano.

Unidos as quais representaram um grande auxílio para o fortalecimento da economia do bloco, no mundo.

Entretanto a economia piramidal que o mundo adotou trouxe alguns riscos tanto para os países do topo como para os da base. Um depende do outro e se um falhar todos sofrerão as consequências. Uma economia baseada em *commodities* trouxe grandes investimentos para os países do MERCOSUL. Porém, esse tipo de economia não é uma economia sólida devido à instabilidade de preço das *commodities* e da demanda.

Ao final desta monografia, entendemos que o mundo apresenta um sistema de trocas comerciais muito complexa devido à instabilidade dos preços e da demanda e por isso muitos países industrializados focam na autono-

mia de sua economia, reduzindo a necessidade da compra de *commodities*. Logo, países exportadores acabam com problemas econômicos devido à pouca diversidade industrial. Elas ainda serão um material precioso para as futuras indústrias e para o desenvolvimento do mundo, porém, a cada ano, seu uso está sendo criticado devido aos efeitos causados ao meio ambiente, principalmente por aquelas de origem mineral como o petróleo. Devido a essas críticas e ao processo de autonomia econômica, que muitos países industrializados vêm desenvolvendo, muitas das atuais *commodities* serão substituídas por materiais menos nocivos ao meio ambiente, deixando claro que uma economia baseada em *commodities* não é sólida.

Bibliografia e Referências Bibliográficas

- BRANCO, Rodrigo. (2013). **O Desenvolvimento Econômico Brasileiro Recente Liderado por Commodities, à Luz do Modelo Agrário-Exportador de Raul Prebisch** [PDF File]. Revista Cadernos de Estudos Sociais e Políticos, v.2, n.3. 35 f. Disponível em: < http://www.ie.ufrj.br/hpp/intranet/pdfs/branco_r_s_commodities_2013.pdf >
- CHIARA, Márcia. **Commodities já são 69% das exportações**. Disponível em: < <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral/commodities-ja-sao-69-das-exportacoes-imp-705482> > . Acesso em: 12 abr. 2015.
- Entenda a queda do preço do petróleo e seus efeitos**. Disponível em: < <http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/01/entenda-queda-do-preco-do-petroleo-e-seus-efeitos.html> >. Acesso em 12 de jun.2015.
- Exportação e Inserção Internacional**. Disponível em: < [http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Areas de Atuacao/Exportacao e Insercao Internacional/](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Areas%20de%20Atuacao/Exportacao%20e%20Insercao%20Internacional/) >. Acesso em: 13 de jun.2015.
- Instituto Humanitas Unisinos. **Crescimento baseado em commodities preocupa IPEA**. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/506322-crescimento-baseado-em-commodities-preocupa-ipea> >. Acesso em: 8 fev. 2015.
- JUSTO, M. **Queda das commodities sugere fim do ciclo de crescimento na América Latina**. Disponível em < [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130520_commodities queda crescimento america latina_lgb](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130520_commodities_queda_crescimento_america_latina_lgb) >. Acesso em: 7 fev. 2015.
- JUSTO, M. **Quatro enigmas da economia da América Latina em 2015**. Disponível em: < http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/01/150105_america_latina_economia_mdb_lgb >. Acesso em: 7 fev. 2015.
- MAGNOLI, Demétrio; ARAUJO, Regina. **Para entender o MERCOSUL**. 10ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 1996.
- MERCOSUL**. Disponível em: < <http://www.brasilecola.com/geografia/mercosul.htm> >. Acesso em: 1 nov. 2014.
- Mercado Comum do Sul**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado Comum do Sul](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_Comum_do_Sul)>. Acesso em: 25 out. 2014.
- MERCOSUL. **Economia do MERCOSUL, blocos econômicos, objetivos, dificuldades do MERCOSUL, comércio internacional, globalização, o Brasil e o Mercosul, países do Mercosul, Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Venezuela**. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/mercosul/> > . Acesso em: 26 out. 2014.
- NASSIF, M. Exportações – **O avanço das commodities**. Disponível em: < http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2513:catid=28&Itemid=23 >. Acesso em: 8 fev. 2015.
- NUNES, F. **Brasil tem pauta de exportação com perfil dos anos 40**. Disponível em:< <http://brasileconomico.ig.com.br/brasil/economia/2014-05-06/brasil-tem-pauta-de-exportacao-com-perfil-dos-anos-40.html> >. Acesso em: 7 fev.2015.
- Pauta de exportações**. Disponível em: <<http://www.cebc.org.br/pt-br/dados-e-estatisticas/comercio-bilateral/pauta-de-exportacoes>>. Acesso em: 11 de jun.2015.
- PINTO, Luciano. **Queda de preços de commodities compensa desvalorização cambial**. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/financas/3976844/bc-queda-de-precos-de-commodities-compensa-desvalorizacao-cambial>> . Acesso em: 10 abr. 2015.
- Pré-Sal**. Disponível em: < <http://www.petrobras.com.br/pt/nossas-atividades/areas-de-atuacao/exploracao-e-produ> >

[cao-de-petroleo-e-gas/pre-sal/](#)>. Acesso em: 13 de jun.2015.

RESENDE, Thiago. **Balança é pressionada por queda no preço de commodities, diz Mdic**. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/3933076/balanca-e-pressionada-por-queda-no-preco-de-commodities-diz-mdic>> . Acesso em: 9 abr. 2015.

SAMORA, Roberta. **CENARIOS-Queda de preços das commodities desafiara saldo comercial brasileiro em 2015**. Disponível em:< <http://br.reuters.com/article/businessNews/idBRKCN0HL2GY20140926>>. Acesso em: 9 abr. 2015.

Saiba mais sobre o MERCOSUL. Cronologia. Disponível em: <<http://www.mercosul.gov.br/saiba-mais-sobre-o-merc-sul>>. Acesso em: 25 out. 2014.

SCHREIDER, Mariana. **Lava Jato abre espaço para investimento chinês no Brasil**. Disponível em: < http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150512_china_lavajato_mariana_ru>. Acesso em: 11 de jun.2015.

AS BARREIRAS DA AVIAÇÃO

GUILHERME ALVES ZANCOPE
3ª série C

Resumo

O objetivo deste trabalho é mostrar a evolução da aviação ao longo da história e todas as barreiras por ela quebradas, desde a Grécia Antiga até os dias de hoje. Ela mudou a história e o mundo social, político e econômico, quebrando fronteiras ao unir países, pessoas e culturas. O desejo de voar do homem existe há séculos e era por meio dos deuses

e dos mitos que esse desejo era retratado. Com o passar dos anos foram surgindo os primeiros projetos de aeronaves, até a criação do avião no século XX. Hoje os aviões são extremamente modernos e tecnológicos, tornando-se o meio de transporte mais seguro, transportando milhares de pessoas todos os dias no mundo inteiro.

Palavras-chave: aviação, avião, Santos Dumont, meio de transporte, aéreo, voo.

Abstract

The objective of this report is to show the evolution of aviation through history and all the barriers broken by it, from ancient Greece to the present day. It has changed history and the social, political and economic world, breaking frontiers by uniting countries, people and cultures. Man's desire to fly has existed for centuries and was through

gods and myths that this desire was depicted. Over the years, the first aircraft designs emerged, until the creation of the plane in the twentieth century. Today the planes are extremely modern and technological, becoming the safest transportation, carrying thousands of people every day worldwide.

Keywords: aviation, plane, Santos Dumont, transportation, flight.

Introdução

“O homem há de voar” (Santos Dumont)

Por milhares de anos, voar era apenas um sonho da humanidade, que se limitava a olhar o céu e as estrelas. Mas isso até 23 de outubro de 1906, quando Santos Dumont levantou voo com o 14-BIS, no Campo de Bagatelle, em Paris. Em apenas um século, o que era impossível tornou-se realidade. Hoje voar é algo comum e faz parte do dia a dia de milhões de pessoas ao redor do mundo.

O desejo de voar estava presente no homem há milhares de anos, na Grécia Antiga, como mostra o mito de Ícaro e de Dédalo. Também existem teorias de que estudiosos tenham criado as primeiras tentativas de voo com planadores nesse período. No século XVI, Leonardo Da Vinci criou os primeiros projetos de aeronaves, como o planador e o helicóptero. No século XVIII, surgiu o balão e, posteriormente, os dirigíveis. Depois veio o avião com a criação dos irmãos Wright e de Santos Dumont. Com o surgimento do motor a combustão e com o desenvolvimento de novas tecnologias, houve uma grande evolução desses aparelhos. Surgiram os

hidroaviões, os aviões a jato e os supersônicos. Mas para que a aviação se tornasse o que é hoje, houve também o desenvolvimento de outros meios secundários, como dos aeroportos e do sistema de tráfego aéreo.

A aviação conecta o mundo. Por meio dela é possível transportar cargas, visitar outros países, rever amigos ou família que moram longe, fazer negócios, entre muitas outras possibilidades. Mudou inclusive o rumo da história, sendo um fator decisivo na 1ª e 2ª Guerras Mundiais. Ela mudou o mundo social, político e econômico, unindo países e pessoas, e cresce mais a cada ano, levando-as mais rápido e mais longe, entretanto ela teve que quebrar diversas barreiras antes de chegar ao que é hoje.

Neste trabalho, pretendo mostrar as barreiras quebradas por ela e como foram quebradas, com a criação de novos aviões que com o tempo passaram a voar mais alto, mais rápido e com maior capacidade e segurança. Também mostrarei as barreiras que ainda existem e que estão sendo estudadas para serem quebradas. Tudo isso fez da aviação o que é hoje: um meio que une e move o mundo.

1. Primórdios da aviação

Apesar de o primeiro avião surgir apenas no século XX, o desejo de voar do homem já estava presente há milhares de anos em diversas culturas e civilizações, como a Grécia Antiga, principalmente na mitologia. Além disso, houve diversas tentativas de voo com planadores e com aparelhos que imitavam pássaros, mas sem sucesso. E séculos antes do surgimento do avião, os primeiros projetos de aeronaves foram criados por Leonardo Da Vinci.

1.1 A aviação na mitologia

Por não ser capaz de voar, o homem mostrava esse seu desejo por meio dos deuses, das lendas e dos mitos, como no mito de Ícaro e de Dédalo. Nele, Dédalo, um inventor de Atenas, projeta e constrói asas feitas com cera e penas de pássaros para que ele e seu filho Ícaro pudessem fugir da ilha onde foram aprisionados pelo rei Minos. Mas, na fuga, Ícaro acaba voando muito próximo ao sol e a cera de suas asas acaba derretendo, fazendo com que ele caia no mar e morra.

Muitos deuses como o romano Mercúrio, o hindu Garuda, o nórdico Ithor e o persa Simurgh voavam, Zeus e o escandina-

vo Hraesvelg eram capazes de tomar a forma de um pássaro. Além disso, em muitas culturas a morada dos deuses era no céu e os pássaros eram considerados seres divinos.

1.2 As invenções de Leonardo da Vinci

Leonardo da Vinci nasceu, em 1452, na Itália e foi uma das principais personalidades do Renascimento. Ele era pintor, matemático, engenheiro, músico, naturalista e inventor. Apesar de ser muito conhecido por suas obras, sendo a principal delas Mona Lisa, poucos sabem que ele foi também o criador dos primeiros projetos de aeronaves e helicópteros.

A partir do estudo anatômico das asas de pássaros, ele projetou o ornitóptero (aparelho com asas acopladas aos braços), o primeiro paraquedas, o primeiro helicóptero e planadores. Além disso, estudou o voo e resolveu diversos problemas sobre o assunto. Seus projetos nunca saíram do papel, mas no século XX um de seus planadores foi construído e conseguiu voar.

Voar era uma barreira, um sonho que parecia impossível, todavia no século XX, uma invenção surgiu e revolucionou o mundo para sempre.

2. O avião

A criação do avião mudou completamente o mundo, possibilitando o transporte de cargas e de pessoas ao redor do mundo e unindo países e culturas diferentes. Em apenas um século essa invenção evoluiu e cresceu, tornando-se o meio de transporte mais seguro.

2.1 Santos Dumont

Alberto Santos Dumont nasceu, em 1873, em Minas Gerais. Sua família passou a se dedicar ao café no Rio quando ele ainda era pequeno e ali Alberto ficou fascinado com as máquinas das fazendas. Com 18 anos, foi para a França ter-

minar seus estudos e lá realizou suas primeiras experiências com balões de hidrogênio e movidos à gasolina.

Em 1900, Henri Deutch ofereceu um prêmio de 100 mil francos para o aeronauta que partisse do parque de Saint-Cloud, contornasse a Torre Eiffel e retornasse em, no máximo, 30 minutos. Em 1901, Santos Dumont realizou a prova com o seu dirigível 6 e, em 1902, o príncipe de Mônaco ofereceu a Alberto um hangar para que ele pudesse realizar suas experiências.

Foi apenas em 1906 que o avião surgiu. Depois de diversas tentativas, Santos Dumont conseguiu levantar voo com o 14-BIS no Campo de Bagatelle, voando cerca de 60 metros a três metros de altura, deixando os espectadores e jornalistas presentes fascinados com essa nova invenção.

Em 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial, os aviões passaram a ser usados em combates. Isso deixou Santos Dumont amargurado ao ver sua invenção sendo utilizada para a guerra. Em 1928, uma festa no Rio foi preparada para a recepção do inventor, porém um acidente com o avião que iria fazer a recepção acabou se acidentando sem sobreviventes, piorando sua angústia. Foi internado em casas de saúde na França e aparentava sofrer de doenças psicológicas. Em 1932 eclodiu a Revolução Constitucionalista e, mais uma vez, sua invenção foi utilizada para a guerra: aviões bombardearam a cidade de São Paulo. No mesmo ano, Santos Dumont cometeu suicídio.

2.2 Irmãos Wright

Os irmãos Wilbur e Orville Wright eram proprietários de uma loja de bicicletas nos Estados Unidos. Quem teve a primeira ideia de criar um aparelho que pudesse voar foi Wilbur, na década de 1890, que gostava de observar o voo de pássaros. Em 1900, eles começaram os primeiros testes em planadores e em 1903, depois de diversas tentativas de voo, foram os primeiros a voar em um aparelho mais pesado que o ar, chamado de Flyer.

O primeiro voo foi um sucesso, voando cerca de 30 me-

tros em 12 segundos, e o mais longo voou 59 segundos percorrendo uma distância de 260 metros. Todos foram feitos em sigilo, pois tinham medo de que sua invenção pudesse ser copiada. Com o tempo eles aperfeiçoaram o Flyer e apenas em 1908 realizaram sua primeira apresentação pública. Em 1909, os Irmãos Wright fundaram a Wright Company e passaram a comercializar suas aeronaves.

2.3 Santos Dumont x Irmãos Wright: quem é o pai do avião?

No Brasil, Santos Dumont é considerado o pai da aviação, mas no resto do mundo esse título é dado aos Irmãos Wright. Existe uma grande rivalidade entre eles e uma dúvida: quem é, afinal, o pai do avião?

O primeiro a criar um aparelho mais pesado que conseguia voar foram os Irmãos Wright, em 1903, três anos antes de Santos Dumont, entretanto muitos não consideram o voo deles válido devido à utilização de rampas e trilhos para levantar voo, pelo fato de o Flyer não possuir rodas e de ser muito dependente dos ventos da região onde os testes foram realizados. Além disso, eles não divulgavam sua invenção com o medo de que ela fosse copiada, por isso os seus primeiros voos foram realizados sem público.

Já Santos Dumont publicava seus projetos e seu primeiro voo, com o 14-BIS no Campo de Bagatelle, foi acompanhado por centenas de pessoas e jornalistas. Sem a utilização de uma rampa ou de um trilho e equipado com rodas, decolou por meios próprios, o que era impossível para o Flyer. Por esse motivo, alguns dizem que Santos Dumont é o verdadeiro pai do avião.

É uma discussão que, provavelmente, ainda vai durar vários anos devido aos poucos registros que se tem sobre ambos. Em 2003, no centenário do voo dos Irmãos Wright, foi criada uma réplica do seu avião que acabou nunca saindo do chão. Quase 100 anos após o voo de Santos Dumont, uma réplica do 14-BIS também foi criada, porém diferentemente da réplica do Flyer, este conseguiu voar com sucesso diversas vezes.

3. A aviação nas Guerras Mundiais

Com a eclosão das grandes guerras, os aviões passaram a ser adaptados para o transporte de armas, de bombas e de soldados, sendo decisivos para o resultado final desses conflitos. Foi com essas guerras que ocorreu, também, uma grande evolução das aeronaves e da tecnologia que possibilitou, com o fim delas, a evolução da aviação comercial.

3.1 A Primeira e a Segunda Guerra Mundial

A primeira grande guerra iniciou-se em 1914, com o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austríaco. Nesse conflito participaram as principais potências do mundo na época e seus aliados.

A eclosão da guerra ocorreu apenas oito anos após a invenção de Santos Dumont e a maioria dos países ainda não

possuía uma grande quantidade de aeronaves. As primeiras indústrias aeronáuticas eram artesanais e os aviões eram feitos basicamente de madeira, bambu e tecido. Em apenas cinco anos, foram construídos mais de 100.000 aviões nos países que estavam em conflito, ocorrendo também um grande desenvolvimento tecnológico. Foi nessa época que surgiu o primeiro avião totalmente metálico, produzido pelos alemães, chamado de Junkers F-13. Os aviões se tornaram maiores, mais rápidos, ágeis e com maior autonomia de voo, tudo isso para que os países tivessem maior vantagem em relação aos seus inimigos.

No início da guerra eles eram utilizados para a observação e reconhecimento de territórios, mas no decorrer do tempo, o avião passou a mostrar potencial também para

bombardeios estratégicos e ataques ao solo. Surgiram, então, os caças e os bombardeiros. Os caças eram aeronaves de guerra mais agressivas, com o objetivo de defesa de territórios e outros aviões, enquanto os bombardeiros tinham um objetivo mais ofensivo e atacavam locais estratégicos para enfraquecer o inimigo, como fábricas, instalações de suprimentos e sedes de órgãos públicos, militares ou civis.

Na Segunda Guerra Mundial não foi diferente: uma grande quantidade de aviões foi produzida e uma corrida armamentista possibilitou o surgimento de novas tecnologias que foram implementadas na aviação. Os aviões, que já eram rápidos e ágeis na Primeira Guerra Mundial, se tornaram ainda mais velozes, voando com maior autonomia e com maior quantidade de carga, aumentando também o seu nível de destruição.

3.2 Consequências

Uma das maiores consequências foi o grande salto na

tecnologia dos aviões. Em 1918, ao fim da primeira grande guerra, a maior parte dos aviões eram biplanos feitos de tela que não chegavam a alcançar 200 quilômetros por hora e os bombardeiros existentes carregavam até, no máximo, 50 quilos de explosivos. Em 1938, durante a segunda grande guerra, os aviões já eram feitos de metal, alguns alcançando até 500 quilômetros por hora e os novos bombardeiros podiam carregar mais de 3,5 toneladas de bombas. Foi também durante esse último conflito que surgiram os aviões a jato.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, havia pelo mundo muitos aeroportos com pistas pavimentadas, radares e sistemas de auxílio à navegação. Surgiram também tentativas de organizar serviços regulares de transporte aéreo devido à sobra de pilotos e aeronaves, graças aos altos investimentos na aviação militar durante a guerra. Eram vendidas a preços baixos, incentivando o desenvolvimento da aviação civil e de transporte de cargas. Era o início da aviação comercial.

4. A evolução da aviação comercial

No fim da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, a grande quantidade de aviões e pilotos que surgiu do alto investimento desses conflitos permitiu o desenvolvimento da aviação comercial. Alguns aviões militares foram convertidos em aviões de passageiros. A Boeing, por exemplo, adaptou os bombardeiros B-29 e B-50 e criou o Stratocruiser. Os altos avanços tecnológicos durante esse período aos poucos foram sendo aplicados à aviação comercial, como a utilização de motores a jato e de materiais mais leves e resistentes. Isso fez com que ela crescesse cada vez mais e mudasse o mundo como conhecemos atualmente.

Um avião que revolucionou o transporte de passageiros foi o DC-3. Criado na década de 30 pela empresa McDonald Douglas teve diversas variantes, muitas utilizadas durante a Segunda Guerra Mundial para o transporte de tropas e de paraquedistas. Surpreendeu a indústria aérea devido a sua velocidade e alcance muito superiores para a época. Foi um sucesso de vendas tão grande que a empresa não dava conta da quantidade de aviões que tinha que produzir, tornando-se o avião mais popular entre as empresas aéreas. No Brasil, a VASP, a Varig e a FAB utilizavam essa aeronave.

Na década de 50, os motores a jato, criados durante a guerra e utilizados inicialmente apenas em aviões militares, chegaram à aviação comercial em um avião chamado De Havilland Comet, produzido pela De Havilland Aircraft Company. Isso provocou um grande salto na aviação comercial, por ser superior a todos os outros aviões da época, tendo o dobro da velocidade e voando em altitudes muito mais elevadas. Uma característica interessante do Comet eram suas janelas quadradas. Mas isso o levou à falência. Menos de um ano depois do seu voo inaugural, um Comet se acidentou e, em menos de dois anos, mais cinco acidentes foram registrados. Isso fez com que fosse proibido de

voar. Investigações começaram e um Comet foi colocado dentro de um tanque de água, simulando as pressões das altas altitudes. Esse experimento revelou que a pressurização da cabine exercia uma grande pressão nas janelas quadradas do avião, provocando rachaduras que aos poucos aumentava até fazer o avião se desintegrar no ar. Isso, apesar de trágico, foi de extrema importância para a aviação e é por isso que hoje todos os aviões possuem janelas redondas. Em 1958, a empresa lançou uma nova versão do jato, mas era tarde demais. O Comet havia sido marcado por seus acidentes e perdeu a concorrência com os novos jatos da época, como o Boeing 707.

O 707 foi produzido pela Boeing, uma fabricante de aviões voltada mais para a área militar. O próprio 707 foi inicialmente projetado para ser um avião militar de reabastecimento. Seu primeiro voo comercial foi realizado pela extinta Pan Am em 1958 e logo se tornou um grande sucesso de vendas, principalmente por ser capaz de realizar voos transatlânticos sem escalas. Era um quadrimotor com capacidade de até 200 passageiros e com velocidade de 800 quilômetros por hora. Teve diversas variantes, incluindo militares e também uma versão presidencial, que mais tarde foi substituída pelo 747. No Brasil, a Varig e a Transbrasil operaram essa aeronave. Seu grande concorrente era o DC-8, produzido pela Douglas. Apesar de ser um excelente avião, não fez tanto sucesso, pois entrou em operação um ano depois do 707.

A Boeing criou depois, em 1969, o 747 (também conhecido como jumbo ou "*queen of the skies*"). Essa aeronave surgiu depois que a Força Aérea dos Estados Unidos abriu uma concorrência para a criação de um avião de transporte pesado e de longo alcance. A Boeing apresentou seu projeto, mas acabou perdendo e adaptou o avião para uso civil. É

a primeira aeronave *widebody* (fuselagem larga) e com dois andares da história, podendo levar mais de 500 passageiros e medindo duas vezes e meia o tamanho do 707. Foi um grande sucesso de vendas e era o maior avião comercial do mundo, até o lançamento do A380 pela rival Airbus. Além de civil, também é usado para o transporte de carga. Transportava o ônibus espacial na sua fuselagem e é atualmente utilizado como avião presidencial norte-americano. Apesar de ser considerado muito seguro, o 747 se envolveu no pior acidente da história da aviação, em que dois jumbos se colidiram no aeroporto de Tenerife, em 1977, devido ao denso nevoeiro na região, matando 585 pessoas. No Brasil, apenas a Varig operou essa aeronave.

Outro avião que marcou a história da aviação foi o Concorde. Foi projetado em conjunto com os governos do Reino Unido e da França, em 1965. Inicialmente teve mais de 100 pedidos de diversas companhias, porém a crise do petróleo na década de 70 aumentou o preço dos combustíveis e fez com que a maioria desistisse, restando apenas a British Airways e a Air France, com um total de 13 aeronaves. Voar no Concorde era uma experiência muito cara, mas também única: chegava a duas vezes a velocidade do som, mais rápido que a velocidade de rotação da Terra e cruzava o Atlântico na metade do tempo dos outros aviões, podendo chegar mais cedo do que havia partido. Além disso, quase não existia turbulência, pois voava tão alto que era possível ver a curvatura do planeta. Mas em 2000, um Concorde da Air France se acidentou logo após decolar do aeroporto Charles de Gaulle, em Paris, matando todos a bordo. As investigações revelaram que uma peça de metal na pista fez com que um dos pneus explodisse, atingindo o tanque de combustível. Também há a suspeita de que o Concorde apresentasse uma falha no seu projeto. Isso, somado ao alto consumo e ao alto preço do combustível, fez com que ele parasse de voar em 2003. Outro avião de passageiros supersônico era o russo Tupolev Tu-144, muito semelhante ao Concorde. Esses foram os únicos aviões supersônicos de passageiros que operaram na história da aviação.

Muitas outras aeronaves surgiram depois. Hoje as maiores fabricantes de aviões são a Boeing e a Airbus, esta última que fabrica hoje o maior avião de passageiros do mundo: o A380, com dois andares completos e com capacidade de 800 passageiros. Foi a Airbus também que popularizou na aviação comercial um novo sistema de automatização nas aeronaves: o *fly-by-wire*. Esse sistema substitui, nos aviões, os cabos utilizados para mover as superfícies de comando por um computador que calcula melhor os movimentos realizados pelo piloto, diminuindo o peso do avião, aumentando a economia de combustível e realizando controles de voo mais precisos. Outras tecnologias surgiram: a maioria dos aviões produzidos hoje é feito de fibra de carbono, por ser um material mais leve, e motores cada vez mais econômicos são desenvolvidos e utilizados nas aeronaves. Sistemas automatizados também melhoraram a segurança dos voos, alertando ou corrigindo os pilotos caso algo esteja errado. E não foi apenas nos aviões em que ocorreram

mudanças: os aeroportos cresceram, suas pistas ficaram maiores, a sinalização melhorada e o sistema de controle aéreo também foi modernizado para evitar colisões no ar. Tudo isso possibilitou que o avião se tornasse o meio de transporte mais seguro do mundo atualmente.

4.1 A aviação comercial no Brasil

Em 1932, o Presidente Getúlio Vargas criou o Departamento de Aviação Civil e, em 1941, o Ministério da Aeronáutica. Isso foi possível graças a movimentos intelectuais e políticos que defendiam a criação de uma força aérea independente. Com isso se iniciou um desenvolvimento da aviação comercial no país, dividida em três fases. Com a liberação da exploração dos serviços de Transporte, concessões para exploração de linhas foram autorizadas a duas empresas estrangeiras. Nesse período surgiram empresas como Varig, Panair do Brasil e Vasp.

Entre 1940 e 1950, surgiram mais de 20 novas empresas aéreas, mas o excesso de oferta junto ao mercado pequeno da época gerou uma grande crise, fazendo muitas empresas irem à falência. Essa foi a primeira grande crise da aviação brasileira, sendo outra a de 1991.

A década de 60 foi um período de turbulências na aviação civil brasileira, causada pela grande concorrência, pela necessidade de investimentos na renovação da frota e pelas alterações na política econômica do Brasil. Para sobreviver, as empresas se uniram em reuniões denominadas Conferências Nacionais de Aviação Comercial (CONAC), que levaram à fusão e à associação de diversas empresas. Foi o início de um período em que o governo interferia nas decisões administrativas das empresas de forma pesada.

Com a utilização de aeronaves mais modernas, cidades do interior foram deixadas de lado pelas empresas aéreas, principalmente pela baixa infraestrutura dos aeroportos desses lugares. O Ministério da Aeronáutica criou, então, a modalidade "empresa regional" para atender a essas cidades. Foi assim que surgiu a Nordeste, Rio-Sul, TABA, TAM e Votec.

Com a derrubada do muro de Berlim, houve mudanças em todo o mundo e a predominância do pensamento liberal. Isso fez os governos interferirem menos na economia do país, inclusive no Brasil. O Ministério da Aeronáutica adotou uma política de flexibilização tarifária; o mercado doméstico foi aberto para a entrada de novas empresas; foi retirada a limitação de área para exploração do transporte regional e surgiram novas empresas para explorar o transporte aéreo internacional.

Grandes empresas marcaram a aviação comercial no Brasil e foram as mais importantes da América Latina na época, como a Panair do Brasil, a Cruzeiro e a VARIG. Uma delas foi a Transbrasil. Omar Fontana era piloto, advogado, filho do fundador da Sadia e um apaixonado pela aviação. Observando os aviões no aeroporto de Congonhas, teve a ideia de arrendar um avião para transportar carne da Sadia de Santa Catarina para São Paulo e, depois, outro avião foi adquirido. Nascia a Sadia Linhas Aéreas, que depois abriu seu capital e se transformou na Transbrasil S.A. Linhas Aéreas. Tornou-

se uma das principais empresas aéreas do país, mas com as crises econômicas de 1980 e com a desvalorização cambial de 1999, a empresa fechou as portas. Outra grande companhia foi a VASP (Viação Aérea São Paulo), fundada em 1933. A empresa não durou muito nas mãos da iniciativa privada e,

em 1935, foi estatizada. Chegou a ter uma frota de 32 aviões, servindo 72 cidades em 21 estados e dois territórios. Mas a desvalorização cambial de 1999, que derrubou a Transbrasil, também atingiu a VASP, que foi obrigada a diminuir sua frota e cortar gastos, até fechar as portas.

5. A era de ouro da aviação

A era de ouro da aviação ocorreu principalmente nas décadas de 50, 60 e 70, quando viajar de avião ainda era um luxo e uma experiência única. Nessa época, apenas pessoas com muito dinheiro podiam voar devido ao alto preço das passagens aéreas, até 40% a mais do que se paga hoje. Os aviões eram muito espaçosos em todos os sentidos: bagageiros, espaço entre as poltronas e banheiros. A refeição a bordo também era um diferencial, sendo completa, servida em pratos de porcelana e com direito a vinho em taças de cristal. Até mesmo chocolates suíços e perfumes franceses eram ofere-

cidos em alguns voos. Todas essas características variavam de companhia para companhia. Em 1979, a Varig chegou a ser premiada como “a melhor do mundo” devido ao excepcional serviço de bordo nas rotas entre Brasil e Estados Unidos. Mas com a popularização do transporte aéreo e a diminuição do preço das passagens, a situação mudou. Hoje poltronas e bagageiros são apertados, os banheiros pequenos e sujos e a comida se restringe a alguns lanches e petiscos. Apenas quem pode viajar na primeira classe consegue vivenciar uma situação parecida como a da era de ouro da aviação.

6. As crises da aviação

A aviação também já passou por diversas crises. Uma delas ocorreu no Brasil em 1960. Antes disso, a aviação brasileira estava passando por uma grande expansão e diversificação, com mais de 20 empresas existentes. A instabilidade econômica e política e o excesso de oferta somado à demanda existente na época tornou os voos realizados antieconômicos. O pequeno mercado para o número de empresas existentes fez com que muitas fossem à falência, enquanto outras se fundiram, como a Panair do Brasil.

Para escaparem da crise, as companhias se juntaram ao governo para estudarem a situação e tomarem medidas. Essas reuniões, denominadas Conferências Nacionais de Aviação Comercial (CONAC), levaram à fusão e associação de empresas, reduzindo o seu número a um máximo de duas na exploração do transporte internacional e três no transporte doméstico. Era o início de uma era com o regime de competição controlada, em que o Governo passou a intervir nas decisões administrativas das empresas, ditando os preços e as frequências de voo, além de também limitar a entrada de novas companhias aéreas e dividir o mercado doméstico em nacional e regional. Em 1980 a economia brasileira sofreu uma estagnação que se estendeu até 2002. Isso fez com que a aviação civil brasileira passasse por

uma nova crise, levando grandes companhias como Varig, Transbrasil e VASP à falência.

Nos Estados Unidos ocorreu também uma grande crise que se iniciou em 1978. O país enfrentava dificuldades com o transporte aéreo regular de passageiros devido ao modo ultrapassado de gestão das empresas, frotas antigas, excesso de concorrência, sindicatos de pilotos fechados e conservadores e à desregulamentação sofrida pelo setor. Essa desregulamentação, criada pelo presidente Jimmy Carter, tinha o objetivo de dar mais autonomia para as companhias aéreas, que precisavam, até então, da autorização do governo para alterar rotas e definir horários dos voos. E isso acabou dividindo a opinião das companhias.

Uma das primeiras medidas implementadas foi o sistema “*hub-and-spoke*”, que ajustava a oferta à demanda. Para isso era necessário um gerenciamento de tráfego aéreo muito complexo, que acabou não sendo possível e gerou uma grande quantidade de atrasos na década de 90. A Guerra do Golfo em 1991, o aumento do preço do petróleo e os ataques de 11 de Setembro também contribuíram para o problema, fazendo empresas serem absorvidas e outras irem à falência, como aconteceu com a gigante Pan Am e com a TWA.

7. A aviação comercial nos dias de hoje

Hoje a aviação une países e culturas de todo o mundo, quebrando fronteiras e encurtando distâncias. São milhares de voos todos os dias e milhões de pessoas transportadas.

Graças à aviação, hoje é possível visitar parentes distantes que moram em outros países, conhecer novas culturas e fazer negócios a milhares de quilômetros de casa. Ela também

contribuiu para a globalização, espalhando pelo mundo costumes, roupas, comidas, marcas, acessórios e muito mais.

De acordo com o jornal Valor Econômico¹, a demanda pelo transporte aéreo doméstico brasileiro, em fevereiro de 2015, foi a maior em 10 anos, um acréscimo de 4,1% em comparação com o mesmo período do ano passado. Foram transportados mais de 16 milhões de passageiros no mercado doméstico segundo a Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC). Para se ter uma ideia, a segunda rota aérea mais movimentada do mundo está no Brasil, entre São Paulo e Rio de Janeiro. Já no mercado internacional, foram transportados mais de um milhão de passageiros. Segundo a Associação Brasileira das Empresas Aéreas (ABEAR), para que o setor atinja seu potencial será necessário um investimento entre R\$26bi e R\$36bi até 2020, com um trabalho conjunto entre o governo e a iniciativa privada.

A segurança aérea também evoluiu muito nos últimos anos, principalmente por meio do aprendizado de outros acidentes no passado. Segundo a ANAC, o número de acidentes no Brasil reduziu 12,5% em 2014, com um total de 139 acidentes aéreos. O número de acidentes aéreos fatais também reduziu, sendo o menor em quatro anos. Hoje o

avião é o meio de transporte mais seguro e a tendência é que esse mercado cresça cada vez mais nos próximos anos.

Potencial de crescimento

A projeção é que o transporte de passageiros cresça 109% e o de carga 58% até 2020

Potencial de passageiros transportados no Brasil (doméstico e internacional, em milhões)



Fonte: IATA e OAG - estimativa jan/2013. Dados anteriores à data de emissão dessa edição e projeções estão mantidos conforme estudo original

Gráfico 1 – Potencial de crescimento do transporte de passageiros no Brasil entre 2012 e 2020. Imagem disponível em: <http://www.abear.com.br/dados-e-fatos/page:1#listagem>; Acesso em 13 de junho de 2015.

8. O futuro

O futuro da aviação se baseia em uma aviação mais sustentável, com aviões cada vez mais econômicos, mais silenciosos e menos poluentes. Para isso, empresas e organizações como Boeing, Airbus e NASA já estão estudando a construção de aviões híbridos, elétricos ou com painéis solares e materiais biodegradáveis. Muitos projetos parecem sair de filmes de ficção científica, com aviões em forma de disco voador, asas em forma de triângulo e turbinas na parte superior da fuselagem. E tudo isso em um futuro próximo, com previsões para até 2050.

Uma das principais expectativas está nos carros voadores, em que qualquer pessoa poderá ter um em sua garagem e utilizá-lo para chegar a qualquer lugar a que desejar. A empresa AeroMobil está planejando comercializar o primeiro carro voador até 2017, que poderá andar nas ruas como um carro normal, mas também voar, decolar e pousar em pistas curtas de grama ou de asfalto. Até mesmo a Boeing já criou e desenvolve um projeto desse tipo. O problema é que seu preço pode chegar a centenas de milhares de dólares. Além disso, muitas pessoas com um carro voador somado com a atual quantidade de aeronaves no espaço aéreo geraria um grande tráfego, e as torres de controle e radares não dariam conta dessa situação. Para isso está sendo estudado um sistema automatizado que pode criar vias aéreas no céu e guiar esses carros. Mesmo assim, essa ideia parece ainda não ser viável e talvez demore alguns

anos ainda para se tornar realidade.

Outra ideia para o futuro são as viagens supersônicas. Na verdade elas já existiram com o Concorde e com o Tupolev Tu-144, mas os problemas que os fizeram parar de voar são os mesmos que hoje impedem essa ideia de se tornar realidade: alto consumo de combustível, muito barulho gerado pelos motores supersônicos, alta poluição e o problema do “sonic boom”, quando a barreira do som é quebrada. Projetos já estão sendo desenvolvidos e estudos estão sendo realizados para que todos esses problemas sejam resolvidos.

Diversas outras ideias surgiram: a Airbus aposta em aviões voando em formação para reduzir o arrasto e aumentar a eficiência de combustível. Ela também estuda a utilização de combustíveis alternativos e planejou até construir aviões transparentes para deslumbrar os passageiros. Aviões que decolam e pousam em pistas menores, aviões maiores e aviões não tripulados também podem se tornar realidade em um futuro próximo. Na verdade, os aviões não tripulados já existem, conhecidos como VANT (veículos não tripulados), e são uma nova modalidade na aviação. São utilizados apenas para usos militares e policiais, carregando sensores, câmeras digitais, armas. Uma tecnologia que está sendo estudada para ser utilizada também na aviação civil. Ainda existem barreiras que impedem que essas ideias se tornem realidade, mas como muitas outras já foram quebradas no passado, essas também serão.

1. Jornal Valor Econômico de 6 de abril de 2015, por João José Oliveira.

Conclusão

Antes voar era uma barreira, um sonho que parecia impossível. Mas, em apenas um século, a aviação foi do impossível para o inimaginável. Depois de séculos observando pássaros e de diversas tentativas sem sucesso de voar, o homem, finalmente, quebrou essa barreira e conseguiu tornar esse sonho realidade, com as invenções de Santos Dumont e dos Irmãos Wright. A partir daí ela se desenvolveu, principalmente com as duas grandes guerras mundiais, devido ao alto investimento em aviões nesses conflitos. Novos avanços tecnológicos surgiram e a aviação cresceu: motores a jato, radares, controladores aéreos, aviões supersônicos e aviões que podem voar a dezenas de quilômetros de altura e cruzar

oceanos e continentes. E tudo isso em apenas um século.

Hoje a aviação une continentes, países, pessoas e culturas. Com ela é possível estar em qualquer lugar do mundo em poucas horas. Ela também contribuiu com a globalização, espalhando pelo mundo marcas, costumes e produtos. A aviação diminuiu distâncias e quebrou fronteiras, e hoje milhões de pessoas viajam de avião todos os dias usando o meio de transporte mais seguro do mundo. Apesar de muitas barreiras já terem sido quebradas, muitas outras ainda faltam ser ultrapassadas. Todavia a cada dia ela cresce mais e, em poucos anos, talvez elas também sejam quebradas e possam mudar ainda mais o mundo.

Referências Bibliográficas

- AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL (ANAC). Disponível em: <http://www.anac.gov.br/>; Acesso em 10 de abril de 2015.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS AÉREAS (ABEAR). Disponível em: <http://www.abear.com.br/dados-e-fatos>; Acesso em 10 de abril de 2015.
- BERGER, Rolf. **Aviões: tecnologia de ponta e mobilidade**. 1ª ed. Editora NGV, 2012.
- BETTINI, H. F. **Um retrato da aviação regional no Brasil**. Journal of transport literature, 2007. Disponível em: <http://www.pesquisaemtransportes.net.br/relit/index.php/relit/article/view/jv1n1p3/70>; Acesso em 3 de março de 2015
- BURLE, Lauro Lobo. **Transporte aéreo no Brasil: a crise da aviação comercial**. FEE, 2003. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/viewArticle/211>; Acesso em 1 de março de 2015
- CASAGRANDE, Vinícius. **Aviões: histórias e curiosidades das aeronaves comerciais**. 1ª ed. Editora Europa, 2010.
- CORDEIRO, Tiago. **Os primórdios da aviação**. Guia do Estudante, 1 de Setembro de 2006. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/primordios-aviacao-434923.shtml>; Acesso em 25 de fevereiro de 2015
- CUSTÓDIO, Marcos da Cunha; BIELSCHOWSKY, Pablo. **A evolução do setor de transporte aéreo brasileiro**. Disponível em: http://www.castelobranco.br/sistema/novoenfoco/files/13/artigos/7_Prof_Pablo_Marcos_Art4_VF.pdf; Acesso em 7 de abril de 2015.
- DA SI, Carlos Ari César Germano. **O rastro da bruxa: história da aviação comercial brasileira no século XX através de seus acidentes**. 3ª ed. Editora EDIPUCRS, 2008.
- ÉPOCA NEGÓCIOS ONLINE. **Carro voador pode chegar ao mercado em 2017**. Época Negócios, 17 de março de 2015. Disponível em: <http://epocanegocios.globo.com/Inspiração/Vida/noticia/2015/03/carro-voador-pode-chegar-ao-mercado-em-2017.html>; Acesso em 11 de Abril de 2015.
- FERREIRA, Manuel P.; SANTOS, João C.; REIS, Nuno R. **A indústria de aviação civil: custos, mercados e alianças**. globADVANTAGE, 2011. Disponível em: http://globadvantage.ipleiria.pt/files/2012/08/caso-de-estudo-9_avicao_civil.pdf; Acesso em 2 de março de 2015
- GIORDANI. **100 anos da Primeira Guerra Mundial: Aviões**. Cavok: asas da informação, 2 de agosto de 2014. Disponível em: <http://www.cavok.com.br/blog/?p=78168>; Acesso em 3 de março de 2015
- História da Aviação Civil**. Portal Brasil. Disponível em: http://www.portalbrasil.net/aviacao_historia.htm; Acesso em 20 de fevereiro de 2015
- LOPES, Kétnes Ermelinda. **História da aviação: aviação na Primeira Guerra Mundial**. Universidade FUMEC. Disponível em: <http://repositorio.virtual.fumec.br/demos/pdfs/aviacaoprimeiraguerra.pdf>; Acesso em 5 de março de 2015
- MALAGUTTI, Antônio Osller. **Evolução da aviação civil, no Brasil**. Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados, 2001. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/estnottec/tema3/pdf/109712.pdf>; Acesso em 5 de março de 2015
- NAVARRO, Roberto. **Aviação bélica: o lado bom da guerra**. Guia do Estudante, 1 de setembro de 2006. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/aviacao-belica-lado-bom-guerra-434936.shtml>; Acesso em 4 de março de 2015
- OLIVEIRA, João José. **Demanda aérea de passageiros em fevereiro é a maior em dez anos**. Valor Econômico, 6 de abril de 2015. Disponível em: <http://www.valor.com.br/empresas/3993364/demanda-aerea-de-passageiros-em>

fevereiro-e-maior-em-dez-anos; Acesso em 13 de junho de 2015.

PRIETO, Tomas; KLOTZEL, Ernesto. **Almanaque do avião**. 1ª ed. Editora Panda Books, 2013.

SOUZA, Luís. **Você ainda vai... Ter um carro voador?** Super Interessante. Disponível em: <http://super.abril.com.br/cotidiano/ter-carro-voador-445208.shtml>; Acesso em 11 de abril de 2015.

SOUZA, Melissa Mello; NUNES, Edson. **A aviação civil nos Estados Unidos: um estudo sobre o papel do Estado na regulamentação do setor aéreo**. Observatório Universitário, Agosto de 2007. Disponível em: http://www.observatoriouniversitario.org.br/documentos_de_trabalho/documentos_de_trabalho_71.pdf; Acesso em 2 de março de 2015

STAM, Giba. **Santos Dumont ou Irmãos Wright: quem é o pai?** Guia do Estudante, 1 de Agosto de 2003. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/santos-dumont-ou-irmaos-wright-quem-pai-433408.shtml>; Acesso em 3 de março de 2015

TILKI, João. **Drama americano**. Aero Magazine, 23 de Janeiro de 2012. Disponível em: http://aeromagazine.uol.com.br/artigo/drama-americano_261.html; Acesso em 3 de março de 2015

VISONI, Rodrigo; CANALLE, João Batista. **Como Santos Dumont inventou o avião**. Scielo, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-11172009000300015&lang=pt; Acesso em 5 de março de 2015

A DESCONSTRUÇÃO DA INDIVIDUALIDADE HUMANA NA SOCIEDADE DE CONTROLE: A ESSÊNCIA E A EXISTÊNCIA

ISABELLA ALVES CAMPOS
3ª série A

Resumo

O ser humano é submetido, diariamente, a uma forte influência de ideias impostas pela sociedade. Vive-se num mundo tecnológico e, por isso, o indivíduo é exposto a muita informação, talvez até demais. Isso pode causar a desconstrução da individualidade humana e faz com que as pessoas pen-

sem igual, sonhem igual, ajam igual . É um processo de homogeneização do comportamento humano por meio do controle social. Em suma, os meios de controle social exercem incontestável influência sobre o comportamento do cidadão, desconstruindo, cada vez mais, a sua individualidade.

Palavras-chave: sociedade; controle; desconstrução; individualidade; existência

Abstract

The human being is daily submitted to a strong influence imposed by society. We live in a technological world and, due to that, people are exposed to a huge amount of information. This may generate the deconstruction of their human identity and make them think, dream, and act the

same way. It is a process of homogenization of behavior through social control. Therefore, the social control media influence the behavior of the citizens, deconstructing, more and more their individualities.

Keywords: publicity; internet; impact; marketing

Introdução

“A servidão moderna é uma escravidão voluntária, consentida pela multidão de escravos que se arrastam pela face da terra. Eles mesmos compram as mercadorias que os escravizam cada vez mais. Eles mesmos procuram um trabalho cada vez mais alienante que se lhes é dado, demonstram-se estar suficientemente domados. Eles mesmos escolhem os mestres a quem deverão servir. Para que esta tragédia absurda possa ter lugar, foi necessário tirar desta classe a consciência de sua exploração e de sua alienação. Aí está estranha modernidade da nossa época. Contrariamente aos escravos da antiguidade, aos servos da Idade Média e aos operários das primeiras Revoluções Industriais, estamos hoje em dia frente a uma classe totalmente escravizada, só que não se sabe, ou melhor, não se quer saber. Eles ignoram o que deveria ser a única e legítima reação dos explorados. Eles não conhecem a rebelião, que deveria ser a única reação legítima dos explorados. Aceitam sem discutir a vida lamentável que se foi planejada para eles. A renúncia e a resignação são a fonte de sua desgraça.” (Documentário “Da Servidão Moderna”, Jean-François Briant; Victor León Fuentes. 2009)

A desconstrução da individualidade humana causa um impacto na vida cotidiana atual, sendo intensamente agravada pela sociedade de controle. Com o objetivo de entender a sociedade em que vivemos, a massificação da sociedade hierarquizada é estudada e centralizada com ideais existencialistas, que pressupõe a vida humana como um conjunto de conhecimentos gradualmente adquiridos ao longo da vida de cada um, assim vivendo independente de qualquer pré-suposição da essência humana. Dito isso, é importante entender como se dá esse processo de homogeneização do comportamento humano por meio do controle social.

Desde os primórdios da existência, o ser humano apoia-se em meios de comunicação e de ofícios para garantir um pouco de sua dignidade como cidadão ético. Com o tempo, os meios de comunicação foram aprimorando-se e hoje temos os grandes detentores da palavra, que acabam formando pensamentos e ideias e impondo-os a nossas mentes. Instituições midiáticas, grandes marcas, religiões, famílias, entre outros são alguns dos detentores

do poder discursivo e grandes propagadores da moral nas metrópoles, por exemplo. Um discurso, por sua vez, que propaga uma moral muito influente no comportamento do cidadão urbano é o do consumo. O discurso capitalista propagado pelas grandes marcas e empresas valoriza o comportamento individualista e o acúmulo de capital, gerando uma sociedade de consumo, a qual se caracteriza por ser altamente materialista e exploratória. Tal discurso é propagado constantemente pela mídia, reforçando a ideia de que se deve viver em função do capital, para assim ascender social e economicamente.

A sociedade passa despercebida por muitos, de forma que se torna “normal” viver sentenciado por um sistema que não é conhecido, muito menos questionado, o que não se parece justo e muito menos íntegro; o entendimento é fundamental, principalmente, quando se faz parte da sociedade em questão. Em um movimento recíproco, formamos a sociedade e a sociedade nos forma. Pode-se acreditar que somos pequenos diante de uma nação tão conjunta, mas também não se pode deixar de lado o fato de que somos a nação. Conjuntamente, somos um povo, somos um agregado de pensamentos e de ideais, um amontoado de ações, de atitudes e de mudanças e, juntos, somos resultados do desenvolvimento da cultura contemporânea.

Não é de hoje que somos diariamente submetidos a um forte apelo da sociedade; ideias expostas e impostas em nossas mentes. Por circunstâncias, vivemos em um mundo tecnológico e por isso, em maioria, somos constantemente expostos a muita informação, talvez até informação demais. A repressão torna-se hábito, uma vez que existe uma pressão em cima dos indivíduos da sociedade, de forma subjetiva e implícita. Tornar-se consciente do mundo em que se vive é, além de essencial, benéfico para uma convivência moral e eticamente melhor, com os outros e consigo próprio.

A sociedade passa, assim, a invadir a identidade própria, invade pensamentos e faz as pessoas pensarem igual, sonharem igual, agirem igual, quererem igual. Tal identidade forma-se a partir das atitudes privadas, experiências e do tempo de vida propriamente dito, tornando impossível e certamente insustentável manter uma identidade conjunta. Portanto, até que ponto o ser humano é, realmente, autônomo em uma sociedade controladora?

1. A Sociedade

A ESTRUTURA SOCIAL:

A palavra “sociedade” carrega diferentes significados, porém na maioria das vezes, ela é compreendida apenas como uma aglomeração de pessoas que carregam entre si, relações parciais. Para ilustrar esse conceito, o sociólogo, mestre em ciência política e doutor em ciências sociais pela Unicamp, Reinaldo Dias, toma como exemplo a estrutura

do futebol profissional. Segue:

“Os jogadores são indicados para uma determinada posição estabelecida em campo – são posições interdependentes – e o papel que o jogador irá desempenhar já é esperado: o goleiro, o zagueiro, o ponta-direita, e assim por diante. Além disso, existem regras do jogo que

devem ser observadas e respeitadas. Estes princípios estruturais transformam um agrupamento de pessoas em defensivas e ofensivas, e os times de futebol, em unidades que têm metas específicas.” (Introdução à sociologia, 2ª ed. São Paulo, 2010. p. 148)

A noção da existência da estrutura social como a relação das diferentes entidades enfatiza a ideia de que existem diversas partes constituindo uma sociedade em si, estruturalmente relacionadas, com funções, significados e propósitos diferentes. Assim, a sociedade nada mais é do que uma totalidade, composta por partes interdependentes, tendo como base a sua estrutura, a qual por sua vez representa a organização social de um certo agrupamento de pessoas. Tal organização representa o elemento dinâmico do processo social: as relações sociais relativamente recíprocas, estáveis, padronizadas e duradouras; já previamente estabelecidas e aceitas entre os indivíduos e grupos, de modo que, por estarem diretamente conectadas, uma mudança em uma, gera invariavelmente, uma mudança nas que a cercam.

Alguns acreditam que a estrutura social se desenvolve naturalmente, ocorrendo pela necessidade de sistemas maiores, tais como o surgimento do trabalho e das classes profissionais, ou por conflitos entre grupos, tais como a concorrência entre partidos políticos. Outros acreditam que essa estruturação não é um resultado de processos naturais, sendo assim, socialmente construída; pode ser criada pelo poder das elites que buscam manter o seu poder, ou por sistemas econômicos que dão ênfase à competição ou à cooperação. Não existe sociedade sem uma estrutura social e é por meio do estudo delas que se torna possível compreender como os homens se comportam socialmente.

A formação da estrutura social, para Dias, se dá pela da estabilização das interações entre indivíduos, grupos e instituições permanentes, durante um certo período de tempo. A estrutura se constitui de quatro elementos, considerados básicos para ele: os status sociais, os papéis sociais, os grupos sociais e as instituições sociais. De certa forma, então, a estrutura passa a afetar o comportamento dos indivíduos, estabelecendo indiretamente, regras e limites ao desempenho de cada um. Logo após da construção de uma estrutura concretizada, a sociedade passa a ser mais dificilmente modificada, com leis de uma constituição por exemplo. Sendo possível, a partir disso, uma diferenciação visível entre: a sociedade política, representando o Estado e atrelando-se mais à estrutura rígida dentro da sociedade; e a sociedade civil, representando a população, atrelando-se mais às relações sociais.

Observa-se, portanto, a sociedade como um grupo autônomo de pessoas que ocupam um território comum, tem uma cultura comum e possuem também uma sensação de identidade compartilhada, unidas por relações e instituições sociais – família, religião, política, entre outros - que estabelecem uma conexão de dependência. Uma lista de características universais da sociedade foi elaborada pelo antropólogo Ralph Linton (*apud* Dressler e Willis Jr., 1980). São elas:

1. A sociedade, em vez do indivíduo, é a unidade principal e que tem significado na luta da nossa espécie pela sobrevivência. Todos os seres humanos vivem como membros de grupos organizados e têm seus destinos indissolúvelmente ligados ao grupo ao qual pertencem. Eles não podem sobreviver aos riscos da infância, nem satisfazer às necessidades da maioridade, sem a ajuda e a cooperação dos demais;
2. A sociedade, habitualmente, perdura muito além do tempo de vida de qualquer um de seus membros;
3. A sociedade é uma unidade funcional e operante. Embora composta de indivíduos, as sociedades funcionam como entidades próprias. Os interesses de cada um dos membros que a compõem estão subordinados àqueles do grupo inteiro;
4. Em toda sociedade, as atividades necessárias à sobrevivência do todo, são divididas e distribuídas aos vários membros.

Na história, existiram diversos tipos de sociedade, em função da sua evolução sociocultural e tecnológica. Organizadas em categorias, são úteis para o entendimento da história humana e ao estabelecimento de um quadro de referência que facilita a compreensão de sua evolução. Assim, tem-se a sequência cronológica de sociedade dividida em: sociedade de caçadores e coletores; sociedade de horticultores e pastores; sociedade agrária; sociedade industrial; sociedade pós-industrial. É possível, também, dizer que as relações podem ser modificadas para se adaptarem a novas situações, de uma nova demanda social que, aparece simultaneamente com novos valores sociais, como a homossexualidade, por exemplo.

AS RELAÇÕES E INSTITUIÇÕES SOCIAIS: A FAMÍLIA E AS CLASSES

Existem diversas relações e instituições sociais que unem as sociedades, de forma mais ou menos significativas, firmando suas estruturas. Obedecendo a padrões – normas e valores - elas foram socialmente construídas e aceitas, estabelecendo vínculos entre o passado, o presente e o futuro, dando assim, continuidade ao que é chamado de “vida social”.

- CLASSES

A divisão de classes é um gerador da desigualdade que, conseqüentemente, acentua o preconceito diante de tal diferença não apenas social. As classes sociais, em especificidade, nada mais são do que os grupos de indivíduos que têm um status social semelhante, de acordo com diversos aspectos, nesse caso particularmente o econômico, assim tendo também afinidades políticas e ideológicas. Presentes em toda sociedade – em qualquer tipo de regime instalado – possibilitam a movimentação dos indivíduos em meio às classes, ascendendo-se ou não.

Como consequência dos diferentes valores atribuídos aos diferentes grupos sociais no método de produção, a divisão social faz com que a função de cada classe se submeta ao seu nível de desempenho, ao seu estilo de vida e a diversas definições culturais. Essas escalas não estão

constantemente desanexadas, já que macroestruturas são domínios emergentes de instituições de microescalas. Assim, desde sua criação, o conceito vem sendo usado como uma variável cujos componentes necessitam de uma distinção em relação às variações sociológicas. Assim, a noção de uma estrutura social como a relação entre as diferentes entidades ou grupos, enfatiza a divisão social que agrupa a sociedade. No caso da macroescala, a estrutura social é um sistema de sedimentação econômica; já em uma microescala, descreve-se como as normas que formam o comportamento social dos indivíduos.

A desigualdade social é causada pela má distribuição de renda, sendo assim problema de diversos regimes, porém principalmente do capitalismo, uma vez que é um sistema baseado no lucro e fundamentado no liberalismo econômico, que torna possível a concorrência e a livre escolha. Mesmo de tal forma, a desigualdade social não aparece apenas diante do sistema econômico, separando a sociedade nas classes distintas. A desproporção está associada também à posição social, ao nível de escolaridade, ao poder aquisitivo, ao padrão de vida, à renda, entre outros.

- FAMÍLIA

“A família é uma forma de organização ou disposição de um número de componentes que se inter-relacionam de maneira específica e recorrente. – (WHALEY e WONG, 1989; p. 21)

Uma das mais importantes características que faz parte da estrutural social é a relação de parentesco. Realizando papel intrínseco de qualquer sociedade, o modelo da estrutura social carrega um padrão de funcionamento familiar.

Ao tomar a família como um conceito para o estudo aprofundado, observa-o como um grupo singular em contraposição aos outros grupos sociais. Levando em consideração que a vida social se torna fundamental, não só para a existência, mas também para a sobrevivência dos indivíduos, o início da socialização se dá na família. A família é conhecida como a unidade básica da sociedade, ligada por vínculos afetivos e por ancestrais comuns, ou seja, laços biológicos, ou vínculos matrimoniais ou de adoção.

Já se tornou um fenômeno social, as famílias manterem relações baseadas na subjetividade dos sentimentos entre os seus indivíduos, ou seja, um grupo totalmente informal que garante convivência dele de acordo com as suas emoções, além da assistência econômica. Mesmo sendo um fenômeno social, não é possível afirmar que todos os grupos familiares possuem a mesma sequência de regras e convenções, dependendo assim de diversos fatores da sociedade em questão, estabelecendo uma ligação direta entre os padrões familiares e os códigos morais válidos, socialmente assim construídos. Ademais, por conta disso, considera-se que ao longo do tempo, a estrutura da organização familiar sofreu modificações dentro da mesma, ou de distintas sociedades.

Com diversas formas de ser encarada, a família não deve ser vista como uma forma de sociedade reduzida, incorporando-se as suas principais funções sociais, mas como um

subsistema social com atribuições específicas, que são a replicação do conjunto de perspectivas socialmente relativas. Tais atribuições específicas seriam a socialização primária dos filhos e o equilíbrio psicológico dos adultos, sendo assim, básicas para a eternização da sociedade familiar. Assim, é ponderável que a família se constitua na base do processo de convivência entre os indivíduos,

AS AÇÕES SOCIAIS:

A “ação social” é mais aceita como aquela orientada pelas ações que a cercam, ou seja, tudo e qualquer comportamento que varia de acordo com as reações das partes envolvidas. Como ideal central, existe o sentido da ação que é realizada pelo agente e o efeito que provoca. Para entender então, as ações sociais, deve-se examinar o contexto em que ela é inserida.

- A CONCEPÇÃO DE ÉMILE DURKHEIM

“Espero te definido exatamente o domínio da sociologia, domínio esse que só compreende um determinado grupo de fenômenos. ” – Émile Durkheim.

Émile Durkheim (1858 – 1917), filósofo, sociólogo e psicólogo francês, atentava-se em elaborar especificações legislativas para o método sociológico, em que dizia como única importância, estudar somente os “fatos sociais”, ou seja, ações sociais, que compõem as maneiras de agir, de pensar, entre outras. Dizia o filósofo, que os fatos, são dotados de um poder de coerção sobre o indivíduo que os partilha. Para o filósofo, o fato social se compõe de três características principais: a exterioridade, uma vez que o fato é, em primeiro plano, estranho para indivíduo; a coercitividade, uma vez que os indivíduos aceitam leis da sociedade de forma pacífica; e a generalidade, uma vez que possuem uma frequência ocorrente.

O fato social dá um sentido à ordem social, sendo composto pela soma das consciências particulares de todos os indivíduos e que ao mesmo tempo, influencia cada uma de um modo recíproco. A ação coercitiva do fato social é o que nos impede ou nos autoriza a realizar determinada ação, de forma a estipular uma força consciente, dizendo o que fazer ou não fazer. Para Durkheim, quando um indivíduo contraria uma de suas manifestações coercitivas por razões externas ou até internas, o indivíduo, então, se volta contra ele mesmo.

Em sua obra “As Regras do Método Sociológico”, publicada em 1895, Durkheim diz então, que os indivíduos são vítimas daquilo do que os cerca, de modo que os fatos sociais sejam produtos da vida em sociedade. Sendo assim, um fato social pode ser apenas explicado por outro fato social e assim sucessivamente, mostrando o meio social - interno ou externo - como a principal força da evolução coletiva em sociedade.

- A CONCEPÇÃO DE MAX WEBER

“[...] cada sociedade é um conjunto de individualidades socioculturais formadas de componentes historicamente agrupados. ” – Max Weber.

Nascido em família intelectual na Alemanha, Max We-

ber (1864 – 1920), jurista e economista, é considerado um dos fundadores do que é hoje o estudo da sociologia. Seus estudos permitiram ver o passado como elemento histórico fundamental para entender o presente e assim, consequentemente, construir o futuro da sociedade. Weber acreditava que as infinitas diferenças entre as sociedades são baseadas nas diferentes origens e processos de formação, assim defendendo que todo grupo deve ser respeitado em sua especialidade.

A ordem social para Weber é formada como um conjunto de esferas – econômica, política, cultural, religiosa, jurídica, social, entre outras – que possuem uma lógica autônoma de funcionamento. Regulando a ação individual, as esferas produzem uma ordem que implica em um conjunto de obrigações e modelos que se fundamentam a legitimidade.

Como conduta humana dotada de significado – objetivo ou subjetivo – pelo agente, a ação social é um processo totalmente individualista e consciente, de modo que Weber estabeleceu quatro tipos de ações sociais, que procuram explicar a realidade social existente. A primeira é conhecida como “ação tradicional”, determinada por um costume ou hábito. Seguindo a tradição daquele grupo de pessoas

em questão, seus motivos não são facilmente identificados, fazendo assim o indivíduo ter menos controle sobre a ação, por exemplo o uso de burcas nas civilizações muçulmanas. Em seguida, têm-se as “ações afetivas”, que são determinadas pelas relações emocionais dos indivíduos, quando colocados diante de certas circunstâncias. Também sendo dificilmente explicadas, tais ações são, normalmente, aplicadas às relações de sangue ou afetividade. Também se têm as “ações racionais com relações aos valores”, conhecidas pelas crenças conscientes de valores socialmente importantes para cada um, orientados por princípios (éticos, morais, religiosos, entre outros). Marcadamente característico de cada pessoa, pode-se usar como exemplo a devolução de algo que não lhe pertence. E por fim, existem as “ações racionais com relações aos objetivos”, sendo determinadas pela racionalidade que organiza os meios necessários, como a construção de viadutos e avenidas em grandes cidades.

Assim, Weber deixa de analisar as normas sociais como exteriores aos indivíduos, e as define como o conjunto de ações individuais que se ligam a outras, formando assim uma teia de sentido.

2. O Estado e sua concepção

O ESTADO:

O conceito tem sua origem nas cidades-estados da Antiguidade em regiões como a Mesopotâmia. Pela dominação, pela força ou por interesses mútuos, tais organizações foram ao longo da história, colocadas sob o controle de uma unidade política básica. Assim, os agrupamentos foram evoluindo de tamanho e ficando cada vez mais complexos, até que de tal forma, concebeu-se a ideia de Estado como conhecemos atualmente: uma instituição estatal que se regulamenta em base às prescrições jurídicas e sociais que organizam a vida em sociedade.

Desse modo, o Estado representa a forma máxima de organização humana, sendo assim um conjunto de instituições que regulam, administram e controlam a nação. Sendo organizado politicamente, socialmente e juridicamente, o Estado ocupa um território definido, onde a lei máxima é formada por um documento escrito e é dirigido por um governo reconhecido interna e externamente.

Existem, assim, quatro elementos que constituem o estado: a população, o território, a soberania e o governo. Como “população”, pode-se considerar a aglomeração de indivíduos, diferenciando-se em nação ou povo, respectivamente: indivíduos com elementos comuns, como religião, valores, cultura, idioma, entre outros; e indivíduos sem elementos em comum. Entende-se por “território”, a delimitação do espaço geográfico onde reside a população em questão, servindo como fator limitante para a atuação do próprio Estado. A “soberania”, por sua vez, é constituída pelo exercício controlador do Estado, tornando-se assim, à medida

de que se pratica, independente. Por fim, o “governo” é a autoridade governamental da unidade política.

THOMAS HOBBS:

“Homo homini lupus.” – Thomas Hobbes

Vivendo na Inglaterra durante a dinastia Tudor, Thomas Hobbes (1588-1679), pensador inglês e burguês, escreveu a sua obra mais conhecida, chamada “Leviatã”, onde esclareceu seu ponto de vista sobre as necessidades de grandes governos e sociedades. Os contatos de Hobbes foram mais que decisivos para a definição de suas ideias filosóficas, que por sua vez dizem que as leis que regem o comportamento humano são as mesmas que regem o universo, ou seja, de ordem divina e sagrada. Portanto Hobbes, defendia o Estado Absolutista, com um único poder centralizado em um só homem, por meio de um contrato social, escolhido por Deus para ser seu representante na Terra; afirmando, assim, que apenas esse tipo de governo tiraria a Inglaterra do caos estabelecido na época.

Hobbes, então, acreditava que o homem tem o seu estado de natureza, onde todos os homens têm o mesmo direito, inclusive de privacidade e de proteção à propriedade privada. Para o pensador, o homem não possui um instinto social, sendo assim antissociável por natureza, sendo apenas por acidente. No estado natural, o homem tem direito de realizar qualquer coisa ao seu alcance para garantir a sua própria vida e sua própria existência, inclusive matar, roubar e outras ações antiéticas. Para compreender essa concepção de estado, é fundamental garantir o entendimento

da real necessidade do indivíduo natural para Hobbes, esse que procura ultrapassar todos os que o cercam de modo a se beneficiar, buscando a satisfação de suas vontades, caracterizado assim como auto-interessado, racional e egoísta. Gera-se um estado inseguro, onde ninguém está protegido, estabelecendo-se, então, uma sociedade em constante guerra, de todos contra todos.

O medo é o conceito fundamental para a criação de um organismo de controle para Hobbes, dando voz ao pensamento racional dos indivíduos que, juntos, encarregam-se de estabelecer segurança e paz comum. Assim, Hobbes cria as 8 leis da natureza que, basicamente, regem uma melhora no sistema de atuação para a garantia de um estado sem hesitação. Para concretizar a paz, os indivíduos de certa sociedade, devem reivindicar seus direitos naturais a uma figura soberana que terá poder absoluto e incontestável pelo povo, uma vez que é escolhido por Deus para reger os mortais na Terra.

Assim, acredita na concepção de um pacto de submissão, pelo qual, visando à preservação da vida, transfere o poder para um terceiro integrante como força da sociedade, trocando a própria liberdade pela necessidade de paz e acabando com o ideal de um estado autodestrutivo. E seu terceiro integrante, no caso, seria o escolhido de Deus, na Terra, o qual reina com poder autoritário e indiscutível, já que acreditava no direito divino dos reis, formulada pelo teólogo e bispo francês, Jacques Bossuet.

JOHN LOCKE:

“A necessidade de procurar a verdadeira felicidade é o fundamento da nossa liberdade.” – John Locke

Filósofo inglês e liberal, John Locke (1632 – 1704), viveu e participou da Revolução Gloriosa, a qual colocou fim ao absolutismo inglês, logo após a criação da Declaração dos Direitos (*Bill of Rights*), esse que por sua vez limitava o poder do rei e dava mais poder ao parlamento inglês. Suas ideias, portanto, fundamentaram o movimento opositor ao absolutismo europeu, ou seja, defendiam a monarquia parlamentarista. Em primeiro momento, porém, Locke defendeu uma estrutura de Estado centralizado, controlador e autoritário, para impedir a desordem da sociedade em questão. O que levou à transformação de seu pensamento, em segundo momento, foi o seu questionamento pela legitimidade do direito divino dos reis.

A política de Locke fundamentou-se na ideia de um Estado por meio da conscientização dos governados ao respeito de seu direito natural como ser humano e cidadão. Ao nascer, para Locke, todos os humanos tinham o que ele chamava de “direito natural”, ou seja, o direito à vida, à liberdade e à propriedade. O estado de natureza, portanto, é o meio em que todos os homens se encontram como iguais e, por isso, cada qual deve agir livremente, desde que não haja prejudicados. Assim o homem preserva a propriedade privada e a propriedade alheia, para uma melhor manutenção da sociedade, cada vez mais justa, o que leva a uma caracterização do estado de natureza Lockeano, como um

estado relativamente pacífico, no campo das ideias.

Para manter a paz comum, para o filósofo, os indivíduos não devem ceder a sua liberdade, mas devem, por meio de um consenso, concordar livremente em criar uma sociedade civil, para preservar e consolidar ainda mais os direitos que já possuíam no estado de natureza. Assim, os direitos naturais ser melhor preservados sob o amparo da lei e uma organização legislativa. O uso de várias pessoas ao em vez de uma, como em Hobbes, para o amparo da lei e dos direitos dos indivíduos de dada sociedade, parte do fato de que o julgamento individual pode ser feito em causa própria, o que retorna a sociedade a seu estado de natureza e suas inconveniências, gerando assim caos e injustiça social. Além disso, Locke defendia o direito do povo de derrubar o parlamento, uma vez que foi a sociedade civil que lhe deu poder, admitindo assim, a supremacia do Estado, desde que este respeite as leis naturais e civis.

JEAN-JACQUES ROUSSEAU:

“O homem nasce livre, e em toda parte é posto a ferros.

Quem se julga o senhor dos outros, não deixa de ser tão escravo quanto eles.” – Jean-Jacques Rousseau.

Jean-Jacques Rousseau (1722 – 1778), filósofo, teórico e político, é considerado uma das principais figuras do movimento iluminista, defensor da democracia participativa. Procurando um Estado legítimo, próximo da vontade do povo, a soberania para Rousseau, deve estar nas mãos da população, por meio de um corpo político dos próprios cidadãos. Para o filósofo, a sociedade em sua organização, corrompe o homem, tirando-lhe a liberdade que é concedida como algo natural. O homem e o cidadão, para Rousseau, são condições paradoxais na natureza humana, pois são o reflexo da incoerência instaurada na relação do indivíduo com a estrutura social.

Tem como crença, então, a concepção de que o homem é, em seu estado de natureza, bom, mesmo estando constantemente regulamentado sob a ação do Estado, instituição responsável pelo seu detrimento. O estado de natureza é considerado por ele, quase divino, como uma fonte de equilíbrio perfeito entre “o que se quer” e “o que se tem”, uma vez que o homem natural é apenas baseado em sentimentos, sendo assim um ser irracional, e portanto, um ser desprovido da imaginação básica para desenvolver anseios que são considerados racionais. Assim explica, “seus desejos não passam de suas necessidades físicas, os únicos bens que ele conhece no universo são a alimentação, a fêmea e o repouso.”. O ser humano natural não chega nem a reconhecer a diferença entre indivíduos, uma vez que tal distinção requer uma habilidade que lhe falta, ou seja, a própria razão. Idealizando, então, o homem selvagem, Rousseau criou um conceito que conhecemos hoje em dia como “o bom selvagem”, em que o cidadão é reconhecidamente generoso em estado primitivo.

Portanto, o que possibilita o homem viver em seu estado natural é a falta de razão, uma vez que deixa de sentir seus desejos e suas diferenças aos que o cercam. Porém, Rou-

sseau também afirmava que para se viver em sociedade, construindo uma ordem e uma estrutura social para a melhor organização das partes envolvidas, a concepção e a inserção da razão é fundamental, sendo assim, o instrumento de formação do homem e de adaptação ao meio social em que se insere. Logo, o homem selvagem é corrompido por confrontos morais e imperfeições, sendo assim o homem civilizado como conhecemos, marcado por interesses privados que afogam as moralidades naturais, ou seja, boas. E é assim, que o homem, então, se transforma em um indivíduo corrompido e autocentrado, convertendo sua bondade gradualmente em maldade, uma vez que a sociedade em conjunto, implica uma desigualdade provocada tanto pelo sentimento individualista quanto pelo contexto social.

Mas como contratualista, Rousseau acreditava em uma forma de recondução do indivíduo a sua antiga bondade natural, teorizada politicamente como um contrato social. Estudando os fundamentos da desigualdade entre os homens, Rousseau apontava uma solução pelo caminho do autoconhecimento pessoal, por meio do campo emotivo da humanidade. Defendendo a formação do indivíduo junto aos seus familiares, ou seja, no seu lar, o filósofo defendia também uma educação íntegra e voltada para si mesmo, de forma absoluta. Assim, os indivíduos devem encontrar uma forma de associação que defenda e proteja toda força comum, pessoas e bens, pela qual cada um, ao mesmo tempo que se une a todos os que o cercam, não deixa de obedecer senão a si mesmo, permanecendo tão livre quanto em seu estado natural. Afirmava assim, que “cada um de nós põe em comum sua pessoa e toda a sua autoridade, sob o supremo comando da vontade geral, e recebemos em conjunto cada membro como parte indivisível do todo.”

BARÃO DE MONTESQUIEU:

“A injustiça que se faz para um, é a ameaça que se faz a todos nós.” – Montesquieu.

Diferenciando-se dos autores contratualistas, o francês, filósofo e escritor Charles-Louis de Secondat (1689 – 1755), também conhecido como Barão de Montesquieu, ficou conhecido pelas suas críticas e pela formulação de leis para os homens, a partir do povo, dos costumes e das questões sociais. Abominando o Absolutismo de Hobbes, criticando a Monarquia de Locke e até mesmo a Democracia Indireta de Rousseau, Montesquieu acreditava que as leis não deveriam ser criadas de forma universal, não sendo frutos do capricho do arbítrio de quem legisla, ou seja, deveriam decorrer da realidade social e da história concreta e própria do povo em questão. Aproximava-se mais entre os contratualistas, por defender uma Democracia Indireta, de Rousseau (Democracia Direta). Para Montesquieu também, não existia a diferenciação de leis entre “justas” e “injustas”, uma vez que elas dependem de determinada circunstância, época e lugar; existindo assim, a diferenciação entre leis “mais adequadas” e “menos adequadas”.

O filósofo apresentou, ao longo de sua vida, suas obras que diferenciavam os três tipos de governo existentes: o

Despotismo, a Monarquia e a República. Primeiramente, descrevia o governo despota como aquele em que há um soberano que governa para si, ou seja, por vontade própria. Como uma crítica indireta a Hobbes, o Barão dizia que o governo de tal soberano é fundamentado pelo medo, portanto, os governados obedecem a partir do medo que sentem de sofrer punições. A própria natureza do governo despótico, para o filósofo, é corrupta, uma vez que devora a si mesmo, aproximando-se de uma tirania. Em segundo plano, descreve o governo monárquico, cujo soberano deve governar de acordo com o documento que forma a sociedade, no caso, uma constituição legal; e seu fundamento de governo é a honra e a justiça do povo. Assim, a Monarquia para Montesquieu também pode ser facilmente corrompida, uma vez que o soberano pode legislar em causa própria, ignorando as leis, inclinando-se ao despotismo e quebrando sua honra em proteger o reinado, transformando-a em mera aparência sem fundamento. E por fim, descreveu o governo republicano, dirigido pela democracia, um governo do povo que se fundamenta na virtude daqueles que governam. Porém, para Montesquieu, esse tipo de governo também poderia ser facilmente corrompido, quando existe o desacato à autoridade, o descontrole do povo com o poder em suas mãos, o que leva novamente a uma inclinação ao despotismo.

Mesmo apresentando uma forma de se tornar corrupto, a República foi o modelo mais próximo do defendido pelo Barão, uma vez que a democracia pode ser dividida em dois setores principais: a democracia indireta, participativa; ou a democracia direta, representativa. A indireta, caracteriza-se por um governo em que o povo expressa suas vontades por meio de eleições de representantes, que tomam decisões em nome daqueles que os elegeram. Já a direta representa um governo em que o povo expressa, por voto direto, suas opiniões de cada assunto em particular.

Sonhando com a limitação do poder absoluto dos reis, Montesquieu considerava o Estado ideal aquele que segue um regime democrático indireto. Considerado conservador a qualquer restauração, Montesquieu foi responsável pela teoria de separação de poderes do Estado, atualmente usada em diversas constituições. São eles: o executivo, responsável pela administração pública da nação, geralmente exercido por um rei na monarquia, ou pelo chefe de estado na república; o legislativo, responsável pelos projetos de leis, sendo representado pela câmara dos parlamentares; e o judiciário, responsável pelo órgão jurídico e pelo cumprimento de leis. Para Montesquieu, portanto, um Estado ideal, segue um regime democrático indireto, cujos indivíduos, por meio de representantes da nobreza, discursam as suas vontades, que por sua vez são colocadas em pauta de discussão das câmaras.

IMMANUEL KANT:

“Toda reforma interior ou exterior e toda mudança para melhor dependem exclusivamente da aplicação do nosso próprio esforço.” – Immanuel Kant

Immanuel Kant (1724 – 1804), nascido na Prússia e filó-

sofo, defendia a finalidade do Estado com a filosofia jurídico-política vinculada à moral de seu pensamento liberalista, esse sendo garantido por meio da pressão que constitui a condição de autonomia dos cidadãos. Kant defendia, ao contrário dos contratualistas, a forma em que responsabilidades da sociedade transformam-se em uma ideia de justiça; um modelo no qual o envolvimento contínuo dos cidadãos gerenciam estruturas da sociedade. O contratualismo criado por Kant, é muito mais um contrato moral do que social, como Hobbes, Locke e Rousseau apresentaram, por exemplo.

Seu pensamento democrata estabeleceu os princípios que devem servir de passe para a convivência humana no interior do Estado. Assim, trata-se do Estado da razão, uma sociedade para homens racionais, capazes de atuar segundo a sua representação de leis, em cada caso específico. Para Kant, porém, ter a capacidade de agir racionalmente não garante ao ser humano que suas ações serão sempre racionais, mesmo que a ordem judicial lhes pressione a agir de tal maneira. Desse modo, para o filósofo, o ser humano é chamado de um indivíduo “racional imperfeito”, uma vez que existe a possibilidade de agir de acordo com as motivações de seu estado natural.

A natureza kantiana se encontra em tudo o que se produz no universo sem cálculo, sem reflexão, sendo assim formado por uma preferência para o bem e uma para o mal, fazendo com que surja um estado conflituoso, que sugere o “mal radical” na natureza humana. Em vista disso, para Kant, a natureza humana não se classifica como boa ou má, tendo-se assim uma impossibilidade de definição, que ao mesmo tempo como consequência, dá a possibilidade do indivíduo de escolher seus extremos por vontade própria.

No sistema de direitos naturais de Kant, devem-se destacar dois momentos: o primeiro do direito ético e o segundo do direito jurídico. O ético é aquele direito que precede as aquisições, cada homem, então, tem o direito à liberdade em virtude de sua interioridade humana. Já o jurídico está mais preocupado com a conduta externa em relação com a sociedade que o cerca. Também conhecido como os direitos adquiridos, os direitos jurídicos, para se tornarem reais, devem ser estabelecidos em convenção. Sustentar então, o republicanismo kantiano, tem como princípio a sustentação do cumprimento ético das leis jurídicas pelos governados, ou seja, o filósofo espera o máximo dos cidadãos da sociedade para serem autônomos e terem assim, as leis da razão – sejam éticas, ou jurídicas – por meio das ações sociais.

Só existe a paz comum para Kant quando se obedece à razão. Estabelecendo assim, a constituição republicana em princípios racionais, pode ser afirmado que a república é produto da razão propriamente dita. Portanto, a criação do Estado para Kant não serve apenas como uma norma abstrata para os princípios de justiça e convívio, mas também modela continuamente a responsabilidade dos cidadãos, tanto em aceitar o seu “Estado”, quanto para reformá-lo em vista justiça maior. Assim, a elaboração de um Estado não é apenas uma opção, mas um fundamento para garantir, via coerção, que os indivíduos kantianos estejam

de acordo com as leis da razão, independentes de suas motivações interiores, caracterizando assim, uma ação ética.

GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL:

“A razão é a certeza consciente de ser toda a realidade.” – Georg Wilhelm Friedrich Hegel.

Filósofo alemão, Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 – 1831) foi um dos fundadores do idealismo e de uma corrente de pensamento chamada hegelianismo, que considerou o elemento central do esclarecimento do universo como a razão. Para ele, o mundo real se constitui da exteriorização da ideia e do pensamento que se fundem e exprimem uma etapa mais civilizada. Sendo um fã das obras de Locke e Rousseau, Hegel diz que o Estado deve ser um manifesto dos interesses coletivos de seus indivíduos, assumindo um papel universalizador das vontades e interesses particulares.

O filósofo criou um sistema para entender a história da filosofia do próprio mundo, chamado dialética, ou seja, um avanço que surge como solução das contradições do movimento prévio. Dividida pela comodidade em três momentos, a dialética apresenta-se como: a tese, a antítese e a síntese. Hegel então usou desse sistema como explicação para toda a história, inclusive para seu sistema teórico, erguido assim a partir da tradição da racionalidade de seu tempo, dando capacidade ao humano de obter sua própria racionalidade, liberdade e conhecimento da realidade em que é inserido.

Desenvolveu um conceito filosófico chamado de “idealismo absoluto”, com o objetivo de caracterizar a relação entre a mente e a natureza humana - o sujeito e o objeto do conhecimento - baseando-se, assim, na ideia de que as contradições são resolvidas para a criação de um modelo, como em um Estado político. Sendo assim, o pensamento como criador do mundo, dá à razão o poder de constituir a história, compondo assim o próprio indivíduo e a própria sociedade.

Concorda com Hobbes no sentido em que acredita que o estado de natureza do homem não é em princípio bom ou inocente, mas sim a sua antítese, de modo que partindo dele, não se alcança um Estado civilizado. Para Hegel, o estado de natureza não proporciona ao homem nenhum direito, uma vez que eles são produtos sociais, afirmando assim que tal estado é a ausência de qualquer tipo de Estado. Então, Hegel discorda do princípio de que todos os homens são iguais por natureza, afirmando que é na abstração da liberdade que se constrói a igualdade real entre indivíduos. Para ele, a igualdade deve ser a determinação fundamental do Estado e de sua constituição.

Para Hegel as leis vigentes devem ser de conhecimento de todos, para que todos obedeçam a elas e assim se tornarão justas, mesmo sendo irracionais para alguns, uma vez que são produzidas de acordo com as funções de diversas classes. Representando assim, um nível de liberdade maior, porém uma desigualdade maior também, em contraponto. Assim é criado o Direito privado, cuja totalidade do povo é a sua força associativa de seu conjunto, ou seja, a soma das partes.

Para ele, portanto, o Estado é uma realidade histórica produzida pelos homens da sociedade em que se insere, cujo

papel primordial é manter os indivíduos como pessoas, promovendo o bem universal e, por fim, conduzindo a vida, também as conservando. A forma evoluída de governo para Hegel, então, se encontra na Monarquia Constitucional, onde a sociedade civil e o estado se complementam de forma que a primeira, quando em desenvolvimento, é regulada pela segunda em meio de seus órgãos de articulação política.

KARL MARK:

“A história da sociedade até aos nossos dias é a história da luta de classes.” – Karl Marx

Intelectual, Karl Marx (1818 - 1883) se fez revolucionário alemão, uma vez que fundou a teoria que hoje conhecemos como a de base comunista. A concepção do Estado para ele se baseia na crença de que a libertação dos indivíduos de suas obrigações feudais, dá uma base para uma discussão contratualista, a qual Marx foi crítico por dar base a contradições sociais fundadas pelo capitalismo, como o surgimento da propriedade privada e a emersão social das classes sociais mais baixas.

Para Marx, a sociedade também é produto do desenvolvimento histórico, cultural, econômico e social dos homens, porém, para ele, estes não devem ter o direito de eleger sua formação social e muito menos suas ocupações de produção. Assim, a configuração da sociedade deve ser fundada de acordo com diversas determinações, como em

nível de desenvolvimento, de consumo, de produção e de organização social. A vida social, então, para ele, não se acata a uma relação de causa e efeito, mas sim em uma predeterminação concreta. Descarta, também, a construção histórica das categorias, uma vez que diz que são momentâneas, assim acabando com a herança contratualista, como o homem em seu estado de natureza.

Inaugurou um novo referencial para a relação entre o Estado e a sociedade civil, Marx contradiz a sociedade capitalista e diz que é preciso alcançar o conteúdo da sociedade burguesa, recorrendo ao estudo dos princípios ideológicos que orientam tal classe social: a Declaração dos Direitos do Homem. O Estado, para Marx, não é a moral e nem a razão, mas sim uma força externa da sociedade que se coloca acima dela mesma, para controlar não apenas os interesses, mas a dominação de uma classe por outra e a manutenção das propriedades. Ao perceber que o Estado é um mecanismo de controle de uma classe por outra, percebe também suas principais características: a burocracia, a divisão dos indivíduos por território igualitário e uma força militar.

Assim, a emancipação do proletariado por meio da classe operária é o que resume o Estado em Marx, fazendo com que a base produtiva, por meio dos meios de produção, se realizaria pelo trabalho livremente associado, ou seja, o comunismo. Por consequência, tal Estado ambiciona as classes sociais, orientando a produção e de acordo com os interesses humanos.

3. O comportamento humano e a psicanálise

O INCONSCIENTE:

“Poetas e filósofos descobriram o inconsciente antes de mim; o que eu descobri foi o método científico de estudá-lo.” – Sigmund Freud.

No estudo da psicologia, o conceito de inconsciente é considerado um dos mais intrigantes, justamente por aparentar conter as experiências individuais acerca da realidade, e também estar, ao mesmo tempo, fora de nossa percepção e controle. Esse espaço de armazenamento fascinava o neurologista e psiquiatra austríaco, Sigmund Freud, fazendo-o se interessar pelo que parecia estar fora de nosso alcance. Pioneiro acerca do tema racionalmente incompreensível o trabalho de Freud popularizou a ideia do inconsciente mental.

Ao conhecer o trabalho de Jean-Martin Charcot - neurologista francês que buscava tratar seus pacientes pelo uso da hipnose -, em 1885, Freud foi assim apresentado ao mundo do inconsciente. Essa possibilidade de tratamento se deu a partir da descoberta do próprio Charcot, que considerava a causa dos distúrbios mentais como anormalidades do sistema nervoso.

Freud conheceu em seguida, Josef Beuer, um médico que observara uma possível e significativa redução dos sintomas usando a hipnose como mecanismo facilitador de acesso aos eventos traumáticos de cada paciente em ques-

tão. Levando-os à conclusão de que o desaparecimento dos sintomas era causado pela conscientização das memórias ocultas, à publicação da obra “Estudo sobre a histeria” em 1895 e ao desenvolvimento de um tratamento psicológico baseado em diferentes formas de distúrbios mentais, como os medos irracionais, a angústia, a histeria, as paralisias, as dores imaginárias, as paranoias, entre outros.

Diferentemente do que popularmente se conhece, Freud afirmava que a mente operacional – o estado ativo da consciência da qual estamos diretamente cientes – é apenas uma fração mínima do total atuante da nossa realidade psicológica. Sobre um nível superficial está o consciente, onde se encontram também as dimensões do inconsciente, que por sua vez dita os estados e comportamentos cognitivos, controlando o comportamento racional dos indivíduos. Para Freud, tudo o que faz parte da consciência esteve, em algum dado momento, nas profundezas da inconsciência; porém, muito do pensamento irracional lá está, e permanecerá. As memórias que somos capazes de trazer para a consciência a qualquer momento habitam uma parte chamada de “pré-consciente”; enquanto as memórias poderosas e dolorosas demais estão, de alguma forma, além da capacidade de processamento racional e, assim, são armazenadas na inconsciência individual.

Um dos fundadores da “nova psicologia” do século

XIX, o psicólogo Ernst Brucke, foi uma grande influência para Freud, ao afirmar que como todos os organismos vivos, o humano é um sistema de energia na sua essência, comportando-se assim, pelo “Princípio de Conservação de Energia”. Freud aplicou o mesmo raciocínio aos processos mentais, criando assim um conceito de “energia psíquica”, que sofre transmissão, conservação ou transformação, mas jamais destruição. Temos, portanto, o pensamento considerado rejeitado pela mente consciente - um trauma de infância, um desejo inaceitável ou ideias que de alguma maneira ameaçariam o bem-estar dos indivíduos em questão - a qual o redirecionaria, em um processo que Freud denomina como “recalque”, para a inconsciência.

Chamamos de pulsões instintivas biológicas aquelas que orientam o comportamento humano e direcionam as opções que prometem satisfazer as necessidades básicas, residindo dentro do inconsciente e garantindo a sobrevivência da espécie, como a necessidade de encontrar comida, água, calor, abrigo e companhia, assim como o desejo sexual. Mas em contrapartida, Freud afirma também a existência de uma pulsão contraditória, a pulsão da morte, sendo autodestrutiva, movendo-nos para a “frente”, ou seja, em direção à morte. Assim para Freud, o inconsciente abriga, além da força das pulsões de vida ou de morte, outras forças conflitantes, assim como a intensidade das memórias e das emoções recalçadas e as contradições à nossa compreensão da realidade consciente, interposta pela realidade reprimida. Segundo o neurologista, o conflito psicológico surge pela contradição das forças subjacentes, assim, ao sofrimento humano.

O ID, EGO E SUPEREGO:

Em seus trabalhos, Freud acreditava em uma nova estrutura de controle mental: o ID, o ego e o superego. O ID, constituído pelos impulsos primitivos, obedece ao “Princípio do Prazer”, sendo assim, o desejo imediato, é a parte mais primitiva e menos acessível da personalidade humana e individual. Freud afirmava que o ID “[...] é um caldeirão cheio de excitações fervescentes [...], desconhece o julgamento, os valores, o bem e o mal, a moralidade.” (Freud, 1933, p. 74.). Preocupado em reduzir a tensão mediante a busca do prazer, evitando a dor, o ID contém a energia psíquica básica do indivíduo, ou seja, a libido. Porém, para manter um nível confortável de tensão, é necessário interagir com o mundo real, ou seja, estabelecer alguma espécie de ligação adequada entre as demandas do ID e a realidade que nos cerca.

Em simultaneidade, o ego atua sobre o comando do “Princípio da Realidade”, segundo o qual não se pode ter tudo aquilo que se deseja, considerando o mundo em que se vive. Assim, o ego busca negociar com o ID, encontrando maneiras, de certa forma, mais sensatas de se obter aquilo que deseja, com os menores danos possíveis. Agindo assim como um mediador, um facilitador da interação do ID com as circunstâncias do mundo externo, o ego representa a racionalidade, contraposta à paixão e ao desejo irracional do ID. Freud comparava o ego e o ID, como um cavaleiro

montado em um cavalo, respectivamente. O cavalo fornece energia para mover o cavaleiro pela trilha, mas a força do animal deve ser conduzida pelo próprio cavaleiro, se não este deixa de existir.

O superego, por sua vez, sendo a terceira parte criada por Freud e é o que controla o ego, sendo a voz internalizada do código moral da sociedade, ou até dos pais, mostrando-se como instância de julgamento, uma fonte de consciência, culpa e vergonha. Desenvolvido desde o início da vida, o superego é o conjunto das regras ensinadas e assimiladas pelo indivíduo, mediante o sistema de recompensas e punições que representa, assim, a moralidade individual de acordo com o seu aprendizado ao longo da vida, o superego é descrito por Freud como o “[...] defensor da luta em busca da perfeição – o superego é, resumindo, o máximo assimilado psicologicamente pelo indivíduo do que é considerado o lado superior da vida humana.” (Freud, 1933, p. 67.).

Freud imaginava a constante luta dentro da personalidade do indivíduo, quando o ego é pressionado pelas forças contrárias existentes, tenta retardar os ímpetos agressivos do ID, percebendo e manipulando a realidade para aliviar a tensão resultante e lidando com a busca do superego pela perfeição. Assim, dizia que quando o ego é pressionado demais, o resultado é uma condição de ansiedade humana.

O COMPORTAMENTO:

Definido como um conjunto de reações de um sistema dinâmico, de acordo com as interações e renovações que são responsáveis pelo meio que os indivíduos estão envolvidos, o comportamento se divide em categorias, assim como o comportamento social, comportamento informacional, entre outros. Dois dos tipos mais importantes para se entender o conceito de comportamento são o comportamento instintivo e o comportamento cultural. O comportamento instintivo não se dá por meio da aprendizagem, muito pelo contrário, o indivíduo parece nascer sabendo as instruções básicas de como sobreviver em meio; já o comportamento cultural é um comportamento social e que precisa de convivência para aprender e adquirir informações importantes para a sobrevivência.

Em relação à teoria de sistemas, o comportamento nada mais é do que uma resposta a um estímulo que envolve, essencialmente, instintos e hábitos aprendidos culturalmente. Logo, o ser humano vive constantemente recebendo estímulos do meio em que se vive, e assim, passa a interagir com o seu comportamento, variando de pessoa para pessoa. Pode-se chamar a ambos os comportamentos, respectivamente, de: respondente, ou seja, o comportamento involuntário, ou seja, as ações físicas do corpo; e operante, ou seja, o comportamento voluntário.

O EMPIRISMO DE JOHN LOCKE:

De certa forma, John Locke interessado em estudar o processo de obtenção de saberes e a sua importância para a educação humana, o caracterizava como algo construído ao longo do tempo. Dado de acordo com as experiências,

que são a fonte do conhecimento do homem desenvolvido pela razão, Locke dizia que o conhecimento não pode se dar por meio de deduções ou especulações, descartando assim, a fé divina.

Afirmava que a mente do indivíduo, ao nascer, se apresenta como uma folha em branco, sem dominar nenhuma forma de conhecimento concreto. Assim, somente ao longo do tempo, somos capazes de armazenar experiências pessoais, estas que por sua vez, ao se juntar montam os conhecimentos e as personalidades do próprio. Portanto, Locke dizia que todas as pessoas nascem sem saber absolutamente nada, e que aprendem pela experiência, pela tentativa e pelo erro, ideia que é considerada como base para o “behaviorismo”, mais conhecido também, como comportamentalismo.

O COMPORTAMENTALISMO:

O comportamento como algo congênito, que nasce com o indivíduo, pode ser alterado de acordo com uma visão antropológica cultural, que diz que a cultura social é capaz de reprimir ou alterar certos comportamentos “naturais”. John Broadus Watson, psicólogo americano, com a intenção de tornar a psicologia científica mais distante do estruturalismo - corrente de pensamento que inspirou o modelo da linguística, apreendendo a realidade social como um conjunto formal de relações – e do funcionalismo – corrente de pensamento que procura explicar aspectos da sociedade

em função das ações realizadas pelas instituições – iniciou um movimento chamado “comportamentalismo”.

Essa teoria nada mais diz que o comportamento é definido por meio das unidades analíticas, respostas e estímulos, datadas e apuradas pelos métodos da análise de comportamento. Na concepção de Watson, a vida mental manifesta-se por meio dos atos, gestos, expressões, realizações, atitudes ou qualquer reação do homem aos estímulos do meio em que se vive. Dessa forma, é possível observar as manifestações e deixar de lado o método introspectivo, para se utilizar da extrospecção, ou seja, na observação do exterior.

Os praticantes atuais da teoria consideram o organismo e as diferenças comportamentais que acontecem como dependentes da situação, do decorrer da história e das escolhas de cada indivíduo. Assim, o estado individual interfere na resposta emitida à frente de determinado estímulo, podendo ser reações psíquicas ou fisiológicas. Para os teóricos, as reações fisiológicas formam parte do comportamento, sendo assim definido como as respostas do organismo que têm um sentido, generalizados a todos os indivíduos de um certo grupo em questão. Já as reações psíquicas são os comportamentos adquiridos, mutáveis e caracterizados por reações diferentes, mesmo se tratando do mesmo estímulo e de indivíduos da mesma espécie. Esse tipo de comportamento vai se instalando na personalidade de cada indivíduo ao decorrer de sua vida, normalmente, proporcionado de sentido de cada um.

4. O poder como relação

A MICROFÍSICA DO PODER:

Para chegar ao entendimento da microfísica do poder, é preciso mapear as forças sociais, para assim evidenciar as relações de força que permeiam a vida humana. A análise do conceito identifica-o como o local de onde se emanam as cordas determinantes das correlações atuantes das forças que constituem a organização da sociedade; já um conceito mais genérico do mesmo é a capacidade de realizar qualquer ato ou ação, superando qualquer tipo de oposição por meio da força, não necessariamente física. Portanto, a questão do poder passa a apresentar uma grande importância política, uma vez que os assuntos humanos são colocados na análise do conjunto social.

Em perspectiva, o poder é caracterizado como uma força diluída pela estrutura social que se ocupa de uma forma heterogênea e de localizações determinantemente específicas – os parlamentos, os soberanos despóticos, as forças armadas, as instituições burocráticas, entre outras – de tal forma que, por consequência, determina locais com a ausência de poder. A teoria da “soma zero” chega a um equilíbrio da dinâmica social, uma vez que, ao somar os poderes existentes de alguns locais com os poderes inexistentes de outros, regulamenta-se a estrutura social. Ao afirmar uma dissolução homogênea do poder, se equipara a afirmar a

sua completa desterritorialização, ou seja, onde existe poder em todo lugar, não existe poder em lugar algum.

O CONTROLE SOCIAL

“Chamamos de controle social, os mecanismos materiais e simbólicos, disponíveis em uma dada sociedade, que visam eliminar ou diminuir as formas de comportamentos desviantes individuais ou coletivas.” (COSTA, Cristina. *Sociologia: Introdução à ciência da sociedade*. 3ª ed. São Paulo: Moderna.)

De forma geral, a expressão “controle social” é empregada para designar os mecanismos que estabelecem uma ordem social diante da sociedade, submetendo seus indivíduos a determinados padrões e princípios. Para o funcionamento de uma estrutura social, há de existir, primeiramente, sua organização que visa garantir uma melhor convivência em sociedade por meio de valores e conceitos já pré-estabelecidos. Assim, o conceito não é, na sua essência, ruim. Porém, por ter um significado bastante abstrato, quando praticado, pode ser facilmente mal aplicado. Foge de sua essência saudável, portanto, quando existe um uso excessivo dos mecanismos de controle para beneficiar certo grupo acima de qualquer outro, na sociedade em questão. Fazem parte desses mecanismos de controle, a socialização e a introjeção

de normas, valores, leis e regras previstas principalmente pela educação formal e informal, que geram uma sincronização dos indivíduos em relação a vários aspectos. É possível destacar que o seu significado é ambíguo, já que pode variar em sentidos diferentes de acordo com as concepções de sociedade política, através da educação formal, e de sociedade civil, através da educação informal.

A possibilidade conformativa dos mecanismos de controle social se baseia na interdependência essencial das relações sociais entre os indivíduos. Sem essa reciprocidade, característica da vida social, os agentes não teriam poder sobre o comportamento individual, uma vez que dá um caráter social às reações sobre as ações desviantes. Assim, o poder passa a ser centralizado nas mãos de poucos – agentes – o que lhes dá maior reconhecimento por parte dos menos privilegiados, que são também, ironicamente, mais leigos, ingênuos e influenciáveis. A socióloga Cristina Costa explica:

“Os processos de orientação das expectativas, os modelos sociais, as mensagens subliminares, os processos de valorização, do comportamento individual e as regras de ascensão social são alguns dos mais eficientes mecanismos de controle social. Quando todos esses falham, ou quando, em decorrência da ambiguidade natural das mensagens sociais, o desvio ocorre, as formas instituídas de punição tendem a reafirmar os padrões da sociedade. A perda de benefícios e da liberdade, o confinamento, a segregação e a discriminação são alguns dos mecanismos de controle social.” (COSTA, Cristina. *Sociologia: Introdução à ciência da sociedade*. 3ª ed. São Paulo: Moderna.)

Busca-se, além disso, a descoberta dos mecanismos internos da psique que são responsáveis pela aceitação e pela conformidade do indivíduo aos padrões em uma dada sociedade. Para isso, o pai da psicanálise, Sigmund Freud, identificou o superego como o mecanismo de controle internalizado, onde são armazenados os valores sociais; assim, ao mesmo tempo que é responsável pela censura, também é responsável pelos impulsos e desejos individuais desviantes do comportamento sincronizado.

A EDUCAÇÃO FORMAL E INFORMAL:

Entendida como um processo de desenvolvimento da capacidade intelectual do ser humano, a educação formal tem um significado amplo, porém quase sempre associado a instituição de ensino que conhecemos – a escola – como reconhecimento oficial. A instituição em si, antiga de origem, ligada ao desenvolvimento direto de nossa civilização e ao acúmulo de conhecimento por ela gerada. A antiguidade da educação formal evidencia a solidez e estabilidade da instituição e a sua permanência como espaço físico onde se transmite conhecimento. O seu surgimento nas civilizações modernas decorre da necessidade de preservar e garantir o legado do acervo cultural continuamente gerado pelo homem ao longo de sua história. Assim, pela grande quantidade de informações a aprender, dividiram-se e ordenaram-se os conteúdos separadamente em áreas

distintas. Embora a educação não fosse restrita ao espaço físico da escola, a transmissão regular do conhecimento foi, ao longo do tempo, caracterizada como prática da instituição, e assim, cria-se o conceito encontrado nas sociedades consideradas civilizadas hoje em dia.

Mesmo nas instituições consideradas culturalmente avançadas a educação nunca foi produto fixo da instituição, tendo também uma grande importância no meio familiar e social. Assim chamamos a educação informal, ou conhecida também como a escola da vida, incluindo ensinamentos como, a língua materna, as tarefas domésticas, andar, entre outros. Sem horários e espaço físico, a educação informal é considerada como o compartilhamento de informações socioculturais, dadas por meio das interações espontâneas, as quais se baseiam no interesse pessoal. Logo, a educação, em geral, prepara o indivíduo para conviver em civilidade, ensinando-lhe tolerância e respeito, uma vez que age como mecanismo social, promovendo a humanidade.

- CONCEPÇÃO DE KANT -

Immanuel Kant, como projeto de estudo, separa os conceitos de educação em conhecimento formal e conhecimento material. A filosofia do formal se baseia na lógica, abordando a razão e o pensamento propriamente ditos, sem contar com a parte da essência humana; já a do material, baseia-se nos objetos de leis e normas às quais os indivíduos de dada sociedade estão submetidos. Já dentro do conhecimento material, Kant diferenciou também as filosofias baseadas em princípios de experiência, conhecida como conhecimento empírico e antropologia prática; ou as filosofias baseadas e teorias extraídas do uso da lógica pura, ou seja, de princípios “a priori”, chamadas de metafísica ou moral.

MICHEL FOUCAULT:

No final do século XX, o filósofo Michel Foucault (1926 – 1984) destinou-se a escrever uma tese baseada no controle do corpo e da mente e do poder exercido sobre eles pelo controle social. O filósofo explicava que tais organizações conformam seus indivíduos às instituições e seus funcionamentos, como forma de controlá-los. Assim, pode-se afirmar que a sociedade moderna se constitui de um sistema de poder baseado no controle e na submissão dos corpos, por meio de práticas disciplinares pré-estabelecidas.

Em sua tese, o filósofo afirmava que logo nos séculos XVII e XVIII, iniciou-se um período denominado por ele, como “o momento das disciplinas”, em que as instituições e organizações públicas se utilizavam do poder da vigilância para criar corpos submissos. Tal submissão se apresentaria pela sujeição implantada em cada indivíduo, os quais se sentiriam observados. Criou-se, então, um modelo arquitetônico para idear-se aos conceitos de Foucault: o “panóptico”; cujo objetivo é a vigilância geral e total dos corpos. Para tal observação sistemática, o “panóptico” se apresenta de forma circular, com uma torre ao centro, cujo interior deve se manter invisível ao olhar externo. Isso, para que não haja a necessidade de um vigia, uma vez que ape-

nas a ideia de ser observado e monitorado, é suficiente para manter os corpos disciplinados; cria-se um exercício de subordinação espontânea.

Foucault escreve que o “panóptico” representa:

“Um olhar que vigia e que cada um, sentindo o peso sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá esta vigilância sobre e contra si mesmo.” (FOUCAULT, M. “Vigiar e Punir”, 2004 a. pág. 218).

O controle do indivíduo no espaço, para os foucaultianos, é orientado pela separação, com a finalidade de evitar a formação de grupos, facilitar o controle das frequências e das ausências, assim como determinar suas localizações, hierarquicamente controladas nas instituições. Segundo Foucault, portanto, o controle e a vigilância do indivíduo, no espaço e no tempo, são estratégias para garantir a docilização dele mesmo.

Para ele, então, todas as instituições procuram disciplinar os indivíduos, desde seu nascimento, onde o fundamental se estipula na distribuição, na vigilância, no ades- tramento em espaços determinados.

- OS PRINCÍPIOS DE PODER –

Em “Vontade de Saber”, Foucault apresenta os cinco princípios que possibilitam a compreensão da noção de poder que permitem uma visão abrangente.

1. O poder se exerce: o poder é um ato, algo que se pratica e/ou se sofre. Sendo assim, o poder é absolutamente material e característico às relações humanas.
2. As relações de poder são imanentes: o poder não está em nenhum tipo de superestrutura, como mecanismo ideológico. As relações de poder emanam das próprias relações sociais, econômicas, políticas, familiares, entre outras.
3. O poder vem de baixo: não podemos compreender os mecanismos do poder pelo esquema simplista da relação entre o dominador e o dominado. O poder vem

da própria relação, e ambos – dominador e dominado – são agentes e pacientes do poder.

4. As relações de poder são intencionais: o poder é estratégico, ou seja, tem sempre suas metas e seus objetivos, estando dirigido por uma intenção.
5. Se há poder, há resistência: de acordo com a teoria da ação e reação, o exercício do poder, implica sempre em uma resistência, isso é, em um poder opositor. Ninguém pode exercer um poder sem imposição, do mesmo modo que ninguém é apenas passivo nas relações de poder.

1984:

A obra retrata uma sociedade onde o Estado, em questão, se impõe sobre todas as esferas da sociedade, influenciando a história de seu povo e de seu passado, desenvolvendo um novo idioma além de oprimir e torturar opositores do regime. O fluxo de informação na obra se dá por meio da “teletela”, uma espécie de monitor instalado por toda a cidade, inclusive dentro das casas que tem como objetivo, vigiar a tudo e a todos, por meio de rádios e cartazes; elementos presentes em todos os momentos, impostos a todos que os cercam. Todo tipo de produção e divulgação da informação é controlado pelo sistema governamental, assim sendo importante perceber as técnicas de criação das notícias, da distorção e da omissão das informações repassadas.

Winston Smith, personagem principal da obra, é funcionário de um dos Ministérios do Governo, que é responsável pela alteração das informações já publicadas em jornais antigos, para assim redivulgá-las de maneira mais “correta”. “A mentira torna-se verdade e depois mentira outra vez”, afirma Winston, de forma a deixar claro que as informações são manipuladas de acordo com a vontade do Estado manipulador e autoritário, mesmo que essa vontade seja de constante contravenção. Não se tem preocupação alguma com a veracidade das informações, apenas em repassar aquilo que se é permitido pelo governo.

5. Entre o universal e o neutro

OS UNIVERSAIS:

Como conceito, tradicionalmente se conhece o universal como o conjunto de noções genéricas, ideias e entidades abstratas, sendo contrárias às noções particulares relacionadas às entidades concretas. Para entender o seu significado, os conceitos de “essência” e “substância” – ambos estudados por Platão e Aristóteles, respectivamente – devem ser explicados. Para Platão, a “essência” se constitui de algo que existe por si próprio, em um mundo, superior e independente. Já Aristóteles não defende a existência de uma essência, coloca o indivíduo como uma substância primária, antecedendo qualquer coisa e conceito. Assim, entende-se como “universais” as noções de existência relativa, conceitos dependentes aos indivíduos, que se classificam de três maneiras: universais de significação,

universais de causalidades e universais de predicação.

Para Aristóteles, as coisas se dividem em duas categorias, sendo as universais e os particulares, essas que por sua vez, devem ser assim identificadas pelos predicamentos, buscando os seus aspectos ontológicos, seus aspectos lógicos e seus aspectos linguísticos. Logo, se algo existe, deve-se saber em sua função, de acordo com o filósofo grego: quanto, qual, relação, onde, quando, agir ou receber, sofrer, posição e ter.

Porém os “universais” viram objetos de estudo mais intensos e com maior frequência a partir do período da Idade Média, quando surge o que chamamos da “querela dos universais”. Em seu livro “*Introductio in Praedicamenta*”, Porfírio, filósofo, foi pioneiro na discussão, em meados do século III, dividindo os universais sobre diferentes pontos de vista:

o realista e o nominalista. A corrente realista acredita que a existência dos universais precede substancialmente às coisas particulares, essas sendo incompreensíveis sem o fundamento dos tais universais propriamente ditos. Já para a corrente nominalista, os universais são chamados de “abstrações totais”, apresentando-se como termos e ideias que não passam de símbolos e signos de caráter representativo, de forma posterior às coisas particulares.

SISTEMA DE ELEMENTOS – O MESMO E O OUTRO:

“Os animais se dividem em: a) pertencentes ao impecador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pelo de camelo, l) *et cetera*, m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas.” – Jorge Luís Borges.

O fragmento imaginário de Borges causa perturbação nos leitores, por apresentar uma situação de desamparo e de mal-estar, uma vez que ele confronta a realidade com classificações insustentáveis e completamente estranhas ao raciocínio lógico humano de pensamento. Podemos certificar que, além de causar espanto, o trecho leva ao pensamento de que a melhor das hipóteses de instaurar a significação no caos, é o estabelecimento de uma ordem e classificação. Isso posto, se dá a criação do que chamamos de “sistema dos elementos”, que se mostra indispensável para o entendimento e composição da mais simples ordem.

Michel Foucault, em sua obra *“Les Mots et les Choses”*, publicada em 1966, declara o trecho de Borges como um texto que “sacode a sua leitura, todas as familiaridades do pensamento – do nosso pensamento, do pensamento que tem a nossa idade e a nossa geografia – abalando todas as superfícies ordenadas e todos os planos que tornam sensata para nós a população dos seres, fazendo vacilar e inquietando por longo tempo a nossa prática milenária do Mesmo e do Outro. ”. Para conceituar o “mesmo” e o “outro”, aqui segue outro trecho de Foucault:

“A história da loucura seria a história do Outro [...]; e a história da ordem das coisas seria a história do Mesmo [...].” – Michel Foucault.

Como conceitos opostos, o outro e o mesmo representam respectivamente: o oposto, aquilo que uma dada cultura considera estranho, diferente, um elemento desconhecido; e o universal, aquilo que é considerado semelhante.

De certa forma, dividimos os códigos da sociedade entre os códigos fundamentais de dada cultura – que regem a linguagem, as trocas, as técnicas, valores, hierarquia, entre outros – que determina as ordens empíricas e culturais, e os códigos científicos de dada cultura que, em geral, explicam o sistema de elementos, ou seja, as ordens instintivas. Porém, passa a se suspeitar de que as determinadas ordens

dos elementos não sejam as únicas formas possíveis de se classificar os códigos sociais, uma vez que existe uma zona situada em meados dos códigos fundamentais e dos códigos científicos, que por consequência, não seguem o padrão de nenhum dos dois. Então, é entre o olhar codificado e o conhecimento reflexivo que a teoria geral da organização das coisas se situa, na região intermediária, segundo as culturas e as épocas, ligada ao espaço e formada pelo tempo.

A ALTERIDADE NO OUTRO:

A alteridade significa o que podemos chamar de o “não-eu” e por isso se opõe à identidade, como referência ou condição daquilo que é o “outro”, sendo assim, fundamental para a sua concepção, como condição básica da associação entre as ideias. Apresentada por Platão, como um dos seus cinco gêneros supremos, o conceito recusa a identificação do ser como identidade, assim fundamentando-se em um emaranhado de conceitos e ideias divergentes. Já para Hegel, a alteridade é concebida como “qualquer coisa”, determinando assim o que está relacionado com o estrangeiro e que forma o conceito de “outro”.

Um dos pensadores que mencionou a questão da alteridade, foi Francisco de Vitória (1483 – 1546) um teólogo espanhol que, ao questionar os direitos da conquista dos europeus, colocou em discussão a liberdade natural dos indígenas colonizados, defendendo de certa forma seus direitos – de cultivo, culturais, de línguas, de ir e vir, e de lutar pelas suas propriedades -, definindo assim, a percepção da existência de um relativismo cultural mundial. Esse, por sua vez, entende-se pelo entendimento da existência de diferentes sistemas culturais e sociológicos sem uma visão etnocêntrica vigente, ou seja, sem um conceito já previamente estabelecido. De tal forma, foi possível identificar as noções de superioridade e submissão como relativas, sendo assim imprescindível para a compreensão da alteridade, um pensamento reflexivo, contrapondo as visões dos dois lados, ou seja, do eu-outro e do outro-eu.

O NEUTRO:

“O que eu toda não conhecia – era o neutro. E o neutro era a vida que eu antes chamava de o nada.” – Clarice Lispector.

Para entender o conceito em si, Roland Barthes (1915 – 1980), filósofo, sociólogo, escritor, semiólogo e crítico literário definia o “neutro” como aquilo que burla o paradigma, ou melhor, tudo o que burla o paradigma. Os paradigmas podem ser entendidos pelas representações de um padrão, uma referência inicial como base para um exemplo típico de um modelo de algo. Assim, pode-se pensar no conceito como algo sem explicação, que simplesmente é, como sinônimo do vazio, do nada, do silêncio, do indeterminado; como “um modelo de procurar – de modo livre – meu próprio estilo de presença nas lutas de meu tempo. ”, para Barthes.

6. O existencialismo

A CORRENTE FILOSÓFICA

A vertente filosófica do Existencialismo nasce no século XIX, em um cenário de pós-Segunda Guerra Mundial, dando ênfase à responsabilidade do seu destino e do seu livre-arbítrio, reafirmando assim a importância da liberdade e da individualidade humana. Propõe, como movimento, que a vida humana é uma jornada de alcance gradativo de conhecimento sobre o sentido de cada um em particular e, por essa razão, mais importante do que a natureza humana.

Para os existencialistas, a existência tem uma prioridade sobre a essência humana, portanto, o homem tem como sentido primordial a sua existência, antes de qualquer predefinição de seu ser. Propõe que o homem não nasce com um propósito determinado, mas que tal se constrói à medida que o homem percorre a vida, em sua caminhada existencial. Logo, o indivíduo particular é o único responsável por dar à vida significado, em manter-se de maneira estável, apesar dos obstáculos, como o desespero, o absurdo, a alienação, o tédio, a ansiedade, entre outros. Assim não é possível atingir o porquê de tudo que ocorre na esfera humana, pois não se pode racionalizar o mundo como os humanos o conhecem. Assim sendo, não existe uma essência natural humana que determina o homem, mas ele a constrói a partir de escolhas feitas, a partir de seus desejos e vontades.

A angústia existencial se dá a partir do fato de que não se pode compreender e conceder um sentido da existência, restando assim, a liberdade humana. Assim, vive-se em uma constante angústia social de ter de fazer escolhas ao todo instante, pois cada escolha passa a influenciar diretamente no que aquele homem se constitui e constrói. Portanto, para essa corrente de pensamento, a angústia é um reflexo direto da liberdade humana, da ampla possibilidade e da responsabilidade atribuída a cada seleção.

Assim, o existencialismo nada mais ampara do que a responsabilidade humana de se construir, sem desculpas ou justificativas, uma vez que o humano é lançado no mundo com o objetivo de se auto-inventar, sem se apoiar em uma definição anterior.

O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO:

“O homem não é senão o seu projeto, só existe na medida em que se realiza, não é, portanto, nada mais do que o conjunto de seus atos, nada mais do que a sua vida.” – Jean Paul Sartre.

“O Existencialismo é um Humanismo”, obra escrita em Paris, 1946, por Jean-Paul Sartre mais do que explica a sua ideologia, mas também a defende de diversas acusações da época. O existencialismo era acusado, principalmente, de incentivar as pessoas a se manterem no “quietismo” de desespero, uma vez que o movimento realça a infâmia humana e nega a realidade divina, suprimindo Deus e outros valores, fazendo assim cada um acreditar que todos podem fazer o que lhes vier à cabeça. Sartre, afirmava que o existencialismo é o ensinamento que faz possível a existência

da vida humana e declarava também que toda ação implica um meio e uma subjetividade por trás.

Sartre explicava “a existência precede à essência”, ou seja, o humano não é um projeto pensado “a priori”, mas sim um criado “a posteriori”, o que indica que primeiro existimos e depois definimos nossa essência da vida. Por mais que Sartre afirmava existir dois tipos de existencialistas - aqueles que se declaram cristãos e outros que se declaram ateus -, criticava de forma forte o existencialismo cristão, uma vez que a corrente acredita em Deus como o criador de tudo, um artifício superior aos humanos cuja vontade é o que os torna possíveis, assim sendo impossível acreditar na essência precedendo a existência. Defendia, portanto, a corrente do existencialismo que se declara ateu, ou seja, que não acredita na figura de nenhum deus:

“O existencialismo ateu, que eu represento é mais coerente. Declara ele que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que exige antes de poder ser definido por qualquer conceito, e que este ser é o homem ou, com diz Heidegger, a realidade humana. Que significará aqui o dizer-se que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiro existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeira não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio fizer. Assim, não há natureza humana, visto que não há Deus para a conceber. O homem é, não apenas como se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é nada mais que o que ele faz.” (SARTRE, Jean Paul (1970). *L'Existentialisme est un Humanisme*)

O primeiro princípio do existencialismo é conhecido como a subjetividade que deixa opções de escolhas para o homem e o deixa no controle da própria vida. Não havia outra verdade para Sartre senão “penso, logo existo”, afirmando assim que a verdade absoluta é alcançada pela consciência humana. Afirmava que o homem não é apenas responsável pela sua individualidade, mas responsável também por todos os homens que o cercam. Interpretava então, o termo “subjetivismo” como a escolha do sujeito individual, ou por outro lado, a inviável passagem da subjetividade humana, ou seja, a impossibilidade do homem de ter uma escolha pessoal pura e simples, dando ao indivíduo o dever de ter, como referência de sua escolha, o outro. Assim, a responsabilidade humana é muito maior do que se pode supor, porque envolve não só o indivíduo em particular, mas sim a humanidade toda.

“O homem é, antes de mais nada, um projeto que se vive subjetivamente, em vez de ser um creme, qualquer coisa podre ou uma couve-flor; nada existe anteriormente a este projeto; nada há no céu inteligível, o homem será antes mais o que tiver projetado ser. Não

o que ele quiser. Porque o que entendemos vulgarmente por querer é uma decisão consciente, e que, para a maior parte de nós, é posterior á aquilo que ele próprio se fez. Posso querer então, aderir a um partido, escrever um livro, casar-me; tudo isso não é mais do que a manifestação duma escolha mais originar, mais espontânea do que o que se chama vontade. Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir total responsabilidade da sua existência. ” (SARTRE, Jean Paul (1970). L'Existentialisme est un Humanisme)

Toda essa carga, afirmava Sartre, que deve provocar angústias, desespero, abandono, desamparo, entre outras, no homem, uma vez que descobre escolher pela humanidade como um todo. A angústia existencialista difere do significado emocionalmente estabelecido, uma vez que o humano se sente angustiado quando se depara com as possibilida-

des que tem de operar as suas escolhas, pois logo após realizá-las, tem consciência de que decidiu não apenas por ele mesmo, mas por toda a humanidade. Assim, ao esquivar-se da condição de responsabilidade humana, Sartre o definia como um sujeito de má fé, uma vez que a angústia proporciona a condição da ação orientada pelas possibilidades. O desamparo, por sua vez, é identificado pelo fato de que não se tem Deus, ou uma natureza humana determinada, implicando a escolha humana como a principal. Assim, não se tem uma desculpa ou uma força superior para agarrar em momentos angustiados. No existencialismo para o filósofo, mesmo quando o humano decide não escolher, ou seja, ser indiferente, ele também está realizando uma decisão.

Para Sartre, o existencialismo é um humanismo quando visto que o homem sozinho, não existindo nenhuma outra figura para legislar, além dele próprio, e assim projetando-se fora de si, criando e inventando escolhas da humanidade, para entender não apenas o seu universo, mas como o universo da subjetividade.

7. A Revolução Industrial

O MOVIMENTO:

“A Revolução Industrial foi a criação de um sistema fabril mecanizado, que produz em quantidades tão grandes a um custo tão rapidamente decrescente a ponto de não mais depender da demanda existente, mas de criar o seu próprio mercado. ” – Eric Hobsbawm

Como um conjunto de mudanças que ocorreram na Europa nos séculos XVIII e XIX, o movimento foi a principal substituição do trabalho artesanal pelo trabalho assalariado com o auxílio de máquinas. A Inglaterra foi pioneira nesse processo devido a fatores que ajudaram a sua repercussão: a existência de uma burguesia rica, uma zona de livre comércio, a localização privilegiada, o êxodo rural, a grande quantidade de carvão, entre outras.

O sistema fabril mecanizado acabou com a possibilidade existencial e de sustentação da pequena oficina artesanal, caracterizada pelo seu modo de produção feudal. Local onde o operário trabalhava manualmente, com suas próprias ferramentas, em seu próprio tempo designado, não superou a concorrência imposta pelo novo modelo fabril, de forma que os artesãos foram mais do que obrigados a abandonar tais oficinas e a procurar trabalho nas fábricas. Os meios mecânicos que promoveram, então, a produção em larga escala, exigiu uma maior concentração de trabalhadores em grandes unidades de produção, ou seja, as fábricas.

Nelas foi consagrado o princípio da divisão do trabalho, ou seja, um sistema que permitiu um menor tempo de produção, onde cada trabalhador realiza apenas uma parte do processo de produção, na qual se especializa, assim se alienando. A alienação nessa época era tanta, que se perguntado como produzia o seu produto, o trabalhador não saberia res-

ponder, uma vez que só conhecia a sua etapa de produção.

Podemos identificar três etapas revolucionárias:

1. Entre 1760 e 1860; Revolução Industrial limitou-se à Inglaterra. Indústrias de tecido e de algodão apareceram, com o uso do tear mecânico, e as máquinas a vapor contribuíram para a continuação do movimento.
2. Entre 1860 e 1900; Revolução Industrial se espalhou por outros países da Europa, como França, Itália, Alemanha, entre outros. A utilização do aço, da energia elétrica e dos combustíveis derivados do petróleo permitiu a invenção do motor, da locomotiva e dos produtos químicos.
3. Entre 1900 até os dias atuais; o computador, a engenharia genética, o celular e outros mecanismos tecnológicos foram criados.

A consolidação do capitalismo foi estabelecida pelas reformas que tiraram a economia do domínio do Estado, mais conhecidas como regras do liberalismo econômico. Dessa forma, o sistema capitalista foi consolidado, e caracterizado pelo acúmulo de capital, propriedade privada e obtenção de lucro a partir do trabalho assalariado. A concentração de capital encorajou a livre concorrência das empresas, em que as mais ricas se sobrepujaram às mais fracas, monopolizando o mercado. Logo, viu-se cada vez mais a exploração do operário urbano.

GILLES DELEUZE:

Após a segunda metade do século XX, filósofo francês Gilles Deleuze (1925 – 1995), formulou a teoria de que as “sociedades disciplinares” deram lugar a sua nova ordem social, à qual denominou “sociedade de controle”. No

período pós Segunda Guerra Mundial, surgiram forças na sociedade, ligadas principalmente às inovações tecnológicas consequentes do novo mundo capitalista, que estabeleceram um novo meio de controle social da modernidade. Sendo aprimorados, e cada vez mais resistentes, os mecanismos de vigilância passaram a ser objeto de monitoração geral e deixaram de ser institucionais.

O conceito de Deleuze pode ser visto como uma derivação do conceito de Foucault; porém, a diferença reza, respectivamente, no momento em que um controle atua sobre a esfera local, e sobre instituições e organizações; enquanto o outro

atua sobre o âmbito local todos os campos da vida social do indivíduo, não havendo mais espaço restrito para que o poder se faça sentir; mas pelo contrário, se faz presente em todos os lugares, sendo assim, imperceptível ao olhar comum.

A sociedade de controle está aparecendo lentamente e alguns de seus indícios já são perceptíveis pelo olhar humano. Nela, são usadas formas de controle, como métodos de curto prazo e de rotação rápida, mais contínuos e ilimitados, permanentes e de comunicação espontânea. Assim, como não se tem um espaço definido, podem e devem ser exercidos em qualquer lugar.

8. As consequências da modernidade

ZYGMUNT BAUMAN:

Pensador polonês de grande vigor intelectual, Zygmunt Bauman (1925 -) associa a sua escrita argumentativa, a profundidade e a beleza retórica. De acordo com a sua análise, Bauman diz que os valores de nossa cultura ocidental, diluem-se como a água que escorre em nossas mãos, sem que sejamos capazes de detê-las. Uma vida líquida, constatada na sociedade “líquido-moderna”, é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante. O processo simbólico de liquefação dos valores mais elevados da condição humana para Bauman manifesta-se em diversos pontos da vida em sociedade, tendo como principal característica co-

mum, a incapacidade de nos relacionarmos com o “outro” de forma plena, compreendendo e aceitando por completo a sua particularidade.

Um dos sintomas mais evidentes da sociedade líquida, para Bauman, é a intolerância da massa social diante de tudo aquilo que é considerado como um desvio de conduta ou comportamento desviante. Todo tipo de comportamento ou modo de agir, ser e pensar que não segue de acordo com os mesmos princípios particulares, torna-se digno de desprezo e de indignação, até violenta. Tudo aquilo que se expressa de forma diferente, diante de nossos olhos é visto como algo extravagante que merece a reprovação imediata, para o pensador.

Conclusão

De forma difícil, concluo o trabalho concordando com a corrente existencialista quando dizem que o homem não passa de seu projeto individual, na medida em que se realiza ao longo da vida, assim sendo nada mais do que um aglomerado do conjunto de seus atos, nada mais além do que a sua vida.

A palavra autonomia vem do grego **αὐτονομία**, “onde auto”, é algo que se refere a si mesmo, e “nomia”, são as regras e normas; assim sendo a criação de regras para si mesmo, parecendo-se com o conceito de Kant: a autonomia é a capacidade humana da autodeterminação. O filósofo determinou, para aqueles que têm uma falta de capacidade de apoderar-se da própria razão, sem depender do outro, a ideia de “menoridade intelectual”.

Logo, é importante entender e estudar o processo de homogeneização do comportamento humano, que se refere ao termo “outro”, ou seja, aquele que dita o modo como uma grande parte dos indivíduos da sociedade devem agir. Para Foucault, em toda sociedade existente, encontram-se mecanismos, sendo materiais ou simbólicos, que visam reprimir comportamentos desviantes. O controle social se dá então, de acordo com discursos que compõem certas morais em cima dos indivíduos, ou seja, valores consolidados

em um grupo que busca determinar a forma como deve se comportar.

Assim, após a Revolução Industrial, pôde-se observar uma moral muito influente no comportamento humano mais conhecido como consumo. O discurso capitalista é propagado pelas grandes marcas e empresas, valorizando o comportamento individual, gerando assim cada vez mais uma sociedade de consumo, reforçando a ideia de que todos devem ascender-se socialmente. A sociedade estabelece uma forma totalmente desigual, fazendo com que todas as classes sociais almejem as mesmas coisas: o desejo de consumo. Portanto, o padrão de sucesso conhecido está na quantidade de bens acumulados, o que faz com que os indivíduos consumam mais do que necessitam, ou pior, mais do que podem pagar, buscando apenas o status do sucesso, da inclusão social.

Um dos pilares da sociedade de consumo é conhecida como a “publicidade”, que cria nos indivíduos as necessidades que, por sua vez geram uma demanda de consumo interna. A cultura do consumo propagada pelo marketing recusa-se a mostrar a profundidade do produto e valoriza apenas as aparências deles, impondo de uma forma radical, os estereótipos da beleza, do sucesso e da felicidade,

prometendo vender aqueles que tragam tais aspectos ao consumidor.

Para a continuidade do consumo, é imprescindível a presença de uma dinâmica de rotatividade e fluidez, que impeça que um produto particular seja alvo de desejo por muito tempo em uma sociedade. Assim se cria a obsolescência programada, que é a produção dos bens com a vida útil determinada, as quais rapidamente se tornam obsoletos e perdem a sua finalidade atribuída, ou seja, a felicidade do consumidor. Logo aumenta a necessidade do consumo, tornando-o constante, uma vez que os produtos passam a satisfazer os seus consumidores por um curto período de tempo. Cria-se então uma sociedade neofílica, com desejo constante pelo novo e altamente consumista.

A liberdade é um discurso muito presente na sociedade de consumo, mesmo não estando presente em nenhum de seus âmbitos. Nessa sociedade, a liberdade é configurada pela possibilidade de escolher um produto X ou Y, também se diferenciando pelas marcas. Liberdade associada ao consumo, expressa um grande paradoxo para a sociedade moderna:

“Um dos maiores paradoxos da história moderna: um sistema econômico projetado para oferecer escolha infinita ao indivíduo tenha terminado homogeneizando a humanidade” - Niall Ferguson.

Tal liberdade jamais pode ser associada ao conceito de autonomia, uma vez que não se aproxima do conceito da razão que determina o comportamento individual sem a ajuda de elementos externos. Pode-se observar o comportamento dos cidadãos baseados nas morais vigentes, os quais procuram enquadrar os estereótipos já previamente estabelecidos na sociedade.

Para o encontro da autonomia e da liberdade realmente conceitual pode-se destacar Kant, que acredita que a saída da minoridade intelectual estipulada pela sociedade de controle e sociedade de consumo atual está no esclarecimento usando a razão para construir valores e agir com au-

tonomia, fazendo-se assim uso do entendimento particular. O lema “Sapere aude”, que significa “ouse saber” é usado pelo filósofo Kant com objetivo de estimular o próprio entendimento, afirmando que os homens devem pensar e agir de forma livre e autônoma. Para isso, é necessário, porém, a ruptura do elemento externo, de forma que o indivíduo pare de ouvi-lo cegamente e passe a questioná-lo de forma particular. Para Kant, o elemento da minoridade é totalmente do indivíduo, uma vez que a causa dela não é estabelecida na falta do entendimento, mas sim no medo de não se servir da tutela do outro, do medo de não ter ajuda de um bem maior, assim como o sentimento angustiante do existencialismo.

Concluindo, os meios de controle social da modernidade exercem incontestável influência no comportamento do cidadão moderno, fazendo-o pensar e agir de forma homogênea, desconstruindo cada vez mais a individualidade de cada um; entretanto, não se pode dizer que é considerado o único responsável pela homogeneização do comportamento. É imprescindível entender que o humano tem uma característica também incontestável que é a necessidade de sentir-se em organização. Logo, cria-se uma ordem de superior e de inferior, o que os torna subordinados, sempre, a alguma coisa, seja uma entidade divina ou a um governo.

Albert Einstein afirmou que “Poucos são aqueles que veem com seus próprios olhos e sentem com seus próprios corações”, já afirmando a ideia de que grande parte da população atual se encontra em sua minoridade intelectual, não agindo de forma autônoma. Para agir de forma autônoma, então, é necessário ter ciência de quais são os mecanismos de controle social que influenciam os indivíduos a se comportarem de forma heterônoma e, a partir disso, criar os próprios valores, morais e princípios, passando cada vez mais por um processo de esclarecimento e tornando-se capaz de pensar de forma independente. Em discussão, um sujeito autônomo está em sua maioria intelectual e é capaz de se autodeterminar, ou seja, de possuir a sua individualidade por inteira.

Referências Bibliográficas

- AGUIERO, Rosemere de Almeida. (MS – 2008). Foucault e Deleuze: do Poder Disciplinar à Sociedade de Controle. Disponível em: <http://www.ibamendes.com/2011/02/foucault-e-deleuze-do-poder-disciplinar.html>. Acesso em: 8 Out. 2014.
- ARDILLES, George (set – 2004). O individualismo na cultura moderna. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/caos/georgeardilles.pdf>. Acessado em: 16 Out. 2014.
- ARON, Raymond. As Etapas do Pensamento Sociológico, São Paulo. Martins Fontes. Editora da UNB. 1987. p. 295-375. Disponível em: <http://copyfight.me/Acervo/livros/ARON,%20Raymond.%20As%20Etapas%20do%20Pensamento%20Sociolo%CC%81gico.pdf>. Acesso em: 8 Fev. 2015.
- BARTHES, Roland. O Neutro. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- Cf. ARON, R., *As etapas do pensamento sociológico*, São Paulo, Martins Fontes/Editora da UnB, 1987², p. 295-375.
- BECKER, Jonas; KRAUSE, Décio. Identidade, individualidade e quase-conjuntos. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/reic/article/viewFile/753/655>. Acesso em: 15 Set. 2014.
- BULCÃO, Marcos. Como formamos nossos valores. Disponível em: <https://marcosbulcao.wordpress.com/2010/08/17/como-formamos-nossos-valores-3-pgs/>. Acesso em: 20 Jan. 2015.
- BORGES, Jorge Luis. El idioma analítico de John Wilkins. Disponível em: <http://www.ccborges.org.ar/constelacionborges/enciclopedia/EI%20idioma%20analitico%20de%20john%20wilkins.pdf>. Acesso em: 7 Abr. 2015.
- COSTA, Cristina. *Sociologia: Introdução à ciência da sociedade*. 3ª ed. São Paulo: Moderna. Disponível em: [135](http://br.libro-</p>
</div>
<div data-bbox=)

- sintinta.in/cristina-costa-introducao-a-ciencia-da-sociedade-pdf.html. Acesso em: 3 Mar. 2015.
- COSTA, Rogério; São Paulo em perspectiva, 18(1):161-167, 2004. Sociedade de Controle. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v18n1/22238.pdf>. Acesso em: 15 Set. 2014.
- CRUZ, Priscila Aparecida Silva; FREITAS, Silviane Aparecida de. Disciplina, Controle Social e Educação Escolar: Um breve estudo à luz do pensamento de Michel Foucault. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/viewFile/1674/1422>. Acesso em: 14 Out. 2014.
- DA SERVIDÃO MODERNA, Documentário. Direção: Jean-François Brient; Victor León Fuentes. (2009) Duração de 52 minutos.
- DIAS, Reinaldo; Introdução à sociologia, 2ª edição. São Paulo, 2010. Pp 148 -156. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/3728807/introducao-a-sociologia-reinaldo-dias>. Acessado em: 12 Jan. 2015.
- DURKHEIM, Émile. As Regras do Método Sociológico. 1895. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/durkheim-c3a9-as-regras-do-mc3a9todo-sociolc3b3gico.pdf>. Acesso em: 18 Out. 2014.
- FIGHT Club. Direção: David Fincher. Produção: Art Linson; Ceán Chaffin; Ross Grayson Bell. Intérpretes: Edward Norton; Brad Pitt; Helena Borham Carter; Meat Loaf; Jared Leto e outros. Roteiro: Jim Uhls. Música: Dust Brothers.Fox, 1999. Baseado no livro "Fight Club" de Chuck Palahniuk.
- FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. P. 22. Disponível em: <http://tv.up.pt/uploads/attachment/file/318/foucault-michel-as-palavras-e-as-coisas-digitalizado.pdf>. Acesso em: 14 Dez. 2014.
- FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria (1893 -1895). Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 2. Edição Standard Brasileira.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21, p. 73-171. Edição Standard Brasileira.
- FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do ego (1921). Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18, p. 17-154. Edição Standard Brasileira.
- HARDT, Michel; NEGRI, Antonio. Império. Rio de Janeiro, 2001, Record. Disponível em: <http://institoveritas2010.blogspot.com.br/2011/04/hardt-michel-negri-antonio.html>. Acesso em: 15 Jan. 2015.
- HUPFFER, Maria. O princípio da autonomia na ética Kantiana e sua recepção na obra "Direito e Democracia" de Jürgen Habermas. **anima-opet.com.br**. São Paulo. Disponível em: <http://www.anima-opet.com.br/pdf/anima5-Seleta-Externa/Haide-Maria-Hupffer.pdf>. Acesso em 20 Out. 2014.
- LINTON, Ralph; O indivíduo, a cultura e a sociedade de Ralph Linton. Disponível em: <https://blogdoprofessorchristian.files.wordpress.com/2011/04/o-indivc3adduo-a-cultura-e-a-sociedade-r-linton.pdf>. Acesso em: 6 Fev. 2015.
- LISPECTOR, Clarice. A paixão Segundo G.H. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p.85.
- LOGUE, A.W. Behaviorist John B. Watson and the continuity of the species Harvard University. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27758906>. Acesso em: 4 Abr. 2015.
- OLIVEIRA, Rodrigo. A Filosofia de Immanuel Kant. **webartigos.com**. São Paulo, 21 junho 2010. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-filosofia-de-immanuel-kant/40972/>. Acesso em: 14 Out. 2014.
- ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.
- ROSA, Garcia; ALFREDO, Luiz. Freud e o Inconsciente. 24ª ed, 2009. Disponível em: <http://ghiraldelli.pro.br/wp-content/uploads/GARCIA-ROZA-Luiz-Alfredo.-Freud-e-o-Inconsciente.pdf>. Acesso em: 4 Abr. 2015.
- SALATILE, José Renato (15 maio, 2008). O Existencialismo: o homem está condenado a ser livre. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/existencialismo-o-homem-esta-condenado-a-ser-livre.htm>. Acesso em: 17 Set. 2014.
- SARTRE, Jean Paul (1970). L'Existentialisme est un Humanisme, Les Éditions Nagel, Paris. Tradutora Rita Correia Guedes. Disponível em: http://stoa.usp.br/alexccarneiro/files/-1/4529/sartre_exitencialismo_humanismo.pdf. Acesso em: 20 Set. 2014.
- SCORZA, Flávio Augusto Trevisan. O Estado na obra de Kant. Revista Jus Navigandi, Teresina, 2012, n 1348, 2007. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/9580>. Acesso em: 9 Abr. 2015.
- WAINBERG, Jacques A. Mídia e terror: comunicação e violência política. São Paulo: Paulus, 2005.
- WEBER, Max. Sociologia Compreensiva- Dominação. Disponível em: http://filosofianreapucarana.pbworks.com/f/weber_slides2.pdf. Acesso em: 15 Set. 2014.
- WIKIPÉDIA, a Enciclopédia Livre. Barão de Montesquieu. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Montesquieu>. Acesso em: 4 Abr. 2015.
- WIKIPÉDIA, a Enciclopédia Livre. Existencialismo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Existencialismo>. Acesso em: 10 Out. 2014.
- WIKIPÉDIA, a Enciclopédia Livre. Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel. Acesso em: 7 Nov. 2014.
- WIKIPÉDIA, a Enciclopédia Livre. Immanuel Kant. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Immanuel_Kant. Acesso em: 5 Set. 2014.
- WIKIPÉDIA, a Enciclopédia Livre. John Broadus Watson. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/John_B._Watson. Acesso em: 4 Abr. 2015.
- WIKIPÉDIA, a Enciclopédia Livre. Karl Marx. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx. Acesso em: 5 Mar. 2015.

SEDE DE EQUILÍBRIO: BARREIRAS DE ACESSO À ÁGUA TRATADA

JÚLIA FREIXEDELLO SILVEIRO
3ª série A

Obrigada aos meus pais que sempre me incentivaram e acreditaram em mim; a minha amiga querida Camila, que ajudou na melhoria do projeto com críticas e ideias; ao professor Tulio, pela influência no tema e acompanhamento por todo o percurso; às professoras Ana Paula e Arlete, pela disponibilidade, apoio e grande contribuição para minha formação. Agradeço também à Adriana Mazur, que me cedeu um pouco de seu tempo e conhecimento para discutirmos sobre alternativas para um uso mais consciente da água.

Dedico este trabalho a todos aqueles que não poupam esforços para tornar o mundo melhor. Para isso, acreditar é o primeiro passo.

“Foi a água que tornou possível a vida aqui, em contrapartida, a falta de água tornaria essa vida impossível”
Jannet King

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar o uso da água no mundo, com base na reserva potável disponível e naquela que pode ser tratada para alcançar tal condição. A partir dessa ampla ideia, passou-se à especialização no sistema de tratamento de água, nas limitações de grupos populacionais em relação ao acesso ao saneamento básico e em formas de otimizar o uso consciente desse recurso natural tão essencial à vida. Nos capítulos nos quais serão apresentadas propostas a fim de se aumentar a economia de água, será abordada não só a técnica de reuso da água de esgoto bem como sua viabilidade como alternativa para a população da cidade de São Paulo.

Palavras-chave: água, tratamento de água, distribuição de água potável, acesso a saneamento básico, reuso de esgoto.

Abstract

The objective of this paper is to analyze the use of water in the world, based on the available drinkable reservation and the one that can be treated to achieve such condition. From this broad idea, it specializes in the water treatment system, the limitations of population groups related to access to sanitation and ways to optimize the responsible use of this natural resource, so essential to life. In the chapters, in which suggestions to increase water savings are presented, not only the reuse of waste pipe was mentioned, but also its viability as an alternative option for the population of the city of São Paulo.

Keywords: water, water treatment, drinkable water sharing, sanitation access, reuse of waste pipe

Introdução

Este projeto tem como tema “Sede de equilíbrio: barreiras de acesso à água tratada” e abordará, além dos métodos de tratamento de água, o porquê da escassez delimitada a alguns grupos sociais e as condições da crise hídrica mundial, com foco no Brasil e em São Paulo.

Baseando na história humana, os recursos hídricos sempre serviram como influência para localização e para fundação das civilizações. As cidades cresceram ao redor de rios que tinham como utilidade o fornecimento de água para a agricultura, para higiene pessoal, para o consumo e também serviam como meio de transporte. Na Revolução Industrial, a criação da máquina a vapor fez com que as fábricas se instalassem próximas a bacias hídricas.

A importância da água não diminuiu com o passar do tempo. Em pleno século XXI temos a irrigação da agricultura e a geração de energia como exemplos de atividades que se baseiam no uso hídrico proporcionando um bom funcionamento à sociedade. As hidrelétricas são as principais fontes de energia elétrica do Brasil e a agricultura utiliza 70% da água doce da superfície. Mas, mais do que isso, a água tratada e potável é essencial para a sobrevivência humana e serve como garantia de uma vida saudável.

Entretanto, não são todas as pessoas que têm o direito básico de acesso à água garantido. O objetivo deste trabalho é, no primeiro momento, entender quais são os fatores que influenciam na falta de água para determinada faixa da população, quem são essas pessoas e qual a melhor for-

ma de resolver o problema. Além da escassez, também se fará abordagem sobre a crise hídrica que acomete o mundo atualmente e o levantamento do que pode ter servido como combustível para ela.

Por fim, serão abordadas as possíveis soluções e melhores formas de conscientização popular. No último capítulo será apresentado o reúso como via alternativa e como essa ferramenta é encarada pela maioria das pessoas.

O material utilizado será: artigos publicados, sites como o da SABESP, livros que tratem sobre reúso, formas de conscientização, destino do uso da água, entrevista com engenheira química especializada em causas ambientais e vídeos.

O tema é tão presente no dia-a-dia e requer tanta atenção que se não houver impacto e explicitação de alguns problemas, não haverá mobilização. Por onde passou a água que nós usamos para beber, para tomar banho ou para lavar a louça? Será que a situação de apreensão pela qual passamos pelo risco da falta de água não estava prevista há algum tempo? O que está ao nosso alcance para amenizar a crise hídrica? Quais são as vias alternativas de tratamento? São muitas perguntas a serem respondidas e uma série de causas e consequências a serem analisadas.

A população mundial aumenta, mas o volume de água no planeta continua o mesmo. Haverá água suficiente para todos? Se o comodismo for mantido e nada for feito a respeito do problema, a resposta é clara: não.

1. Tornando potável

1.1 Tratamentos de água

O tratamento de água tem como objetivo retirar as impurezas de uma amostra poluída e torná-la potável, ou seja, limpa e possível de ingestão. Para isso são necessárias etapas isoladas que se complementam. Além da remoção da sujeira, há a adição de algumas substâncias a fim de eliminar microrganismos indesejáveis ou servir como prevenção de doenças, por exemplo.

Tornar a água potável não significa purificá-la, uma vez que alguns sais minerais e outras substâncias fazem parte sua qualidade. O processo de tratamento acontece nas chamadas ETAs¹ (Estação de Tratamento de Água) e as empresas responsáveis, no Brasil, variam conforme o Estado e, em algumas ocasiões, até mesmo conforme as localizações mais restritas. Em Rio Branco, capital do Acre, por exemplo, existe uma empresa exclusiva para o município.

As companhias que tratam água para o abastecimento público devem fornecer o produto final com a qualidade ajustada, de forma que siga os padrões exigidos pelo Ministério da Saúde e aceitos internacionalmente; prevenir a proliferação e a manifestação de doenças relacionadas à veiculação hídrica, além de cárie dentária infantil (combatida com a fluoretação); seja adequada para veicular pelo sistema de abastecimento sem causar danos por corrosão ou decomposição de qualquer substância.

Após uma pesquisa comparativa de modos e etapas de tratamento utilizados em cada região brasileira², foi possível enxergar a semelhança e o padrão dos processos. Utilizando como objeto de estudo um Estado por região, conclui-se que os contrastes se dão pelo tamanho das companhias responsáveis pelo saneamento básico e pela sua área de atuação, mas não na forma de tratamento.

1. Uma importante observação que deve ser feita é que, atualmente, apenas as ETAs não são suficientes para o tratamento. Segundo a engenheira química, Adriana Mazur, especializada na área ambiental, a água se encontra tão poluída que depois de passar por todo o processo padrão ainda é submetida a mais algumas etapas como membranas mais desenvolvidas tecnologicamente.

2. Disponível em <http://site.sabesp.com.br/site/interna/Default.aspx?secaoId=47> > ; <<http://www.corsan.com.br/node/50>> ; <<http://www.cagece.com.br/esgotamento-sanitario/tratamento>> ; <<http://www.sanesul.ms.gov.br/conteudos.aspx?id=4>> ; <<http://www.caer.com.br/static/eta.jsp>> (Todos acessados em 11/04/2015)

No Brasil, adota-se como prática padrão a combinação das seguintes etapas³:

- Clarificação
- Desinfecção
- Fluoretação
- Controle de acidez.

As fases citadas acima são compostas por uma sequência de técnicas e podem ou não se dividir em mais etapas. Dentro da clarificação, por exemplo, há desde a “Coagulação” até “Filtração”. O processo de tratamento segue os seguintes passos como modelo:

- **Pré-cloração:** Logo que a água chega à estação de tratamento, o cloro é adicionado a fim de facilitar a remoção de material orgânico e metais.
- **Pré-alkalinização:** Após receber o cloro, a cal ou a soda é adicionado na água com o objetivo de ajustar o pH adequado para as fases seguintes.
- **Coagulação:** Nessa etapa, há a adição de sulfato de alumínio, cloreto de ferro ou outro coagulante, seguido de uma agitação forte da água. Dessa forma, as partículas de sujeira tendem a se juntar mais facilmente.
- **Floculação:** O objetivo da floculação é, como o nome sugere, formar flocos com as partículas indesejáveis. Por isso há uma mistura lenta da água que facilita a agregação.
- **Decantação:** A água passa por grandes tanques e fica estável por determinado período de tempo para separar os flocos de sujeira formados na etapa anterior.
- **Filtração:** A água atravessa tanques formados por pedras, areia e carvão antrácito. Eles são responsáveis por reter a sujeira que restou da fase de decantação e funcionam, de fato, como um filtro.
- **Pós-alkalinização:** Nessa etapa é realizado o ajuste final do pH da água, a fim de evitar a corrosão ou a incrustação das tubulações.
- **Desinfecção:** É feita uma última adição de cloro na água antes de sua saída da ETA. Ela garante a isenção de bactérias e vírus até o destino final.
- **Fluoretação:** Essa parte tem maior importância social do que química. Há a adição de flúor que auxilia na prevenção de cáries.



Imagem 1. Estação de tratamento de água. Fonte: <http://www.daebauru.com.br/2014/empresa/imagens/tratamento-agua> (Acesso em 31/03/2015)

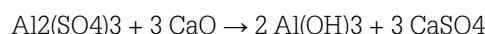
1.2 Explicando cada etapa

Como foi visto na seção anterior, o tratamento de água passa por uma série de fases utilizando técnicas a fim de limpar a água e deixá-la apropriada para o consumo. Cada etapa tem sua importância e um motivo para ser requerida. A seguir, será feito um aprofundamento sobre a aplicação dos processos mais relevantes.

1.2.1 Clarificação

A “Clarificação” é constituída de processos unitários que têm o objetivo de retirar os sólidos da água. Consequentemente, a sua coloração é afetada passando a impressão de que houve um clareamento.

Logo que a água chega à Estação de Tratamento, passa pela “Coagulação” ao receber, além de cal ou soda cáustica, a aplicação de sulfato de alumínio ou sulfato férrico, que servem como coagulantes. As partículas sólidas minúsculas indesejáveis, presentes em águas naturais turvas, são chamadas de colóides e sua dimensão dificulta a agregação de unidades maiores possíveis de serem retiradas do líquido. Para que isso possa ser feito, deve acontecer a aglutinação antes já da decantação e da filtração. É então que se aplica a função do coagulante. Utilizando o sulfato de alumínio como exemplo, há a reação entre essa substância ($Al_2(SO_4)_3$) e o óxido de cálcio (CaO):



Como produto da reação acima é obtido o hidróxido de alumínio $Al(OH)_3$ que é insolúvel e, portanto, precisa de uma superfície para poder precipitar. A microárea dos colóides é suficiente para tal acontecimento. Como consequência da precipitação, há a aglutinação em volta das micropartículas, e assim, o processo é acelerado e facilitado criando condições para se formarem flocos apropriados na “Floculação” para serem removidos.

Depois de sofrer uma movimentação lenta visando à criação dos flocos, a água passa para o processo de “Decantação”. Nessa etapa ela ficará em repouso para que aconteça uma separação devido à densidade das substâncias: as partículas mais densas se acumulam no fundo do reservatório. Depois da divisão, a matéria com menor densidade – que tem uma disposição superior em relação aos sólidos – é encaminhada para a próxima fase por meio de um duto localizado de forma estratégica para que os sólidos não participem dessa migração.



Imagem 2. Tanque de decantação. Fonte: http://www.echowater.com.br/imagens/1069756_orig.jpg (Acesso em 01/04/2015).

3. Disponível em <<http://www.sanesul.ms.gov.br/conteudos.aspx?id=4>> (Acesso em 30/03/2015)

O último destino da água dentro da “Clarificação” é a “Filtração”. Esse processo consiste na passagem do fluido por tanques formados por pedras, areia e carvão antrácito, ou seja, meios porosos onde os materiais em suspensão e coloidais podem ser retidos.



Imagem 3. Filtração Fonte: https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbnANd9GcTCdsO6qj8ZNMhOdzf4_QWd2sYa4VNXYIsnrl7vICbfzh7Ohw6c_ (Acesso em 02/04/2015)

1.2.2 Desinfecção

A desinfecção, diferente da Clarificação, consiste em apenas uma prática: adição de cloro na água com o objetivo de livrá-la de possíveis agentes patológicos que podem vir a causar mal ao consumidor. Esse processo acontece duas vezes ao longo do percurso dentro da ETA e garante um produto final limpo e livre de microrganismos indesejáveis.

1.2.3 Fluoretação

Além de todo o processo descrito a fim de proporcionar água potável, a etapa de fluoretação tem uma forte importância social. A adição de flúor reduz, segundo a SABESP, cerca de 65% dos casos de cáries da população.

1.2.4 Controle de Acidez

Antes de o produto final, já potável, ser encaminhado para as residências, adiciona-se CaO com o objetivo de elevar o pH da água e reduzir sua acidez, evitando a corrosão da tubulação pela qual ela passa.

2. Barreiras de acesso à água

O corpo humano é constituído por 70% de água. O planeta Terra, que é conhecido como “Planeta Água”, tem cerca de 70% de sua superfície coberta por água. Nós, assim como plantas e outros animais, precisamos desse bem natural para sobreviver. Sem ele não haveria vida. Além disso, a água tem grande importância na saúde e na dignidade humana.

Seguindo essa linha de raciocínio, todos deveriam, como direito humano básico, ter acesso à água potável e desfrutar dela. Entretanto, esse não é exatamente o cenário com o qual nos deparamos. A privação da água tratada acontece e é um problema muito maior do que se imagina, diretamente relacionada com a questão social.

Vivemos uma crise hídrica no mundo inteiro, porém ela afeta principalmente segmentos socioeconômicos mais vulneráveis. A falta de saneamento básico e de infraestruturas em locais mais pobres gera problemas de saúde e de mortes precoces que poderiam ser evitadas com água de boa qualidade. As doenças mais comuns que se dão pela má condição hídrica são: diarreia aguda, leptospirose, cólera, febre tifoide, hepatite tipo A e esquistossomose.

Essas patologias são provenientes do contexto em que se vive. Em localidades mais pobres, o descarte de dejetos em córregos e rios próximos; o uso improvisado de esgotos e o consumo de água com qualidade não confiável propiciam sua proliferação. Na tabela abaixo, são explicitadas as consequências que a falta de água potável, de saneamento e de higiene causam à população.

	DIMENSÕES DA POBREZA	EFEITOS FUNDAMENTAIS
FALTA DE ÁGUA, SANEAMENTO E HIGIENE	Saúde	<ul style="list-style-type: none"> Doenças relacionadas com água e saneamento Problemas no desenvolvimento causados por desnutrição em decorrência da diarreia Menor expectativa de vida
	Educação	<ul style="list-style-type: none"> Impacto sobre a assistência escolar (especialmente meninas) por doença, falta de salubridade ou por ter que transportar água
	Gênero e inclusão social	<ul style="list-style-type: none"> O ônus recai, desproporcionalmente, sobre as mulheres, limitando sua participação na economia monetária
	Renda / Consumo	<ul style="list-style-type: none"> Elevada proporção do orçamento gasto em água Menor potencial de geração de rendimentos por problemas de saúde, tempo dedicado A transportar água ou falta de oportunidade para dedicar-se a atividades que requerem água Risco de alto consumo em virtude dos fatores climáticos

Tabela 1- Vínculos entre pobreza, água e saneamento. Fonte: Bosch et al. (2001)

O PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) de 2006 aponta a diarreia como a segunda causa principal de mortes infantis. Mesmo sendo considerada uma doença fácil de curar e ser evitada, dados mostram que ela mata cinco vezes mais do que a AIDS entre as crianças⁴.

No relatório denominado “Esgotamento sanitário inadequado e impactos na saúde da população”, realizado entre 2003 e 2008 por Kronemberger e Júnior, as maiores taxas de internação devido à diarreia, no Brasil, são concentradas nas regiões Norte e Nordeste, além das periferias das grandes cidades. Segundo os pesquisadores, a situação se agrava onde a qualidade de saneamento básico é precária e onde há maior pobreza, como evidenciado no gráfico 2.1.

4. Disponível em < http://monografias.brasilecola.com/saude/Agua-como-fator-desenvolvimento-social-analise-regioes-metropolitana.htm#capitulo_4.4 > (Acesso em 03/04/2015)

Taxa de internação por diarreias, por Estado da federação, nos 81 municípios pesquisados (2008)



Gráfico 2.1 - Taxa de internação por diarreias, por estado da federação, nos 81 municípios pesquisados, 2008. Fonte: Adaptado de Kronemberger e Júnior (2010).

A diferença não está presente apenas entre as regiões nacionais. Analisando-se a situação de países desenvolvidos e países subdesenvolvidos, fica mais uma vez evidente que quanto maior a disparidade econômica dentro do território, maior serão os problemas envolvendo falta de saneamento e boas condições de higiene. Os órgãos que têm o controle de distribuição de água falham no que se diz respeito à conscientização da população. Enquanto a parcela populacional que desfruta de melhores condições de vida tem acesso à água potável e a usa muitas vezes com desperdício, a outra parte sofre pela falta de um copo de água para beber.

Esse comodismo deve ser rompido e se faz necessário maior atenção para com aqueles que vivem em condições desumanas. A questão está além do fato de faltar estrutura nos locais mais carentes que leve água potável e trate o esgoto local. O problema cria raiz na falta de importância que é dada à situação. Lugares como o Nordeste brasileiro apresentam características de seca, devido ao clima mais árido, mecanismos de armazenar água dos períodos disponíveis ou reutilizar águas pluviais poderiam ser empregados com maior frequência e em lugares onde há maior necessidade.

Mobilizações como essa, investimentos no sistema de tratamento a fim de ampliar sua área de atuação e atender mais gente e, conscientização do uso de recursos hídricos que se têm disponíveis, são formas eficazes de combater a barreira de acesso à água potável que existe e chega a levar pessoas à morte por falta de um simples copo d'água.

2.2 Falta água

O mundo possui cerca de 1,386 bilhão de km³ de água em sua superfície. Apesar desse volume ser fixo, o índice populacional não é. O número de pessoas no planeta quase duplicou nos últimos quarenta anos⁵ passando dos 4 bilhões em 1980 para a faixa dos 7 bilhões em 2011. Como consequência, há, cada vez mais, maior diminuição da quantidade de água limpa, disponível por indivíduo.

Essa alteração na relação água/pessoa acarreta a falta do líquido. Conforme os dados apresentados em "O Atlas da Água" de Robin e Jannet King, em 2005, cerca de 500

milhões de pessoas viviam em países com escassez crônica de água. A projeção feita para 2050, com dados da ONU, é de que 4 bilhões enfrentem essa condição.

Países com enorme número de população absoluta apresentam insuficiência alarmante, como a China e a Índia (juntas possuem 2,5 bilhões de habitantes⁶). Entretanto, a situação não é exclusiva de países emergentes ou subdesenvolvidos. Os Estados Unidos sofreram significativa queda em suas taxas de água doce renovável por pessoa (gráfico 2.2) e até mesmo o Brasil, classificado como "abundante", sofre com a crise hídrica.

Água doce renovável, por pessoa, por ano em m³ nos EUA

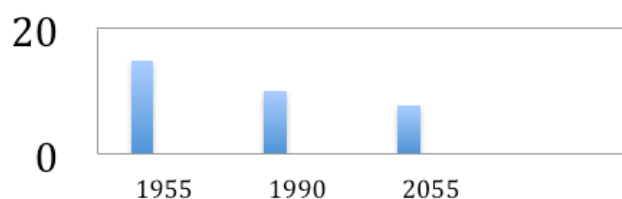


Gráfico 2.2 Água doce renovável, por pessoa, por ano em m³ nos EUA) Fonte: CLARKE, Robin. KING, Jannet. O Atlas da Água: O mapeamento completo do recurso mais precioso do planeta. São Paulo: Publifolha, 2005. Tradução Anna Maria Quirino.

A dificuldade enfrentada é agravada devido à desigualdade social e à falta de uma boa administração e do uso sustentável dos recursos naturais. Alguns escritores afirmam que o petróleo foi o causador de muitos conflitos, mas que o bem que causará maior sede de conquista e domínio será a água.

Analisando dados, é possível concluir que pela quantidade de água doce, haveria, em média, 7 mil metros cúbicos disponíveis por pessoa. Porém, a distribuição não é igualitária e o desperdício de alguns pode gerar uma falta ainda maior para muitos. Considerando apenas o consumo doméstico, que equivale a 10% do uso mundial da água doce, a média por indivíduo equivale a 170 litros por dia. Esse valor pode variar muito devido à grande escassez em alguns lugares e à abundância e desfrute sem economia em outros.

Total anual de consumo de água em km³ (1900-2000 e projeção para 2015)

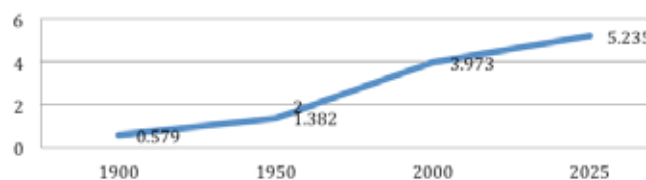


Gráfico 2.3 Total anual de consumo de água em km³) Fonte: CLARKE, Robin. KING, Jannet. O Atlas da Água: O mapeamento completo do recurso mais precioso do planeta. São Paulo: Publifolha, 2005. Tradução Anna Maria Quirino.

2.2.1 Desequilíbrios ambientais

As causas para a conjuntura crítica que se enfrenta atualmente podem ser divididas em diferentes áreas. Em se

5. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_resultados/sinopse_censo2000.pdf> (Acesso em 08/04/2015)

6. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/paisesat/> (Acesso em 08/04/2015)

tratando do meio ambiente podemos, sim, associar a falta de água com danos causados pelo próprio homem.

Zuleika Beyruth, pesquisadora do Instituto de Pesca e professora da Faculdade de Saúde Pública da USP, em seu artigo “Aprendendo sobre qualidade de vida com as águas poluídas da cidade de São Paulo” publicado na Revista USP de 2006, aponta questões responsáveis pela alteração que o planeta tem sofrido.

Em 1983, quando tive os primeiros contatos com a qualidade das águas da Bacia do Guarapiranga, durante pesquisas para a minha dissertação de mestrado (Beyruth, 1986, 1990 a,b, c), já se podia prever o aumento dos impactos antrópicos naquela bacia, mas era difícil prever sua velocidade e suas proporções. Em 1991, quando iniciei os trabalhos para meu doutorado (Beyruth, 1996,2000, a, b, c), a população crescia e invadia áreas marginais e as matas ao seu redor. Agora, em julho de 2006, a população continua a crescer nas áreas ao redor da Represa do Guarapiranga numa velocidade que torna quase toda e qualquer ação para melhoria da qualidade ambiental ultrapassados, já na implantação.

Após nove anos da publicação do documento de Zuleika, é perceptível que a urbanização se deu e ainda se dá de modo grandioso, o que acarreta superlotação das cidades e crescimento da periferia. Maior quantidade de gente, menor área de mata, menos água, maior exploração dos lençóis freáticos, menos água nos poços tubulares.

A falta de florestas tem relação direta com a água, uma vez que elas apresentam funções importantes como se vê na tabela 2.

Tabela dois: relação entre as funções florestais e seus benefícios

Função	Benefício
1) Atenua os picos de vazão, aumentando a capacidade de armazenamento de água na bacia hidrográfica.	Evita/ameniza enchentes e secas.
2) Realiza a filtração superficial dos sedimentos, retendo nutrientes e poluentes: remove nitrogênio, fósforo e outras substâncias, inclusive pesticidas.	Evita/ameniza eutrofização e contaminação da água.
3) Atenua picos climáticos	Ameniza incidência da radiação solar e alterações acentuadas de temperatura; protege o solo dos ventos evitando a erosão eólica e a hídrica e prevenindo deslizamentos que contribuem para assorear e, muitas vezes, eutrofizar os corpos d'água.
4) Provê matéria orgânica sob a forma de folhas, flores, frutos e sementes, insetos, etc.	Provê alimento para os organismos aquáticos e aumenta a capacidade do solo de reter água.

Tabela 2 – Função e Benefício florestas. Fonte: ÁGUA, REVISTA USP / Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. N.1 (mar./mai. 2006) São Paulo, SP: USP Página 51

Como consequência do desmatamento ocorrem: aumento no escoamento hídrico superficial provocando

deslizamentos, redução da infiltração da água no solo, redução da evapotranspiração, aumento da incidência do vento sobre o solo e sobre as águas, aumento da amplitude de variação de temperatura do solo e das águas, redução da fotossíntese e consequente alteração do balanço de fases sobre o solo, além da redução da flora e da fauna nativas, e o sedimento dos solos ao redor, que é arrastado para as águas, contribuindo para aumentar o seu potencial de poluição.⁷

A ação humana sobre o meio-ambiente desencadeia consequências drásticas que podem nos afetar diretamente, a longo prazo, mas de forma nada branda. Outro aspecto que também modifica o modelo natural existente é o aquecimento global. Quanto maior a variação de temperatura, maior o desequilíbrio na natureza. Animais sofrem e recursos naturais também. Os icebergs derretem, as plantas transpiram mais, a água evapora mais rápido, o controle sobre o conhecimento de clima tempo é prejudicado e as estações do ano apresentam aspectos inesperados.

De forma geral, a natureza responde de forma irônica aos atentados cometidos contra ela. A professora diz, em uma de suas passagens, que já havia gente comprando água de caminhão na Bacia do Guarapiranga em 2006. Estamos em 2015 e passamos, desde o início de 2014, uma alarmante situação de falta d'água anunciada. O problema que enfrentamos não é, ou pelo menos não deveria ser novidade. Afinal, desde o início dos anos 2000 já havia previsão de escassez hídrica.

2.2.2 Falhas na infraestrutura e na aplicação do uso

Apesar de as mudanças no meio-ambiente serem responsáveis pela crescente e ameaçadora falta de água, outros fatores têm grande influência no problema. Algumas vezes a questão não está na escassez, mas sim na falha de distribuição e do uso.

Usando a cidade de São Paulo como exemplo, a crise hídrica atual chega a demandar racionamento em alguns locais mais específicos. Em entrevista, a engenheira química, Adriana Mazur, declara que a situação só chegou aonde chegou devido à falta de fiscalização governamental nas indústrias em cima do tratamento de água, o que gera muitos resíduos descartados de forma incorreta e rios poluídos.

O que acontece ao redor das represas é outro motivo. A especialista em meio ambiente alega que “Toda represa que fornece água, não pode ter nenhuma população morando ao seu redor. Com pessoas, há esgoto.”. A represa Guarapiranga, que abastece grande parte da zona sul da cidade paulistana, é um ótimo exemplo para a situação. Lá, há moradias e ocupações além de clubes e instalações que prejudicam a qualidade da água, uma vez que as pessoas produzem esgoto que é despejado diretamente nas águas.

Além das duas razões anteriores, as condições das tubulações também são responsáveis pelo desperdício de

7. Disponível em ÁGUA, REVISTA USP / Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. N.1 (mar./mai. 2006) São Paulo, SP: USP

água. “As perdas de água que se têm por vazamento não são detalhes, pelo contrário, são muito grandes. O governo diz que se estima em 30% essa perda, mas deve ser muito mais do que isso. Mas, contando com esse valor já é um absurdo” diz Adriana.

Esse problema poderia ser combatido de forma barata e eficaz, mas por questões políticas não é colocado como prioridade e acaba passando como algo pequeno. Perder

30% da quantidade de água tratada em função de encanamento velho é absurdo. É necessário que haja mobilização governamental para que, ao menos, isso seja resolvido.

Segundo a engenheira, o ponto determinante para tal cenário de escassez foi a estiagem de chuva que não era esperada. Entretanto, ela afirma que se os outros problemas estivessem solucionados, a falta de água pluvial não seria tão importante para eclodir a crise.

3. Uso e abuso

O volume de água de que o planeta dispõe é de 1,386 bilhão de km³ aproximadamente. Entretanto, 97,5% é salgada e encontra-se em oceanos, mares, aquíferos salinos e lagos salgados. Os outros 2,5% são água doce, porém desse valor mais de dois terços estão indisponíveis para o ser humano, depositados em geleiras, neve, gelo e solos congelados. Do um terço utilizável, apenas uma quantidade minúscula se encontra na superfície.⁸

Segundo dados apresentados pela ANA (Agência Nacional de Águas), 8% da reserva mundial de água doce encontra-se no Brasil. Dessa quantidade, 80% está na Região Amazônica e o restante nas regiões onde 95% da população brasileira habita.

O consumo da pequena parcela de recursos hídricos que se faz acessível para o homem é realizado da seguinte maneira:



Gráfico 3.1 Fonte CLARKE, Robin. KING, Jannet. *O Atlas da Água: O mapeamento completo do recurso mais precioso do planeta*. São Paulo: Publifolha, 2005. Tradução Anna Maria Quirino. (Página 29)

3.1 Uso agrícola

A agricultura é o setor que mais utiliza água. A irrigação tem grande importância porque as lavouras que se utilizam desse recurso são responsáveis por cerca de mais de um terço dos alimentos do planeta⁹.

Trabalhando com dados mais concretos, a produção de 1 quilo de trigo necessita de 900 litros de água, 1 quilo de arroz, de 1900 litros. Quando se trata de animais, a criação de 1 quilo de aves requer 3500 litros, enquanto a produção de 1 quilo de carne, 15000 litros.

Irigar uma plantação não é uma tarefa simples, uma

vez que há de se ter o controle correto da quantidade de água usada. Caso não haja o preparo do solo anteriormente, ele pode ficar encharcado e a terra se torna estéril.

A situação vista como a ideal é reaproveitar a água utilizada, evitando desperdícios. Israel, desde 1987, pratica essa ação consciente e distribui, depois de tratado, o líquido usado na irrigação para outros usos.

Outra forma de intervir na disponibilidade da água é o emprego de produtos químicos a fim de aumentar a produção agrícola. Ao se utilizarem fosfatos e nitratos para incentivar o crescimento das plantações, há a possibilidade de contaminação de lagos de água doce.

3.2 Uso industrial

O uso de água em indústrias varia conforme a situação da nação. Países desenvolvidos, considerados industrializados, contam com maior participação de recurso hídrico nesse setor.

Como diz Adriana Mazur, a água está presente até onde não se consegue enxergar. Seu uso na produção industrial é o mais difícil de se tornar visível à população. O consumidor não tem conhecimento de quantos litros de água foram necessários para produzir sua peça de roupa ou até mesmo quantos litros foram poluídos a partir dessa produção.

A partir do momento em que há a alienação do consumidor, tem-se necessidade de enfoque na informação para a população. É importante que antes de efetuar uma compra, a pessoa possa escolher a mercadoria que foi produzida de forma mais próxima do considerado correto.

As indústrias pesadas (indústria química e petrolífera, por exemplo) são participantes ativos no consumo da água destinada a esse setor. A produção de 1 litro de gasolina requer 10 litros de água, a de 1 quilo de aço, 95 litros e a de 1 quilo de papel, 324 litros.

Quanto maior for a industrialização do país, maior o uso de água nessa área e, conseqüentemente, maior o risco de descarte de resíduos de forma nada ecologicamente correta. Elementos como chumbo, enxofre e os poluentes orgânicos persistentes, conhecidos como POPs, são lançados pe-

8. Disponível em CLARKE, Robin. KING, Jannet. *O Atlas da Água: O mapeamento completo do recurso mais precioso do planeta*. São Paulo: Publifolha, 2005. Tradução Anna Maria Quirino. (Página 20)

9. Disponível em CLARKE, Robin. KING, Jannet. *O Atlas da Água: O mapeamento completo do recurso mais precioso do planeta*. São Paulo: Publifolha, 2005. Tradução Anna Maria Quirino. (Página 34)

las indústrias em rios, lagos e aquíferos.

Esses acontecimentos ilustram a ignorância por parte do consumidor do que envolve a produção da mercadoria que está sendo adquirida. Se houver uma maior informação à população, haverá uma pressão sobre as fábricas para que procurem seguir algum modelo menos poluente ou que busquem linhas da sustentabilidade. É muito importante que desperdícios por vazamento e poluição em escalas como as citadas sejam reduzidas ao mínimo.

3.3 Uso doméstico

O uso da água mais próximo da população é o que menos é levado em consideração comparado com os níveis dos demais setores, todavia, é dentro de casa que é possível ter maior consciência e controle do uso e abuso que se faz dos recursos hídricos.

Associar maior gasto de água com melhor qualidade de vida é uma ideia que segue fundamentos muito ruins diante da situação mundial pela qual se passa. Saber otimizar o uso de água nos lares é um grande avanço para a própria população. O contraste entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos é estridente: “O volume de água utilizado nas casas ou pelas autoridades municipais para

abastecer as áreas residenciais, varia em mais de 800 litros diários, no Canadá, a apenas 1 litro, na Etiópia.”¹⁰

O consumo doméstico considerado um padrão típico de um país industrializado é apresentado no gráfico 3.3.1



Gráfico 3.3.1. Fonte: CLARKE, Robin. KING, Jannet. *O Atlas da Água: O mapeamento completo do recurso mais precioso do planeta*. São Paulo: Publifolha, 2005. Tradução Anna Maria Quirino. (Página 31)

A parcela do uso de água no setor doméstico tende a aumentar com o passar dos anos devido à melhoria de vida e à maior quantidade de pessoas no mundo. Entretanto, a conscientização sobre os gastos deve ser muito reforçada. Enquanto os banhos continuarem longos, a água continuar a vazar pelo ralo um dia poderá não sair mais pelo chuveiro.

4. Pequenas grandes ações

A história humana mostra que, desde os primórdios, o homem tinha acesso à água em abundância. Esta, por sua vez, era referência do centro para a civilização. As *polis* foram construídas à beira rio e não se pode esquecer da Revolução Industrial que, ao trazer à tona a máquina a vapor, tornou as localizações das fábricas totalmente dependentes de recursos hídricos.

Graças a avanços tecnológicos, alternativas de fonte de energia e criações como o meio de transporte, limitações territoriais mudaram. Entretanto, a água continua sendo a base da vida.

Outro aspecto que também sofreu alterações foi a relação entre a quantidade de água disponível e a quantidade de usuários. O volume hídrico encontrado no planeta Terra não se altera. Portanto, quanto maior o número de habitantes, maior o nível de consumo e menor a disponibilidade por pessoa.

Em meio a essa situação, se todos fazem uso sem controle e com desperdício, conseqüentemente haverá falta de água limpa. E esse é exatamente o cenário mundial no qual vivemos. Depois de cozinhar, tomar banho ou dar descarga, a água se encaminha para o esgoto e, ao se encontrar com outros resíduos, até mesmo industriais, fica cada vez mais poluída.

Para se evitar o transtorno de águas com níveis altíssimos de impurezas e metais pesados além de outras

substâncias tóxicas, seria o funcionamento das ETAs nas fábricas. Assim, a água retornaria de forma menos contaminada aos cursos fluviais. A engenheira química Adriana Mazur afirma que o processo de tratamento industrial não ocorre na maioria das empresas por conta da ausência de fiscalização e assim, o produto final é uma água cada vez mais suja. Mudanças se fazem necessárias.

Além da fiscalização que possibilitaria a melhoria das águas devolvidas, a conscientização popular se mostra de extrema importância, porém não só no sentido de gasto individual e doméstico como no papel de consumidor. A maioria das pessoas não sabe o quanto de água é necessário para a produção de uma calça jeans, por exemplo (140 litros). E, como consequência, também ignora quanto a fabricação desse produto pode estar afetando o meio ambiente.

4.1 Pequenas ações

Como já apresentado anteriormente, o uso doméstico equivale só a 10% do uso da água doce. Mesmo que pareça pequena a porcentagem, esse setor é o único sobre o qual a população tem controle total dos gastos. Portanto se várias pessoas adotarem consumo consciente, haverá uma grande economia no quadro geral.

Algumas ações que podem ser adotadas no cotidiano não requerem gastos econômicos altos e são viáveis para

10. Disponível em CLARKE, Robin. KING, Jannet. *O Atlas da Água: O mapeamento completo do recurso mais precioso do planeta*. São Paulo: Publifolha, 2005. Tradução Anna Maria Quirino. (página 30)

que se chegue a uma conjuntura sustentável para todos. A troca de chuveiros e torneiras normais por aerados é uma grande contribuição para a economia hídrica.

Esses produtos têm acoplados bicos aerados. Em vez de ter um desperdício diretamente proporcional à pressão da água, há o balanceamento de liberação de 50% de água e 50% de ar. A sensação da força da água é a mesma e a economia é ótima: enquanto uma torneira comum libera 3 litros de água em cinco segundos, a aerada libera 400ml no mesmo intervalo de tempo.¹¹

Além de trocas inteligentes e sustentáveis, como a exemplificada anteriormente, e o controle de tempo de banhos, de lavagens de louça e quantidade de roupa colocada na máquina, o uso de “Água cinza” é uma ótima saída. O livro “50 formas inteligentes de preservar o planeta: Como usar a água e energia sem desperdício” define esse conceito da seguinte maneira:

“Água cinza” é o termo usado para designar água de chuva ou que foi usada previamente em tarefas como lavagem de roupa. Ela pode ser utilizada para finalidades que não requerem água limpa, como a descarga. Sistemas de uso de água cinza já são obrigatório nas casas novas construídas em algumas regiões da Alemanha¹².

Como a maioria das soluções, a mobilização tem que começar do indivíduo para o todo. Se cada um fizer sua parte e buscar novos meios de economia (seja evitando o uso, diminuindo o tempo ou reutilizando), haverá um resultado muito positivo a todos. As pequenas ações se transformam em grandes mudanças principalmente se caminhar ao encontro de outros atos maiores, como a ação governamental.

4.2 Grandes transformações

Diante das circunstâncias em que vivemos, acreditar que continuar com os mesmos hábitos e da mesma forma de tratamento de água não impactará em nada não resolverá o problema. Os rios das cidades encontram-se em estado lastimável de poluição e as próprias ETAs não são suficientes para a transformação da água em potável. É necessário buscar alternativas e o reuso é fundamental.

O reuso, até há alguns anos tido como uma opção exótica, é hoje uma alternativa que não pode ser ignorada, notando-se distinção cada vez menor entre técnicas de tratamento de água *versus* técnicas de tratamento de esgotos.¹³

O termo “reuso” pode ser aplicado de diversas formas e com variação da semântica do processo: reuso de água; reuso direto; reuso indireto; reuso indireto não planejado e

reuso planejado são algumas das expressões empregadas e definidas no texto de Darcy Brega Filho e Pedro Caetano Mancuso publicado a partir da Universidade de São Paulo.

Dentre os exemplos apresentados, o que abrange de forma mais concisa é “Reuso de água”: é o aproveitamento de águas previamente utilizadas, uma ou mais vezes, em alguma atividade humana, para suprir as necessidades de outros usos benéficos, inclusive o original. Pode ser direto ou indireto, bem como decorrer de ações planejadas ou não planejadas”.

A estrutura do conceito consiste em reutilizar a água que já foi usada. Após o descarte e o encaminhamento para o esgoto, ela serviria como matéria prima de um processo de tratamento a fim de tornar-se viável novamente, podendo ser potável ou não.

O nível de qualidade da água depende do seu destino. Os autores do texto citado empregam “Reuso potável” como o esgoto que, após o processo de tratamento, chega a condições suficientes para se beber, por exemplo. Já o “Reuso não potável” não atingiu essas condições, mas pode ser utilizado para outros fins:

- Agrícolas: na irrigação.
 - Industriais: em refrigeração e uso em caldeiras, por exemplo.
 - Recreacionais: como em irrigações de plantas ornamentais, campos de esportes e parques.
 - Domésticos: na rega de jardins e descargas sanitárias.
- Além desses há também a possibilidade de servir para:
- Aquicultura: produção de peixes e plantas aquáticas com o objetivo de obter energia
 - Recarga de aquíferos subterrâneos: reabastecimento dos aquíferos com efluentes tratados

Dentro das possibilidades de aplicações da água tratada a partir do reuso de esgoto, há muitas outras divisões alternativas. O líquido pode ser utilizado da mesma forma que a água que não passou pelo reuso é, nos casos em que não há necessidade de ser potável, até mais econômico empregar aquele uma vez que este pode ter maior encaminhamento para atividades como cozimento de alimentos e ingestão.

O especialista em tratamento desse tipo, René Schneider, trabalha no Instituto de Pesquisa da Universidade de São Paulo e se empenha para que a população paulista receba a água de reuso de volta a seus lares, mas ainda não é algo aceito pela maioria. Há uma falta de confiança na qualidade do tratamento e não existe uma consciência da importância e da necessidade que essa prática tem.

Mudar a mentalidade das pessoas não é tarefa nada fácil. A população, com maior poder aquisitivo, tem água em grande quantidade quando abre a torneira e o que foi usado desaparece pelo ralo de modo que não requer mais preocupação. Essa linha de pensamento não pode ser acei-

11. Disponível em BERRY, Sian. 50 formas inteligentes de preservar o planeta: Como usar água e energia sem desperdício. São Paulo: Publifolha, 2009. - (50 formas inteligentes de preservar o planeta)

12. Disponível em BERRY, Sian. 50 formas inteligentes de preservar o planeta: Como usar água e energia sem desperdício. São Paulo: Publifolha, 2009. - (50 formas inteligentes de preservar o planeta) (Página 23)

13. Disponível em MANCUSO, P. C. S. SANTOS, H. F. S. Reuso de Água. Barueri, SP: Manole, 2003. (Coleção Ambiental)

ta com naturalidade. Vive-se uma crise. Por mais que os órgãos governamentais tentem omitir a gravidade dela, é impossível não ser percebido, já que se trata diretamente do bem que garante a vida.

4.2.1 Aplicações do Reuso de água de esgoto

Como apresentado no capítulo anterior, o reuso é uma alternativa bastante interessante para a economia de água, resultando em um uso mais consciente do recurso. Esse processo, apesar de não ser empregado em massa com fins domésticos, é aplicado em outros setores com êxito.

Os efluentes de estações de tratamento de esgotos podem, segundo o artigo do engenheiro Giuliano Gabrielli, da UNICAMP¹⁴, conter nutrientes em quantidades prejudiciais ao ambiente, mesmo depois de passar pelas ferramentas de limpeza. Nessas condições, o encaminhamento deles para corpos d'água pode prejudicar a vida aquática e causar a eutrofização¹⁵.

O reuso, nesse caso, é uma forma de proteger os corpos receptores, aproveitando os nutrientes do efluente na agricultura. A área agrícola que Gabrielli aborda em sua pesquisa é a floricultura, especializando-se em plantações de rosas.

Uma atividade de alto valor econômico é a floricultura, em especial a produção de rosas de corte. Segundo o Instituto Brasileiro de Floricultura (IBRAFLOR, 2009a), no mercado interno, avalia-se que a floricultura brasileira movimenta, anualmente, um valor em torno de US\$ 1,2 bilhões por ano. *O Estado de São Paulo* desta-

ca-se entre os estados produtores de flores no panorama nacional, participando com 71,3% da área cultivada e 74,5% do valor da produção do País (KIYUNA et al., 2001). Assim, o cultivo de roseiras tem potencial de receber irrigação com efluente de esgoto tratado.¹⁶

O processo é muito interessante, pois evita a eutrofização dos corpos d'água e promove a reciclagem dos nutrientes reduzindo o emprego de fertilizantes. Os ganhos são grandes, ainda mais em se tratando da irrigação, uma das atividades com maior desperdício de água.

Entretanto, para haver o reuso, a passagem da água por um mecanismo de limpeza é essencial. Dentre as etapas envolvidas, a desinfecção é a mais considerável. O artigo de Daniele Tonton¹⁷, “Desinfecção de efluentes sanitários por cloração visando o uso na agricultura”, frisa que, mesmo sendo tratamento de águas residuais, essa é a fase mais importante para a obtenção de bons resultados. A autora afirma que “a desinfecção não visa à esterilização, mas busca inativar espécies de organismos presentes no esgoto sanitário”. Além disso há de se considerar os agentes patogênicos que podem afetar vários tipos de vida.

Mesmo não sendo diretamente ligado ao consumo doméstico, o emprego do reuso na agricultura é de forte impacto nos costumes de utilização dos recursos hídricos. As ideias mais diversas de economia de água devem ser ampliadas e colocadas em prática. Isso possibilitará mudanças positivas para todos e significará hábitos mais corretos e conscientes.

Conclusão

Ao final do trabalho, é possível concluir que tratar a água é possível em diferentes condições, seja ela proveniente de fontes limpas ou do próprio esgoto. A implicação está na complexidade que o processo ganha diretamente proporcional à má qualidade do líquido inicial.

Quanto maior a quantidade de sujeira contida na água, mais difícil é tratá-la e, ainda, menos aceitável para a população consumir aquele fluido que já foi repleto de impurezas. Entretanto, na situação em que nossos recursos hídricos se encontram, poluídos e desperdiçados, se não houver mobilização, não haverá mais água potável. A ideia de reuso se encaixa exatamente nesse ponto.

A proposta é interessante e se mostra eficiente. O reuso é colocado a fim de evitar o desperdício e servir como um certo controle de economia de outros meios. Claro que, se tivéssemos opção de apenas desfrutar de fontes límpidas, desfrutaríamos. Mas não é o caso. A proporção de água

limpa em comparação à contaminada é muito pequena. O problema existe e clama por solução.

Vivemos em uma época em que as consequências de muitas medidas tomadas (ou a falta delas) se manifestam. A falta de água é desesperadora, mas enquanto as pessoas abrirem suas torneiras e se depararem com o líquido transparente em abundância não terão noção da dimensão da questão. O racionamento pelo qual alguns bairros passaram e passam desde maio de 2014, por todo o Brasil, serviu como ilustração da ponta do iceberg que se encontra a nossa frente.

A crise hídrica está na iminência de piorar e os responsáveis por ela somos todos nós. Se não houver cooperação geral e movimentações paralelas, que se complementem, o efeito dominó continuará e nos levará a um quadro cada vez mais degradante. Não podemos esperar que a água acabe para descobrirmos como podemos tê-la de vol-

14. GABRIELLI, G. Reuso de efluente de esgoto sanitário anaeróbico e nitrificado em irrigação de roseiras. 2011. 61 f. Dissertação. (Mestrado em Engenharia Civil). Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

15. Aumento da concentração de nutrientes em águas naturais, doce ou salina, decorrentes de um processo de intensificação do fornecimento ou produção de nutrientes (principalmente nitratos e fosfatos). Disponível em <<http://www.cimm.com.br/portal/verbetes/exibir/285-eutrofizacao>> Acesso em 10 de junho de 2015

16. Disponível em GABRIELLI, G. Reuso de efluente de esgoto sanitário anaeróbico e nitrificado em irrigação de roseiras. 2011. 61 f. Dissertação. (Mestrado em Engenharia Civil). Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

17. TONON, D. Desinfecção de efluentes sanitários por cloração visando o uso na agricultura. Campinas: Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

ta. Existem lugares que passam por escassez há tempos, todavia, por conta da situação socioeconômica desfavorável, não há voz de reivindicação.

A conscientização precisa ser incentivada. A população, muitas vezes, peca no abuso por não ter informação sobre o assunto ou por não ser consciente de sua gravidade. O governo precisa assumir uma postura firme: além de aumentar as campanhas para informar o povo, investir numa maior fiscalização para a área industrial no quesito descarte de resíduos inapropriados.

A preocupação com as áreas que sofrem com as barreiras de acesso à água potável, por não terem infraestrutura de saneamento básico, precisa ser reforçada imediatamente. A falta de atenção a esse problema faz com que crianças morram por doenças possivelmente curadas com soro caseiro (sal, açúcar e água potável).

O cenário no qual nos encontramos está em estado deplorável, pede atenção e tem sede: sede de equilíbrio na distribuição de água, sede de controle sobre o desperdício, sede de mobilização, sede de atenção e sede de iniciativa.

Bibliografia e Referências Bibliográficas

- ABASTECIMENTO URBANO DE ÁGUA, ATLAS Brasil.** Disponível em <<http://atlas.ana.gov.br/Atlas/forms/Home.aspx>> Acesso em 03 de fevereiro de 2015.
- ACHON, Cali Laguna. **ECONOMIA DE SISTEMAS DE TRATAMENTO DE ÁGUA À LUZ DOS CONCEITOS DA ISO 14.001.** São Carlos, 2014. Universidade de São Paulo de São Carlos.
- ÁGUA, REVISTA USP / Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. N.1 (mar./mai. 2006) São Paulo, SP: USP
- ANA** Agência Nacional de Águas. Disponível em <<http://www2.ana.gov.br/Paginas/default.aspx>> Acesso em 03 de fevereiro de 2015.
- ARAÚJO, Ana Carolina Silvério Pires de Abreu. **Contribuição para o estudo da viabilidade/sustentabilidade da dessalinização enquanto técnica de tratamento de água.** Disponível em <<http://run.unl.pt/handle/10362/10203>> Acesso em: 06 outubro 2014.
- BALANÇO HÍDRICO DO BRASIL.** Disponível em <<http://balancohidrico.ana.gov.br/Default.aspx>> Acesso em 03 de fevereiro de 2015.
- BERRY, Sian. **50 formas inteligentes de preservar o planeta:** Como usar água e energia sem desperdício. São Paulo: Publifolha, 2009. - (50 formas inteligentes de preservar o planeta)
- BORSOI, Z. M. F. TORRES, S. D. A. **Política de recursos hídricos no Brasil.** Disponível em <<http://rash.apanela.com/tf/IEEE/rev806.pdf>> Acesso em 08 outubro 2014.
- BRANCO, Samuel. *ÁGUA: Origem, uso e preservação.* 2.ed. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção polêmica)
- CLARKE, R. KING, J. **O Atlas da Água: O mapeamento completo do recurso mais precioso do planeta.** São Paulo: Publifolha, 2005. Tradução Anna Maria Quirino.
- Conjuntura dos recursos hídricos no Brasil: 2013 /** Agência Nacional de Águas. Brasília: ANA, 2013. Disponível em <http://arquivos.ana.gov.br/institucional/spr/conjuntura/PDFs%20agregados/ANA_Conjuntura_Recursos_Hidricos_Brasil_capitulos_.pdf> Acesso em 03 de fevereiro de 2015.
- GABRIELLI, G. **Reúso de efluente de esgoto sanitário anaeróbico e nitrificado em irrigação de roseiras.** 2011. 61 f. Dissertação. (Mestrado em Engenharia Civil). Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, 2011.
- INSTITUTO TRATA BRASIL.** Disponível em <<http://www.tratabrasil.org.br>> Acesso em 01 novembro 2014.
- JUSTON, C.D.M. **FINANCIAMENTO DO SANEAMENTO BÁSICO NO BRASIL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA GESTÃO PÚBLICA E PRIVADA.** Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia, 2004.
- MANCUSO, P. C. S. SANTOS, H. F. S. **Reúso de Água.** Barueri, SP: Manole, 2003. (Coleção Ambiental)
- MOREIRA, Terezinha. **Saneamento Básico: Desafios e Oportunidades.** Disponível em <<http://www.geocities.ws/jose-claudiocardosodeoliveira/Saneamento1.pdf>> Acesso em 01 novembro 2014.
- PONTES, C. A. A. SCHRAMM, Fermin Roland. **Bioética da proteção e papel do Estado: problemas morais no acesso desigual à água potável.** Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v20n5/26.pdf>> Acesso em 30 outubro 2014.
- SUSE, R. **LOCALIZAÇÃO ÓTIMA DE ESTAÇÕES DE MONITORAMENTO DE QUALIDADE EM REDES DE DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA.** Campinas: Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, 2014.
- TONON, D. **Desinfecção de efluentes sanitários por cloração visando o uso na agricultura.** Campinas: Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- TOSETTO, M. S. **Tratamento terciário de esgoto sanitário para fins de reúso urbano.** Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, 2005. 228 p. Dissertação (Mestrado).
- TUCCI, Carlos E. M. **Gestão da água no Brasil** – Brasília : UNESCO, 2001.

ESQUIZOFRENIA: A SOCIEDADE PERANTE O ESQUIZOFRÊNICO

JULIA GAUDENCIO
3ª série C

Gostaria de agradecer a meus pais, Adriano e Angelina, e a todos os meus educadores por terem me ajudado a tornar meus sonhos possíveis. Obrigada também à psicóloga comportamental Karen Vogel e ao professor Eduardo Valladares por terem me auxiliado durante a realização do projeto.

Dedico este trabalho a todos aqueles que sofrem de esquizofrenia e travam uma luta diária contra os estigmas sociais, a todos que não conseguiram suportar viver na exclusão social e deixaram para trás uma família e também aos que viram, no distúrbio, uma oportunidade de abrir os olhos do mundo.

*“As vozes assolam a minha mente
Penetram mais e mais, murmurando ordens insanas
Já não distingo a realidade
Quero controlá-las, mas não consigo
Ecoam no meu cérebro aterroradoras
Em delírio errôneo, o meu corpo alucinado se retrai
Serão seres sobrenaturais, fantasmas, o demo...?
Em delírio constante sou Deus, Jesus, Virgem Maria...
Desarticulo-me no pensamento expressivo
Misturam-se as palavras, sem coerência
Transformando-se em pensamentos perturbadores
Perturbando meu funcionamento intelectual*

*Sinto na alma a deterioração prematura do meu cérebro
Sinto-me perdida, percepciono tudo e nada percepciono
Rio-me estupidamente, reagindo
À minha própria interpretação idiossincrásica da situação.
E tu choras, olhas para mim e não entendes
Eu continuo na minha insanidade mental
Amarrada ao delírio, às alucinações e à inanição cognitiva
Sofro, desesperadamente, perco o contacto com a realidade
O todo é irreal, ilusório e penetra no meu cérebro
Deixando-me louca, amarfanhada e perdida
Já nem sei quem sou, ajuda-me... compreende-me.”*

Liliana Jardim

Resumo

Contexto: Muitos psicólogos e psiquiatras acreditam que a parte mais difícil da esquizofrenia não é o tratamento ou a doença em si, mas sim todo o estigma que a envolve. O esquizofrênico é tratado de maneira tão preconceituosa, que até ele acaba por se desvalorizar (ou seja, não aceita

ter o distúrbio) e, conseqüentemente, não procura tratamento. Portanto, este trabalho é uma contribuição social que tenta minimizar o preconceito contra a doença por meio de orientação às pessoas.

Palavras-chave: esquizofrenia, doença, estigma, tratamento, preconceito, contribuição.

Abstract

Background: Many psychologists and psychiatrists believe that the hardest part of having schizophrenia isn't the treatment or the disease itself, but stigma involved in it. The schizophrenic is treated with such prejudice, that he even

turns out depreciating himself (in other words, doesn't accept having the disorder) and, consequently, not seeking treatment. So this work is a social contribution that tries to minimize prejudice through educating people about the disease.

Keywords: schizophrenia, disease, stigma, treatment, prejudice, contribution.

Introdução

No final do século XIX, data-se o histórico conceitual da esquizofrenia e cria-se a definição de “demência precoce”¹ por Emil Kraepelin (1856-1926). Bleuler² (1857-1939), então, criou a palavra “esquizofrenia” (esquizo= divisão, phrenia= mente), que ocupou o lugar do termo “demência precoce” na literatura.

Assim se iniciaram os estudos da esquizofrenia. Mais tarde esta seria classificada em dois subtipos³ e cada um seria estudado a fundo. Os sintomas prodrômico⁴ e os básicos seriam descritos e analisados. Tudo caminhando rumo a um maior entendimento da realidade do esquizofrênico.

Com todos esses estudos, é provado cientificamente que muitas ideias da sociedade em relação aos portadores de esquizofrenia estão erradas⁵. Em vista disso, o objetivo deste trabalho é contribuir para a diminuição do preconceito.

Além disso, é essencial conhecer este distúrbio psicológico pelo simples fato de que é um das doenças mentais mais graves e que um a cada cem pessoas tem pelo menos algum contato com ela⁶. É normalmente diagnosticada em pessoas entre os 15 aos 35 anos, não importando o sexo.

As pessoas necessitam entender que ter esquizofrenia não é uma característica pessoal (ou seja, não define al-

guém como sendo sem iniciativa, sem interesses, sem lógica ou qualquer coisa que defina a doença), mas sim uma doença que leva o indivíduo a ter certas maneiras de agir, de falar e de pensar. Em outras palavras, o esquizofrênico não é alguém diferente dos outros, apenas possui uma doença que outros não têm.



“Noite estrelada”, obra pintada pelo holandês Van Gogh, que sofria de esquizofrenia. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Noite_Estrelada#/media/File:Van_Gogh_-_Starry_Night_-_Google_Art_Project.jpg>. Acesso em: 14 de junho de 2015.

1. Entendendo a esquizofrenia

1.1. História

A definição dada atualmente à esquizofrenia indica uma psicose crônica idiopática⁷. O histórico conceitual da esquizofrenia é datado no final do século XIX, assim como a descrição de demência precoce⁸ por Emil Kraepelin (1856-1926). Ela era caracterizada por alucinações, perturbações (na atenção, compreensão e no fluxo de pensamento), esvaziamento afetivo e sintomas catatônicos⁹. Além disso, Kraepelin dividiu em três formas o transtorno: hebefrênica, catatônica e paranóide, que serão explicados no sub-capítulo 3, “Sintomas”.

Bleuler¹⁰ (1857-1939) criou a palavra “esquizofrenia” (esquizo= divisão, phrenia= mente), que ocupou o lugar do termo “demência precoce” na literatura. O psiquiatra explicou os sintomas fundamentais do distúrbio esquizofrênico que foram chamados de os quatro “As”: associação frouxa de ideias, ambivalência, autismo e alterações de afeto.

As classificações mais conhecidas da esquizofrenia são

aquelas propostas por Crow¹¹ (1980), que envolvem a dicotomização¹² do transtorno em subtipos I e II, positivo e negativo respectivamente (explicados no sub-capítulo 3, “Sintomas”).

Segundo ele, tanto o tipo I quanto o tipo II podem incidir em dois processos patológicos distintos, já que os sintomas básicos da síndrome positiva (subtipo I) envolvem alucinações e delírios, enquanto os da síndrome negativa (subtipo II) envolvem o embotamento afetivo¹³ e a pobreza do discurso.

1.2. Causas

Especialistas no ramo da psiquiatria afirmam que não existe uma só causa para o aparecimento da doença. Dentre os principais fatores que parecem aumentar o risco de desenvolver a doença estão a genética, o ambiente, o quadro psicológico¹⁴ do indivíduo e o uso de substâncias psicoativas¹⁵. Contudo, as causas exatas da esquizofrenia ainda são desconhecidas.

Esse distúrbio psicótico é um dos problemas mentais

1. Qualquer forma de demência reconhecida em pacientes com menos de 65 anos.
2. Psiquiatra que contribuiu mundialmente com o entendimento de doenças mentais.
3. Explicadas no capítulo I.
4. Sinais que prenunciam o surgimento de uma doença clínica.
5. Artigo da NHS Choices (<<http://www.nhs.uk/conditions/Schizophrenia/Pages/Introduction.aspx>>). Acesso: 5 de fevereiro de 2015.
6. Dado extraído do livro “Schizophrenia Simplified” de John F. Thornton e Mary V. Seeman. Mais informações na bibliografia.
7. Algo que surge de maneira misteriosa.
8. Qualquer forma de demência reconhecida em pacientes com menos de 65 anos.
9. Dificuldade na atividade motora e em mostrar certas expressões faciais.
10. Psiquiatra que contribuiu mundialmente para o entendimento de doenças mentais.
11. Tim Crow, psiquiatra britânico e pesquisador de Oxford.
12. Divisão.
13. Dificuldade em expressar sentimentos e emoções.
14. Conjunto de características psicológicas que caracterizam um indivíduo.
15. Substâncias que agem no sistema nervoso central, alterando funções cerebrais e elementos como o humor, percepção, comportamento e consciência.

mais graves. Uma em cem pessoas tem pelo menos algum contato com ele¹⁶. Este é normalmente diagnosticado em pessoas entre os 15 aos 35 anos, não importando o sexo. Vale lembrar que não existe um teste que confirme o transtorno, portanto um diagnóstico só pode ser dado por um médico especializado em psicologia, por exemplo, um psiquiatra. É também importante que a doença seja identificada o quanto antes, já que, quanto mais cedo, maiores são as chances de recuperação¹⁷ do paciente.

1.3. Sintomas

Segundo o artigo "Schizophrenia" ("Esquizofrenia") do site inglês NHS Choices, o transtorno esquizofrênico tem como principais sintomas alucinações (ouvir ou ver coisas que não existem), delírios (crenças incomuns que não têm base na realidade e que muitas vezes contradizem as evidências), pensamentos confusos (normalmente têm base no delírio e na alucinação) e mudanças no comportamento.

A maioria dos médicos descreve a esquizofrenia como uma doença psicótica, o que significa que a pessoa não consegue distinguir seus próprios pensamentos da realidade, porém é importante ressaltar que pensamentos são diferentes de alucinações: enquanto os pensamentos são baseados em pensamentos e percepções irreais, as alucinações envolvem os sentidos (no caso, a visão, a audição e o tato).

Quando as alucinações passam, o indivíduo é capaz de perceber que estava alucinando. Saber isso lhe cria um grande trauma, uma vez que elas normalmente abrangem os maiores medos e terrores da pessoa.

Os sintomas iniciais da esquizofrenia normalmente aparecem durante a adolescência ou início da fase adulta de modo insidioso¹⁸ (apesar de também ser possível surgir repentinamente). Alguns sintomas prodrômicos¹⁹ como a perda de energia, iniciativa e de interesses, humor depressivo, isolamento, comportamentos inadequados, negligência com a aparência pessoal e higiene podem surgir e permanecer por algumas semanas/meses até o aparecimento dos sinais mais básicos da doença.

As alucinações e delírios são os sintomas principais observados na esquizofrenia. As visuais ocorrem em 15% dos casos, as auditivas em 50% e as táteis em 5%, e os delírios em mais de 90% deles (Pull, 2005).

Na esquizofrenia, são encontrados distúrbios de comportamento como atitudes desordenadas e atitudes

catatônicas. A catatonia é o conjunto de ações e posturas involuntárias. Os fenômenos catatônicos incluem: este-reotipias²⁰, catalepsia²¹, automatismo²², maneirismos²³, fazer posturas e caretas, negativismo²⁴, estupor²⁵ e ecopraxia²⁶. Foram encontrados sintomas catatônicos entre 5 e 10% dos pacientes com esquizofrenia. Entretanto, esses sintomas não são específicos da esquizofrenia, podem ocorrer, sobretudo na mania (Pull, 2005).

É proposta como a característica central da esquizofrenia a perda de sentir prazer, ou seja, em se tratando de aspectos físicos, o indivíduo perde o deleitamento de admirar o pôr-do-sol, comer, beber, cantar e ser massageado. Em se tratando de aspectos sociais, há a perda do prazer de estar com os amigos ou com outras pessoas (sem falar que aqueles com esse transtorno costumam achar que todos conspiram contra ele e lhe querem mal).



A sensação de ser criticado por todos é muito comum entre pacientes com esquizofrenia. Fonte: <<http://www.monicadonettoguedes.com.br/sintomas/esquizofrenia.html>>. Acesso em: 14 de junho de 2015.

Além disso, desde as descrições originais de Kraepelin e Bleuler, os déficits cognitivos²⁷ foram considerados características importantes. Os esquizofrênicos apresentam diversos déficits neuropsicológicos²⁸: dificuldade em raciocínios conceituais complexos, velocidade psicomotora²⁹, memória de aprendizagem nova e habilidades motoras, sensoriais e perceptuais. Em destaque está a dificuldade de atenção, memória e resolução de problemas.

1.3.1 – Fases da esquizofrenia

A esquizofrenia é dividida em quatro fases: pré-mórbida, prodrômica, progressão e estabilização.

A primeira fase, pré-mórbida, é caracterizada por alterações cognitivas (déficits de memória verbal e atenção) e baixa sociabilidade, que podem ser identificadas durante a infância.

A segunda fase, prodrômica, antecede à eclosão da psicose e, geralmente, dura alguns meses. Durante esse período, é possível notar uma mudança no comportamento da pessoa (atitudes peculiares e maior isolamento) um estado constante de apreensão (como se "algo estivesse para acontecer"). Nessa

16. Dado extraído do livro "Schizophrenia Simplified" de John F. Thornton e Mary V. Seeman. Mais informações na bibliografia.

17. Quando dizemos "recuperação", estamos nos referindo à recuperação das crises, uma vez que a cura da esquizofrenia não existe.

18. Vagarosamente.

19. Sinais que prenunciam o surgimento de uma doença clínica.

20. Movimentos repetitivos, ritmados e, normalmente, sem finalidade.

21. Distúrbio que impede o doente de se movimentar.

22. Movimento decorrente de estímulos inconscientes.

23. Gesticulação artificial, exagerada. Comum em casos de tiques.

24. Deixar de fazer o que se pede ou então fazer o oposto do que é pedido. Característico do mutismo (recusar-se a falar) e da sitiofobia (medo de se comprometer, se internado, envenenado).

25. Não reagir a estímulos externos e nem a perguntas.

26. Repetição involuntária ou a imitação dos movimentos de outras pessoas.

27. Capacidade de adquirir conhecimentos.

28. Relações entre as funções psicológicas superiores e as estruturas cerebrais.

29. Tempo que levamos para processar uma informação, elaborar uma resposta e realizá-la.

fase, podem ocorrer sintomas psicóticos breves.

A partir do primeiro episódio de psicose³⁰ começa a progressão, a terceira fase. Os sintomas, nesse período, podem vir a piorar. No momento em que a esquizofrenia se estabiliza, inicia-se a última fase, a estabilização, podendo haver recaídas.³¹

1.3.2 – As três formas do transtorno

Como foi dito no subcapítulo 1, “História”, Kraepelin dividiu a esquizofrenia em três formas: hebefrênica, catatônica e paranóide, baseando-se nas suas características principais.

A esquizofrenia hebefrênica é fortemente ligada à questão do distúrbio afetivo, ou seja, o esquizofrênico tem uma grande tendência para o distanciamento social. Além disso, existem também sintomas como o delírio, alucinações, comportamento imprevisível, expressões faciais estranhas, negligência com a aparência própria, entre outros. Ela normalmente é diagnosticada em pessoas com menos de 25 anos.

A esquizofrenia catatônica surge de maneira repentina, normalmente, após os 30 anos de idade. Essa forma do transtorno costuma apresentar sintomas como falta de atividade e de resposta a outras pessoas, rigidez de postura e expressões faciais estranhas.

Na esquizofrenia paranóide, predominam ideias delirantes³² e alucinações. Outros sintomas muito frequentes são a grande desconfiança, a ansiedade e altos níveis de fúria, o que pode levar o indivíduo a se confrontar fisicamente com outros.

1.4. Tratamento

A esquizofrenia normalmente é tratada com uma combinação de remédios antipsicóticos (variam de pessoa para pessoa) e uma série de terapias cognitivas individuais. Mesmo que muitas pessoas consigam se recuperar, elas podem ter períodos em que os sintomas retornam (recaída).

Os antipsicóticos são divididos em duas gerações: a 1ª e a 2ª geração. Os de 1ª geração, também chamados de “típicos”, são aqueles desenvolvidos a partir da década de 50. A partir da década de 90, surgem os da 2ª geração, conhecidos também como “atípicos”. Essa geração é mais eficiente que a primeira: causam menos efeitos de impregnação³³, são mais eficazes no combate aos sintomas e ainda têm ação sobre o humor (estabiliza o humor e atua na depressão).

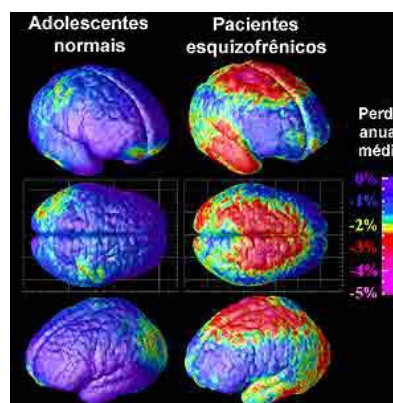
O efeito dos remédios neurológicos, normalmente, demora de um a dois meses para se completar. Entretanto, na primeira semana de tratamento, já se pode notar alguma melhora nos sintomas da esquizofrenia. Ainda que, depois de alguns meses de tratamento, os sintomas tenham cessado, o uso da

medicação não deve ser interrompido, uma vez que ela inibe crises psicóticas³⁴. É importante lembrar que o paciente deve abster-se de drogas, como o álcool e o cigarro³⁵.

Cada antipsicótico pode causar diferentes efeitos colaterais, como tremores, ganho de peso, boca seca, ansiedade, e até outros mais graves (por exemplo, síndrome neuroepilética³⁶). Contudo, o benefício dos medicamentos é muito maior que os riscos de efeitos colaterais. É importante ressaltar que os antipsicóticos não causam dependência alguma.

Outro fator essencial para o tratamento da esquizofrenia é a psicoeducação dos familiares. Com ela a família aprenderá a lidar com a doente e alertá-la sobre os sintomas do transtorno. Estudos demonstram que essas intervenções educativas são eficazes no tratamento de doenças crônicas³⁷ e demências³⁸, potencializando os resultados terapêuticos.

Existem muitos grupos de suporte que oferecem ajuda de como viver com o distúrbio (por exemplo, a ABRE³⁹, uma organização sem fins lucrativos que tem como objetivo melhorar a qualidade de vida do doente e de seus familiares). É muito comum que esquizofrênicos se sintam confortáveis ao conversar sobre a doença com outros em condições semelhantes.



Taxa de perda da massa cerebral. A Universidade da Califórnia em Los Angeles e o Instituto de Saúde Mental dos Estados Unidos conseguiram detectar o impacto que a esquizofrenia tem sobre o cérebro. Fonte: <http://users.ioni.usc.edu/~thompson/MEDIA/PNAS/ch_online.html>. Acesso em: 14 de junho de 2015.

1.4.1 Antipsicóticos disponíveis no Brasil

A tabela desenvolvida pelo Dr. Leonardo Parmeira (psiquiatra e editor do site “Portal Entendendo a Esquizofrenia”) abaixo apresenta-nos os remédios antipsicóticos disponíveis no Brasil. Disponível em: <http://entendendoesquizofrenia.com.br/website/?page_id=136>. Acesso em: 18 de maio de 2015.

Na imagem, encontramos os antipsicóticos divididos em “Primeira Geração” (“Baixa Potência” e “Alta Potência”) e “Segunda Geração”.

30. Estado psíquico em que há uma “perda de contato com a realidade”.

31. Reaparecimento dos sintomas de uma doença.

32. Ideias irrealistas, nas quais o indivíduo acredita cegamente.

33. Efeitos colaterais causados por medicamentos neurológicos.

34. Surto, podendo haver alucinações, delírios, mudanças comportamentais e pensamentos confusos.

35. Drogas podem agravar os quadros de esquizofrenia e até mesmo iniciar a doença em pessoas normais. Disponível em: <<http://www.minhavidade.com.br/saude/videos/16907-esquizofrenia-o-uso-de-drogas-pode-iniciar-ou-agravar-a-doenca>>. Acesso em: 13 de junho de 2015. Essa informação pode ser encontrada em outras diversas fontes.

36. Quadro raro caracterizado por febre de 40°C, rigidez muscular, variação da pressão arterial, taquicardia, sudorese, palidez, entre outros sintomas.

37. Doença de desenvolvimento lento.

38. Deficiência cognitiva.

39. Associação Brasileira de Familiares, Amigos e Portadores de Esquizofrenia.

Classe	Substância	Nome Comercial	Apresentações (via de administração)
Primeira Geração - Baixa Potência	Clorpromazina	Amplictil® Longactil Genérico	Comp. 25 e 100mg (oral) Gotas 1mg/gt (oral) Ampolas 25mg (injetável)
	Levomepromazina	Neozine® Levozine	Comp. 25 e 100mg (oral) Gotas 1mg/gt (oral)
	Periciazina	Neuleptil®	Comp. 10mg (oral) Gotas 0,25mg/gt (oral)
	Tioridazina	Melleril®	Comp. 25, 50, 100 e 200mg (oral), Líquido 30mg/ml com dosador em mg (oral)
Primeira Geração - Alta Potência	Haloperidol	Haldol® Haldol decanoato Halo Genérico	Comp. 1 e 5mg (oral) Gotas 0,1mg/gt Ampola 5mg (injetável) Depot (Haldol Decanoato) – ampola 50mg (IM)
	Flufenazina	Flufenan®	Comp. 5 mg (oral) Depot (Flufenan Depot) – ampola 25mg (IM)
	Pimozida	Orap®	Comp. 1 e 4 mg (oral)
	Trifluoperazina	Stelazine®	Comp. 2 e 5mg (oral)
	Sulpirida	Dogmatil® Equilid	Comp. 50 e 200mg (oral) Gotas 1mg/gt
	Pipotiazina	Piportil L4®	Depot – ampola 100mg (4ml), ampola 25mg (1ml)
	Zuclopentixol	Clopixol®	Comp. 10 e 25mg (oral) Acuphase – ampola 50mg (injetável), Depot – ampola 200mg (IM)
	Penfluridol	Semap® suspenso pelo laboratório em 2011	Comp. 20mg (oral – 1x por semana)

Classe	Substância	Nome Comercial	Apresentações (via de administração)
Segunda Geração	Risperidona	Risperdal® Risperdal-Consta® Zargus Risperidon Respidon Genérico	Comp. 1, 2, 3 e 4 mg (oral) Líquido 1mg/ml com dosador® (oral), Depot (Risperdal Consta®) – ampola 25mg (IM)
	Olanzapina	Zyprexa® Zyprexa-Zydis® Zyprexa IM® Neupine Genéricos	Comp. 2,5 – 5 – 10mg (oral) Comp. orodispersíveis (Zyprexa-Zydis) 5 e 10mg (oral) Ampola 10mg (IM - curta duração)
	Quetiapina	Seroquel® Seroquel XRO® Kitapen Neotiapim	Comp. 25, 100 e 200mg (oral) Comp. 50, 200 e 300mg (oral)
	Ziprasidona	Geodon® Geodon IM®	Cáps. 40 e 80mg (oral) Ampola 20mg (IM)
	Aripiprazol	Abilify®	Comp. 10, 15, 20 e 30mg (oral)
	Amisulprida	Socian®	Comp. 50 e 200mg (oral)
	Clozapina	Leponex®	Comp. 25 e 100mg (oral)
	Paliperidona	Invega® Invega Sustenna®	Comp. 3, 6 e 9mg (oral) Depot - ampola de 50, 75, 100 e 150mg para uso IM 1x por mês
	Asenapina	Saphris®	Comp. sublingual 5 e 10mg

2. Depoimentos

O intuito deste capítulo é mostrar a visão de pacientes esquizofrênicos sobre a doença e tentar ampliar nossa compreensão sobre a vida deles. Os depoimentos a seguir foram retirados do site da ABRE (Associação Brasileira de Familiares, Amigos e Portadores de Esquizofrenia)⁴⁰. Os sobrenomes não são revelados por questões de privacidade.

2.1. Jorge⁴¹

“Uma questão central na esquizofrenia é a pessoa ‘descobrir’ que o que ela acredita ser a realidade também é determinado por uma doença, chama-se isto de ‘insight’, o que é muito difícil para qualquer pessoa. Assim, eu descobri que tinha esquizofrenia em 2002, 18 anos depois de ela aparecer na minha vida.

Tenho contado a minha história de forma sistemática desde 2005, entretanto, esta história não é modelo para que o leitor use em sua vida. E a vida é o que importa, pois nada será como antes (Milton Nascimento, ‘Nada será como antes’). Não se pode generalizar uma experiência individual, o possível é apenas entendê-la como uma possibilidade, um depoimento que tem as limitações de ser o que a pessoa, eu no caso, quer contar e não a história toda, a história real.

Há duas lições neste relato: a primeira é que o diagnósti-

co precoce é fundamental, entretanto as pessoas passam em média um ano e meio sem um diagnóstico que defina seu tratamento; a segunda é que a crise psicótica é uma urgência médica, tanto como um infarto ou uma fratura, e deve ter socorro imediato. No meu caso, teria evitado uma tentativa de suicídio.”

Como é dito no depoimento, Jorge passou 18 anos com esquizofrenia sem saber que a portava e não a tratou com urgência. O sofrimento promovido pelo transtorno levou-o a grandes problemas, como sua tentativa de suicídio.

Jorge é um grande exemplo de que é necessário tratar a esquizofrenia com seriedade e emergência, nunca se esquecendo das consequências que a doença poderá trazer futuramente.

2.2. Pedro⁴²

“Eu me formei Comissário de Bordo quando estava com 21 anos, com uma vida muito agitada para quem não gosta muito de avião. Mas por necessidade fui nessa empreitada para ter uma profissão e ter rendimentos para poder ajudar minha família. Porém fiquei apenas dois meses trabalhando e logo tive que me desligar da empresa.

Isso para mim foi um desastre, pois meus pais e eu tínhamos a certeza que eu me daria bem e seguiria carreira, mas

40. Disponível em: <<http://www.abrebrasil.org.br/web/index.php/esquizofrenia>>. Acesso em: 13 de junho de 2015.

41. Disponível em: <<http://www.abrebrasil.org.br/web/index.php/1episodio/depoimentos/152-jorge>>. Acesso em: 13 de junho de 2015.

42. Disponível em: <<http://www.abrebrasil.org.br/web/index.php/1episodio/depoimentos/169-pedro>>. Acesso em: 13 de junho de 2015.

não foi o que aconteceu e eu caí em profunda depressão. Fiquei sete meses sem sair de casa quando comecei a sentir que algumas pessoas do meu círculo social estariam me perseguindo. Tive sensações de que me comunicava com a televisão e ouvia vozes que me diziam eu ser uma pessoa que não servia pra nada; estava ficando cada vez mais sensível a estas coisas e o nervosismo foi aumentando. Foi quando acendeu o sinal de alerta e meu pai com toda sua dedicação que sempre teve comigo e com nossa família me levou ao PS-Pronto Socorro de Psiquiatria do Hospital São Paulo e começamos a descobrir o que estava causando tanta confusão mental em mim. Foi diagnosticado Esquizofrenia e ministraram Haldol, Akineton e Diazepan.

Ao mesmo tempo fui começar tratamento no Proesq - Programa para Esquizofrenia, mas tinha um sério problema: pelas minhas amizades, onde era normal fumar um “beque”, continuava a fazer uso da maconha e isso trazia sérios problemas para quem estava com quadro de esquizofrenia. Eu não me conscientizei a princípio e tive surtos onde achava que tinha encontrado a cura para a Aids, que eu seria o novo Messias, que eu seria o novo homem - Homo Abilis, e que por tudo isso as pessoas me perseguiriam, pois para elas não seria interessante existir um novo Jesus. Logo depois de um surto onde tiveram que me trazer de volta a São Paulo, pois eu estava numa viagem com amigos, fui à consulta e decidi que não fumaria mais o tal “beque”. Começou o processo de melhora. Passei a tomar Risperidona e conheci minha esposa. Arrumei um trabalho e fiquei dois anos num Call Center de Cobrança. O stress foi aumentando até que decidi ‘pedir pra sair’.

Depois disso foram três tentativas de voltar a trabalhar, mas com a pressão do cotidiano voltei a ouvir vozes e achar que seria o Messias. Hoje estou no Auxílio Doença, casado há cinco anos, faço aulas de violão, faço tarefas domésticas, dirijo e pretendo fazer trabalho voluntário na ABRE.”.

O depoimento acima deixa claro os conceitos citados anteriormente, como a importância de se abster de drogas e sobre a maneira como o esquizofrênico sente-se perseguido e criticado o tempo todo. Observação: se olharmos na tabela do sub-capítulo “Antipsicóticos disponíveis no Brasil” (Tratamento), podemos notar que Pedro usava medicamentos fortes, mas mesmo assim não melhorava por conta das drogas.

2.3. José⁴³

“Este depoimento é dedicado a minha mãe, Adelaide, minha cuidadora, dedicada e incansável, e à memória de meu pai, Benito.

Ao me deparar com a proposta de escrever o meu testemunho sobre esquizofrenia, um imenso vazio invadiu o meu ser. Isso me pareceu surpreendente, já que tenho convivido com essa doença desde a minha infância (como familiar, inicialmente, já que meu pai era diagnosticado com esquizofrenia) até a vida adulta, como portador.

Desde pequeno, a palavra esquizofrenia (que do grego significa mente partida) me aterrorizava. Não suportava ver meu

pai de crise em crise, sendo internado constantemente, com a dignidade como ser humano destruída, sem poder fazer nada.

Julgava eu que meu pai era um fraco. Não podia tolerar o porquê de sua depressão, de suas crises de choro e de sua constante reclamação de estar “impregnado” pelas medicações antipsicóticas. Por que o meu pai era diferente dos outros pais dos meus amigos? Por que ele sempre se apresentava desleixado no seu vestir, com a barba por fazer, com forte odor de tabaco (já que ele fumava sem parar)? Só pude entendê-lo e perdôá-lo há pouco tempo, quando eu também fui diagnosticado com uma forma de esquizofrenia: sou esquizoafetivo⁴⁴, segundo a psiquiatria.

Passei boa parte da minha infância e adolescência com medo de desenvolver a doença, mas foi somente na vida adulta, quando julgava fora de perigo, aos 27 anos, que a esquizofrenia se manifestou. A minha vida, até então, não se diferenciava muito da de uma pessoa de classe média, estudando em um bom colégio de ascendência italiana (o Dante Alighieri) e tendo uma trajetória de vivência típica de um ser humano “normal”, com medos, inseguranças e satisfações próprias da idade. Apesar de ser um pouco avesso ao contacto social, e não ser dado a esportes, tinha amigos e não me considerava muito diferente dos outros. A minha vida parecia seguir o rumo normal como o de tantos outros jovens adolescentes. Melhor até, já que não tive grandes dificuldades para ingressar numa das mais renomadas escolas de engenharia do país, a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

Tudo parecia bem, nada me faltava, tinha um futuro promissor que se despontava dia a dia, com as primeiras namoradas que também aconteciam. O meu estado depressivo e de “busca” durante o curso de engenharia parecia bastante normal, visto que a angústia existencial e o ânimo dentro da escola eram desalentadores, devido à desumana carga horária das matérias (as aulas de cálculo e mecânica eram árduas). Fui um aluno medíocre, com notas pouco acima do mínimo necessário para passar de semestre. Com um pouco de sorte e de estudo, consegui a façanha de me formar nos cinco anos regulamentares, sem nenhum atraso, fato pouco comum na escola. E ainda me dei ao luxo, no último ano, de me engajar na vida acadêmico-político-cultural da escola: fui o precursor e organizador da já tradicional Semana de Arte da Poli (SAPO), época em que matava aulas de estruturas de concreto para fazer modelo vivo nu na Pinacoteca do Estado, cursando ainda a Escola Panamericana de Arte.

Terminei o curso de engenharia com episódios de depressão esporádicos e alguns surtos de pânico, mas como desde o início da adolescência tive acompanhamento psicológico, nada havia sido detectado ainda. O primeiro emprego, como engenheiro fiscal de obras, surgiu através da amizade conseguida na época de colégio e, mais uma vez, o meu futuro parecia promissor: mais um engenheiro no mercado e a vida seguia o seu rumo. Ledo engano! A depressão começou a aumentar com o tempo; a impossibilidade de iniciar o curso de mestrado (sonho acalentado

43. Disponível em: <<http://www.abrebrasil.org.br/web/index.php/1episodio/depoimentos/170-jose>>. Acesso em : 13 de junho de 2015.

44. Espécie de esquizofrenia em conjunto a transtornos afetivos, de humor (por exemplo, depressão).

desde muito tempo) foi o fator de muita desilusão, mas os sintomas da doença ainda estavam por vir.

Eu era esquisito: apesar das pessoas gostarem de mim, eu me achava diferente. Ora me considerava um zero à esquerda, ora o escolhido, com uma função messiânica. Todo esse preâmbulo da minha narrativa foi necessário para situar a minha condição por época da minha primeira crise, em 1994, quando então contava com 27 anos.

Como já disse, não havia um diagnóstico, pois o que eu sentia era uma imensa depressão, um imenso vazio existencial e uma vontade de morrer (ou renascer). Estava nessa época (1994) concluindo um grande empreendimento de construção civil (o Edifício Plaza Centenário), numa região empresarial nobre de São Paulo.

Comecei a surtar durante o trabalho e crises de choro me impediam de exercer as minhas funções; ninguém entendia o que acontecia comigo, nem eu mesmo... Estava também envolvido com a Projeiologia, ciência que estuda experiências astrais (fora do corpo), mas nem isso me colocava no prumo, muito pelo contrário, foi um fator adicional de desestabilização. Nessa minha primeira crise, não tive grandes alucinações ou surtos típicos esquizóides e era tratado como bipolar (maníaco-depressivo). Vale dizer que tirei uma licença médica para me tratar.

Durante vários meses, afastado do trabalho, passando por vários psiquiatras que não tinham um diagnóstico conclusivo, acabei me internando, por livre escolha, no Hospital público Dia do Itaim. Após migrar de medicação em medicação, sem que os sintomas psicóticos abrandassem, comecei o tratamento com o lítio, que me possibilitou o retorno à vida sem depressão, mas não sem um alto custo, o de engordar 20 kg num período de dois meses. Dessa forma, por orientação da minha psiquiatra do hospital Dia, suspendi o lítio; a minha outra psiquiatra, particular, não compartilhava da mesma opinião, mas não dei ouvido a ela. Fora da crise, com a medicação suspensa, mais gordo e afastado do trabalho, aproveitei fatores econômicos favoráveis e decidi partir para os EUA visando estudar inglês e repensar em que termos poderia reconstruir a minha vida. Era ano de 1995.

A experiência de viver nos EUA (quatro anos no total) foi sob certos aspectos muito gratificante. Rapidamente consegui ser aceito em um programa de pós-graduação MBA (Master of Business Administration) na University of Southern Mississippi. Novamente a crise parecia superada e a minha vida voltava a ser promissora. Durante o tempo em que estive no mestrado, vivi intensamente em todos os sentidos, parecendo “recuperar o tempo perdido”, mas nem tudo era um mar de rosas. Comecei a ter problemas de relacionamento com colegas, alunos e professores, e o nível de estresse começou a subir. Na época de formatura, e com um fracasso acadêmico iminente, eis que vem a segunda crise, esta sim esquizofrênica no sentido amplo da palavra. De repente me vi envolvido num mundo de espionagem e contra-espionagem; recebia cartas da CIA (o que de fato ocorreu, de verdade!) e parecia que meu e-mail era monitorado e eu me comunicava telepaticamente com a televisão.

Sentia que havia um complô contra mim, que queriam me matar, já que eu pensava que eu era acusado de ter estuprado e matado uma garotinha em Boulder, Colorado, num crime que comoveu os EUA. Eu achava que a polícia estava no meu encalço a buscar provas para me condenar à cadeia elétrica. Mais ainda: jornais e revistas traziam codificações cifradas sobre mim com instruções a serem seguidas e uma voz invisível ditava ordens para mim. No final, acabei sendo removido pela polícia local para o hospital psiquiátrico. Por fim, é impossível recobrar e descrever todas as sensações, sentimentos e fatos que ocorreram de maio a agosto de 1998. Agora, entretanto, era oficial e definitivo: a psiquiatria me rotulava de esquizoafetivo.

Passada a tormenta, estava de volta ao Brasil, com mestrado inconcluso, e submetendo-me novamente ao tratamento com o lítio, mas com uma nova medicação: a olanzapina (Zyprexa). O período de agosto a dezembro de 1998 foi de restabelecimento e de recuperação. Em janeiro de 1999 eu retornava ao Mississippi, agora para concluir o mestrado inacabado, e com a mesma postura anterior, de não aceitar tomar a medicação. Por minha conta e risco suspendi os remédios.

Ao finalizar o MBA, mudei-me para a casa de um amigo, na Flórida, onde julgava existir um mercado mais promissor para os latinos, mas foi em Seattle, estado de Washington, que eu consegui o meu primeiro emprego pós-MBA: na Microsoft, como especialista em língua portuguesa – um tradutor de luxo. As primeiras semanas no novo emprego foram apazíveis, mas infelizmente voltei a ter problemas de relacionamento dentro da empresa, o que motivou a minha demissão em exatos dois meses de trabalho. Desesperado e sem rumo larguei tudo, novamente, para retornar à Flórida, mas fui surpreendido no meio da viagem (de carro) pela minha terceira crise, quando cruzava o estado de Montana. Novamente uma rede intrincada e sofisticada de pensamentos e alucinações, espionagem, tentativa de envenenamento me perseguiram. Mensagens cifradas ocorriam de todos os lados, pela mídia impressa e eletrônica. Eu era o novo Jesus Cristo (eu tinha 33 anos), o novo Adão, o bug do milênio, já que o ano 2000 estava por chegar.



“Sentia que havia um complô contra mim” - José. Fonte: <<http://psicoter.com.br/wp-content/uploads/2015/03/22.jpg>>. Acesso em: 14 de junho de 2015.

Fui (novamente) removido pela polícia ao hospital psiquiátrico local, sendo “resgatado” pela minha irmã (que por sorte se encontrava na Flórida). Ao fim de alguns desenhos, retornei ao Brasil em caráter definitivo. A cada crise,

advinham internações curtas e a medicação acabou se estabilizando no lítio (regulador de humor) e um antidepressivo (Zoloft). Passei o ano de 2000 prostrado na cama, sem motivação de fazer nada, só saindo de casa para ir às sessões de psicoterapia semanais. Em 2001, nova crise, a quarta, com nova internação, e surtos nos mesmos moldes dos anteriores, perseguições, com “memorações” de vidas passadas, leitura de pensamento, envolvimento com seres de outros planetas, espíritos malignos e realidade esotérica. Dessa vez a medicação se estabilizou com o lítio, a olanzapina (Zyprexa, antipsicótico) e o antidepressivo (Eféxor).

Atualmente (desde maio de 2001) estou enfrentando um novo processo de transição, longo, mais lento e gradual, porém sem crises. Recentemente o lítio foi substituído pelo ácido valpróico (Depakene), pois o primeiro medicamento estava me potencializando erupções cutâneas conhecidas como psoríase. Com relação ao distúrbio psíquico, tenho me tratado no CAISM (Centro de Atenção Integrada a Saúde Mental) do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (unidade da Vila Mariana), com consultas psiquiátricas mensais. Lá frequentei sessões de psicoterapia (individual e em grupo) e terapia ocupacional.

O momento presente é alentador: ainda estou retomando a carreira profissional como Diretor adjunto na ABRE, mas tenho tido um ganho qualitativo de VIDA inegável, exer-

gando-a como algo que vale a pena ser experimentado. Sentindo-me um adolescente de novo, tenho me apoiado muito no espiritismo kardercista que, com sua doutrina consoladora, tem me auxiliado a me manter com esperança no futuro. Num certo sentido, repeti a história de meu pai, que tanto me amedrontava, mas com a atenuante de não ter me casado ou tido filhos. Tudo isso tem tornado a minha vida presente um desafio para mim: como vencer as barreiras da doença e medicamentos para ter uma vida próxima do comum? É possível ser “normal” e ter esquizofrenia? Como os meus amigos e familiares me encaram como esquizoafetivo que sou, visto que não omiti o meu diagnóstico de ninguém - muito pelo contrário, eu divulguei-o exaustivamente até!

Essa é, enfim, em linhas gerais, a história de mais um ser humano que está lutando contra o estigma de uma das doenças mentais mais enigmáticas da história da humanidade: a Esquizofrenia.”

É possível identificar o estigma que envolve a esquizofrenia no depoimento de José, tanto dos outros para com ele, quanto dele para com seu pai, que antes era considerado um “fraco”.

Quando lemos o relato, vários conceitos da esquizofrenia vêm à mente como a questão de que ela começa aos poucos, do esquizofrênico sentir que todos conspiram contra ele e de que não se pode parar de tomar os remédios, como José havia feito.

3. Estigmas da esquizofrenia

Os estigmas estão difundidos na sociedade e no cotidiano. O maior problema deles é quando passam a afetar a saúde de alguém. No caso da esquizofrenia, muitas vezes, o doente não procura tratamento por simplesmente aderir ao preconceito social e não acolher a ideia de tem o transtorno.

3.1. O que é preconceito?

Preconceito (pré= antes; conceito= definição) trata de nada mais do que uma opinião ou ideia formada antes de se ter os conhecimentos necessários para julgar algo ou alguém e sem dados objetivos. Baseia-se na generalização e, normalmente, é usada com sentido negativo, criando uma grande discriminação.

3.2. A “estigmatização” na mídia

Dia 2 de fevereiro de 2014, Eduardo Coutinho, jornalista e um dos maiores documentaristas do Brasil, foi esfaqueado por seu filho, Daniel. Segundo os relatos, o crime foi motivado por um surto psicótico e, sem diagnóstico, o garoto foi tachado de esquizofrênico. Não demorou muito para surgir declarações preconceituosas nas redes sociais e na conversa cotidiana sobre as pessoas com transtornos mentais e sobre como elas são “perigosas para a sociedade”.

É verdade que os esquizofrênicos podem cometer crimes violentos, mas tudo depende da alucinação que ele está tendo e como ele reage a ela. Além disso, segundo Luís Fernando Tófoli (psiquiatra que escreveu para a revista “Carta Capital” sobre o ocorrido), “o risco de uma pessoa ser atacada por um estranho que seja portador de esquizofrenia é menor que o

de ser atacado por um estranho não-psicótico” e acrescenta “A maioria absoluta dos portadores dessa doença são pessoas pacatas e que sofrem muito com os sintomas que vivenciam, tanto que um número bastante grande deles comete suicídio”.

Ademais, o risco de ter uma crise psicótica é praticamente nulo quando o paciente está se tratando corretamente e se priva do uso de drogas (principalmente o álcool). Outro ponto importante é que a família seja bem orientada (o que chamamos de “psicoeducação”) quanto aos sintomas da doença.

A lei tem formas diferentes de lidar com esses tipos de crime. Como foi confirmado que Daniel Coutinho realmente era portador de esquizofrenia e que não tinha consciência durante o ato, ele não foi preso. Sua única pena foram medidas de segurança (ser internado em um manicômio judiciário) e tratamento.

3.3. A esquizofrenia na legislação

A fim de proteger os portadores de doenças mentais foram criadas leis como a Lei 8.080 (que regulamenta o Sistema Único de Saúde) e a Lei 10.216 (que protege o indivíduo).

A última foi criada dia 6 de abril de 2001 por Fernando Henrique Cardoso e, entre as dezenas de direitos estabelecidos, encontram-se garantias de acesso ao melhor tratamento de saúde, de proteção a qualquer tipo de abuso, de reinserção social do paciente, entre outras.

Segundo a legislação, a Justiça tem o poder de internar um doente, a chamada internação compulsória. A internação, voluntária ou involuntária, deve ser autorizada pelo Conselho Regional de Medicina (CRM do Estado).

4. Entrevista com uma psicóloga

As informações a seguir foram retiradas da entrevista com Karen Vogel⁴⁵, psicóloga comportamental, feita no dia 08 de abril (de 2015). O encontro foi planejado basicamente para discutir a relação do esquizofrênico com a sociedade, foco principal deste projeto.

Em geral, a pessoa alucina quando está em crise, ou seja, diferentemente do que muitos pensam, o doente vive uma vida normal, assim como qualquer outro indivíduo, se estiver sendo medicado e frequentando terapias comportamentais. Usando os antipsicóticos⁴⁶ corretos, dificilmente alucina. O problema é que muitos esquizofrênicos se negam a aderir ao tratamento por diversos motivos, como o medo dos efeitos colaterais e a desconfiança no psiquiatra.

Segundo Karen, é importante ressaltar que a convivên-

cia com o esquizofrênico é muito difícil: existe a mistura da grande dificuldade de socialização por parte do doente e do preconceito social para com o distúrbio. Muitas vezes a resistência em socializar encontra-se na maneira como a pessoa se vê, como um louco, diferente dos demais, doente (incapaz). “Se tem uma doença totalmente estigmatizada nesse sentido de ‘sou louco’ é a esquizofrenia.”, diz Vogel. Essa mentalidade do paciente faz com que o transtorno possa vir acompanhado de distúrbios como a depressão.

Essa maneira de ver o esquizofrênico não está apenas na cabeça dele. A maioria das pessoas- até mesmo seus pais- o vê dessa forma, o que dificulta ainda mais seu convívio social. “Querendo ou não, a nossa cultura exclui as pessoas diferentes [...] simplesmente porque as pessoas não sabem lidar.”

Conclusão

O que falta para as pessoas não é a tolerância, mas sim sabedoria e conhecimento. Com eles, podemos saber que não há motivos para pré-conceitos e que a discriminação é apenas um fruto da ignorância e da mente humana primitiva.

A esquizofrenia é, possivelmente, o mais grave dos distúrbios mentais conhecidos e por isso o doente, muitas vezes, vive uma vida diferente dos demais, mas isso não define o esquizofrênico. Esquizofrenia é uma doença e não uma característica.

Por não saberem disso, as pessoas o discriminam como alguém louco, o que passa a ser uma das maiores dificuldades do doente: a aceitação e a inclusão social.

Segundo psicólogos comportamentais, essa questão é a mais discutida nas consultas com os esquizofrênicos, principalmente porque esse pré-conceito da sociedade com o doente o fazem não somente ter esquizofrenia como também depressão, fruto do isolamento e do conflito interno com a doença, ou seja, ter pensamentos de auto-aceitação como “Eu realmente sou um louco” ou “Eu não pertencço a essa sociedade”.

Desse modo, retomo o primeiro parágrafo: se as pessoas conhecessem o transtorno, provavelmente não haveria tanta intriga em se tratando da relação do esquizofrênico com o mundo. A esquizofrenia passaria a ser “só mais uma doença” (como se já não fosse).

Bibliografia e referências bibliográficas

- (Artigo sem assinatura). **Schizophrenia (NHS Choices)**, 17 de setembro de 2012. Disponível em: <http://www.nhs.uk/conditions/Schizophrenia/Pages/Introduction.aspx>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2015.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **Lei Nº 10.216, de 6 de abril de 2001**, Brasília, 6 de abril de 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm. Acesso em: 13 de junho de 2015.
- DA SILVA, Regina. **Esquizofrenia: Uma revisão (SciELO)**, 20 de novembro de 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642006000400014. Acesso em: 5 de fevereiro de 2015.
- GALVÃO, Ana Luiza; ABUCHAIM, Cláudio. **Esquizofrenia e outros transtornos psicóticos**. Abcdasaude.com.br/psiquiatria, São Paulo, 24 de novembro 2001. Disponível em: <http://www.abcdasaude.com.br/psiquiatria/esquizofrenia-e-outros-transtornos-psicoticos>. Acessos em: 30 de outubro de 2014.
- GUARNIERO, Francisco; BELLINGHINI, Ruth; GATTAZ, Wagner. **O estigma da esquizofrenia na mídia: um levantamento de notícias publicadas em veículos brasileiros de grande circulação**, São Paulo, 4 de abril de 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v39n3/a02v39n3>. Acesso em: 13 de junho de 2015.
- LIEBERMAN, Jeffrey A.; STROUP, T. Scott; PERKINS, Diana. **Fundamentos da Esquizofrenia**. 1ª Ed. São Paulo: Artmed, 2013.
- PALMEIRA, Leonardo. **Entendendo a Esquizofrenia: Qual o remédio?**, Rio de Janeiro, (sem data). Disponível em: http://entendendoaesquizofrenia.com.br/website/?page_id=136 Acesso em: 26 de maio de 2015.
- THORNTON, John F.; SEEMAN, Mary V. **Schizophrenia Simplified**, 3ª Ed. Toronto: Hogrefe & Huber Publishers, 1991
- TÓFOLI, Luís Fernando. **Esquizofrenia: risco de perigo ou de preconceito?**, 5 de fevereiro de 2014. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/esquizofrenia-risco-de-perigo-ou-de-preconceito-3172.html>. Acesso em: 25 de abril de 2015.
- VARELLA, Drauzio. **Clínica Geral: Esquizofrenia**. Drauziovarella.com.br/Letras, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://drauziovarella.com.br/letras/e/esquizofrenia/> Acesso em: 30 outubro 2014.

45. Psicóloga, fundadora do IBMind, ministra cursos sobre “Mindfulness” e Terapia de Aceitação e Compromisso. Mestranda pela faculdade de medicina na USP e especialista em terapia comportamental.

46. Medicamentos destinados ao tratamento de sintomas psicóticos, principalmente a esquizofrenia. Também são conhecidos como “neurolépticos”.

A IMPORTÂNCIA DAS PESQUISAS NO CONTROLE DAS DOENÇAS: UM ESTUDO SOBRE O MEDICAMENTO CONTRA O HIV

MARCELLA ALVES
3ª série A

Obrigada a minha família por todo o apoio e carinho que me deram durante todo o processo de pesquisa, mas, principalmente a meus pais, Jorge e Martha Alves, por me propiciarem uma educação de qualidade que me incentiva a pesquisar e a descobrir coisas novas a cada dia; à Ana Paula Severiano por me auxiliar na produção do texto; a Ricardo Zwirtes pelo material e pela compreensão e à Isa Sorrentino pela disposição e pela revisão do trabalho. Dedico este trabalho àqueles que, assim como eu, gostam de explorar e de aprender, que sempre buscam novas perguntas, mas, acima de tudo, novas respostas. Também dedico este trabalho a pesquisadores, a médicos e a farmacêuticos que passam anos de sua vida voltados para a descoberta do tratamento dessa doença que atinge uma parcela significativa da população.

Resumo

O objetivo deste trabalho é demonstrar como ocorrem as pesquisas clínicas, suas falhas e sucessos até a obtenção de um medicamento eficaz, utilizando como exemplo a pesquisa envolvida na descoberta do AZT e dos medicamentos posteriores a ele. Tais estudos visam à obtenção de compostos cada vez mais eficazes contra o vírus HIV. Os principais fármacos mencionados são o ddC, o ddI, o d4T e o 3TC, entre outros. A pesquisa aborda os impac-

tos que os ensaios clínicos exercem sobre a sociedade, além da desvalorização deles pelo governo e por grande parte da população. Por fim, observa-se que as substâncias descobertas por meio dessas pesquisas podem trazer inúmeras possibilidades e algumas dificuldades para a vida do paciente. Além disso, elas vêm, cada vez mais, sendo reconhecidas pelos cidadãos, ganhando o espaço merecido no âmbito farmacêutico.

Palavras-chave: pesquisas clínicas, medicamentos, desvalorização, possibilidades, dificuldades

Abstract

The purpose of this report is to demonstrate how the clinical researches are made, their faults and successes until an effective medicine is obtained, using the research involved in the discovery of AZT and other drugs as an example. The aim of such studies is to obtain drugs which are more and more effective against the HIV virus. The main remedies mentioned are ddC, ddI, d4T and 3TC, among others. The

research addresses the impacts of clinical trials on society, besides their devaluation by the government and the population. Ultimately, it is observed that substances discovered by these researches can bring countless possibilities as well as some difficulties for the patient's life. Besides that, they have been increasingly recognized by the citizens, gaining more reputation in the pharmaceutical scope.

Keywords: clinical researches, medicines, devaluation, possibilities, difficulties

Introdução

“A ciência será sempre uma busca e jamais uma descoberta. É uma viagem, nunca uma chegada”. (Karl Popper)

Este projeto apresenta como tema a “importância do processo químico no desenvolvimento de medicamentos para cura de doenças”. Tem como foco o processo envolvido na descoberta de um medicamento contra o HIV (AZT), com o objetivo de mostrar a extrema importância das pesquisas na criação de remédios eficazes. Relatará a evolução dessas pesquisas, relacionando-as ao contexto histórico em que estão inseridas e a importância do suporte financeiro e tecnológico. Os meios em foco são os principais medicamentos contra o HIV, AZT (zidovudina), d4T (stavudina), ddC (zalcitabina), 3TC (lamivudina), ddI (didanosina), ABC (abacavir) e tenofovir diisopropil (viread).

Desde as primeiras civilizações, o ser humano busca por um tratamento eficaz para as doenças, fato que pode ser comprovado com os registros feitos pelas primeiras comunidade, que utilizavam recursos da natureza, como plantas e animais para curar os doentes. As descobertas para a cura de doenças sofreram grandes transformações ao longo dos tempos, e hoje estão em um patamar mais evoluído.

Assim como outras doenças, a Aids passou por um processo para que se pudesse descobrir algum tipo de medicamento que permitisse, no mínimo, seu controle. A partir do primeiro caso, por volta do ano 1980 (BRAGA, 2007), químicos e farmacêuticos foram forçados a buscar compostos que tivessem algum efeito sobre vírus. Por conta da grande mortalidade pela doença, cientistas realizaram várias pesquisas até chegarem a um relativo sucesso.

O primeiro tratamento bem sucedido ocorreu com a utilização do composto AZT (3'-azido-2',3' -didesoxitimidina). A primeira síntese dele ocorreu em 1964, graças ao químico Horwitz da Fundação contra o Câncer em Michigan. Somente em 1985 esse composto foi utilizado como antirretroviral, sendo antes anticancerígeno. A aprovação do seu uso como medicamento contra a doença, ocorreu em 1986 pela FDA¹ (Food and Drugs Administration), órgão norte-americano de controle de produtos farmacêuticos. Passou a ser produzido pelos laboratórios Burroughs-Wellcome, em 1987. (SOUZA; ALMEIDA, 2002)

Várias outras pesquisas foram feitas para a obtenção de um medicamento mais eficaz que o AZT. Nesse sentido foi possível criar medicamentos semelhantes a ele, porém com menos efeitos colaterais. Os principais no mercado atualmente: d4T (stavudina), ddC (zalcitabina), 3TC (lamivudina), ddI (didanosina), ABC (abacavir) e tenofovir diisopropil (viread) podem agir em conjunto ou separadamente ao primeiro composto. (*op. cit.*, SOUZA; ALMEIDA)

O Brasil, atualmente, é uma referência mundial no estudo para descoberta da cura e da prevenção dessa doença. Houve uma diminuição muito significativa dos infectados pelo vírus após o início do tratamento realizado no país. Apesar disso, ainda não existe grande valorização dessas pesquisas, tornando complicada a utilização de remédios eficazes.

O tratamento, utilizando a ação desses medicamentos em conjunto, teve grande sucesso na diminuição de mortes pela doença além da ampliação de pacientes aderindo à terapia. Com seu sucesso, muitas medidas foram tomadas pelo governo, principalmente nos Estados Unidos e no Brasil, para garantir que infectados pudessem ser tratados da melhor maneira possível.

Apesar do êxito, esse tratamento apresentou grandes desafios durante o processo de sua elaboração. Devido às patentes farmacêuticas, houve um aumento no custo da medicação, o que dificultou muito a adesão à terapia. Felizmente, houve relativa melhora no preço dos remédios com o passar dos anos, o que tornou o tratamento mais acessível, auxiliando de maneira eficaz os infectados pelo vírus.

A utilização dessa medicação garante melhoria de vida dos pacientes, porém há certas barreiras criadas pelo medicamento que dificultam bastante o tratamento. Os indivíduos podem apresentar alguns efeitos colaterais no início, além de alterações no funcionamento do organismo a longo prazo. Portanto, há um paradoxo presente no uso da medicação. Por um lado, há a redução significativa do vírus na corrente sanguínea, por outro pode resultar no desenvolvimento de outras doenças.

Apesar do êxito no tratamento, essas pesquisas não deixam de ser realizadas para que possam aprimorá-lo cada vez mais a fim de garantir a sobrevivência dos infectados.

1. Pesquisas Clínicas

1.1 Importância

As pesquisas clínicas são, certamente, um dos principais fatores que possibilitam a cura de doenças. É por meio delas que compostos capazes de combater um certo vírus ou bactéria podem ser descobertos, criando condições para que tratamentos bem sucedidos possam ser realizados. Com essas descobertas, as doenças também podem pas-

sar por um processo de mudança. Assim, aquelas que eram letais no passado, muitas vezes, se tornam pouco significativas, como a pneumonia.

O processo de estudo sobre determinada doença existe desde os primórdios da humanidade, porém passou a ser chamado de pesquisa clínica anos mais tarde, após a criação da primeira indústria farmacêutica, na Alemanha, em 1897,

1. Órgão norte-americano de controle sobre produtos farmacêuticos

com a síntese da aspirina (SIQUEIRA; CALIXTO, 2008). Com o passar do tempo, outras corporações multinacionais surgiram em vários países do mundo e, com o objetivo de se obter maior sucesso na produção, criaram-se centros de pesquisa que possibilitaram o crescimento desse processo.

A partir do momento em que uma determinada doença passa a atingir grande parte da população, ela se torna uma ameaça. Para que possa ser curada rapidamente, seu causador, seja ele um vírus ou uma bactéria, passa a ser objeto de estudo dessas pesquisas.

Os processos de estudo, quando bem sucedidos, podem alterar completamente o curso de determinadas doenças. O composto capaz de limitar a ação do causador ou eliminá-lo do organismo que é descoberto, passa a ser incorporado ao tratamento de doentes. Assim, o número de mortes tende a diminuir, tal como o número de infectados. Segundo a Doutora Dulce Barbosa (2010) do Departamento de Enfermagem da Unifesp, “as pesquisas clínicas apresentam grande auxílio para a área da saúde, garantindo maior certeza de sucesso no tratamento.”

Os ensaios clínicos, por mais que auxiliem no processo de cura de determinada doença, não podem garantir 100% de certeza de que esse seja bem sucedido. Como já propunha Darwin², os seres humanos são capazes de sofrer mutações. Assim como eles, os vírus também têm essa mesma capacidade, podendo se tornar imunes ao composto criado para combatê-los. Esse fator dificulta bastante o processo de pesquisas e faz com que ele tenha que ser realizado novamente no decorrer do tempo.

Esses processos de estudo se modificaram de maneira significativa ao longo dos anos. As primeiras descobertas ocorriam por um mero acaso, sem um grande planejamento, e os testes eram realizados desde o início em animais, o que algumas vezes prejudicava a saúde deles ou levava à morte. Atualmente, esse processo ocorre de uma maneira diferente, com um planejamento bem detalhado que deve ser seriamente seguido por todos os profissionais envolvidos.

1.2 Como funcionam?

Os ensaios clínicos são divididos em 4 fases, além da inicial que é chamada de pré-clínica. Ela consiste em realizar testes em animais com moléculas recém-descobertas por meio de experiências *in vitro*. Porém, esse processo só pode ocorrer quando essa molécula apresenta certo grau de segurança em relação a sua toxicidade. É nessa fase que é possível concluir se a substância será eficaz ou não para os humanos. Geralmente, segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA³), 90% delas são eliminadas já nessa fase por não se adaptarem ao organismo, ou por terem pouco êxito ou por serem tóxicas.

Se aprovada essa etapa, inicia-se a primeira fase da pesquisa, durante a qual se realizarão testes em humanos

(entre 20 a 100 voluntários segundo a ANVISA) para maior garantia. Os indivíduos testados são geralmente saudáveis ou em raros casos infectados pela doença a qual se pretende curar. Uma vez que esses testes ocorrem, cabe ao pesquisador analisar a reação de cada um à substância. Para isso, a dosagem aumenta gradativamente o que possibilita a verificação de quanto tempo o composto permanece na corrente sanguínea de cada indivíduo. Portanto, o principal foco dessa etapa é a reação do corpo humano à tal substância.

A segunda fase tem como principal objetivo analisar a efetividade do medicamento pesquisado na doença específica. Apesar de também garantir a segurança, nessa fase os pesquisadores preocupam-se principalmente com o vírus ou bactéria irá reagir e, se eficiente, qual será a dosagem apropriada para a cura. Os indivíduos (entre 100 e 200, segundo a ANVISA) predominantemente testados são aqueles já infectados pelo microrganismo, para que o efeito terapêutico possa ser ainda mais ampliado.

Inicia-se então a terceira fase que consiste na análise de um grande número de pessoas (5 a 10 mil) (FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNICAMP) em contato com o composto com o objetivo de descobrir quais os riscos e benefícios de sua utilização, a curto e a longo prazo. Além disso, pretende-se determinar, em escala global, a eficácia do medicamento testado. Para que isso seja possível, o indivíduo será tratado como o pesquisador julgar necessário, podendo receber o mesmo tipo de tratamento ou um que apresente algumas mudanças, em um período variado de tempo.

Portanto, esse período apresenta um objetivo menos específico e as observações feitas servem apenas para que o tratamento tenha mais estabilidade. Dessa maneira, compara-se sua ação à de outros produtos que agem contra o mesmo vírus ou bactéria, o que pode certificar seu sucesso no mercado, resultando ou não na aprovação de seu uso comercial.

Depois de concluída essa etapa do estudo, realiza-se a última fase que ocorre após a comercialização do produto. O propósito dela é avaliar, principalmente, os possíveis efeitos colaterais desconhecidos em todas as etapas anteriores do processo. Também são mais profundamente pesquisados os riscos a longo prazo da utilização desse produto. Por não necessitarem de tanta velocidade para serem concluídos, essas pesquisas ocorrem lentamente, analisando grande número de indivíduos durante alguns anos. É a etapa que fortalece o uso comercial do medicamento e passa a ser conhecida como Farmacovigilância (ANVISA).

É importante ressaltar que essa descoberta só pode ocorrer se seguir as normas e diretrizes implementadas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa⁴ (CONEP, 2012). Ela tem como principal objetivo garantir a segurança dos seres humanos e deve ser respeitada por todos os profissionais envolvidos no processo.

2. Naturalista britânico que propôs a teoria da evolução das espécies.

3. Agência que é responsável por elaborar normas de funcionamento, observar seu cumprimento, estabelecer mecanismos de controle e avaliar riscos e eventos adversos relacionados a serviços prestados por hospitais, clínicas de hemodiálise, postos de atendimento, entre outros.

4. É responsável pela deliberação, fiscalização, acompanhamento e monitoramento das políticas públicas de saúde.

1.3 Exemplo de estudo clínico efetivo

Uma das pesquisas clínicas mais bem sucedidas da humanidade foi a da penicilina, muito utilizada até hoje no tratamento de inúmeras doenças. Não se pode afirmar que sua descoberta ocorreu por meio da pesquisa clínica como conhecemos atualmente. No passado, os estudos não eram divididos em etapas, as conclusões eram tiradas a partir de observações que só ocorriam por um mero acaso, sem um planejamento específico. Foi dessa maneira que o medicamento surgiu inicialmente.

A ideia de um composto que combatesse determinadas bactérias surgiu graças a uma série de acasos durante uma experiência em Londres, no ano de 1928. O cientista inglês Alexander Fleming⁵ estava realizando um experimento sobre culturas de estafilococos⁶, porém durante o processo observou, acidentalmente, que organismos de natureza bacteriana não conseguiam se proliferar na presença de uma espécie de fungo. Formulou-se, então, a primeira teoria sobre os antibióticos, dando o nome do composto de “penicilina”. Fleming lançou um novo desafio no mundo da medicina. (PEREIRA; PITA, 2005)

Assim como em todos os processos de estudo clínico, as observações de Fleming se iniciaram anos antes da descoberta da substância em si. Em 1922, o cientista já havia constatado a existência de uma enzima que podia inibir a ação bacteriana, porém foi só no ano de 1928 que pôde concluir que esse tipo de fungo também poderia inibi-las (*op.cit.* PEREIRA; PITA). Em um certo dia, Fleming havia esquecido a porta do laboratório aberta. Assim, na manhã seguinte, pôde notar que suas placas de cultivo das bactérias apresentavam manchas de um bolor esverdeado, causadas pela presença do fungo que teria vindo do andar de baixo.

O cientista então resolveu observar o acontecimento. Algum tempo mais tarde, notou que o fungo havia matado as bactérias e que essas não eram as únicas que não podiam se proliferar em sua presença, mas também outras patogênicas como os estreptococos⁷, pneumococos⁸ e meningococos⁹, entre outros. O composto criado por Fleming alguns anos depois, extraído do fungo *Penicillium notatum*, apresentou relativo sucesso na cura de doenças na época letais como a pneumonia, a sífilis e a difteria. (*op.cit.* PEREIRA; PITA)

Segundo a pesquisadora Ana Leonor Pereira¹⁰ (2005): “a descoberta da penicilina foi a conquista mais relevante da história da ciência novecentista”. Ela não apenas proporcionou o tratamento de doenças para as quais não havia qualquer medicamento eficaz, como a AIDS, mas também permitiu maiores investimentos em pesquisas, que puderam ter grande desenvolvimento até chegarem ao que são hoje. Portanto, ela não foi só uma descoberta científica, foi o início de uma evolução no âmbito da saúde e da farmácia.

1.4 Dificuldades para a realização de pesquisas clínicas no Brasil

Mesmo que a descoberta da penicilina tenha sido um grande avanço das pesquisas clínicas, há ainda pouca valorização desse processo, não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro. A falta de investimento do governo e o pouco reconhecimento da população impedem que esse setor cresça aceleradamente. Apesar dessa desvalorização, o Brasil se tornou uma referência mundial em produção e venda de medicamentos ao longo dos anos.

Ainda que o país tenha importante participação mundial, grande parte da matéria prima utilizada no processo de produção ainda é importada de países desenvolvidos ou em desenvolvimento, o que acaba resultando em um certo “déficit” comercial. Após a aprovação da comercialização de medicamentos genéricos, essa situação se alterou um pouco, na medida em que as indústrias nacionais passaram a ter maior importância na produção desses medicamentos, o que, consequentemente, gerou maior apoio às pesquisas clínicas.

Após a aprovação da Lei de Inovação¹¹, que tinha como principal finalidade propiciar um processo de inovação tecnológica, houve uma maior interação entre universidades e empresas, o que fez com que o processo de pesquisa pudesse se intensificar moderadamente. De acordo com João Calixto e Jarbas Siqueira (2008, p.105): “Outras iniciativas do governo como a criação da ANVISA, bem como o surgimento do PROFARMA¹², merecem ser destacadas”. Contudo, ainda é necessário melhoria nos centros de pesquisa, além de maior incentivo do governo à compra de produtos desenvolvidos por empresas brasileiras.

O setor farmacêutico no Brasil ainda enfrenta grandes dificuldades em se estabelecer e crescer, mas o país, felizmente, criou, ou está criando, condições para que os ajustes necessários possam ser realizados. É evidente que o governo e a população estão dando cada vez mais valor ao processo químico em si, o que já é um excelente começo.

É importante destacar que os desafios enfrentados pela indústria farmacêutica não são apenas pela falta de reconhecimento do processo de pesquisa. Grande parte do atraso do crescimento dos ensaios clínicos se deve ao interesse das próprias empresas.

O principal fator que retarda esse desenvolvimento é a questão das patentes farmacêuticas. Elas são título de exclusividade do composto garantido aos pesquisadores que o descobriram. Dessa maneira, a patente impede que outras indústrias possam produzi-lo ou até mesmo comercializá-lo. O processo para consegui-la é trabalhoso e envolve muito investimento. Assim, as indústrias não pretendem passar por ele sem que haja grande garantia de lucro. Por essa razão, as pesquisas realizadas são as que

5. Farmacologista, biólogo e botânico escocês.

6. Gênero de bactérias gram-positivas que mais atinge o ser humano.

7. Gênero de bactérias gram-positivas em forma de coco que também podem causar infecções no ser humano, porém com menor frequência.

8. Espécie de bactérias gram-positivas pertencentes ao gênero estreptococos, principal causadora da pneumonia.

9. Bactérias gram-positivas imóveis e aeróbias que podem causar a meningite e a sepsis.

10. Doutora do Departamento de Enfermagem da Unifesp

11. Promulgada em 2004

12. Distribuidora de produtos farmacêuticos

envolvem vírus ou bactérias que atingem um grande número de pessoas.

2. AIDS

2.1 Surgimento

O primeiro caso da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) ocorreu em 1959 quando um homem no Congo morreu por conta de sintomas graves. (REVISTA ÉPOCA, 2008) Outros casos seguintes ocorreram nos anos de 1977 e 1978 na África central, Haiti e Estados Unidos. Um dos primeiros e mais marcantes deles ocorreu em Los Angeles, nos Estados Unidos, durante esse período. Cinco homens homossexuais apresentavam raras infecções no pulmão registradas pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças¹³. Dois deles teriam morrido antes da publicação do documento enquanto os outros três estavam em estado grave, o que indicava que seu sistema imunológico estava muito fragilizado. (BRAGA, 2007)

Inicialmente, não se sabia que os sintomas eram de uma outra doença. Os médicos acreditavam que os casos eram de pneumonia ou viroses mais fortes. Porém, com o passar do tempo, o número de infectados registrados com os mesmos sintomas aumentaram rapidamente e, no final do mesmo ano, 270 casos semelhantes haviam sido reportados, dos quais 121 morreram por incapacidade de combater microrganismos que atingiam seu corpo. (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2007)

Dessa maneira, médicos constataram que estavam diante de uma nova e inesperada doença e lhe deram o nome de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, por afetar diretamente o sistema imunológico dos infectados. A partir do ano 1982 ela foi reconhecida e foram criadas comunidades e clínicas para tentar combatê-la, como a Fundação da AIDS, em São Francisco, a primeira clínica americana de AIDS. Apesar dos esforços de especialistas da saúde e do governo americano, a doença se espalhou velozmente por vários países do mundo.

Foi no ano de 1983 que a doença atingiu o Brasil pela primeira vez. O diagnóstico inicial ocorreu na cidade de São Paulo. A princípio, a doença passou a atingir os centros cosmopolitas, as grandes regiões urbanas como Rio de Janeiro e São Paulo, mas se deslocou para regiões rurais com o passar dos anos. O número de casos aumentava cada vez mais, assim como o número de mortes pela doença, não só no Brasil, mas no mundo todo, o que mais tarde forçou profissionais a buscar por um composto que pudesse combater o microrganismo causador. (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2007)

2.2 O vírus causador

O vírus causador da AIDS é o Vírus da Imunodeficiência Humana, conhecido como HIV (sigla em inglês¹⁴). Trata-se de um retrovírus¹⁵ que atinge o sistema imunológico do ser humano, especialmente as células T que, em conjunto

com uma glicoproteína situada em sua superfície, são as principais responsáveis pela defesa contra microrganismos desconhecidos. Desse modo, o indivíduo se torna incapaz de combater outras doenças, por mais simples que sejam. (BELLINI; FRASSON, 2006)

Quando o vírus penetra em uma delas, ocorre uma interação entre eles, que altera a estrutura e a função da célula de defesa. Assim, ela não consegue reconhecer quando um antígeno está presente no corpo, não enviando, então, qualquer resposta de defesa. Posteriormente, o HIV passa a integrar os genes ao DNA do linfócito. Quando este sofre divisão celular, há cópia do material genético do infectado e também do próprio vírus. É dessa maneira que ele passa a se utilizar dessas células como mecanismo de multiplicação, espalhando-se com grande facilidade e rapidez. (UNESP, 2003)

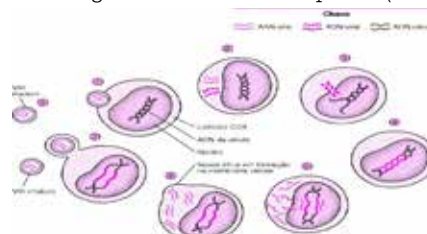


Figura 1: Processo de multiplicação do HIV¹⁶

Durante esse processo, os glóbulos brancos¹⁷ morrem por razões ainda desconhecidas. Com a diminuição dessas células no sangue, o corpo se torna cada vez menos capaz de combater infecções até que atinge um ponto crítico que caracteriza a AIDS. A doença corresponde ao estágio final da infecção pelo HIV. Portanto, não são todos que apresentam o vírus na corrente sanguínea que avançam para esse estágio, desenvolvendo a patologia. (op.cit. BELLINI; FRASSON)

2.3 Sintomas

A princípio, os sintomas da doença eram muito semelhantes aos de uma gripe qualquer e por essa razão médicos passaram a confundir-la com outras já existentes. Após a observação de alguns casos, puderam constatar que os sintomas eram relacionados à incapacidade do sistema imunológico de combater os microrganismos causadores de viroses ou bacterioses.

A primeira fase da doença corresponde ao tempo em que o vírus causador (HIV) está presente no corpo sem manifestar qualquer sintoma, chamada de infecção aguda e dura, geralmente, de 3 a 6 semanas. Após, aproximadamente, 30 a 60 dias, o corpo do doente começa a manifestar sintomas de mal-estar e febre, muito parecidos com os da gripe, o que muitas vezes pode fazer com que passe despercebido. O grande problema é que, algumas vezes, os infectados demoram mui-

13. Agência do Departamento de Saúde e Serviços Humanos responsável pela proteção da saúde pública e segurança da população

14. Human Immunodeficiency Virus

15. Vírus que possui RNA como material genético e que se multiplica com auxílio da enzima transcriptase reversa

16. Fonte: <http://patologiasvirais.blogspot.com.br/p/virus-da-imunodeficiencia-humana-hiv.html> Acesso em: 09/06/2015

17. Células de defesa

tos anos para desenvolver esses sintomas, por conta de o vírus poder permanecer “invisível” por até dez anos. (DEPARTAMENTO DE DST, AIDS E HEPATITES VIRAIS, 2005)

O período seguinte da virose é chamado de assintomático, que se caracteriza pela relação entre o vírus e as células de defesa. É nessa fase que o causador sofre rápidas mutações, afetando de forma equilibrada o sistema de defesa, amadurecendo e morrendo de forma constante. Assim, não danifica de maneira tão significativa o organismo, e o doente não se torna tão suscetível a outras infecções. Porém, é principalmente nessa etapa que o HIV penetra nas células do sistema imunológico, multiplicando-se com rapidez. (UNESP, 2003)

A segunda fase dessa doença é chamada de sintomática inicial que corresponde a uma diminuição cada vez maior do número linfócitos T¹⁸. Essa redução drástica pode atingir nível tão baixo no sangue, que pode chegar a menos de 200 unidades por mm³, segundo o departamento de DST, Aids e hepatites virais. Para que o sistema imunológico de um humano saudável possa funcionar de maneira eficaz, esse nível deveria ser entre 800 e 1200 unidades por mm³, segundo a instituição. (DEPARTAMENTO DE DST, AIDS E HEPATITES VIRAIS, 2005)

Os principais sintomas causados por essa situação são febre que pode durar por um período prolongado, fadiga, dor de garganta persistente, dores musculares, diarreia, suores noturnos e emagrecimento excessivo. Porém, esses não são a principal dificuldade da virose. Por conta da baixa imunidade causada pelo vírus, o organismo do infectado se torna cada vez mais vulnerável a doenças oportunistas, chamadas dessa maneira por se aproveitarem dessa fragilidade.

Dessa maneira, o indivíduo infectado pode vir a desenvolver uma série de doenças que podem ser letais na medida em que o sistema imunológico afetado não tem a capacidade de combatê-las. Segundo o Departamento de DST, Aids e hepatites virais (2005): “As principais patologias desenvolvidas pelos infectados são a pneumonia, a tuberculose, a toxoplasmose, hepatites virais, alguns tipos de câncer, entre outras”. Por isso diz-se que humanos não morrem por conta da Aids e seus sintomas, mas doenças que os atacam quando estão mais vulneráveis.

A transmissão do vírus ocorre através do contato com sangue, sêmen, secreções vaginais e leite materno de indivíduos infectados. As principais formas de contágio são relação sexual sem proteção, transfusões sanguíneas contaminadas, de mãe para filho durante a gestação e alguns casos por acidentes no trabalho de profissionais da saúde que podem sofrer ferimentos com instrumentos já contaminados com o vírus (UNESP, 2003). Portanto, é necessário bastante atenção e cuidado para prevenir a contaminação.

2.4 Mudanças em relação ao preconceito

Ao chegar ao Brasil, a Aids ficou conhecida como “peste gay” por atingir principalmente os homossexuais. Quando a doença passou para mulheres e crianças, essa discriminação passou a ter menor foco neles e se expandiu para todos os indivíduos infectados. Apesar de ter tido relativa melhora, ainda é um grande problema a ser combatido em

nossa sociedade. (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2007)

A doença se tornou muito estigmatizada, o que fez com que os infectados, homens, mulheres, crianças ou idosos, fossem alvo de preconceito e discriminação constantes. Isso, segundo especialistas, pode trazer sérias consequências para o tratamento dos doentes. De acordo com Camila Peixoto (2009), pesquisadora da Universidade de Brasília, “uma de suas consequências é o adiamento da revelação do diagnóstico devido ao medo do preconceito e discriminação.” É uma espécie de ciclo, durante o qual as pessoas temem constantemente sofrer esse estigma, mas o silêncio faz com essa forma de discriminação se fortaleça ainda mais.

Existem certas características da doença que podem favorecer-las, tais como ser conhecida como letal, poder ter condição aparente aos não infectados e, especialmente, por suas causas serem atribuídas como responsabilidade das próprias pessoas. Em outras palavras, ocorre principalmente devido às formas de transmissão do vírus, ou seja, por relações sexuais sem proteção. (SEIDL, GUERRA, 2009)

Esse preconceito pode gerar consequências na vida pessoal e profissional dos indivíduos, uma vez que se sentem abandonados, vítimas de violência e podem acabar perdendo o emprego. Geralmente, quando atinge adolescentes, os resultados podem ser ainda mais impactantes e faz com que não queiram se matricular em escolas regulares, apesar desse tipo de discriminação ocorrer muito mais fora do que dentro da instituição. (*op.cit*, SEIDL, GUERRA)

Esses efeitos de um estigma enraizado em grande parte da população podem ser piores do que viver com a própria doença. Além disso, o medo resulta no sentimento de vergonha da condição vivida. Por isso, é necessário combatê-lo da melhor forma possível, sendo necessário o incentivo de discussões e troca de vivência entre os cidadãos. (*op.cit*. SEIDL, GUERRA)

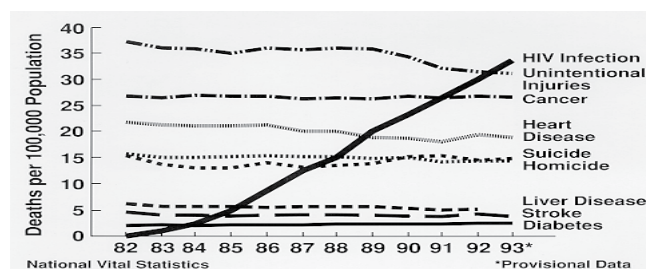
2.5 Por que surgiram pesquisas clínicas para a doença?

Por ser um retrovírus, o HIV tem a capacidade de se espalhar muito rapidamente, tanto dentro do próprio organismo, quanto pela população. Assim, foi com muita agilidade que ele atingiu vários países do mundo, o que deixou médicos e farmacêuticos preocupados. Os sintomas iniciais não eram muito fortes, porém à medida que a doença se intensificava, o sistema imunológico se tornava cada vez mais fragilizado e não permitia que os infectados sobrevivessem.

Por ser uma doença conhecida como letal, as pessoas passaram a temê-la. À medida que ela se espalhava, gerava mais medo na população. Os primeiros casos não foram tão assustadores, tanto para os médicos quanto para a população, mas isso se modificou rapidamente. O fato de não ter sido reconhecida como uma nova doença já em seus primeiros infectados possibilitou o crescimento acelerado no número de casos, tal como o número de mortos. Quando se descobriu a nova patologia, já era tarde, pois não foi possível contê-la tão facilmente.

O medo e o estigma que se intensificavam forçaram especialistas a buscarem um medicamento que pudesse

curar ou ao menos limitar a ação do vírus no organismo. Assim se iniciaram inúmeras pesquisas com esse objetivo, as quais tinham o HIV como principal objeto de pesquisa. Quanto mais tempo levava para que resultados fossem obtidos, mais pessoas eram atingidas, o que resultava em mais medo e preocupação. O gráfico ao lado mostra o aumento no número de mortes pela doença em relação a outras durante esse período.

Gráfico 1: Mortes causadas pela infecção do HIV¹⁹

3. O primeiro composto (AZT)

3.1 Como ocorreu sua descoberta

As primeiras pesquisas se iniciaram com os primeiros casos da doença e cujo objetivo era descobrir microrganismo causador que até então era desconhecido. Foi apenas no ano de 1983 que o vírus responsável foi isolado, ao mesmo tempo, por dois pesquisadores. Sua identificação como vírus da imunodeficiência humana (HIV) ocorreu em 1985, que determinou o surgimento do primeiro teste diagnóstico feito por meio da detecção de anticorpos produzidos contra o vírus. (*op.cit.* REVISTA ÉPOCA)

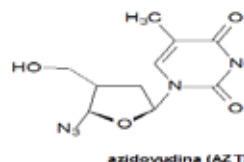
Uma equipe liderada por Luc Montagnier, do Instituto Pasteur na França, e Robert Gallo, um americano do Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos foram responsáveis pelo isolamento do agente etiológico. Por terem acontecido simultaneamente, os dois pesquisadores passaram a disputar a autoria da descoberta, o que só terminou em 1992. (INSTITUTO OSWALDO CRUZ, 2007)

Para que se pudesse criar ou determinar um composto eficaz, era muito importante que especialistas conhecessem o funcionamento do vírus no organismo. Essa nova conquista, então, possibilitou o acontecimento, na medida em que identificava como que a substância deveria agir. A partir disso, várias substâncias passaram a ser sintetizadas em várias partes do mundo, porém a inibição da ação do vírus não ocorreu tão facilmente.

No mesmo ano do reconhecimento do causador, obteve-se sucesso na utilização do AZT (3'-azido-2',3'-didesoxitimidina) como antirretroviral. O composto foi descoberto por Jerome Horwitz, da Fundação contra o câncer de Michigan, porém apresentou inicialmente apenas ação antitumoral. Em 1984, quando foi criado, o composto foi engavetado pela falta de eficácia contra o câncer e pela sua toxicidade. Apesar disso, em 1986, a FDA ("Food and Drug Administration") permitiu sua utilização para testes em humanos infectados, nos Estados Unidos. Esses testes foram realizados pela indústria farmacêutica Avonex, principal empresa responsável pela produção do medicamento na época. (SOUZA; ALMEIDA, 2003)

Com sua eficácia no controle do vírus, a FDA aprovou sua utilização. Então, no ano de 1987, passou a ser comercializado pelos laboratórios Burroughs-Wellcome. O fármaco passou a agir como inibidor da transcriptase reversa, a enzi-

ma responsável pelo processo de transcrição do RNA, o que impede que o vírus se reproduza, diminuindo assim sua taxa no sangue. Anos após o início de sua utilização, a Avonex anunciou que o AZT havia sido aprovado como a primeira droga para tratar a AIDS, por 10 mil dólares por paciente. Passou a ser a droga mais cara da história. (SOUZA; ALMEIDA, 2003)

Figura 2: Fórmula estrutural do composto AZT.²⁰

3.2 Pesquisas posteriores ao AZT

Apesar de seu relativo sucesso no combate ao vírus, o tratamento dos pacientes não era nada fácil. Além de extremamente caros, os remédios deveriam ser tomados 12 vezes ao dia. Por essa razão, iniciaram-se outras pesquisas que pudessem revelar um composto com maior eficiência e menor toxicidade.

Em 1991 e nos anos seguintes, foram descobertas outras substâncias que apresentavam ação semelhante ao AZT, porém que eram ainda mais fortes no tratamento da doença. As principais foram a ddI, ddA, d4T e ddC, que foram, no início, utilizadas separadamente no tratamento de doentes, apresentando relativo sucesso. (SOUZA; ALMEIDA, 2003)

Em 1996, durante a 11ª Conferência da Aids em Vancouver, Canadá, surgiu a ideia de um tratamento feito por meio da combinação dos compostos até então descobertos, o que passou a ser chamado de coquetel de drogas. A atuação deles em conjunto resultaria em uma queda de 100 vezes no ritmo de replicação do vírus. Isso pode ser explicado pelo fato de cada um inibir enzimas virais distintas, o que faz com que sejam classificados em: inibidores de transcriptase reversa nucleosídeo-nucleotídeo (IsTRN), inibidores de transcriptase reversa não-nucleosídeo (IsTRNN) e inibidores de protease (IsP). (*op.cit.* SOUZA; ALMEIDA)

A ideia inicial era estabelecer um tratamento triplo que pudesse curar a doença e, durante algum tempo, era nisso que os pesquisadores acreditavam. Mesmo com as taxas da AIDS diminuídas entre 60 e 80%, uma descoberta alterou o rumo das pesquisas. Em 1997 foi publicado um importante artigo de Robert Siciliano²¹ sobre o vírus que mostrava que o agente não era totalmente extraído do corpo, mas sim se

19. Fonte: <http://www.niaid.nih.gov/topics/hiv/aids/understanding/howhivcausesaids/pages/relationshiphiv/aids.aspx> - Acesso em: 05/04/2015

20. Fonte: http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/O_a_Z/quimica_organica_1/aula_01/01.html Acesso em: 06/04/2015

21. Professor de Medicina da Universidade John Hopkins

“escondia” dentro de um tipo de célula T. Segundo ele, o tratamento contínuo impede que esse vírus volte a atacar o sistema imunológico do infectado, porém não consegue curar a doença por completo. (JOVEM SOROPOSITIVO, 2015)

Com esses conhecimentos divulgados pelo pesquisador, outros medicamentos puderam ser descobertos. Atualmente, existem sete compostos capazes de inibir a enzima transcriptase reversa (IsTRN), sendo eles AZT (zidovudina), d4T (stavudina), ddC (zalcitabina), 3TC (lamivudina), ddI (didanosina), ABC (abacavir) e tenofovir diisopropil (viread). Os medicamentos que inibem a transcriptase reversa não-nucleosídeo são nevirapina (viramune), efavirenz (sustiva) e delavirdina (rescriptor). Por fim, os medicamentos que inibem a ação da protease são saquinavir (fortovase), ritonavir (norvir) indinavir (crivixan), lopinavir, nelfinavir (viracept) e amprenavir (prozei). (DEPARTAMENTO DE DST, AIDS E HEPATITES VIRAIS, 2005)

O tratamento atual da doença inclui a utilização desses medicamentos em conjunto. Porém, há ainda alguns que estão passando por fase de teste que podem vir a ser incorporados a ele. Além disso, existem outros que podem não ser mais utilizados para o combate à doença por adquirirem resistência ao vírus, sendo eles, principalmente, os que impossibilitam a ação da protease. (op.cit. SOUZA; ALMEIDA, 2003)

3.3 Sucessos

Em vários lugares do mundo, medidas foram tomadas para garantir o tratamento para o maior número de pacientes possíveis. Por volta do ano 2000, organizações não-governamentais puderam reduzir os preços dos medicamentos, criando os genéricos e implementando a diminuição nos medicamentos já descobertos. Ao mesmo tempo, a Declaração de Doha²² permitiu acesso às drogas antirretrovirais para os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. (KUCHENBECKER, 2009)

Os Estados Unidos são um exemplo onde a implementação de certas medidas mudaram a realidade de infectados nos países em desenvolvimento, principalmente no continente africano. Essa expansão do tratamento se deu inicialmente em 2003 quando o presidente George W. Bush promoveu o Fundo Global para a Luta contra a Aids, Tuberculose e Malária. Além disso, outras instituições foram criadas, posteriormente, com o mesmo objetivo, tais como Fundação Bill e Melinda Gates e a Fundação Clinton. Elas puderam, de forma efetiva, garantir o tratamento dos doentes, além de ampliar o sistema de prevenção. (TEIXEIRA, 2003)

No Brasil, a terapêutica antirretroviral era muito cara, o que dificultava muito sua adesão. Porém, algumas políticas implementadas no país puderam fazer com que o êxito fosse ainda maior. Quando Fernando Henrique Cardoso assumiu a presidência, promulgou uma lei que garantia a gratuidade do tratamento contra o HIV, o que certamente facilitou a diminuição de casos da doença. (JOVEM SOROPOSITIVO, 2015)

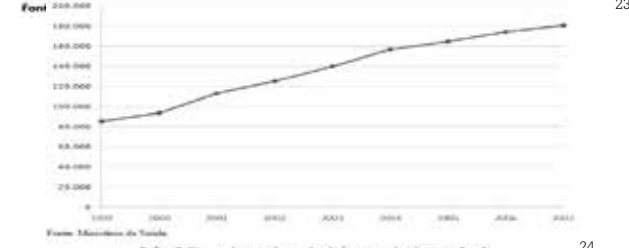
O tratamento feito com os diversos compostos descober-

tos obteve grande sucesso contra o vírus, pois vários pacientes puderam alcançar um nível indetectável do agente no sangue, principalmente no Brasil. No passado, e expectativa daqueles que viviam com AIDS era em torno de 20 anos (ANNALS, 2010), hoje ela subiu para 50 anos, e tende a aumentar cada vez mais, graças ao êxito da terapia. Os avanços em relação ao combate da doença se devem, em grande parte, ao ativismo e ao controle social que puderam garantir boa qualidade de prevenção, além dos direitos humanos aos infectados.

O país se tornou uma referência mundial no tratamento da doença, por conta da redução significativa de infectados. Além disso, o número de doentes que aderem à terapia vem aumentando cada vez mais. Segundo o médico epidemiologista Ricardo Kuchenbecker (2009), “estima-se que só o Brasil esteja tratando de 170.000 pessoas que vivem com o HIV/AIDS, de um total de 600.000 pessoas infectadas que vivem no país. Não há nenhum país em termos globais que esteja tratando este contingente de pacientes.”

Foi graças a certas medidas que o tratamento brasileiro da doença se tornou tão reconhecido mundialmente. Segundo o coordenador do Programa Brasileiro de DST/AIDS Roberto Teixeira, “A produção local de genéricos, a possibilidade de quebra de patentes e a oferta de transferência de tecnologia tornaram-se instrumentos de negociação sobre preços nas relações com outros países e com a indústria farmacêutica, o que levou a uma redução efetiva de preços no mercado brasileiro e internacional.” Atualmente, dos 16 medicamentos que compõem o coquetel da Aids, metade deles são produzidos no país, o que facilitou muito o acesso a eles e reduziu o número de casos.

Os gráficos abaixo mostram, respectivamente, a diminuição de casos da Aids no estado de São Paulo ao longo do tempo e o aumento de indivíduos recebendo terapia antirretroviral no Brasil.



3.4 Desafios

Apesar do grande êxito do tratamento em certos países como o Brasil e os Estados Unidos, uma série de desafios fo-

22. Assinada em 2001 e defendia o comércio internacional livre e desaprovava o recurso ao protecionismo.

23. Fonte: <http://www.seade.gov.br/1o-de-dezembro-dia-mundial-de-luta-contra-a-aids/>. Acesso em: 07/04/2015

24. Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000100009. Acesso em: 07/04/2015

ram enfrentados ao longo do processo. A demanda aumentava rapidamente devido ao sucesso dos medicamentos, o que fez com que os cidadãos reivindicassem a possibilidade de adesão à terapia. Além disso, o preço alto desses compostos era uma grande dificuldade enfrentada pelos pacientes, o que resultou em uma pressão dos cidadãos sobre o governo, ameaçando a política de distribuição universal²⁵ proposta pelo Ministério da Saúde. (TEIXEIRA, 2003)

Esse aumento nos preços ocorreu em função do acordo TRIPS²⁶ assinado em 1994. Ele estabelecia que todos os signatários eram obrigados a conceder patentes aos produtos farmacêuticos. Assim, os direitos de comercialização e produção dos pesquisadores que descobriram o composto eficaz contra o vírus eram protegidos. Esse principal obstáculo do tratamento fez com que o governo brasileiro iniciasse uma política de negociações com as indústrias produtoras com o objetivo de diminuir o custo desses medicamentos. (KUCHEMBECKER, 2009)

Essas patentes garantem monopólio da produção e comercialização de laboratórios de países desenvolvidos, o que prejudica a evolução do tratamento em outros países onde a doença atinge grande número de pessoas. A complicação da obtenção dos medicamentos resultante dessa política, é mostrada no filme “O Clube de Compras Dallas”.

O longa-metragem mostra a história de Ronald Woodrof, um infectado pelo vírus que é diagnosticado com apenas mais 30 dias de vida, por conta de a doença ser descoberta em um estágio muito avançado. As drogas utilizadas por ele o deixaram suscetível a outras doenças, o que fez com que ele procurasse alguma medicação que pudessem diminuir a taxa do vírus em seu sangue. Com a permissão do teste do AZT em humanos, o paciente fez um acordo com um funcionário do hospital, conseguindo, dessa maneira, o remédio para seu tratamento.

Com o passar dos dias, ele percebe que o composto não está alterando sua situação e que sua dose é tóxica para o organismo. Desse modo, ele encontra um médico na fronteira com o México que lhe fornece um coquetel, composto de vitaminas, peptídeos T e ddC, composto utilizado na França, porém sem aprovação pela FDA. O infectado, então, observa que essa combinação consegue alterar seu estado gradativamente. É assim que, com um parceiro, passa a contrabandear esses medicamentos, com o objetivo de ajudar aqueles que passam pela mesma situação.

Ele, então, passa a vender adesões por 400 dólares por mês, que permitem que os pacientes consigam a quantidade que quiserem dos compostos, o que ele chama de Clube de Compras Dallas. Como os remédios contrabandeados ainda não tinham sido aprovados, Ron passa a buscar essa aprovação. Há, então, um julgamento em São Francisco para a permissão do uso deles, mas ele não sai vitorioso. Após

isso, a FDA permite que ele utilize o peptídeo T apenas para uso pessoal. Em 12 de setembro de 1992 Ronald Woodroof morreu, 7 anos após seu diagnóstico. Além disso, uma dose menor de AZT passa a ser utilizada em combinações posteriores de medicamentos que salvaram milhões de vidas.

O filme retrata bem o paradoxo criado em relação ao tratamento: de um lado a garantia grande eficiência, mas de outro não podia ser realizado com tanta facilidade por conta de seu custo e disponibilidade. Dessa maneira, veio à tona uma questão da bioética, os laboratórios estavam colocando em risco a vida de muitas pessoas, apenas pelo interesse econômico, o que foi discutido em vários países. Após uma conferência ocorrida no Qatar, obteve-se relativo sucesso para a aplicação desse tratamento (*op.cit.* TEIXEIRA). Foi então assinada a Declaração de Doha que, segundo Vera Thorstensen²⁷, “foi considerada uma grande vitória para os países em desenvolvimento”.

Essa declaração não foi de fato efetiva, mas melhorou a situação de alguns países. Com o passar dos anos outras semelhantes a ela foram realizadas para que os Direitos Humanos pudessem ser garantidos. Atualmente, essa política ainda dificulta o processo de obtenção do medicamento, mas teve grande progresso em relação ao passado, o que fez com que o Brasil pudesse desenvolver um tratamento de boa qualidade e de razoável acesso e passou a ser reconhecido.

Além dessa situação, um grande desafio também foi enfrentado ao longo do tempo, não especificamente pelos infectados, mas pelos profissionais envolvidos na produção dos compostos. Por ser um vírus, o HIV tem a capacidade de sofrer mutações, assim sendo, a dificuldade de se estabelecer um composto que pudesse combatê-lo era grande. Isso se deve ao fato de o composto poder não atingir mais o agente ou o atingir de maneira pouco significativa.

É importante ressaltar que o combate ao vírus é muito complicado. O sucesso da terapia não veio de uma hora para outra. Levou vários anos para chegar ao patamar que se encontra hoje. Desde as pesquisas até os resultados, muitas dificuldades foram enfrentadas, muitos sucessos foram comemorados e é por essa razão que esse processo de estudo deve ser valorizado. Ainda que o êxito seja evidente, existem muitas pesquisas sendo feitas para que o tratamento possa ser aprimorado.

3.5 Pesquisas atuais (vacina)

Com a descoberta de medicamentos eficientes, as pesquisas passaram a ter um novo foco: o desenvolvimento de uma vacina que previna o ataque do vírus ao organismo. Essas pesquisas ainda estão em fase inicial, contudo algumas circunstâncias tornaram pesquisadores esperançosos em relação a sua elaboração.

Com essa finalidade, o Dr. Robert Siliciano²⁸, junto de um grupo de pesquisadores apoiados pelo Instituto Nacional de Saúde²⁹ (NIH), começaram a explorar a possibi-

25. Permitia que qualquer cidadão em tratamento tivesse o direito de retirar os medicamentos em serviço público

26. O Acordo sobre Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual Relacionados ao Comércio que tutela a propriedade das marcas, a proteção ao nome empresarial e o direito de impedir terceiros pelo uso de produto patenteado.

27. Doutora em Administração de Empresas pela FGV-SP

28. Professor de Medicina da Universidade americana John Hopkins

29. Responsável por pesquisas que melhorem a saúde da população

lidade. Passaram a extrair células imunológicas e o HIV de organismos infectados e os estudar em laboratórios comparando com células de ratos geneticamente modificados. Assim, eles puderam perceber que os indivíduos apresentavam grande parte de suas células infectadas incapazes de combater o vírus, porém parte dessas células conseguiram distinguir o HIV. Por serem em pequeno número, não eram capazes de desenvolver qualquer resposta imunitária ao vírus. (JOVEM SOROPOSITIVO, 2015)

Dessa maneira, os pesquisadores obtiveram outro método, passando a estimular as células do organismo com fragmentos de proteínas do HIV antes do contato com o próprio vírus. Observaram então, que as células infectadas foram mortas pelas células que haviam sido expostas a esses fragmentos. Com esse sucesso, os cientistas propuseram uma vacina terapêutica que possibilitasse a cura da infecção crônica. (*op.cit.* JOVEM SOROPOSITIVO)

Junto a essa nova possibilidade de tratamento, surgiu também a de desenvolvimento de uma vacina preventiva. Após um tempo de experimentação, os profissionais concluíram que o HIV apresentava uma vulnerabilidade. Um anticorpo chamado de 35O22, recém-descoberto por eles, podia atingir um local entre duas proteínas do vírus, gp41 e gp20, que, ao se projetarem para fora dele, aumentavam a área de ligação entre o agente e o anticorpo. (*op.cit.* JOVEM SOROPOSITIVO)

Sua utilização no laboratório fez com que 62% das cepas de HIV, de acordo com a NIH, não infectassem as células testadas. Em seguida, outros anticorpos semelhantes foram descobertos, mas nenhum apresentava tanta eficiência na neutralização do vírus, o que fez com que os cientistas constatassem que a produção do primeiro seria mais fácil de ocorrer no organismo humano. (*op.cit.* JOVEM SOROPOSITIVO)

Com essa conclusão, eles consideravam que, para que a

vacina fosse eficaz, ela deveria imitar, da melhor maneira possível, a forma natural do vírus, induzindo desse modo os anticorpos 35O22. Então, pesquisas passaram a ser realizadas com essa nova perspectiva, diferente da utilizada anteriormente para a produção dessa vacina. (*op.cit.* JOVEM SOROPOSITIVO)

Testes atuais obtiveram relativo sucesso para essa criação. Consistiam na alteração do DNA de macacos por pesquisadores do Instituto de Pesquisa Scripps, na Califórnia para que suas células pudessem combater o vírus. O artigo publicado pela BBC, em 19 de fevereiro de 2015, relata que as alterações feitas no material genético eram capazes de neutralizar a ação do agente e bombardeá-lo para fora da corrente sanguínea, deixando os macacos testados protegidos de qualquer tipo de HIV por, aproximadamente, 34 semanas.

Com esse resultado, os testes em humanos tendem a ser iniciados rapidamente. De acordo com o pesquisador Michael Farzan³⁰, um dos líderes do estudo, “Estamos mais perto de uma proteção universal (contra o HIV) do que qualquer outra abordagem feita por outras vacinas. Mas ainda temos muitos obstáculos, especialmente em como fazer uma vacina segura para ser aplicada em um grande número de pessoas.”

Além dos efeitos futuros serem desconhecidos, o desenvolvimento desse tipo de prevenção ainda apresenta algumas dificuldades. O vírus HIV é capaz de sofrer mutações muito fácil e rapidamente, assim a garantia de eficácia não é muito grande. Segundo o Dr. Esper Kallás³¹, “o primeiro obstáculo para produzir uma vacina anti-HIV, é o fato de o HIV ser diferente dos demais vírus, pois ataca uma parte muito sensível do nosso sistema de defesa e, quando faz isso, consegue minar nossa capacidade de induzir uma resposta eficaz contra ele.” Apesar disso, esses avanços recentes têm mostrado que a vacina anti-HIV é uma possibilidade futura e que não está tão distante assim.

Conclusão

A terapia traz inúmeras possibilidades àqueles que vivem com o HIV. Há atualmente, muitos relatos de jovens que apresentam uma taxa tão baixa do vírus no sangue que não pode, ao menos, ser detectada no exame. Um dos jovens portadores criou um blog chamado “Diário de um Jovem Soropositivo” para inspirar, com suas próprias histórias, pessoas que passam pela situação em que ele um dia esteve. Segundo ele, o tratamento antirretroviral resultou em várias alternativas e novas perspectivas para quem apresenta a doença, sendo uma delas o aumento da expectativa de vida. (JOVEM SOROPOSITIVO, 2015)

No passado, a expectativa daqueles que viviam com AIDS era em torno de 20 anos (ANNALS, 2010), hoje subiu para 50 anos e tende a aumentar cada vez mais, graças ao êxito da terapia. Além disso, os resultados positivos fizeram com que, de certa forma, o preconceito e a discriminação aos infectados tenham perdido força. Pessoas passaram a ver a doença de uma forma diferente, não mais como letal, mas sim como uma doença perigosa que pode ser amenizada em

função desse tratamento.

Hoje, aqueles que o realizam como recomendado pelos médicos, apresentam certa eficiência nas células de defesa, podendo combater doenças oportunistas. Além disso, não têm sintomas fortes e podem seguir sua vida de maneira saudável e relativamente segura. As pesquisas atuais garantem diferentes perspectivas para os infectados, além da possibilidade de cura da doença em si.

Apesar dessas novas oportunidades, há certas barreiras criadas pelo próprio tratamento, como os efeitos colaterais do uso dessa medicação. Por conta de serem remédios fortes para que sejam capazes de combater esse vírus, os pacientes podem apresentar principalmente: diarreia, vômitos, manchas vermelhas no corpo, náuseas, além de agitação e insônia, segundo o Departamento de DST, Aids e hepatites virais (2005). Geralmente, eles ocorrem no início do tratamento o que o torna muito difícil, fazendo com que muitas vezes os soropositivos se automediquem ou o abandonem.

Além desses efeitos colaterais conhecidos como temporá-

30. Professor que trabalha no Departamento de Imunologia e Ciência Microbiana

31. Médico infectologista e professor da Universidade Federal de São Paulo

rios, existe a possibilidade de o indivíduo portador sofrer algumas alterações a longo prazo. De um lado a ação do HIV no organismo junto com os efeitos da própria medicação pode causar insuficiência renal, hepática, fragilidade dos ossos (osteoporose) e algumas vezes alucinações, amnésia e depressão. Por outro lado, a pessoa pode desenvolver resistência à insulina, resultando na diabetes mellitus e na mudança na distribuição de gordura pelo corpo, causando a lipodistrofia (DEPARTAMENTO DE DST, AIDS E HEPATITES VIRAIS, 2005).

Além das doenças descritas acima, o indivíduo que adere à terapia antirretroviral apresenta uma chance muito maior de desenvolver o câncer no futuro. Portanto, o tratamento pode ser muito bem sucedido no combate ao HIV, mas também pode resultar em muitas outras doenças, o que faz com que ele seja muito difícil para quem o realiza. Por essa razão, novas pesquisas são feitas com o objetivo de o aprimorar, para que essas barreiras possam ser diminuídas ou completamente eliminadas.

Acima de tudo, é necessário que os indivíduos sejam poupados o máximo possível da contaminação pelo HIV. Dessa maneira, essas barreiras impostas pelo tratamento podem ser evitadas. Para que isso seja possível, existem diversas maneiras, tais como o uso de preservativo durante as relações sexuais, a utilização de seringas e agulhas descartáveis e o uso de luvas na manipulação de feridas e fluidos corporais. Para as mães infectadas o cuidado deve ser rigoroso, evitando amamentar o filho para que não haja a transmissão do vírus. (INSTITUTO DE TECNOLOGIA EM IMUNOBIOLOGICOS, 2007)

O mais importante é diminuir a quantidade de infectados pelo vírus. Para isso, é necessário que haja conscientização da população em relação às formas de se evitar a contaminação. Instituições responsáveis por transmitir essas informações, como o UnAids, facilitaria muito o processo, evitando mortes e problemas graves de saúde no futuro.

Bibliografia e Referências Bibliográficas

- ANDREOLLI, Arlete. As pessoas que vivem com HIV/AIDS : uma revisão da literatura científica. **Ufgrs.br**, Rio Grande do Sul, fevereiro de 2008. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15408>. Acesso em: 06 de junho de 2015.
- ANVISA: <http://portal.anvisa.gov.br/wps/portal/anvisa/home>. Acesso em: 12 de março de 2015
- ARAÚJO, Maria; ARAÚJO Thelma; DAMASCENO, Marta. Conhecimento em HIV/AIDS de 1998 a 2005: Estudos publicados em periódicos de enfermagem. **SciELO Brasil**, Rio de Janeiro, abril de 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v10n1/v10n1a17.pdf>. Acesso em: 08 de junho de 2015.
- BARBOSA, Dulce. Importância da pesquisa clínica para a prática na área de saúde. **SciELO Brasil**, São Paulo, março de 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010321002010000100001&lng=pt&nrm=iso&tng=pt>. Acesso em: 14 de março de 2015
- BELLINI, Marta; FRASSON, Priscila. Ciências e seu ensino: O que dizem os cientistas e os livros didáticos sobre o HIV/AIDS? **SciELO Brasil**, Maringá, julho de 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v12n3/02.pdf>. Acesso em: 09 de junho de 2015
- CANINI, SILVIA; REIS, ROSANGELA; PEREIRA, LUCINEIA. Qualidade de vida de indivíduos com HIV/AIDS: uma revisão de literatura. **Revistas.usp.br**, São Paulo, dezembro de 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692004000600014&lng=pt&nrm=iso&tng=pt. Acesso em: 07 de junho de 2015
- CECCATO, Maria das Graças; ACURCIO, Francisco; BONOLO, Palmira; ROCHA, Gustavo; GUIMARÃES, Mark. Compreensão de informações relativas ao tratamento anti-retroviral entre indivíduos infectados pelo HIV. **SciELO Brasil**, Rio de Janeiro, outubro 2004. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/csp/v20n5/34.pdf>. Acesso em: 17 de outubro de 2014.
- COLOMBRINI, Maria Rosa; LOPES, Maria Helena; FIGUEIREDO, Rosely. Adesão à terapia antirretroviral para HIV/AIDS. **SciELO Brasil**, Campinas, 12 set. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v40n4/v40n4a17.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2014.
- CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa: http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html. Acesso em 05 de fevereiro de 2015
- DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INSUMOS ESTRATÉGICOS, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Fortalecendo a pesquisa clínica no Brasil: a importância de registrar os ensaios clínicos. **SciELO Brasil**, São Paulo, Maio de 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v45n2/itdecit.pdf>. Acesso em: 17 de março de 2015
- Departamento de DST, Aids e Hepatites virais: <http://www.aids.gov.br/noticia/os-primeiros-casos-de-aids-no-brasil-surgiram-em-1980-ninguem-sabia-direito-que-doenca-era-a>. Acesso em 05 de abril de 2015
- DLEFFENBACH, Carl; FAUCL, Anthony. Thirty Years of HIV and AIDS: Future Challenges and Opportunities. **annals.org**, New Jersey, 31 de maio de 2011. Disponível em: <www.annals.org>. Acesso em 31 de janeiro de 2015
- Fundação Oswaldo Cruz: <http://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html>. Acesso em: 08 de abril de 2015
- Faculdade de Medicina da Unicamp: <http://www.fcm.unicamp.br/fcm/>. Acesso em: 23 de março de 2015
- GUERRA, Camila; SEIDL, Eliane. Crianças e adolescentes com HIV/Aids: revisão de estudos sobre revelação do diagnóstico, adesão e estigma. **Revistas.usp.br**, São Paulo, jan-abr. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paideia/article/view/7170/8653>. Acesso em: 16 de outubro de 2014.
- GALLAGHER, James. Testes com nova vacina indicam proteção total contra vírus HIV. BBC News, São Paulo, 19 de fevereiro de 2015. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/02/150219_vacina_hiv_mdb>. Acesso em: 24 de março de 2015
- Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/sintomas-transmissao-e-prevencao-hiv-dpp>. Acesso em: 08 de junho de 2015
- JUNIOR, Jarbas; CALIXTO, João. Desenvolvimento de Medicamentos no Brasil: Desafios. **Gmbahia.ufba.br**, Florianópolis, 25 janeiro 2008. Disponível em: <http://www.gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/view/269>. Acesso em: 16 de outubro de 2014.
- KUCHEMBECKER, Ricardo. Os Direitos Humanos como fundamentação para a "quebra de patentes" dos medicamentos para Aids: posição do Brasil. São Paulo, junho de 2009. Disponível em: <https://bay172.mail.live.com/mail/ViewOfficePreview.aspx?messageid=mgs4DRPKvX5BG2AAAJfeP1iA2&folderid=flinbox&attindex=2&cp=->. Acesso em: 22 de março de 2015
- MEIRELES, Betina; SILVA, Denise; VIEIRA, Fernanda; SOUZA, Sabrina; COELHO, Izabela; BATISTA, Rafaela. Percepções da qualidade de vida de pessoas com HIV/aids. Ufc.br, Fortaleza, julho de 2010. Disponível em: <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/397/pdf>. Acesso em 05 de junho de 2015.
- MERSON, Michael; The HIV-AIDS Pandemic at 25- The Global Response. **Nejm.org**, New England, 8 de junho de 2006. Disponível em: <www.nejm.org>. Acesso em 2 de fevereiro de 2015
- PAIVA, Vera; PUPO, Lígia; BARBOZA, Renato. O direito à prevenção e os desafios da redução da vulnerabilidade ao HIV no Brasil. **SciELO Brasil**, São Paulo, 12 abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v40s0/15.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2014.
- PAIVA, Vera; BUCHALLA, Cássia; AYRES, José; HEARST, Norman. Capacitando profissionais e ativistas para avaliar projetos de prevenção do HIV e de Aids. **SciELO Brasil**, São Paulo, maio de 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v15s1/029.pdf>. Acesso em: 08 de junho de 2015.
- Pfizer: <http://www.pfizer.com.br/sobre-a-pfizer/industria-farmaceutica/pesquisa-cl%C3%ADnica>. Acesso em 12 de março de 2015
- PROLEJACK, Larissa; SEIDL, Eliane. Monitoramento e avaliação da adesão ao tratamento antirretroviral para HIV/aids: desafios e possibilidades. **SciELO Brasil**, Brasília, 8 de fevereiro 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v15s1/029.pdf>. Acesso em 17 de abril de 2014
- Revista Época: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR50985-6014,00.html>. Acesso em 02 de abril de 2015
- SADALA, Maria Lúcia; MARQUES, Silvio. Vinte anos de assistência a pessoas vivendo com HIV/AIDS no Brasil: a perspectivas de profissionais da saúde. **SciELO Brasil**, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v22n11/11.pdf>. Acesso em: 17 de outubro de 2014.
- SOUZA, Marcus Vinícius; ALMEIDA, Mauro. Drogas anti-VIH: Passado, Presente e Perspectivas futuras. **SciELO Brasil**, São Paulo, out.2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/qn/v26n3/15663.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2014.
- SZWARCWALD, Célia; CASTLHO, Euclides. A epidemia de HIV/AIDS no Brasil: três décadas. **SciELO Brasil**, Rio de Janeiro, setembro de 2011. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/csp/v27s1/pt_01.pdf>. Acesso em: 09 de junho de 2015.
- UNESP: http://www4.faac.unesp.br/pesquisa/nos/olho_vivo/aids/sintomas.htm. Acesso em: 18 de março de 2015
- U.S Food and Drugs Administration: <http://www.fda.gov/ForPatients/illness/HIVAIDS/History/default.htm>. Acesso em 04 de fevereiro de 2015
- VALLÉE, Jean-Marc; BÉLANGER, Yves. Clube de compras Dallas. Produção de Yves Béllanger, Direção de Jean-Marc Vallée. Estados Unidos, Truth entertainment, 2013.

A EFICIÊNCIA DA ENERGIA RENOVÁVEL NO BRASIL

RAFAEL LAS CASAS GIAROLA
3ª série A

Resumo

O projeto desenvolvido tem como objetivo apresentar e analisar tipos de energia renováveis presentes no Brasil, como são aplicadas e sua importância para o desenvolvimento do país. A produção de energia tornou-se um tema muito discutido devido à demanda que cresce em paralelo

com o aumento populacional e com atividade econômica da sociedade brasileira. Criar um sistema de produção que utilize fontes renováveis, além de preservar a natureza, pode ser uma vantagem competitiva para países emergentes como o Brasil.

Palavras-chave: energia, renovável, desenvolvimento, demanda, eficiência.

Abstract

The project has the goal of presenting and analysing the different sources of renewable energy in Brazil, how they are applied and its value for the development of the country. The production of energy has become a major theme due to the increasing demand that grows in parallel with the

population growth and the economic activity of Brazilian society. Creating a production system based on renewable sources, besides preserving nature, can be a competitive advantage for emerging countries like Brazil.

Keywords: energy, renewable, development, demand, efficiency.

Introdução

Até a primeira metade do século XX, havia muita energia disponível proveniente do petróleo, e na época, não se tinha consciência sobre os impactos ambientais do seu uso em grande escala. Com o início da Revolução Técnico-Científica e o crescimento econômico de algumas regiões do globo, houve a difusão dos meios eletrônicos e, conseqüentemente, uma maior exigência da demanda de energia. O aumento populacional e o êxodo rural acompanharam o desenvolvimento tecnológico, ampliando o consumo de energia e a necessidade de fontes energéticas eficientes. A industrialização e a queima de combustíveis fósseis crescia cada vez mais para atender às necessidades da população. O grande desafio agora seria expandir os recursos energéticos levando em conta a conservação do ambiente, utilizando-se de fontes renováveis e menos poluidoras.

O uso eficiente da energia está hoje entre as maiores questões mundiais com implicações nas áreas social e ambiental. Como o consumo de energia tende a crescer proporcionalmente ao Produto Interno Bruto (PIB), todo país que visa ao desenvolvimento, como o Brasil, deve fazê-lo de forma eficiente e sustentável. As iniciativas de desenvolvimento devem ser integradas, caracterizando uma ação conjunta. Temas como energia elétrica, uso de combustíveis e eficiência devem ser examinados visando à busca de novas tecnologias, criação de metodologias, regulamento de equipamentos energeticamente intensivos e a conscientização das pessoas que fazem uso dela.

Por definição, a eficiência energética consiste na relação entre a quantidade de energia empregada em uma atividade e aquela disponibilizada para sua realização. O desenvolvimento da eficiência energética abrange a melhoria das transformações, do transporte e do uso dos recursos energéticos em seu ciclo, desde sua extração nas fontes primárias até

seu aproveitamento no produto final. A eficiência no uso da energia tornou-se uma preocupação após o primeiro choque no preço do petróleo, em 1973. Essa crise afetou muito o Brasil, que só utilizava cerca de 14% da energia vinda do petróleo para o abastecimento do país. A partir daí ficou claro que o uso das reservas de recursos fósseis teria custos cada vez maiores, ou do ponto de vista econômico ou do ponto de vista ambiental. Assim se reconheceu que um mesmo serviço poderia ser obtido com menor gasto de energia e com menores impactos econômicos, ambientais, sociais e culturais. Equipamentos e hábitos de consumo passaram a ser analisados demonstrando que, de fato, muitas iniciativas que poderiam ser tomadas resultam em maior eficiência energética e são economicamente viáveis.

Recentemente, a busca pela eficiência energética ganhou nova motivação. Além da nova visão e dimensão dos custos mais elevados da energia de origem fóssil, a preocupação com a questão das mudanças climáticas conseqüente do aquecimento global do planeta aumentou. Este aquecimento, resultante, em grande parte, da produção e do consumo de energia, trouxe argumentos novos e incentivou pesquisas que justificam destacar a eficiência energética quando se analisa em perspectiva a oferta e o consumo de energia. Mesmo num país como o Brasil que apresenta uma matriz energética associada mais de 80% a energias renováveis, essa preocupação se justifica.

Para que nosso país continue desenvolvendo-se e se equipare aos países de primeiro mundo, será necessário investir na produção de energia. Isso significa que o Brasil terá que expandir o seu sistema gerador, majoritariamente, com usinas térmicas (gás natural, nucleares, carvão mineral e biomassa do bagaço-de-cana) e, de forma complementar, com a eólica e a solar.

1. História da energia

A história da energia começa na Pré-História, quando nossos ancestrais descobriram as utilidades do fogo. No início, a obtenção do fogo se dava por meio da descarga elétrica de um raio que incendiava a vegetação. A descoberta do homem, de como fazer fogo, se deu pelo atrito de pedras e madeiras, cujas fagulhas incendiavam a palha seca. Dava-se início ao domínio do homem sobre a produção de energia em seu benefício. Depois do fogo, outra fonte marcante foi a utilização da energia dos animais que domesticavam para realização de trabalhos pesados. O vento também teve papel muito importante para o desenvolvimento da humanidade, sendo ele o grande responsável

pelas descobertas dos navegadores, já que o vento movimentava os navios que viajavam pelos mares. Mais tarde, também foi utilizado para girar moinhos de vento, que foi um dos primeiros processos industriais desenvolvidos pelo homem.

Porém, o grande marco da utilização da energia pelo homem foi com a invenção da Máquina a Vapor, no século XVII, que deu início à Revolução Industrial na Europa. Essa revolução foi caracterizada pelo processo de substituição das tradicionais formas de produção por novas. A locomotiva e os teares mecânicos foram umas das primeiras aplicações para o uso da energia das máquinas.

2. O que é a Energia

Tudo que existe no universo vem de alguma fonte de energia. É um recurso imprescindível para que possa existir vida no planeta. Ela está presente em tudo. Qualquer ação (manifestação de uma força, movimento ou atividade para obter determinado resultado), desde variação de tem-

peratura à transmissão de ondas, há necessidade de energia. Nós, seres humanos, necessitamos de energia para sobrevivermos e estamos o tempo todo trocando energia com o meio ambiente. É por meio dessa necessidade que utilizamos a nossa inteligência para transformá-la de acordo com

as nossas necessidades. Mas não podemos nos esquecer de que é nossa responsabilidade cuidar para que ela não seja desperdiçada ou mal utilizada.

É impossível falarmos de energia sem associarmos ao meio ambiente, já que toda energia produzida é resultado da utilização e transformação dos elementos proporcionados pela natureza. A energia, que antes se dava ocasionalmente pela ação da natureza, passou a ser necessária cada vez mais. Assim, a devastação de florestas para extração de matéria-prima cresceu intensamente, chegando a destruir imensas florestas nos países europeus para a geração de vapor. Há aproximadamente 150 anos, temos a utilização de combustíveis fósseis na geração de energia e de força motriz. Nos últimos anos isso vem se intensificando com o crescimento da indústria automobilística, da crescente industrialização dos países desenvolvidos ou em desenvolvimento. Esses fatores, que juntos emitem bilhões de toneladas de gases na atmosfera, têm provocado impactos negativos ao meio ambiente. Trazem

alterações climáticas provocadas, principalmente, pelo efeito estufa e pela destruição da camada de ozônio.

Mais do que nunca, estamos consumindo enormes quantidades de energia em praticamente tudo o que fazemos. Consumimos energia em nossas residências, nas atividades comerciais (ex.: lojas e *shoppings*) e nas atividades industriais (ex.: fábricas). Para que a energia esteja disponível, é necessário que haja produção dela. Para isso são projetadas e realizadas obras de usinas. No entanto, quando construímos uma usina, sempre haverá um impacto ao meio ambiente, algumas menos que outras, mas não deixam de agredir. Mesmo com o aspecto negativo, a geração de energia deve continuar para atender ao crescimento da população e suas necessidades. Sem dúvida, o que deve ser feito é a conscientização do homem para que continuemos a explorá-la, mas utilizando-se de fontes de energia renováveis e com menor impacto ao meio ambiente. Devemos continuar suprindo nossas necessidades mas de forma inteligente, racional e responsável.

3. Energias renováveis no Brasil

As fontes renováveis de energia são aquelas provenientes de recursos não esgotáveis. São fontes que se mantêm disponíveis durante um longo período e que contam com recursos que se mantêm ativos permanentemente ou que se regeneram. Existem diversos tipos de fontes renováveis para o uso da energia, das quais podemos citar a solar, a biomassa, a eólica e a hídrica.

O Brasil hoje é um dos países que mais se destaca quando se trata desse tipo de fonte. Sua extensão territorial possibilita que o país seja repleto de alternativas a serem utilizadas para a geração de energia. Por certo, a capacidade de transformar energia limpa por meio de fontes alternativas possibilita a diminuição da emissão de poluentes na atmosfera. Podemos afirmar que as fontes de energia renováveis, no Brasil, correspondem a aproximadamente 90% de toda energia produzida internamente, de acordo com o Balanço Energético Nacional, realizado pela EPE (Empresa de Pesquisa Energética), divulgado no ano de 2009.

Essa ideia atingiu o país após a crise do petróleo em 1970. Devido à popularização do automóvel, o consumo do petróleo expandiu-se e tornou-se fundamental para várias economias. Atualmente, a variação do preço do barril no

mercado é capaz de provocar grandes crises econômicas. No começo da década de 70, as nações que produziam o petróleo começaram a regular a venda do recurso por causa de sua natureza não renovável. Três anos depois, o valor do barril mais que triplicou em pouco menos de três meses.

A implantação dos mecanismos e de políticas relacionadas à eficiência da energia teve início com a inauguração do Programa Brasileiro de Etiquetagem (PBE) nos anos 1984. As principais vantagens da utilização de combustíveis renováveis é o fato de serem minimamente poluentes por reduzirem os impactos ambientais ocasionados pela emissão de gases de efeito estufa, ao contrário dos combustíveis não renováveis, como o petróleo. Além disso, eles contribuem para um melhor planejamento da segurança energética e aumentam a competitividade econômica. A exploração nacional das energias renováveis também reduz a necessidade de importação de energia, principalmente daquelas provenientes do petróleo.

Em suma, são excelentes alternativas para a luta contra o aquecimento global causado pela poluição atmosférica. A seguir trataremos um pouco mais de cada meio de produção de energia.

4. Energia Solar

“Eu apostaria meu dinheiro na energia solar. Que fonte incrível de energia! Espero não termos de esperar até que o petróleo e o carvão acabem para aproveitá-la.” – Thomas Edison. Fonte limpa, não geradora de poluição nem impactos ambientais, é assim que podemos resumir em breves palavras o que é a energia solar.

Existem basicamente duas maneiras de gerarmos eletricidade a partir da luz solar: Sistemas Solares Térmicos, que funcionam com a produção de calor para acionar um gerador, ou Sistemas Fotovoltaicos que geram energia pela conversão da luz do Sol em eletricidade, utilizando células solares. A

primeira, conhecida como concentração de energia solar térmica (EST) utiliza a luz solar para aquecer líquidos que ativarão geradores elétricos através de espelhos que concentram a luz solar. O aquecimento de um fluido, líquido ou gasoso é a utilização mais frequente desse tipo de energia. Esse sistema capta, armazena e usa diretamente a energia solar que incide sobre ele. Fica evidente a importância desse tipo de recurso no sistema brasileiro de energia quando falamos do aquecimento da água para uso doméstico.

A segunda maneira de produzirmos eletricidade a partir do Sol é por meio de células solares, que decorre da ex-

citação de elétrons na presença de luz solar, capazes de converter a energia dos fótons da luz solar diretamente em eletricidade sem o intermédio de nenhuma turbina. Essas células fotovoltaicas (FV) são semicondutoras e captam os elétrons dos átomos dos fótons, deixando os painéis sob a forma de uma corrente elétrica. Podemos utilizar como exemplo de aplicação desse tipo de fonte os edifícios que se utilizam desse recurso para alimentação da rede elétrica. O problema é que como as células FV não geram calor durante a produção de eletricidade, elas não são capazes de realizar o armazenamento térmico. Por outro lado, o surgimento de uma nova geração de células fotovoltaicas, resultantes de processos químicos e tecnologias de fabricação inovadoras, estão prestes a nos oferecer preços muito menores e com níveis maiores de eficiência.

No entanto, ambas apresentam problema quanto à intermitência, causada pela ausência do Sol durante a noite e em dias nublados. As usinas de EST são capazes de armazenar o calor recebido, já as fotovoltaicas necessitam de geradores a gás para continuarem a gerar energia no caso de intermitência. A solução ideal seria a instalação de uma rede interligada que poderia compensar a falta de luz solar em uma determinada região. Atualmente, todas as formas de eletricidade solar ainda são mais caras que a eletricidade obtida pela queima de carvão ou de gás. Todavia, as inovações no ramo da energia solar estão propiciando uma queda nos preços.

Devido à sua localização geográfica, o Brasil é um dos países que apresenta melhor índice de incidência de raios solares. Por ter a maior parte de seu território próximo à linha do Equador, a duração do dia é maior e a intensidade dos raios também. Conforme os dados do relatório “Um Banho de Sol para o Brasil” do Instituto Vitae Civilis, devido à sua extensão e localização, o Brasil recebe energia solar da ordem de 1013 MWh (mega Watt hora) anuais, valor que corresponde aproximadamente 50 mil vezes seu consumo anual de eletricidade.



Figura 1- Radiação diária no Brasil. Disponível em: <[http://www.aneel.gov.br/aplicacoes/atlas/pdf/03-Energia_Solar\(3\).pdf](http://www.aneel.gov.br/aplicacoes/atlas/pdf/03-Energia_Solar(3).pdf)>

5. Energia Biológica

A biomassa (massa biológica) corresponde a toda e qualquer matéria orgânica não fóssil, e o aproveitamento da transformação dessa matéria prima gera energia. Proveniente da biomassa é uma das saídas mais promissoras para se reduzir significativamente o volume de CO₂ na atmosfera, liberado pela queima de carvão e pelo gás natural. A energia pode ser produzida a partir de várias matérias-primas: árvores, detritos florestais; culturas alimentares (como milho e cana-de-açúcar); culturas de energia (como capim); e lixo agrícola, urbano e industrial que contenha matéria orgânica. Essas diversas fontes podem ser utilizadas para produzir eletricidade, energia térmica e combustíveis líquidos (como o etanol) para meios de transporte.

O uso da biomassa é visto como uma forma de obter energia barata e limpa. Ademais não podemos nos esquecer que a combustão de qualquer matéria de origem orgânica produz CO, CO₂ e outros óxidos que são poluentes. Ainda sim, a utilização dessa fonte de energia vem sendo valorizada por diminuir a quantidade de resíduos em aterros. Além de reduzir a quantidade de materiais orgânicos descartados na natureza, alguns dos processos de obtenção de energia por meio da massa biológica reduz ou até inibe a produção de gases causadores do efeito estufa.

Graças à variabilidade de matérias que podem ser utilizadas, existem diversos processos que podem transformá-la em energia. Estes estão divididos em três: os de combustão direta, os que envolvem processos termoquí-

micos e os que envolvem processos biológicos.

A combustão direta consiste na queima da matéria-prima para gerar energia. O problema é a baixa eficiência devido à umidade e à baixa densidade energética.

Na parte dos processos termoquímicos encontramos a gaseificação, que é responsável pela conversão do combustível sólido em gás seguida pela utilização do gás obtido para geração de energia. Esse método mostra-se mais versátil se comparado ao anterior ao passo que, além de emitir gases mais limpos, pode ser usado em turbinas a gás ou mesmo em motores de combustão interna. Ainda no processo termoquímico, temos o método da Pirólise, em que ocorre a combustão da biomassa praticamente sem a presença de oxigênio. A matéria-prima geralmente usada é a lenha, transformada em carvão e possui duas vezes mais densidade energética que a biomassa original. Esse método também produz resíduos denominados alcatrão e ácido piro-lenhoso que, se tratados, podem ser utilizados como óleo combustível.

Nos processos biológicos encontramos a digestão anaeróbia, que também ocorre na ausência de ar. Porém, o processo de decomposição que ocorre naturalmente é acelerado pela ação de bactérias em um equipamento chamado de biodigestor. Nesse processo é produzido o biogás composto por metano e dióxido de carbono com um teor energético de aproximadamente 5.500 kcal/m³. A fermentação, outro processo também biológico, consiste na con-

versão do açúcar de plantas em álcool (metanol ou etanol).

No Brasil, aproximadamente 30% das necessidades energéticas são supridas pela massa biológica proveniente do nosso solo. Por possuir condições naturais climáticas favoráveis e por apresentar extenso território agricultável, a produção desse tipo de energia no país ganha destaque no cenário mundial na produção e no uso para fins energéticos. O principal problema desse tipo de recurso é que nem sempre ele é ecologicamente sustentável. Isso depende do tipo de matéria que é convertida em energia. De acordo com pesquisadores, existem dois maiores problemas gerados pela queima da biomassa que vem influenciando negativamente a opinião de especialistas.

Primeiro, o aumento significativo dos preços dos alimentos, que está parcialmente associado à utilização de

terras aráveis para o plantio de culturas, para produção de etanol em vez de alimentos. Na maior parte do mundo, as culturas GM (geneticamente modificadas) ocupavam, já em 2008, 8% de todas as terras aráveis do mundo. Segundo, é a utilização da biomassa encontrada em aterros que são grandes responsáveis pela emissão do gás metano. Esse gás é o segundo maior poluente da camada de ozônio, atrás apenas do CO₂. Cada molécula do metano é vinte vezes mais potente que uma de dióxido de carbono.

Independente da tecnologia ou da matéria-prima escolhidas, existe certo limite à eficiência da produção de combustíveis a partir da biomassa. Atualmente, o uso dela combinado com geradores térmicos e elétricos é uma fonte mais barata de energia renovável se comparada à eletricidade solar e apenas um pouco mais cara do que a eólica.

6. Energia Eólica

O vento nada mais é do que outra forma de energia do Sol. A diferença resultante da incidência dos raios solares em certas regiões do globo causa diferenças na temperatura do ar, criando enormes fluxos de vento. Além do Sol, as formações geográficas – oceanos e continentes, montanhas e vales, desertos e florestas – fazem com que os padrões do vento sejam previsíveis. Além de ser a fonte renovável com maior crescimento, ela também apresentou o progresso mais acelerado de todas as outras formas de energia, chegando a ultrapassar o potencial somado de usinas de carvão, gás e energia nuclear. A ampla disponibilidade de ventos é um dos principais motivos pelo qual a energia eólica se tornou a fonte mais popular ao redor do mundo.

A maioria dos moinhos de vento possui uma aparência muito similar, dispõe de três grandes hélices de 27 a 45m de comprimento no topo de uma torre com altura de 45 a 105m. Eles são instalados em lugares onde o vento ultrapassa 25 km/h em média, que é a velocidade necessária para a produção eficiente de eletricidade. Outro modelo utilizado para captação do vento é o moinho de vento vertical, que são menos eficientes, porém, como captam ventos de todas as direções, conseguem girar e movimentar seus geradores sob ventos mais fracos.

No início dos anos 2000, uma grande escassez de energia devido a uma grande seca nas barragens hidrelétricas do país, mostrou a necessidade da diversificação de fontes energéticas. A primeira turbina eólica do Brasil foi instalada em Fernando de Noronha em 1992. Não demorou muito para que o governo criasse o Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica (Proinfa), para assim incentivar a produção de energia por meio de outras fontes. Desde a criação do Proinfa, a produção de energia eólica no

Brasil aumentou de 22 MW (Mega Watts) em 2003 para 602 MW em 2009, e cerca de 1000 MW em 2011¹. Segundo dados preliminares do Balanço Energético Nacional de 2012, realizado pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE), em 2011 a participação de renováveis na Matriz Elétrica Brasileira ampliou-se para 88,8% devido às condições hidrológicas favoráveis e ao aumento da geração eólica.

A maior parte das turbinas encontra-se nas regiões nordeste e sul do Brasil. Todavia, quase todo o território tem potencial para utilização desse tipo de recurso. Atualmente o Brasil representa cerca da metade da capacidade instalada na América Latina, mas representa apenas 0,38% do total mundial.

A energia eólica é também a mais barata dentre as outras renováveis a não ser pela geotérmica. Embora os preços de algumas fontes tendam a cair, a exemplo das células fotovoltaicas utilizadas na energia solar, a energia eólica já apresenta tecnologia competitivamente madura sem necessidade de maiores inovações. Com a energia eólica instalada, o combustível é gratuito. No entanto, ele apresenta limitações parecidas às do uso de energia solar. Assim como os painéis solares só funcionam com a presença da luz solar, a eletricidade só pode ser produzida com a presença de vento. A intermitência mais uma vez é um problema. Outra limitação que a eletricidade eólica partilha com a solar é que em ambos os casos, as melhores fontes de vento e luz solar encontram-se distantes dos centros populacionais.

A melhor maneira de solucionarmos a intermitência eólica é com baterias de sódio-enxofre. Esse tipo de bateria pode fornecer eletricidade para estações de transmissão quando a produção de uma fonte geradora for interrompida.

7. Energia Hidráulica

A água é o recurso natural mais abundante da Terra: com um volume estimado de 1,36 bilhão de quilômetros cúbicos (km³). Além disso, é também uma das poucas fon-

tes utilizadas na produção de energia que não contribui para o aquecimento global – o principal problema ambiental da atualidade. A transformação da energia potencial da

1. Disponível em: < <https://evolucaoenergiaeolica.wordpress.com/energia-eolica-no-brasil/> > Acesso: 09/04/15

água em energia elétrica é a maneira mais econômica de se produzir eletricidade. Ela é gerada pelo aproveitamento do fluxo das águas em uma usina hidrelétrica.

Para produzi-la, é necessário somar a vazão do rio, a quantidade de água disponível em determinado tempo e os desníveis do relevo. O Brasil, país com a maior concentração de água doce do mundo e com relevos acentuados em certas regiões, se beneficia de seus aspectos geográficos naturais para a geração de energia. A grande disponibilidade de rios com corredeiras e quedas d'água faz com que o país se destaque mundialmente na produção desse tipo de energia.

O território brasileiro dispõe da maior hidrelétrica em operação do mundo, a binacional Itaipu, construída em parceria com o Paraguai. Ela é responsável pela produção de 14 mil MW.² Ser favorecido assim como o Brasil por recursos naturais que são utilizados como fontes de energia é estratégico para qualquer país, principalmente, porque reduz a dependência em relação ao mercado externo e permite a ampliação de um serviço essencial ao desenvolvimento econômico e social. No caso do grande potencial hídrico de que nosso país dispõe, somos beneficiados pelo baixo custo se comparado com outras fontes (carvão, petróleo, urânio e gás natural, por exemplo) e o fato de as usinas hidrelétricas não emitirem gases causadores do efeito estufa (GEE).

A hidroeletricidade, entre outros fatores, também foi responsável pela inclusão do Brasil no grupo de países em desenvolvimento. Segundo a IEA (International Energy Agency), com dados de 2006, entre os dez países mais dependentes da hidroeletricidade, o Brasil encontrava-se na segunda posição, atrás da Noruega. Atualmente o potencial hidrelétrico brasileiro é de 260 GW, sendo o 3º do mundo, juntamente com o dos Estados Unidos, depois da China e da Rússia. Desse total, os estudos de planejamento desenvolvidos no âmbito do Plano 2030, instrumento de planejamento estratégico de longo prazo,

concluído em 2007, pelo Setor Elétrico Nacional, considerou o montante de apenas 180 GW, como aproveitável, até o horizonte do plano, ano 2030. Os 80 GW, não considerados, apresentavam dificuldades para o seu aproveitamento, considerando a legislação ambiental nacional que trata do assunto³.

Os maiores entraves que limitam a expansão hidrelétrica do país são fatores ambientais e judiciais. O governo atribui as dificuldades na obtenção do licenciamento ambiental à pressão que organizações não-governamentais e alguns integrantes do Ministério Público exercem sobre o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Entre as questões ambientais estão os impactos sobre a fauna e a flora, já que o assoreamento dos rios impede a migração de algumas espécies de peixes e inunda as vegetações ciliares.

Condições climáticas anormais, causadoras de secas no verão e redução no armazenamento nos reservatórios do Sudeste, Norte e Nordeste, que detêm 93% da capacidade em reservatórios hidrelétricos, e o uso indevido da água pela falta de conscientização da população nos levaram a uma crise hídrica. Consequentemente fomos direcionados a uma nova e iminente crise energética.

Como mostra a figura abaixo, desde o final do ano de 2012, quando os níveis dos reservatórios do Sudeste caíram abaixo dos de 2001, era de fato previsível a piora nas condições operacionais das hidrelétricas em 2013.

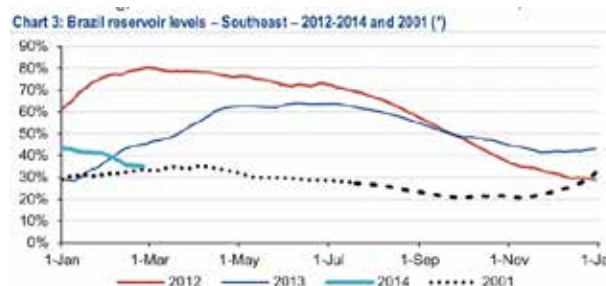


Figura 2: Níveis da reserva de água no Sudeste 2012-2014. Fonte: Bank of America.

Conclusão

Fontes de energia são matéria-prima essenciais para o desenvolvimento econômico e sustentável de um país. O aumento da demanda por eletricidade cresce em paralelo ao aumento populacional mundial, a urbanização e a crescente industrialização. O Brasil tem aumentado sua geração de energia e garantido maior progresso econômico e, conforme já discutido, essa energia deve vir de diversas fontes, uma vez que, por razões de segurança de abastecimento, é melhor e mais seguro depender de mais de um meio energético.

A maior intermitência que enfrentamos no processo de desenvolvimento da energia é que ela seja provida em maior parte de fontes renováveis, já que não podemos ter controle sobre elas devido a sua natureza. Felizmente, o Brasil é protagonista na participação da utilização de energias renováveis, principalmente de energia hidroelétrica e biomassa.

Fontes renováveis são consideradas soluções mais apropriadas ao meio ambiente e nosso país tem o privilégio de tê-las e usá-las em quantidade. Contudo, para poder administrar essa vantagem, é necessário um conjunto de políticas públicas, já que grande parte da produção de energia está nas mãos da iniciativa privada.

Dessa forma, podemos concluir que a junção contínua do aproveitamento do potencial hidrelétrico nacional, ligado ao desenvolvimento e aprimoramento da tecnologia de outras fontes renováveis de produção de eletricidade, como centrais eólicas e a bioenergia, são elementos que permitem ao Brasil um maior desenvolvimento socioeconômico. Além disso, espera-se que a redução da utilização do petróleo reduza a poluição da atmosfera. Se seguirmos essa receita, teremos os ingredientes necessários para que o Brasil se torne uma potência ambiental e energética do século XXI.

2. Disponível em: <http://www.aneel.gov.br/arquivos/pdf/atlas_par2_cap3.pdf>. Acesso em: 04/09/15

3. Disponível em: <forumnacional.org.br/trf_arq.php?cod=EP05170>. Acesso em: 03/09/15

Referências bibliográficas.

CITAÇÃO DE ARTIGOS RETIRADOS DA INTERNET

- ABE EÓLICA. **Energia eólica será a solução?**. Disponível em: <<http://www.portalabeeolica.org.br/index.php/noticias/2932-energia-eolica-sera-a-solucao.html>>. Acesso em 5 fev. 2015
- ABENS (Associação Brasileira de Energia Solar). **Recurso solar**. Disponível em: <<http://www.abens.org.br/novo/energia-solar/recurso-solar/>> . Acesso em: 5 fev. 2015
- ANEEL (Agência Nacional de Energia Elétrica). **Energia Solar**. Disponível em: <[http://www.aneel.gov.br/aplicacoes/atlas/pdf/03-Energia_Solar\(3\).pdf](http://www.aneel.gov.br/aplicacoes/atlas/pdf/03-Energia_Solar(3).pdf)> . Acesso em: 10 Jun. 2015
- ATTITUDES SUSTENTÁVEIS. **Progresso com energias renováveis**. Disponível em: <http://www.atitudessustentaveis.com.br/sustentabilidade/progresso-com-energias-renovaveis/>. Acesso em 20 out. 2014.
- ELETOBRAS. **Na trilha da energia: Como a energia elétrica é gerada no Brasil**. Disponível em: <http://www.eleto-bras.com/elb/natrilhadaenergia/energia-eletrica/main.asp?View={61D475A6-BBFC-41CE-98E3-2BA4FD90DB2F>. Acesso em 15 set. 2014.
- EQUIPE BRASIL ESCOLA. **A crise de energia no Brasil**. Disponível em: <http://monografias.brasile scola.com/geografia/a/a-crise-energi ano-brasil.htm>. Acesso em 20 out. 2014
- HASHIMURA, Luís de Medeiros Marques. **APROVEITAMENTO DO POTENCIAL DE GERAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA POR FONTES RENOVÁVEIS ALTERNATIVAS NO BRASIL**: instrumentos de política e indicadores de progresso. 201 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Planejamento Energético, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://www.ppe.ufrj.br/ppe/production/tesis/luis_hashimura.pdf . Acesso em 20 out. 2014.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Eficiência Energética e Conservação de Energia**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/clima/energia/eficiencia-energetica>. Acesso em 15 set. 2014.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Biomassa**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/clima/energia/energias-renovaveis/biomassa>>. Acesso em: 10 Jun. 2015.
- MOREIRA, José Roberto. **Política energética no Brasil**. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n55/14.pdf> >. Acesso em: 9 Abr. 2015.
- NUCTESOL. **Sistema Alternativo de Energia Solar Gerenciado**. Disponível em: < <http://nuctesol.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 Jun. 2015.
- RODRIGUES, José F.; MARTINI, Ricardo R.; SERNI, Paulo J.A. **Hidreletricidade no Brasil: o que aconteceu com o nosso modelo?** Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=M-SC0000000022002000200011&script=sci_arttext>. Acesso em: 6 fev. 2015.
- TOMALSQUIM, Maurício Tiomno. **Perspectivas e planejamento do setor energético no Brasil**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000100017. Acesso em: 9 Abr. 2015
- VITAE CIVILIS. **Um Banho de Sol para o Brasil**. Disponível em: < <http://www.vitacivilis.org.br/programas/2011-11-25-10-25-50/uso-domestico-de-energia/um-banho-de-sol-para-o-brasil.html>> . Acesso em: 10 Jun. 2015

CITAÇÃO DE LIVROS.

- Conecte Geografia – “**Território e Sociedade**”, segunda parte. (Elían Alabi Lucci, Anselmo Lazaro Branco, Cláudio Mendonça)
- GORE, Al. **Nossa escolha**: um plano para solucionar a crise climática. Editora Amarilys
- TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável**: Novos rumos para um planeta em crise. 3. ed. São Paulo: Globo, 2012.

A ESQUIZOFRENIA: O MISTÉRIO DO INCONSCIENTE

SOFIA SAIANI VEGRO
3ª série C

“O que você não sabe nem sequer pressente, é que os desafinados também têm coração”
Desafinados, João Gilberto

Dedico esta monografia à minha querida mãe, àquela que me ensinou a apreciar as singularidades de cada indivíduo e aceitá-los como amigos. Por trás do esquizofrênico, existe um coração que anseia por carinho e por atenção.

Resumo

A presente monografia tratará da esquizofrenia considerada pelos psiquiatras um distúrbio de personalidade. Essa patologia afeta não só o próprio paciente limitando simples ações do dia a dia, como todos que estão a sua volta. O esquizofrênico precisa de todo apoio possível da família e da sociedade para a superação de muitos de seus limites. Diante dessa perspectiva, pretende-se desenvolver um arco reflexivo dessa doença que fragiliza o paciente deixando-o

totalmente vulnerável ao mundo exterior, devido ao grande estigma que a sociedade o submete. Vencer a doença significa ter consciência de que seu principal sintoma, a alucinação, não é real e que o paciente deve aprender a lidar com ela. Assim, com o uso regular e ininterrupto dos antipsicóticos, ele pode ter uma vida normal. O que precisa ser compreendido é que a doença não classifica o indivíduo sobre o que se é como pessoa.

Palavras-chave: esquizofrenia, estigma, antipsicóticos, superação, família.

Abstract

This monography deals with schizophrenia, which is considered a personality disorder by psychiatrists. This disease affects not only the patient himself, limiting not only his simple everyday actions, but also the ones who surround him. The schizophrenic needs all possible support from family and society to overcome many of their limitations. Given this perspective, we intend to develop a reflexive circle about this disease that weakens the

patient, making him totally vulnerable to the outside world, because of the stigma that society imposes on him. Overcoming the disease means to be aware that its main symptom, hallucination, is not real, and that the patient must learn to deal with it. thus, regular and uninterrupted use of antipsychotics, he can lead a normal life. What needs to be understood is that the disease does not rate the individual on term of what one is as a person.

Keywords: Schizophrenia, stigma, overcoming, family

Introdução

O cérebro é um dos mais importantes órgãos do corpo humano. É ele o responsável por dar vida ao corpo, além do fato de permitir desenvolver um pensamento cognitivo e organizado.

O que acontece nas doenças mentais é exatamente o fato de que o pensamento se torna desorganizado e ilógico. Em alguns casos há a presença de delírios e alucinações, em outros, o indivíduo se torna incapaz de resolver problemas simples do dia a dia.

No meu trabalho tratarei de uma doença pertencente ao grupo denominado “ transtorno de personalidade” (*Segundo o dicionário Michaelis a palavra personalidade é definida como caráter essencial e exclusivo de uma pessoa. Aquilo que a distingue de outra*), portanto, os distúrbios de personalidade se caracterizam pela extinção dos aspectos singulares de um indivíduo. Esse grupo de psicose é composto por: transtorno de personalidade paranoia, transtorno de personalidade esquizoide, esquizotípica, borderline, narcisista, antisocial, dependente, obsessivo-compulsivo entre outros.

Dentro desse quadro, a patologia mais desafiadora e prevalente ainda na psiquiatria atual é a esquizofrenia. Não existe causa concreta para o aparecimento da doença, além de se manifestar de uma forma em cada paciente. Para o psiquiatra é como entrar num lago sem saber o fundo dele. Cada caso novo é um mistério, com surpresas e desafios. Esse é o inconsciente.

O objetivo da minha monografia será tentar mudar de alguma forma o pensamento das pessoas sobre a esquizofrenia, rompendo o tradicional discurso estigmatizado de que a psicose causa medo e estranheza. A loucura pode sim ser compreendida, tem tratamento e existe a possibilidade de recuperação do paciente.

Assim, o trabalho será desenvolvido em quatro capítulos. No primeiro, traçarei um panorama histórico acerca da doença. No segundo, aspectos gerais da esquizofrenia como a etiologia, o diagnóstico, os sintomas e a epidemiologia. No terceiro capítulo, o tema será o tratamento da doença, tanto o medicamentoso como o não medicamentoso (terapia ocupacional e trabalhos psicossociais), além da participação da Dra. Nise da Silveira na revolução da abordagem do paciente psiquiátrico. No último capítulo tratarei da questão da inserção na sociedade, apontando as barreiras e as conquistas com fatos verídicos e depoimentos de alguns indivíduos esquizofrênicos.

Entre fronteiras e muros, uma linha tênue separa a razão da loucura. Para o esquizofrênico, mergulhado em relações subjetivas quando essa linha pende para a loucura, ocorre uma dificuldade de lidar com a objetividade ou com o “princípio de realidade”¹. Enquanto, por outro lado, algumas pessoas “normais” que possuem um grau elevado de racionalidade ou objetividade e nenhuma subjetividade, não sofrem qualquer forma de recusa ou forma de estigma na sociedade. “Entre fronteiras e muros”, nesta monografia, representa um local desconfortável onde objetividade e subjetividade encontram-se separadas, fragmentadas, vivenciadas como situações extremas. A “liberdade” se localiza para além dos muros e fronteiras que impõem limites severos à vida, pois é no convívio com a desigualdade, no reconhecimento da alteridade que as relações sociais tornam-se mais ricas e a liberdade responsável. Talvez nossa aceitação da subjetividade de um paciente esquizofrênico nos faça refletir a respeito do preconceito, do papel da subjetividade em nossas vidas, da felicidade, do equilíbrio pessoal, busca e ao mesmo tempo desafio que entrelaça objetividade e subjetividade.

1. A história da esquizofrenia

Desde o século XVII, Descartes² influenciou consideravelmente os conceitos das relações corpo-mente na medicina científica. Essa herança cartesiana representa o corpo como uma complexa máquina e as doenças seriam as falhas dos mecanismos que compõem essa grande máquina. Os médicos, nesse caso, teriam o papel fundamental de consertar as peças dela. A razão era o privilégio do homem,

ou seja, hierarquicamente acima do corpo, e responsável por comandar os sentimentos e as emoções. Entretanto, os médicos começaram a perceber que o homem, às vezes, se perdia, deixando de lado a sua razão. Era a loucura. Surgiram médicos especialistas que estudaram esse fenômeno da inconstância mental. Muitos séculos se passaram e a medicina continuou procurando uma causa orgânica para

1. Em 1911, o Dr. Sigmund Freud, escreveu um texto intitulado “Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental” onde desenvolve alguns aspectos importantes para a compreensão do funcionamento mental. No início do texto afirma: “[...] toda neurose tem como resultado e provavelmente, como propósito arrancar o paciente da vida real, aliená-lo da realidade”. Mais a frente escreve “os neuróticos afastam-se da realidade por achá-la insuportável – seja no todo ou em parte”. O autor neste texto distingue dois princípios: o princípio do prazer-desprazer e o princípio da realidade. O princípio do prazer-desprazer tem como propósito dominante alcançar prazer e evitar qualquer evento que desperte desprazer. O princípio da realidade tem como propósito obter prazer através da realidade, fazendo uma alteração real na mesma, para que enfim se possa obter prazer. Enquanto o princípio do prazer desconsidera a realidade e age de maneira impulsiva (um bom exemplo disto são as paixões), o princípio da realidade leva em conta a mesma. Dessa forma a realidade exige que o ser humano desenvolva a capacidade de tolerar a frustração de não satisfazer-se imediatamente através de ações impulsivas, o que implica em maior consciência. Porém tanto a subjetividade quanto a objetividade constituem o equilíbrio mental do ser humano.

2. René Descartes foi um filósofo, fisiologista e matemático francês, nascido em 31 de março de 1596, em La Haye, na província de Touraine. Ele foi um contemporâneo de Galileu e Pascal e portanto trabalhou sob as mesmas influências religiosas repressoras da Inquisição. O mote da filosofia de Descartes pode ser resumido por sua famosa frase em latim: Cogito, ergo sum (penso, logo existo). Ele foi o primeiro a levantar a doutrina do dualismo corpo/mente. Ele discutiu temas importantes para as neurociências, que vieram a dominar os quatro séculos seguintes, tais como a ação voluntária e involuntária, os reflexos, consciência, pensamento, emoções, e assim por diante. Fonte: <http://www.cerebromente.org.br/n06/historia/descartes.htm>, acesso em :05/04/2015.

explicar as doenças mentais de acordo com as proposições do método cartesiano.

Emil Kraepelin³ (1856-1926) foi um dos principais representantes da psiquiatria moderna, acreditava que a maioria das doenças mentais tinham origens biológicas. Em 1883, publicou o livro *Compêndio de Psiquiatria*, onde classifica os transtornos mentais levando em consideração a etiologia, a sintomatologia, curso e resultados comuns. Uma dessas entidades foi chamada de “dementia praecox”, ou “demência precoce”, sendo distinguida do transtorno-maniaco-depressivo e das demências senis tal como o mal de alzheimer. A etiologia era endógena, ou seja, o transtorno surgia devido a causas internas. Ainda no quadro da esquizofrenia, em 1893, Kraepelin foi responsável por diferenciar três formas do transtorno: paranoide, hebefrênica e catatônica.

Em ordem, respectivamente: a paranoia manifesta-se por meio de medos e delírios com relação a manias de perseguição. A segunda, hebefrenia é caracterizada por um comportamento inadequado, ou seja, atitudes incoerentes, como rir alto em situações tristes e crises emocionais. A terceira, catatonia, é marcada fortemente pela ausência da expressão facial, rigidez corporal, tal como passar horas na mesma posição e não comemorar vitórias. Essas classificações são bases para diagnósticos da doença ainda atualmente.

Em 1908 o psiquiatra Eugen Bleuler (1857-1939) cunha o termo “esquizofrenia”, do grego (esquizo = divisão e phrenia = mente) e enterra o termo demência precoce de Kraepelin. Bleuler, a partir desse conceito, busca caracterizar melhor a doença investigando o pensamento, as emoções e os comportamentos dos pacientes afetados⁴. Além disso, Bleuler descreveu *sintomas fundamentais (ou primários)* específicos da esquizofrenia que ficaram conhecidos como os quatro “As”: associação frouxa de ideias, ambivalência, autismo e alterações de afeto.

A evolução em relação ao tratamento da doença se deu ao longo dos anos, porém, no início, os métodos aos quais eram submetidos os doentes mentais eram extremamente agressivos.

O tratamento com eletrochoques surgiu a partir de uma experiência científica de Ugo Cerletti⁵. Nessa análise, Cerletti visitou um matadouro de porcos em Roma. Ali, constatou, que os porcos submetidos a choques elétricos, antes de serem abatidos, apresentavam convulsões. Foi nesse momento que nasceu, em 1928, o eletrochoque (por cor-

rente transcerebral).

De acordo com uma carta escrita por Artaud⁶ ao seu psiquiatra em 1945, o poeta afirma:

O eletrochoque me desespera, apaga minha memória, entorpece meu coração, faz de mim um ausente que se sabe ausente e se vê durante semanas em busca do seu ser, como um morto ao lado de um vivo que não é mais ele, que exige sua volta e no qual ele não pode mais entrar. Na última série, fiquei durante os meses de agosto e setembro na impossibilidade absoluta de trabalhar, de pensar e de me sentir ser [...] (ARTAUD apud SILVEIRA, 1974 p.10).

Nota-se nas palavras de Artaud uma perturbação muito grande, a vontade de viver e descobrir a si mesmo. Esse mesmo sentimento encontra-se em muitos doentes mentais.

A lobotomia, outra conquista da medicina, surgiu em 1936 com Egas Moniz. Essa era um psicocirurgia que consistia em seccionar as fibras nervosas que ligam os lobos frontais a partes subjacentes do cérebro. Segundo Moniz, para obter a cura de pacientes que apresentam comportamentos contínuos “temos de destruir arranjos mais ou menos fixos das conexões celulares que existem no cérebro, e particularmente aqueles que se relacionam com os lobos frontais” (MONIZ apud. SILVEIRA, 1992, p.12).

Com o passar dos anos, as técnicas da cirurgia foram sofisticando-se, concentrando-se em áreas cada vez menores do cérebro (lobotomia transorbital, leucotomia, topectomia, cingulotomia, etc), mesmo assim os resultados eram irreversíveis. Segundo Nise da Silveira, “Todas essas técnicas constituem, portanto, um atentado à integridade do homem em seu órgão mais nobre” (SILVEIRA, 1992, p.12).

Em “A ética da leucotomia”, publicado no British Medical Journal, em 1952, defende-se a psicocirurgia com o espantoso argumento: “Se a alma pode sobreviver à morte, certamente poderá sobreviver à leucotomia” (apud. SILVEIRA, 1992, p.13).

Com o aparecimento de drogas antipsicóticas, a primeira dela a Chlormazina, na década de 50, comercializada em larga escala para o tratamento da esquizofrenia, os tratamentos cirúrgicos e o uso de eletrochoques não foram mais utilizados. A Chlormazina é uma substância que tem proximidade com os antialérgicos e tem a função de “hibernação artificial” e ação “de desconexão cerebral”. Assim os tratamentos se tornaram mais simples e eficazes

3. Emil Kraepelin, médico alemão reconhecido por muitos cientistas como o fundador da psiquiatria moderna. As classificações propostas por Kraepelin ainda nos dias atuais são a base para o diagnóstico da esquizofrenia. Vários colaboradores. O livro da psicologia. São Paulo: Globo, 2012, p.31.

4. No conceito de Bleuler o termo “demência precoce” ou “esquizofrenia” (literalmente cisão da mente), designava um “um grupo de psicoses cujo desenvolvimento é por vezes crônico, por vezes marcado por surtos intermitentes, e que param ou regredem para qualquer estágio [...]. A doença é caracterizada por um particular tipo de pensamento, afetividade e relação com o mundo externo o qual não aparece em mais nenhuma parte nesta forma particular” BLEULER, Eugene apud. Forrest, 1975, p.2.

5. Cerletti (1877-1963) utilizou o eletrochoque pela primeira vez em um paciente diagnosticado como esquizofrênico, com alucinações e confusão mental, em abril de 1938, em colaboração com Lucio Bini. Uma série de eletrochoques foi capaz de devolver o paciente a um estado mental aparentemente normal. Consequentemente, nos anos seguintes, Cerletti e seus colaboradores fizeram experimentos com milhares de eletrochoques em centenas de animais e paciente, e conseguiram determinar sua utilidade e segurança na prática clínica, para diversas indicações, como em esquizofrenia aguda, psicose maniaco-depressiva, depressão maior, etc. Seu trabalho foi muito influente, e o eletrochoque rapidamente se disseminou como um procedimento terapêutico por todo o mundo. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br/n04/historia/cerletti.htm>, acesso em: 09/04/2015.

6. Antonin Artaud (1896-1948) desde cedo apresentou problemas de saúde e neurológicos. Aos 24 anos começou a tomar tintura de ópio para aliviar dores de cabeça. Tornou-se dependente. Foi internado diversas vezes. Sofreu vários tratamentos psiquiátricos. Autor de teatro e cinema, teórico do teatro e autor de peças teatrais, poemas, ensaios, cartas (seu meio de expressão preferido). O autor questionou e subverteu a noção de LOUCURA em textos como: “Van Gogh: O Suicídio Pela Sociedade”. Seus últimos poemas são sucessões de palavras sem sentido. Disponível em: <http://cultalt.tripod.com/3.htm>, acesso em: 10/04/2015.

aos pacientes, pois houve a redução da permanência hospitalar (número de internações) e deu-se margem à possibilidade do tratamento ambulatorial.

A descoberta dos antipsicóticos (também conhecidos como neurolépticos ou tranquilizantes maiores) marcou o início da psicofarmacologia contemporânea e revolucionou o tratamento dos pacientes, uma vez que estes eram confinados em grandes hospitais ou asilos, pois os recursos para o tratamento dos doentes eram muito limitados até a metade do século XX.

Assim seguiram as pesquisas de caráter químico, em busca de novas substâncias que pudessem reduzir ou anular as manifestações delirantes. Porém, essas substâncias tinham o grave inconveniente de produzir efeitos colaterais, causando uma série de problemas, como distonias, rigidez musculares, tremores (síndrome parksoniana) que teria que ser combatida com medicamentos antiparksonianos.

Nas décadas de 1970 e 1980, ocorreu o desenvolvimento de pesquisas da neuro-imagem, que permitiram analisar as atividades cerebrais de um indivíduo “in vivo” e continuam em ação até os dias atuais.

Com o advento da tomografia computadorizada e da ressonância magnética (RM) do crânio, pode-se confirmar al-

terações anatômicas cerebrais que ajudaram no diagnóstico da doença, como o aumento de ventrículos laterais e alargamento de sulcos corticais numa parcela significativa de casos, independentemente de fatores não-específicos como idade, uso de neurolépticos e eletroconvulsoterapia (ECT)⁷.

Atualmente, as técnicas de neuro-imagem funcional e neuroquímica têm sido cada vez mais exploradas como a Tomografia por emissão de fóton único (SPET) e de pósitrons (PET) junto com ressonância magnética funcional (fMRI) e a espectroscopia por ressonância magnética (MRS). Dentre essas modalidades a SPET e a PET são técnicas da medicina nuclear que nos permitem diversas observações, como a avaliação de neurotransmissores e o fluxo sanguíneo do cérebro.



Fig. 01 – Choque elétrico para tratamento psiquiátrico. Fonte: <http://pixshark.com/early-electroshock-therapy.htm>, acesso em: 09/04/2105.

2. Aspectos gerais da doença

2.1 Fisiopatologia

Não há uma causa concreta e única para a esquizofrenia. É uma doença multifatorial, causada por diversos fatores biopsicossociais que podem levar ao aparecimento do transtorno. Os fatores biológicos estariam ligados à genética e os que são relacionados à anormalidade de estruturas cerebrais e deficiência situam-se nos neurotransmissores. Dentro dos diversos fatores psicossociais relacionados às possíveis causas dessa patologia estão: a ansiedade muito intensa, estado de estresse elevado, fobia social e situações sociais e emocionais delicadas.

Seguem abaixo algumas das mais importantes e aceitas hipóteses etiológicas que buscam explicar a manifestação da doença:

Hipótese genética:

Vale ressaltar que a taxa de hereditabilidade da esquizofrenia é de 0,83%, uma das mais altas entre todas as doenças psiquiátricas. Quando se trata de um histórico de esquizofrenia na família, o índice gira em torno de 10%. Já em gêmeos dizigóticos a ocorrência é em 12% dos casos, e nos monozigóticos 44%, um valor altíssimo que constitui o maior fator de risco isolado para esquizofrenia, porém essa teoria também leva em consideração fatores ambientais⁸.

Hipótese psicossocial:

Essa teoria tenta explicar a esquizofrenia com base nas relações interpessoais, entre familiares ou mesmo amigos. A partir de 1940, essas ideias ganharam força e, em 1948, Fromm-Reichmann⁹ introduziu o conceito da “mãe esquizofrenogênica”, relacionado com o comportamento materno, incluindo atitudes de rejeição e hostilidade, que deixam cicatrizes profundas em uma criança, no seu desenvolvimento mental, podendo levar a uma fragilidade psicológica e à manifestação da doença em grande parte dos casos. Porém, essa teoria depois de alguns anos, acabou entrando em desuso devido à carência de bases científicas que sustentassem a hipótese.

Atualmente, o fator psicossocial ainda é bastante estudado, favorecendo o aparecimento da psicose (juntamente com o fator da genética). Assim, encontramos duas principais correntes de pensamento. A primeira, envolve o ambiente familiar, introduzindo o conceito de Emoção Expressa (EE), usado para designar o excesso de envolvimento emocional da família no tratamento da doença. Segundo estudos, altos índices de EE na família acarretam a uma tendência de recaída e reinternação do paciente esquizofrênico. A segunda corrente se relaciona com a influência de “eventos estressores psicossociais”, na vida do paciente. Estudos recentes¹⁰ sobre esses *life events* demonstram

7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v17n4/v17n4a14.pdf>, acesso em:08/04/2015.

8. Dados retirados da revista de psiquiatria do IPQ. Disponível em: <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista>, acesso em 07/04/2015. O IPQ (Instituto de Psiquiatria) é um dos 7 institutos que compõe o Hospital das Clínicas de São Paulo. Ele foi inaugurado em 1952 e totalmente reformado e reestruturado entre os anos 2000 e 2005.

9. Durante muito tempo a família foi responsabilizada pela causalidade do transtorno mental que acomete um de seus membros. A expressão máxima desse movimento foi o desenvolvimento, na década de 1940, da teoria sobre a mãe esquizofrenogênica, de Frida Fromm-Reichmann. Na contemporaneidade, o modelo de etiologia dos transtornos psiquiátricos é multifatorial.

que podem sim proporcionar piores sintomatológicas aos doentes. Dentro desse quadro, é importante ressaltar que o tratamento desse indivíduo deve ser feito de uma forma mais global, pensando tanto na eliminação dos aspectos sintomatológicos, quanto na prevenção de eventos estressores que vulnerabilizam e fragilizam a sua mente.

Hipótese dopaminérgica:

A hipótese dopaminérgica foi formulada na década de 1960, com o aparecimento dos antipsicóticos. A anfetamina é o grande objeto de estudo da teoria. As substâncias presentes na droga aumentam os níveis de atividade dopaminérgica no cérebro, levando pacientes não esquizofrênicos ao delírio e alucinações muito parecidas com a de um paciente portador da doença. A semelhança é tão grande que pode até ser confundida por um médico em um diagnóstico caso ele não saiba que o indivíduo tenha ingerido a droga. Assim, chega-se à seguinte conclusão: sintomas esquizofrênicos como alterações comportamentais e a dispersão de si próprio, estariam ligados à elevação das atividades dopaminérgicas¹¹. Os antipsicóticos nesse caso, agem como inibidores (bloqueadores) de alguns desses receptores, em especial o chamado D2 (neurotransmissor que estabelece sinapses em excesso).

De acordo com a fig.02, podemos verificar a representação da intensidade do bloqueio dos receptores D2 em pacientes não medicados, medicados por antipsicótico atípico e típico, além das porcentagens de inibição dos receptores em cada um dos casos. Segundo Rodrigo Bressan:

Todos os antipsicóticos empregados na clínica são antagonistas dos receptores D2, ou seja, ligam-se nos receptores D2 e impedem que o receptor se ligue a qualquer outra substância. Postula-se que a eficácia dessas medicações decorra deste antagonismo. Para se avaliar a intensidade do bloqueio ou ocupação dos receptores D2 em pacientes tomando antipsicóticos, utilizam-se basicamente duas técnicas: 1. compara-se um *scan* pré-tratamento com um *scan* pós-tratamento; 2. comparam-se *scans* de pacientes medicados com pacientes não medicados. (BRESSAN, Rodrigo A., et al. 2001, s/nº p.)

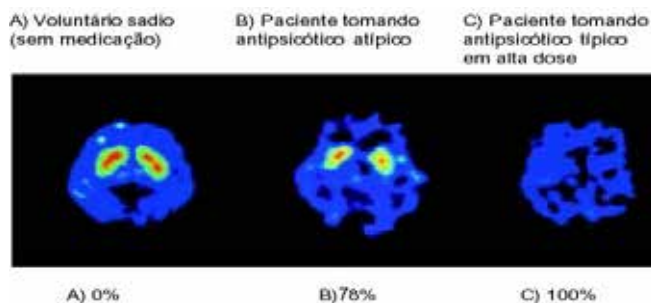


Fig. 02 - Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462001000500014&script=sci_arttext, acesso em: 05/04/2015.

2.2 Sintomas

Os principais sintomas da esquizofrenia envolvem: al-

terações no pensamento, no comportamento, na afetividade e na percepção sensorial.

Em relação a alterações no pensamento, os episódios mais comuns são os surtos psicóticos, marcados por delírios e alucinações. Os delírios são crenças não verdadeiras. O indivíduo acredita fielmente em pensamentos que escapam de seu controle. Por exemplo, ele pode achar que está sendo perseguido, ou que tem superpoderes. Já as alucinações são falsas percepções, isto é, elas podem ser tanto auditivas (na maioria dos casos), visuais ou táteis. Além dos delírios e das alucinações, o paciente começa a ter um pensamento desorganizado e fragmentado, tornando a fala incoerente e muitas vezes incompreensível.

A mudança no comportamento é marcada pelo isolamento social. Além desse fator o esquizofrênico pode apresentar extremos de comportamento, ou seja, ora muito agitado, ora imobilidade por um longo período de tempo.

A perda da afetividade já é característica marcante de um esquizofrênico. Em casos mais graves o indivíduo perde as expressões faciais e torna-se apático, alheio às relações sociais.

2.3 Epidemiologia

A esquizofrenia é uma doença crônica que aparece nos homens geralmente dos 15 aos 25 anos, e na mulher dos 25 aos 35 anos. Quando a doença se inicia antes dos 20 anos, o prognóstico é pior. A prevalência da doença é feita a partir da proporção dos indivíduos afetados em um dado momento. Pesquisas recentes feitas pela OMS (Organização Mundial da Saúde) sobre o impacto da doença em âmbito global, relatam que a taxa de prevalência para homens é de 0,92% e para mulheres 0,9%, há variações entre algumas pesquisas porém as taxas sempre se encontram próximas a 1%. A incidência da doença sugere a estimativa de 1 e 7 casos novos para 10.000 habitantes por ano, dependendo da análise e do diagnóstico adotado, por isso pode ser variável¹².

2.4 O diagnóstico / prognóstico

O diagnóstico da esquizofrenia é feito com base nos delírios, isto é, na presença de um pensamento desorganizado e no isolamento social. O paciente deve ser observado no mínimo por seis meses para que se tenha uma avaliação correta e fundamentada.

Como é uma doença que afeta diretamente o cérebro, torna-se mais difícil defini-la a partir de um primeiro diagnóstico, seja interrogando a família ou pela constatação de um primeiro surto. Muito dessa ideia está relacionada ao histórico da doença e ao estigma ao qual esses pacientes são submetidos. Por isso, geralmente a busca por tratamento só se dá com a eclosão de sintomas agudos. Os delírios e alucinações variam de acordo com a idade do início da doença, nos mais jovens são mais simples e nos mais velhos mais complexos.

O tempo para o diagnóstico da doença pode influenciar

diretamente no prognóstico dela, ou seja, quanto mais tempo os profissionais de saúde demoram para reconhecer a doença, os sintomas se tornam mais elevados, implicando maior tempo de tratamento.

Embora o paciente esquizofrênico, em alguns casos, sobreviva em fases posteriores, a média da expectativa de vida para esses indivíduos é de 10 a 15 anos depois do primeiro surto psicótico, devido à perda do pensamento organizado e à dificuldade de inclusão social que contribuem para que os portadores da doença enfrentem rigorosas barreiras para levar uma vida feliz e saudável. Essas pessoas precisam de apoio emocional, do estreitamento de laços afetivos e não devem ficar isoladas da sociedade. Caso contrário, o quadro clínico pode piorar, com o aparecimento de sintomas positivos (crises psicóticas), e muitas vezes levar o paciente ao suicídio.



Fig. 03 – Cena do filme “Uma mente brilhante” que conta a história do matemático John Nash diagnosticado com esquizofrenia. “Eu me sentia perseguido. Achava que o presidente, o papa e outras pessoas conspiravam contra mim”, recordou Nash ao canal americano PBS em 1995, após ganhar o Nobel de Ciências Econômicas pelas ideias que desenvolveu na juventude. Fonte: <<http://super.abril.com.br/ciencia/esquizofrenia-realidade-partida-685391.shtml>>, acesso em 05/04/2015.

3. O tratamento

Durante o tratamento dos pacientes esquizofrênicos devem ser trabalhadas as seguintes áreas: farmacológica, psicossocial e a inclusão da família. Deve-se lembrar que a doença se desenvolve de uma forma diferente em cada paciente, por isso se deve considerar sua individualidade. A assistência deve ser composta por uma equipe de profissionais, com pelo menos um psiquiatra, uma terapeuta ocupacional, uma enfermeira e uma assistente social. A internação psiquiátrica só ocorre em casos extremos, dando sempre preferência para o tratamento intensivo dentro da comunidade.

3.1 O tratamento medicamentoso

O tratamento medicamentoso teve grande avanço a partir da década de 50, com o surgimento da “Chlorpromazina”. As medicações antipsicóticas são extremamente necessárias para controlar os surtos dos pacientes esquizofrênicos. Dentro desse cenário, os antipsicóticos são divididos em duas categorias: os da primeira geração (também chamados de típicos); e os da segunda geração (também chamados de atípicos). A principal diferença entre ambos está no fato de os antipsicóticos da segunda geração terem menor chance de causar sintomas extrapiramidais, ou seja, sintomas semelhantes aos da doença de Parkinson. As escolhas dos antipsicóticos devem ser feitas analisando cada caso, com base no perfil farmacológico do remédio (mais ou menos sedativo) e nos efeitos colaterais que acometem o paciente. A tolerância à resposta desses medicamentos deve ser de seis a oito semanas desde o início do uso. Quando os episódios de crises vão diminuindo, a dosagem dos medicamentos também pode diminuir lentamente, para que os médicos encontrem a dosagem certa.

Os antipsicóticos da primeira geração têm um custo mais baixo quando comparado aos da segunda. Por esse motivo, o sistema de saúde pública do Brasil prioriza o uso de medicamentos da primeira geração nos tratamentos da esquizofrenia.

Segundo o psiquiatra Rodrigo Affonso Bressan:

[...] os antipsicóticos da primeira geração: devem ser utilizados em doses baixas, para evitar sintomas extrapiramidais. Devem ser usados na mínima dose necessária, em monoterapia antipsicótica (um único medicamento). E os antipsicóticos da segunda geração: devem ser utilizados em doses corretas, por tempo adequado, para avaliar a resposta clínica, que é de 6 a 8 semanas (BRESSAN, Rodrigo et al, 2001, s/mº p.).

Vale ressaltar que os antipsicóticos típicos atuam como antagonistas da dopamina. Já os antipsicóticos atípicos inibem receptores de dopamina e serotonina (neurotransmissores). Os principais medicamentos da primeira geração utilizados são a Chlorpromazina e o Haloperidol. Já da segunda geração os que mais se destacam são a Clorzapina, Risperidone e o Olanzapine.

Alguns pacientes têm dificuldades de fazer o tratamento devido aos efeitos colaterais do antipsicóticos, portanto, é necessário estabelecer-se uma relação de confiança entre o médico, o paciente e os familiares para que se obtenha sucesso no tratamento. Quanto melhor for essa relação, melhor vai ser a recuperação do paciente e as chances de recaída serão minimizadas.

3.2 O tratamento não medicamentoso

Segundo Bressan¹³, apesar do tratamento medicamentoso ser importantíssimo, ele não é suficiente. É necessário também, abordagem mais humana do paciente psiquiátrico visando ao desenvolvimento individual, como a terapia ocupacional e psicoterapia para se obter melhor reabilitação.

A psicoterapia é uma forma de tratamento que pode ser tanto individual, como familiar ou grupal. É realizado por psicólogos. A terapia deve se desenvolver com base na personalidade do paciente, para assim, definir quais são suas

13. BRESSAN, Rodrigo et al., Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462001000500014&script=sci_arttext>, acesso em: 05/04/2015.

necessidades particulares e estabelecendo um contato com a realidade. A psicoterapia é capaz de transformar o paciente psiquiátrico, seja de forma cognitiva, comportamental atingindo os sentimentos desses indivíduos fortalecendo seus afetos e muitas vezes atenuando o tratamento medicamentoso.

A outra forma de tratamento é a terapia ocupacional. Essa, por sua vez, se fundamenta em vivências de caráter não verbal, e na exploração das profundezas do inconsciente dos pacientes. Assim, são desenvolvidos trabalhos voltados principalmente às artes plásticas. O principal objetivo é estimular a criatividade dos pacientes, porém também favorece os laços afetivos. Nise da Silveira na sua experiência profissional, na Casa das Palmeiras (instituição sem fins lucrativos, destinada ao tratamento e à reabilitação de egressos de instituições psiquiátricas) no ano de 1956 numa experiência piloto afirma:

Fazemos constantemente apelo às atividades que envolvam especialmente a função criadora mais ou menos adormecida dentro do indivíduo. A criatividade é o catalisador por excelência das aproximações de opostos. Por seu intermédio, sensações, emoções, pensamentos são levados a reconhecer-se, a associar-se. (SILVEIRA, Nise, 2001, p.21).

3.3 O trabalho ousado e revolucionário de nise da silveira na abordagem do paciente psiquiátrico

Nise Da Silveira (1905-1999) revolucionou a ideia da abordagem do paciente psiquiátrico, recorrendo à terapia ocupacional a um método pouco aceito pela medicina da época (década de 40/50) e visto como uma forma de “distrair” ou contribuir para a economia hospitalar. Nise sempre foi apaixonada pela subjetividade do ser humano. Buscava compreender o que é o inconsciente e desvendar seus mistérios. No hospital Engenho de Dentro (localizado no Rio de Janeiro) iniciou seus projetos de terapia ocupacional, com diversos trabalhos manuais como: a pintura, a modelagem, a música entre outros com o objetivo de explorar a criatividade e estimular os aspectos sensoriais dos pacientes psiquiátricos. Em 1952, como fruto de sua dedicação e pesquisas na área da terapia ocupacional, é fundado o Museu do Inconsciente¹⁴ constando no seu acervo os trabalhos artísticos dos pacientes do Hospital de Engenho de Dentro. Atualmente o acervo do museu possui 300.000 obras. De acordo com Mário

Pedrosa, “[...] de início foi reunindo um grupo de esquizofrênicos - tirados do pátio do hospício para a seção de Terapêutica Ocupacional, desta para o atelier, e do atelier para o convívio, onde passou a gerar o afeto, e a criatividade” (PEDROSA apud SILVEIRA, 2001 p.10).

Tais experiências práticas e teóricas aproximam as imagens que emergem do inconsciente dos pacientes de sua situação emocional. Essas imagens retratadas nas pinturas constituem-se documentos das vivências sofridas pelos esquizofrênicos, bem como:

[...] as riquezas de seu mundo interior invisíveis para aqueles que se detém apenas na miséria de seu aspecto externo, o trabalho realizado no Museu de Imagens do Inconsciente aponta para a necessidade de uma reformulação da atitude face a esses doentes e de radical mudança nos tristes lugares que são os hospitais psiquiátricos” (SILVEIRA, 2001 p.18).



Fig. 04 - Obra do acervo do Museu do Inconsciente no RJ. Artista: Manuel Godinho. 80cm x 100cm óleo sobre tela. Fonte: <http://www.ccs.saude.gov.br/ccs/o_museu_vivo/html/obras1.htm> acesso em: 11/04/15



Fig. 05 - Obra do acervo do Museu do Inconsciente no RJ. Artista: Roberto Garcia. 80cm x 50cm óleo sobre tela. Fonte: <http://www.ccs.saude.gov.br/ccs/o_museu_vivo/html/obras1.htm> acesso em: 11/04/15

4. O grande estigma e a dificuldade de inserção na sociedade dos pacientes esquizofrênicos

Distinguem-se dois tipos de mendigos: os que vivem em grupos e partilham as esmolas, e os que permanecem isolados, fechados em seu mundo interno. Esses

são facilmente reconhecíveis como egressos de hospitais psiquiátricos pelo recolhedor de mendigos da cidade e, não raro, encaminhados de volta ao hospital

14. O museu é fundado com a finalidade de preservar os trabalhos produzidos nos ateliês, que servirão de base para uma maior compreensão dos pacientes. Assim, por meio desse museu, Nise da Silveira conseguiu levar as discussões do campo da saúde mental para toda a sociedade utilizando-se, principalmente, de várias exposições.

psiquiátrico, perdendo até a opção pela liberdade da subvida de mendigo. Constituem, segundo estatísticas da Fundação Leão XIII, 55% dos “mendigos” recolhidos. (SILVEIRA,2001, p.20)

O estigma contra os doentes mentais, de uma maneira geral, não é algo recente. Um exemplo muito marcante a esse respeito é a situação à qual foram submetidos os doentes mentais durante o período nazista. Na visão de Hittler, esses indivíduos não eram considerados cidadãos, mas perigosas ameaças à raça ariana, por isso, deveriam ser mortos. Antes mesmo das perseguições contra os judeus, Hittler ordenou o extermínio de todos os portadores de doenças mentais. Esse episódio desumano e impiedoso demonstra um pensamento rotulado e fechado sobre os doentes mentais, em especial os esquizofrênicos, não considerando aspectos como: o histórico do paciente, suas limitações e suas características únicas como ser humano.

Esse preconceito contra os doentes mentais provém da intolerância do ser humano em aceitar o diferente. Seja o racismo, a homofobia ou o ableísmo (intolerância tanto aos doentes físicos ou mentais), partem desse mesmo princípio. Assim, o esquizofrênico acaba se isolando socialmente para evitar situações constrangedoras e que o façam sofrer mais ainda. Uma pessoa portadora da doença pode ser muito simpática, confiável e compreensível. A esquizofrenia não caracteriza o que se é como pessoa. Existem pessoas com muitas qualidades e portadoras da doença, porém isso não é levado em consideração pela sociedade contemporânea, voltada unicamente para a aparência. Bob Marley em sua música “Guerra” faz a seguinte citação: “*Nos chamam de loucos num mundo em que os certos fazem bombas*”.

Há também a própria dificuldade do indivíduo em aceitar a doença. Nesse sentido, ocorre um episódio marcado pelo autoestigma em que o paciente se sente desiludido e sem estímulos de enfrentar o mundo externo. Muitos perdem grandes oportunidades na vida, por tomarem como verdade os rótulos impostos pela sociedade como menosprezo e a incapacidade.



Fig. 06 - Essa imagem reflete a posição social em que se encontra o esquizofrênico, com essa ânsia interminável de se libertar e romper com as barreiras do mundo “irreal”, afinal, ele não é “menos gente que ninguém”. Fonte: <http://imgsapp.sites.uai.com.br/app/noticia_133890394703/2014/09/16/150357/20140916095642961127e.jpg> - acesso em: 09/04/2015.

O paciente não tem autoconfiança e tem medo de que sintomas positivos venham a acontecer. Algumas frases citadas em depoimentos de pacientes esquizofrênicos no livro “O ajustamento Social na esquizofrenia”, de Shirakawa, refletem esse pensamento negativo:

1. “Eu me sinto um saco de batatas que não serve para

nada”.

2. “Eu não vou casar nunca. Já nem me masturbo, nem sinto necessidade sexual”.
3. “O problema é que eu tenho medo. Sinto-me mais seguro em casa. Num serviço de 8 horas eu tenho medo das perseguições. Acho que sou mais útil morto do que vivo”.
4. “As coisas que eu mais queria não consegui: viver, casar, ter responsabilidade, assumir coisas. Acho o mundo cruel, bruto. Do jeito que vejo o mundo, hoje em dia, não queria existir nunca mais”. (Apud.SHIRAKAWA, 1992, passim)

Essas frases demonstram que o esquizofrênico sofre alterações cognitivas em seu cérebro e sente falta de fazer o que fazia antes de adoecer. É uma frustração muito grande para ele, porém acaba sendo dominado pelas vozes e pelos delírios que os cerca. Essa é uma situação delicada, pois quanto mais baixa a autoestima mais o indivíduo tem chances de cometer um suicídio. É o que acontece em alguns dos casos. O indivíduo não consegue mais criar perspectivas para o futuro e se sente totalmente inútil. Assim a prevenção do suicídio é uma preocupação durante o tratamento do transtorno psiquiátrico, e ela se dá por meio do acolhimento, do diálogo e da inserção social desses pacientes, pois só assim eles podem encontrar sentido para sua existência.

Dentro desse quadro surge a seguinte questão: Qual a maneira de fazer com que os portadores de esquizofrenia sejam mais aceitos pela sociedade? Como combater o estigma?

A família, nesse cenário, assume um papel fundamental na luta de inserção na sociedade e combate ao estigma. A família é a base da luta dos pacientes contra a doença. Segundo pesquisas do grupo inglês (Brown, Birley, Leff, Vaugh e Wing) foi verificado que os pacientes que tiveram a ajuda da família no tratamento (terapia familiar) tiveram um número baixíssimo de recaídas. Enquanto os que não tiveram o apoio da família durante o tratamento exatamente o contrário. Para Shirakawa:

[...] o paciente é como um balde furado. Tudo o que está dentro sai e o que está fora entra com a maior facilidade. Para que o balde volte a ter utilidade é necessário tampar todos os furos. Só assim, o balde volta a recuperar sua função, o que está dentro fica dentro e protegido contra a invasão das sujeiras externas. Se a família não colocar os limites, os furos continuarão abertos” (SHIRAKAWA, 1992, p.102).

Assim, a família aprende a lidar com as situações de crises por meio da tolerância, com calma, não criticando o portador da doença, nem o ameaçando. É imprescindível que os familiares não se exaltem e saibam quando chamar profissionais da saúde se necessário. A família tem um papel importante no monitoramento da medicação, uma vez que a esquizofrenia é uma doença que precisa de cuidados constantes. Isso acontece em muitos casos, o paciente acha que está curado por não apresentar mais os sintomas

da doença, para de tomar os medicamentos e tem recaídas.

Além do aspecto medicamentoso, um ambiente harmonioso e agradável é fundamental para a recuperação do paciente esquizofrênico. Não é uma tarefa fácil, exige muito esforço de todos, pois evitam-se assim as recaídas e o indivíduo se sente integrado ao ambiente familiar. Ela pode atribuir aos pacientes tarefas simples do dia a dia para que se sintam mais produtivos e úteis. Esses pequenos trabalhos vão fazendo com que o esquizofrênico se sinta mais preparado a participar de outros projetos, sempre avaliando o que está dentro das suas capacidades para que não haja a sobrecarga e, conseqüentemente, o estresse. A autonomia dos indivíduos precisa ser incentivada, só assim serão ca-

pazes de enfrentar novas situações.

O estigma da sociedade sobre os doentes mentais está em todos os lugares. Desde relações interpessoais do cotidiano até mesmo na mídia. Sim, a mídia também é uma plataforma extremamente preconceituosa e que banaliza a figura do esquizofrênico, e emprega a expressão “esquizofrenia” de maneira totalmente equivocada, relacionando-a muitas vezes ao crime e a violência, ou ao seu uso metafórico (que caracteriza um ser como “incoerente” ou “contraditório”).

Vejamos alguns casos que demonstram o uso do termo esquizofrenia é usado de maneira inadequada, banalizando a doença e todo o sofrimento do paciente, reforçando assim, o estigma sobre ele.

Quadro 1. Exemplos dos contextos de uso do termo esquizofrenia ou seus correlatos

Contexto	Exemplo	Veículo
Criminalidade e violência – caso notório chamado de “Massacre de Realengo”	“Wellington agiu sozinho, diz a polícia. A despeito das referências desconexas sobre religião e da simpatia por fundamentalistas, não passava de um boçal que decidiu transformar uma vida de rejeição social em brutalidade. ”	<i>Veja</i> (7/4/2011). Neste caso, a reportagem faz uso do diagnóstico de esquizofrenia diversas vezes antes dos dois exemplos citados.
	“Como ser solitário não é sinônimo de ser único, as conexões e inspirações que colaboraram com a mente deteriorada e diabólica do criminoso não podem ser desprezadas. E a partir deste ponto não cabe mais a resposta de que ‘como era louco, tudo que dizia era loucura.’”	
Casos esporádicos de criminalidade e violência	“O fantástico esclarece, revelando a mente perturbada de Wellington, que ele vivia uma confusão entre duas religiões: a das Testemunhas de Jeová e o Islamismo. A primeira era a religião de seus pais e, com a segunda, ele teria tido contato depois da morte da mãe. Wellington cita um homem chamado Abdul e outro chamado Philip, mas ainda não se sabe se eles dois realmente existem ou se são fruto de uma doença como a esquizofrenia. O que é certo é que essa ligação com radicais religiosos – verdadeira ou imaginária – foi levada para a vida real por Wellington.”	Portal da Revista Época, José Antonio Lima, <i>blog</i> “O Filtro” (11/4/2011)
	“O acusado disse sofrer de problemas mentais e ainda teria afirmado que recebia ameaças de morte. Familiares e vizinhos confirmam que o acusado era doente e toma remédios contra esquizofrenia.”	<i>Folha de S. Paulo</i> (30/12/2008)
Usos metafóricos depreciativos – contextos diversos (política, economia, cultura, esporte)	“Ela [a criança] não tinha nada a ver comigo. Queria me livrar dela. Acho que tenho esquizofrenia.”	<i>Folha de S. Paulo</i> (27/1/2008). Neste caso, a frase aparece destacada da reportagem intitulada “Mãe é presa acusada de atirar bebê de oito meses do 6º andar de prédio em Curitiba”.
	“Existia uma certa esquizofrenia na administração municipal. A mesma prefeitura que faz a inspeção veicular investe em obras viárias para ajudar o carro.”	<i>Folha de S. Paulo</i> (5/6/2011)
	“A política cambial do Brasil está ficando esquizofrênica. O Banco Central continua dizendo que não tem meta de câmbio. Realiza que apenas atua no mercado com o objetivo de reduzir volatilidades.”	Portal do “Estadão.com”. Economia, Celso Ming 11/1/11
	“Nos textos, (Gerald) Thomas alterna desânimo profundo com momentos em que celebra arte e vida. O artista é um bipolar, flutua entre dois extremos, beira a esquizofrenia, diz. ‘Tem horas em que acho que o mundo é lindo. Em outras, que não vale a pena viver mais uma hora.’”	<i>Folha de S. Paulo</i> (25/8/2011)
	“A cada iniciativa semanal com objetivo declarado de estimular a economia, fica mais aparente uma espécie de esquizofrenia da agenda de reação à crise internacional: as grandes variáveis capazes de influenciar decisivamente a atividade econômica, os juros e as metas de aperto fiscal, permanecem inalteradas – apenas pararam de subir.”	<i>Folha de S. Paulo</i> (12/12/2008) – Caderno “Dinheiro”
	“Mendes criticou ainda a situação das penitenciárias do país. ‘Temos situações de uma certa esquizofrenia institucional. No Maranhão, temos um presídio em estado caótico. Há recursos para construção de um novo presídio. Porém, em razão de desinteligências internas, a construção está suspensa’, afirmou o ministro.”	<i>Folha de S. Paulo</i> (27/12/2008)
	“Nela, chama a atenção o fato de tê-la assinado com seu nome inteiro, sem ‘w’ nem ‘y’, embora, em seguida, ao dizer que eu denigro seu instituto, chame a entidade de Wanderley, em óbvia crise de esquizofrenia, além do já conhecido complexo de perseguição.”	<i>Folha de S. Paulo</i> – Esporte, Juca Kfoury (13/10/2008)

Fig. 07 - Fonte: <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol39/n3/80.htm>, acesso em 11/04/15.

Atualmente, no Brasil, a Associação Brasileira de Familiares Amigos e Portadores de Esquizofrenia (ABRE), luta por uma sociedade com menos estigma. A única forma de amenizar o estigma é levar informação às pessoas a respeito da doença, além de intervenções educacionais e da abertura da área da saúde à comunidade, um exemplo é o IPQ (Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas), um dos principais hospitais psiquiátricos de São Paulo. Ele realiza todos anos um evento em que abre as portas para a comunidade, promovendo palestra de diversos temas da psiquiatria. As ações a esse respeito precisam ser contínuas e integradas à educação e à cultura brasileira. De acordo com Jorge Cândido Assis, portador de esquizofrenia, “o crescimento individual só acontece por intermédio do compartilhamento daquilo que verdadeiramente somos com as pessoas que nos aceitam nessa perspectiva” (ASSIS, Jorge C. et al., 2013, p.55).

Os pacientes psiquiátricos precisam ser respeitados por suas limitações como todos nós.

4.1 Superação na sociedade

Quando falamos da superação do paciente esquizofrênico, não estamos nos referindo à cura do indivíduo, mas sim, a uma melhora expressiva na qualidade de vida. Ela é caracterizada pelas relações familiares harmônicas, integração social e uma vida produtiva. É notável o avanço da medicina em relação ao tratamento do esquizofrênico. Atualmente os remédios são muito mais eficientes e as internações mais breves. Segundo Dr. Mário Louzã, coordenador do Projeto Esquizofrenia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, “durante muito tempo, a esquizofrenia e outros transtornos mentais foram tratados como loucura. Os doentes chegavam a ser internados a vida toda sem dispor de tratamentos adequados”¹⁵.

Essa foi uma verdadeira conquista do doente mental, até mesmo uma compreensão melhor da doença por parte da família que, no passado, não aceitava e abandonava seus filhos em manicômios e/ou asilos. Foi o que aconteceu, por exemplo, com Camille Claudel¹⁶, uma grande ar-

15. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/esquizofrenia-realidade-partida-685391.shtml>, acesso em: 05/04/2015.

16. Companheira de Rodin e escultora, Camille Claudel (1864-1943) em 1892 rompe o relacionamento com o escultor. A partir de 1898, recusa-se a exibir trabalhos antigos e busca um novo estilo. Em 1913 é internada à força no asilo de Ville-Évrard com problemas mentais. Durante os meses seguintes, manda cartas constantes para o irmão, nas quais revela suas angústias. No início de 1914 é transferida para o asilo Montdevergues, onde permanece até morrer.

tista francesa extremamente talentosa que, após ter uma história de amor com Auguste Rodin, o acusa de roubar suas obras para expô-las como dele. Seus surtos eram difíceis e a família, já não muito presente em sua vida, deixou-a num asilo e preferiu se afastar. Assim, ela viveu até sua morte, totalmente abandonada.

O mais importante para um paciente esquizofrênico é buscar um sentido para a sua vida. A aceitação de si próprio e a tranquilidade interior só são alcançadas por meio desse sentido que irá trilhar os caminhos para a superação. Os pacientes esquizofrênicos devem buscar se integrar à comunidade, e existem muitas formas para isso:

1. O paciente pode frequentar o hospital dia (HDA), onde são realizados diversos tipos de atividades (como a terapia ocupacional, atividades físicas, a musicoterapia entre diversas outras), visando a processos de interação e convivência.
2. O paciente pode participar de movimentos pela defesa dos direitos aos doentes mentais.

3. O paciente pode frequentar grupos de ajuda mútua, ou seja, pessoas portadoras do transtorno trocam diferentes experiências e visões sobre a doença. Isso pode ajudar a própria pessoa no processo de reconhecimento da sua identidade e ter uma nova visão sobre a doença.

É preciso muita força de vontade para ter uma vida saudável, uma rotina como a de qualquer outro ser humano. O que ocorre muito é o medo e a insegurança do paciente nesse processo. Por isso é importante que ele participe de projetos como os citados acima, pois isso os fortalece, dão-lhes segurança para enfrentar a vida, estar bem consigo mesmo e não deixar se abalar pelo estigma.

Um exemplo de superação na esquizofrenia é Jorge Cândido de Assis. Ele superou a doença e hoje dá palestras sobre a questão do estigma nas doenças mentais. Além disso, escreveu um livro em parceria com um psiquiatra “Entre a razão e a ilusão” e conta no livro a experiência de enlouquecer¹⁷.

Conclusão

Este trabalho teve como objetivo mostrar para as pessoas uma outra visão sobre a doença e considerar o portador de doença mental como um ser humano como qualquer outro. Ele merece ter respeito e ter seus direitos como cidadão. No Brasil, o ABRE, citado no corpo da monografia tem o papel fundamental de lutar por um país com menos estigma. Além disso projetos sociais são importantíssimos e muito necessários, não só na área do tratamento mas também na inserção na sociedade.

O IPQ (Instituto Psiquiátrico do Hospital das Clínicas), vem desenvolvendo um projeto há quatro anos que visa à inserção do esquizofrênico, no mercado de trabalho. E em

grande parte dos casos tem obtido sucesso.

É muito bonito ver o depoimento de Jorge Cândido, pois mostra que o doente mental pode sonhar e realizar seus sonhos. O seu livro “Entre a Razão e a Ilusão” foi muito usado para o desenvolvimento deste trabalho, com bastante embasamento teórico. E isso é uma prova de que os portadores de esquizofrenia podem realizar seus sonhos e serem felizes. A doença não é nada comparado à grandeza do esquizofrênico.

E a loucura? O mundo sem o misterioso não tem graça. É por isso que as pesquisas a respeito da esquizofrenia nunca vão parar. É uma doença enigmática que fascina de médicos a psicólogos por sua complexidade.

Bibliografia

SITES:

ABRE (Associação Brasileira de amigos, familiares e portadores de esquizofrenia). **Quais são os sintomas da esquizofrenia?** Disponível em:

<<http://www.abrebrasil.org.br/web/index.php/esquizofrenia/perguntas-frequentes/103-quais-sao-os-sintomas-mais-comuns-na-esquizofrenia>>, acesso em: 10/04/2015.

GADELHA, Ary. **Fisiopatologia da esquizofrenia: aspectos atuais**. Disponível em: <<http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol34/s2/179.html>>, acesso: 10/04/2015

GONÇALVES, Alexandre. **O trabalho ajuda no tratamento de pessoas com esquizofrenia, diz estudo**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral.trabalho-ajuda-no-tratamento-de-pessoas-com-esquizofrenia-diz-estudo-imp->>>, acesso em: 06/04/2015.

GUARNIEIRO, Francisco. **O estigma da esquizofrenia na mídia: um levantamento de notícias publicadas em veículos brasileiros de grande circulação**. Disponível em: <<http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol39/n3/80.htm>>, acesso: 08/04/2015

GUIMARÃES, Maria. **Um quebra cabeça em construção**. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2009/09/01/um-quebra-cabe%C3%A7a-em-constru%C3%A7%C3%A3o/>>, acesso: 09/04/2015

LIVROS:

ASSIS Jorge. **Entre a razão e a ilusão**. Porto Alegre: editora Artmed, 2013.

FORREST, Antony. **“Concepts of Schizophrenia: Historical Review”**. In: Forrest. Alister D. e James Affleck (Eds.). London: Churchill Livingstone, 1975.

SHIRAKAWA, Itiro. **O ajustamento Social na Esquizofrenia**. São Paulo: Lemos Editora: 1992.

SILVEIRA, Nise. **O mundo das imagens**. São Paulo: editora Ática, 2001.

Sterian, Alexandre. **Esquizofrenia**. São Paulo: Anna Elisa D. Villemor Editora, 2002.

17. Ver no anexo o depoimento completo de Jorge Cândido de Assis. Um grande exemplo de superação.

Anexo

DEPOIMENTO DE JORGE CÂNDIDO DE ASSIS: A EXPERIÊNCIA DE ENLOUQUECER.

“ Tive uma infância tranquila jogando bola na rua. Aos 14, entrei na escola técnica e já sabia trabalhar com eletricidade. Adorava física.

Em 1982 prestei vestibular para física na USP e não passei. Em 1983, fiz cursinho, prestei de novo e não passei.

Consegui uma bolsa no cursinho, passei perto e não entrei de novo. Foi um ano depressivo para mim. Eram os primeiros sinais da esquizofrenia, mas eu não sabia.

Eu me isolei, tinha delírios. O desfecho foi trágico. Em uma manhã de domingo, entrei na estação de metrô da Liberdade. Escutei uma voz “Por que você não se mata?” Me joguei na frente do trem.

Acordei três dias depois no hospital sem a minha perna direita. Tinha 21 anos.

Foi bem sofrido, mas coloquei toda a minha energia e determinação na reabilitação. Quatro meses depois, já estava com prótese.

Sozinho, voltei a estudar para o vestibular e passei em Física e Fisioterapia na Universidade de São Carlos. Meu sonho era desenvolver uma prótese melhor e mais barata do que as versões que existiam naquela época.

Um dia, em 1987, cheguei em casa e ela havia sido arrombada. Tive que ir até a delegacia fazer queixa e reconhecer os objetos furtados.

Isso desencadeou a segunda crise psicótica. Tinha delírios de grandeza, alucinação, mania de perseguição.

Fui internado em Itapira durante um mês. Sai de lá com diagnóstico de esquizofrenia, medicado, mas sem encaminhamento. Um dos remédios causava enrijecimento da musculatura e eu não conseguia escrever. Então, parei de tomar e medicação e comecei a fazer tratamento em centro espírita.

Voltei a estudar em São Carlos. Depois da crise, perdi muitos amigos por puro estigma. Comecei a trabalhar, paralelamente com os estudos, mas cheguei num ponto de saturação e desisti do curso.

Minha vida foi perdendo o sentido, vivia por viver. Me sentia vazio de emoções.

Nesse período fazia parte de um grupo de pesquisa da USP. Mas por uma série de divergências o grupo se desfez. Ao mesmo tempo, o meu namoro acabou. Esses dois fatores desencadearam a minha terceira crise.

Foi uma crise também com alucinações, delírios e isolamento. Fiquei um mês internado. Foi aí que eu comecei a me tratar de esquizofrenia de fato. Além das medicações, fazia psicoterapia, terapia ocupacional e prestei vestibular para Filosofia na USP. Passei. Sentia-me tão bem que disse: “Superei a esquizofrenia. Vou parar com os remédios”.

Minha mãe morreu em 2002 e, em seguida, tive a minha quarta crise, que também foi controlada com remédios. É como começar do zero.

Entre 2003 e 2007, participei de um grupo com pacientes com esquizofrenia em que discutíamos a doença, as vivências, as formas de comunicação. Em 2005, o psiquiatra Rodrigo Bressan me convidou para participar das aulas dele, contando a minha experiência pessoal sobre o estigma. Em 2007, surgiu o projeto do livro de direitos de pacientes com esquizofrenia.

Foi um processo de criação extenso durante 18 meses. Em 2008, o Rodrigo me convidou para deixar de ser paciente e en-

trar pra equipe dele. Foi uma grande oportunidade.

No início do ano passado fui palestrar em Londres sobre o nosso trabalho.

Quando estava voltando, fizemos escala em Madri.

Sentia muita dor na perna e pedi uma cadeira de rodas. Esperei e nada.

Tirei a perna mecânica, coloquei-a na bolsa, e fui pulando até a sala de embarque. Todo esse estresse me levou à quinta crise. Ela foi rapidamente controlada, mas é um processo difícil retomar a rotina anterior, resignificar as coisas para que a vida faça sentido.

Depois da crise tenho que renascer das cinzas. Muitas pessoas desistem. Precisa de uma grande dose de esforço para reconstruir a vida.

A medicação ajuda, mas não é garantia. Consigo lidar com as demandas da vida, mas nunca sei se o que eu sinto é ou não doença.

Não ouço mais vozes, mas tenho autorreferência. Penso que tudo ao meu redor tem a ver comigo. Se ouço um barulhinho lá fora, acho que pode ter câmera escondida.

Se as pessoas estão conversando no corredor, acho que estão falando sobre mim.

O delírio é inquestionável, você acredita nele. Mas tenho clareza do que é autorreferência, deixo pra lá.

Tenho que saber os meus limites. O referencial para gente é o mundo exterior, a relação das pessoas.

Muitas vezes, o início da crise não é percebido. Por isso é importante dividir com um médico, com a família.

O estigma também é muito prejudicial. Ser apontado como louco ou ser desacreditado só piora. A esquizofrenia é uma doença crônica, que afeta as emoções, os relacionamentos, as vontades.

Tenho sorte de ter uma família unida, que me apoia. Isso dá sentido à minha vida.

Olho para trás e confesso que me sinto frustrado por ter começado física, em duas das melhores faculdades, e não ter concluído.

Mas fico feliz com o trabalho de poder ajudar outras pessoas com a minha história. As pessoas sofrem no Brasil pela falta de locais para troca de informações.

Minha meta agora, é construir uma rede de associações a pacientes com esquizofrenia.

Eu não sou só a doença, a doença não me define.

Tenho que lidar com a esquizofrenia, mas ela não é parte mais fundamental da minha vida”¹⁸.

Esse depoimento demonstra que a esquizofrenia impõe fronteiras a serem superadas, mas que tudo é possível quando se tem força de vontade. José Cândido é só um dos milhares de exemplos de pessoas que superaram a doença. Muitas vezes a esquizofrenia é o que leva o paciente a reconhecer um talento no ramo das artes, pois é uma técnica de se expressar e demonstrar o que sente, uma vez que a doença fragiliza o lado emocional do indivíduo. Tal fato, é evidenciado nas pinturas dos pacientes durante o trabalho de Nise da Silveira, tanto é que as pinturas foram expostas no Museu do Inconsciente. Essa também é uma maneira de adquirir uma visão menos estigmatizada da sociedade, por isso é importante que paciente trabalhe no que é bom(pinturas, poemas, teatro, qualquer coisa) e mostre isso para as pessoas que convive, reforçando os laços afetivos e estimulando o viver.

18. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2013/06/1295600-esquizofrenico-registra-em-livro-a-experiencia-de-enlouquecer.shtml>, acesso em 09/04/2015.

O REAL PERDENDO ESPAÇO PARA O VIRTUAL NA SOCIEDADE DO SÉCULO XXI

VICTORIA MUNIZ PEREZ
3ª série C

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a evolução tecnológica mostrando o real perdendo espaço para o virtual na sociedade contemporânea. Ao longo dos anos, os dispositivos eletrônicos foram evoluindo, tornando as pessoas integralmente conectadas e levando-as a uma alienação do mundo, ou seja, das relações interpessoais. Esse avanço, mesmo tendo seu lado positivo como a ampliação de conhecimento, traz consequências como o distanciamento físico das pessoas. Somos seres pensantes e livres e cabe a cada um de nós ter o senso crítico diante de cada descoberta.

Palavras-chave: tecnologia, relações pessoais, dispositivos eletrônicos, alienação

Abstract

The goal of this report is to analyze technological developments showing reality missing virtual space in contemporary society. Over the centuries the electronic devices have evolved making people fully connected and bringing them to an alienation in the world, that is an alienation towards relationship. Even though this advance has its positive aspect as an expansion of knowledge, it also has consequences such as making people physically distant. We are thinking beings and, therefore, free to judge each nem discovery.

Keywords: technology, personal relationships, electronic devices, divestiture

Introdução

“Estamos cada vez mais aparelhados com iPhones, tablets, notebooks, etc. Tudo para disfarçar o antigo medo da solidão. O contato via rede social tomou o lugar de boa parte das pessoas, cuja marca principal é a ausência de comprometimento”. (Zigmunt Bauman¹)

Esta monografia tem como tema às transformações tecnológicas digitais da comunicação, a importância do domínio delas para nos sentirmos inseridos e globalizados no mundo atual e as inquietações de Zigmunt Bauman. Com as novas tecnologias foi possível realizar pesquisas e comunicar-se com as pessoas como nunca antes tinha sido imaginado. O projeto focará em como essas mudanças tiveram uma grande influência na sociedade e pretende analisar como as pessoas acabaram virando “escravas” dessa nova tecnologia.

Com as transformações ocorridas no século XX, diversas barreiras acabaram sendo, naturalmente, quebradas devido aos novos costumes. O que antes era feito à mão, começou a ser feito por máquinas, tanto nas indústrias quanto em residências. O trabalho manual passou a ser

feito por equipamentos, as cartas, por exemplo, quase não existem mais, os telefonemas foram substituídos por mensagens e foi possível conversar com familiares ou amigos em outros países e continentes por meios tecnológicos.

Esses novos meios, já revolucionários, trouxeram uma diversidade de benefícios: realizar diversas tarefas ao mesmo tempo, pesquisar acontecimentos históricos e, até mesmo, conversar com diversas pessoas simultaneamente e *online*. Entretanto também trouxeram malefícios, como a taxa de desemprego no século XVIII quando trabalhadores começaram a ser substituídos por máquinas e, atualmente, a exposição das pessoas nas redes sociais.

Muitas mudanças têm ocorrido desde o século XX aos dias atuais. Estamos cientes das múltiplas finalidades de uma só máquina, uma só ferramenta, no entanto, não sabemos o que acontecerá nas próximas décadas. A ciência é surpreendente, cria a todo momento novas tecnologias que podem nos tornar cada vez mais digitais. Por conseguinte, o objetivo desta monografia é tentar mostrar o quão “alienados” estamos nos tornando em virtude dos avanços tecnológicos.

1. Surgimento da comunicação interpessoal no século XX

1.1 – O homem tem criado, ao longo do seu tempo, ferramentas e meios de se comunicar. O século XX foi marcado por um avanço nos meios de comunicação. A televisão, em meados desse século, passou a ser um grande meio de informação e um canal de comunicação em massa.

Ela é um sistema de transmissão e recepção, em qualquer parte do globo, que converte som e luz em ondas eletromagnéticas, permitindo a difusão de informações e entretenimento.

Na década de 1920 surgiram os primeiros aparelhos de TV, semelhantes aos rádios. Após duas décadas foi criado o iconoscópio² e uma válvula de televisão que reproduzia a imagem por meio de raios, mas com um infame nível de resolução, no entanto as primeiras televisões com alta definição surgiram na Alemanha, em 1935, cujas imagens eram exibidas apenas em salas públicas. Uma das grandes transmissões foi a dos Jogos de Berlim de 1936. Após a Segunda Guerra Mundial, houve um aumento do número de aparelhos de televisão, reflexo do grande avanço tecnológico ocorrido no período de Guerra.

Em 1950 surgiram as primeiras TVs coloridas nos Estados Unidos e com o passar das décadas foram se tomando cada vez mais tecnológicas, com conversores em HD e Digital. As imagens captadas pelas televisões eram decompostas em marcas elétricas e mandadas diretamente para um centro eletrônico. Era instantânea a formação da imagem e, para encaminhá-las de um destino a outro, utilizavam antenas. Como as ondas eram em linha reta impossibilitavam a propagação para todo o globo

levando à constante procura de uma solução e, foi em julho de 1962 que foi obtida a primeira imagem via satélite.

A evolução tecnológica espacial e das telecomunicações permitiu o lançamento de satélites em órbita à volta da Terra. Estes garantiram as transmissões telefônicas entre os continentes e permitiram a interação em um mesmo sinal entre todo o mundo ao mesmo tempo. A televisão passou a ser um meio de comunicação social a exercer significativo impacto sobre a sociedade principalmente no século XX. A tecnologia desse meio levou o sociólogo canadense Marshall McLuhan a dizer que tinham, sobre os indivíduos, maior impacto do que a própria mensagem: “O meio é a mensagem”.

Atualmente a televisão tem um papel fundamental na globalização das informações e das culturas. Ela também exerce uma importante influência na Política e na Economia, pois mantém os indivíduos conectados com programas, filmes e canais de todo o mundo. A sociedade moderna vive um processo de mudanças constantes e as descobertas tecnológicas são as grandes responsáveis por elas.

Ainda no século XX, foram desenvolvidos os primeiros computadores. Na década de 1940, eram máquinas grandes e sua complexidade era assustadora. Desenvolvidos por pessoas com mentes brilhantes, como Alan Turing e com o objetivo de decifrar códigos de comunicação dos alemães, foram usados pelos britânicos durante a Segunda Guerra Mundial.

Já o primeiro telefone móvel, o celular, foi desenvolvido pela Ericsson em 1956, mas era extremamente pesado e o

1. Zigmunt Bauman é um sociólogo polonês que defende a tese de que as relações deveriam ser sólidas, no entanto, são líquidas com nada realmente fixo.

2. Inoscópio: objeto capaz de converter imagens em sinais.

custo de produção era inviável para consumo em massa. Foi só em 1973 que a Motorola, concorrente da Ericsson, lançou o Motorola Dynatac 8000X, com 27 cm de comprimento, 7cm de largura e relativamente leve.

E por fim a internet tem Paul Baran como um dos principais pioneiros por publicar, em 1964, estudos sobre a rede, quando demonstra o conceito de um sistema estruturado como uma teia de aranha (em inglês, WEB), na qual, em vez de informações estarem centralizadas, elas transitavam em diversos nós. No Brasil, surgiu em 1980 sendo usada por instituições ligadas a outros centros de pesquisa nos EUA.

1.2 – Como disse o americano e especialista em tecnologia, Kevin Kelly, em seu blog em agosto de 2011:

“Tive de convencer a mim mesmo a acreditar no impossível com mais regularidade. (...) Vinte anos atrás, se eu fosse contratado para convencer uma plateia de pessoas sensatas e esclarecidas que dali a vinte anos as ruas do mundo inteiro estariam mapeadas por fotos de satélites e à disposição em nossos aparelhos de telefone portáteis – de graça –, e com vista para as ruas de muitas cidades, não teria conseguido. Não saberia ilustrar as razões econômicas para que isso fosse oferecido ‘de graça’. Era completamente impossível naquela época.”

O desenvolvimento tecnológico das duas últimas décadas trouxe muitas conquistas e por meio delas a sociedade passou por grandes mudanças, sem precedentes na sua história. Isso porque, tanto o rádio como a televisão, foram inventados há cerca de um século enquanto a tecnologia digital se desenvolveu em duas décadas.

Como citado anteriormente, os primeiros computadores

surgiram durante a Segunda Guerra Mundial: eram enormes, ocupavam grandes espaços e operados por mentes geniais.

A seguir veio a geração de computadores Mainframes, no final da década de 1950. Eram usados, principalmente, em instituições militares e acadêmicas e continuavam a ocupar grandes espaços. Desenvolvidos ainda por especialistas em ciência da computação e as informações contidas eram criadas por comandos bem abstratos.

Em 1970 foram aparecendo os primeiros microprocessadores e tudo começou a mudar. Chegaram aos lares os primeiros computadores que antes só eram acessíveis a instituições acadêmicas. Em 1971 foram lançados os computadores pessoais e o mercado doméstico para tais aparelhos, foi além da expectativa de muitos especialistas, que previam que só alguns milhares de usuários se interessariam por tal tecnologia. No final dessa década foram criados novos computadores por empresas como a Apple, Commodore e Tandy. A era digital se tornava pública.

Eles foram importantes na integração do homem à tecnologia digital. As máquinas foram tornando-se cada vez mais eficientes, interconectadas e de fácil uso. Segundo Kevin Kelly, em seu blog: “Quanto mais complexas ficam essas máquinas e esses equipamentos, mais tarefas são facilitadas ou eliminadas, tornando o trabalho mais produtivo, acelerando o aprendizado e alterando o lazer dos privilegiados que têm acesso às novas tecnologias.”

Com a revolução tecnológica muitos trabalhos foram simplificados; trabalhos braçais foram substituídos por máquinas que produziam com a mesma eficiência. Cidades tiveram um grande desenvolvimento, tanto na mobilidade quanto no crescimento foram impulsionadas, pois era possível aperfeiçoar a vida contemporânea.

2. Era digital

2.1 – A década de 1970 foi marcada por um grande avanço na tecnologia digital. A agência de Projetos de Pesquisa Norte-americana (ARPA), criou, em 1969, a rede de comunicação eletrônica que alguns anos depois foi chamada de Internet. A fibra óptica era produzida e comercializada em grande escala, contudo alguns computadores apresentavam problemas como o tamanho e a velocidade e assim, em 1971 surgiram os primeiros microprocessadores e, nessa mesma década, foram desenvolvidos *softwares* para PCs. Em 1975 foi lançado o primeiro microcomputador e em 1977 a Apple lançou o Apple II.

Os microprocessadores eram dispositivos programados em pequenos chips. Eles funcionavam sob comando de um programa armazenado em memória, executando operações e permitindo a comunicação com outros aparelhos. Eram confeccionados com germânio, um condutor

semi-metálico. No entanto em 1950 foi descoberto o silício, com maiores vantagens sobre o semimeta, e, em 1955, este começou a ser comercializado e a ser utilizado em técnicas óticas, com a presença da luz e produtos químicos.

Uma grande quantidade de processadores foi desenvolvida. A capacidade de processar dados foi essencial para a mudança no modo de trabalho de empresas e de órgãos públicos. Na década de 1980, essa capacidade chegou aos usuários individuais e a sociedade passou a ter mais acesso à tecnologia e usá-la como um facilitador, como ferramenta de pesquisa e informações e, principalmente, como meio de comunicação.

“Mais importante do que a capacidade, no entanto, é a experiência que essas máquinas proporcionam.”
Tom Chatfield³

3. Tom Chatfield: autor britânico, comentarista e teórico tecnológico.

A experiência que essas máquinas e, principalmente a conexão da internet trouxeram aos usuários, fez com que os computadores pessoais e “*laptops*” fossem substituídos pelos “*smartphones*” e os “*tablets*” que estão ligados e conectados todo o tempo. O fundamental é perceber que os dispositivos têm menos importância que as experiências humanas vividas por meio delas.

2.2 – A internet é inspirada em uma rede que soma o direcionamento de tecnologia de comunicações de dados, de informática e de telecomunicações. Ela vem crescendo de forma muito rápida. O tempo decorrido entre o surgimento dos primeiros meios de comunicação e os atuais foi muito curto se comparado à sua evolução. As novas tecnologias causaram impactos nos usuários devido à evolução dos seus sistemas operacionais.

A tecnologia veio ao encontro da necessidade do homem de buscar novos conhecimentos. O ser humano, com sua inteligência, buscou diversas maneiras de superar dificuldades impostas, contudo desenvolveu instrumentos com a finali-

dade de superar tais obstáculos. A internet foi uma revolução da comunicação, é uma ferramenta de grande valor no desenvolvimento do mundo atual e, aproximou as culturas de diversos povos servindo como divulgação de revoluções políticas iniciadas por meio das redes sociais.

Hoje a era digital traz uma questão: como equilibrar, estar conectado e desconectado, como manter o equilíbrio entre viver a própria vida da forma mais simples e natural, e ao mesmo tempo estar informado e conectado com o mundo. No entanto o difícil dessa questão é como conseguir viver uma vida plena com tantos meios ao redor, práticos e rápidos, entretanto com um alto poder de alienação.

“O propósito maior da tecnologia é a comunhão dos seres humanos”. Segundo Kevin Kelly: “A finalidade da tecnologia é produzir bens e serviços e o seu propósito é a comunhão dos seres humanos”. Porém, com a alta produção de bens, a comunhão entre as pessoas vai se tornando muito escassa, pois trocam as relações interpessoais por aparelhos eletrônicos que, muitas vezes, não lhes transmitem o mesmo prazer físico.

3. Grandes ideias da era digital

3.1 – O desenvolvimento da tecnologia digital fez com que vários pesquisadores criassem ferramentas que permitissem aos usuários comunicarem-se via *email* e pesquisar todo e qualquer conteúdo.

Em 1971, Ray Tomlinson criou um correio eletrônico que passou a ser usado de forma ordenada e assim surgiu o e-mail. Tim Berners-Lee⁴ criou a linguagem HTML que nos permitiu mudar de uma página ou de um site para outro. Em 1996, dois universitários de Stanford, Larry Page e Sergey Brin, criaram uma ferramenta de busca que priorizava a relevância dos conteúdos das páginas na internet o GOOGLE, em 1998.

Em 2003, o estudante de Harvard Mark Zuckerberg criou com mais três estudantes o *TheFacebook* que começou com um jogo entre os estudantes para escolher os rostos mais bonitos e hoje é uma grande rede social de compartilhamento. Também em 2003, Reid Hoffman criou o LinkedIn, uma rede social voltada para profissionais e acadêmicos e hoje está disponível em 200 países e em 20 idiomas. Em 2006 Jack Dorsey criou com mais três sócios o microblog Twitter que se tornou uma das redes sociais mais populares e influentes da internet.

As compras via internet vêm crescendo constantemente. É um negócio dominado pelas empresas como a Google, a Apple e a Microsoft. São práticas e permitem a comodidade das pessoas, assim o passeio a lojas para comprar algo acabou sendo diminuído intensamente depois dessa criação. Hoje, tanto os microprocessadores quanto os *smartphones*

dispõem de aplicativos que facilitam a vida dos seus usuários. Quanto mais complexas essas máquinas se tornam, mais facilmente são operadas por seus usuários.

3.2 – Com a introdução da era digital no cotidiano, evidenciamos vantagens e desvantagens decorrentes dela. Alguns pesquisadores dizem que com o fácil acesso e a rapidez, conseguimos pesquisar e selecionar apenas o que é relevante e o que nos interessa, situação em que o usuário determina o que e como quer pesquisar. De um lado, o fácil uso nos proporciona um instantâneo acesso às redes, como comentar, postar e compartilhar no momento, conversando ao mesmo tempo com pessoas do outro lado do mundo.

Por outro lado, a nova era nos traz um acesso imediato às informações, desestimulando-nos a pesquisar e a construir uma reflexão pessoal, já que essa, muitas vezes, pode fazer isso por nós. A internet também expõe as pessoas, e com isso elas acabam sendo vítimas de diversos golpes. Muitos se escondem num suposto anonimato para cometer crimes e muitas vezes os usuários caem nas armadilhas sem saber realmente quem está por trás das telas. Existem diversos programas que “*hackeiam*” nossas redes podendo ver tudo o que fazemos e expondo-nos publicamente.

São diversas vantagens e desvantagens presenciadas diariamente, no entanto vivemos em novos tempos e devemos ter novas posturas para não acabarmos nos perdendo nesse mundo tecnológico.

4. A nova forma de se comunicar

4.1 A internet nos possibilitou pesquisar e aplicar uma grande parte do conhecimento adquirido pelo homem, e por meio da rede pode-se encurtar distâncias e manter contato com milhares de pessoas em várias partes do mundo. Há meio século muitos acadêmicos não imaginavam que ela proporcionaria velocidade e amplitude na busca do conhecimento e da informação e que, tampouco seria acessível a qualquer cidadão. Por outro lado, também não imaginavam que a rede seria responsável pelo distanciamento interpessoal.

As relações humanas do século XXI são marcadas pela realidade de se conectar e se desconectar, fruto de uma facilidade de acesso à vida das pessoas por meio das redes sociais. Diante desse cenário, a sociedade atual é caracterizada por relações descartáveis, ou seja, frágeis e superficiais entre as quais há um afastamento afetivo e físico entre os indivíduos, evitando uma relação mais sólida. A partir do momento em que a relação não agrega mais valor à pessoa, esta tem a liberdade de apenas apertar o botão “deletar”.

“Moldamos nossas ferramentas, e então as ferramentas nos moldam”. Marshall McLuhan⁵

4.2 – De acordo com a citação de João Antonio de Moraes em seu site: “Um clique e estamos na página inicial do perfil de Paulo no Facebook. Outro clique e temos acesso às informações de que Paulo é casado, gosta de futebol, fez uma viagem recentemente, tem duas irmãs - Marina e Mariana - um sobrinho de 1 ano e 5 meses chamado Pedro, que costuma assistir a determinados seriados de TV, escuta músicas de Tom Jobim e Caetano Veloso, entre outras particularidades. Mais um clique e é possível saber que Paulo acabou de sair de casa para jantar com sua esposa em um restaurante localizado no bairro da Mooca,

em São Paulo. Com três cliques (e, em determinados casos, até menos) é possível traçar um quadro das preferências de Paulo, dos lugares que costuma frequentar, as relações pessoais que mantém, de seus hábitos financeiros e, até mesmo, saber o local em que está naquele exato momento.”

Podemos concluir que nem toda essa evolução que ocorreu com a tecnologia é saudável, pois ao mesmo tempo que podemos postar e compartilhar tudo o que queremos, também expomos abertamente nossos gostos e preferências. Acabamos aproveitando as possibilidades tecnológicas de forma equivocada, exibindo nossas rotinas e individualidades ao invés de nos preservarmos.

4.3 Devemos, cada vez mais, aproveitar as experiências oferecidas pela tecnologia da melhor forma possível, mas ao mesmo tempo, guardar espaços em nosso cotidiano livre desta alienação. Assim, organizamos nosso tempo de forma culta, afastando os dispositivos que nunca são desligados e funcionam o dia todo.

Essa nova revolução digital nos desafia de um modo nunca visto antes. Somos desafiados pela razão instantânea e pela múltipla capacidade de nossas máquinas; pela presença virtual de bilhões de indivíduos, com bilhões de dados.

A tecnologia pode ser um caminho em direção ao fluxo do mundo e uma fonte de prazer, mas também tem a capacidade de desequilibrar a vida dos indivíduos e das sociedades em torno dela. Hoje, em uma era de conexões e interconexões, os deslizos causados pelas derrotas são mais altos do que jamais foram. Portanto precisamos nos sintonizar e reconhecer aonde essa tecnologia pode nos levar.

Conclusão

O objetivo deste estudo consiste em avaliar como as mudanças tecnológicas exerceram uma grande influência na sociedade de hoje e analisar como as pessoas acabaram virando “escravas” dessa nova ciência. Logo pode-se verificar que de fato o real vem perdendo espaço para o virtual. Com o surgimento das redes sociais, os indivíduos passaram a valorizar as relações virtuais em detrimento das relações pessoais substituindo, por exemplo, os telefonemas por mensagens, as cartas por e-mails e isso possibilitou a comunicação com familiares e amigos em outros países e continentes. Esses novos meios trouxeram tanto vantagens quanto desvantagens. Os benefícios a facilidade, a rapidez, a possibilidade de pesquisas e comunicações; no entanto

apresentam também desvantagens como a exposição, a alienação e o distanciamento pessoal.

A depender das nossas escolhas de como usufruir dos avanços tecnológicos, tal evolução pode ser, tanto um instrumento enriquecedor no sentido de ampliação de conhecimento e aproximação de diversas culturas por meio da facilidade de acesso, quanto um fator dos distanciamentos de relações humanas.

Debater o futuro da era digital é o grande desafio da sociedade contemporânea, pois precisamos de uma reflexão maior sobre os caminhos cuja falta de liberdade e de privacidade podem nos levar. Somos seres pensantes e livres e cabe a cada um de nós ter o senso crítico diante de cada descoberta.

Referencial bibliográfico

- CHATFIELD, Tom. **Como viver na era digital**. The school of life. Editora Objetiva, 2012.
- CRUZ, Antonio. **Evolução tecnológica em sistema de informação**. Disponível em < <https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/1821/1663>> Acesso em 07/02/15
- DAQUINO, Fernando. **A história das redes sociais: como tudo começou**. Disponível em < <http://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm>> Acesso: 02/06/15
- ESTÚDIO MARABAIA. **Soluções em química, Germanio**. Disponível em <http://www.quimlab.com.br/guiaoselementos/germanio.htm> Acesso em: 27/05/15.no
- FURINI, Liana Gross; TIETZMANN, Roberto; VALIATI, Vanessa. **Novos Olhares: Revista de Estudos Sobre Práticas de Recepção a Produtos Midiáticos**. Disponível em < <http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/69824>> Acesso em 04/02/15
- GRUPO VIRTUOUS. **Surgimento da televisão**. Disponível em < <http://www.sofisica.com.br/conteudos/HistoriaDaFisica/surgimentodatelevisao.php>> Acesso em 01/06/15
- GUEDES, Fabrícia. **A evolução das redes sociais**. Disponível em: < <http://www.insite.pro.br/saladeaula/fabricia.pdf>> Acesso: 09/06/15
- HISTÓRIA DA COMPUTAÇÃO. **Evolução dos processadores**. Disponível em <<http://historiacomput.blogspot.com.br/2012/04/evolucao-dos-processadores.html>> Acesso em 12/06/15
- INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **A Comunicação em rede, o avanço do século XX e a produção para web em portais brasileiros**. Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Acesso em 15/03/15
- KELLY, Kevin. **“A tecnologia é uma dádiva de Deus”**. Disponível em < <file:///Users/mariaeunicemuniz/Desktop/Kevin%20Kelly%20Ciência%20e%20Tecnologia%20-%20NOTÍCIAS%20-%20Kevin%20Kelly:%20%22A%20tecnologia%20é%20uma%20dádiva%20de%20Deus%22.webarchive>> Acesso 25/02/2015
- LEITE, Gustavo. **Quais são as vantagens e desvantagens das redes sociais?** Disponível em < <http://tecnologiaeprogramas.blogspot.com.br/2013/09/quais-sao-as-vantagens-e-as.html>> Acesso em 10/02/15
- MANDEL, Arnaldo; SIMON, Imre; LYRA, Jorge. **Informação: computação e comunicação**. Disponível em < <file:///Users/Desktop/INFORMAÇÃO:COMPUTAÇÃO%20E%20COMUNICAÇÃO.webarchive>> Acesso em 02/04/15
- MORAES, João Antonio. **Cliques da vigilância**. Disponível < <http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/81/artigo280722-1.asp>> Acesso 01/04/15
- PAULO, João. **As telecomunicações**. Disponível em < <file:///Users/Desktop/As%20telecomunicações%20-%20Cola%20da%20Web.webarchive>> Acesso em 23/03/15
- SANCHES, Romannessa. **O primeiro celular da história**. Disponível em < <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2011/07/o-primeiro-celular-da-historia.html?q=o+primeiro+celular+da+historia>> Acesso em 31/03/15
- SOARES, Leandro. **Como surgiu a internet que conhecemos hoje? –7 de Março de 2014. Disponível em** < <http://www.internetparaempreendedores.com.br/como-surgiu-internet-que-conhecemos-hoje/>> Acesso em 05/04/15
- SWART, Jacobus. **Evolução de Microeletrônica a Micro-Sistemas**. UNICAMP. Disponível em < <http://www.ccs.unicamp.br/cursos/ee941/download/cap01.pdf>> Acesso 29/01/15
- TEIXEIRA, Miguel. **A comunicação**. Disponível em < <https://sites.google.com/site/fctunlcomunicacao/meios-de-comunicacao>> Acesso em 17/03/15
- VALENTE, Liliana. **Meios de comunicação em Massa sec. XIX ,XX e XXI**. - 8 de fevereiro de 2010. Disponível em < <file:///Users/Desktop/liliana%20valente:%20Meios%20de%20comunicação%20em%20Massa%20sec.%20XIX%20,XX%20e%20XXI.webarchive>> Acesso 08/04/15
- WERTHEIN, Jorge. **A sociedade da informação e seus desafios**. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a09v29n2.pdf>> Acesso 15/12/14

Relatório de Parceria Crítica

3ª série (Ensino Médio) - Monografia
1º trimestre de 2015

Nome: FILIPE XAVIER MACHADO DA SILVEIRA Turma 3B

Título da monografia avaliada: O real perdendo espaço para o virtual na sociedade do século XXI

Autor da monografia avaliada: Victoria Muniz Perez

Relatório

Redação e Organização do Raciocínio

.Resumo- Vírgula depois de “evoluindo”

.Abstract- Corrigir erros antes de “interpersonal”. Even though it has its bright side em vez de “even though your bright side”. Adicionar a expressão it also antes de “has consequences”. Adicionar a expressão we are antes de “free” e eliminar o techo “and it is up to each of us”

.Capítulo 1- 1.1- Segundo Parágrafo: corrigir erro antes de “para qualquer(…)”

-Quarto parágrafo: Acento em “encaminha-las”. Acento em “satelite.”

-Oitavo Parágrafo: Substituir “leve comparado aos anteriores” por: relativamente leve.

- Nono Parágrafo: Remover a expressão “dela” antes de “por publicar”

.1.2 – Segundo Parágrafo: Corrigir a palavra “enquant”

O trabalho estabelece de forma detalhada a trajetória histórica do avanço tecnológico, além de aprofundar e explicar a maneira como a sociedade foi lentamente se aproximando digitalmente, mas se afastando fisicamente. Texto muito bem escrito e com poucos erros ortográficos. Capítulos e parágrafos muito bem divididos, além de contar com uma linguagem formal e uma grande gama de conhecimentos históricos obtidos por uma pesquisa que se ateuve ao tema de forma coesa.

Adequação às normas da ABNT

. Atentar-se às margens solicitadas (3 cm esquerda, 2 cm direita; 3 cm superior, 2 cm inferior)

Bibliografia

.Atentar-se ao espaço entre obras (12 pt)



COLÉGIO
STOCKLER

R. Barão do Triunfo, 648
São Paulo, SP
11 5093 8682 | 11 5533 3752
www.stockler.com.br



Colégio Stockler



StocklerSP



ColegioStockler



Colégio Stockler